Mauro "Abranches" Kraenski
Vladimír Petrilák

1964

O ELO PERDIDO

O Brasil nos arquivos do serviço secreto comunista

Prefácio de Olavo de Carvalho

VIDE EDITORIAL

1964

O ELO PERDIDO

Mauro “Abranches” Kraenski
Vladimír Petrilák

1964
ELO PERDIDO

O Brasil nos arquivos do serviço secreto comunista

Prefácio de Olavo de Carvalho

VIDE EDITORIAL

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS

Gostaríamos de agradecer o apoio das seguintes pessoas:

Karel Kadlec, proprietário do *Atelier Loba* em Praga, que assina as ilustrações em pastel feitas exclusivamente para este livro que retratam pessoas e cenários dos documentos.

Elzbieta Petrilák, primeiro crítico;

Petr Blazek, pesquisador do Instituto para o Estudo dos Regimes Totalitários da República Tcheca - USTR e membro do Centro para Documentação dos Regimes Totalitários de Praga;

Radek Schovánek, membro do Centro para Documentação dos Regimes Totalitários de Praga;

Simona Tesarová, Igreja Evangélica dos Irmãos Tchecos;

Jirí Scbneider, Instituto Aspen de Praga;

Petr Cajthaml, Instituto de História e Arquivo da Universidade Carolina de Praga;

Prokop Tomek, Instituto Militar de História de Praga;

Eva Chudejová, Biblioteca municipal de Ostrava;

Josef Opatrny, Centro de Estudos Ibero-americanos (SIAS) da Faculdade de Filosofia da Universidade Carolina de Praga;

Matyás Pelant, Chefe da Seção das Américas do Departamento de Comércio Exterior do Ministério da Indústria e Comércio da República Tcheca;

Radovan Leskovsky;

David Subík;

llona Rozehnalová, Fiducia (http://www.antikfiducia.com/);

Leszek Pawlikowicz, Universidade de Rzeszów;

Jaroslaw Szarek, Presidente do Instituto da Memória Nacional da Polônia — IPN, Varsóvia;

Jaroslaw Jakimczyk, pesquisador polonês de serviços de inteligência, autor de vários livros e trabalhos;

Sebastian Rybarczyk, pesquisador polonês de serviços de inteligência, autor de vários livros e trabalhos;

Eva Petrás, pesquisadora do Arquivo dos Serviços de Segurança da Hungria - ÁBLT;

Noemi Petneki, tradutora, Cracóvia;

Péter Tóth, Biblioteca Nacional Széchényi (OSZK)*Tomasz Eqcki*, *Sylwester Eqcki, Grzegorz Krzywinski, Agata Majdanska, KrzysztofLi- gçza, Alex Machado, José Anselmo dos Santos, Pascoal Junior, Eduardo Cascaes, Rádio Vox, Alexandre Pereira, Edson Camargo, Eloi Veit;*

Certamente teria sido ainda mais difícil escrever este livro sem a colaboração de duas pessoas que nos ajudaram nas pesquisas do lado brasileiro: *Laudelino Amaral de Oliveira Lima*, do Rio de Janeiro - o primeiro a divulgar nosso trabalho -, e *Renor Oliver Filho,* jovem advogado paulista que verificou e confirmou vários fatos históricos. Ambos demonstraram ser ótimos pesquisadores.

PREFÁCIO

CONDENSANDO UM zunzum que já circulava em jornais comunistas e em teses do Comitê Central do PCB, o livro do jornalista Edmar Morei, O *Golpe começou em Washington*, publicado pela Editora Civilização Brasileira em 1965, lançou, já no seu título, o mantra que desde então foi repetido incansavelmente em artigos, reportagens, livros, teses universitárias, filmes, especiais de TV e vídeos do YouTube: o movimento que removeu do cargo o então presidente João Goulart foi, no essencial, uma trama do governo americano, uma brutal intervenção estrangeira dos assuntos nacionais, uma manobra da CIA urdida para derrubar um governo nacionalista cujas reformas ameaçavam os interesses do capital imperialista.

A Civilização Brasileira era a maior editora comunista do país, dirigida pelo militante histórico Ênio Silveira, e Edmar Morei, tendo servido ao famigerado Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) da ditadura Vargas, soube adaptar-se rapidamente aos novos ares após a queda do ditador: ganhou do governo soviético uma viagem a Moscou, que relatou num livro de 1952. Ninguém ignora o que essas viagens significam na longa história das cooptações e recrutamentos.

Não é humanamente possível fazer a lista das publicações e produções que endossaram a tese de Edmar Morei. Praticamente nenhum jornal, canal de TV ou universidade no Brasil (e algumas no exterior) falhou em repeti-la com a constância de um devoto recitando preces jaculatórias. Mais recentemente, a tese ganhou o apoio de celebridades americanas, entre as quais
Noam Chomsky, e, entre inumeráveis filmes que confirmavam a mesma versão dos acontecimentos, pelo menos um recebeu um prêmio nos EUA.

Tão vasta, contínua e prestigiosa unanimidade é de molde a desencorajar, no nascedouro, qualquer objeção que possa colocá-la em dúvida.[1]

No entanto, toda essa vistosa e idolatrada construção, em que se empenharam tantos cérebros, tantas verbas públicas e tantos patrocínios privados, é posta abaixo e reduzida a pó mediante uma simples pergunta: como é possível que a CIA tenha exercido tão profunda e avassaladora influência no curso da história nacional em 1964, se até agora não apareceu, na imensa bibliografia a respeito, o nome de um único agente daquela organização que estivesse lotado no Brasil na época? Nem unzinho só.

Como é possível tanta ação sem nenhum agente?

Inversa e complementarmente, a teoria moreliana do golpe de 1964 baseia-se na premissa — tão unânime e indiscutida quanto ela mesma — de que não havia nem séria infiltração comunista no governo João Goulart, nem o menor risco de uma revolução comunista, nem muito menos qualquer ingerência soviética nos assuntos nacionais.

A importância vital deste livro reside em que demole a porretadas esse mito, mostrando que, em contraste com a ausência total de homens da CIA operando no Brasil naquela ocasião, os agentes da KGB nas altas esferas da República eram, documentadamente, centenas, talvez milhares. O governo Goulart nunca foi senão uma ponta-de-lança do imperialismo soviético.

Mauro "Abranches" Kraenski, tradutor brasileiro residente na Polônia, que domina a língua polonesa e conhece suficientemente o idioma checo, e Vladimír Petrilák, colunista checo, não fazem aqui obra de polêmica, muito menos de acusação: leem e resumem documentos de fontes primárias — sobretudo do serviço checo de inteligência, a StB — com extrema idoneidade científica e têm o cuidado de não sair carimbando ninguém de "agente da KGB", nem mesmo quando há razões de sobra para fazê-lo, enfatizando, antes, que muitas pessoas mencionadas nesses documentos não passam de inocentes úteis, levados a colaborar com a subversão comunista sem seu pleno consentimento e às vezes sem clara consciência do que se passava. Ainda assim, o panorama que eles traçam da presença soviética no governo João Goulart ultrapassa as dimensões da mera "infiltração" e justifica falar, mesmo, de "ocupação".

Sem nenhum exagero, a narrativa oficial de 1964 é uma inversão completa e cínica da realidade, dando foros de certeza ao que é mera conjetura, quando não invencionice, e ocultando montanhas de fatos decisivos.

Este livro, sozinho, vale mais do que toda a bibliografia consagrada sobre os acontecimentos de 1964. E uma pergunta que ele suscita inevitavelmente é: quanto dessa bibliografia não foi inspirado ou produzido, justamente, pelos mesmos agentes soviéticos aqui nomeados e fichados?

Antes mesmo das revelações aqui estampadas, os rombos da narrativa canônica já eram tão gigantescos que, para não vê-los, era preciso um considerável esforço de auto-hipnose.

Vinha, em primeiro lugar, a crença geral de que Goulart fora derrubado, não por ser um joguete nas mãos dos comunistas, mas por ser um patriota, um nacionalista, cujas "reformas de base" constituíam um acinte e uma ameaça aos interesses do capital imperialista.

Mas como podia ser isso, se o malfadado presidente jamais apresentou *um único* projeto de "reforma de base", todas as iniciativas nesse sentido partindo do Congresso contra o qual ele tanto esbravejava?

Como observei em artigo de 25 de maio de 2014, a

> “lei mesma da remessa de lucros, que teria sido a ‘causa imediata’ do golpe, só o que Goulart fez com ela foi sentar-se em cima do projeto, que acabou sendo aprovado por iniciativa do Congresso, sem nenhuma participação do presidente. Se a fúria do capital estrangeiro contra essa lei fosse a causa do golpe, este teria se voltado não contra Goulart e sim contra o Congresso — Congresso que, vejam só, aprovou o golpe e tomou, sem pressão militar alguma, a iniciativa de substituir Goulart por um presidente interino”.[2]

Outro simulacro de prova em favor da tese da “intervenção imperialista” foi a ajuda que algumas entidades americanas — não a CIA — deram à resistência parlamentar e jornalística anti-Goulart. Ninguém, entre os que apelavam a esse argumento, fez jamais a seguinte pergunta: se os tais agentes do imperialismo ianque exerciam tanta influência sobre o Congresso e a grande mídia, reunindo condições para um *impeachment* do presidente, com uma transição legal e pacífica, por que iriam recorrer ao método traumático e desnecessário da intervenção militar?

Para sustentar que “o golpe começou em Washington” seria preciso provar, não que o governo americano ajudou a fomentar uma gritaria difusa contra a situação, mas que os agentes dele participaram ativa e materialmente da conspiração militar em si, entrando em reuniões secretas de generais e discutindo com eles os detalhes estratégicos e táticos da mobilização final. Mas, se não existe sequer indício da presença de um único agente da CIA no território nacional, como poderia haver provas de que essa criatura inexistente fez isso ou aquilo?

A tese consagrada mistura, numa síntese confusa mais conveniente aos objetivos da propaganda que aos da ciência histórica, a ação pública com a ação secreta, a atmosfera política geral com as iniciativas concretas dos militares e, fundindo tudo sob a mágica do símbolo “interesse imperialista”, enxerga uma autoria única e central por trás de processos não só diversos, como antagônicos.

De fato, quando o general Mourão partiu de Minas Gerais com suas tropas, ninguém, absolutamente ninguém num Congresso que estava ansioso para se livrar do incômodo presidente, tinha a menor ideia de que houvesse alguma iniciativa militar em andamento.

Longe de tramar o golpe, os americanos estavam, isto sim, apostando no que se destinava a ser e poderia ter sido uma alternativa parlamentar à intervenção militar.

No mesmo artigo citado, escrevi:

> “Todos os jornais do país, até hoje, usam como prova da cumplicidade americana (com o golpe) a gravação de uma conversa telefônica na qual o embaixador Lincoln Gordon pedia ao presidente Lyndon Johnson que tomasse alguma providência ante o risco iminente de uma guerra civil no Brasil. Johnson, em resposta, determinou que uma frota americana se deslocasse para o litoral brasileiro. Fica aí provado... que os americanos foram, se não os autores, ao menos cúmplices do golpe. Mas, para que essa prova funcione, é necessário escamotear quatro detalhes: (1) a conversa aconteceu no próprio dia 31 de março, quando os tanques do general Mourão Filho já estavam na rua e João Goulart já ia fazendo as malas. Não foi nenhuma participação em planos conspiratórios, mas a reação de emergência ante um fato consumado. (2) A frota americana estava destinada a chegar aos portos brasileiros só em 11 de abril. Ante a notícia de que não haveria guerra civil nenhuma, retornou aos EUA sem nunca ter chegado perto das nossas costas. (3) É obrigação constitucional do presidente dos EUA enviar tropas imediatamente para qualquer lugar do mundo onde uma ameaça de conflito armado ponha em risco os americanos ali residentes. Se Johnson não cumprisse essa obrigação, estaria sujeito a um *impeachment*. (4) As tropas enviadas não bastavam nem para ocupar a cidade do Rio de Janeiro, quanto mais para espalhar-se pelos quatro cantos do país onde houvesse resistência pró-Jango e dar a vitória aos golpistas”.

A insistência obstinada numa tese impossível explica também o silêncio atordoante com que mídia e o *establishment* bem-pensante em geral receberam a revelação do então chefe da KGB no Brasil, Ladislav Bittman, de que essa mesma tese fora inventada pela própria espionagem soviética, mediante documento falso enviado a todos os jornais na ocasião.[3] De 2001 a 2014, várias vezes tentei, em vão, chamar a atenção da classe jornalística para o livro de memórias em que o agente checo[4] faz essa confissão explosiva.

O silêncio cúmplice, o comodismo, a mistura promíscua e obscena de jornalismo com militância esquerdista, conseguiram bloquear, por meio século, o acesso do povo brasileiro não só a fatos como a meras perguntas que pudessem abalar a mitologia dominante.

Mas agora a brincadeira acabou. Não só este livro memorável traz a prova cabal e definitiva do engodo, mas surge numa situação bem diversa daquela em que o país viveu nos últimos cinquenta e tantos anos. Hoje há um público mais

consciente, que, desmoronada a farsa do comunopetismo, já não se verga, com mutismo servil, ante a opinião do *beautiful people* jornalístico e universitário.

O trabalho paciente e conscientioso de Vladimír Petrilák e Mauro "Abranches" Kraenski vai, com certeza, encontrar uma plateia atenta e sensível, madura para desprezar o *argumentum auctoritatis* e sobrepor, à lenda, a realidade.

Olavo de Carvalho
Petersburg, VA, 25 de outubro de 2017

Nenhum homem neste mundo conhece toda a verdade. Aquilo que nós, seres humanos, chamamos de "verdade" é somente a sua busca. A busca pela verdade só *é possível em uma discussão livre. Por isso, o regime comunista que a proíbe é, por força das coisas - uma grande mentira. Ao nos encontrarmos em um mundo que respeita a liberdade individual e a liberdade de pensamento, devemos fazer todo o possível para não estreitar os horizontes de pensamento, mas ampliá-los; não limitar a discussão, mas ampliá-la.*

Józef Mackiewicz (1902-1985).

NOTA

O leitor encontrará a seguir uma série de imagens dos documentos oficiais dos serviços secretos comunistas. Elas também estão disponíveis, com melhor definição e em tamanho real, no website www.stbnobrasil.com

PRIMEIRA PARTE

Panorama histórico e metodológico da StB

INTRODUÇÃO

O SONHO da maioria dos sistemas utópicos é a igualdade absoluta. A igualdade foi postulada pela Revolução Francesa, e em seu nome cometeram-se assassinatos durante a Revolução de Outubro russa e diversas outras revoluções ao longo da História. O conceito de igualdade está escrito nas constituições de países democráticos e não democráticos.

"Todos os cidadãos têm direitos iguais e deveres iguais" — diz o artigo 20 da constituição tchecoslovaca de 1960, que declarou, também, que após o ano de 1945 a Tchecoslováquia viveu um grande avanço social e, da etapa de construção da democracia popular, passou para a construção de uma sociedade comunista. Sob a direção do Partido Comunista da Tchecoslováquia e em aliança com a União Soviética e com os outros países do bloco socialista, a República Socialista da Tchecoslováquia declara que:

> "Desejamos viver em paz e amizade com todas as nações do mundo e com os diferentes sistemas sociais. Através de uma consequente política pacífica, e com um desenvolvimento versátil de nosso país, iremos apoiar a aspiração de que todas as nações se convençam sobre as vantagens do socialismo, como o único que pode conduzir ao bem de toda a humanidade".

Ainda hoje esse tipo de discurso consegue mover multidões e possui uma imensa força de atração. Como ideia, o comunismo foi lançado e alimentado no imaginário popular desde a metade do século XIX, mas foi com o surgimento da Rússia soviética que essa utopia passou a ter uma potência inacreditável, que principalmente após a II Guerra Mundial influenciou o destino de milhões de pessoas em todo o mundo. Havia surgido, enfim, um sistema capaz de mudar o futuro de indivíduos e de nações inteiras - e muitos, até hoje, acreditam que essas mudanças foram para melhor.

A já citada constituição Tcheca de 1960 e a sua aprovação pela Assembleia Nacional foi um acontecimento que, além de mudar o nome do país (foi acrescentado o adjetivo "socialista"), enfatizou intensamente, no famoso quarto artigo, que *a força que dirige a sociedade e o país é o Partido Comunista da Tchecoslováquia, união voluntária e combatente destes que são os mais ativos e conscientes cidadãos entre as fileiras de operários, agricultores e da*

intelectualidade.

Segundo o documento, os comunistas sempre foram os melhores, batalhadores até mesmo nos tempos de paz *(paz?* Mas o mundo estava em plena Guerra Fria!), e a ideologia comunista era a mais correta de todas, pois até na constituição era privilegiada. Não se tratou de mera nota legal vazia, nem de uma simples amostra de orgulho ou convicção de sua própria infalibilidade, mas representou a mais dura das realidades, presente todos os dias na vida dos cidadãos tchecos. O que se desenvolveu na Tchecoslováquia foi um sistema totalitário que entrou em guerras constantes contra os seus subordinados (cidadãos) e com a redondeza inimiga (o bloco democrático), introduzido de modo parecido com o nazismo na Alemanha, como resultado de eleições *democráticas*, mas também — e aqui deve-se lembrar — com a ajuda soviética (e isso é lembrado no texto do preâmbulo da já citada constituição de 1960):

> "Quinze anos atrás, em 1945, nosso povo trabalhador, libertado das algemas da ocupação fascista pelo heroico Exército Soviético, decidiu, após as experiências como uma república burguesa, construir seu país liberto na forma de uma democracia popular, que tinha como missão garantir um desenvolvimento pacífico. À frente da república estava o Partido Comunista da Tchecoslováquia, a já verificada vanguarda da classe operária, reforçada pela luta nos tempos da república burguesa e da ocupação. A última tentativa de reação internacional e interior para mudar a ordem dos acontecimentos foi rechaçada pelo papel decisivo do povo trabalhador em fevereiro de 1948".

É verdade que a república democrática da Tchecoslováquia pré-guerra não passou no teste nos complicados anos de 1938 e 1939, pois não teve condições de se opor à expansão alemã. O território não foi capaz de se defender: mesmo que os cidadãos estivessem determinados, a elite política falhou. A ideologia comunista, representada então pela vitória da União Soviética e sua aliança com o mais poderoso dos impérios, foi uma alternativa atraente para grande parte da população europeia.

Os anos de reconstrução após a hecatombe da II Guerra Mundial foram em toda a Europa marcados por uma onda de otimismo esquerdista - que representava, aos olhos da maioria dos intelectuais da época, a única reação justa contra tudo o que havia ocorrido nos últimos anos. A maioria dos sistemas burgueses em praticamente toda a Europa, com a França à frente, estavam comprometidos, mas é impossível não perceber que a brava resistência da Inglaterra, que, na fase inicial da guerra, defendeu solitária a democracia liberal

contra a Alemanha nazista, foi em grande parte repudiada por sua aliança com a União Soviética. Necessidade e cálculo. Os britânicos, junto com os EUA durante as conferências internacionais, concordaram com a divisão da Europa pós-guerra, e disso veio o discurso de “eles nos venderam”, tão difundido na Europa Central - mesmo discurso que circulava em Munique no ano de 1938.

Com exceção da Áustria, todos os países “libertados” - ou, melhor dizendo, *ocupados* — pelo Exército Vermelho, por uma estranha coincidência “escolheram” o socialismo após a guerra. Estamos falando da Tchecoslováquia, Polônia, Alemanha Oriental, Hungria, Romênia, Bulgária, Iugoslávia, Albânia. Nos lugares onde as baionetas soviéticas não deram as caras, mesmo com expressivos ambientes esquerdistas e partidos comunistas incrivelmente fortes — como a França, Itália ou Grécia — o modelo soviético não foi instalado. Casualidade? Coincidência? A resposta para essas perguntas está naquele mesmo texto da constituição da Tchecoslováquia: trata-se da incansável disposição para lutar do partido comunista. Não é possível lutar sem um apoio real de forças de repressão. Em condições democráticas não é possível, a longo prazo, manter um sistema que, por definição, seja contrário à democracia. Por isso, a democracia deve ser modificada, transformada em “democracia popular” - o que quer dizer exatamente que *a democracia deve ser eliminada.* Nos lugares em que isso não foi feito, onde a liberdade civil continuou respeitada, a mudança de sistema não funcionou. Os comunistas, quando falam sobre democracia, têm em mente a ditadura do proletariado. Sempre tendem a desejar essa mudança de sistema para, ao final, introduzir uma ditadura. Isso é visível na história da União Soviética e no caso de outros países da Europa central e oriental, principalmente após a II Guerra Mundial.

Lembramos anteriormente que na Tchecoslováquia o regime comunista foi instaurado de maneira quase democrática, mas precisamos também recordar que a partir de 1945 os comunistas tchecos se concentraram em um detalhe importante: em condições semelhantes às de uma democracia (período de 1945 a 1948) esforçaram-se para que houvesse um domínio sobre os ministérios e forças uniformizadas, principalmente em relação à polícia e às forças armadas. A polícia secreta comunista surgiu em 1945 sob o restrito controle de um único partido político. Mesmo que, naquela realidade política, ainda funcionassem outros partidos (na Eslováquia, por exemplo, os comunistas não chegaram a ser o elemento político mais forte), a única força política que integrou a polícia secreta foi o Partido Comunista da Tchecoslováquia. Com o nome de Segurança Estatal (em tcheco: *Státníbezpecnost* - abreviação StB) e sob o controle do Partido, a formação conjunta com a polícia comum e as forças armadas contribuiu de maneira definitiva com o domínio comunista sobre o país.

A StB nasceu em 30 de junho de 1945 como uma divisão desuniformizada da Polícia Nacional tchecoslovaca, a SNB (em tcheco: *Sbor národní bezpecnosti).* A data oficial de libertação da ocupação alemã foi 9 de maio, e é curioso notar uma formação completamente nova e quase imediata do aparelho de segurança. Depois de 1948, a StB cumpriu o obscuro papel de um dos principais instrumentos do terror comunista e, até sua dissolução em 15 de fevereiro de 1990, após a Revolução de Veludo, cumpriu também um papel na história do Brasil. Esta publicação aborda também esse tema. A polícia secreta tcheca não restringiu suas ações às fronteiras da República da Tchecoslováquia, mas cumpriu "tarefas" no mundo (quase) inteiro.

A StB foi a ferramenta de um único partido político e isso, em si, já é uma violação completa de todos os princípios das democracias normais. Na Tchecoslováquia pós-guerra existiam formalmente alguns partidos políticos, mas somente um possuía um poder real, como mostra a constituição de 1960. Somente um partido ganhava as "eleições", somente um partido tomava decisões relacionadas à polícia (não somente a secreta), somente um partido mandava nas Forças Armadas, dirigia a política econômica, decidia sobre a política social, cultural e sobre as questões relacionadas à política habitacional. Pois é, apenas um partido decidia tudo. Esse modelo estranho e antidemocrático de governo foi "importado" para a Tchecoslováquia da União Soviética. A conjuntura colaborou com esse fato, e as antigas elites políticas demonstraram ser ingênuas e sem imaginação ao não dar devida importância à ameaça vinda do oriente e subestimar os sinais de perigo. Para que nada disso se repita é necessário recordar, descrever e esclarecer essas questões. Foi por isso, também, que escrevemos o nosso livro.

CAPÍTULO I - O ROLO COMPRESSOR COMUNISTA

ESTE LIVRO se debruça no contexto da influência da StB no Brasil na segunda metade da década de 1950 e nos anos 60, pois foi justamente durante esse período que a polícia política comunista da Tchecoslováquia obteve seus maiores êxitos no exterior. Eram tempos em que o bloco socialista irradiava autoestima e uma potência incrível, com um sentimento de possibilidades infinitas que pôde ser confirmado a partir dos vários feitos tchecoslovacos e soviéticos. No início da segunda metade do século XX o comunismo viveu os seus melhores anos, e esse sentimento de sucesso refletiu em diversos campos da atividade humana. Falaremos sobre esses anos, mas, antes, é necessário refletir sobre como os comunistas chegaram a esse patamar, como construíram seu poder e como a sua força cresceu.

Iremos nos concentrar na Tchecoslováquia, pois englobar todo o bloco socialista, com a União Soviética à frente, ultrapassa as intenções desta publicação. Não há dúvidas de que também valeria a pena esclarecer essas questões, mas elas ficarão guardadas para outra oportunidade.

No período entre 1918 e 1938 a Tchecoslováquia era considerada o país mais democrático de toda a Europa central. Nos dias de hoje, aquele país de então é muito idealizado, mas tinha também seus limites, fortemente relacionados à qualidade daquela democracia. Em comparação a seus vizinhos, Praga podia se gabar de seus altos *standards* democráticos: não era como a Alemanha, com seu regime fascista; nem como a Polônia ou a Hungria, com seus regimes semiditatoriais.

A democracia parlamentar funcionava relativamente bem, mesmo num país surgido a partir da união de duas diferentes regiões— Tchéquia e Eslováquia, que não eram diferentes apenas política e economicamente, mas também etnicamente. Seus 14 milhões de habitantes estavam divididos em duas potentes minorias étnicas: a alemã, com aproximadamente 3 milhões de pessoas, na Tchéquia; e a húngara, na Eslováquia. Neste país, os eslovacos, alemães ou húngaros, sem falar de outras minorias étnicas, não se sentiam completamente bem, o que pode ser explicado por diversas causas históricas e, mais adiante, tornou-se um foco de muitos problemas. Mesmo assim, os alemães e eslovacos estavam bem representados no parlamento e não perderam os seus direitos civis — individuais, pois quanto aos direitos coletivos a situação era mais complicada. Neste país dominava a opção chamada “tchecoslovaquismo”, que foi a

marginalização das várias nações não-tchecas na tentativa de se formar uma nova consciência nacional. Isso não poderia ter funcionado, não naqueles tempos ou na conjuntura política em que a Tchecoslováquia estava inserida na época.

Nessas condições surgiu um elemento adicional. A partir de 1921, o Partido Comunista da Tchecoslováquia, o KSC (em tcheco: *Komunistická strana Ceskoslovenska)* funcionava totalmente dentro da legalidade e tinha cada vez mais força - uma força que, assim como a representação política dos alemães dos Sudetos, recebia instruções de atuação do exterior. Os alemães as recebiam de Berlim, os comunistas, de Moscou, diretamente do Comintern).

O Comintern (Internacional Comunista, chamada também de III Internacional. Em russo: KoMMyHMCTMnecKMn MHTepHaitMOHaji, *Kommunistícheskiy Internatsional)* era uma organização internacional que surgiu por iniciativa de Lenin, em Moscou, entre os dias 2 e 6 de março de 1920. Foi fundado a partir da integração de 19 partidos comunistas, entre eles o Partido Comunista da Tchecoslováquia, e seus objetivos eram propagar as ideias comunistas e preparar o terreno para a revolução mundial. A Internacional era dirigida por um Comitê Executivo, inicialmente chefiado por Grigori Zinoviev (1920-1925 e depois por Nikolai Bukharin (1926-1929) e Georgi Dimitrov (1934-1943). Durante o II Congresso Mundial da Internacional Comunista, em 1920, reuniram-se delegações de 37 países e na ocasião foram estipulados os princípios do Comintern, os chamados 21 pontos, que versavam sobre a subordinação dos partidos membros ao modelo soviético no que diz respeito à estrutura e disciplina, além de fornecerem as diretrizes de ação e infiltração comunista no terreno de atuação dos partidos do Comintern. Cada um dos partidos comunistas estava subordinado ao Comitê Executivo do Comintern, e este, por sua vez, era um departamento do Comitê Central do Partido Comunista Russo. Para garantir para si um controle absoluto, o Partido Comunista da União Soviética reservou para si cinco lugares no Comitê Executivo, enquanto todos os outros países possuíam somente um lugar.

O principal ativista da III Internacional era Klement Gottwald, membro desde 1928, que no ano seguinte passou a integrar também a diretoria. Nos anos 30, ele empreendeu no partido uma série de mudanças de acordo com os modelos soviéticos - foi a sua “bolchevização”. Em 1938 Gottwald emigrou para Moscou, para voltar à Tchecoslováquia em maio de 45 não mais como um deputado normal do parlamento, mas como chefe do partido, que a partir de agora se esforçaria para tomar o poder por completo. Durante a guerra, graças ao apoio de Moscou os comunistas conseguiram reforçar sua posição dentro da representação da imigração política da Tchecoslováquia - ao lado do governo de Londres (ou seja, a imigração democrática), a central do KSC em Moscou

também era importante e estava em jogo. Ao contrário do período entre guerras, após o final da guerra foram os comunistas, apoiados pela nova potência de Moscou, que se tornaram os jogadores mais fortes na cena política. Negociaram uma séria redução no cenário político, eliminando da concorrência democrática os partidos mais fortes acusando-os de colaborar com os alemães.

Na Tchéquia, somente quatro partidos políticos tiveram permissão para funcionar na legalidade, e foram justamente os mesmos partidos a partir dos quais o KSC conquistou mais votos nas eleições de 1946 (mais de 40 por cento). Klement Gottwald tornou-se, então, o premier do governo de coalizão, e sob as ordens dos comunistas foram desenvolvidas reformas fundamentais. Em 1945, grandes estabelecimentos industriais, bancos e seguradoras foram nacionalizados, e três reformas agrárias, anunciadas, e com o apoio do aparelho de segurança, já dominado pelos comunistas, quaisquer indícios de resistência foram liquidados. Em 25 de fevereiro de 1948 ocorreu o golpe final, sem derramamento de sangue, e daquele momento até 1989 os comunistas não permitiram que ninguém, fora eles mesmos, chegasse ao poder. Não existia oposição. O acerto de contas com os “inimigos do povo” começou imediatamente. Seguindo o refrão “quem não está conosco está contra nós”, todas as pessoas ou ambientes suspeitos passaram a ser perseguidos. Os inimigos eram grandes e pequenos proprietários, o clero, as pessoas crentes, agricultores independentes que resistiam à coletivização obrigatória, escritores... E até mesmo os próprios comunistas — alguém do alto escalão poderia ser considerado inimigo, e não faltaram casos assim entre os condenados à morte. À atmosfera de alegria da reconstrução do país após a guerra misturou-se o medo nos lares, nas fábricas, em toda parte. As retóricas de luta e vigilância às intrigas do inimigo imperialista ou interno, tomavam conta do ambiente tchecoslovaco, e essa mesma sensação perdurou até o declínio do regime comunista.

Perseguições e limpezas

Após a tomada completa do poder, as medidas enérgicas dos novos líderes do país demonstram o que foi o regime comunista na Tchecoslováquia. Não foi suficiente dominar todas as estruturas de poder, da central até a municipal, era necessário introduzir os seus arranjos em todas as esferas da vida. Isso também servia, logicamente, para as forças armadas. Logo após o golpe, com base nas listas negras preparadas pelos comunistas, foram expulsos 27 generais e quase 900 oficiais, sob a acusação de haver lutado durante a guerra contra os alemães, na frente ocidental, ao lado dos britânicos e americanos. Essa foi a primeira fase de limpeza nas fileiras das forças armadas logo após o golpe, e em maio de 1948

iniciou-se uma segunda fase que durou um ano e na qual foram expulsos aproximadamente 2 mil generais e oficiais. Processos passaram a ser organizados a partir de falsas acusações e provas com aplicação de penas severas, incluindo a pena de morte. Foi este, por exemplo, o destino do general Heliodor Píka, herói que combateu na frente oriental. Após sua execução em 1949 por enforcamento, o corpo "desapareceu" e até hoje não se sabe onde está enterrado. Os oficiais que lutaram na frente ocidental ao lado dos aliados não só foram expulsos das forças armadas, foram também acusados de "traição" e condenados. A grande maioria dos heróis da batalha aérea da Inglaterra que voltaram ao país depois da guerra foi enviada à prisão, condenada a penas de 15 a 20 anos ou até mesmo prisão perpétua. A sua única culpa foi ter lutado contra os alemães.

A última onda de grandes limpezas nas forças armadas tchecoslovacas durou até 1953, e uma característica particular desse período foram os novos, drásticos e brutais métodos às práticas de investigações trazidos pelos conselheiros soviéticos. O ambiente que imperava nas forças armadas era de desconfiança, pois ninguém tinha certeza se estava a salvo das perseguições. A partir de processos fabricados foram executadas 30 penas de morte (1948-1959) - quantia relacionada apenas nas forças armadas. Os comunistas liquidaram todo o corpo de oficiais, e em 1952 podiam declarar com satisfação que mais de 82 por cento dos oficiais eram um quadro novo e de confiança. Deve-se acrescentar que em certa fase as perseguições atingiram os próprios comunistas e, entre eles, também foram encontrados "traidores", logo condenados à morte - as acusações eram falsas, como comprovaram os processos de reabilitação nos anos 60. Desta maneira, foram "limpas" todas as esferas da vida — polícia, instituições públicas, indústrias, bancos, tudo. E difícil estimar o número total de vítimas, mas sabe-se que, por motivos políticos, no período entre 1948 e 1989 foram condenadas à prisão mais de 205 mil pessoas e 248 pessoas foram executadas, entre elas 12 comunistas de alta posição (Slánsky, por exemplo).

Na prisão, aproximadamente 4.500 pessoas morreram. Em tentativas de atravessar a fronteira ocidental morreram, por disparos, eletrocutadas, afogadas ou outros motivos, 282 pessoas.

Estes são dados estatísticos que incluem somente pessoas perseguidas por motivos políticos, suprimindo os crimes, e foram extraídos de páginas oficiais do governo da atual República Tcheca, que realizou investigações em muitos destes casos, já que os processos de reabilitação de pessoas acusadas injustamente duraram até os anos 90 e depois - como já foi dito, houve processos de reabilitação nos anos 60, mas após 1968 o regime os impediu e só foi possível retomar os processos em 1990; mas na ocasião muitas das vítimas já haviam

falecido. São consequências do golpe sem derramamento de sangue de fevereiro de 1948. Não falamos ainda dos campos de trabalhos forçados, que funcionaram de acordo com o modelo soviético nos anos 1948-1953 e nem das unidades especiais militares para onde eram enviados os “politicamente incertos” - cerca de 80 a 100 mil pessoas. A república da Tchecoslováquia possuía 14 milhões de habitantes após a guerra.

São apenas números expostos aqui, mas não podemos esquecer que atrás deles estão os destinos humanos. Essas pessoas cumpriram as penas e depois disso não tiveram paz, ainda sob ameaças de perseguições e complicações, sem conseguir trabalhar, etc. Além disso, seus familiares também sofriam as consequências, pois o regime comunista não tinha piedade (neste ponto era semelhante ao nazista). Os filhos desses condenados, por exemplo, ficavam proibidos de frequentar a universidade, o cônjuge não podia exercer um cargo de responsabilidade, etc. Sob esse aspecto, os anos 50 foram os piores, e mesmo que o regime tenha relaxado um pouco no período seguinte (para endurecer novamente no ano de 1968), o medo do sistema e das diversas formas de perseguição fizeram-se sentir até o fim total do sistema, em novembro de 1989.

CAPÍTULO II - StB — OS OLHOS, OUVIDOS E PUNHOS DO PARTIDO

QUANDO UM sistema não se baseia na verdadeira liberdade e democracia, precisa de um aparelho eficaz de coação para manter e reforçar seu poder. Na Tchecoslováquia, de 1945 a 1989, além das formações tradicionais como a polícia, forças armadas, sistema judiciário — procuradorias disponíveis, tribunais -, o sistema de repressão valia-se principalmente da polícia secreta, a Segurança Estatal, cuja abreviação é StB. Era uma polícia política controlada pelo Partido Comunista da Tchecoslováquia (KSC) inaugurada em junho de 1945, ou seja, ainda no âmbito de um sistema que simulava ser uma democracia. Desde o início de suas atividades era supervisionada por “conselheiros”, ou seja, por funcionários da KGB[1] delegados por Moscou. A colaboração com o serviço secreto soviético era de fato uma subordinação e por isso a estrutura e métodos de trabalho da StB lembravam os soviéticos em vários aspectos. Isso significa que a StB, não combatia, de fato, verdadeiros criminosos, mas liquidava pessoas e organizações que não aceitavam o regime comunista. Para isso, usava de métodos brutais de investigação como torturas e depoimentos forçados,[3] crimes fabricados e jogos de operação que muitas vezes tinham como objetivo forjar situações que desrespeitassem as leis do país comunista. Alguns autores comparam os métodos da StB com os da Gestapo alemã, com a diferença de que a Gestapo tentava capturar os verdadeiros culpados (em base a lei alemã de então) enquanto a StB não necessariamente...

Prédio do Ministério do Interior, pasta de chefia da StB

Estrutura

O serviço secreto da Tchecoslováquia estava dividido nos seguintes departamentos:

I Departamento do Ministério do Interior (em tcheco: *Ministerstvo Vnitra* — MV) (SNB) — serviço de inteligência no exterior.

II Departamento MV (SNB) — contrainteligência que lidava com o chamado inimigo externo (serviço de inteligência estrangeira no território da Tchecoslováquia).

III Departamento MV (SNB) — contrainteligência militar.

IV Departamento MV (SNB) — departamento de investigação.

V Departamento MV (SNB) — Departamento de proteção de funcionários do partido e do governo.

VI Departamento MV (SNB) — Departamento técnico.

X Departamento MV (SNB) — Departamento de contrainteligência no combate ao “inimigo interior” (oposição, juventude, igrejas, etc.).

XI Departamento MV (SNB) — Departamento de contra inteligência para proteção da economia.

Essa organização passou por mudanças ao longo do tempo, mas a princípio é possível afirmar que os objetivos de trabalho dos departamentos permaneceram os mesmos durante todo o período de funcionamento da StB. Neste livro, discutiremos principalmente o trabalho do I Departamento, que, como o próprio

nome diz, fazia parte da StB. O serviço de inteligência tchecoslovaco realizava em primeiro lugar as tarefas determinadas pelo KSC - determinadas indiretamente pela União Soviética -, e além disso também tinha condições de cumprir algumas tarefas de interesse econômico da Tchecoslováquia. Os relatórios do serviço secreto iam parar também nas mesas dos conselheiros soviéticos, de onde eram enviados para Moscou. Como veremos adiante, a colaboração, ou melhor, a subordinação a Moscou possuía diversas faces e formas, não se tratava somente de repassar as informações conquistadas.

A StB propriamente dita e estruturada surgiu em 1945, e em 1947, segundo as diretrizes do Comitê Central do Partido Comunista da Tchecoslováquia, o serviço de inteligência para o exterior foi reorganizado conforme o modelo soviético: no topo do departamento havia um chefe subordinado diretamente ao ministro do interior.[3]

A Tchecoslováquia fazia parte do bloco soviético, portanto as suas principais tarefas estavam relacionadas principalmente à “luta contra o principal inimigo”, ou seja, contra os EUA e o bloco ocidental - a OTAN, República Federal da Alemanha, Grã-Bretanha e França. Até o ano de 1989, esse foco de ação não mudou. No território brasileiro, o serviço secreto tchecoslovaco tinha como principal tarefa combater os EUA - mas não só isso.

A tarefa do serviço de inteligência era adquirir informações, combater os serviços secretos estrangeiros inimigos do “bloco socialista”, lutar contra a emigração tchecoslovaca e suas organizações e coletar e reunir informações, secretas ou não. Para isso, usava de sua rede de agentes e toda a uma estrutura de contatos e possibilidades operacionais em determinado território. Como exemplo podemos citar que o serviço de inteligência tchecoslovaco realizou em 1953, na Áustria, o sequestro do político socialista tcheco Bohumil Lausman (morto dez anos depois em uma prisão em Praga) e várias vezes organizou atentados na sede da Rádio Europa Livre, em Munique (RFA).

Sobre a Tchecoslováquia comunista e sua polícia secreta certamente há muito ainda para dizer, mas esta breve contextualização deve ser suficiente para o objetivo da publicação. Avancemos, então.

Mosteiro dos Cavaleiros da Cruz com Estrela Vermelha confiscado pelo governo comunista em 1950 para servir de sede do serviço de inteligência – I Departamento StB

CAPÍTULO III - O QUE SABEMOS, DE ONDE SABEMOS E POR QUÊ?

EM novembro de 1989 aconteceu na Tchecoslováquia a chamada Revolução de Veludo. O regime comunista foi derrubado após protestos dos cidadãos insatisfeitos. Em novembro do mesmo ano o artigo sobre o papel de liderança do KSC e do marxismo-leninismo como ideologia obrigatória para todos - até os estudantes de engenharia eram obrigados a estudar a ideologia - foi anulado da constituição. Em dezembro, Gustav Husák, o último presidente comunista, renunciou e a Assembleia Nacional escolheu um novo chefe de estado — o oposicionista Václav Havei, havia pouco ainda perseguido pela StB. A Tchecoslováquia rejeitou o sistema comunista e voltou para o caminho da democracia. O país vinha passando por vários problemas não solucionados pelos governantes anteriores e o governo resultante das eleições livres de 1990 — as últimas haviam ocorrido em 1935 - iniciou reformas radicais baseadas em três divisas: descomunização, restituição e privatização.

Descomunização significava acertar as contas com o passado — a primeira etapa foi proibir representantes do partido comunista de exercer algumas funções de governo. Essa proibição, de acordo com a Lei de Lustração aprovada em 1991 e vigente até hoje, abrangeu também funcionários e colaboradores da StB. Em 1993, o Parlamento aprovou uma lei complementar, condenando o regime comunista como um regime criminoso, e a partir de 1996 foi iniciado um processo sistemático de disponibilização das pastas reunidas pela StB. Por meio de leis e instituições organizadas pelo governo, o país chegou à situação atual, em que os materiais reunidos pela polícia secreta comunista podem ser pesquisados por qualquer um que desejar. Todos os documentos, com exceção daqueles cuja a revelação ameaçasse a segurança do país, podem ser acessados sem problemas. Parte deles está na internet e o restante está disponível no Arquivo dos Serviços de Segurança, a ABS (em tcheco: *Archiv bezpecnostnícb slozek),* que é parte do Instituto para Estudos dos Regimes Totalitários, o ÚSTR (em tcheco: *Ústav pro studium totalitních rezimü*), dedicado à pesquisa científica do nazismo e do comunismo.

Se não fosse essa mudança e a queda do sistema totalitário em 1989 nada haveria mudado — todos os documentos feitos pela StB continuariam com a cláusula de “estritamente confidencial”. O governo democrático da República Tcheca desfez o sigilo desses materiais e possibilitou a abertura desses arquivos

difíceis de encontrar em outras partes do mundo, e por isso hoje em dia é possível conhecer e descobrir os mistérios e acontecimentos da época — e isso diz respeito também a fatos relacionados com o Brasil. Para os historiadores, é uma oportunidade única de preencher importantes vazios, além de descobrir circunstâncias desconhecidas que deviam ficar ocultas da opinião pública.

Sede do ÚSTR e ABS

Como o serviço secreto tchecoslovaco manteve uma *rezidentura*[4] (nome da base exterior de um serviço de inteligência do bloco soviético, geralmente localizada nas embaixadas) no Brasil entre os anos 1952 e 1971, os materiais internos do I Departamento abrangem principalmente esse período. Quais eram as atribuições do serviço de inteligência tchecoslovaco no Brasil? Qual era o seu interesse? O que realmente fazia por lá? E disto que trata o presente livro.

É preciso lembrar que ao acessar os acervos de arquivo da StB estamos sob certa unilateralidade, e na medida do possível nos esforçamos para verificar as informações contidas nas pastas consultando também outras fontes, porém, não tivemos condições de fazer isso em todos os casos. É necessário, portanto, declarar que não é possível afirmar que as informações existentes neste livro, que demonstram como os oficiais da *rezidentura* da StB no Brasil, a Central em Praga ou os informantes, agentes, contatos ou pessoas não comprometidas com uma colaboração consciente (ver Capítulo VII) compreendiam determinadas questões, sejam necessariamente objetivas e as únicas corretas. O conhecimento das pastas StB é o conhecimento dos espiões, e por isso deformado por uma distorção ideológica. É também muitas vezes obsceno, pois para convencer alguém a colaborar, muitas vezes os espiões usavam não somente métodos ideológicos, mas também o que chamavam de comprometimento, ou seja,

aproveitar-se dos tropeços fatais e fraquezas humanas.

Entretanto, isso não significa que as informações adquiridas de uma fonte como essa não possam ser levadas a sério. Porém, deve ficar claro que a leitura destes documentos demonstra que o próprio serviço de inteligência tchecoslovaco esforçava-se para verificar as informações e aspirava certa objetividade do conhecimento adquirido, para que pudesse operar com sucesso no território do Brasil e de toda a América Latina.

Nenhum serviço de inteligência gosta de ser enganado e todos eles tentam adquirir informações verdadeiras para poder, pelo menos, mentir com sucesso e manipular o adversário.

SEGUNDA PARTE

Início das atividades no Brasil

CAPÍTULO IV - TODO COMEÇO É DIFÍCIL

DE ACORDO com o conhecimento que possuímos hoje, o início dos trabalhos do serviço de inteligência tchecoslovaco no Brasil se deu na segunda metade de 1952. Vale a pena explicar como o I Departamento realizava suas missões em outros países. A *rezidentura*, com a sua estrutura organizada, fornecia as melhores condições possíveis para o trabalho dos agentes em determinado país. O residente — representante do I Departamento (oficial da polícia secreta) no país estrangeiro tinha como tarefa organizar e controlar a rede e o seu trabalho para o serviço de inteligência.

Geralmente, a *rezidentura* funcionava nos órgãos de diplomacia, comércio e cultura. No caso do Brasil era na embaixada da República da Tchecoslováquia no Rio de Janeiro. O serviço de inteligência tchecoslovaco possuía várias *rezidenturas* como essa, em várias partes do mundo. E um fato surpreendente que um país tão pequeno (14 milhões de habitantes) pudesse realizar atividade de inteligência em uma escala tão grande, mas, como já mencionamos antes, esse era o resultado das tarefas designadas por Moscou. Provavelmente, foi o caso do Brasil. Mesmo já fazendo parte do bloco comunista após a II Guerra Mundial, a Tchecoslováquia continuava a ter uma relação amigável com o Brasil. Os dois países mantinham relações diplomáticas, ao contrário do que houve com a União Soviética, com a qual o Brasil rompeu relações em 1947.

No Rio de Janeiro não havia só diplomatas tchecos, mas também vários representantes comerciais. Além disso, existia aqui um grupo relativamente numeroso de imigrantes tchecos e eslovacos - vale a pena lembrar o mais famoso deles, Jan Antonín Bafa, que construiu fábricas e quatro cidades. Tudo isso criou condições e possibilidades operacionais que, na época, os Soviéticos não possuíam, como o reatamento das relações diplomáticas entre Brasil e URSS, que aconteceu em 1961 graças à grande ajuda da StB — ver Capítulo VIII.

Camarada Honza, posteriormente TREML

Em agosto de 1952 Praga enviou para o Rio de Janeiro um oficial da StB que assinou seus primeiros relatórios com o codinome Honza, mas usava também o codinome TREML. Era oficialmente um diplomata, funcionário da embaixada — attaché das questões de imprensa. Com 27 anos na ocasião e barbeiro de profissão, ele não possuía nenhuma preparação para o seu novo trabalho além de um curso de espionagem de dois meses e um curto período de trabalho na *rezidentura* em Roma. Estava na StB há menos de dois anos e mal falava português.

Porém, ele tinha coragem: recebeu a tarefa, estava determinado a cumpri-la e contava com a vantagem de ser membro do Partido Comunista desde maio de 1945. Chegou ao Rio de Janeiro como subtenente, porém, dois anos mais tarde, já havia sido promovido a tenente. O Rio foi o início de sua carreira de quase 32 anos na inteligência, encerrada em 1982 como coronel (mais informações sobre ele, ver: TREML).

Na pasta pessoal[5] do oficial encontram-se também as características e avaliações de trabalho escritas por seus superiores. Seu trabalho no Rio de Janeiro foi descrito da seguinte maneira pelo tenente *Jezersky*, em 1955: “Após adquirir uma prática parcial, foi enviado em agosto de 1952 para a *rezidentura* no Brasil. Cumpriu a função de residente até agosto de 1955 (durante dois anos esteve na *rezidentura* sozinho). Durante seu trabalho no estrangeiro não recrutou nenhum agente, mas preparou o terreno para a aquisição de dois figurantes, dos

quais um foi recrutado pela Central durante uma viagem a Tchecoslováquia [ver Capítulo XI] e o outro foi recrutado logo após a partida do Camarada Kadlec. Pouco a pouco, foi se aperfeiçoando na arte de escrever relatórios — seus relatórios eram de valor, mas eram escassos. Avaliamos seu trabalho como residente como relativamente fraco, mas algumas bases para o trabalho de serviço de inteligência foram concluídas. O ponto mais fraco em sua missão foi a quantidade mínima de rede de contatos. E um pouco 'esquentado', mas possui senso de responsabilidade, é disciplinado e possui boa relação com a equipe de colegas de trabalho". O codinome Jezersky ainda aparecerá em nossa história.

Medalha pelos Serviços Prestados à Pátria

As avaliações do trabalho do residente Honza escritas na central em Praga levaram em conta e inclusive apreciaram o fato de que TREML trabalhou durante dois anos no Rio de Janeiro sozinho, como único funcionário do serviço de inteligência. Com base nos documentos, podemos fazer uma comparação com os dados de outras *rezidenturas* em ambos os continentes americanos já no ano de 1956. Em Nova York havia 7 funcionários de carreira da StB (residentes), em Washington, 3; em Ottawa, 3; em Montreal, 3; no México, 2; no Brasil, 3 (dois oficiais e um criptógrafo) e na Argentina, 4. Honza partiu para o outro lado do oceano conhecendo pouquíssimo do português, porém, meio ano depois, já havia superado esse atraso, pois tinha talento para idiomas estrangeiros, como percebeu o o oficial que o recrutou para o trabalho no MV (Ministério do Interior) em uma pequena cidade no norte da Tchéquia, em 1950. Os oficiais enviados em seguida tiveram uma preparação melhor nesse sentido, mas — como veremos mais adiante — essa não era a regra.

Apesar dos fracos resultados, TREML foi condecorado por seu trabalho no Brasil com a “Medalha pelos serviços prestados à Pátria”. A condecoração foi criada pelos comunistas em fevereiro de 1955 e devia ser concedida “pelos esforços bem-sucedidos para aumentar a prontidão de combate das forças armadas, da segurança da república, assim como por atitude corajosa e iniciativa em combates que ajudaram a alcançar o sucesso durante a realização de tarefas em condições difíceis” (fragmento de disposição governamental). Condecorava-se, assim, membros das forças armadas e funcionários do Ministério do Interior. A proposta de entrega desta condecoração foi assinada em 2 de março de 1955, logo em seguida de sua criação e antes do retorno do residente a seu país. Conhecemos as circunstâncias do início do trabalho de TREML no Rio de Janeiro a partir dos documentos existentes na pasta de correspondência, ou seja, na pasta onde estão reunidas as correspondências entre a central e a *rezidentura* no Rio.[6] A central em Praga instruiu o subtenente para que assinasse seus registros e relatórios com o codinome de Eíonza enquanto o órgão, por sua vez, assinaria Pavel.

Em seguida, nas instruções, foi escrito que o período para a legalização deve durar um mês, durante o qual o residente não realizará nenhuma atividade de serviço de inteligência (esta frase está riscada). O residente deve observar e formar sua própria opinião sobre seus parceiros de trabalho e funcionários da embaixada e deve também fazer um reconhecimento do ambiente, familiarizar-se com o trabalho oficial e formar um círculo de conhecidos entre os brasileiros e os compatriotas. Nas instruções, Praga também levou em consideração o seu fraco conhecimento da língua portuguesa, ordenando-lhe que “durante três meses aprenda o português até um ponto em que tenha condições de ler jornais e conversar sobre assuntos comuns”.

1. Spojení: Bude udržováno jednak pravidelnou kurýrní poštou
prostřednictvím vyslance a jednak šifrou, pro-
střednictvím šifréra vyslanectví.
Resident bude svou korespondenci podepisovat
H o n z a , orgán centrály se bude podepisovat
P a v e l .
2. Legalisační doba: bude trvat jeden měsíc. [illegible]
[illegible]
Bude pozorovat a dělat si úsudek o svých spolu-
pracovnících, o členech vyslanectví a bude se seznamo-
vat s prostředím. Seznámí se s oficielní prací a
vybuduje si okruh známých mezi Brazilci a kraj-
3. Jazyk: Resident se během tří měsíců naučí natolik por-
tugalsky, aby mohl číst tisk a dohovořil se o
běžných věcech. Svou znalost jazyka je povinen
stále prohlubovat.

Fragmento do relatório que exige a aprendizagem do idioma

O mais importante, entretanto, é de que maneira a central da StB em Praga determina os objetos de interesse para o residente, ou seja, com o que deve ocupar-se (na gíria da StB: “trabalhar”).

> “Para realizar as tarefas de serviço de inteligência, a *rezidentura* deve construir uma nova rede com o objetivo de adquirir informações secretas e confidenciais que contenham: dados sobre a faixa de atividades e sobre a continuação da penetração das influências americanas no país, penetração dos monopólios dos EUA na economia brasileira, sobre os objetivos e intenções dos EUA no Brasil...”.

A tarefa seguinte da *rezidentura* deveria ser a busca de agentes para o trabalho contra os EUA, assim como a observação de membros da missão diplomática tchecoslovaca (seu comportamento, vida particular e aquisição de informações) e a condução da rede de agentes entre a emigração tcheca e eslovaca no Brasil, com o objetivo de destruir as suas organizações, ou seja, agir com o objetivo de desintegrar esses ambientes. Isso, é claro, ainda não é tudo. Honza também deveria concentrar sua atenção no Ministério de Relações Exteriores brasileiro: examinar a sua estrutura e organização, descobrir o máximo possível sobre os funcionários do Itamaraty, com atenção especial àqueles que trabalhavam com países de democracia popular e com a União Soviética.

As tarefas também abrangiam a polícia e o exército, pesquisas científicas (conhecer o programa nuclear, por exemplo), governo (membros do governo sob influência dos EUA) e partidos políticos. Para facilitar o início dos trabalhos do

residente, Praga lhe indicou alguns figurantes já conhecidos pela StB, nos quais valia a pena prestar atenção. No Rio também já operavam alguns agentes tchecos recrutados ainda na Tchecoslováquia pela StB, com base em sua ideologia. Esclareçamos já que esse tipo de agente, também chamado de *colaborador ideológico,* era geralmente um comunista ou alguém de fortes opiniões progressistas que decidiu colaborar com a StB, na maioria das vezes voluntariamente e sem pagamento, guiado por suas convicções. Nos documentos tchecos, esses colaboradores ideológicos eram definidos pela sigla IS. Eram simplesmente agentes e deveriam possuir seu "órgão condutor", ou seja, alguém que lhes determinasse as tarefas, que lhes direcionasse e enviasse os resultados de seus trabalhos para a central. Enquanto Honza não apareceu na embaixada no Rio, a utilidade desses IS era bastante limitada e, às vezes, inexistente.

Um deles era Manuel, então embaixador da República da Tchecoslováquia. Na pasta de correspondência lemos que ele não podia trabalhar operacionalmente, mas, de acordo com as instruções de Honza, deveria lhe ajudar a conhecer pessoas e adquirir contatos. Outro agente tcheco no Brasil foi Petr, assessor comercial na embaixada, que trabalhou dois figurantes brasileiros de codinomes Osak e Lucy. Entre os candidatos estava também um jovem advogado brasileiro de apelido Moto. Sobre essas pessoas, falaremos mais adiante. Nos anos seguintes, foram aparecendo na embaixada ou em ambientes próximos, os seguintes IS, que eram agentes, cidadãos tchecos: Dujka, Vasák, Kamil, Dolejsí (lembremos deste último, que com o tempo recebeu o codinome Carlos e será personagem de uma história no Capítulo XX).

À primeira vista, pode parecer que Honza tinha à disposição uma potente rede de agentes, com a ajuda da qual rapidamente entrelaçaria todo o Brasil com a potente influência do serviço de inteligência tchecoslovaco...

[illegible]	[illegible]	Jméno a příjmení spolupracovníka	Krycí jméno	[illegible]	[illegible]	[illegible]
7.6. 54	00012	40012	Petr	11	Peterka	Čapek
-"-	00013	40013	Manuel	11	Peterka	-"-
-"-	00014	40014	Bažena	11	Peterka	-"-
-"-	00015	40015	Kamil	11	Peterka	-"-
-"-	00016	40016	Alberto	11	Peterka	-"-
-"-	00017	40017	Betejší Carlos Magno	11	Peterka	-"-
-"-	00018	40018	Vašák	11	Peterka	-"-
-"-	00019	40019	Pecestny	11	Peterka	-"-
-"-	00020	40020	Samuel	11	Peterka	-"-
-"-	00021	40021	Vladimír	11	Peterka	-"-
-"-	00022	40022	Skřítek	11	Skořepa	-"-

Captura de tela do livro Protokol registrace osobních svazků tajných spolupracovníků (Diário de registro das pastas pessoais de colaboradores secretos), onde são visíveis os codinomes de agentes da StB que atuavam no Brasil na época em que Honza trabalhou no país.[7]

Todo começo é sempre muito difícil...

Os planos e tarefas ambiciosos da central em Praga eram uma coisa, mas o confronto com a realidade era outra. A rede de agentes, que parecia imponente, não correspondia nada com as suas reais possibilidades. Já sabemos que a avaliação por escrito de 1955 foi bastante severa para com Honza. Vejamos, então, como era a sua situação de acordo com o próprio residente — os seus relatos encontram-se nas pastas de correspondência operacional disponíveis no ABS em Praga.

Honza chegou ao Rio de Janeiro dia 24 de agosto de 1952. Relatou o fato no primeiro relatório à central: "Informo que cheguei ao local para o qual fui enviado". Primeiramente, descreve as questões materiais: recebeu um apartamento onde anteriormente morou outro funcionário da embaixada, descrevendo o local como: "um chiqueiro para porcos". Durante uma [7] semana, no apartamento da Rua Guimarães Natal, 23, em Copacabana, faltou água. Com um ânimo semelhante, avaliou o local de trabalho, onde começou a resolver questões pendentes há um ano relacionadas a documentos e abandonadas por seu antecessor, em seu trabalho legal como secretário da embaixada. Logo no início, chama a atenção para o fato de que não pode ficar sem uma faxineira, mas, com os recursos disponíveis, seria impossível contratar qualquer pessoa para a ajuda caseira. Neste ponto do relatório, o antigo barbeiro tcheco opina que "todo o

povo é educado em um espírito de desprezo para com o trabalho, o que pode se observar, por exemplo, quando as faxineiras se recusam a limpar janelas e assoalhos, o que obriga a contratação de mais faxineiras especialmente para isso. Homens e mulheres têm unhas tratadas, todos querem a qualquer preço causar a impressão de que não precisam trabalhar fisicamente". Violência e assassinatos são diários, e, como confirmação de sua tese, Honza descreve um fato ocorrido havia pouco, a 20 passos da embaixada tchecoslovaca no Rio: "Em plena luz do dia, um homem cortou a garganta da esposa porque a mesma não queria partir com ele para outra região do país em busca de uma vida melhor".

No primeiro relatório, Honza também descreve que preparou um plano para, em três meses, aprender português a ponto de conseguir se comunicar. Observa também, que aquilo que aprendeu em Praga não servia para absolutamente nada, já que "aqui se usa uma fala e palavras completamente diferentes", e se queixa por ter de aprender "uma língua assim tão infernal, que, além de tudo, é usada apenas em um único país". Em seu relatório, Honza avalia positivamente a sua legalização, ou seja, o fato de que aos olhos dos outros funcionários da embaixada é um "diplomata normal", o que prova que a cobertura é perfeita.

No registro de janeiro de 1953, Honza reage às notícias de Praga da seguinte maneira: "Foi com grande alegria que lemos as notícias de que os traidores do partido e do país foram julgados. Só é uma pena que nem todos tenham ganhado a forca". Este comentário está relacionado com o processo de Slánsky.

Rudolf Slánský durante o julgamento farsa

Nesse processo plantado contra um grupo de comunistas em novembro de 1952 foram decretadas 11 penas de morte e 3 penas perpétuas. Vale a pena citar a lista completa dos condenados e suas funções para dar ao leitor uma imagem do comunismo na Tchecoslováquia nos anos 50. Foram acusados e condenados: Rudolf Slánsky, secretário geral do KSC; Vladimír Clementis — ministro das relações exteriores; Otto Fischl — vice-ministro das finanças; Josef Frank — suplente do secretário geral do KSC; Ludvík Frejka, da chancelaria presidencial;

Bedrich Geminder — chefe da seção internacional do Comitê Central do KSC; Vavro Hajdú — vice-ministro das relações exteriores; Evzen Lõbl — vice-ministro de comércio exterior; Artur London — vice-ministro das relações exteriores; Rudolf Margolius — vice-ministro de comércio exterior; Bedrich Reicin — vice-ministro de defesa; André Simone — redator do jornal partidário *Rudé právo;* Otto Sling — funcionário de alta patente do KSC; e Karel Sváb — vice-ministro do interior. Foram acusados de espionagem, trotskismo, titoísmo, conspiração contra a república e atividade subversiva. Nas atas de acusação, foram descritos como inimigos do povo tchecoslovaco e como traidores sionistas e burgueses-nacionalistas. Todas as acusações eram falsas, de acordo com a verificação em tribunais e do partido, em 1968, quando foram reabilitados - na maioria dos casos, infelizmente, pós-morte. Entretanto, no início de 1953 Honza desejou para todos eles a morte, lamentando que alguns tivessem recebido *apenas* prisão perpétua.

Em janeiro, Honza reclama do calor: dentro da embaixada, mesmo com o ventilador ligado, a temperatura é de 30 graus, e no exterior, segundo suas palavras, 50. “Passamos todo o tempo molhados de suor, e beber água com gás não ajuda, bah, inclusive faz mal ao estômago”... “mas temos de vencer isso”, conclui corajosamente o camarada. O oficial da inteligência relaciona também sobre as tarefas exigidas pela central e compreende que tanto ele como o agente Petr devem fazer contatos e “escolher” pessoas de quem fosse possível adquirir informações e que pudessem ser recrutadas como colaboradores do serviço de inteligência comunista no futuro. Porém, por enquanto, há muito trabalho legal para ser feito e pouco dinheiro para organizar encontros em seu apartamento.

Entretanto, Honza informa que três figurantes já estão praticamente “trabalhados”, são Osak e Moto; e no mesmo relatório menciona também Lucy. Moto é um advogado do Banco de Brasil que ajuda a embaixada em diversas questões, é jovem e de visão progressista. Honza considera-o um “tipo” apropriado. Osak é um empreendedor de alta posição, presidente da câmara brasileira de comércio - provavelmente um trabalho para Manuel, que ainda não tinha vontade de fazer um verdadeiro trabalho de espionagem. Ao mesmo tempo, Osak não é o parceiro apropriado para Honza, pois é vaidoso e não conversa com pessoas de nível socialmente inferior.

No relatório de março, Honza reconhece que ele próprio não está satisfeito com os resultados do trabalho que faz “para nós” (para o serviço de inteligência). Explica que sua função legal exige muito trabalho, que trabalha sem parar e não tem mais tempo para nada. Seria bom se a central enviasse mais um camarada, propõe Honza. E seria igualmente bom se a central enviasse algo mais para Honza no Rio... Este último pedido surgiu a partir de uma experiência pela qual

o “verde” funcionário da StB passou:

> “Hoje, no meu apartamento, no quarto de dormir, encontrei um escorpião. Sua picada pode mandar um homem ao ‘paraíso’. A casa onde eu moro encontra-se aos pés de um morro repleto de matas, onde esse tipo de praga pode aparecer. Mas o estranho é que eu moro no sexto andar. Então, não se deve rechaçar a possibilidade de que isso pode ter sido um ‘pequeno presente’, ou seja, que alguém o tenha levado até lá. Agora, serei obrigado a verificar o apartamento todas as noites para me proteger destas surpresas. Independente disso, viver aqui é como viver no ‘Velho Oeste’ e, para a segurança pessoal, seria bom ter uma pequena pistola, melhor se fosse de produção estrangeira... se possível, gostaria de receber uma arma”.

CAPÍTULO V - LUTANDO CONTRA ESCORPIÕES

EM OUTRA pasta de correspondência operacional à qual tivemos acesso existem instruções de Praga direcionadas ao Rio. A leitura destes documentos nos esclarece as expectativas e exigências da central para com Honza, pois os agentes instalados na embaixada eram praticamente inúteis até a chegada do oficial do serviço de inteligência. Faltava-lhes aquilo que chamavam de "órgão condutor", geralmente representado por um oficial do I Departamento, que neste caso era Honza, o exterminador de escorpiões.

Praga exigia que o subtenente Tremí conduzisse uma rede de agentes mesmo com as dificuldades existentes. De acordo com as instruções internas do I Departamento, a missão do oficial condutor não era só dirigir o trabalho da rede, mas também se encarregar de sua formação ideológica. Na carta entregue ao serviço de mensageiro que voou para o Rio no dia 27 de outubro de 1952, Pavel (codinome de um oficial da central) ordena a Honza que "observe atentamente todos os acontecimentos políticos no Brasil e nos outros países da América Latina". A central sugeriu a Honza que contasse principalmente com a ajuda de Petr quanto às questões de aquisição de contatos, mas "você deve conduzir Petr de uma maneira que ele use seus contatos como informantes inconscientes". Com o tempo seria possível tornar esse tipo de informantes em *colaboradores* bem mais conscientes: bastaria extrair deles informações que poderiam incriminá-los, obrigando-os, assim, a colaborar cada vez mais. Por isso a princípio era necessário formar uma base de contatos, e para facilitar a ação de Honza diante do excesso de trabalho legal Praga enviou uma lista de figurantes nos quais valia a pena concentrar-se, para que Honza não precisasse "mover-se no escuro".

Em primeiro lugar consta o já citado Osak, chefe da Câmara Brasileira de Comércio e conhecido pessoal do ex-presidente Dutra. Osak esteve em Praga em maio de 1952, ocasião em que a StB o "trabalhou" intensamente.

> "PETR o conhece pessoalmente e tem possibilidade de encontrar-se regularmente com ele graças à sua função de representante comercial. O contato de PETR com OSAK é importante, pois OSAK pode lhe passar inconscientemente informações de valor, principalmente comerciais".

A central, então, ordenou a Honza que conversasse com Petr sobre qual seria

a melhor maneira de aproveitar Osak para os seus objetivos. “Quando Osak esteve na Tchecoslováquia, falou bem de nossa economia. Por causa de sua função, consideramos que é um bom ‘tipo’” (qualquer pessoa pela qual a StB se interessava e que poderia se tornar um colaborador). A tarefa de Honza, então, era criar um plano para “trabalhar” o chefe da câmara comercial.

A segunda da lista é Lucy (Mme. Liu), jovem alemã casada com um chinês e dona de uma empresa que fazia comércio de diamantes com a Tchecoslováquia (o que naquele tempo era ilegal). Na lista aparece também seu sócio brasileiro, de codinome Krym. “Só o fato de comerciar conosco uma mercadoria proibida é comprometedor, o que nos dá um sinal para ‘trabalhá-los’”. Estes são contatos brasileiros a partir dos quais se formará uma rede invisível e útil, pois os agentes tchecos não tinham condições de alcançar os mesmos resultados do que aqueles já presentes dentro da sociedade, ou seja, os brasileiros.

Nos documentos analisados havia várias tarefas cruciais estabelecidas demonstrando que, mesmo com um início pífio em solo brasileiro, o departamento de análises em Praga conhecia bem o contexto e, em 1952, já tinha condições de direcionar atividades que influenciariam bastante para formar um serviço de inteligência ameaçador como o do início dos anos 60. Depois de questionamentos sobre as bases militares americanas no Brasil e sobre a reforma da moeda, o documento redigido pelo oficial Pavel, desde a Central em Praga, lançava a Honza o seguinte ponto a ser averiguado. Trata-se da questão número 4, a mais importante sob o ponto de vista dos acontecimentos futuros. “Preciso completar algumas informações sobre a situação geral no Brasil” (...) “4/ Pessoas importantes do burguesismo nacional, que se defendem contra a penetração do monopólio americano...”

O burguesismo nacional brasileiro, ou seja, o *nacionalismo* brasileiro, será o eixo sobre o qual a inteligência tcheca se apoiará e criará, nos anos seguintes, um sistema de ação realmente capaz de ameaçar a democracia brasileira. Não através de comunistas, políticos ou jornalistas de esquerda; não através de combatentes ou guerrilheiros da esquerda, mas através de patriotas nacionalistas.

8.Potřebuji doplnit několik poznatku k celkové situaci v Brazilii. Věřím že mě na mé otázky co nejdříve odpovíš.

1/ Jaké je znění zákona o tak zvané vzájemné bezpečnosti?

2/ Kdo z členů vlády prosazoval návrh zákona o zavedení volné měny pro investice cizího kapitálu a vývoz zisků?

3/Americ... válečné základny a výdaje na ně?

4/Vedoucí osoby národní buržóasie,které se brání vlivu a pronikání amerických monopolu.Prostřednictvím a jakých organisací se snaží národní buržóasie o spolupráci s Argentinou?

[illegible]

5. ...terým komunistickým poslancům nebyly dosud zrušeny mandáty v místních sněmovnách brazilských států?

6/Které jsou význačné osobnosti strany UDN a jaké politické a hospodářské zájmy sledují?

7/ Které jsou vedoucí osobnosti jednotlivých složek armády(pěchota, námořnictvo,letectvo)jejich charakteristika,vliv,politické zaměření.

8/Jakou činost vykazuje mírové hnutí v Brazilii,které organisace a vedoucí osoby se zapojili?

9/ Napiš mě jaký ohlas měl v Brazilii sjezd KSSS.

U nás pracující na počest sjezdu uzavřeli řadu hodnotných závazků. O tom jak je pro nás sjezd důležitý svědčí to že v první části RTŠ budem se učit ze skušeností KSSS a studovat sjezdové referáty.

V dopise přikládám ref.s.Malenkova který je zařazen jako do RTŠ.

Čekám na tvůj dopis.

Čest práci!
Pavel.

CAPÍTULO VI - CERCO A OSAK

O SERVIÇO de inteligência tinha vários obstáculos a suas atuações no exterior. Assim, a possibilidade de trabalhar nas condições mais seguras possíveis, ou seja, *em casa* - na Tchecoslováquia - era um verdadeiro presente, pois, com a colaboração da contrainteligência e outros órgãos do governo, dispunha de todos os meios operacionais e de possibilidades sem limites. Em terreno próprio é possível realizar atividades que em outro terreno seriam impossíveis ou difíceis demais.

Caso o figurante, ou seja, alguém que o serviço de inteligência tenha considerado como objeto de seu interesse, encaminhe-se até o país-sede do serviço de inteligência, cria-se a oportunidade única de cercá-lo através de todos os meios possíveis para adquiri-lo como colaborador. Essa foi a chance de o serviço de inteligência tchecoslovaco se aproximar de Osak, assim que soube de sua estadia de duas semanas em Praga, em abril de 1952. Em março, um tal de Pavlis (oficial do serviço de inteligência, nome verdadeiro: Vilém Koziorek) relatou a visita planejada de Osak[8] e propôs uma ação operacional que teria como objetivo comprometer o visitante, "trabalhá-lo", com o objetivo de adquiri-lo como agente. Essa missão deveria ser realizada com a ajuda de outro camarada, atuando sob a cobertura de um funcionário do Ministério de Comercio Exterior, que acompanharia Osak.

> "Deverá conquistar sua confiança graças ao fato de ajudá-lo a cumprir suas vontades. Sua tarefa será tornar-se a companhia preferida de OSAK. O camarada Pála o acompanhará depois para um apartamento de fachada para fins conspiratórios, bem equipado, em Praga, e após uma festa cheia de álcool irá adquirir informações sobre a expansão dos EUA no Brasil. Suponho que OSAK, que não é diplomata, mas um comerciante, irá falar. Toda esta conversa no apartamento conspirado será registrada. Todas as noites o camarada Pála irá à central escrever relatórios e nós iremos acompanhar o desenrolar dos acontecimentos e fornecer as disposições".

Pavlis propõe adiante a preparação de todos os meios técnicos necessários para a realização da missão, ou seja, não somente criar uma legalização para Pála, mas também garantir um automóvel com chofer durante toda a estadia do

brasileiro.

Graças às informações de seu colaborador no Brasil (Petr, secretário comercial da embaixada), a StB sabe muito a respeito de Osak. Sabe, por exemplo, que sua esposa é uma pintora amadora, que Osak se interessa por câmeras de filmagem - filmes são seu hobby -, que gosta de se gabar por conhecer o ex-presidente Dutra, que é pacifista e não gosta de MacArthur, que conhece o atual ministro das relações exteriores Neves, que tem acesso ao presidente Vargas e, principalmente, que deseja fazer comércio com países comunistas, já que põe os negócios acima da ideologia.

Os planos da StB falharam desta vez, pois Osak chegara a Praga somente em maio e os agentes não conseguiram “pegá-lo” logo após a sua aterrissagem. Assim, depois de alguns dias sem o controle da StB, Osak acabou formando sua própria companhia para diversão ou festas. O hóspede brasileiro parou no hotel Alcron, prédio de 1932, construído no centro de Praga no estilo *art déco* tcheco, e lá encontrou um velho conhecido — o *cbargé d’affaires* uruguaio com sua família. Além de terem sido surpreendidos com a mudança da data de chegada, ficaria bem mais difícil para a StB infiltrar-se na companhia de Osak. Nos relatórios, contamos seis pessoas enviadas pela inteligência para fazer o cerco — três funcionários de carreira da StB e três agentes.

É óbvio que os planos do camarada Pavlis não deram certo. Todos os seis, entre eles duas mulheres, cercaram o hóspede brasileiro em um local no dia 22 de maio de 1952. Foi organizado um encontro “casual” em um bar no Barrandov, em Praga. O encontro durou até as quatro da manhã. Tentaram deixar Osak bêbado e as mulheres se dedicaram a seduzi-lo, mas quanto a isso Majerová, codinome de uma funcionária de 22 anos da StB (cujo nome era Ludmila Janícková, nascida em 18 de fevereiro de 1930), relatou que nada fora possível realizar, apesar de Osak ser um senhor muito charmoso e ótimo dançarino - o que a deixou surpresa, pois era de baixa estatura, obeso e já de uma certa idade.

Hotel Alcron

No automóvel (que era da StB, assim como o motorista — de acordo com os planos de Pavlis), em vez de ser paquerada por OSAK, o foi por um dos agentes. Ela e esse agente já estavam consideravelmente bêbados... Entretanto, o chefe da Câmara de Comércio manteve-se atento, bebeu pouco e foi cuidadoso com tudo o que fazia e falava, naquela noite e durante toda a sua estadia em Praga. O serviço de inteligência tchecoslovaco fez o que podia, mas Osak tratava todos os seus esforços como atos de hospitalidade: elogiou bastante o ambiente e demonstrou gratidão pelos presentes e facilidades, mas não permitiu nem por um segundo ser atraído para uma situação que o comprometesse, em que pudesse ser criada alguma abertura para a abordagem dos agentes.

Em Praga a StB não conseguiu nada, e Honza foi acionado para que continuasse as tentativas no Brasil, mas tudo terminou com o mesmo resultado. Em 1955, ficou decidido que "trabalhar" Osak já não fazia sentido, pois ele estava interessado "somente em que todo o comércio com a Tchecoslováquia fosse empreendido exclusivamente por sua pessoa, com o que não concordamos, e o nosso interesse por ele se enfraqueceu". Honza escreveu em seu relatório do Rio de Janeiro que "Osak evita fazer declarações arriscadas" e notou, também, que o alvo gostava de conversar apenas com pessoas de posição social semelhante e, além disso, era vaidoso e mesquinho. Em 1955, quando, na central em Praga, o camarada Peterka analisou a questão de "trabalhar" Osak, declarou que a experiência dos camaradas tchecoslovacos que tiveram contato com o empreendedor brasileiro foi negativa e, por isso, propôs o encerramento do caso.

Em novembro de 1953, Petr deixou o Brasil e passou a sua empregada doméstica para Treml. Isso lhe deu, juntamente com fundos adicionais enviados de Praga, possibilidade de se dedicar mais ao serviço de inteligência. Em 1º de

setembro de 1954 foi enviado ao Rio mais um funcionário do serviço de inteligência, igualmente um subtenente “verde”, como seu camarada Honza dois anos atrás, que, por sua vez, ficou bem satisfeito com a chegada de reforços. No entanto, em sua impetuosidade, Honza não pode evitar um pequeno comentário ao escrever seu relatório para Praga:

> “O Camarada MOLDÁN que foi enviado por um certo tempo não será muito útil, pois deve aprender o idioma. Não compreendo por que aprendeu aí o espanhol, já que há muito tempo se sabe que seria enviado para um país onde se fala o português”.

CAPÍTULO VII - OS ARQUIVOS MENTEM?

VAMOS IMAGINAR como era o ambiente da época dos serviços secretos do país comunista. No final dos anos 50, a *rezidentura* já estava trabalhando "normalmente" de acordo com os interesses do I Departamento e começou a obter seus primeiros sucessos: recrutar *agentes*, realizar, por meio deles *operações ativas*, ou seja, influenciar a opinião pública brasileira e a política, recolher informações valiosas e importantes. Essas formulações despertam uma impressão pejorativa, e por isso é necessário esclarecer o vocabulário escolhido.

Nas descrições deste livro apresentamos a ótica do serviço de inteligência tchecoslovaco, pois a reconstrução dos acontecimentos está baseada principalmente em documentos do serviço secreto comunista. Essa fonte não foi pesquisada até o momento, e traz nova luz aos acontecimentos conhecidos. Na época, a Tchecoslováquia não era um país soberano e encontrava-se sob influência soviética, ou seja, as tarefas realizadas no Brasil não eram somente de interesse da Tchecoslováquia (mesmo o fossem, em certo sentido), mas também - e sobretudo do bloco comunista com a União Soviética à frente. Os arquivos da StB são um acervo de documentos que demonstram as atividades concretas desse serviço.

A parte relacionada com o setor brasileiro nos permite ver como o serviço agia de fato. Quando escrevemos que alguém foi "agente" ou "informante" estamos usando a definição dos arquivos do serviço de segurança da Tchecoslováquia da StB. Talvez não seja, portanto, uma definição precisa, mas era assim que tal pessoa era classificada para a central de Praga dos anos 50 e 60, e isso queria dizer que a central delegava a essa pessoa — por intermédio do residente — descobrir informações importantes ou cumprir tarefas não raro designadas pela KGB, em Moscou. Todas as categorias de colaboradores, entre os cidadãos brasileiros, atuavam para Praga e Moscou. Para que o leitor possa avaliar, sozinho, se determinada pessoa agia conscientemente ou não, deve antes conhecer o conjunto de conceitos usado pela StB.

Prédio do mosteiro dos Cavaleiros da Cruz com Estrela Vermelha, antiga sede da StB, vista do cruzamento da rua Platnéřská com a Křížovnická

O I Departamento StB, ou seja, o serviço de inteligência no exterior da polícia secreta da Tchecoslováquia, realizava seu trabalho por meio de diferentes instruções, diretivas, etc. Os documentos que organizavam o trabalho do serviço de inteligência mudavam, mas vale a pena citar, por exemplo, o estatuto do I Departamento, anunciado na ordem secreta do ministro do interior do dia 22 de maio de 1954, em Praga. Neste documento o chefe do serviço de inteligência determina claramente que

> "o serviço de inteligência organiza o seu trabalho de acordo com os interesses da política de relações exteriores da República da Tchecoslováquia, da URSS e dos países de democracia popular, é direcionado por resoluções e recomendações do Comitê Central do KSC e do governo tchecoslovaco".

E o documento continua: "A estrutura de organização do primeiro departamento do Ministério do Interior é confirmada pelo Comitê Central do KSC e pelo governo tchecoslovaco". E aqui, por fim, temos a confirmação de duas teses: primeiro, a de que essa era uma polícia política, que servia a um partido político e subordinada a um país estrangeiro — a União Soviética. No estatuto, mais adiante, está escrito que entre as tarefas do serviço de inteligência encontra-se a aquisição de informações *confiáveis*, a luta contra os "serviços de espionagem estrangeiros que trabalham contra a República da Tchecoslováquia e a URSS" e trabalhos contra a emigração tchecoslovaca.

Já em 1954, no documento que determina as direções de atuação do serviço

de inteligência, podemos ler sobre a atividade de desinformação — a saber, no ponto referente à realização de operações especiais pelo serviço de inteligência encontra-se uma nota que define como uma de suas tarefas “desinformar os governos dos países capitalistas, seus Estados Maiores de suas forças armadas e serviços de informações civis”.

Neste documento, também temos a interessante informação de que o recrutamento para o trabalho no serviço de inteligência é feito por intermédio do Comitê Central do Partido Comunista da Tchecoslováquia, entre as pessoas “dedicadas ao partido comunista e ao governo da Tchecoslováquia que possuem formação superior ou média, bem preparadas politicamente e que conhecem idiomas estrangeiros”. De acordo com o Estatuto, um Residente num país estrangeiro pode ser “um funcionário com mais experiência, politicamente maduro, que deve ser aprovado pelo Comitê Central do KSC a pedido do MV”. Isso significa que, antes de tudo, um oficial do serviço de inteligência deveria ser um comunista cem por cento convicto e, além disso, os próprios comunistas (seu Comitê Central) decidiriam quem poderia realizar esse tipo de trabalho, pois esse era um serviço de inteligência partidário, ideológico.

No estatuto também estão determinadas as regras do serviço de inteligência, como quais meios concretos ele pode ter à sua disposição e que coberturas pode usar para o trabalho no exterior — por exemplo a possibilidade de enviar seus funcionários como empregados para o Ministério das Relações Exteriores, Ministério de Comércio Exterior, correspondentes da Agência de Imprensa da Tchecoslováquia (CTK, em tcheco: Ceská *tisková kanceláf)* e como membros de diferentes delegações comerciais, culturais, esportivas e outros tipos de delegações. Os postos de trabalho são escolhidos pelo chefe do ministério do interior e passam pela aprovação de outros ministros.

Como estamos entrando no período em que o serviço de inteligência da Tchecoslováquia atingiu sua maior eficiência no Brasil — no final da Segunda República Brasileira (1945-1964) —, nas páginas seguintes vamos empregar os termos usados nos documentos da StB e é necessário esclarecê-los. Quem era, segundo as definições da StB, um agente, um colaborador secreto, um figurante, etc.? O que era uma operação ativa? O que se deve entender da informação de que alguém foi um contato secreto ou figurante?

Citemos aqui as definições da Diretiva de 1964 (regulamento interno da StB para agentes em atividade no estrangeiro. Em tcheco: *Smèrnice pro agenturné operativní práci v zahranicí, srpen 1964)* sobre trabalhos operacionais para a rede de agentes no exterior. Nela, aparece novamente uma referência ao importante papel do KSC e da luta comum dos serviços de inteligência dos países do bloco socialista, com a União Soviética à frente, contra as intrigas dos

imperialistas e seus serviços de inteligência. A diretiva define quem são os principais inimigos: EUA, OTAN e RFA.[9]

De acordo com o art. 16 da diretiva, o funcionário do serviço de inteligência deve organizar o trabalho de contato com o objetivo de indicar as pessoas apropriadas com potencial de colaboração. Dessa maneira, o funcionário adquire o chamado *figurante* (em tcheco: *typ)* - o objeto de interesse. O artigo seguinte determina que o seguimento do trabalho com o figurante deve ser realizado de maneira a preparar o ambiente para o recrutamento. Assim, o figurante é uma pessoa pela qual o serviço de inteligência tem interesse e pode "trabalhar", tanto com a intenção de adquirir como agente como para cumprir somente um papel de cobertura.

Para nós interessam as categorias de *colaboradores secretos.* A diretiva os divide em:

a) *Agentes*
b) *Contatos secretos*
c) *Colaboradores ideológicos*

A) *Agente* (abreviação tcheca: A, de *agent*). E a pessoa designada para uma colaboração consciente com o serviço de inteligência da Tchecoslováquia ou adquirida sob "falsa bandeira" (ver Capítulo XXI — caso Kano e Lymo), que possui capacidade de cumprir tarefas de espionagem, mantendo um contato conspirado e subordinado disciplinarmente. É indicado pelo serviço de inteligência.

Na diretiva está escrito que os agentes do serviço de inteligência são adquiridos entre os cidadãos dos países imperialistas e capitalistas, mas *não podem* ser membros de partidos comunistas ou organizações sob a influência desses partidos. Decisões sobre exceções a essa regra podem ser tomadas somente pelo Comitê Central do KSC.

B) *Contato secreto* (abreviação tcheca: DS, para *düvèrny styk*). E uma categoria específica de colaboradores do serviço de inteligência. Sua colaboração é consciente, mas geralmente não sabem que estão adquirindo informações para o serviço de inteligência, e não para os órgãos legais tchecoslovacos.

O DS, assim como o *Agente*, possui capacidade de cumprir tarefas do serviço de inteligência de acordo com sua posição.

O contato com o DS deve ser organizado de maneira que não revele tratar-se

de atividade organizada do serviço de inteligência. O DS pode ser uma etapa de passagem para a função de agente. Não há recrutamento de DS: um *Figurante* torna-se um *Contato Secreto* quando começa a colaborar com regularidade e consciência. Não é exigido, como no caso do agente, um compromisso de colaboração por escrito.

C) *Colaborador ideológico* (abreviação tcheca: IS, para *ideospolupracovník).* É o cidadão da Tchecoslováquia maduro politicamente e incondicionalmente entregue ao socialismo, adquirido para uma colaboração secreta e regular. Nesta categoria são permitidos, e até recomendados, membros do KSC, mas não é permitido buscar IS entre funcionários e empregados de órgãos superiores do partido. Na diretriz está determinado onde o serviço de inteligência deve encontrar um IS: no MRE, MV, Ministério de Comércio Exterior, embaixadas, CTK. Enquanto é possível adquirir agentes segundo a convergência ideológica, desonra e até mesmo chantagem, um IS ou DS deve ser adquirido somente na base ideológica. E exigido um compromisso de colaboração por escrito.

Vale a pena citar o fragmento dedicado à questão da influência ideológica que o *órgão condutor* (abreviação tcheca: RO, para rídící orgán) é obrigado a exercer sobre os colaboradores, devendo, "desde o início, revelar-se ao contato como um marxista convencido". Está descrito não apenas o processo de educação ideológica e professional do agente, mas também de que maneira o funcionário do serviço de inteligência deve construir o laço com o colaborador secreto: "o funcionário do serviço de inteligência deve se interessar pela vida pessoal e familiar do colaborador e ajudá-lo a resolver seus problemas".[10]

Durante a fase de construção de um laço com o figurante deve ser criada uma impressão de amizade pessoal e confiança mútua, pois uma relação como essa oferece as possibilidades de aquisição de informações relativamente complexas sobre o futuro agente. Quanto mais o funcionário do serviço de inteligência soubesse, melhores possibilidades de trabalho teria. No documento também há referência sobre a premiação de agentes, assim como sobre a obrigação de controle constante desse núcleo pelos chefes, pois com dinheiro em jogo o abuso fica fácil. Os prêmios deviam ser documentados por uma declaração do agente, mas, se essa não fosse a forma mais indicada, o funcionário deveria escrever um relatório à central sobre a entrega de dinheiro.

A diretiva contém muita informação sobre as formas de trabalho no serviço de inteligência: "fala-se sobre a aquisição de documentos, aquisição de informações dos contatos e, principalmente, sobre a realização da chamada

política de influência, da realização de *operações ativas* (AO) e *desinformação.*

A) *Política de influência* (em tcheco: *vlivová politika):* "toda atividade de nosso aparelho estatal que tem como objetivo realizar ou reforçar os interesses da República Socialista da Tchecoslováquia e do bloco socialista [...] O serviço de inteligência participa na realização de nossa política ativa de influência, principalmente de maneira que adquire informações e documentos sobre as intenções políticas, militares e econômicas do inimigo, que podem servir para orientação e como um devido ou correto ponto de partida para a realização da política de influência".

B) *Operações ativas* (abreviação em tcheco: AO, de *aktivní opatrení).* No documento de 1964, no artigo 77:

AO é um projeto estritamente confidencial do serviço de inteligência que tem como objetivo apoiar a política de relações exteriores e de segurança mundial do bloco socialista ou a realização de uma tarefa concreta de operação. Neste artigo é especificado que para "reforçar o sucesso de uma AO e evitar a violação de interesses de países socialistas, as AO são realizadas com a colaboração ou após informar a KGB e outros serviços amigos de espionagem".[11]

C) A *Desinformação* está descrita no citado documento como "parte importante e indispensável do serviço tchecoslovaco de inteligência e contrainteligência na luta contra os serviços inimigos". Está definida também como "todo empreendimento do serviço de inteligência tchecoslovaco que tem como objetivo mentir ao adversário por intermédio de informações e documentos modificados e inverificáveis".[12]

Para responder à pergunta do título deste capítulo, é necessário declarar que os artigos nos permitem conhecer os documentos internos, marcados como secretos. Eram documentos estritamente confidenciais elaborados para o governo de então — a StB servia ao KSC, ou seja, ao partido político que governou a Tchecoslováquia de 1948 a 1989. Por ter crescido nesse regime, a minha experiência é confirmada pelo conhecimento histórico e posso afirmar que vivi num país da mentira. A verdade era escondida, como acontece em todos regimes totalitários. Na Tchecoslováquia não havia imprensa livre, não havia nenhum controle sobre as autoridades, não havia nenhuma maneira legal de se opor a elas. Por isso a verdade, naquela época, era perigosa — principalmente para os governantes.

Os arquivos da StB eram arquivos de autoridades que tentavam esconder a verdade para manter o seu poder. Nenhum arquivo de serviço de inteligência é aberto aos cidadãos, mesmo nos sistemas democráticos - mas estamos falando de documentos secretos da polícia política, e não de uma estrutura comum que tinha a intenção de servir aos cidadãos de seu país. O problema com o serviço de inteligência tchecoslovaco é que, de um lado, trabalhava como qualquer serviço de inteligência normal, utilizando meios operacionais e procurando obter informações importantes e verdadeiras, porém, por outro lado não servia ao seu país, mas a um partido político e, pior ainda, a um império estrangeiro, que lhe "presenteou" com seu sistema político para depois ocupa-lo.

O governo mentia aos cidadãos, mas não mentia para si mesmo, pois, para manter o poder e ser eficaz, tinha de conhecer a verdade. Mesmo sendo ideológico, o serviço de inteligência lutava contra o principal inimigo, o mundo democrático, e, por isso, tinha de elaborar um reconhecimento objetivo deste campo batalha. Em nome da eficiência e utilidade para o poder não podia, como fazia a ideologia comunista, permitir uma multiplicação da ficção, mas devia basear-se em informações verdadeiras.[13]

Isso não significa que não tenha sido vítima de manipulações, jogos operacionais ou reconhecimento incorreto de pessoas, e mostraremos casos desse tipo, ocorridos também no Brasil, nas próximas páginas do livro. O objetivo do trabalho do serviço de inteligência no estrangeiro era obter informações verdadeiras — e, melhor ainda, secretas.

Também não podemos esquecer que, assim como toda a StB, o serviço de inteligência possuía uma estrutura baseada no modelo militar e a disciplina dominante também era essa. Os oficiais faziam um juramento; existiam graduações, assim como no exército; disciplina; ordens; responsabilidade penal; princípios de conspiração — tudo isso para alcançar o máximo de eficiência possível. Cada funcionário estava sujeito a um controle forte e detalhado; não podia fingir que estava agindo ou mentir aos seus superiores - caso contrário seriam severamente punidos.

Nos tempos da Guerra Fria, o Brasil não era inimigo da pequena e distante Tchecoslováquia, e esse era um dos argumentos usados pelos residentes (oficiais do serviço de inteligência) tchecoslovacos para conquistar a confiança de seus informantes e colaboradores. Para um cidadão de um país democrático - e o Brasil, sem dúvida, era democrático -, esse dado parecia verdadeiro e lógico. Que interesse o pequenino país poderia ter com o Brasil? No máximo um interesse comercial. O serviço de inteligência agiu nesse âmbito, e geralmente o intercâmbio comercial entre os dois países era vantajoso em alguns casos isolados.

Entretanto, não podemos esquecer que, como maior país da América Latina, o Brasil era fundamental para os jogos manipulados pelo império soviético, e os espiões tchecos em território brasileiro não representavam somente o seu país: era para a União Soviética que o Brasil tinha grande significado, e o serviço de inteligência tchecoslovaco era apenas um instrumento.

Também por isso o I Departamento de Praga não podia permitir atividades simuladas. Seu trabalho no Brasil deveria ser realizado com objetividade, pois, acima dele, havia alguém mais forte e exigente vigiando. Será, então, que os arquivos da StB em Praga mentem? Os documentos não foram feitos para mentir. A falta de conhecimento do contexto e situação pode nos induzir ao erro, e podemos nos tornar vítimas da própria ignorância ao interpretar os fatos das pastas. Como foi relembrado acima, os arquivos apresentam somente um fragmento de uma realidade mais ampla e mais complicada. E um fragmento importante, desconhecido e, por isso, interessante em meio a sua enorme totalidade. Porém, não há dúvidas quanto à sua qualidade: estudando as pastas da StB podemos ver que havia um esforço para verificar as informações, que se buscava a verdade e que se tentava, na medida do possível, obter o conhecimento completo. Somente uma abordagem como esta poderia garantir a eficiência no trabalho do serviço de inteligência estrangeiro em solo brasileiro.

CAPÍTULO VIII - O SERVIÇO DE INTELIGÊNCIA COMPRANDO PALETÓ

EM 1959, Jânio Quadros, então político de oposição, fez uma visita a Moscou e Leningrado (hoje São Petersburgo) acompanhado por um tradutor, de quem ficou amigo. Durante os encontros com os soviéticos, e de acordo com as declarações do tradutor, Quadros garantiu que estava do lado da União Soviética. Segundo A. Fursenko e T. Naftali no livro *Jogo infernal. História secreta da crise do Caribe 1958-1964*,[14] Quadros se encontrou novamente com o tradutor em 1960, em Havana, quando este estava em Cuba não como o tradutor ou jornalista que fingia ser, mas como oficial da KGB. Fazia parte, portanto, do serviço de inteligência soviético do I Departamento da KGB, e seu nome era Alexandr Ivanovich Alexeyev — um dos personagens mais importantes durante a crise do Caribe.

Como era um oficial de alta patente no serviço secreto, Alexeyev tinha acesso ao líder cubano Fidel Castro. Jânio Quadros não sabia a verdadeira identidade de Alexeyev, e garantiu a seu amigo que "quando eu chegar ao poder, e chegarei com 100% de certeza, você será o primeiro a receber o visto". Em outubro de 1960 Jânio Quadros foi eleito Presidente do Brasil, e para Moscou havia chegado a hora de cobrar a promessa. O Kremlin decidiu usar o bom relacionamento entre o presidente e o espião, e Alexeyev fora chamado imediatamente de volta a Moscou para assumir uma nova e muito importante tarefa. "Você vai voar para o Brasil" — recebeu a ordem diretamente do líder soviético Nikita Serguêievitch Khrushchov.

Os soviéticos não contavam somente com a amizade pessoal entre o funcionário e o presidente brasileiro. Para organizar a viagem com perfeição — a primeira desde 1947, quando as relações diplomáticas foram interrompidas pediram ajuda ao serviço de inteligência tchecoslovaco. Os russos sabiam muito bem que os tchecos já tinham por aqui uma *rezidentura* de agentes funcionando a todo vapor — todos os relatórios e todos os documentos relacionados ao trabalho da rede de agentes no Rio passaram pelas mãos dos assessores soviéticos em Praga e eram regularmente entregues a Moscou.

Nas fontes oficiais russas há muitas informações sobre Alexeyev. Vale a pena analisar quem era esse homem enviado por ordem do líder soviético para encontrar-se com o presidente brasileiro e reatar as relações diplomáticas.

O sobrenome verdadeiro de Alexeyev era Shitov. Nasceu em 1913 e entre

1935 e 1939 estudou História na Universidade de Moscou. Mesmo antes de entrar para o serviço secreto soviético já possuía experiência em combate, pois em 1938 lutara na Espanha como chefe de um grupo de conselheiros soviéticos. Passou a fazer parte do serviço em 1941 sob o codinome Alexeyev, e sua missão era permanecer no local e atuar na retaguarda caso os alemães tomassem Moscou. Passou os três anos seguintes como funcionário do serviço de inteligência no Irã e no norte da África. Entre 1944 e 1951 foi oficialmente *attacbé* na embaixada soviética em Paris, e em seguida, de 1954 a 1958, trabalhou na embaixada em Buenos Aires.

No livro russo sobre o serviço de inteligência da União Soviética no exterior está esclarecido que sua atividade de espionagem na Argentina abrangia toda a América Latina. Em outubro de 1959, a diretoria da KGB o enviou para Cuba como correspondente da agência de imprensa TASS, para que se orientasse sobre a situação e estabelecesse contato com os chefes da revolução em Havana. Como descreve o livro, essa missão foi cumprida com excelência por Alexeyev. De 1960 a 1962 foi conselheiro na embaixada soviética, o que o configurou como o personagem mais importante da KGB em Cuba: conhecia Fidel Castro, Raul e Che Guevara pessoalmente, e tinha total acesso aos líderes.

Segundo informações do livro *Plutônio para Fidel. Trovão turco, eco caribenho*, de Anna Granatova,[15] Shitov voou para Cuba em 1959 usando seu sobrenome verdadeiro. Sua tarefa era convencer os líderes da revolução de que seu movimento dialogava com os ideais soviéticos. Após um mês no país, Alexeyev já intermediava os contatos entre diplomatas cubanos e soviéticos, e foi ele que conduziu as assinaturas dos primeiros acordos comerciais e possibilitou a concessão de um empréstimo de 100 milhões de dólares com juros incrivelmente baixos. Foi também através de Alexeyev que Castro pediu armas a Khrushchov. De 1962 a 1968, período mais importante de sua carreira, cumpriu a função de embaixador de seu país em Cuba. Em seguida voltou a Moscou para, depois, tornar-se embaixador em Madagascar. Aposentou-se em 1980 e faleceu em 2001.

Segundo fontes oficiais russas e os arquivos de Praga, Alexeyev foi funcionário dos serviços especiais soviéticos desde 1941. Mesmo tendo cumprido diferentes funções ao longo da vida - jornalísticas, culturais, científicas e diplomáticas -, sempre foi, antes de tudo, um funcionário da KGB.

Voltemos aos arquivos tchecos, segundo os quais podemos reconstruir a missão de Alexandr Ivanovich Alexeyev[16] no outono de 1961. Apesar de sua amizade com Jânio Quadros e mesmo com a garantia de que o próprio presidente cuidaria para que Alexeyev recebesse o visto brasileiro, a central da KGB contatou sobre a questão com a StB na metade de março de 1961. Certamente foi

a eficiência demonstrada pelo oficial em Cuba, onde as coisas estavam esquentando, que motivou as autoridades soviéticas a enviarem-no ao Brasil. Não um diplomata, não um político, mas um experiente e eficiente oficial do serviço de inteligência. Como o maior país da América Latina, o Brasil devia ser uma incrível tentação para a União Soviética, e a política de Jânio Quadros e sua simpatia declarada pela URSS pode ter motivado os estrategistas a tentarem repetir o sucesso de Alexeyev em Havana. Não quiseram, entretanto, contar apenas com a amizade pessoal entre o oficial da KGB e o presidente: era necessário fazer o possível para que a nova missão trouxesse os efeitos esperados. O efeito mínimo seria reatar as relações diplomáticas. E o máximo? Podemos apenas imaginar. Enquanto não forem abertos os arquivos de Moscou, não temos condições de reconstruir essa história.

Anos depois, Alexeyev recordou que recebeu a ordem de voltar de Havana a Moscou no começo de abril de 1961. Os soviéticos já estavam preparando a ação, pois desde fevereiro a StB vinha lidando com a questão do visto.[17] Na nota de serviço de 24 de fevereiro consta a informação de que os soviéticos pediram para que resolvessem a questão do visto, mas isso não foi possível na embaixada brasileira pois bem nesse período as relações entre os países estremeceram: quatro estudantes[18] brasileiros foram brutalmente espancados em Praga por protestarem contra o governo, alegando que haviam sido enganados pelas condições prometidas nas bolsas de estudo, que pintavam uma terra de liberdade e prosperidade completamente diferente daquela que encontraram. Segundo relataram à imprensa após retomar ao Brasil, os agressores seriam tchecos e outros brasileiros comunistas, também “estudantes” no país.

A partir desta nota conclui-se que Praga não sabia ao certo para quem o visto seria destinado. A nota também traz um pedido: na mesma data estava sendo encaminhada uma requisição de visto para um grupo de húngaros que viajariam com passaporte diplomático, e essa era a situação propícia para resolver a questão na *rezidentura* no Rio, através do embaixador da Tchecoslováquia. Em 13 de março a mencionada *rezidentura* foi informada que chegariam recomendações do MRE de Praga solicitando o visto para o soviético Alexeyev, que iria ao Brasil com passaporte diplomático alegando férias - mas que, na verdade, a viagem tinha interesse político e comercial e esse assunto era secreto. Em 15 de março, a *rezidentura* respondeu que o embaixador não pretendia fazer nada, pois os interesses soviéticos no Brasil eram representados pela embaixada polonesa.

Certamente foram dadas ordens mais incisivas, pois há um registro de 18 de março assinado pelo próprio embaixador Kuchválek garantindo que ele conversou com “Da Cunha”, conhecido de Alexeyev (Vasco Tristão Leitão da

Cunha, embaixador brasileiro, de fato o conhecera um ano antes, em Havana), e havia uma promessa de avaliação positiva quanto ao visto. Em 23 de março a *rezidentura* informou que a questão estava resolvida, porém, no último dia do mês, Praga alarmou a *rezidentura* no Brasil, alegando que na representação brasileira da cidade não havia visto nenhum para o "turista" soviético. Foi ordenado que o embaixador tchecoslovaco interviesse imediatamente. Em 9 de abril o residente Nesvadba, do Rio de Janeiro, informou em pânico que no departamento de vistos do Itamaraty ninguém nunca ouvira falar nesse nome. Desconfiava que a questão estivesse sendo conscientemente sabotada por lá, já que a recomendação fora dada por (João) Dantas. Dia 11 de abril, finalmente, houve um progresso, pois "Jânio" se encarregara pessoalmente da questão e a embaixada brasileira em Praga forneceria o visto.

Em 21 de abril, Praga, num tom mais calmo, informou à *rezidentura* no Brasil que Alexeyev chegaria ao Rio pela companhia SAS dia 23 de abril, domingo, às 12:30h. No aeroporto, o camarada Jezersky — "para quem informamos que Alexeyev é um órgão do serviço de inteligência soviético" — estaria à espera do diplomata soviético. Durante toda a estadia de Alexeyev no Brasil, Jezersky ficaria à sua disposição.

Em 25 de abril chega a confirmação de que Alexeyev aterrissara com sucesso no Rio de Janeiro.

A visita do superespião soviético, que foi possível graças aos esforços dos funcionários tchecoslovacos, provavelmente não correu como ele imaginava. Terminou com sucesso, mas à custa de muita paciência. Os tchecos o levaram do aeroporto para o hotel Miramar, onde já havia um quarto reservado. Mostraram-lhe a cidade, ajudaram-no a trocar dinheiro e a "comprar um paletó e outras peças de roupa, além de uma mala e presentes". E possível concluir que, na opinião dos tchecos, a roupa que vestia e a que possuía na bagagem não eram apropriadas para uma audiência com o presidente, e até em uma questão simples como esta tiveram de ajudar. Também arrumaram transporte até o aeroporto, onde lhe compraram a passagem para Brasília.

Hotel Miramar, por Karel Kadlec

Alexeyev voou até a capital duas vezes, pois da primeira vez, inesperadamente, o presidente precisou deixar a capital por alguns dias. Em 26 de abril, por intermédio de seu secretário José Aparecido, o presidente pediu ao amigo soviético para que o encontro ocorresse dia 5 de maio.

Na realidade, a reunião no gabinete presidencial pôde ser marcada graças ao contato do camarada Bakalár, um outro residente tchecoslovaco em Brasília. Ele se ocupava de um figurante de codinome Mogul (usava-se também o codinome Robert), na verdade Geraldo R.,[19] que foi "trabalhado" pelas atividades legais do serviço de inteligência e não servia, em hipótese alguma segundo Bakalár, para ser recrutado como agente "devido à sua convicção fortemente católica e conservadora". Mogul trabalhava no gabinete presidencial, na seção cultural, e — mais importante — para ele, o fato de um diplomata tchecoslovaco buscar contato era de grande importância. Não sabia, é claro, que tratava-se de um espião, então o ajudou de forma voluntária ou como retribuição aos 400 cigarros americanos Phillip Morris. Geraldo conhecia bem o secretário pessoal do presidente e precisou de poucos minutos para organizar o encontro. Graças ao acesso até o secretário, as portas de Quadros foram abertas para Alexeyev. Por esse favor, Mogul recebeu louças tchecas como retribuição.

É importante compreender que Mogul foi apenas um entre dezenas de "trabalhados" pelo serviço de inteligência tchecoslovaco no Brasil. Não foi um agente e não deu nenhuma informação secreta: era o "contato legal", uma camuflagem. O suposto diplomata Bakalár, que operava no Brasil, usava Mogul

para camuflar contatos mais importantes. Entretanto, até mesmo um conhecido como esse, aparentemente sem grande utilidade, serviu aos interesses da StB e da KGB. Obviamente, Mogul não imaginava com quem estava lidando e a quem de fato estava ajudando. Para ele, o amigo tchecoslovaco era apenas um diplomata.

Voltemos ao turista soviético. Depois do encontro Alexeyev voltou para o Rio, onde — conforme o relato — passou o tempo principalmente com uma família de imigrantes russos em uma excursão para São Paulo e Teresópolis.

O encontro com o amigo aconteceu somente em 5 de maio de 1961. Alexeyev voou novamente para Brasília, onde teve uma longa conversa pessoal com o presidente Quadros. O espião relatou o conteúdo da conversa para Moscou por intermédio da *rezidentura* tchecoslovaca e por Praga, e por isso conhecemos todo o conteúdo deste relatório.

Quadros recebeu o enviado soviético de maneira cordial e amistosa. Alexeyev lhe passou as saudações pessoais do líder soviético Khrushchov. O presidente brasileiro agradeceu e reagiu com a seguinte declaração:

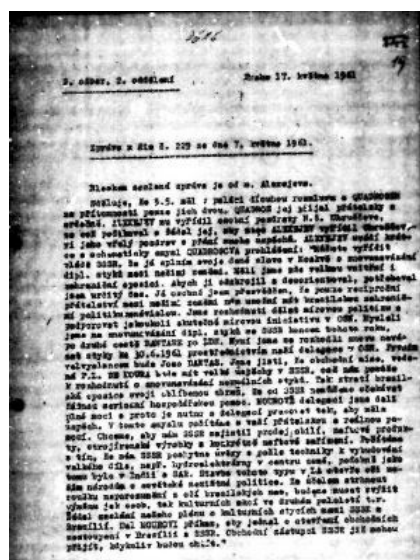
> “O senhor pode dizer ao governo da URSS que mantenho minhas palavras ditas em Moscou sobre o reatamento das relações diplomáticas entre nossos países. Tivemos por aqui uma enorme oposição interna. Para poder desarmá-la e desorientá-la, precisei de um pouco de tempo”.

Em seguida, o chefe de estado brasileiro teria garantido a seu interlocutor soviético que “somente uma amizade mútua entre nossos países possibilita ao Brasil a realização de uma política exterior realmente independente”. Revelou também um plano concreto de reatamento das relações através da missão na ONU e citou João Dantas, primeiro embaixador brasileiro em Moscou. Durante a conversa, Quadros esclareceu como vê as relações comerciais e o que o Brasil espera da União Soviética: “Nós queremos que a URSS nos garanta a venda de trigo, produtos petrolíferos, equipamentos da indústria de máquinas e indústria petroleira”. Lembrou também que seu país “conta com créditos” e, ao mesmo tempo, deu a entender que a missão comercial soviética pode iniciar atividades em seu país assim que quiser.

Alexeyev, é claro, perguntou também sobre o assunto que mais lhe interessava, Cuba, e Quadros o convenceu que “fará pessoalmente tudo o que for possível para defender a soberania cubana”. Garantiu que “sente grande simpatia por Castro e pelos outros líderes cubanos”, mas não se esqueceu de acrescentar que “no Brasil existem forças que exercem pressão sobre ele para que ocupe uma posição anticubana”. Quadros disse que, infelizmente, o próprio Castro

contribuiu para isso ao anunciar a luta contra os padres. O presidente revelou a Alexeyev os meandros da política brasileira — esclareceu que no momento sua posição era fraca, e por isso devia manobrar e "ocupar uma posição mais indecisa" e "indefinida, no que diz respeito a Cuba".

Após sair da audiência, Alexeyev respondeu aos jornalistas de plantão que viera a Brasília como turista e não possuía nenhuma tarefa do governo soviético. No final do relatório há uma reflexão pessoal do enviado soviético: "Quadros deseja empreender uma política mais independente dos EUA e, fazendo esse jogo, pretende adquirir vantagens econômicas tanto dos EUA como dos países de democracia popular" (bloco soviético). Para Alexeyev, a economia brasileira passava por uma situação difícil e, por isso, Quadros precisava de ajuda. Aconselhou o líder soviético a enviar-lhe saudações pessoais, para que Quadros não pudesse nem pensar em recuar das promessas feitas em Moscou.

Em seu relatório, o oficial da KGB dedicou também algumas palavras à StB: "Durante a realização de minha tarefa, os amigos tchecos me concederam muita ajuda em Praga e no Rio. Dia 6 de maio de 1961. Assinado: Alexeyev".

O espião soviético deixou o Rio em 18 de maio. Não sabemos o que fez no Brasil a partir do dia 5, mas todos os dias esteve em contato com os oficiais tchecoslovacos do serviço de inteligência informando-se sobre a situação internacional e a política brasileira. Visitou pelo menos uma vez a embaixada polonesa e garantiu o contato com o segundo secretário da embaixada soviética em Montevidéu, a quem conhecia pessoalmente e que havia chegado recentemente ao Rio. É possível que o secretário em questão também tenha sido oficial da KGB. Seu nome era Karen Armenovich Khachaturov (1927-2005):

historiador, jornalista e diplomata que dedicou toda a vida ao tema da América Latina - lançou na URSS, na década de 1970, o título *Subversão ideológica sob pretexto de informação: o controle dos USA nos meios de comunicação em massa na América Latina.*[20]

No arquivo ABS em Praga existe um documento diretamente relacionado à estadia do camarada Alexeyev no Brasil. Trata-se da nota de um funcionário do serviço de inteligência tchecoslovaco sobre a vigilância do hóspede soviético pela polícia política brasileira no dia da partida. Entende-se que o objetivo da observação, feita de maneira pouco competente ou conscientemente aberta, era certificar-se de que Alexeyev deixara o país.

Ainda em maio, por intermédio de seus conselheiros no MV de Praga, os soviéticos solicitaram à StB o uma operação ativa no Brasil. Não foi a única ação do tipo naquele ano. Desde 23 de novembro de 1961, ou seja, do reatamento das relações diplomáticas entre Brasil e URSS, passaram a atuar no país pelo menos dois serviços secretos ameaçadores, pois não existem dúvidas que, na embaixada soviética, desde o início, a *rezidentura* do serviço de inteligência no estrangeiro da KGB fizera um ninho.

CAPÍTULO IX - DEVAGAR, DEVAGARINHO

A COLABORAÇÃO entre os serviços de espionagem da União Soviética e da Tchecoslováquia no Brasil a partir do final de 1961 tomou um novo rumo. No arquivo da ABS em Praga encontramos algumas pastas relacionadas à colaboração — assim foi definido — com os amigos. Nelas estão anotados os contatos da StB com os serviços de espionagem de países socialistas, principalmente a KGB.

Ainda falaremos sobre este tema, mas antes voltemos às atividades dos funcionários tchecoslovacos do serviço de inteligência. Após os anos iniciais de um tedioso trabalho de aprendizado e reconhecimento do terreno, no final da década de 1950 os primeiros efeitos vieram à tona. As dificuldades que quase paralisaram o trabalho dos funcionários do serviço de inteligência são comprovadas pelo relatório do subtenente Moldán, que voou para o Rio em 1 de outubro de 1954 como reforço para o camarada Treml. Um ano depois, ao avaliar um relatório com os resultados de seu trabalho no Brasil, o oficial da espionagem escreveu que estava "trabalhando" certo jornalista, com o qual criou uma relação quase amigável, mas não podia convidá-lo para visitar seu apartamento pois "tenho móveis muito sujos (estofamento e tapeçaria) e até agora não consegui receber do ministério das relações exteriores permissão para comprar uma nova tapeçaria. Com móveis como estes, não é possível convidar ninguém, simplesmente é uma vergonha".

A Central deve ter ficado furiosa ao ler este tipo de reclamação, mas essas questões foram gradualmente solucionadas e os residentes passaram a contar com recursos que não restringiam as suas atividades. Em 4 de outubro de 1955, o camarada Moldán relatou a Praga a aquisição do colaborador brasileiro Arab, que deveria receber mensalmente de 2 a 5 mil cruzeiros por informações. Ao mesmo tempo, estava "trabalhando" dois figurantes: Mato (ver Capítulo XI) e Vána (que depois recebeu o codinome Lom). Nos três anos seguintes, as fileiras de colaboradores e figurantes brasileiros aumentaram significativamente.

Com a participação do serviço de inteligência, em 1955 foi fundado o Instituto de Amizade Brasileiro-Tchecoslovaco, com sede em um apartamento privado. O presidente da associação foi o juiz Osny Duarte Pereira e entre os membros estavam o escritor Jorge Amado, seu irmão, alguns deputados e jornalistas. Após um ano de existência, o residente fez uma avaliação crítica da atividade do Instituto: "Não fazem nada e disso resulta... e pior ainda... —

reclamou — Amado é um grande tagarela e tem má-influência sobre o embaixador tchecoslovaco, que também fala mais do que faz e como agente é praticamente inútil". Em 1956, em uma carta a Praga, o camarada Moldán faz uma avaliação do trabalho da *rezidentura* e informa que, na verdade, o único agente útil é Arab (os outros contatos estavam apenas começando a ser trabalhados). Elogia o trabalho dos agentes recrutados ainda na Tchecoslováquia, os IS, mas a sua utilidade é limitada, pois eles não eram brasileiros e por isso não tinham condições de infiltrar-se nos ambientes mais interessantes para o serviço de inteligência (parlamento, partidos políticos, governo, gabinete do presidente, Itamaraty, etc.).

No que diz respeito aos ambientes de interesse, o oficial da StB declara que "o governo, por enquanto, está inacessível para nós. Até o momento não tivemos condições de penetrá-lo. Quanto ao parlamento existe uma chance, caso consigamos adquirir como informante um deputado que foi 'trabalhado'" (Frota M.). Na opinião de Moldán, também não eram acessíveis então ambientes como partidos políticos, polícia e diplomacia.

Em 1957, ao determinar as tarefas principais para a base no Rio de Janeiro, a Central praticamente repetiu as orientações anteriores:

> "A principal tarefa do trabalho de espionagem é adquirir uma rede de agentes que terá condições de fornecer informações secretas de importância para o serviço de inteligência, da chancelaria presidencial, do parlamento, ministério das relações exteriores... sobre os planos políticos, econômicos e militares do governo brasileiro".

De acordo com esse plano fica claro que desde 1952 seus objetivos ainda não haviam sido alcançados; por isso a Central exigiu que a aquisição de contatos fosse intensificada. No plano para 1957 sabemos que a StB trabalhava tanto com agentes brasileiros - Mato, jornalista; Vána, economista; Maly, funcionário da polícia de São Paulo; Arab, jornalista com chance de obter trabalho no Ministério de Relações Exteriores; além dos agentes de nacionalidade tcheca e eslovaca: Carlos, Borek, Benda e Marcela. A *rezidentura* também vinha tentando "trabalhar" mais onze brasileiros. Um documento de março de 1957 informa que a rede de agentes estava começando a fornecer materiais de valor, como um relatório interno sobre o funcionamento da companhia Petrobrás entregue ao MRE tchecoslovaco.

Em 16 de janeiro de 1958, o tenente Bakalár informou Praga sobre uma nota na imprensa dizendo que o comandante da polícia, general Kruel, informou ao ministro da justiça que as embaixadas da Tchecoslováquia, Hungria e Polônia

realizavam no Rio uma atividade de espionagem em prol da União Soviética e que podia provar isso. O residente viu nessa notícia um alarme contra o reatamento das relações diplomáticas com a URSS. Hoje sabemos que a notícia era verdadeira, pelo menos no que diz respeito à Tchecoslováquia. No entanto, ou o general Kruel não tinha provas suficientes ou elas foram ignoradas pelas autoridades, pois, até 1964, os oficiais do I Departamento e sua rede de espionagem agiram no Brasil sem maiores problemas.

Praga também fora informada que na imprensa local vinham surgindo insinuações que acusavam diversas delegações culturais ou esportivas de países socialistas de serem, na verdade, expedições de espionagem, sempre acompanhadas de algum agente do serviço de inteligência. Por esse motivo, a entrada de delegações como essas no país não devia ser permitida.

Em 1958, a base se esforçava para trabalhar cada vez melhor, mas a Central em Praga exigia ainda mais. Nas cartas enviadas ao Rio criticava o residente pela fraqueza ao dirigir seus subordinados e pela inutilidade das informações dos numerosos relatórios. Reclamava que a situação material dos oficiais do serviço de inteligência já havia sido resolvida e que eles já dispunham de recursos suficientes. E o que podemos ver, por exemplo, em uma nota relacionada com a distribuição de presentes:

> “Vocês têm toda a liberdade quanto à entrega de presentes. Entretanto, é necessário que eles sejam entregues para as pessoas das quais realmente possamos esperar algo importante para o nosso trabalho. Com esses, nunca faremos economias. Mas não existe absolutamente nenhuma permissão para que vocês deem presentes, por exemplo, vodca de ameixas, para pessoas duvidosas, que não oferecem nenhuma vantagem. Isso serve principalmente para o camarada Motycka (funcionário da *rezidentura*), que distribui vodca de ameixas para cada pessoa que encontra pela frente e — segundo ele mesmo escreve nos relatórios — as pessoas ‘aceitam com prazer’. Isso não nos surpreende, mas talvez surpreenda os favorecidos, sobre a troco de que, realmente, estão sendo presenteados. Favor lembrar que o presente é uma ajuda para vocês no afeiçoamento e aproximação das pessoas que nos interessam ou das pessoas que são úteis para nós. Em qualquer outra situação, presentear é um desperdício”.

Essa repreensão que os funcionários do serviço de inteligência receberam no ano de 1957 mostra que, mesmo após os treinamentos em Praga, esses agentes aprenderam a profissão somente no local de destino e com instruções da Central.

No plano de trabalho (para a base no Rio de Janeiro) de 24 de julho de 1957, aprovado pelo coronel Miller, chefe do I Departamento, podemos ler sobre o quanto havia sido feito, na linha dos principais objetos de interesse:

> "a chancelaria presidencial não está servida de agentes, foi 'trabalhado' o figurante ARMANDO, que está empregado no objeto. As condições até o momento são muito deficientes e o Itamaraty, até agora, não está servido. Foi 'trabalhado' o figurante CYRIL, mas alguns anos atrás foi despedido do objeto, mesmo tendo amigos por lá. O Parlamento — não servido, está sendo trabalhado o figurante MONTEIRO, que é um deputado. Na Confederação dos Industriais Brasileiros, temos o agente VÁNA, mas ele é pouco aproveitado".

Podemos ver que, do ponto de vista do serviço de inteligência comunista, a situação no Brasil melhorara um pouco em relação às avaliações anteriores, mas continuava sem motivos para comemorações. Temos também a avaliação do IS Alberto, cidadão tchecoslovaco conselheiro da embaixada. Sobre ele, foi escrito que era fraco no trabalho. Havei, por sua vez, por enquanto não fizera nada para o serviço de inteligência. Cláudio — delegado comercial da companhia Metalimex — "acabou de chegar ao Brasil". Há muitas informações que não são claras a respeito dos figurantes trabalhados. Sobre Cyril, por exemplo, dizia-se que "é necessário descobrir por que foi despedido do Itamaraty". E possível perceber, através das anotações, que a Central era bem exigente e não se deixava enganar por relatórios bem feitos. Aprendera, também, a considerar a inflação e decidira que seus oficiais deveriam receber maiores salários.

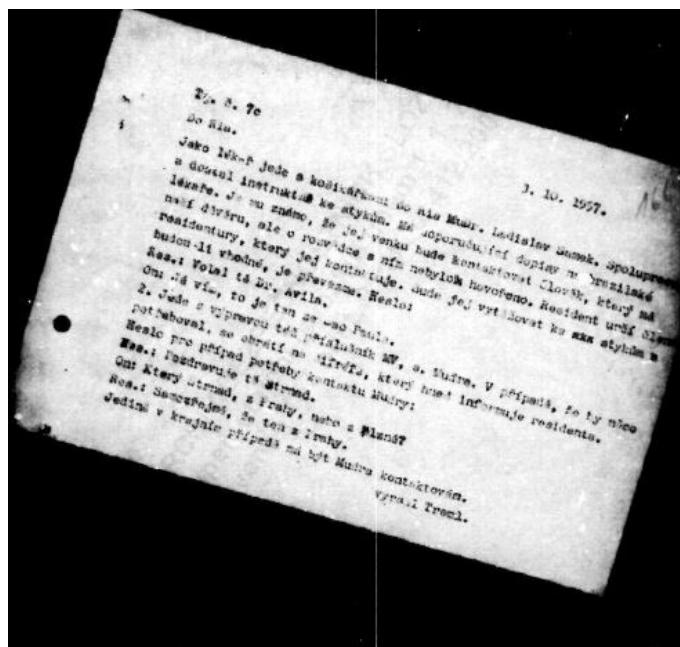
Através das pastas também podemos conhecer a cozinha, ou seja, como era a preparação do oficial para o serviço na América Latina. Na pasta de correspondência operacional entre a Central e o Rio há um pedido sem data para que o primeiro-tenente Nesvadba fosse enviado a Barcelona como tradutor do clube de futebol Spartak Sokolovo. Na justificativa deste pedido está escrito que o camarada em questão trabalhava na Central, na seção da América Latina, iria em seguida para o Rio e uma viagem à Espanha seria útil devido ao idioma. As suspeitas da imprensa brasileira a respeito das expedições esportivas de países socialistas encontram uma confirmação nesse pedido.

Na segunda de 1957 podemos ver que os funcionários do serviço de inteligência no Rio reagiram às críticas da Central e começaram a alargar a sua base de contatos. E possível afirmar que "jogaram a rede". Nem todo mundo caía, mas, quanto mais jogavam - e Praga exigia isso -, mais aumentavam a possibilidade de uma boa pesca. Assim, deve-se acrescentar aos novos contatos

o secretário da federação industrial de São Paulo (Burda); o deputado federal do Partido Socialdemocrata (Narcis), de quem um irmão fora presidente da Petrobrás, e outro, governador do estado do Paraná; o deputado federal pela UDN (Caruso); o funcionário do parlamento (Gordon), e outros. O fato de essas pessoas terem recebido codinomes não significa que se tornaram agentes ou informantes - era simplesmente a prática da StB.

De acordo com as informações que temos até o momento, essa pesca não rendeu. Não foram obtidos novos colaboradores, mas, como podemos ver, o trabalho não se limitava mais a imigrantes ou pessoas com pouca importância: o serviço de inteligência já tinha condições de obter contatos naqueles ambientes políticos. Mesmo assim, no terceiro trimestre de 1957 a central chamou a atenção da base no Rio mais uma vez, alegando que "o estado de realização do plano determinado para o presente ano é extremamente insuficiente". Praga ressalta que "a presente situação política no Brasil criou para nós uma base larga e apropriada, graças à qual é possível escolher figurantes em todos os objetos de nosso interesse, começando pelo MRE e terminando nos americanos: *tratam-se de nacionalistas... a base de nacionalistas deve ser trabalhada e aproveitada ao máximo"*.

Praga também instrui os espiões sobre a questão dos figurantes: após a análise das informações sobre eles decidiram não levar alguns trabalhos adiante, e os nomes de Miranda, Gaia, Venda, Moura e Horácio saíram da lista. Em seguida, a Central sugere novos candidatos e ordena que a base avalie a possibilidade de contato e futuro recrutamento.

Cada oportunidade contava para o serviço de inteligência. Por isso, não é de se admirar que a StB aproveitou até mesmo o campeonato mundial de basquetebol feminino organizado aquele ano no Brasil. Na nota de 3 de outubro de 1957 podemos ler uma informação que confirma que os espiões acompanhavam os atletas.

Campeonato mundial de basquetebol feminino de 1957

> "Como médico da expedição, juntamente com as jogadoras de basquete, irá ao Rio o doutor em medicina Ladislav Samek (agente SAM). Colabora (conosco) e recebeu informações sobre contatos. Está de posse de cartas de referência, que têm como objetivo introduzi-lo no ambiente dos médicos brasileiros. Está sabendo que uma pessoa de nossa confiança fará contato com ele".

Além do agente Sam, fora adicionado à expedição mais um funcionário do Ministério do Interior. Está descrita no documento a senha para acionar contatos no Brasil caso o agente precisasse de ajuda da *rezidentura.* Na pasta também há uma lista de médicos brasileiros com os quais o agente deveria entrar em contato durante a sua estadia no Rio. Eram médicos que outros médicos tchecos - autores das cartas de referência para Sam - conheceram durante diferentes conferências científicas.

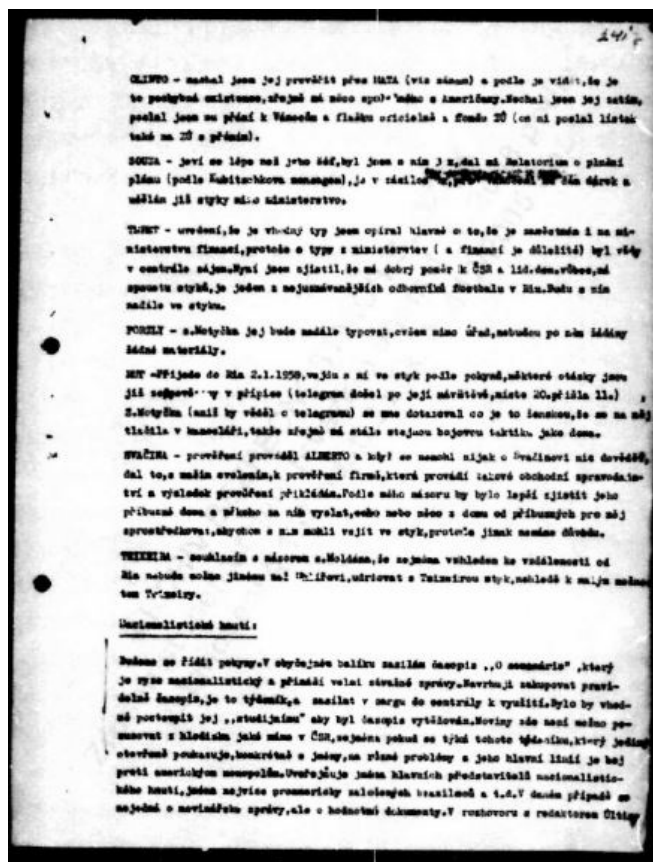
Antes da viagem para o campeonato, o agente — médico de plantão — fora instruído pelo camarada Borecki, suplente do chefe da seção americana do I Departamento, e pelo camarada Tremí, que conhecia perfeitamente a realidade brasileira. Já no Brasil, o funcionário da base realmente entrou em contato com o médico tcheco e informou Praga sobre o fato, mas, como as jogadoras de basquete ficaram alojadas em Niterói, o agente-médico praticamente não teve tempo e oportunidade de visitar os colegas de profissão. Sua tarefa era obter informações sobre o seu ramo — a medicina; pelo menos é o que está escrito na

documentação da StB.

Geralmente, este tipo de agente possuía mais uma tarefa: vigiar a moral da equipe de atletas para que nenhum deles sequer pensasse em imigrar. Aqueles que tinham comportamento suspeito, que fizessem piadas políticas, contrabandeassem alguma mercadoria, etc., em geral sofriam graves penas após o retorno. Muitas vezes eram simplesmente expulsos da equipe — sem considerar seu desempenho esportivo ou de outros tipos. Lembremos que nesse campeonato as representantes da Tchecoslováquia ficaram com o terceiro lugar... As americanas foram as vencedoras, a URSS ficou com o segundo lugar e o Brasil... Pegou a quarta colocação.

Uma curiosidade: a prática de cada expedição esportiva, comercial ou cultural para o mundo capitalista ser acompanhada por uma pessoa relacionada com a polícia secreta política perdurou nos países comunistas até o fim de suas existências até 1989.

Final de 1957. As correspondências entre Rio e Praga revelam um detalhe interessante sobre o trabalho do serviço de inteligência. Anteriormente, a Central exigia que os oficiais que atuavam no Brasil promovessem diálogos educacionais com seus agentes brasileiros e colaboradores. Criticava seus oficiais por dirigirem a rede de agentes com displicência, reforçando que era preciso reforçar as relações com eles, sem ignorar a atividade ideológica. Essas conversas, e a mudança do chefe da base (o camarada Jezersky chegara de Praga), impuseram um novo espírito ao trabalho. A Central encontrou um erro imperdoável na metodologia dos oficiais do serviço de inteligência e declarou, autoritariamente:

> “É um erro afirmar nas conversas que a colaboração oferece vantagens para a Tchecoslováquia e ao bloco socialista. Isso é fundamental, mas, ao mesmo tempo, é preciso conscientizar os brasileiros que a sua colaboração ajuda principalmente o Brasil, que nós não trabalhamos contra o Brasil, mas contra os EUA e seus lacaios brasileiros... Deve-se levar em conta o nacionalismo dos brasileiros, na base do qual estamos trabalhando na maioria dos casos”.

Citação, em relatório, do jornal "O Semanário"

Justamente em relação à questão do nacionalismo, a *rezidentura* encontrou no fim daquele ano uma pista interessante, que no futuro traria muitas vantagens à StB. A base enviou a Praga um número do jornal "O Semanário", dizendo que se trata de "um jornal puramente nacionalista, no qual existem muitas notícias interessantes". A *rezidentura* propunha a assinatura do jornal e sua análise exata no departamento de estudos da StB, pois a linha principal do periódico era "a luta contra o monopólio americano".

No "Semanário" estão também os nomes dos principais representantes do movimento nacionalista. O autor dessa recomendação, o camarada Jezersky, conversou sobre o tema com Eduardo B, jornalista do Última Hora (mais detalhes sobre ele e sobre o jornal no Capítulo XIV), que também escrevia para o jornal em questão e que garantiu que a publicação dispunha de informações verificadas e de valor, procedentes dos mais altos escalões políticos, pois possuía bons contatos no governo e no parlamento.

SEMANÁRIO

Na 3ª Pag. — O BRASIL E A CHINA — Artigo de GONDIN DA FONSECA

Aranha, Patético, de Nova Iorque:

GRAVE A SITUAÇÃO DO MUNDO, DRAMÁTICA A DOS E. UNIDOS!

A LIGHT QUER AVANÇAR NO FUNDO FEDERAL DE ELETRIFICAÇÃO!

O Semanário

“Seria bom, portanto”, conclui Jezersky, “prestar atenção nesse jornal”.

Obviamente, o trabalho dos oficiais do serviço de inteligência não consistia apenas em ler periódicos e obter contatos. Era necessário construir um sistema de ligação com a rede de agentes e um sistema de entrega de documentos e notícias; e tudo isso já estava pronto no Rio no final dos anos 50. O departamento de análises em Praga levava em conta todas as circunstâncias possíveis, o que é demonstrado também na recomendação de 8 de janeiro de 1958 para Jeziersky, chefe da *rezidentura*, quando Praga instrui o Rio sobre a questão das “caixas mortas” (esconderijos de documentos e/ou mensagens): “não devem ficar em locais nos quais não é aconselhável enfiar as mãos por risco de picadas de insetos, etc. (buracos em árvores, por exemplo)”.

CAPÍTULO X - MENOS IDEOLOGIA, MAIS RESULTADOS

O FINAL da década de 1950 foi um período de profissionalização dos funcionários da StB no Brasil. A Central percebeu que não bastavam convicções comunistas para cumprir os objetivos e missões e comprovou a necessidade de aperfeiçoar o serviço de inteligência através de uma perfeita preparação profissional.

Esse foi o postulado exposto pelo primeiro-tenente Jezersky, chefe da *rezidentura* brasileira, em uma carta na qual reagia às críticas da Central, que diziam que sua base possuía uma fraca atividade de contatos com informações de pouco valor. Como o primeiro sinal de resultados satisfatórios, o residente explica a importância de um funcionário do serviço de inteligência colocar o trabalho clandestino acima do trabalho legal e de seus próprios interesses. Na continuação, Jezersky acerta no centro do "espírito" das mudanças, pois menciona a importância das *qualificações pessoais*. Refere-se, aqui, à escolaridade, pois um funcionário do serviço secreto deve ser competente em alguma área para que, através de seu conhecimento (formação em economia, técnica, literatura), chame a atenção e destaque-se entre as pessoas "comuns".

Em seguida fala sobre o conhecimento do idioma, mas não só do país no qual se atua. A um diplomata (e era essa a função legal que os funcionários do serviço de inteligência geralmente cumpriam) do Ocidente não podia faltar conhecimento do idioma francês, ou pelo menos do inglês ou alemão - vale a pena chamar a atenção ao uso do Ocidente como exemplo. Isso só era possível nos documentos secretos da polícia política, pois na retórica oficial tudo o que viesse do Ocidente devia ser desprezado. O residente discorreu sobre a necessidade de dominar os costumes, ou seja, ter boas maneiras, outra ideia contrária à mentalidade comunista, que prefere a igualdade e a falta de cerimônias.

Ainda segundo Jezersky, também é importante um bom apoio quanto aos recursos materiais caso o funcionário tenha de frequentar esferas da alta sociedade, as mais importantes do ponto de vista do serviço de inteligência. Ele deve ter os recursos necessários para, por exemplo, tornar-se membro de algum clube de prestígio frequentado por pessoas das camadas sociais privilegiadas, para possuir a devida moradia, vestuário, empregada doméstica, etc.

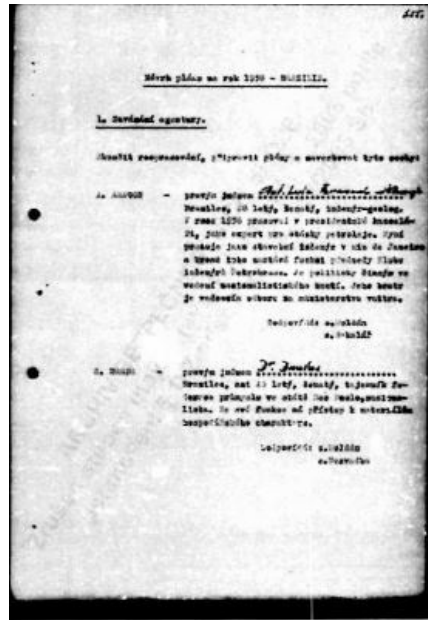
É interessante observar que nessa rica lista de conselhos não havia uma só palavra mencionando a base ideológica ou dizendo que o funcionário deve ser

um bom comunista. Isso significa que, no fim dos anos 50, dominava um ambiente de certa liberdade no serviço de inteligência, no qual obviamente as questões do comunismo eram importantes, mas que devia ser levado em conta o que era anteriormente era desprezado — questões mais mundanas, até ideologicamente reprováveis, mas importantes para que o trabalho alcançasse mais resultados.

Em uma carta direcionada a todas as bases com o título: “Lista de defeitos no trabalho do serviço de inteligência até o momento e observações sobre a sua resolução”, a central em Praga trata primeiramente das resoluções do XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética e sobre a Conferência Nacional do Partido Comunista da Tchecoslováquia para a mobilização rumo ao objetivo que é o “nosso caminho para construção do socialismo na Tchecoslováquia”. Mais adiante, na mesma carta, podemos ler detalhes concretos: menos burocracia e mais trabalho de inteligência, mais contatos interessantes e menos relatórios vazios, etc. Um dos conselhos foi detalhadamente destacado:

> “quando se faz contatos deve-se evitar que estes não sejam feitos e direcionados para organizações e rodas progressistas...Contatos como estes, é verdade, são relativamente fáceis, mas do ponto de vista do serviço secreto não são muito valiosos, já que, na maioria dos casos não tem quase nenhum valor”.

Em relação às condições brasileiras não fazia sentido, portanto, pescar agentes ou informantes no Partido Comunista do Brasil ou no Instituto Brasil-Tchecoslováquia pois, além de as organizações do tipo estarem inevitavelmente sob a vigilância da polícia, não havia nelas agentes que, do ponto de vista do trabalho de espionagem, possuíssem maior valor — também não estavam ali as informações sobre o estado do país. Como sabemos, o serviço de inteligência devia obter principalmente informações sobre os EUA e sobre o parlamento, presidente, governo, exército e polícia brasileiros.

A *rezidentura* no Rio levou essas instruções a sério e no plano de trabalho levou em conta tanto a rede de agentes e os contatos como os figurantes de diferentes ambientes para que fossem trabalhados. Quais ambientes ou pessoas? Vejamos nos fragmentos do plano:

Plano de trabalho para 1958

PLANO DE TRABALHO PARA 1958

Finalizar o “trabalho”, preparar os planos e recrutar as seguintes pessoas:

1. ARAGON — nome verdadeiro: Antonio L. F. D. Brasileiro, 28 anos, engenheiro geólogo, casado. Em 1956 trabalhou na chancelaria presidencial como especialista das questões do petróleo. Atualmente trabalha como engenheiro de construção no Rio de Janeiro e exerce a função de presidente do Clube de Engenheiros da Petrobrás. Participa do movimento nacionalista. Seu irmão é diretor de departamento no Ministério dos Assuntos Interiores.

2. DARDA — nome verdadeiro: Dr. Dantas. Brasileiro, casado, aproximadamente 43 anos, secretário da Federação dos Industriais do Estado de São Paulo, nacionalista. Graças à sua função, possui acesso a materiais sobre a situação econômica.

3. Figurantes e contatos seguintes:
4. MONTEIRO — nome verdadeiro: Frota M. Brasileiro, aproximadamente 45 anos, principal ativista do PTB (Partido Trabalhista do Brasil), atualmente deputado federal por esse partido. Nacionalista, de orientação antiamericana. Membro da Comissão de Segurança da Câmara e da Comissão sobre matérias primas nucleares.
5. GORDON — Azor G. Brasileiro, aproximadamente 40 anos, casado,

diretor do departamento de segurança do parlamento brasileiro. Nacionalista moderado. Seu pai é diretor de todo o secretariado.

A lista é maior e contém ainda três codinomes, mas vamos chamar a atenção para uma pessoa — o número 7. Um figurante muito peculiar, que no futuro se tornará um importante agente:

6. GOLEM — Amílcar G. Brasileiro, 41 anos, capitão da reserva, ativista do Clube Militar,21 funcionário do Ministério do Trabalho, nacionalista. Durante a guerra, foi chefe do serviço de contrainteligência nos portos brasileiros da região norte.

No documento também existe um plano determinado de trabalho, com a rede de agentes já recrutada:

7. MATO — nome verdadeiro: João A. M. Brasileiro, advogado, redator de economia no jornal reacionário O *Globo* e funcionário do Instituto Nacional de Açúcar e Álcool. Ativista brasileiro do sindicato dos jornalistas. Fortemente antiamericano. Possui contatos valiosos nas esferas de economistas e nacionalistas. O contato com ele deve ser direcionado com o objetivo de "trabalhar" os mais importantes deles para obter informações e documentos relacionados ao movimento nacionalista e à introdução dos americanos e alemães ocidentais no Brasil. Conduzi-lo em direção à seleção de jornalistas que seriam convidados para a Tchecoslováquia ou para a URSS, onde seriam recrutados... (ver Capítulo XI)

8. VÁNA — Dr. Ulysses L. F. Brasileiro, formação acadêmica, secretário da Federação Nacional da Indústria, junto à qual é membro da Comissão das questões de Contratos Internacionais no Ministério de Relações Exteriores brasileiro. Possui contatos nas esferas bancárias e comerciais. Nacionalista. Usar todas as suas possibilidades para desenvolver contatos no MRE e em objetos bancários e econômicos e ao mesmo tempo conduzi-lo e reforçá-lo politicamente e profissionalmente de maneira consequente. Direcioná-lo para "trabalhar" os informantes mais importantes e para fornecer informações e documentos do local de trabalho e de outros objetos sobre a aproximação americana e alemã no Brasil.

9. CARLOS — Pavel N. Cidadão tchecoslovaco, antigo delegado comercial da companhia Metalimex. Por recomendação da Central emigrou [para o Brasil]. Casou-se com a filha de um antigo governador de estado, que atualmente é candidato para o senado pelo Partido Social Democrático (PSD), do governo. Conduzi-lo em direção ao desenvolvimento da empresa que foi aberta, para reforçar as relações com a família de sua esposa e, por intermédio dos parentes, fazer contatos influentes. Os mais valiosos entre estes devem ser "trabalhados".

10. ARAB - Luiz V. Brasileiro com descendência portuguesa, economista do instituto Getúlio Vargas e redator da revista especializada *Conjuntura econômica*, publicada por este instituto. Atualmente em estágio de estudos na França e EUA. No seu caso, existe a perspectiva real que, após o retorno, na primavera de 1958, receba algum dos cargos-chave na economia brasileira. Alargar a colaboração com ele na base ideológica e fazer uso completo de suas fortes convicções progressistas. Conduzi-lo para que faça intensivos contatos nos objetos levando em conta a questão da penetração de americanos e alemães no Brasil.

11. MALÝ - Dr. A. S. Brasileiro, advogado, trabalha na filial da representação tchecoslovaca de comércio em São Paulo. Possui contato com policiais de graduação inferior. Conduzi-lo por uma direção que o faça deixar a filial e empregar-se na polícia. Por enquanto, aproveitá-lo para cumprimento de tarefas para “U”.

12. BENDA e MARCELA - Frantisek M. e sua esposa Emilie. Imigrantes tchecos, ele — torneiro mecânico em São Paulo. Possibilidades para o serviço secreto — fortemente limitadas.

Em seguida, neste documento, há uma lista de contatos de utilidade para o assim chamado serviço de inteligência de fontes abertas, ou seja, para a obtenção de informações sem a necessidade de conspiração. Nesta lista está um funcionário do Itamaraty, deputado federal, irmão do presidente da Petrobrás e do governador do estado do Paraná; um deputado da UDN, e Tora, uma viúva de 30 anos que possuía conhecidos no círculo do presidente Kubitschek.

Essas listas causam impressão. Mesmo não sendo muito longas (vemos que não se trata de um potente exército de espiões), pode-se notar um progresso de qualidade em comparação àquilo que a StB teve condições de fazer entre 1952 e 1956. O plano para 1958 era ambicioso, e a rede de espionagem tchecoslovaca começou, lentamente, a envolver importantes instituições da vida política e econômica brasileira. Sem serem incomodados, os espiões tchecoslovacos, após os primeiros fracassos e um começo simplesmente cômico, começaram a conquistar novo território ao serem direcionados e monitorados pela Central em Praga.

O planejamento envolvia também a preparação do novo residente, designado em Praga em fevereiro de 1958. O primeiro-tenente Nesvadba chegou ao Rio no fim de junho daquele ano, mas já em fevereiro iniciara uma preparação intensiva. Entre as tarefas que teve de cumprir antes da viagem podemos citar o estudo aprofundado da chancelaria do presidente, Itamaraty, ministério da guerra, parlamento, polícia. Também lhe foram fornecidas para leitura as pastas

dos agentes que iria “receber” do camarada Moldán, seu antecessor: Mato, Aragon e Maly; por via das dúvidas, devia estudar também as pastas de Arab, Vani, Carlos e Bendy com Marcela. Teve de repetir as lições já feitas sobre perseguições, fotos e condução de automóveis. O oficial já estava preparado quanto ao idioma, mas teve de ler diariamente a imprensa brasileira para ter perfeita noção da situação política. O andamento de sua preparação era controlado a cada duas semanas.

No Rio trabalhava-se dia e noite, e em março, Jezersky, chefe da base, relatou que expandiu sua base de contatos para além dos planejados. Na órbita de interesse da StB passou a girar uma série de pessoas que, num futuro próximo, teriam um papel significativo. Entre essas pessoas estavam Eduard B., redator, com o qual o residente já se encontrara cinco vezes; Osvaldo C. — diretor de *O Semanário* — com quem almoçou; e o compatriota Adolf O., chefe da firma King, que se tornou agente com codinome Leblon.

Em 2 de abril de 1958 Praga enviou 200 mil cruzeiros para a base, observando que a quantia estava destinada ao primeiro semestre e que os funcionários do serviço secreto deveriam usá-la de maneira racional, pois a próxima injeção de capital seria somente no terceiro trimestre. Juntamente com o dinheiro, no pacote chegaram vários objetos para presente: álcool, porcelana tcheca, discos de gramofone, cigarros americanos, etc.

CAPÍTULO XI - O SACO DE CARNE FALANTE

"AQUI NA Central estamos cientes das difíceis condições climáticas em que vocês são obrigados a trabalhar na *rezidentura.* Sabemos que principalmente durante o verão o calor influencia negativamente a capacidade de trabalho de nosso pessoal. Mesmo assim, essas dificuldades são equilibradas pelo fato de que vocês não são seguidos, a polícia não isola cada contato que vocês possuem e, em geral, as pessoas não têm receio em encontrar com vocês. Não possuem condições excelentes como estas os nossos camaradas em *rezidenturas* como Nova York, Washington, Londres, Berlin e outras". (Trecho de uma carta da Central ao Rio de Janeiro, do dia 29 de fevereiro de 1959).

Em 1959, mesmo que a Central em Praga continuasse enviando muitas críticas ao trabalho da *rezidentura* no Rio de Janeiro (resultados fracos, poucas informações valiosas, fraco trabalho com agentes, poucos contatos), o serviço de inteligência podia se vangloriar de certos sucessos — já tinha condições de obter informações confidenciais do gabinete presidencial, do parlamento e da Petrobrás; contava também com a colaboração de alguns jornalistas e criou as primeiras cabeças de ponte importantes para o seu futuro trabalho.

No relatório de dezembro, na descrição das condições da *rezidentura*, foram citados dez agentes trabalhando para o serviço de inteligência tchecoslovaco, entre eles sete brasileiros. Eram Arab, Aragon, Inez, Golem, Váha, Benda, Marcela, Carlos, Mato, Willi. Na lista estavam presentes ainda cinco IS tchecos trabalhando no Brasil e nove figurantes em avançado estado de trabalho.

Vejamos quem eram as pessoas que a StB classificava como *agentes.* O primeiro deles fora recrutado anos antes, em 1954. O fragmento do documento da pasta pessoal do agente introduz ao tema:

O chefe do I Departamento MV dirige-se ao seu superior, o ministro do interior:

> "Estimado Camarada Ministro,
>
> Eu vos informo que em 28 de outubro de 1954 foi adquirido para colaboração o nosso figurante no Brasil — MATO. Isso foi realizado pelo colaborador ideológico PETR,[22] na Tchecoslováquia, sob a direção da central.

> Até o dia da aquisição, MATO foi aproveitado pelo residente no Brasil como um informante inexperiente. Como consequência da sua aquisição para colaboração, o residente irá trabalhar com ele durante o próximo período, como se trabalha com um informante consciente *[agente)*, e irá lhe apontar tarefas para realização, segundo as recomendações da central. Peço a vós, Camarada Ministro, a permissão para que possamos, no período que se aproxima, trabalhar com MATO da maneira descrita acima".

É possível observar, aqui, o esquema de ação: primeiro, o figurante era um informante inconsciente, encontrava-se com o funcionário do serviço de inteligência ou com alguém da *rezidentura* sem saber que estava lidando com espiões. Depois, era "trabalhado" (o oficial do serviço de inteligência tratava de conhecer o figurante, suas possibilidades, caráter e, assim, a questão se desenvolvia) e recrutado, caso fosse aprovado pela Central para a função.

O camarada Tremí, já conhecido do leitor (codinome anterior Honza), descreve em um memorando a história do caso Mato e informa que o conheceu cerca de meio ano após sua chegada ao Brasil, em fevereiro ou março de 1953. O Oficial do I Departamento informa também onde foi o encontro — no apartamento de Petr, quando "fomos convidados para jantar. Estes tipos de jantares são, por enquanto, a única maneira de contato com ele".

Petr era uma figura intrigante. Era um tcheco que trabalhava na seção comercial da embaixada. Ainda não identificamos sua verdadeira identidade, mas sabemos que era um IS (colaborador ideológico). Provavelmente era membro do Partido Comunista da Tchecoslováquia, o que impossibilitava o seu recrutamento como agente propriamente dito e o impedia de receber prêmios financeiros por seus serviços para a StB. Existem muitos indícios que apontam Emil Ruda (conforme nota de rodapé 20).

Através de outra pasta de correspondência operacional entre Praga e Rio sabe-se que ele iniciou a colaboração com a StB em 27 de janeiro de 1951, na base ideológica. Em uma informação de 1953 (inspeção da *rezidentura* no Rio de Janeiro no dia 30 de junho de 1953) está escrito que "trata a colaboração conosco como sua obrigação partidária", o que confirma que era comunista. No documento citado também está declarado que até a chegada do residente era visível em seu trabalho a falta de uma condução determinada e que, até o momento, as suas possibilidades e habilidades não haviam sido totalmente aproveitadas: "cumpre bem as tarefas, mas tem medo de que o seu trabalho para o serviço de inteligência prejudique o seu trabalho legal". Essa informação confirma que a rede de agentes sozinha não era suficiente para que o trabalho do

serviço de inteligência prosseguisse na devida direção, mas que devia ser apropriadamente conduzido. Assim, somente com a chegada do oficial de carreira da StB o trabalho do IS ganhou ímpeto. Na nota de 12 de setembro de l953, podemos ler uma curta descrição de autoria de Tremí sobre as características de Petr:

> “tem predisposição para o nosso trabalho. Precisa de um tipo de condução, onde sinta autoridade e respeito por aquele que o conduz. É um camarada conscientizado [segundo o ideal do partido comunista], que trabalha com afinco. Às vezes, é teimoso”.

Na avaliação do trabalho da *rezidentura* daquele ano existe uma crítica a Petr — houve reclamação de que a Central não sabe nem com quem ele tem contato. Isso foi corrigido após a chegada de Honza/Treml: na primeira metade de 1953 ainda não aparece nos documentos nenhuma informação sobre o seu contato com Mato e, segundo os relatórios posteriores, Petr conhecia Mato desde 1951. A situação avançou no fim de 1953. Como a pasta do agente Petr não se conservou, as informações sobre ele devem ser completadas a partir de outras fontes e pastas, por isso não existe certeza sobre sua identificação.

Ao esclarecer em outro registro (de 7 de novembro de 1953) a maneira como Mato[23] foi “trabalhado”, o camarada Tremí explica que, ao encontrar-se com Petr e com Manuel, Mato seguiu os princípios de conspiração e explicou em que eles consistiam:

> “no prédio, ele entra no elevador mas não desce diretamente no andar correto; vai antes a alguns outros, para que não fosse possível saber onde desceu. Pelo visto, um contato aberto conosco poderia prejudicá-lo, já que o jornal para o qual trabalha é bastante reacionário”.

Tremí também esclarece por que não citou Mato como figurante nos relatórios anteriores: “porque não tive nenhum contato com ele”.

A partir da leitura dos materiais concluímos que Petr, como já foi lembrado, esteve “trabalhando” Mato desde 1951 — o conheceu, encontrava-se com ele e obteve informações durante diversos encontros. Quando Tremí veio ao Rio, era hora de direcionar esse trabalho para uma nova etapa. Depois de ser apresentado a Mato, Tremí esforçou-se para se aproximar dele, mas não se saiu tão bem como Petr. Em 1954 Petr deixou o Brasil: sua estadia no posto diplomático chegara ao fim, e mesmo que não tivesse cumprido com êxito todas as tarefas que a Central o delegara, Petr conseguiu realizar uma significativa atividade de

indicação-recrutamento. Por enquanto podemos ver que indicou um figurante, com o qual outro IS, Manuel, junto do residente Tremí, continuaram a trabalhar. E verdade que este último não foi capaz de se aproximar o bastante de Mato para adquirir o figurante promissor, mas manteve o contato, observou-o, ficou a par sobre tudo e continuou a "assoprar o carvão em brasa, para que não apagasse".

Mato foi adquirido em duas etapas. O primeiro degrau para estabelecer a passagem de um informante inconsciente, mas com um contato conspirado com os agentes tchecoslovacos, para a categoria de informante consciente, foi realizado em 1954, em Praga. A segunda etapa de recrutamento foi posterior: em outubro de 1954, Mato foi enviado pelo sindicato dos jornalistas (ABI) para o congresso de jornalistas em Budapeste. Ainda no Rio, ficou combinado com Tremí que na volta do congresso passaria por Praga, onde era aguardado e onde lhe resolveriam as questões de estadia. Passou quatro dias em Praga, todo o tempo acompanhado do agente Petr. Foi ele o autor do relatório do dia Iº de novembro de 1954, no qual descreve em que restaurantes e em quais filmes esteve com Mato. As palavras-chave deste documento encontram-se no final, quando Petr informa que

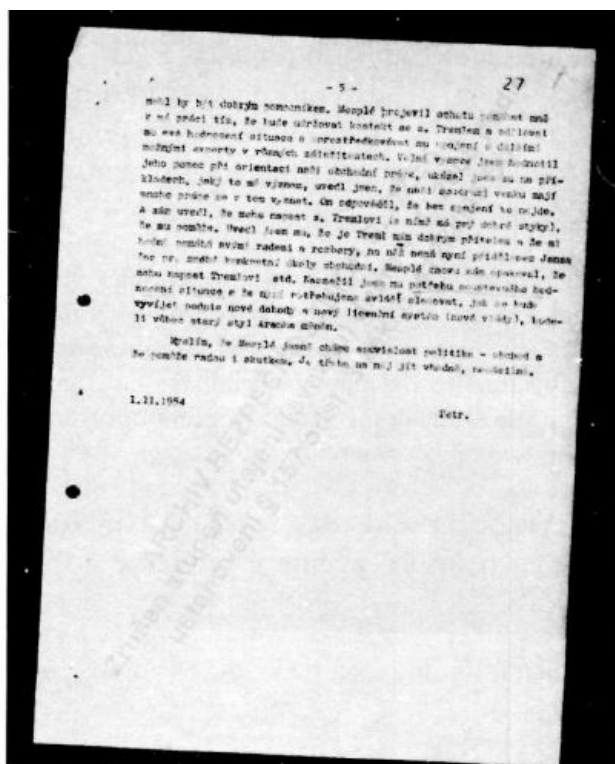
> "M. demonstrou vontade de ajudar em meu trabalho, de uma maneira em que manterá contato com o camarada TREML e irá lhe fornecer suas avaliações da situação e intermediar no conhecimento de mais especialistas em diferentes ramos. Avaliei a sua ajuda como sendo de alta importância no âmbito de nosso trabalho comercial"

(E aqui Petr assegurou-se de descrever de maneira clara que o seu contato com o futuro agente é referente ao seu trabalho comercial)

> "demonstrando-lhe, por meio de exemplos, o quanto isso significa...".

Por não se tratar somente de relações comerciais e econômicas, o próprio Petr revela, algumas linhas adiante, descrevendo a continuação da conversa com Mato:

> "Eu lhe disse que TREML é um bom amigo meu [...] e dei a entender que precisamos de uma avaliação sistemática da situação. [...] Creio que M. compreende claramente a relação entre a política e o comércio e que pode ajudar através de conselhos e atitudes. A aproximação a ele deve ser feita de maneira apropriada, delicada".

É assim que termina o seu registro. Aqui, denominamos Petr com diferentes termos - *"colaborador ideológico, IS* e *agente* - que, na realidade, têm o mesmo significado. O IS é um colaborador secreto comunista que não pode ser recrutado como agente, ou seja, através de chantagem ou comprometimento com prêmios, presentes ou favores. Não recebia dinheiro pela colaboração, mas a sua participação no serviço de inteligência era a mesma que a dos agentes.

MATO–PETR descrição: "Creio que M. compreende claramente a relação entre a política e o comércio e que pode ajudar através de conselhos e atitudes. A aproximação a ele deve ser feita de maneira apropriada, delicada".

A conversa de quatro dias entre o IS com o até então informante inconsciente Mato foi reconhecida pela diretoria da seção americana do I Departamento em Praga como aquisição, ou seja, recrutamento do brasileiro. A partir de então o serviço de inteligência passou a considerá-lo seu informante consciente, como uma pessoa que, na documentação, já podia ser definida pela palavra *agente*, como vimos na carta ao ministro dos assuntos interiores.

A maioria dos relatórios e recomendações de Praga na pasta de Mato foi destruída por ser considerada desatualizada.

O carimbo ZNIČENO significa destruído

Algumas informações importantes sobre quem foi Mato foram conservadas: nascera em 7 de setembro de 1910, no Rio Grande do Sul, e tinha descendência francesa. Era um jornalista inteligente e com boa formação, e escreveu para o jornal O *Globo* ao mesmo tempo que trabalhava no Instituto do Açúcar e do Álcool (IAA). Possuía uma convicção marxista nos fenômenos econômicos, e foi caracterizado como uma pessoa honesta, de honra, e com uma visão progressista do mundo. Sabemos que nunca recebeu dinheiro por seus trabalhos para o serviço de inteligência e que ganhou no máximo pequenos presentes. As informações que forneceu foram consideradas confiáveis e de valor.

Conservaram-se na pasta algumas anotações de 1956 sobre os encontros entre o residente Moldán com Mato, em que Moldán, para quem Tremí passara o agente antes de sua volta à Praga, descrevia aquilo que estava sentindo. Na sua opinião, depois de certo tempo conseguiu encontrar o caminho até o informante e ganhar a sua confiança. A partir dessa explicação do oficial da StB conclui-se que o trabalho com o agente foi um difícil desafio psicológico, pois era necessário construir um laço pessoal e uma relação de confiança mútua — o oficial tinha de ter certeza que o agente não o trairia e não o denunciaria para a polícia brasileira. O colaborador secreto também precisava se sentir seguro: Mato queria que seu oficial condutor garantisse que ninguém inapropriado seria informado sobre a sua colaboração — ambos estavam arriscando muito. O laço

entre eles não poderia se basear somente em interesses e vantagens primitivas. Foi uma frágil e requintada construção de confiança mútua, conspiração e consciência de fazer algo proibido, arriscado. Uma descrição excelente sobre a relação entre o oficial do serviço de inteligência/agente encontra-se no romance *Vítr Tma Prítomnost*,[24] do autor tcheco Václav Kahuda. No texto encontramos palavras que o autor colocou na boca de um experiente oficial do serviço de inteligência, descrevendo o trabalho do I Departamento nos tempos comunistas:

> "Todos nós podemos ser, de alguma maneira, definidos e preditos... este grau de casualidade e reações imprevisíveis é insignificante. Caso o senhor deseje possuir — e o senhor possui — um dom de observação profunda... e além disso bastante experiência... Todo o conhecimento sobre o ambiente de rede de agentes, costumes e tradições locais, conhecimento detalhado de nuances da comunicação com funcionários públicos, nos correios e bancos, com a polícia rodoviária, nos restaurantes. Isso é só o começo... depois, é necessário encontrar o pretexto apropriado, uma lenda, com a ajuda da qual será possível penetrar no ambiente operacional. E necessário apontar alguma pessoa que levará você ao objetivo, ao objeto de vosso interesse ou ao círculo de pessoas que trabalham em objetos de valor para o serviço de inteligência. Jornalistas, contadores, cientistas, funcionários de bancos... qualquer um que sirva para tornar-se a sua porta para a aquisição de informações estratégicas.
>
> E necessário dedicar a essa pessoa parte importante do vosso potencial emocional. Ela precisa tornar-se objeto de vossa máxima atenção. Você deve se interessar em cada aspecto de sua vida... O que ela gosta, para onde vai geralmente? A sua situação financeira, seu sistema de valores. E possível comprá-la? E possível adquiri-lo com base na ideologia? Com a ajuda de que tipo de lenda seria possível aproximar-se dela? Às vezes, isso é possível somente através de "bandeira falsa", onde deveis fingir ser um funcionário do serviço de inteligência local — caso ela seja um nacionalista; agora, caso ela seja um revolucionário fanático, é necessário estudar o seu perfil ideológico e promover um jogo de aparências. E possível, por exemplo, organizar (e isso é muito difícil) a prisão dela pela polícia local em um país estrangeiro ou um ataque de adversários ideológicos (nazistas contra anarquistas)... existem muitas variantes e todas devem ser preparadas nos mínimos detalhes.

Simplesmente, é necessário quase que se apaixonar por seu objeto de interesse. Mas não cegamente, como um jovenzinho. Com o seu agente, deve-se ter uma relação apaixonada de uma mulher madura. No início, deves ser uma fêmea, uma loira experiente que sente pavor dos anos de velhice se aproximando e da sensação de que o tempo está passando. Estais prontos para cumprir qualquer desejo expressado na face do vosso amado. Suportais cada maldade, cada palavra envenenada. Literalmente, enfiais na boca o seu caralho fedido enquanto ireis gemer falsos gritos de alegria, pois vós temeis a solidão! E somente então, quando tiverdes a ele perfeitamente radiografado, podeis aproximar-vos e recrutá-lo... E neste momento vos tornais um homem, e ele... uma puta. Vós o transformais! Depois — como um verdadeiro gigolô — deveis direcioná-lo agilmente. Deveis possuir bastantes verdes suficientes. E isso é sempre importante — não podeis ter nenhum tipo de orgulho, sempre deveis saber, antes, quais os sentimentos, quais os pensamentos que nele surgem. Deveis estar sempre um passo adiante. Ele caminhará em seguida como uma ovelhinha obediente, ficará dependente de vossa pessoa. Isso significa que deveis tornar-vos a mãe dele.

Então, aqui temos três figuras em uma: Uma Amante, um Homem e uma boa mãe que ama — tudo isso em uma pessoa. E nunca — e isso não pode ser esquecido — não podeis gostar dele. Ele nunca poderá saber que é importante para vós. Amais as informações que ele vos passa e a vossa relação para com a sua a pessoa deve permanecer indiferente, sem qualquer tipo de emoção. Ele mesmo tem para vós o mesmo valor que as informações e notícias que chegam por intermédio dele!

E nunca, eu disse, nunca, ele pode descobrir que para vós é somente um saco de carne falante. Deveis ser para ele o melhor amigo. Um ajudante contra a angústia. Sempre pronto a reagir da maneira correta aos seus humores. Deveis fazer que ele se sinta alguém mais importante no mundo. Mas, ao mesmo tempo, é preciso estar pronto, caso seja necessário, para partir e desaparecer na escuridão... Ele tem de sentir medo de vos perder. E, caso seja necessário, fazer com que ele se cale eternamente. Acidente de trânsito, doença — qualquer coisa que não cause a suspeita das autoridades.

Cada um de nós sempre rezou para não ser obrigado a cumprir uma tarefa como esta.

> ‘No final das contas, isso mudará a vossa psique. Sentir-vos-eis exaustos e, ao final, não estareis em condições de prosseguir com o trabalho. Estareis simplesmente cansados... de jogar esse jogo todos os dias. Cuidar de cada detalhe, tomar cuidado com qualquer passo em falso. Quando percebeis que já não é possível prosseguir, então, é preciso passar o agente. E isso sempre é bem arriscado, mesmo que tenhais criado nele uma dependência do dinheiro que recebe de vós. Acontece de ele e o novo condutor não simpatizarem entre si. Às vezes, quanto a isso, não há nada que se possa fazer’.

Essa descrição literária apresenta a essência do trabalho dos funcionários do serviço de inteligência. Nesse caso, trata-se também da visão de um oficial, para o qual o colaborador recrutado é simplesmente um “saco de carne falante”. O oficial não entra em detalhes de natureza moral: precisa de uma fonte de informação e de um realizador das ordens. Uma fonte segura e confiável. Essa descrição literária é bastante fiel, de acordo com as pastas da StB. O oficial do serviço de espionagem é um ator perfeito, um psicólogo incomum, um jogador frio e astuto.

Voltemos a Mato e suas questões.

Nesta época, o clima antiamericano era disseminado no Brasil. Muitos políticos, empreendedores e jornalistas sentiam a necessidade de declarar-se contra os EUA. A atmosfera política do país favorecia a atitude e isso, por sua vez, facilitava o trabalho dos serviços de inteligência comunistas. O jogo viraria repentinamente em 1959 com a vitória da revolução de Fidel Castro Havana, mas falaremos sobre isso em seguida.

Até 1957, Mato passou as informações oralmente, nos encontros. A Central, entretanto, esperava mais que informações e relatórios, por isso o oficial condutor deveria arriscar (nesta etapa de colaboração tratava-se do camarada Moldán, que recebera o agente do camarada Tremí, que, por sua vez, o recebera do agente Petr). Surgiram complicações. Mato não tinha um único oficial condutor permanente, e por isso o trabalho com esse agente não era tarefa fácil. Durante o encontro no Rio em 04 de outubro de 1957, o oficial tcheco preparou o terreno para a realização do recrutamento: pediu a Mato que tirasse uma licença do trabalho para que pudessem, juntos, sair da cidade e discutir questões importantes para a futura colaboração mútua, pois essa era uma exigência de Praga. No relatório deste encontro Moldán escreve claramente:

> “O principal objetivo era convencer MATO a irmos juntos, um dia inteiro, para algum lugar fora do Rio de Janeiro. Lá terei uma importante

conversa com ele sobre a continuação e sobre os métodos de colaboração conosco. Esclarecerei sobre como está realmente o estado das coisas, realizarei o recrutamento e fornecerei instruções".

Marcaram o encontro para sexta-feira, 18 de outubro de 1957, em Petrópolis, antiga residência imperial e da nobreza, a aproximadamente 70 km do Rio. O tenente Moldán escreveu um relatório de nove páginas sobre esse encontro, no qual anotou todos os detalhes sobre os assuntos abordados na conversa entre o espião profissional e seu colaborador brasileiro. O documento possui fragmentos pouco legíveis, pois não é uma cópia digital de um documento original, mas de um microfilme. O camarada tenente relatou que o encontro teve duas partes e durou das 9h30 até as 15h e alguns minutos. A primeira parte do encontro foi no hotel Quitandinha e no parque à frente. Os cavalheiros tomaram café e comeram um pequeno aperitivo, pago pelo espião, e a seguir foram ao parque onde tiveram a primeira conversa séria sentados num banco com vista para o lago. Depois, das 13h00 às 14h00, almoçaram no hotel.

Hotel Quitandinha. Pintura em pastel da fachada, feita pelo artista tcheco Karel Kadlec.

Não encontraram condições para uma conversa confidencial, então pegaram um táxi de volta à cidade e continuaram no parque em frente ao antigo Palácio Imperial.

De volta ao hotel Quitandinha, o espião tcheco revelou ao brasileiro que recebera instruções de Praga para que combinassem a futura colaboração entre si. Com base no relatório, podemos reconstruir o andamento desta conversa:

"As autoridades apropriadas em Praga lhe conhecem; sabem que você é um amigo fiel da Tchecoslováquia"- iniciou o espião. "Nosso

> governo está interessado em saber tudo o que pode ser uma ameaça por parte dos EUA por intermédio de brasileiros vendidos que estejam a serviço deles". MATO escutava com atenção e o espião continuou: "Nosso objetivo é único - corrigir as relações mútuas com o Brasil: aumentar o câmbio mútuo de mercadorias. Dessa maneira, pretendemos apoiar a economia nacional brasileira. Pois podemos ver", persuadia Moldán, "que os americanos trazem para o Brasil mercadorias de luxo para os ricos e a Tchecoslováquia fornece aquilo que é necessário para o povo — não automóveis nem roupas caras, mas tratores, máquinas de tornearia". "Estou sendo aberto e honesto com você".

Moldán persuadia e insistia:

> "Por isso, vou lhe perguntar diretamente — você quer nos ajudar, ou seja, ajudar o meu governo a desmascarar as intenções inimigas dos expoentes dos EUA nos círculos econômicos e políticos brasileiros, reforçando a nossa posição por aqui?".

Mato olhou para a superfície tranqüila no lago e para o reflexo levemente ondulado do farol:

> "Sou amigo da Tchecoslováquia e de todo o bloco socialista, mas você sabe que, na verdade, sou um intelectual, não um operário. Na realidade, sou um pequeno-burguês. Mas mesmo assim estou convencido que é minha obrigação fazer tudo o que eu puder para apoiar a causa do socialismo, pois acho que este sistema é uma necessidade histórica e uma garantia de progresso para a humanidade".

Moldán sentiu-se aliviado. O papo ideológico funcionou. Petr e Tremí tinham razão — ele é um verdadeiro comunista, um homem dos nossos. "Já é nosso" — pensou o tenente, e esforçou-se para moldar o ferro enquanto quente:

> "O seu trabalho para nós está relacionado com a necessidade de fazer muitos novos contatos. Ao mesmo tempo, você tem uma esposa doente, trabalha em dois empregos para poder sustentar a família e esses contatos, pois é, eu sei como isso funciona, é necessário convidar alguém para um drinque ou pagar um almoço para causar uma boa impressão, tudo isso requer muitos gastos. Sabe de uma coisa? Para que você tenha total liberdade de ação, daremos a você algum dinheiro para essas

> questões. Não trate como um pagamento, é simplesmente para cobrir os custos”.

MATO protestou:

> “De jeito nenhum! Você sabe muito bem que por causa da enfermidade de minha esposa eu me afastei um pouco da vida social. O que pareceria se eu, de repente, começasse a encontrar pessoas com frequência? Isso deve ser feito devagar, gradativamente. Quanto ao dinheiro, eu não aceito”.

— finalizou, em um tom mais calmo. *“Claro, você tem razão, não falemos mais sobre isso”* — o espião encerra o desagradável assunto. Após um momento de silêncio, enquanto os dois observavam as pequenas ondas no lago, Moldán, ocultando seu nervosismo, decidiu mover outra questão importante. Antes, porém, sentiu que seria melhor acalmar o ambiente e disse, como quem não queria nada: *“Vamos comer alguma coisa. São quase 13h00 e com certeza a sua barriga está roncando. Eu, pelo menos, estou bem faminto”*.

Foram ao restaurante do Quitandinha, onde o tenente conduziu a conversa para questões comuns do dia-a-dia, pois havia bastante gente no local, e não havia condições para temas confidenciais. Degustaram o almoço por uma hora. *“Não há por que ter pressa, o figurante deve relaxar”* — pensou o espião, recordando os princípios aprendidos durante o curso de espionagem. Pagou 600 cruzeiros pelo almoço e propôs que fossem à cidade. Pegou um táxi na frente do hotel e mandou seguir para o antigo Palácio Imperial. *“Vamos ao parque”* — propôs.

Restaurante do Hotel Quitandinha

Passeando sob as palmas e árvores, cruzando raros turistas, Moldán tentava encontrar o momento apropriado para tratar de outras questões. Quando, perto da estátua do Imperador Dom Pedro, viram um casal de namorados, ou talvez fosse um jovem matrimônio, o tenente lançou, como quem não quer nada, um comentário em direção cie seu companheiro brasileiro: “Lindo casal”. Mato, pensativo, respondeu lentamente: “Percebe-se que confiam um no outro”. “A confiança não tem preço — em qualquer relação”, completou o tcheco. “A partir de agora você não pode envolver a sua esposa nisso. Ela não pode saber de nada, compreende? Você deve zelar pela segurança dela. Será melhor assim”. Mato compreendeu que o encontro em Petrópolis dera início a uma nova etapa, mas queria a qualquer preço enganar a sua consciência:

> “Compreendo isso muito bem. Sei que para a minha segurança e para a segurança de vocês, para o bem do bloco progressista (Sim — poderia ter pensado — isso é superior, é preciso ir além de seu próprio egoísmo) preciso me esforçar para ocultar os nossos contatos. Mas saiba que, ajudando vocês, não estarei fazendo nada contra o Brasil. Você mesmo disse que não se trata disso”.

Moldán escondia com dificuldade a sensação de triunfo — não haviam mentido. O agente recrutado quase sempre sentia a necessidade de uma falsa justificativa e defendia-se da verdade argumentando que não estava prejudicando

o próprio país — tudo estava dentro do previsto. Sem deixar aparentar que fosse importante, repetiu o que havia dito antes do almoço: “Temos um inimigo em comum: os EUA”. Prometeu ao agente que Praga lhe garantiria o máximo de segurança — “não é de nosso interesse que lhe aconteça algo, que a nossa colaboração seja revelada”. O tenente já tinha certeza de que o seu substituto, que conduziria Mato em seguida, não teria de quebrar a barreira da falta de confiança, pois o brasileiro acabara de adentrar o terreno da conspiração com total consciência e aceitou as regras desse negócio tão antigo quanto o mundo. Tornou-se um agente de valor completo. Moldán pôde, então, escrever a Praga que “o encontro cumpriu seu objetivo”, que Mato aceitara o papel de colaborador secreto e, sabendo que a colaboração o compromete, irá se esforçar para trabalhar da melhor forma possível respeitando as regras de conspiração. Não haveria volta.

No fim, entretanto, houve uma volta, não devida à falta de vontade de Mato para a colaboração, mas de um trágico acontecimento que mudou a sua vida. Em 1956 sua esposa adoeceu, teve uma séria enfermidade de pele e veio a falecer em maio de 1958. Mato ficou sozinho com seu filhinho de três anos, retirou-se da vida pública e limitou dramaticamente os contatos. Não perdeu a motivação para a colaboração, mas não tinha praticamente nada para oferecer à StB — tornara-se inútil. A circunstância que também pesou sobre essa avaliação é que Mato ocultava cada vez menos a sua simpatia pelo comunismo, tentando até formar uma célula partidária no jornal em que trabalhava (O *Globo).* Sua filiação ao Partido Comunista do Brasil — o que logicamente foi percebido pela Central - foi considerada um fator que não condiz com a colaboração em conspiração.

Em setembro de 1959, a Central enviou ao Rio uma ordem para que o contato conspiratório com o agente Mato fosse interrompido. Antonio M. viajou a Praga ao final de novembro de 1959. Foi enviado para se encontrar com ele o primeiro-tenente (promovido em 1958) Moldán, que estava de volta à Tchecoslováquia havia um ano. O antigo órgão condutor do agente Mato anotou no relatório do encontro que “Mato garantiu que, no âmbito de suas possibilidades, estará sempre aberto para nos ajudar, mas que agora já não possui nenhum contato e não deseja possui-los mais”.

Durante o encontro em Petrópolis, Mato dissera a Moldán a típica frase de agentes recém-recrutados: “não irei atuar contra o meu próprio país”. Desta vez, sumariando a colaboração já passada, declarou — segundo o relatório do primeiro tenente — que sua principal intenção era “que as informações que forneceu, também confidenciais, não o prejudicassem, e nem ao Partido Comunista Brasileiro, caso o contato conspiratório fosse descoberto”. Foi bom que Praga tenha desistido dele: garantiria sua própria segurança e a segurança do

partido comunista.

É necessário retomar mais um aspecto desse caso. As informações de Mato foram avaliadas pela Central como confiáveis e de valor. Infelizmente, não conhecemos o conteúdo dos relatórios escritos pelo agente, pois foram destruídos. Através de avaliações analíticas, sabemos que possuíam um caráter de compilação apoiando-se em distintas fontes, não necessariamente secretas. Pode-se chegar à conclusão que, escrevendo relatórios para a StB, ele era mais um jornalista do que um espião. Ajudou os tchecoslovacos com suas opiniões, avaliações, estudos e, também, com contatos.

Vale destacar uma observação feita durante a visita em Praga em junho de 1958. Acompanhava-o então o camarada Tremí, que recebera de Mato informações sobre figurantes interessantes, promissores e com ótimas perspectivas para a StB.

Forneceu, então, três nomes, acompanhados de algumas características. Dois deles eram bem interessantes: Jesus Pereira, que trabalhara na chancelaria do presidente Vargas, fora um dos autores da Lei da Petrobrás e membro do Conselho Nacional do Petróleo (CNP); e Raul Ryff (ver Capítulo XIII), funcionário do partido, que na época, segundo Mato, era o contato entre a diretoria do Partido Comunista do Brasil e a diretoria do PTB. Ryff era amigo pessoal do então vice-presidente e presidente do senado João Goulart, e por isso Tremí propôs que se tentasse, de alguma maneira, entrar em contato com ele. Como sabemos, Mato já não tinha vontade de fazer isso, mas a StB deu um jeito. Recebeu um ótimo palpite e aproveitou a oportunidade.

CAPITULO XII - O FIGURANTE REJEITADO

MESMO COM as garantias de que a StB não desejava prejudicar o Brasil e com a determinação de que o objetivo número um era lutar contra os EUA, o inimigo principal, os espiões tchecos estavam claramente interessados nas questões brasileiras. Após a revolução de Fidel Castro em Cuba 1959, a América Latina tornou-se arena de uma feroz rivalidade do bloco democrático ocidental contra o bloco oriental comunista. O caso de Cuba despertou o apetite de Moscou, que — ao contrário do que se acredita — interferia nos acontecimentos da “Ilha da Liberdade” desde 1959 (desde a Revolução, e não somente com a “Crise do Caribe”) vendo uma chance única de ocupar um terreno estratégico próximo aos EUA.

Já que dera tudo certo para os soviéticos em Cuba, por que não tentar também o maior país da América Latina? Antes que os russos começassem a operar no território brasileiro, o seu “braço longo” foram os tchecos. Em 1960, quando o presidente Juscelino Kubitschek[25] ainda estava no poder, a StB armou tentativas para se aproximar de sua cercania — tratava-se de adquirir um agente ou pelo menos um informante que estivesse em contato direto com o círculo do chefe de estado. A descendência tcheca de Juscelino Kubitschek não foi necessariamente conveniente, pois, apesar de ele ter interesse nas boas relações entre os dois países, de maneira nenhuma favoreceria o país de seus ancestrais.

A StB desejava informações secretas da cúpula do governo brasileiro. O que estava longe do alcance do serviço de inteligência tchecoslovaco na primeira metade dos anos 50 passou a ser totalmente possível na passagem para os anos 60: nesta época, três oficiais de carreira da StB operavam no Rio de Janeiro, além de um funcionário empregado como criptógrafo na embaixada. A rede de agentes ainda não era ainda muito numerosa, mas os espiões tchecos já dominavam perfeitamente o trabalho com os contatos/figurantes, ou seja, com as pessoas em que estavam “trabalhando” ou com quem apenas se encontravam e aproveitavam para adquirir informações.

Os contatos dos oficiais da StB já eram, naquela época, bastante numerosos. Na pasta de objeto “Meios de comunicação brasileiros”,[26] a pasta na qual eram reunidos materiais relacionados aos diversos jornais e empregados da imprensa nos anos 1960-1969, encontramos as informações a seguir.

Também foram destruídos muitos documentos dessa pasta; mas a partir do que restou é possível reconstruir a história do trabalho sobre certo jornalista que

era uma “verdadeira tentação” para a StB, devido a seus extensos e influentes contatos, principalmente com Augusto Frederico Schmidt, amigo pessoal do presidente Kubistchek. Conquistando a confiança do jornalista, o serviço de inteligência encontraria a chance de integrar o círculo mais próximo do presidente.

A primeira nota nos documentos é de 1959 e indica que tal jornalista era um contato da agente Inez (agente brasileira que trabalhava como secretária no parlamento. O material mais valioso que ela passou para a StB em 1959 foi o texto completo de um acordo militar entre Brasil e EUA), mas, como ele já possuía contato direto com Schmidt, seria “trabalhado” diretamente por um oficial do serviço de inteligência. A nota seguinte é de março de 1960: o figurante havia recebido o codinome de Hanák e já se sabia que trabalhava no *Jornal do Brasil*. Assim, Bakalár, o oficial do serviço de inteligência encarregado de “trabalhar” o figurante, foi até a redação do jornal em 23 de fevereiro de 1960. Para não causar suspeitas, procurou primeiro o crítico de arte Mário Pedroso, que escrevia sobre cultura, com o qual — como secretário das questões culturais da embaixada — gostaria de conversar sobre a exposição de louças tchecoslovacas no Rio.

Pedroso estava justamente saindo da redação e Bakalár o acompanhou, mas, já parado diante do elevador, lembrou “de repente” que gostaria de conversar com um jornalista e pediu que o crítico de arte o levasse até ele. Pedroso atendeu ao pedido do tchecoslovaco e foi embora em seguida. Hanák estava ao telefone, e logo que desligou o espião tcheco apresentou-se como um “bom conhecido de Pedroso”, acrescentando que gostaria de conhecê-lo pessoalmente pois ouvira falar muito dele e lia seus artigos com interesse. Como Hanák era um homem espontâneo e caloroso (provavelmente o espião sabia dessas características através de Inez), mordeu a isca e fez amizade com o espião tchecoslovaco tomando um café em um bar. Bakalár avaliou que esse primeiro encontro com o figurante fora um sucesso, pois, “com a ajuda do esquema com Pedroso, conquistou o caminho até Hanák de forma natural”. Como marcaram um encontro seguinte e como Hanák dera a Bakalár seu número particular de telefone, o funcionário do serviço de inteligência pôde concluir, com satisfação, que a questão vinha se desenvolvendo bem.

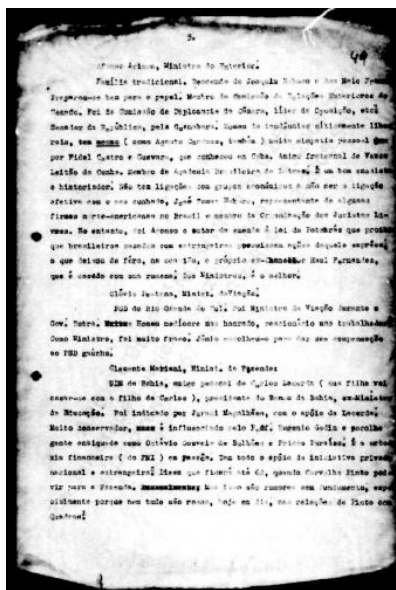
Em 16 de março no restaurante Mesbla aconteceu o segundo encontro do oficial do serviço de inteligência com o jornalista. Em uma conversa durante o almoço, ficou confirmado que Hanák realmente possuía boas relações com Schmidt, que se encontrava com ele frequentemente e que ele era, de fato, conselheiro do presidente Kubitschek. O espião também ficou sabendo que o jornalista tinha quatro filhos e, ao longo da conversa, concluiu que seu salário

“mal dava para o necessário”. Esta informação demonstrava a possibilidade de “comprar” um agente, e no relatório à Central o tenente Bakalár afirmou com satisfação que “este contato é útil para nós”.

Em maio, encontraram-se duas vezes; o jornalista forneceu informações sobre a missão de Schmidt na Europa, sobre a organização das forças policiais na nova capital e sobre os problemas relacionados à transferência das repartições nacionais. Algumas informações dificilmente seriam publicadas em jornais, mas não se tratavam de segredos nacionais ultra-secretos. O contato se desenvolvia bem e o oficial via boas perspectivas — seu novo “amigo” o informava com disposição sobre as questões que lhe eram feitas, mas ainda era necessário trabalhar um vínculo mútuo para avançar. Bakalár analisava em tempo real o conteúdo dos editoriais de Hanák - que passara a assinar importantes artigos de opinião. Hanák tinha uma visão mais nacionalista, era simpatizante de Cuba e adepto de uma política exterior independente dos EUA. Nas eleições seguintes apoiaria Jânio Quadros, e não o general Lott, que era conservador demais e pouco aberto.

Até as eleições presidenciais, a StB não conseguira trabalhar um figurante a ponto de adquirir informações diretamente dos círculos de JK. Entretanto, isso não diminuiu o valor de Hanák para o serviço de inteligência, e o trabalho sobre ele prosseguiu mesmo após a posse de Jânio Quadros. O oficial tentou, em vão, estabelecer uma regularidade aos encontros, mas o jornalista explicou que o caráter de seu trabalho dificultava isso. Após uma pausa, Bakalár intensificou a tentativa de “amarrar” o figurante e entre 1960 e 1961 organizou três encontros em menos de um mês no Rio de Janeiro. Em um desses encontros, fez um pedido audacioso para Hanák: gostaria que o jornalista, bom conhecedor do mundo político, elaborasse para ele as características dos novos membros do governo. Hanák prometeu dizer tudo o que sabia sobre eles, mas Bakalár esclareceu que estava interessado em uma elaboração por escrito. “É claro que sei que vai lhe tomar um pouco de tempo e lhe desviar de seu trabalho normal, então não quero que você faça de graça” — explicou o espião. O jornalista sequer lhe permitiu concluir a frase, dizendo energicamente que não queria dinheiro e que poderia, sim, fazer esse favor para um amigo. No relatório que esclarece o episódio o oficial afirma: “minha intenção era acostumar Hanák a escrever relatórios e recompensá-lo por isso”. No encontro de fevereiro (dia 17, no restaurante Alba Mar) Bakalár tentou extrair de Hanák o máximo de informação possível sobre o seu artigo do *Jornal do Brasil* de 13 de fevereiro, dedicado aos serviços secretos brasileiros, mas o jornalista respondeu de forma confusa afirmando que tal conhecimento era acessível para qualquer colega de profissão, que não havia segredo.

No relatório da Central de 4 de março, o tenente Bakalár avaliou a situação do figurante: notou que o jornalista "trabalhado" possui uma vasta rede de contatos e por isso tinha condições de fornecer "informações valiosas". Além disso, por ostentar uma posição significativa no *Jornal do Brasil,* poderia ser aproveitado para operações ativas, o que era extremamente tentador devido à sua influência do jornal. O oficial também cita os defeitos deste contato: a falta de regularidade nos encontros e a recusa decidida do figurante em aceitar gratificação financeira. E interessante notar a percepção do oficial no que diz respeito ao caráter de seus contatos com o figurante: "Às vezes o seu comportamento dá a entender que ele sabe do que se tratam nossos contatos e se esforça ao máximo para não 'chamar as coisas pelo nome' e não permitir um nível mais próximo na relação".

No dia 21 de fevereiro de 1961, Hanák realmente forneceu características de alguns novos membros do governo. De acordo com os documentos da StB, esse material foi aproveitado no departamento de análises e entregue aos "amigos", ou seja, à KGB. Por essa elaboração, o figurante recebeu quatro garrafas de uísque e lhe foi pedido um material semelhante: a descrição das frações e partidos no parlamento brasileiro. O jornalista concordou imediatamente. No relatório enviado por malote diplomático para Praga o tenente Bakalár avaliou o desenvolvimento do trabalho como bom, mas frisou que as relações entre ele e o figurante haviam sido construídas com base em relações de amizade, por isso a possibilidade de recrutamento não surgiria tão rápido. Eram necessários paciência e tempo; e a estimativa era que a aquisição do figurante poderia ser efetuada mais ou menos no outono de 1961. O tenente escreve adiante que Hanák já fornecia informações secretas, mas, quando provinham de círculos militares, recusava-se a divulgar a fonte. Se levarmos em conta que serviu o exército por três anos, um tempo extremamente longo, surgem certas dúvidas: teria ele ainda algum compromisso com o exército?

No relatório de maio o oficial afirma que revelou a Hanák que enviava as informações para Praga, o que foi tratado com naturalidade pelo figurante, que se esforçou, inclusive, para adicionar mais dados. Na opinião de Bakalár

> "HANÁK funciona praticamente como um agente recrutado: fornece informações adquiridas a partir de fontes confiáveis e está consciente de que essas informações não são destinadas somente para mim, mas que eu as transmito para as autoridades na Tchecoslováquia. Algumas vezes, pude exercer influência no conteúdo de seus artigos de editoriais em seu jornal e não há dúvidas que algo assim poderá ser repetido no futuro, principalmente quando ganhar a sua própria coluna".

Infelizmente, o problema dos encontros regulares persistia mesmo com o figurante respeitando os princípios de conspiração e nunca telefonando diretamente para a embaixada, mas esperando ser convocado ao encontro por seu oficial condutor. Ele não queria receber dinheiro por seus serviços, mas não fazia objeções quanto a presentes. O fato de o jornalista zombar de qualquer menção sobre espionagem, tratar o assunto como se fosse brincadeira, era inquietante. Pensando em como seria possível recrutar o brasileiro, Bakalár propôs um caminho gradativo,[27] em que o compromisso da colaboração estreita fosse um resultado natural.

Em julho de 1961 chegou uma informação muito interessante através do "quase agente" Hanák. Ele tivera uma longa conversa particular com o ministro das questões exteriores do governo Quadros, Afonso Arinos,[28] relacionada à questão de Cuba e à mudança de posição do governo brasileiro em relação à

“Ilha da Liberdade”. Até o momento, o Brasil considerava que era uma questão entre a ilha e os EUA, mas, como demonstrou Arinos, o governo passou a considerar que esse era um problema de toda a América Latina, que tinha então o dever de fazer os EUA conterem suas ações contra Cuba. Esse foi o mesmo relato da conversa de Hanák com Horacio Rodriguez Larreto (o correto é Larreta, a StB se equivocou), assessor de Adolfo Mujica, chefe argentino de diplomacia. E claro que essas notícias não foram transmitidas somente ao MRE tchecoslovaco, mas também aos “amigos”, e não é necessário acrescentar que se tratavam de informações importantes, que tiveram grande significado para os acontecimentos cubanos.

Em julho, tudo levava a crer que o jornal enviaria Hanák como correspondente à conferência econômica dos países da América Latina em Punta dei Este, Uruguai. Naquela situação política a conferência era muito importante e não era de se estranhar que o serviço de inteligência tchecoslovaco quisesse as mais exatas informações do que acontecia nos bastidores desses debates. Em um dos encontros com Hanák, Bakalár demonstrou expectativa em suas instruções:

> “desta vez, estou interessado em receber de você as informações mais completas possíveis, não somente uma análise de uma conferência, mas também conteúdos de conversas e opiniões de diferentes membros de delegações ou de jornalistas estrangeiros”.

Como Hanák assentiu, seu oficial condutor passou a falar sobre os gastos necessários e lhe propôs cobrir os custos. O jornalista, que então ganhava um salário de 90 mil cruzeiros por mês, perguntou o valor deste “subsídio”. Bakalár imediatamente citou a quantia de 70 mil, e, como prova de que essa não era uma proposta vazia, entregou-lhe na mesma hora um envelope com a soma. Hanák pegou o envelope, abriu e comprovou que continha dinheiro, mas não contou. Em seguida, o oficial relembrou novamente o que esperava do relatório da conferência e de que maneira deveria ser elaborado. Seguiram juntos em direção à casa do jornalista, já estavam se despedindo e, de repente, “sob a influência de uma rápida decisão, devolveu-me o envelope” — relatou Bakalár. Justificou-se dizendo que os custos da viagem foram cobertos por seu jornal. Mesmo assim, escreveria a elaboração para seu amigo e, se ficasse satisfeito, poderiam conversar sobre um eventual honorário. O oficial ainda tentou persuadi-lo de que não estaria fazendo nada de errado em aceitar o dinheiro, mas foi inútil.

De acordo com a parte seguinte do relatório do espião, a proposta financeira fora anteriormente combinada com o chefe da base, ou seja, ele não agira sem autorização. Ao analisarem o caso de Hanák, chegaram à conclusão que o grau

de trabalho permitia um movimento como este, que *aquela era a hora,* criando um confortável ponto de partida para comprometê-lo a um recrutamento futuro a partir do fato de aceitar dinheiro. Mesmo com o fiasco dos meios financeiros o oficial avaliou o encontro positivamente, pois, de acordo com a sua opinião, a promessa de elaboração de um relatório detalhado sobre a conferência em Punta del Este foi clara e obrigatória.

Em agosto de 1961, Bakalár viajou de férias ao seu país. Na seção das questões da América Latina da Central da StB, foi feita com ele uma profunda análise do caso Hanák. Em dez pontos, foi traçada a direção do trabalho sobre o figurante. O oficial deveria se esforçar para estreitar o laço de amizade com o figurante e conquistar a sua absoluta confiança. Deveria conduzi-lo por uma direção na qual aprenderia os princípios da conspiração e da elaboração de relatórios, além de como se comportar se for detectado pela polícia. Esses pontos revelam que não havia dúvidas de que seria possível recrutar o figurante como agente.

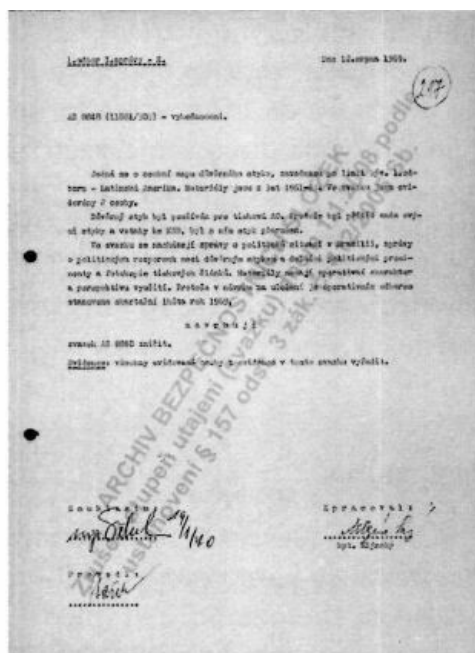
Entretanto, documentos seguintes demonstram que, no outono, Hanák evitou claramente os encontros com o oficial. Na época da inesperada renúncia de Jânio Quadros a polícia acusou o figurante de fazer parte do partido comunista, o que não era verdade (a direção do jornal inclusive o apoiou). Certamente, tratava-se de algum tipo de intriga, mas talvez essas circunstâncias influenciaram decisivamente sua indisposição para os encontros. A Central instruiu que o camarada Bakalár tomasse cuidado e, em dezembro de 1961, foi dada a ordem de não entrar em contato, deixar o figurante em paz por quatro ou cinco meses e depois tentar reatar contato.

Não existe um relatório de Punta del Este, mas apenas uma relação de aproveitamento das notícias fornecidas por Hanák. A maioria das informações foram entregues aos soviéticos e somente uma, relacionada à questão do açúcar, foi entregue diretamente aos cubanos. Também não há sinais de tentativas de reatamento de contato após esse período de silêncio. Até o fim das atividades da *rezidentura* da StB no Brasil, em 1971, não houve qualquer tentativa de aproveitá-lo de alguma maneira.Por outro lado é certo que, mesmo sabendo quem o camarada Bakalár era de verdade, Hanák não o entregou às autoridades brasileiras, não traiu o seu velho “amigo”.

Na pasta encontramos o nome e sobrenome completo do figurante. Hermano de D. N. A. (1927-2010). Jornalista, contrário à revolução em 1964 mas que continuou a viver no Brasil, publicou artigos e tornou-se inclusive deputado federal. Em 1968 teve os direitos cassados e exilou-se no México; depois trabalhou para a BBC e, em 1984, voltou ao Brasil. Em 2005, através da Comissão de Anistia, o Ministério da Justiça brasileiro concedeu-lhe reparações

econômicas de caráter indenizatório de R$ 2.160.794,62 (quase 1 milhão de dólares na cotação da moeda à época), além de um benefício mensal permanente no valor de R$ 14.777,50.[29] Ao que tudo indica - pelo menos é o que afirmam os documentos - colaborou com o serviço de inteligência tchecoslovaco ainda antes de a junta militar tomar o governo.

Colaboração com os amigos

Em 1961 foi aberta uma pasta com o título de “Colaboração com os amigos”.[30] Trata-se dos amigos do bloco socialista, dos serviços de inteligência desse bloco. Já sabemos, justamente a partir das informações desta pasta, que os espiões da KGB e da StB ajudaram a reatar as relações diplomáticas entre a União Soviética e o Brasil, e no final de 1961 os soviéticos abriram a sua embaixada por aqui, ampliando o campo de colaboração entre os serviços secretos. A pasta também está relacionada com a colaboração dos serviços de espionagem da Alemanha Oriental - a República Democrática Alemã - e da República Popular da Hungria. Ainda em 1961, além do caso de Alexeyev, a StB ajudou os soviéticos em diferentes operações ativas. Em um dos documentos está escrito literalmente que, através de conselheiros alocados no Departamento I do MV, em Praga, os soviéticos pediram para que a *rezidentura* tchecoslovaca no Brasil conseguisse a divulgação na imprensa de textos com determinadas teses. Em uma das operações (VOLHA) foi usado o agente Paulo (que depois recebeu o codinome de Kat), um jornalista recrutado em dezembro de 1960 que introduzia nos seus textos para o Ultima Hora teses fornecidas por seu oficial condutor, que, por sua vez, as recebia da Central, e esta do conselheiro soviético em Praga. Eram relacionadas ao encontro Khrushchov-Kennedy em Viena, dia de 3 de junho de 1961. A tarefa foi cumprida. Uma *AO* seguinte (criptônimo Don) foi efetuada através de um figurante, o conhecido juiz do Tribunal de Justiça da Guanabara, Osny D. P.[31]

Nota sobre a destruição da pasta — nº de registro 20949, folha 217, de agosto de 1969, onde está escrito que ele foi um contato secreto do I Departamento

Essa operação determinava a publicação de um artigo na imprensa apoiando Cuba e criticando a política do presidente Kennedy. A tarefa foi integralmente cumprida (o texto fora escrito pelos soviéticos) no jornal O *Semanário.* À primeira vista, um artigo de jornal podia parecer sem importância no Brasil, mas tinha um papel crucial na política empreendida pelos soviéticos, pois poderia repercutir no cenário internacional, sob outras circunstâncias. Dedicaremos o Capítulo XIV para analisar O *Semanário.*

Graças à leitura dessa pasta sabemos que os soviéticos estavam interessados principalmente em clubes militares. Em agosto de 1961, o camarada Chundienko, consultor da KGB no I Departamento, formulou um pedido para que a StB descobrisse o máximo possível a respeito desses clubes e relatasse os seguintes dados: descrição da estrutura e formas de funcionamento; lista de membros da diretoria; característica dos chefes e diferentes grupos no clube e eventuais divergências dentro do clube. Foi ressaltada a extrema importância desse pedido, e por isso ele deveria ser seriamente "trabalhado". No arquivo da StB havia uma sessão dedicada ao exército brasileiro e às correntes políticas dentro dele, mas provavelmente a pasta fora destruída.

A "cegueira" de Quadros

Por meio de suas atividades no Brasil, o serviço de inteligência

tchecoslovaco esforçava-se para criar as melhores condições de restabelecer as relações diplomáticas brasileiro-soviéticas. Essa tarefa contava com o empenho do presidente Quadros; e houve pânico em Moscou e Praga quando surgiu a informação sobre a piora do estado de saúde do presidente.

Em junho, os tchecos foram informados sobre a enfermidade nos olhos de Jânio por intermédio de Ruben - contato em fase de pré-recrutamento que conhecia o secretário pessoal do presidente e que seria aproveitado novamente para oferecer a ajuda de especialistas soviéticos no tratamento. Segundo as informações adquiridas por outra fonte - um contato de codinome Barba que trabalhava na seção de imprensa do Ministério de Assuntos Interiores e Justiça —, a enfermidade do presidente impossibilitou-lhe executar a sua função e era mantida em segredo. De acordo com o relatório da *rezidentura* do Rio de 25 de julho de 1961, o presidente concordou que especialistas soviéticos o examinassem e a notícia foi transmitida à embaixada tchecoslovaca. A Central informou o consultor soviético Chundienko, a StB decidiu ativar a operação em cooperação com a KGB e ficou arranjado que médicos russos viriam ao Brasil como turistas.

19

2. odbor, 2. oddělení — Praha 25. července 1961

Zpráva z Ria č. 393 ze dne 25. července 1961.

Residentura sděluje, že APARECIDO řekl 20.7. RUBENOVI, že QUADROS má zájem o urychlenou prohlídku sovětskými lékaři. APARECIDO navrhuje provedení tím způsobem, že lékaři by přijeli jako turisté a on by zajistil přijetí u QUADROSE. Návrh RUBENA, aby celá záležitost byla projednána přímo se sovětskou delegací, která je v Brasílii, APARECIDO odmítl s poukazem na to, že QUADROS pokládá shora uvedený způsob za nejlepší. RUBEN slíbil, že urychleně odešle telegram Peterkovi.

RUBEN si představuje další postup tak, že po příjezdu lékařů je uvítá na letišti, doprovodí do Brasilie a zajistí jejich spojení s APARECIDOU.

Residentura doporučuje, aby v případě realisace byl RUBEN z akce úplně vypuštěn /jak navrženo v č. 368/ a s APARECIDOU jednal přímo Pokladář nebo Nesvadba.

S RUBENEM bylo sjednáno spojení přes třetí osobu. V případě nutnosti nebo vyvolání schůzky ze strany RUBENA, jej bude kontaktovat Pomezný, který jej zná ze zajišťovací schůzky 8.7.1961.

Vypsal: por. T a č n e r

Praga, 25 de julho de 1961
Relatório nº 393 do dia 25 de julho de 1961

A Rezidentura informa que APARECIDO, no dia 20/7/1961, disse a Ruben que QUADROS está interessado em um rápido exame pelos médicos soviéticos. APARECIDO propõe que isso seja feito de tal

> maneira que os médicos venham como turistas, e ele garantiria que eles seriam recebidos por QUADROS. A proposta de RUBEN, para que toda a questão seja discutida diretamente com a delegação soviética, que se encontra no Brasil, foi rejeitada por APARECIDO, sob a alegação de que, segundo QUADROS, a maneira mencionada acima é a melhor. RUBEN prometeu que enviaria rapidamente um telegrama para Peterka.
>
> RUBEN imagina os próximos passos da seguinte maneira: recepcionará os médicos no aeroporto assim que eles chegarem, os acompanhará até Brasília e garantirá que eles entrem em contato com APARECIDO.
>
> A Rezidentura recomenda que, caso isso se realize, RUBEN seja totalmente desligado da ação (assim como foi proposto no n° 368) e, que Bakalár ou Nesvadba conversem com APARECIDO.
>
> Foi acertado que a ligação com RUBEN será feita através de uma terceira pessoa. Em caso de necessidade ou de RUBEN pedir um encontro, entrará em contato com ele Pomezny, que o conhece do encontro de 8/7/1961.

No entanto, a operação nem chegou a se cumprir: antes que os médicos soviéticos chegassem, em 25 de agosto Jânio Quadros renunciou e a ideia tornou-se obsoleta do ponto de vista dos soviéticos. O caso de Quadros preocupou tanto a StB quanto os círculos políticos brasileiros, uma vez que ambos tinham esperanças em relação a ele, inclusive após a renúncia inesperada - mas essa é uma outra história.

Logo depois que a União Soviética reatou as relações diplomáticas com o Brasil, a troca de informações e a transferência de tarefas e ordens já não eram feitas somente por consultores soviéticos na central em Praga, mas diretamente no Rio de Janeiro. A *rezidentura* tchecoslovaca recebeu novas tarefas e passou a colaborar com os amigos a partir do contato regular com um residente soviético responsável pela relação entre os dois serviços. O primeiro contato entre seus funcionários aconteceu por telefone em 8 de maio de 1962, e logo houve o encontro entre dois oficiais. Exatamente ao meio-dia, Lev Joukov, I Secretário da Embaixada Soviética, veio à embaixada tchecoslovaca visitar o residente Jezersky e entregou saudações de Borecki.
O sobrenome em questão era uma espécie de código: tratava-se do codinome do chefe da seção da América Latina na Central da StB em Praga e era conhecido apenas por agentes - ou seja, era a prova clara e irrefutável de que o visitante era oficial da KGB.

A partir de então, documentos importantes destinados aos soviéticos já eram

entregues no Brasil, e não mais por intermédio de um conselheiro soviético na Central em Praga. Jezersky e Joukov[32] acertaram a forma de contato — quando o espião soviético quisesse marcar um encontro, telefonaria para o apartamento particular de Jezersky apresentando-se como Leon. A conversa seria curta, sobre um assunto qualquer, o que indicaria que, no dia seguinte ao da conversa, deveriam se encontrar no centro da cidade, às 19h00, no restaurante Colombo.

Se fosse o espião tcheco que desejasse iniciar o contato, ele deveria telefonar para a embaixada da URSS e deixar o recado de que Francisco telefonou, o que determinava um encontro no mesmo local e hora, no dia seguinte. Jezersky escrevera em suas anotações que Joukov perguntava principalmente sobre as características dos brasileiros, sobre o ambiente da rede de agentes e questões relacionadas com o monitoramento. A partir de dezembro de 1961, já não aparece nos relatórios o verdadeiro sobrenome do diplomata, que era residente, mas o codinome Vasil, escolhido pelos tchecos. Na época, os encontros eram com Skorepa, residente recém-chegado que viera no lugar de Jezersky.

No fim do ano, por intermédio da *rezidentura* tchecoslovaca, foi entregue aos soviéticos um aparelho para conexão de rádio que chegara ao Rio por via diplomática através da embaixada. Já em janeiro de 1963, nas mais altas esferas - com o ministro do interior da Tchecoslováquia (alto-comando da StB) -, surgiu a questão de passar parte da *agentura* (grupo de agentes e colaboradores) tcheca para os soviéticos. Em troca de alguns agentes no Brasil os soviéticos ofereceram toda a sua rede de agentes na Bolívia.

Esse pedido soviético era, de fato, uma ordem. Então, na primeira proposta para o ministro havia três agentes e três contatos secretos: Lom — economista da Federação Nacional da Indústria, recrutado em 16 de janeiro de 1956; Lord — economista do Ministério de Indústria e Comércio, recrutado em 25 de fevereiro de 1959; Lar — oficial da reserva, recrutado em 9 de outubro de 1960; DS: Krno — proprietário de *O Semanário-*, Matos — membro do Tribunal de Justiça do estado da Guanabara; e Melon — economista da Confederação Nacional da Indústria, Petrobrás. As informações para foram assinadas pelo coronel Houska, chefe do I Departamento. A lista final dos agentes e contatos secretos é diferente da lista proposta, mas é possível ver que a KGB, que tinha todas as informações sobre o trabalho anterior da StB, sabia bem quem e o que queria.

Praga, é claro, estava pronta para cumprir a recomendação imediatamente. Em 1963, foram vários os contatos de Vasil com o residente tchecoslovaco, todos relacionados a uma das maiores operações mútuas entre a StB e a KGB no Brasil, a operação DRUZBA (mais detalhada no Capítulo XVI). De acordo com os relatórios do serviço de inteligência tchecoslovaco, sabemos que Vasil

procurou contato com Carlos Prestes, secretário-geral do Partido Comunista Brasileiro. Esse contato foi estabelecido e sabemos que os encontros entre os dois senhores foram frequentes. Infelizmente, nos relatórios tchecos não existem informações detalhadas sobre os encontros.

O arrombamento do cofre da embaixada

Um fato interessante descrito na pasta “Colaboração” diz respeito a Moscou e suas relações com o Brasil. A StB obteve a informação a partir de seu agente Lobo, que trabalhava na Casa Militar do presidente Goulart (mais sobre Lobo no Capítulo XIX). No início de março de 1963, um armário blindado com documentos secretos foi arrombado na embaixada brasileira em Moscou. O Conselho de Segurança Nacional e o Gabinete Presidencial receberam do Itamaraty a informação sobre o acontecimento e desconfiaram da contraespionagem soviética. A suspeita foi confirmada pelo técnico da empresa de armários blindados, que declarou que o sistema de fechamento do cofre fora, sem dúvida, violado por alguém de fora. Como a afirmação viera de um especialista, o responsável provavelmente era alguém com conhecimento profissional — e na União Soviética só podia se tratar do único serviço secreto, a KGB. De acordo com o relatório do agente Lobo, após analisar o caso o Gabinete Presidencial concluiu que o incidente não poderia vir a público para não fornecer argumentos às forças de direita no Brasil que atacavam as relações brasileiro-soviéticas.

Voltemos à questão de entrega de *agentura* aos soviéticos. Nos arquivos ABS, em Praga, encontra-se o relatório exato sobre a entrega do contato secreto Krno. E uma figura misteriosa, pois não há nenhum dado sobre ele além de menções em diferentes pastas relacionadas com questões brasileiras. De acordo com o conteúdo das notas, era alguém que já estava colaborando e entregando informações para a StB - sem dúvida, devia ter uma pasta particular. A falta dessa pasta e de qualquer sinal dela (não existem sequer informações sobre a sua destruição) leva a crer que, após receberem o colaborador, os soviéticos exigiram uma limpeza completa do arquivo tchecoslovaco. Esse fato demonstra a grande importância de Krno para a KGB. Possuímos apenas dados parciais e fragmentados que nos permitem formar uma opinião sobre a extensão de colaboração de Krno com a StB até o momento de sua entrega para os soviéticos.

Foi acordada com os soviéticos, portanto, a entrega de Krno. O agente deveria ser preparado para esse passo, mas ao que tudo indica essa delicada etapa de tensão psicológica foi omitida ou resumida. Imaginemos a situação de

um espião que há algum tempo conduzia um colaborador e, de repente, recebe a ordem de entregar o educando para o residente do serviço de inteligência de outro país. Além de precisar tomar cuidado em tempo integral para não nomear o seu verdadeiro chefe, o espião ainda recebeu as tarefas de revelar ao figurante que não era bem o diplomata que parecia e convencê-lo a participar de encontros semelhantes com uma pessoa de Moscou.

O encontro no qual o espião tcheco deveria preparar Krno aconteceu em 20 de fevereiro de 1963. Um membro indefinido da *rezideiitura* (falta na nota a assinatura do autor do relatório) informou ao seu interlocutor — ou seja, Krno - que seu chefe lhe confiara a tarefa de discutir com ele sobre “as perspectivas da futura colaboração e sobre uma circunstância muito importante relacionada com esta colaboração”. Resumiu que a cooperação mútua, “seja atuando no STROJ ou passando informações, contribuiu amplamente com resultados positivos na luta contra o imperialismo americano não somente no território do Brasil, mas na América Latina em geral”. Em seguida, o residente disse algo que trouxe uma luz à questão: “STROJ, *de cuja edição temos controle parcial*, possui autoridade entre todo o ambiente nacionalista (...), no exército e entre os estudantes”. O espião revelou então que a questão fora discutida nas mais altas esferas com os soviéticos e que o apoio ao STROJ deveria ser mantido. Para isso, então, queriam contar com a boa vontade de Krno “em colaborar na luta contra o imperialismo” e para melhorar a coordenação das atividades do bloco socialista: “seria melhor que os amigos mantivessem contato com Krno e *estabelecessem, dessa maneira, um contato como aquele mantido anteriormente*”.

Em outras palavras, o residente tcheco acabava de revelar ao colaborador que sabia sobre seus contatos anteriores com a KGB, mas tranquilizava-o, pois esse tipo de contato deveria ser mantido. O residente frisou no relatório que o momento decisivo da conversa foi esse fragmento, no qual ele chamou a atenção para a importância da colaboração “entre nossos chefes” e percebeu que “neste momento Krno compreendeu que sabemos de seus contatos com os amigos, e eles, de seus contatos conosco”.

Mais adiante foi discutido como os superiores, tanto em Praga como em Moscou, consideram alta a sua competência e conhecimento sobre a América Latina, e que a capital do proletariado mundial estava interessada em continuar a colaboração com ele. De acordo com o relato do espião de Praga, Krno não teve nenhuma objeção a isso, mesmo que — como observou o residente — tenha ficado um pouco triste com a repentina interrupção da colaboração com o camarada tcheco. No relatório também consta a informação de que Vasil foi informado sobre essa conversa em detalhes e, em seguida, ele mesmo passou ao

colega tcheco a notícia de que se encontrara com Krno e que “a colaboração com o novo órgão condutor continua em andamento sem interferências”.

O agente Lom, no fim, não foi recebido pelos soviéticos, pois nos anos seguintes trabalhou para Praga. Lom simplesmente não aceitou a entrega: em março de 1963, quando o camarada Moldán lhe informou das intenções de passá-lo para os soviéticos, o agente negou, pois não concordava em estar a serviço de Moscou. Quanto ao agente Lar, sabemos que após o golpe em 1964 a StB interrompeu a colaboração com ele e até então não fora recebido pelos soviéticos. Em 1967, o GRU, serviço de inteligência militar soviético, interessou-se pelo agente. O agente Lord foi “conservado”, hibernado, pela StB, o que significa que o próprio serviço de inteligência reconheceu que sua colaboração devia ser interrompida. No entanto, não se sabe se ele foi recebido pelos soviéticos. Sabemos que a StB também interrompeu o contato com Melon, porém isso ocorreu apenas em 1964 e não se sabe exatamente se foi de fato recebido pela KGB. Certo é que a colaboração com ele continuou até a primavera de 1964, mesmo após a indicação para ser entregue aos russos. Sobre Matos, infelizmente não pudemos identificar o que houve.

Os contatos entre os representantes dos dois serviços de inteligência duraram até o fim da existência da *rezidetitura* tchecoslovaca no Brasil, ou seja, até 1971. Durante todo esse tempo, os residentes de ambos os serviços de inteligência se encontravam intensivamente, transmitiam informações ou favores mutuamente, estabeleceram e concretizaram atividades em comum em muitas questões operacionais. Na ocasião da mudança do residente soviético indicado para os encontros com o colega tcheco, a StB utilizou as definições “velho Vasil” e “novo Vasil”, para, após algum tempo, voltar à forma Vasil. Havia nota afirmando inclusive o fato de que o velho, ao se despedir, teve um comportamento incomum — pagou a conta pela refeição no restaurante, justificando que gostava daqueles encontros, que sentiria saudades e, já que estavam se despedindo, era natural que ele pagasse a conta. Em novembro de 1966 surgiu então o novo Vasil, cujo nome verdadeiro era Alieksiei Garmachov.

Há uma informação interessante de outubro de 1967 sobre J. A. M., personagem do capítulo anterior: na nota de informação destinada à KGB, podemos ler que o responsável pela ligação com o Partido Comunista do Brasil entrara em contato com a *rezidentura* tchecoslovaca e informara que o SNI, serviço brasileiro de informações, estava seguindo um funcionário da embaixada tchecoslovaca, o camarada Rutta (Josef Rutta era um agente. Em 1971 fora embaixador no México e doou suas coleções de cultura popular mexicana ao Museu Nacional de Praga), que, por sua vez, tinha contato com um dos funcionários da chancelaria presidencial. Nesta informação foi destacado para

avisar aos soviéticos que J. A. M. era um “jornalista progressista da ABI, membro do Partido Comunista Brasileiro, que (...) foi aproveitado por nós, como agente, até 1959, quando o contato com ele foi interrompido”. A nota não esclarece por que essa informação foi entregue aos russos. Pode se tratar de uma iniciativa do responsável pela ligação para informar aos amigos que os tchecos o conheciam bem.

Na pasta dedicada à colaboração com os amigos havia também notas sobre a realização de contatos com o serviço de inteligência da República Popular da Hungria, que dividia as informações sobre o Brasil com os seus colegas da Tchecoslováquia. A troca se estendeu de 1961 até 1968 e, a partir dessa informação, conclui-se que o serviço de inteligência húngaro esteve ativo no território brasileiro durante esse tempo e foi capaz de obter informações valiosas, por exemplo sobre o exército.

Em 1966, representantes do serviço de inteligência alemão-oriental (STASI) fizeram à StB um pedido de ajuda na organização de seu trabalho de espionagem no Brasil. O funcionário de contato dos alemães foi o camarada Günther Richter, secretário do assessor comercial pela RDA. Em Praga, durante o encontro entre os superiores dos serviços secretos, ficou decidido que os funcionários do serviço iriam se reconhecer através de uma senha combinada — ao encontrar o alemão no Rio de Janeiro o camarada tcheco perguntaria: “o senhor conhece o companheiro Achimo de Berlim?”. A resposta de Richter deveria ser: “Sim, senhor. E um bom amigo meu”. Foi relatado à Praga que em 17 de novembro de 1966 o contato ocorreu, de fato. Em 1968 a colaboração, que vinha progredindo bem, foi interrompida devido à volta do residente à sua pátria.

Em 1967 e 1968 foi feito também o contato com os serviços de espionagem da Polônia e da Bulgária, mas, de acordo com o conteúdo das pastas, esses serviços secretos não realizaram nenhuma operação em comum e não houve nenhum tipo de atividade concreta, troca de informações ou fornecimento de apoio em território brasileiro. Após 1971, os tchecos já não estavam tão ativos em operações com agentes no Brasil como no período anterior. Quanto aos poloneses e búlgaros, não é possível afirmar com convicção.

CAPÍTULO XIII - GOULART, “A REVOLUÇÃO DEVE SER FEITA PRINCIPALMENTE COM A CABEÇA”

O FUNCIONÁRIO soviético do serviço de inteligência Alexeyev conheceu Jânio Quadros antes que ele fosse eleito presidente e assim também foi com o sucessor João Goulart, o Jango, que já era um conhecido do serviço de inteligência tchecoslovaco. Jango atuava há tempo, e com notoriedade - na arena política. Mesmo com sua pouca idade (nascido em 1918), tornou-se vice de Kubitschek. Poderia ter seguido a carreira de jogador de futebol, mas uma enfermidade paralisou seu joelho. Foi, então, estudar direito e o Brasil ganhou um político significativo em sua história. Às vezes, era comparado a J. F. Kennedy: jovem, com uma bela esposa e — o mais importante — causava comoção entre os brasileiros mais simples. Era popular, era um homem de visão e tinha planos audaciosos que, segundo a opinião de seus críticos, beiravam um populismo vulgar. Sua política pode ser considerada emancipatória em relação aos EUA por pregar a independência das influências norte-americanas. Obviamente, essa política causava excitação em Moscou e em Praga.

A abertura de Goulart para o oriente não era somente da boca pra fora, e, se realmente pensava em diminuir as relações econômicas com a potente América do Norte, devia buscar alternativas econômicas. Não se tratava somente de créditos, indispensáveis para o progresso e para retirar o país da difícil situação financeira, mas também de fornecimento de petróleo, máquinas e complexos de investimento - usinas de eletricidade, fábricas de cimento e fábricas de indústria de máquinas. Juscelino endividara seriamente o país e receber empréstimo do FMI não estava fácil, pois Washington tinha condições exigentes, muitas vezes também políticas. Porém, do outro lado, Moscou abria os braços amistosamente...

O I Departamento teve a oportunidade de conhecer o vice-presidente Goulart em dezembro de 1960, na ocasião de sua visita à Tchecoslováquia. Possuímos informações sobre a visita oficial a partir de duas fontes: o Arquivo Nacional em Praga, onde estão reunidos os documentos do Comitê Central do KSC e da chancelaria de Antonín Novotny,[33] primeiro-secretário do Comitê Central; e também do ABS, arquivo da StB.

Nos documentos do arquivo do partido comunista ficamos sabendo que Jango voou para a Tchecoslováquia a convite do primeiro-ministro do governo tchecoslovaco; ou seja, foi uma visita oficial. Em 2 de dezembro de 1960, devido

às más condições atmosféricas, o avião da delegação brasileira teve de aterrissar em Bratislava em vez de Praga. Goulart chegou a Praga de trem, na manhã do dia seguinte. Foi recebido pelo primeiro-ministro com quem conversou sobre as relações comerciais — na nota podemos ler frases semelhantes a reportagens sobre a necessidade de construir relações mutuamente vantajosas, mas existe uma informação que certamente não estava notícias da imprensa: "Quando perguntado sobre qual é a relação do Brasil com a Organização dos Estados Americanos e com Cuba, o hóspede deu uma resposta evasiva". Logo saberemos por quê.

Após a conversa com o presidente do parlamento, o hóspede pediu para conversar *em particular* com o *premier* do Conselho de Ministros (chefe do governo). Segundo a nota, "O hóspede [Goulart] justificou o seu pedido dizendo que, sobre certas questões, não deseja conversar na presença do *chargé d'affaires* brasileiro em Praga, pois este é um homem do Itamaraty e esta é a instituição mais reacionária que existe na vida política no Brasil". Em outras palavras: um político brasileiro da alta cúpula (vice-presidente e presidente no senado) deseja que o conteúdo de sua conversa com o primeiro-ministro tchecoslovaco seja ocultado do representante legal de seu país em Praga.

Nesta conversa particular, revelou a sua opinião sobre o seu superior, o presidente Quadros,

> "é um expoente de grupos de capital relacionados com monopólios estrangeiros. Estes grupos financiaram a sua campanha eleitoral, que terminou com sucesso, principalmente graças à demagogia inteligente que Jânio Quadros aplicou antes das eleições".

Em seguida, Jango disse que no Brasil havia um intenso movimento das massas populares sob a direção do Partido Trabalhista Brasileiro. "Quando o novo presidente começar a governar" — relatou em particular o vice-presidente:

> "a tarefa mais importante desse movimento popular por uma completa emancipação nacional econômica será a luta pela realização das promessas do novo presidente. E uma das promessas pré-eleitorais de Jânio Quadros foi também o reatamento das relações diplomáticas com a União Soviética e com os outros países socialistas".

O objetivo da viagem de Goulart para a União Soviética e República Popular da China era justamente criar a melhor atmosfera e as melhores condições para essa abertura. Na opinião do vice-presidente, uma prova da força do movimento

popular foi o simples fato de a sua viagem ter sido realizada, o que era inimaginável alguns anos antes. Lembrou também das dificuldades da luta contra os monopólios estrangeiros, devidas ao fato de “o Partido Comunista Brasileiro continuar relativamente fraco”. Por isso, a frente progressista brasileira precisava do apoio do bloco socialista, “bloco ao qual essas forças gostariam de adicionar o Brasil”.

Como podemos ler na nota destinada ao chefe dos comunistas na Tchecoslováquia, Goulart tratava o país como uma ponte através da qual esse apoio chegaria ao Brasil. Era necessário, portanto, um contato amistoso com os representantes da Tchecoslováquia. Goulart expressou-se calorosamente sobre o embaixador tchecoslovaco no Brasil, mas disse que não podia conversar com ele tão tranquilamente quanto em Praga, naquela ocasião. A conversa seguiu abordando a preparação do acordo comercial do qual o presidente Kubitschek também era entusiasta.

O vice-presidente brasileiro demonstrou interesse no funcionamento dos sindicatos no país. Impressionou-se com o fato de haver uma única organização sindical centralizada e totalmente subordinada aos comunistas. Também teve cuidado com os interesses econômicos de sua pátria, e durante o encontro com o ministro do comércio exterior tocou na questão da exportação de produtos brasileiros para a Tchecoslováquia, principalmente de produtos típicos do Rio Grande do Sul. Brizola, governador do estado, “era seu parente”, anotou o autor deste apontamento. Falaram concretamente sobre o arroz, produto abundante no Rio Grande do Sul; sobre milho, soja, carne e couro. Brizola, por sua vez, estava interessado em complexos de investimento, principalmente energéticos. Em relação a este plano de câmbio comercial o ministro tchecoslovaco discorreu sobre a necessidade de negociação no plano de grupos de especialistas, ao que Jango respondeu que seria melhor resolver diretamente com Brizola.

No último dia de sua estadia, Jango encontrou-se com Antonín Novotny, e na noite de 5 de dezembro viajou para a União Soviética em companhia dos membros da delegação brasileira.

É interessante o resumo da situação política brasileira neste relatório sobre a visita de Jango, pois as opiniões expressas nele tiveram as suas consequências. Vale lembrar que o relatório era destinado às mais altas autoridades comunistas na Tchecoslováquia e eram elas que direcionavam o trabalho da StB, assim como toda a vida social e econômica do país na época. A sugestão de Jango, sem dúvida, influenciaria o comportamento dos órgãos tchecoslovacos em relação ao Brasil. O fragmento é tão importante que vale a pena citá-lo quase integralmente:

> “No Brasil, já faz um longo tempo que tem lugar uma forte luta entre os círculos pró-americanos e os nacionalistas, da qual o preço é o progresso político e econômico independente do país. Essa luta determina toda a situação interna da vida política no Brasil. Nos últimos tempos, o desenrolar dos acontecimentos aponta para um aumento na atividade do movimento operário brasileiro e tem lugar fortes conflitos de classe contra o poder da burguesia. Essa crescente atividade do movimento operário brasileiro acelera a diferenciação entre a burguesia brasileira, da qual uma das partes é orientada nos EUA e a outra, a burguesia nacional, que tende a quebrar o poder dos monopólios americanos.
>
> [...] A influência da burguesia nacional está crescendo e procurando, em seus objetivos, um apoio que seja para ela vantajoso. Por isso, busca possibilidades para desenvolver contatos comerciais e políticos com outros países [...] Em outubro desse ano, como consequência da vitória de Quadros, forças reacionárias conseguiram chegar ao poder e esse progresso está ameaçado [...], durante a sua visita Goulart não escondeu suas preocupações e, de maneira aberta, mas geral, pediu apoio para as forças progressistas brasileiras. Mesmo que as palavras de Goulart devam ser tratadas com reserva, será ele durante o governo de Quadros, senão o único, com certeza o mais expressivo representante da política anterior do presidente Kubitschek, seguindo em direção ao alcance de uma independência econômica nacional do Brasil [...] Do ponto de vista dos contatos mútuos Tchecoslováquia-Brasil, *a visita do vice-presidente Goulart é um acontecimento significativo, que possibilita aos nossos funcionários diplomáticos e comerciais desenvolver uma atividade mais extensa no Brasil* [...]”.

Tentando traduzir esta linguagem de funcionários comunistas: “Goulart, é verdade, não é comunista, mas a sua política nos favorece e é necessário apostar nele; uma corrente antiamericana na política brasileira seria uma boa oportunidade para nós”.

Na pasta “Governo e parlamento no Brasil”,[34] da StB, há um relatório do primeiro-tenente Moldán, que, seguindo as ordens da central, acompanhou a delegação brasileira. Fora os coquetéis oficiais, como representante do MRE foi tradutor e um verdadeiro faz-tudo. Chegou até a morar com a delegação em uma mansão do governo na qual ficaram hospedados Goulart e seus acompanhantes. Moldán, que de 1954 a 1958 serviu como residente do serviço de inteligência no

Rio de Janeiro, conhecia bem a realidade brasileira, e por isso era ideal para essa tarefa, que cumpriu perfeitamente. E possível dizer que fez amizade com o vice-presidente e com os acompanhantes Raul Ryff e Francisco da Silva Laranja Filho e que ao final, após a fria fase inicial de gentilezas, Jango começou a tratar Moldán por *você*. O oficial relatou que Goulart gostou muito "de nossa vodca de ameixas, a qual pedia com muita frequência ao quarto", e que o ajudou a comprar dois trajes folclóricos para seus filhos. Avaliou o político como um homem sincero e amigável, que entre grupos maiores tinha cautela com as palavras, mas, em grupos menores, permitia-se até mesmo fazer comentários antiamericanos. No aeroporto, despediu-se de seu tradutor "ao modo brasileiro": abraçando-o e dando-lhe um tapinha nas costas.

Durante toda a sua estadia na Tchecoslováquia o vice-presidente esteve acompanhado dos já citados assessores pessoais, e Moldán teve a oportunidade de conhecê-los e escrever algumas de suas características.

Raul Francisco Ryff certamente era amigo pessoal do político brasileiro, pois Goulart pedia-lhe opinião com frequência. Em Praga, Ryff também cuidava do conforto de seu chefe: pela manhã, preparava-lhe o mate, que tomavam juntos no quarto (Goulart muitas vezes de pijama ou *sborts*, e só depois se vestia e começava a trabalhar). Antes do mate, era impossível tirá-lo da cama. Ryff causara em Moldán a impressão de ser um homem inacessível, cauteloso e um pouco introvertido, que não se interessava por nada em especial. Na Tchecoslováquia comprou uma pistola calibre 7.65. Comportou-se de maneira amigável com Moldán, mas não falou muito, apesar de despedir-se do primeiro-tenente com a saudação "seu Josef", convidando-o a vir ao Brasil.

O Dr. Francisco da Silva Laranja Filho — médico e amigo pessoal de Jango, saía para caçar com Goulart, e na Tchecoslováquia comprou para si um fuzil de caça com luneta e outro igual para Goulart, frisando que Goulart era um bom caçador. Era mais expansivo que Ryff, interessou-se pelo serviço de saúde tchecoslovaco e pela vida noturna de Praga (o primeiro-tenente anotou que o médico se interessou "por nossas mulheres e gabou-se de que, nesse campo, poderia fazer concorrência contra os jovens locais"). Em uma das saídas noturnas levou Ryff, que, em vez de se divertir, adormeceu em cima da mesa, e "por causa dele tivemos de deixar o bar bem antes de fechar".

Na opinião do autor do relatório, "o Dr. Laranja não tem tanta influência sobre Jango como Ryff, mas são amigos próximos", assim, "ele pode ser usado para penetrar nos círculos próximos ao vice-presidente" — sugere aos camaradas que trabalhavam no Rio. Afirma objetivamente que não fora possível, em tão curto tempo, conhecer as suas opiniões políticas, mas diz que tem quase certeza que as pessoas que acompanhavam Jango eram adeptas da mesma linha política

do vice-presidente, pois ambos se expressavam positivamente sobre os países do bloco socialista. Moldán descreve uma cena quase que humorística sobre Goulart, que talvez contenha uma pista para a compreensão dos futuros acontecimentos brasileiros: “Quando eu lhe mostrei e entreguei o fuzil que escolhi junto com o Dr. Laranja afirmou, rindo, que com a ajuda dele faria a revolução no Brasil. Reagi, dizendo que uma revolução deve ser feita principalmente com a cabeça. Concordou comigo, rindo”. No final de seu relatório o primeiro-tenente recomenda que a *rezidentura* fique atenta com as pessoas que acompanhavam o vice-presidente — com a ajuda deles, seria possível penetrar no círculo de Jango (no caso do introvertido Ryff será mais difícil, mas não impossível). Será que Ryff foi mesmo tão inacessível para o serviço secreto tchecoslovaco? Na pasta “Pessoas da vida política e econômica” da StB há toda uma divisão com seu nome.[35]

Após a renúncia inesperada do presidente Quadros houve um curto *intermezzo*, quando o poder foi exercido por Ranieri Mazilli, e em 7 de setembro de 1961 João Goulart tornou-se presidente. Logo Jango, que em Praga já era bem conhecido e avaliado como amigável ao bloco socialista, falando até mesmo sobre revolução diante do oficial da StB. Em outubro, Praga recebeu a informação secreta adquirida pelo oficial Bakalár sobre as intenções do novo presidente, como ele via a turbulenta situação política e o que esperava do futuro próximo.

O presidente Goulart dissera, num círculo de colaboradores mais próximos, que o Brasil “está rumo a uma crise econômica e política que vai estourar em até meio ano caso o governo e o parlamento não façam nada para impedir”. Segundo o relatório, Goulart via apenas duas possibilidades para evitar a catástrofe: pedir mais empréstimos aos EUA com o custo de concessões ou “mudar radicalmente a estrutura da economia brasileira através da nacionalização e controle dos lucros enviados ao exterior”. Porém, o presidente duvidava que o parlamento, no formato de então, teria condições de aceitar soluções como esta. A informação está no número 505, data de 24 de outubro de 1961 e no documento podemos ver que ela fora obtida justamente com Raul Ryff, então secretário de imprensa.

2.odbor, 2.oddělení.

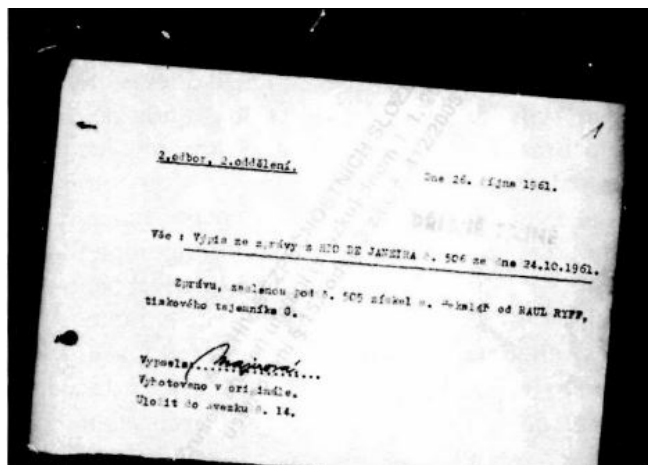
Dne 26. října 1961.

Věc : Výpis ze zprávy z RIO DE JANEIRA č. 506 ze dne 24.10.1961.

Zprávu, zaslanou pod č. 505 získal s. Bakalář od RAUL RYFF, tiskového tajemníka G.

Vypsala: [illegible]

Vyhotoveno v originále.

Uložit do svazku č. 14.

Em janeiro do ano seguinte, o primeiro-tenente Bakalár preparou um curto perfil dos assessores mais próximos do chefe de estado. Eram eles Raul Ryff, Dr. Antônio Balbino e Dr. Evandro Lins e Silva. Sobre o primeiro, escreveu que fora membro do Partido Comunista Brasileiro, que não se sabe por que e como entrou no círculo dos colaboradores, mas o oficial do serviço de inteligência supõe que fora graças a suas grandes habilidades jornalísticas. Acrescentou que o secretário de imprensa do chefe de estado tentava passar a impressão de que ele apenas transmitia as opiniões do presidente, mas, “na realidade, é Ryff quem toma as decisões, o presidente somente as assina”. Essa diminuição pública de seu papel junto ao presidente é esclarecida pelo fato de que, no passado, fizera parte do PCB, e devia-se evitar que a informação fosse usada contra ele e Jango.

Em janeiro e fevereiro, o funcionário tcheco do serviço de inteligência recebeu valiosas informações sobre a política do presidente em relação a Cuba e ao México; ao mesmo tempo, podemos ver que a fonte do espião já possui um codinome — Leto. Ainda não sabemos como as informações eram transmitidas, como era a relação entre o “diplomata” tcheco e o secretário do presidente e em que plano eram efetuados os contatos. Exatamente quanto a isso, em 1962 a Central chamou a atenção do residente, pois as últimas notícias de Leto referiam-se à estadia do figurante em Praga. A Central postulou, então, que o oficial no Rio descrevesse as circunstâncias dos encontros.

O oficial corrigiu o erro em abril e relatou seu contato oficial com o secretário de imprensa. Logo quando nasceu um laço mais cordial, começou a aproveitá-lo para objetivos da chamada Inteligência de fontes abertas (desse período procedem as notícias de outono e inverno do ano anterior, na Europa). Bakalár esclarece que várias vezes Leto aceitou o convite para ir ao restaurante e ao seu apartamento. Chamou a atenção ao caráter quase especial desse contato, pois o figurante está ciente de sua alta posição e era ele próprio que, durante os

encontros, determinava os temas das conversas. O funcionário do serviço de inteligência escreveu de forma direta que faria um esforço para que o contato se tornasse secreto, mas que não via chances de recrutá-lo como agente. “Leto tem uma posição alta demais e, ao mesmo tempo, é muito astuto para assumir um risco como esse” — concluiu o espião.

A central em Praga concordou com as conclusões de seu oficial no Rio e ordenou que aproveitasse o figurante como um contato secreto. Como a missão de Bakalár no Brasil estava chegando ao fim, o oficial organizou a “ entrega “ do figurante ao oficial Skorepa, recém-chegado ao Rio. Vale a pena acrescentar que na *rezidentura* no Brasil durante o tormentoso ano de 1961 existiam cinco funcionários tchecoslovacos. Isso significa que o trabalho de espionagem no período realmente crescera e o posto brasileiro era tratado como um dos mais importantes na América Latina. Mas voltemos à “entrega”, que ocorreu em 20 de julho, no escritório de Leto, para onde Bakalár levou Skorepa e esclareceu que a partir de então, em nome da embaixada tchecoslovaca, aquele seria o camarada que se encontraria com ele. Segundo Bakalár, Leto “concordou com prazer”. O fato de a “entrega” ter acontecido em local oficial não foi um obstáculo, pois o sucessor de Bakalár tinha justamente a função de secretário das questões de imprensa da embaixada.

Antes da entrega final e formal do figurante, o oficial condutor teve de elaborar um relatório resumido, no qual era necessário determinar exatamente o estado do “trabalho”, possibilidades de contato e perspectivas. Por meio desse documento (de 27 de julho de 1962)[36] ficamos sabendo “que Leto encontra-se em uma posição direta em relação à fonte das informações e justamente neste aspecto é mais aproveitado”. No que se refere à possibilidade de aproveitamento em operações ativas, o residente reconhece que a questão não fora levada em conta ou avaliada, mas, de qualquer forma, naquela etapa de colaboração o aproveitamento do figurante para AO não era possível. Entretanto, ele tinha grande influência na esfera da política, mas a possibilidade de “trabalhá-lo” para que pudesse ser aproveitado neste segmento estava em aberto.

A avaliação envolve um ponto importante, o “Estado atual de colaboração”:

> “LETO possui uma posição alta e de influência e está ciente disso. Isso define o contato com ele. Um homem não apenas mais jovem, mas também inferiormente situado, encontra-se com uma pessoa, que é uma das eminências pardas da república brasileira [...]. Essa alta posição de LETO influi sobre o fato de ele ter menos tempo livre, mas, quando o encontra, aceita os convites com disposição e fornece informações.

Geralmente, fala somente aquilo que ele próprio quer dizer”.

Bakalár esclarece que às vezes o figurante não tinha alguma informação, o que, na sua opinião, era bem estranho para uma pessoa tão bem informada. Considera, então, essa “falta de conhecimento” uma decisão de Leto sobre o que dizer e o que não dizer, sem dar mais explicações.

A primeira coisa que o sucessor de Bakalár registrou, em setembro de 1962, foi o ataque da imprensa contra Leto pelo governador do estado da Guanabara, Carlos Lacerda, dia 31 de agosto. Foi um ataque brutal a partir do qual surgiram acusações muito sérias, dizendo que o figurante e outros colaboradores do círculo do presidente eram comunistas. Naquela época, a StB já respeitava a proibição da colaboração operacional de membros de partidos comunistas, então Skorepa escreveu, em seu relatório do Rio: “Caso as informações dos reacionários sejam verdadeiras e Leto seja realmente membro do partido, interromperemos o contato com ele. Vou tentar verificar isso por intermédio do... camarada Prestes”.

Entretanto, enquanto a informação não fora apurada, os contatos com o figurante ficaram temporariamente restritos. No fim de 1962, chega a Brasília o capitão Moldán. Devido à sua boa relação com o figurante, iniciada em Praga, ficou decidido que ele tomaria conta do desenvolvimento deste contato. Praga esperava que o capitão explorasse melhor a relação, e aguardava relatórios de conversas de Leto com Goulart, informações sobre as relações no palácio presidencial e informações sobre a estrutura da instituição.

Em janeiro de 1963, Skorepa e Moldán visitaram Leto. Ryff reconheceu imediatamente o homem de Praga e comportou-se de modo muito cordial. Segundo o registro n° 68,[37] Leto prometeu que abriria caminho ao capitão para um contato com Goulart e não descartou que pudessem ir todos juntos a uma caçada. A *rezidentura* teve a ideia de fazer Moldán presentear o presidente com uma espingarda tchecoslovaca no valor de 350 dólares. A promessa foi cumprida, e em 18 de fevereiro o presidente convidou o capitão do serviço de inteligência tchecoslovaco para uma visita particular.

Ao descrever no relatório seus contatos com Leto, o capitão reconheceu que não adquiriu nenhuma informação significativa a respeito do trabalho operacional, que não via chances de recrutar o figurante e frisou que a questão sobre ele ser membro do PCB ainda não estava esclarecida.

Moldán não conseguiu se aproximar muito do secretário, pois ele estava quase sempre acompanhando o presidente em suas viagens. Em setembro de 1963, houve um encontro no apartamento de Leto, no qual o capitão também

estava presente. Durante a conversa, que durou até as duas da manhã, foi principalmente Leto que fez as perguntas. Moldán anotou um detalhe bem significativo: Leto insistia em perguntar sobre uma questão da história da Tchecoslováquia, no final da década de 1940, período no qual o sistema ainda era formalmente democrático (ou quase), mas já marcado por um alargamento do poder dos comunistas, que terminou num golpe de estado sem vítimas fatais em fevereiro de 1948.

Em janeiro do ano seguinte, o capitão do I Departamento relata, no mesmo tom: "contato sem mudanças. E amigável, direto, mas é difícil encontrá-lo". A única mudança consistia em que, ultimamente, não conversam no gabinete do secretário, mas na sala de deliberação do governo, onde não havia ninguém durante as visitas do capitão e podiam, então, discutir à vontade.

No relatório de janeiro de 1964,[38] que resume o estado de contato com Leto, há um fragmento interessante escrito pelo capitão, sobre o encontro do dia 13 de janeiro no aeroporto no Rio de Janeiro, onde:

> "despediu-se (LETO) de seus dois filhos, que voavam para passar 3 semanas na União Soviética. Fui até o aeroporto, para aproveitar a oportunidade de encontrar com LETO e tentar adquirir alguma informação sobre os últimos acontecimentos políticos. Além de muitas pessoas jovens, amigos de ambos os filhos de LETO, estava presente também a sua esposa, assim como o secretário da embaixada da União Soviética no Rio, Elatoncev,[39] que nem por um minuto saiu de perto de LETO, e foi possível perceber que a minha presença lhe atrapalhava, pois algumas vezes tentou afastar LETO para o lado. Enfim, perguntou-me, com ironia na voz, se os filhos de LETO vão para a Tchecoslováquia, ao que eu respondí que sim, no caminho de volta. Depois, já não falou mais nada".

Embaixada da URSS não comenta denúncia sôbre onze espiões no Brasil

O Adido de Imprensa da Embaixada soviética, Sr. Wladimir Kaymirov, disse ontem ao JORNAL DO BRASIL que o Embaixador Andrei Fomin não tomará conhecimento oficial das notícias sôbre a existência de 11 espiões soviéticos no Brasil protegidos por imunidades diplomáticas.

Disse acreditar que as notícias divulgadas ontem visam a atender aos desejos de grupos políticos brasileiros interessados no estremecimento de relações diplomáticas entre o Brasil e a União Soviética, sem indicar se as pessoas citadas pertencem ou não aos quadros da Chancelaria soviética.

IDA AO ITAMARATI

O Adido de Imprensa Wladimir Kaymorov estêve ontem no Itamarati, limitando-se a informar que fôra ao Ministério das Relações Exteriores em visita de cortesia.

Soube-se, entretanto, que o Adido soviético manteve contato de 30 minutos com os responsáveis pelo Serviço de Informações do Itamarati.

OS ACUSADOS

Os russos acusados de espionagem acobertada pela imunidade diplomática são os Srs. Boris Kostrytsin, Conselheiro Comercial; Vasili Yakubovskiy, Igor Petrovich Babkin, Anatoliy Shadrim, Leonid Romanov, Primeiro-Secretário da Embaixada; Robspier Filatov, Lev Zhukov, Wladimir Kasymirov, Adido de Imprensa; Nikolai Kaptsov e Anatoliy Yalatontsev.

O Adido de Imprensa soviético, cujo nome encontra-se na lista dos possíveis espiões, absteve-se de comentar a inclusão de seu nome, acrescentado que as "portas da Embaixada estão abertas à imprensa que desejar notícias mais sérias".

Jornal do Brasil 7 de maio de 1964

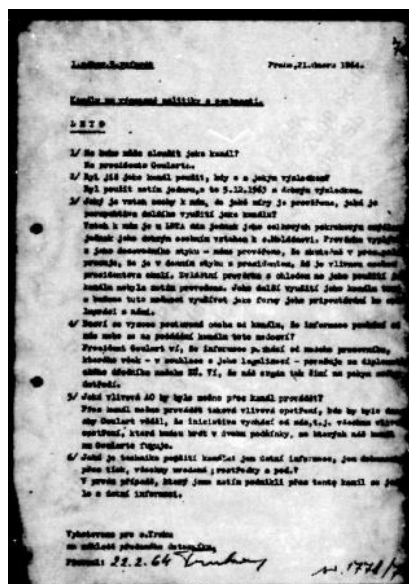
"Isso é tudo quanto a esse estranho 'incidente'", escreveu o capitão Moldán. Em seguida, descreveu o que dera de presente a Leto no Natal - um conjunto de caneta-tinteiro e lápis da marca Parker no valor de 40 mil cruzeiros e 12 garrafas de uísque dos estoques da *rezidentura* - e voltou ao caso soviético: "É intrigante o interesse dos amigos (os soviéticos) quanto à pessoa de Leto. Já antes, em Brasília, o secretário da embaixada L. Romanov[40] encontrava-se intensivamente com ele".

A título de esclarecimento, conseguimos descobrir que o secretário da embaixada soviética, Elatoncev, é autor de sete brochuras editadas em Moscou entre os anos 1969 e 1971, sob o título "Situação das atividades operacionais de rede de agentes no Brasil".[41] Os diferentes cadernos dessa edição estão dedicados a diferentes questões: o primeiro chama-se "A importância do país para o serviço de inteligência", e o sétimo "Condições para atividades do serviço de inteligência na capital e grandes cidades". Assim, ou ele era um diplomata — entusiasta e apreciador de assuntos sobre espionagem — ou um oficial da KGB.

A estadia de uma semana dos filhos de Leto na Tchecoslováquia foi paga pelo MV tchecoslovaco (fora os bilhetes aéreos, pagos pelos soviéticos) e o oficial Bakalár os acompanhou o tempo todo. Praga propôs, também, que o próprio Leto os acompanhasse, oferecendo cobrir totalmente os custos. Ele negou.

No final do ano anterior a Central havia compreendido que a maneira utilizada até o momento para "trabalhar" o figurante não trazia os resultados esperados: os encontros eram irregulares e as informações às vezes surgiam, às vezes não. Nada era garantido. Até mesmo Moldán, que estava mais próximo do figurante graças à amizade de Praga, não conseguiu muito.

Em dezembro, Praga tentou modificar a falta de progresso na relação com Leto aplicando um novo método. Dia 5, Moldán procurou o secretário de imprensa e, desta vez, não tentou adquirir nenhuma informação, esperando o que poderia vir dele. Porém, o próprio Moldán, em segredo (o encontro foi na sala de deliberação do governo e os dois estavam a sós), transmitiu ao brasileiro a informação que "adquiriu nos órgãos apropriados em Praga", e estava lhe transmitindo em confiança absoluta. Tratava-se da intervenção dos EUA contra a escolha do delegado brasileiro para a Organização dos Estados Americanos. Moldán deu a entender que poderia entregar mais informações como essa e que o presidente poderia saber sua origem. Durante o encontro de 3 de janeiro do ano seguinte, o oficial ficou sabendo que a sua informação chegara ao presidente no mesmo dia em que Leto a recebera. O presidente reagira com seriedade e, ao saber quem era a fonte, demonstrou interesse em encontrar Moldán.

A mudança no aproveitamento do figurante é confirmada pelo documento de 21 de fevereiro de 1964. E um documento de análise, chamado "Canais para políticos e personalidades importantes", com o subtítulo "Leto".

Ele demonstra, em forma de perguntas e respostas, as possibilidades do DS LETO ser um "canal" até o presidente:

> *“Segunda pergunta: Já foi aproveitado, quando e com qual resultado?*
>
> *Resposta: Por enquanto, foi aproveitado uma vez, em 5 de dezembro de 1963, com bom resultado.*
>
> *Terceira pergunta: Qual é a relação da pessoa conosco, até que ponto foi verificada, quais são as perspectivas de continuar a aproveitá-lo como canal?*
>
> *Resposta: A relação de LETO para conosco resulta de suas convicções progressistas e de suas boas relações pessoais para com o camarada Moldán [...]. Foi verificado que realmente trabalha no palácio presidencial, que encontra o presidente todos os dias, que é uma pessoa influente dentro do círculo do presidente [...]. A questão de seu aproveitamento seguinte como canal está em andamento e será possível usar desta possibilidade como forma de atraí-lo para uma colaboração conosco.*
>
> *Quarta pergunta: A pessoa altamente situada saberá pelo canal que a informação vem de nós, ou não saberá?*
>
> *Resposta: o presidente Goulart sabe que a informação vem de nosso funcionário, a quem — de acordo com a sua legalização — considera como funcionário diplomático de nossa embaixada. Sabe que ele faz isso por ordem de seus superiores.*
>
> *Quinta pergunta: Quais AO de influência seriam possíveis de realizar através deste canal?*
>
> *Resposta: Através deste canal, seria possível realizar aquelas operações ativas, através das quais pode-se chegar à conclusão que Goulart sabe que a iniciativa parte de nós, ou seja, tratam-se de todas as operações de influência, levando em conta as condições de funcionamento de nosso canal com Goulart”.*

No último ponto deste questionário está frisado que as informações foram transmitidas oralmente.

Em fevereiro, Moldán relatou a Praga que, em 24 de janeiro de 1964, durante o coquetel aos delegados da CEP AL,[42] teve oportunidade de conversar com Leto e, depois, com o próprio Jango, mas, como a conversa ocorreu no meio da multidão, não houve nada significativo. O oficial garantiu ao DS que os seus filhos foram bem cuidados em Praga. Jango também falara ao oficial e declarou

que gostaria de ir à Tchecoslováquia em maio, se possível. O oficial relatou que tinha dúvidas quanto a isso, pois na metade de maio o presidente alemão Lübke deveria vir ao Brasil em visita oficial. Leto completou, afirmando que por hora seria difícil falar sobre as datas exatas das viagens do presidente. O tempo demonstrou que tinha razão, mas o motivo não foi a agenda apertada ou a visita do chefe de estado alemão...

Em março, foi elaborado em Praga um memorando[43] sobre o caso Leto, um documento que faz uma espécie de recapitulação do grau de "trabalho" e conhecimento sobre o colaborador. A mudança do método de aproveitamento deste figurante como "canal" de informações ao presidente brasileiro fora definitivamente aprovada. O memorando afirma que, com relação à eventual filiação de Leto no PCB após 1946, ainda não existia nenhuma informação concreta. Presumia-se que, desde a proscrição do partido em 1947, Leto deixara de prestar serviços. O autor do documento é o camarada Bakalár, que recapitulou as informações até aquele momento e afirmou que era pouco provável o figurante ainda ser membro do PCB, pois "é difícil supor que Goulart manteria consigo, como pessoa de confiança, alguém que soubesse ser membro do PCB".

Segundo as "Cadernetas de Prestes" — anotações do secretário geral do PCB, confiscadas pelo DOPS após o golpe de estado — sabemos também que os comunistas reclamaram que Ryff lhes dificultava o acesso ao presidente. Assim, as teses dos funcionários da inteligência tchecoslovaca pareciam bastante corretas. "Mesmo assim, Leto continua a possuir convicções claramente progressistas", afirmou o oficial do I Departamento, concluindo que somente uma motivação ideológica legitimaria uma colaboração, pois financeiramente Leto estava bem. Segundo o memorando,

> "com base a informações não verificadas, a situação financeira de LETO melhorou desde que ele começou a colaborar com Goulart, que sempre lhe conseguiu trabalho em empregos estatais, onde — segundo o costume brasileiro — recebia o salário sem a necessidade de trabalhar. Também está situado da mesma maneira o seu filho mais velho, que "trabalha" em um certo instituto de aposentadorias controlado pelo Partido Trabalhista Brasileiro, de Goulart".

A seguir, o autor do memorando avalia objetivamente que os resultados da colaboração com ele foram, até agora, distintos, o que resulta de sua posição. Este estado

> "durou desde o começo do contato, no ano de 1961, até o final de 1963.

> Por isso, em dezembro de 1963 optamos por uma nova forma, ou seja, o aproveitamento de LETO como canal até Goulart. Esse método, por enquanto, foi aplicado somente uma vez, mas com um bom resultado, e serviu muito bem para a mudança de atitude de LETO para com a colaboração conosco”

Bakalár afirma que aquela era a direção apropriada para uma futura colaboração. Sabemos que a suposição desmoronou, não devido à má vontade de Leto em colaborar, mas por motivos completamente diferentes.

Na pasta foi descrita a questão — no relatório de 11 de abril de 1964, Leto fora citado como um dos atingidos pelo Ato Institucional anunciado pelas novas autoridades e estava entre as 60 pessoas que tiveram os direitos políticos cassados. Mais adiante, ficamos sabendo que Leto tentara ganhar asilo político dos tchecos, mas eles não concordaram. Preferiram que ele permanecesse no Uruguai, pois somente ali, com a emigração política, poderia ser útil para o serviço de inteligência. No fim das contas, o antigo secretário de imprensa do presidente viajou para a Iugoslávia e a Tchecoslováquia não o ajudou em nada, mesmo após o seu pedido de ajuda. Na documentação de Leto está descrita a decisão de arquivar sua pasta em outubro de 1964, justificando que, por ele não se unir ao trabalho da emigração política e estar recebendo ajuda das autoridades iugoslavas após o golpe, dificilmente continuaria a colaborar com o serviço tchecoslovaco. Leto já não era mais interessante para o serviço de inteligência.

Na época do governo de Jango havia muitos colaboradores da StB entre as fileiras de políticos, economistas, jornalistas e intelectualistas em geral. Não vamos apresentar a todos aqui; mas neste capítulo é necessário voltar a atenção para outra figura importante daqueles tempos. Na mesma pasta em questão aparece um personagem apresentado com a seguinte descrição: “Parlamento brasileiro. Deputado progressista do PARTIDO TRABALHISTA BRASILEIRO”.

Esse deputado fora primeiramente reconhecido pelos IS tchecoslovacos, que prestaram atenção nele por ser um político progressista, atacado no parlamento por Carlos Lacerda. No final do ano de 1960, a Central enviou à *rezidentura* uma recomendação para que reunissem o máximo de informações sobre ele. No início do ano seguinte foi-lhe dado o codinome Kato[44] e a *rezidentura* apresentou mais informações: Almino A., entre 30-34 anos, casado, provavelmente 2 filhos. Deputado pelo PTB (estado do Amazonas), fazia parte da FPN (Frente Parlamentar Nacionalista). Durante a campanha presidencial apoiou o almirante Lott, pois este era apoiado financeiramente pelo empreendedor Gasperian, de quem Kato era advogado e recebia fundos para a sua campanha eleitoral no

Amazonas, onde praticamente não permanecia.

A *rezidentura* definiu suas convicções políticas como progressista e nacionalista, mas não comunista. Pessoalmente, era amigável e quando se tratava de forçar suas convicções, era consequente. Conhecia o agente tchecoslovaco desde a época em que era ativo no movimento estudantil. Também constavam informações sobre problemas de saúde. Estas informações, bastante detalhadas, foram entregues ao serviço de inteligência tchecoslovaco pelo agente Aragon, um colaborador secreto brasileiro que depois recebeu o codinome Kano.

Com base nesses dados a Central decidiu que valia a pena "trabalhar" o deputado, e a tarefa foi confiada ao camarada Bakalár. Em dezembro de 1960, o agente procurou o deputado na capital e entregou-lhe o cartão de visitas de um agente tchecoslovaco que ele já conhecia e levou de presente um livro desse mesmo agente. Mesmo que Kato não se lembrasse daquele conhecido, fingiu que lembrava e aceitou o presente. O contato estava estabelecido. Na época, Bakalár ainda não residia definitivamente na nova capital, e na visita seguinte a Brasília, em janeiro de 1961, tentou mais uma vez encontrar o deputado. Porém, não teve sorte: Kato estava justamente em Cuba. Não sabemos de que maneira Bakalár conquistou a confiança do deputado, mas, em dezembro de 1961, as relações entre eles já eram relativamente próximas, pois em 30 de dezembro encontraram-se, junto de suas esposas, no apartamento de Kato.

O oficial tcheco entregou flores à esposa do deputado, e esse foi o único gasto relacionado ao encontro (os espiões deviam apontar os gastos à Central; as flores custaram 900 cruzeiros). De acordo com as anotações do oficial, Kato concordara em se encontrar somente no parlamento ou em casa, pois era uma pessoa relativamente conhecida e temia fofocas e comentários. No relatório o oficial afirma que, por enquanto, as tentativas de se aproximar de Kato haviam falhado, mas garantiu a Praga que no ano seguinte reforçaria e aprofundaria o contato.

Há um sumário de março de 1962, elaborado em Praga, sobre o desenvolvimento desse contato, afirmando que Lauro (novo codinome do deputado) era o tipo apropriado para a inteligência de fontes abertas e para a realização de operações ativas. Foram transmitidas as informações adquiridas de dezembro até janeiro: sobre a reunião de deputados nacionalistas com a maioria conservadora no parlamento, sobre a formação da delegação parlamentar brasileira que viajaria para a Tchecoslováquia, sobre a pressão dos EUA na questão de Cuba e sobre a posição de Goulart no PTB. Todas as informações adquiridas por Bakalár foram aproveitadas na Tchecoslováquia e enviadas para Cuba.

Já em março de 1962 o oficial gabou-se, em relatório, que os encontros com

Lauro começaram a ser regulares e que, daquela vez, aconteceram no apartamento do espião. Registrou informações sobre a visita de Goulart aos EUA, que aconteceria em abril de 1962. Em maio, Praga ordenou que o contato com o deputado fosse mantido no nível "de contato secreto, direcionado ao movimento nacionalista". Durante os encontros, Lauro fornecia ao oficial informações da vida política no Brasil sem qualquer tipo de resistência, mesmo as adquiridas em conversas confidenciais com o presidente, e tinha a consciência de que não acalmava apenas a curiosidade pessoal do "diplomata" da Tchecoslováquia — pelo menos era essa a avaliação do oficial.

Houve uma situação inesperada durante o encontro de 27 de maio de 1962 no apartamento de Lauro.[45] Nessa época, o destino de San Tiago Dantas,[46] ministro das relações exteriores, estava por um fio e surgiu a preocupação de que a direita estivesse preparando um golpe. Quando a conversa se direcionou para o tema, Lauro afirmou que as forças democráticas certamente estavam preparadas para tal situação, e completou que o agente se "surpreenderia se soubesse o quão intensamente ele se ocupa com a questão da resistência contra os direitistas". Bakalár afirmou que, caso a direita tomasse o poder, o parlamento deixaria de funcionar normalmente e Lauro perderia seu campo de ação. O autor do relatório anotou que Lauro pareceu ofendido com o fato de o oficial limitar suas possibilidades de ação somente ao parlamento. Disse que havia outras formas de luta e... não terminou a frase imediatamente, mas após uma curta hesitação completou: "outros amigos meus possuem um grupo, que, em caso de necessidade, iniciará a guerrilha". Frisou que por enquanto o grupo era pequeno, mas possuía contatos com as Ligas Camponesas, chefiadas por Julião. A organização e o equipamento estavam ainda em formação. No ano seguinte o trabalho de organização seria finalizado, então, se a direita agisse naquele ano, estariam despreparados. Não disse mais nada sobre o tema, "como se estivesse assustado por ter falado demais". O oficial garantiu-lhe que aquela era uma questão confidencial e "ficará somente entre nós".

É claro que não ficou somente entre eles: a informação fora enviada a Praga e os soviéticos também souberam de tudo. Bakalár, em seu relatório, destacou que a informação sobre o grupo guerrilheiro combinava com as intenções da AO LUTA (mais sobre esta operação no Capítulo XV), mas ainda seria preciso abordar a questão no futuro, pois não foi possível extrair mais do figurante. Em 20 de junho, Bakalár apresentou a Lauro o camarada Skorepa, novo condutor, e deixou claro que o contato a partir de então seria com ele. O deputado respondeu prometendo que introduzida o sucessor nos segredos da política brasileira. Na ocasião de entrega, o oficial elaborou um relatório segundo o qual podemos saber como a StB avaliava o grau de colaboração e quais eram as possibilidades

de aproveitamento deste contato.[47]

Como chefe da fração parlamentar do PTB, Lauro tinha amplo acesso a informações importantes. Além disso, seus frequentes contatos com o presidente abriam ainda mais esse alcance. Informa com prazer ao oficial sobre essas questões e tem consciência de que suas informações são aproveitadas pela embaixada tchecoslovaca.

Devido à alta posição do deputado, ele não foi aproveitado no que dizia respeito à AO, mas, quando revelou o seu contato com guerrilheiros, surgiu a possibilidade de atraí-lo para a AO LUTA, mas a Central não reagiu à proposta imediatamente.

Quanto à política de influência, Bakalár escreve que "o comportamento aberto de Lauro em relação a nós, assim como as suas possibilidades no âmbito de relação com os principais representantes do país, simplesmente o predispõe para aproveitamento na política de influência". Em seguida há uma lista de pessoas importantes com as quais possui boas relações: João Goulart, Brochado da Rocha (primeiro-ministro), San Tiago Dantas (antigo ministro das relações exteriores), Fernando Gasparian (industrial de São Paulo), Francisco Julião (chefe das Ligas Camponesas), Gilberto Mestrinho (governador do Amazonas).

O sucessor de Bakalár não conseguiu manter um bom contato com Lauro, por isso a Central decidiu que Moldán tomaria conta do caso. Moldán conseguiu se aproximar do deputado somente em novembro de 1963, e parece que tudo voltou ao normal. Segundo o relato do oficial, durante o encontro em seu apartamento, Lauro apresentou abertamente os acontecimentos políticos, sem a necessidade de introduzi-lo no tema. Para reforçar as relações mútuas ficou decidido que Moldán, daria à esposa de Lauro um presente caro de Natal. Escolheu um colar de ouro de 137 mil cruzeiros (cerca de 100 dólares) e mandou enviar a Lauro seis garrafas de uísque. Os presentes foram aceitos com gratidão e causaram uma sensação de otimismo no oficial, que declarou que o contato estava se desenvolvendo de maneira promissora. Em fevereiro, o espião tcheco tentou convencer Lauro a fazer um discurso no parlamento apoiando o Panamá, mas Lauro rejeitou a sugestão habilmente, pois a problemática já havia sido levantada naquele contexto. Foi o último encontro de Moldán com o deputado antes do golpe. Assim como Leto, ele se refugiou na embaixada da Iugoslávia, pois também estava na lista de pessoas com direitos políticos cassados. De acordo com as notas de outubro de 1964, que continham uma avaliação da colaboração de Lauro e onde estava descrito o seu destino após o golpe, o serviço de inteligência tchecoslovaco concluiu que ele fora adquirido pelo serviço iugoslavo. Sua pasta, então, foi arquivada e ele não foi mais "trabalhado".

Como podemos ver a partir dos casos de Leto e Lauro a StB tinha condições de fazer contato com pessoas muito importantes da vida política. Já não era como no início das atividades no Rio, quando classificavam como “irrealizável” a infiltração no parlamento ou nos círculos próximos ao governo. Essas pessoas eram “trabalhadas”, acabavam se abrindo, os contatos se desenvolviam — às vezes de uma maneira melhor, outras, pior — e a StB, mesmo com a mudança dos oficiais condutores e insucessos, podia operar com mobilidade e manter certa continuidade, melhorar costumes e as relações das pessoas com os “diplomatas” tchecoslovacos.

Nos dois casos descritos não há como falar em recrutamento ou em uma colaboração exata como *agente*, mas eram adquiridas informações importantes e até secretas. Houve tentativas de jogos de espionagem, política de influência e, inclusive, levaram em conta uma operação ativa, que não deu certo por falta de tempo. Seja como for, segundo a percepção da StB, em ambos casos foram encontrados políticos abertos para o contato, conscientes de que não se tratava de uma relação amistosa com diplomatas de um país socialista. A StB cumprira bem a tarefa de se infiltrar nos mais altos níveis da política brasileira. O golpe militar de 31 de março de 1964 interrompeu bruscamente o desenvolvimento das promissoras — segundo o serviço de inteligência da Tchecoslováquia — relações com os políticos. A StB perdeu esses contatos e os seus problemas causados pela mudança do regime político eram muito maiores do que a perda de alguns contatos. Ainda trataremos dessa questão, da reação do serviço de inteligência, de como Praga avaliou o golpe e quem, na sua opinião, estava por trás dele.

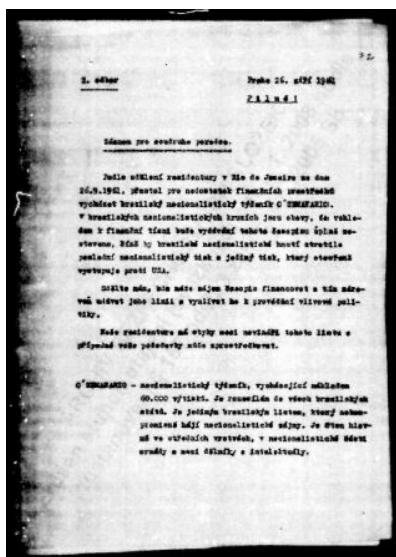
TERCEIRA PARTE

Grandes operações no Brasil

CAPÍTULO XIV - STROJ — A MÁQUINA

JÁ CRUZAMOS algumas vezes com o jornal O *Semanário* e — por incrível que pareça — o jornal brasileiro de orientação nacionalista aparece também nas pastas da StB, inclusive na pasta dedicada à colaboração entre StB e KGB.[48] Dia 26 de setembro de 1961 a StB informou aos soviéticos em “Nota para o camarada conselheiro” que, naquele mesmo dia, o jornal interrompera a circulação por falta de recursos financeiros. Logo após o comunicado conciso explica-se por que essa informação é importante: “Nos círculos nacionalistas brasileiros surgiu a preocupação de que a edição deste jornal seja totalmente interrompida por causa de problemas financeiros e, em consequência disso, o movimento nacionalista brasileiro perderá a última imprensa nacionalista e o único jornal que, abertamente, funciona contra os EUA”.

Por isso, os tchecos perguntaram aos soviéticos se estavam interessados em financiar o jornal, o que significava determinar a linha política do periódico, ou seja, empreender a política de influência. Os tchecos garantiram possuir contatos entre os jornalistas da publicação, então tinham condições de satisfazer as expectativas soviéticas.

Em outro documento da pasta — e novamente se trata de informação para o conselheiro soviético - afirma-se diretamente que “aproveitamos o jornal desde o ano 1960 por intermédio do contato do camarada Jezersky — DURAN —, que não é membro da redação, mas, como conhecido nacionalista, pode publicar seus textos na revista livremente”. Além desse contato, o residente já mantinha havia alguns anos contato oficial com Oswaldo Costa, diretor do jornal, que em 1959 entrara em contato com o diplomata Jezersky (na realidade oficial do serviço de inteligência) para pedir apoio financeiro para o seu jornal. Tratava-se — como comprova a nota — da soma aproximada de 800 dólares americanos por mês. Como nessa época o I Departamento não tinha essa quantia à disposição, a StB não pôde atender ao pedido do diretor do jornal.

A StB anotou que a embaixada dos EUA no Brasil estava muito interessada em Costa, tentando corrompê-lo para que não publicasse mais textos antiamericanos, mas, segundo a StB, não conseguiu. A tentativa de corrupção ocorreu em 1959, mas a linha do jornal permaneceu inalterada. Mais adiante, a StB afirmou que, até o momento, não participou do financiamento do jornal e que o contato Duran, recebera apenas pequenos presentes materiais pelos seus textos. Muitas evidências levam a crer que atrás deste codinome está Osny D. P., conhecido juiz e publicista incrivelmente ativo daqueles tempos.

No início de setembro de 1961, *O Semanário* parou de circular por falta de recursos. Os tchecos informaram aos soviéticos que, por enquanto, não houve conversas com Costa sobre possibilidades de apoio financeiro e, se fosse preciso, poderiam entrar em contato direto com o diretor. Ao mesmo tempo, declararam que não possuíam sua rede de agentes no jornal, mas continuavam interessados em usar as páginas deste para os seus objetivos. No fim da nota está a assinatura do capitão Borecky, chefe da 2ª Seção - dedicada aos EUA e à América Latina.

Em novembro, a Central avisou à *rezidentura* que os soviéticos não podiam financiar jornais; assim, era preciso saber que tipo de apoio seria necessário, pois o serviço de inteligência tchecoslovaco desejava continuar usando o jornal para seus objetivos. Encontramos nos arquivos a informação sobre a existência de uma pasta dedicada à operação ativa STROJ (em português: “máquina”), e a partir da junção de outras informações sabemos que a AO STROJ provavelmente era uma operação dedicada a O *Semanário.* Assim como a maioria dos documentos relacionados a operações ativas, essa pasta foi destruída.

Entretanto, a pasta sobre colaboração se conservou, e através de um

documento ficamos sabendo que, em fevereiro de 1962, foi elaborada uma nota na StB ao conselheiro soviético no I Departamento, na qual os tchecos pedem esclarecimentos aos soviéticos sobre certas questões nebulosas. Na nota está escrito que a StB tinha informações de que os soviéticos, mesmo negando o financiamento a jornais, o estavam fazendo. Essa informação foi adquirida por um agente (Cim, que depois recebeu o codinome Lar. Brasileiro, capitão da reserva do exército, recrutado em 9 de outubro de 1961) que, em uma conversa com o jornalista Carlos Albuquerque, que trabalhava para O *Semanário*, descobriu que o jornal recebera, sim, apoio da embaixada soviética. A respeito do agente Lar deve ser adicionado que, mais adiante em sua colaboração com o serviço de inteligência tchecoslovaco, ocorreram situações em que a *rezidentura* tivera dúvidas quanto à veracidade das informações e, depois, descobrira a mentira. Esse tópico estava relacionado a outra questão; entretanto, as informações sobre o jornal não foram questionadas.

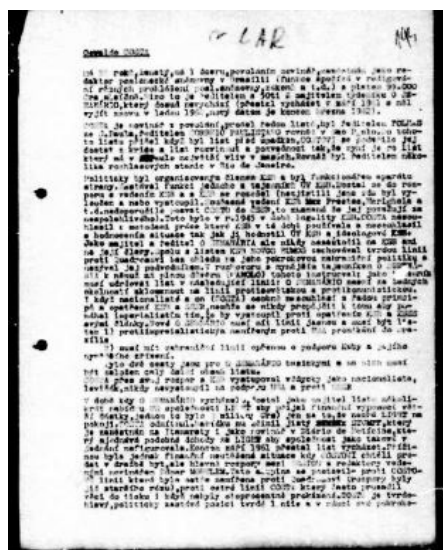
Com base em diferentes informações das pastas, é possível chegar à conclusão de que os soviéticos de fato se interessaram por O *Semanário*, afinal, eles próprios queriam e ficaram com o DS Krno, o chefe do jornal. Na pasta em questão não se encontra a resposta soviética. Enfim, essa era quase uma regra nessa “colaboração”: enquanto a StB entregava praticamente tudo à KGB, esta geralmente reagia com uma resposta do tipo: “não sabemos nada sobre o assunto” ou simplesmente ignorava a pergunta.

Após 25 anos de pesquisas sobre a polícia StB, os historiadores tchecos afirmam claramente que não se tratava de uma colaboração com a KGB, mas de uma rigorosa subordinação. Como curiosidade, em 1961 a StB conseguiu para os soviéticos a publicação de três textos na imprensa brasileira relacionados ao atentado contra o nacionalista ucraniano Stepan Bandera. O acontecimento ocorreu em Munique, e os soviéticos construíram a narrativa à sua maneira, usando-a para manipular as consciências. Espantoso é que até mesmo no longínquo e democrático Brasil escreveu-se sobre esse tema, confirmando a posição oficial soviética e isentando a URSS da responsabilidade pelo assassinato do nacionalista ucraniano. Essa tarefa demonstra enfaticamente que o serviço de inteligência tchecoslovaco era de fato uma extensão da KGB. Mas voltemos ao jornal em questão.

Mesmo que a pasta dedicada a O *Semanário* não tenha se conservado, podemos afirmar que o jornal foi objeto de interesse dos tchecos e soviéticos. Provavelmente, foi apoiado financeiramente por ambos em seus jogos políticos. Isso não vale apenas para o jornal, mas também para jornalistas e pessoas da equipe. Mas há também outras opiniões. Na revista da Associação Brasileira de

Imprensa, *Jornal da ABI*, E. Bailby, jornalista francês ligado a O *Semanário*, afirma que, “na época, foi o único jornal importante da esquerda, totalmente independente, que, sem hesitar, defendia os interesses do Brasil, tornando-se um órgão da Frente Parlamentar Nacionalista”. Sobre Bailby, ainda escreveremos.

Tratava-se, então, de um jornal “totalmente independente” ou uma ferramenta usada pelos serviços de inteligência comunistas da Tchecoslováquia e da União Soviética?

Jezersky, oficial da StB, que “trabalhava” e conduzia o agente Lar (antes Cim), elaborou, em março de 1962, uma extensa nota sobre Oswaldo Costa. Recebeu informações de até três colaboradores para preparar este material: Lar, Manolo e Matos. Ou seja, não se baseou nas revelações de um único colaborador secreto.[49]

Relatório sobre Oswaldo Costa.

Era dessa maneira que a StB trabalhava, esforçando-se ao máximo para objetivar as informações e possuir o conhecimento mais completo possível. Vejamos o que sabia sobre Costa: “57 anos, casado, tem uma filha. Profissão: jornalista. É diretor e proprietário de 50% do jornal O *Semanário*, que parou de circular em setembro de 1961”. Podemos ver que a pausa editorial durou mais tempo — o último número de 1961, 278, saiu no final de setembro, enquanto que o próximo número, 279, apareceu somente no começo de maio de 1962.

De acordo com a relação de informações, Costa fora membro do PCB e fora, inclusive, secretário do Comitê Central partidário. Como entrara em conflito com a direção do partido, formada por Prestes e Marighela, que não confiavam totalmente nele, desfiliou-se. Por outro lado, o seu jornal nunca atacou o partido

ou os seus membros. Sob diversos aspectos, a linha editorial do jornal estava de acordo com a linha do periódico comunista *Novos rumos*, que na época do governo Quadros criticava intensamente o presidente "independente da política exterior progressista" e o chamara de "trapaceiro". Através de Manolo, então secretário do jornal em quem Costa tinha total confiança, Jezersky soube que Costa dera as seguintes diretivas sobre a linha de programação do jornal:

> "O *Semanário* em nenhuma circunstância pode ser antissoviético nem anticomunista. Mesmo que ele (Costa) e os nacionalistas não concordem com toda uma linha de movimentos do PCB ou da URSS, nunca concordariam em ajudar os imperialistas através da crítica ao PCB ou à URSS em seus artigos".

A linha do jornal deveria ser, portanto, claramente anti-imperialista — contra os EUA e a favor de Cuba e seu regime. Esse era o fundamento.

Na nota, Jezersky também escreve sobre a proposta de financiamento do jornal que Costa recebera da empresa canadense *Light* (tratava-se da soma de 3 milhões de cruzeiros) em troca de que a mesma empresa fosse simplesmente omitida nas publicações. Costa negou, e o autor da nota frisou que a oferta fora feita por um tal de Stumpf, funcionário do Itamaraty, que, como jornalista do Diário *de Notícias,* resolvia esses tipos de acordo em nome da *Light.* Ficamos sabendo também que a pausa editorial teve a ver com problemas financeiros — Costa corria o risco de ter de vender o seu apartamento porém, Jezersky compreendeu que o conflito ideológico com um grupo de jornalistas direcionado por Edmar Morel influenciara a interrupção. O conflito tinha a ver com a crítica contra Quadros impressa no jornal, da qual os partidários de Morel discordavam. Acusavam também que o chefe muitas vezes ordenara a publicação de informações não verificadas.

> "Costa é teimoso, lança politicamente uma linha sem compromisso... Inclusive, está mais próximo da linha dura da República Popular da China e de seus métodos do que dos métodos da coexistência pacífica proclamada por Khrushchov e Kennedy".

Nas terminologias atuais, o chefe do jornal pode ser considerado um viciado em trabalho, pois a maior parte das tarefas eram realizadas por ele mesmo. Em 1960, pagou por isso com um infarto e passou alguns meses seriamente doente. Após interromper a edição, recebeu uma proposta de apoio financeiro do

primeiro-ministro Tancredo Neves. O presidente Goulart também estava interessado que o jornal continuasse a circular e ofereceu apoio. Costa negou ambas as propostas, argumentando que “ninguém oferece ajuda sem interesse” e que desejava que o jornal fosse “completamente independente”. Da mesma maneira, negou a ajuda de grupos de industriais de São Paulo. Segundo as informações fornecidas por Manolo,[50] Costa “abriu uma sociedade com o senhor Albuquerque, que atualmente é proprietário de 50% do jornal”. Na pasta dedicada a Manolo encontramos a informação de que o grupo próximo a Albuquerque se desentendera e, por consequência, sua participação no jornal fora interrompida.

Jezersky ainda menciona sobre uma intervenção dos EUA contra O *Semanário.* O jornal era impresso na tipografia Gazeta de Notícias, que recebera uma proposta dos trustes americanos: encerraria a colaboração com O *Semanário* em troca de alguns milhões. O proprietário negou a proposta.

Na parte seguinte da nota, o oficial descreve o contato de Costa com a embaixada tchecoslovaca. Jezersky conhecera o jornalista em 1957, e naquele ano o visitara na redação duas ou três vezes. Pela primeira vez, o oficial recomendou que a central ficasse atenta a O *Semanário*, propondo que fosse regularmente comprado e estudado, e frisando que era o único jornal no Brasil que lutava abertamente contra o monopólio americano. Em 1958, propôs que Costa fosse convidado à Tchecoslováquia com custos cobertos pelo MRE. A visita foi aprovada em Praga e programada para o outono de 1958 ou 1959.

Por recomendação do MRE, o convite foi entregue a Costa com a garantia de pagamento de todos os custos de viagem. Costa aceitou. Entretanto, pouco tempo depois, chegaram novas ordens para cancelar o convite. Pode-se suspeitar que atrás dessa decisão estava o PCB brasileiro, já que muitas vezes eram feitas consultas com a direção do partido sobre questões do tipo. Jezersky não dissera nada, simplesmente interrompeu o contato. Em seguida, por intermédio de Manolo, o próprio chefe do jornal solicitou um encontro com o oficial, durante o qual esclareceu que andava muito ocupado e não poderia aceitar o convite.

A situação se resolveu por si, a embaixada saiu ilesa e aqui se encerraram os contatos do oficial do serviço de inteligência com o chefe do jornal. Porém, na nota de 2 de março de 1962, Jezersky alertou à Central que “a relação (com Costa) é do tipo que permite um novo encontro para discutir abertamente a questão do apoio a O *Semanário”*. No entanto, alerta que não se deve exigir dele nenhum tipo de condições.

> “Para nós e para o movimento nacionalista será de grande significado o

> fato de que o jornal irá circular e nós, graças a MATOS e principalmente a MANOLO, podemos simplesmente publicar artigos e, além disso, por intermédio dos agentes, figurantes e contatos restantes, influenciar os deputados e outras personalidades significativas para que escrevam para o jornal".

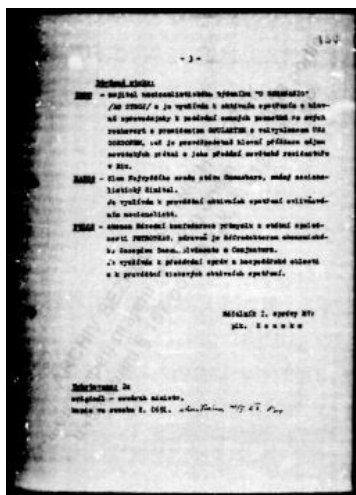
O funcionário do serviço de inteligência elaborou também um curto perfil de Carlos Albuquerque, novo coproprietário que — segundo as informações fornecidas por Manolo — salvaria o jornal. Era comerciante, não jornalista, e o oficial alertou que a sua participação podia significar uma mudança de linha editorial, já que ele era um nacionalista, mas não esquerdista. Não contava com a total confiança de Costa e, o que é pior, era cofundador de uma empresa que lidava com a distribuição de produtos petrolíferos com ligações com a Petrobrás. Alguém do departamento de análises de Praga adicionou ainda uma nota escrita à mão - "Empresa Pemex, com ligações à Esso" - e isso já era mais que um sinal de alerta: tratava-se de capital americano, o que alarmou a Central. Isso significaria, pois, que aquilo contra o que Costa até agora havia se defendido, a influência dos americanos, poderia entrar pela porta dos fundos do único jornal não comunista e disponível para o Leste. Não estamos falando aqui, pois, de imprensa comunista, mas de um título conhecido por ser nacionalista e independente, ou seja, não-partidário.

Além do caso misterioso do paulista Albuquerque, temos mais informações de que o jornal — o seu chefe — resistia às pressões americanas, de Neves e de Goulart. Costa tampouco era dependente dos comunistas, com quem estava praticamente em conflito, mesmo que no jornal defendesse a União Soviética e Cuba - eis um esquerdista independente. A pasta dedicada ao jornal não fora preservada, mas encontramos sinais da existência de Krno e de Stroj em outros acervos do arquivo da StB — menções em relatórios sobre outras questões nos permitem reconstruir alguns acontecimentos.

Na nota de 9 de outubro de 1961 destinada ao conselheiro soviético que supervisionava a StB, capitão Borecky, chefe da Seção 2, escreve:

> "Usamos a revista O *Semanário* desde a metade de 1960 por intermédio do contato do camarada capitão Jezierski — DURAN, para a publicação ocasional de artigos relacionados à execução de operações ativas de imprensa. DURAN, mesmo não sendo funcionário da redação, como conhecido publicista nacionalista tem a possibilidade de publicar artigos".

Borecky informou aos soviéticos que “até agora não financiamos a revista de nenhuma maneira”. Em novembro, Praga relatou à *rezidentura* no Rio que, já que os amigos “não podem financiar O *Semanário*, vamos usar sozinhos a revista, se as condições e premissas forem garantidas”. A *rezidentura* deveria analisar o caso e perguntar à Central se o apoio seria viável e em que quantias. Em 5 de janeiro de 1962, na nota destinada ao conselheiro em relação à questão, o capitão Borecky transmitiu a informação de que a embaixada soviética deveria dar o apoio. O chefe, então, perguntou aos soviéticos em que pé estava a situação, pois anteriormente “os amigos soviéticos responderam que não estão interessados em aproveitar e financiar a revista” enquanto que os tchecos já tinham preparada a sua proposta, que seria enviada ao ministro dos assuntos interiores para aprovação. “A proposta leva em conta que iremos apoiar a revista através do contato de vários anos de nosso residente — o diretor do jornal, Oswaldo Costa”.

Em novembro de 1962 surgiu um documento resumindo os primeiros passos da operação ativa DRUZBA, afirmando que Stroj fora incluído e estava à procura de maneiras para fornecer “apoio financeiro de nossa parte”. As opções eram “procurar um patrocinador, que serviria como camuflagem das somas fornecidas por nós, ou fazer pagamentos anônimos”. Nos documentos tchecos não existem respostas dos soviéticos às perguntas sobre as suas intenções em relação ao financiamento do jornal, mas, com base nos acontecimentos seguintes, é possível concluir que os tchecos foram os financiadores d’*O Semanário*. Eram eles que decidiam com que frequência o jornal iria circular. A Central informou à *rezidentura* que “STROJ irá circular, *até segunda ordem* [grifo nosso], uma vez ou até duas vezes por semana em edições especiais, dedicadas à questão de Cuba”. Era também a Central que decidia o que deveria ser impresso — textos de apoio a Cuba, o que não ia contra as convicções do diretor.

Em 10 de janeiro de 1963, o coronel Houska, chefe do I Departamento, elaborou um documento para o ministro do interior com instruções sobre a entrega de parte da rede do Brasil aos soviéticos. Entre os contatos secretos foi indicado para a tarefa o DS Krno.

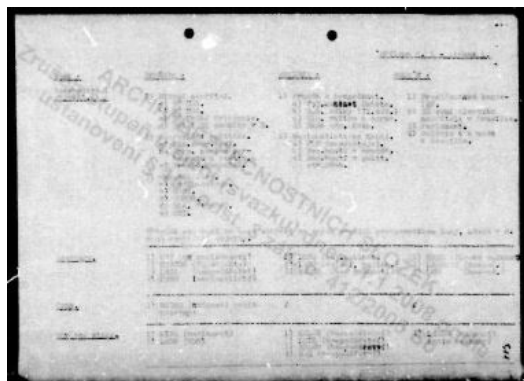
Sobre ele consta:

> "Proprietário do periódico nacionalista O *Semanário* (AO STROJ) — é aproveitado para operações ativas e, principalmente, para a aquisição de preciosas informações sobre suas conversas com o presidente GOULART e com o embaixador dos EUA, Gordon, o que provavelmente é o motivo principal do interesse dos amigos soviéticos em relação à sua entrega para a *rezidetitura* soviética no Rio".

As informações acima sobre Krno e a operação STROJ foram reunidas por nós a partir de relatórios e registros da pasta sobre "colaboração entre amigos". Entretanto, esses tópicos aparecem também em outros materiais reunidos pela StB, como na pasta de correspondência operacional Central-Rio,[51] que contém diversos dados e a lista de agentes. Aqui, o residente afirma que encontrara o agente Krno uma vez, em agosto. Ele foi citado com outros colaboradores secretos na mesma página em que o residente informou sobre seus encontros com a rede de agentes, contatos secretos, contatos e contatos de cobertura. Tudo indica que há um erro neste documento, pois as notas seguintes, com datas posteriores, nos convencem que Krno não era um agente. Entretanto Skorepa, o chefe da *rezidentura*, informou a Praga um fator que interferiria no trabalho dos funcionários do serviço de inteligência tchecoslovaco.

“Começa a influenciar o nosso trabalho no Brasil a presença de amigos cubanos e principalmente soviéticos. Tratam-se não somente dos casos KRNO, Silveira, Wainer, Guimarães, mas também de outros. Os amigos soviéticos possuem aqui uma representação diplomática bem numerosa e, além disso, quatro correspondentes de diferentes jornais... Penso que seria apropriado que nós esclarecêssemos novamente os amigos se não está se repetindo a mesma situação com KRNO, como foi com MACHO e LAURO”.

Esse era um sinal de insatisfação e de que alguém estava dificultando o trabalho dos espiões, pois manter contato com os colaboradores não se tratava de meros encontros sociais, mas de um detalhado trabalho psicológico que podia ser prejudicado facilmente por ações imprudentes. Já sabemos, segundo o Capítulo XII, que o caso de Krno chegou a um ponto em que ambos os serviços de espionagem, soviético e tchecoslovaco, se interessaram por ele, e aqui o residente reclamou que a situação estava se repetindo. Também é por isso os soviéticos entraram diretamente com o pedido de entrega do contato.

Entretanto, antes que isso acontecesse, na parte do documento intitulada “Tarefas principais para a *rezidentura* no Rio de Janeiro até o fim de 1962” (escrito em 8 de novembro de 1962), Praga ordenou: “Realizar o recrutamento do contato secreto KRNO” e, em seguida: “Aproveitar sistematicamente o jornal nacionalista STROJ, apoiado por nós, para política de influência e AO”. Isso significa que naquela época Krno com certeza não era agente; e os tchecos não tiveram tempo de recrutá-lo, pois em dezembro os soviéticos pediram a sua entrega. Entretanto, em um relatório escrupulosamente elaborado pelo chefe da *rezidentura* de dezembro de 1962 vemos o nome de Krno na lista da rede de agentes, desta vez conduzido por Moldán.

Neste documento, junto de cada agente e figurante está escrito o ramo de

atuação. Ao lado de Krno está escrito “largas possibilidades”. Provavelmente o documento fora elaborado ainda antes de a *rezidentura* saber da ordem da KGB e por isso ele foi colocado na lista da rede de agentes, com a convicção de que seu recrutamento era apenas uma formalidade. Seria conduzido pelo residente permanente em Brasília, ao contrário do resto da equipe da *rezidentura,* que, na época, ainda trabalhava no Rio de Janeiro.

Como já estava claro que Krno seria entregue à KGB, o chefe dos funcionários tchecos do serviço de inteligência decidiu tomar conta da situação pessoalmente, já havia certo risco envolvido. Preferiu não arriscar, principalmente porque ele e seu jornal eram partes extremamente importantes da AO.

A confirmação desta suposição está em outra pasta,[52] na qual se encontra a “Lista de organização — SKOREPA, sobre o período de 21 de dezembro de 1962 a 8 de fevereiro de 1963”. Trata-se da lista de atividades do residente — Krno aparece aqui entre os contatos secretos do chefe Skorepa. Temos mencionadas as datas dos encontros entre o residente e o colaborador. Foi um período de intenso trabalho, durante a operação ativa DRUZBA, então, o capitão Skorepa viajava com frequência do Rio até a nova capital, onde resolvia, justamente com Krno, os passos necessários (relacionados com STROJ) no âmbito daquela operação ativa. Encontrou-se, então, com o DS nas datas: 22/12, 31/12,12/01,15/01,28/01 e 29/01. Em outro documento podemos ver que ainda antes da entrega aconteceram dois encontros, em 16 e 20 de fevereiro. Os últimos encontros, descritos no Capítulo XII, foram dedicados ao esclarecimento de que a partir de então, o colaborador seria conduzido pelos próprios russos.

Graças a duas circunstâncias sabemos como STROJ foi usado no âmbito da AO DRUZBA: nos arquivos ABS foi conservada uma pasta dedicada à operação ativa; e a StB teve problemas com o agente Lar — suspeitava que o agente mentia e, para verificar isso, teve de entrar em contato direto com Krno. O próprio chefe da *rezidentura* ocupou-se da questão, e graças a isso sabemos que se encontrava com o diretor do jornal, bem como qual o conteúdo dos encontros, quais tarefas STROJ teve de realizar e quanto os tchecos pagaram por isso.

A AO DRUZBA ainda será descrita detalhadamente. Por enquanto, veremos somente as questões de Lar, Krno e do jornal. Lar tinha como tarefa entrar em contato com Krno e encomendar, com dinheiro do serviço de inteligência tcheco, a impressão de materiais no jornal. Deveria também esclarecer ao diretor do jornal alguns aspectos da operação que era realizada pela StB. No início, a StB não desejava conversar sobre essas questões diretamente com Krno para que isso não causasse uma desconspiração desnecessária — para que Krno não soubesse que Lar era colaborador dos tchecos e vice-versa. O serviço de inteligência

tchecoslovaco seguia o princípio de que os colaboradores não podiam saber quem era agente e quem era contato. Era importante que um agente desconspirado soubesse o mínimo possível (ou melhor, nada) sobre a rede de colaboradores, para que, no caso de ser descoberto pela contrainteligência brasileira, não ameaçasse os outros.

Lar não cumprira suas tarefas relacionadas com Krno por aversão política: era um forte seguidor do presidente Quadros e não podia perdoar Krno pelas críticas ao presidente nos anos anteriores. No início de outubro de 1962, a StB ainda estava convencida de que Lar cumpriria as expectativas e faria aquilo que lhe fora confiado quanto à questão STROJ, mas, no fim do mês, vemos que o serviço de inteligência tcheco descobriu que Lar mentira. O chefe da *rezidentura* teve então de correr o risco e contatar Krno, pois a insubordinação do agente Lar ameaçava uma operação muito importante e podia gerar sérias consequências. Então, nos dias 22, 23, 25 e 29 de outubro encontrou-se com Krno na capital. A frequência desses encontros foi excepcional, pois geralmente, fora o período de atividade intensificada, era permitido que o contato com o colaborador ocorresse uma ou, no máximo duas vezes por mês — logicamente não era uma regra rígida, mas era um dos princípios de conspiração: menos encontros pessoais, mais segurança. Isso diminuía o risco de que o contato fosse descoberto pela contraespionagem.

Em 25 de outubro a *rezidentura* informou Praga sobre os encontros com Krno em Brasília, garantindo que “STROJ será totalmente engajada à defesa de Cuba. Apoiará a conferência convocada e a formação do comitê”. Trata-se de detalhes da operação ativa DRUZBA. Skorepa revelou à Krno alguns aspectos da operação, combinou com ele que o jornal seria ampliado através de uma coluna permanente sobre os países da América Latina e combinou a edição de números especiais dedicados às conferências sobre a defesa de Cuba. O capitão do serviço de inteligência informa adiante:

> “paguei a KRNO 600 mil cruzeiros de apoio para novembro e 200 mil como adiantamento pelo primeiro número especial de STROJ, dos recursos da AO Druzba, dos quais iremos cobrir os gastos relacionados com os números especiais seguintes. Aproveitei o bom clima do encontro e pedi a ele que assinasse uma declaração da quantia total recebida... KRNO emitiu a declaração sem problemas e com compreensão. Até agora, recebeu 3.050.000 cruzeiros (julho e agosto — 1.000.000, setembro — 600.000, outubro — 650.000, novembro — 600.000, Druzba — 200.000)”.[53]

O encontro foi no apartamento de Krno, na parte da manhã. Durante o encontro seguinte, no mesmo local, ficou combinado que a pedido de Skorepa a tiragem do jornal seria aumentada e que seriam enviados exemplares a outros países da América Latina. Para diminuir ao mínimo o risco de desconspiração, Skorepa informou à Central que combinaria uma nova maneira de encontrar o figurante. Sempre às segundas-feiras, às 20h00, quando já tivesse escurecido, Krno passaria ao lado de um local combinado, onde um funcionário lhe passaria as instruções relacionadas ao número seguinte da revista. "Como em Brasília não se pode ir ao restaurante, os encontros serão em ruas silenciosas durante a noite, quando o risco de desconspiração é menor", propõe o residente.[54]

Sobre o encontro seguinte, consta que o oficial do serviço de inteligência verificara antes, durante duas horas, se não estava sendo seguido. O residente combinou também com o DS os lugares e horários exatos dos encontros seguintes - cada segunda feira, às 20h00, próximo à pequena Igreja[55] e, "em caso de o encontro não acontecer, estará no local combinado às 20h00, até dar certo".

Em 9 de novembro aconteceu o encontro secreto e conspirado, que durou das 20h00 às 21h30, na frente da Igrejinha em Brasília. Os interlocutores foram a um parque próximo, onde ninguém os atrapalharia.[56] Skorepa relata que, quanto à impressão de materiais no jornal, Krno cumpriu exatamente o que foi combinado. Cumpriu não somente as tarefas relacionadas à operação cubana, mas entregou também um relatório de três páginas sobre as relações de políticos brasileiros com a RFA, preparado conforme as instruções. Na parte seguinte do relatório, o residente determina a linha do STROJ: "A tarefa principal segue sendo apoiar Cuba e comprometer as ações agressivas dos EUA", e garante que a *rezidentura* age de acordo com as diretivas de Praga. Apresenta também a proposta de Krno para que um número especial do STROJ, editado por ocasião da visita de Kennedy ao Brasil, fosse distribuído não somente aqui, mas em todos os países da América Latina. Segundo o material, Krno recebeu outras tarefas não relacionadas ao jornal. Deveria, por exemplo, descobrir informações sobre as atividades dos EUA no Nordeste e não somente lá, porque "nos interessam as atividades dos EUA e de outros países do bloco do adversário principal em todos os setores". Ficou combinado também que ele deveria fazer os passeios no parque às segundas-feiras, às 20h30. O tempo de espera seria de 5 minutos. Avaliando o encontro, Skorepa afirma que "Krno está cumprindo as tarefas relacionadas à AO DRUZBA, STROJ e entrega de informações. E possível aumentar as exigências. Ele compreende a necessidade de conspiração durante o contato e a respeita. Está pronto para finalizar o recrutamento".[57]

Como sabemos, o recrutamento pelo serviço tchecoslovaco não aconteceu. Por outro lado, não sabemos se a KGB o recrutou. Mesmo assim, a colaboração

de Krno com os tchecos durou até o momento de sua entrega aos russos. Uma prova disso é a menção feita por Skorepa na nota sobre o encontro com Vasil em 1 de fevereiro de 1963. Neste encontro foram discutidas algumas questões, e temos a seguinte informação quanto à Krno: "Emprestei-lhe (a VASIL — nota do autor) o relatório feito por KRNO sobre o novo governo e os novos ministros,[58] para que pudesse fotografá-lo".

Na pasta AO DRUZBA há ainda um registro relacionado ao diretor do jornal. Está com a data de 27 de fevereiro de 1963, e trata-se do sumário da última fase de colaboração com a StB antes da entrega do DS aos soviéticos. Podemos ler que Krno cumpriu as tarefas que lhe foram confiadas e que, em colaboração com Gonzaga, publicou em cada número de STROJ artigos sobre a preparação de ambos os congressos de apoio à Cuba. Além disso, estavam em andamento os trabalhos para o número especial da revista que seria editado durante os congressos. O autor deste relatório (provavelmente Skorepa, mas falta a assinatura) garante que, "de acordo com a vontade de Vasil, pedi-lhe para que continue propagando o congresso, sem importar-se que seu órgão condutor foi mudado".

Útil, porém incerto, é apresentado o contato Manolo no mesmo relatório:

> "Comportem-se de maneira amigável com ele, aproveitemo-lo como contato de camuflagem ou informador; mas tomem cuidado para não desconspirar-se perante ele como funcionário do serviço de inteligência. Cada participação dele em ações será possível somente com permissão anterior da Central".[59]

O leitor certamente recorda que, em 1961, a StB tentou sem sucesso enviar um homem de confiança à reunião dos países sul-americanos em Punta del Este. No ano seguinte apareceu alguém disposto a aceitar os 70 mil cruzeiros oferecidos e a cumprir as tarefas determinadas. Esse colaborador não era brasileiro, mas um francês que vivia no Brasil e colaborava voluntariamente com a StB, mesmo que esta não estivesse muito entusiasmada com isso.

Antes de o figurante ser enviado para Punta del Este ele já era conhecido dos serviços tcheco e polonês. Não se sabe de que ano é a carta que está na subpasta dedicada ao jornalista E. Bailby,[69] na qual está escrito que

> "foram adquiridas informações de que E. Bailby, nascido em 1930... que trabalha na redação da revista Última Hora, mantém contato com a embaixada tchecoslovaca no Rio de Janeiro. Baseando-nos nisso, pedimos para que vocês reportem o que se sabem sobre este homem".

Assim, junto com o Serviço de Segurança polonês (SB), pois a ele foi enviada a informação como colaboração, ficamos sabendo que E. Bailby era um jornalista francês que escrevia para o Última Hora e O *Semanário*. Publicou no Brasil reportagens de suas viagens para Moscou, Hungria e Iugoslávia, em 1957, apresentando a URSS de forma muito positiva. Era simpático e sempre pronto para ajudar: ajudara muito na propaganda da Tchecoslováquia, mas era irresponsável, gostava de festa e não estava bem financeiramente. Apesar de suas convicções progressistas, visitava com frequência a embaixada francesa, o que os funcionários do serviço de inteligência tcheco achavam suspeito. Essa informação provavelmente, é de 1959.

Em 1960, os tchecos corrigiram o ano de nascimento para 1929, o que demonstra que Praga desejava saber o máximo possível sobre ele. Concedeu-lhe, inclusive, um convite do MRE tchecoslovaco para uma estadia de uma semana por lá, pago pelas autoridades tchecas, e em março daquele ano o jornalista passou por um programa exigente na companhia de dois funcionários do serviço. O relatório dessa ação foi escrito pelo primeiro-tenente Treml. Com base nas conversas com ele, o oficial escreveu que Bailby era um oportunista político, que falava demais, pouco sério (uma vez afirmou que tinha um automóvel e, pouco tempo depois, que gostaria de ter pelo menos uma moto) e metido a importante. Treml avaliava sua inteligência e capacidade profissional como “média-fraca”, afirmando que ele não compreendia várias questões, mesmo que se esforçasse para fingir-se de esperto. Definiu-o como completamente despreparado para a visita à Tchecoslováquia e, pior, como “totalmente analfabeto político” - não era nenhum jornalista progressista, “no máximo, um caipira da cidade grande levemente radicalizado”.

O oficial acrescentou: “me parece que a principal motivação de seu comportamento é a sua vantagem pessoal”. Por causa dessas características, Treml desaconselhava que Bailby fosse “trabalhado”. Ele poderia tornar-se, no máximo, um figurante de cobertura, uma pessoa com a qual a *rezidentura* mantinha um contato legal com o objetivo de camuflar outros contatos importantes. Sem frear seu caráter violento, Treml foi adiante e repreendeu os superiores por terem lhe ordenado ocupar-se de um jornalista pouco inteligente de segunda categoria quando, na mesma época, estava de visita à Praga o chefe do Última Hora, o que foi completamente ignorado pela StB. Essas conclusões foram enviadas ao Rio.

Mesmo assim, o camarada Jezersky manteve contato com o figurante, pois ele se tornara secretário d’O *Semanário* e, graças a essa função, possuía muitos conhecidos e poderia fornecer muitas informações. A StB no Brasil aproveitou a

possibilidade e ajudou o figurante a escrever seu livro na Alemanha, fornecendo-lhe uma série de informações que ela mesma estava interessada que fossem publicadas. A *rezidentura* comprou duzentas unidades do livro e participou intensamente de sua distribuição, pois a publicação encaixava-se nas operações ativas da StB direcionadas contra os alemães.[61] Tratavam-se das AO ARON, BALI e REINHARD.

Em 1962, Jezersky engajou o jornalista na missão de espionagem em Punta del Este. Durante o andamento da conferência, entre 24 e 31 de janeiro, o oficial encontrou-se oito vezes de forma conspirada com Manolo no Uruguai. De acordo com o relatório do oficial, o figurante cumpriu as recomendações e realizou as tarefas. A cada encontro, trazia novas informações de valor, que foram transmitidas aos amigos cubanos. Jezersky avaliou positivamente o trabalho de Manolo.[62]

A Central estava satisfeita, mas relembrou ao residente as características de Bailby descritas por Treml e o aconselhou a não atrair o figurante para uma colaboração mais profunda. Nos encontros seguintes com Manolo, já no Rio, o oficial teve de frear o seu fogo para a colaboração, mas já reconhecera que esse "não é o tipo apropriado para recrutamento".

No relatório escrito sobre a passagem deste figurante ao oficial condutor seguinte (Skorepa), Jezersky citou as tarefas cumpridas por ele (Uruguai e AO anti-alemã; no caso de uma delas — AO REINHARD, o espião escreveu: "ficou claramente combinado que trabalhou por dinheiro. Nas recomendações sobre a continuação da colaboração, escreveu: "não é possível confiar totalmente em Manolo". Recomendou apenas o contato legal. As únicas AOs que para o oficial poderiam ser bem-sucedidas com Manolo seriam as anti-alemãs. Em relação à sua atividade no *O Semanário*, o serviço de inteligência tchecoslovaco suspeitou até que Manolo possuía contato com o serviço francês. Achavam estranho que um jornal que publicava textos anti-imperialistas atacasse os EUA, Grã-Bretanha e Alemanha mas, por outro lado, nunca a França. Em abriu de 1963, de volta da RDA ao Brasil, visitou Praga novamente por dois dias. Encontrou-se com Jezersky, que lhe convidou para almoçar no hotel Intercontinental onde Manolo passou a noite, e, depois, para jantar no bar Jalta. Durante o encontro, o funcionário do serviço de inteligência perguntou detalhadamente sobre a situação em O *Semanário* e ficou sabendo do conflito entre Costa e Julião, que descreveu em relatório.

A StB observou Manolo após a sua volta da França, onde, em 1967, conheceu o camarada Miska, funcionário da *rezide7itura* da StB em Paris. Miska aproveitou o figurante como fonte de informação e manteve contato com ele até

a sua partida, em agosto de 1969. A Central recomendou à *rezidentura* francesa que não mantivesse contato com ele, pois supunha que — devido a suas intensas relações com a RDA — ele fosse objeto de interesse dos alemães orientais.

Nos arquivos da StB existiam mais pastas dedicadas a pessoas importantes que publicavam no *O Semanário.* Assim como a pasta STROJ, elas foram destruídas, mas, com relação ao jornal, não se pode esquecer de outro importante testemunho. Temos duas fontes em que nos baseamos, e é necessário afirmar que as informações citadas acima sobre O *Semanário* não são nenhuma novidade, pois já em 1971 Lawrence Brit (codinome do espião tchecoslovaco Ladislav Bittman, que fugira para os EUA) falou[63] sobre a participação tchecoslovaca nesta questão diante da subcomissão do senado dos EUA. Esse funcionário do I Departamento emigrou em 1968 e foi considerado traidor pela matriz de seu serviço. Na Tchecoslováquia, foi condenado a sete anos de prisão, por isso os americanos o protegeram. Seu interrogatório diante da subcomissão do senado foi rapidamente traduzido para o tcheco e analisado em Praga,[64] e quando, na ocasião, Britt falou sobre as atividades de desinformação do serviço de inteligência tchecoslovaco no exterior, citou o jornal:

> “Até 1964, o serviço de inteligência tchecoslovaco possuiu um jornal no Brasil. Após o golpe, a edição deste jornal foi interrompida pelo novo governo e o serviço tchecoslovaco perdeu, desta maneira, um canal para a sua propaganda”.

Um dos senadores perguntou: “O senhor sabe onde esse jornal brasileiro era editado?”, ao que Britt respondeu: “no Rio. Depois, o serviço de inteligência tchecoslovaco não comprou jornais no exterior”.

Após a análise da Seção de Estudos do Serviço de Inteligência sobre as palavras de L. Bittman - avaliação da veracidade dessas declarações, feita pelos analistas do serviço de inteligência (análise feita em Praga, em setembro de 1971), foi concluído que:

> “se tratava da ação LAVINA (nº da pasta: 90018/122). Em 1963, o serviço de inteligência tchecoslovaco comprou o jornal nacionalista O SEMANÁRIO, do qual o redator-chefe e proprietário foi Osvaldo COSTA (nome verdadeiro). No passado, ele trabalhou como secretário do partido comunista, mas, por motivos de divergências, deixou o partido. COSTA era fortemente antiamericano e lhes prejudicou muito através da imprensa”.[65]

A pasta de n° de registro 90018 AO LAVINA,[66] “Fundação de imprensa nacionalista no Rio de Janeiro — aproveitamento”, foi destruída. Mas encontramos informações sobre essa AO em outro lugar. Aqui, é preciso afirmar com certeza que a seção de análises da StB cometeu um erro ou uma imprecisão. LAVINA não era O *Semanário*, mas um jornal diferente. De acordo com as nossas pesquisas, O *Semanário* corresponde à AO STROJ. Não há dúvidas, portanto, que, além de O *Semanário*, o serviço de inteligência tchecoslovaco dominou outro jornal, objeto da operação ativa LAVINA. Sobre ele falaremos no Capítulo XVII.

Lavina

CAPÍTULO XV – LUTA

NA LAVAGEM cerebral ideológica dos cidadãos da Tchecoslováquia a palavra "luta" cumpriu um papel fundamental. Lutava-se por tudo: pelo último grão na época da colheita, por melhores resultados nos locais de trabalho e — principalmente — pela paz e pela vitória contra o imperialismo apodrecido. A luta era onipresente, e não é de se estranhar a presença da expressão no nome de uma das operações ativas no Brasil. Os oficiais do serviço de inteligência participavam de uma luta significativa no maior país da América Latina contra os inimigos do bloco dos países da chamada democracia popular: era a luta pela libertação do Brasil da dependência dos EUA.

Em 1961 a luta ganhou uma nova dimensão. De acordo com as suposições da nova operação ativa aprovada pelo ministro do interior, seria pelo - e contra - o Brasil. Através do documento, não sabemos quem concebeu e ordenou a operação, mas é certo que as orientações vieram de Moscou, pois é inimaginável que a pequena Tchecoslováquia decidisse realizar uma operação de tal porte e importância sozinha e por vontade própria. Não havia motivo algum para isso, muito menos recursos. De qualquer maneira, a ordem foi dada, as instruções foram enviadas ao Rio e o serviço de inteligência tchecoslovaco teve de começar a trabalhar na operação LUTA.

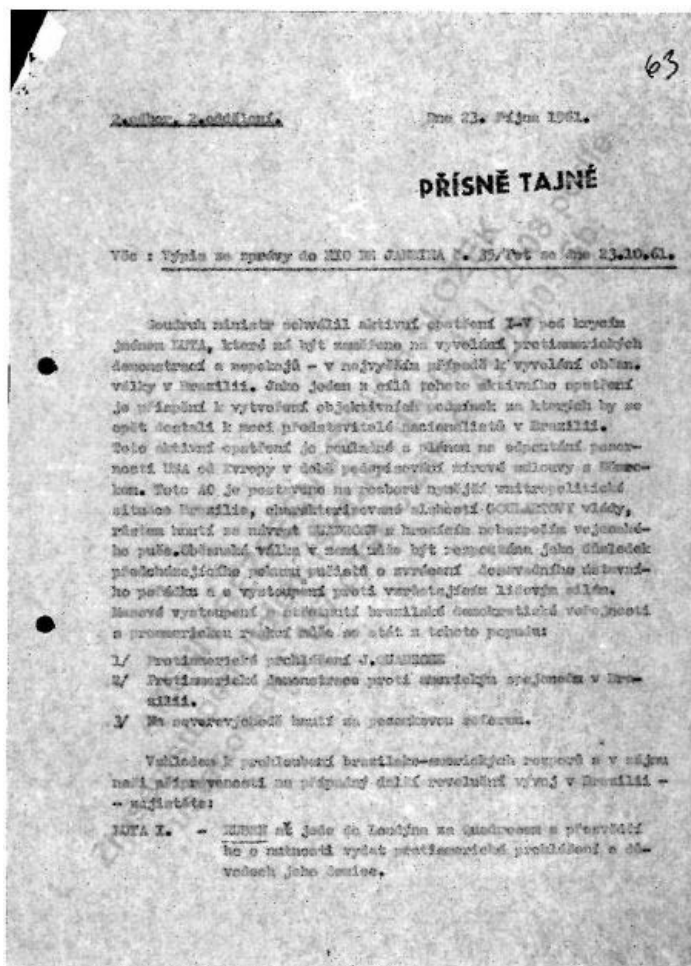
Lembremos que 1961 foi um ano em que a União Soviética ia de vento em popa, com espetaculares sucessos. Em janeiro, enquanto os americanos enviavam o chimpanzé Ham para o cosmos, os soviéticos puderam se gabar, diante de todo o mundo, do bem-sucedido voo cósmico de Jurij Gagarin, em 12 de abril. Em fevereiro, os russos realizaram o primeiro lançamento bem-sucedido do míssil balístico intercontinental R-16. Em abril, a tentativa de desembarque das forças de refugiados cubanos apoiados e armados pela CIA na Baía dos Porcos fracassou. Enquanto isso, os soviéticos puseram em serviço o primeiro submarino nuclear K-19. Em 30 de outubro, no arquipélago da Terra Nova, foi detonada a mais potente bomba atômica de então, a "Tsar Bomba".

Tudo isso e mais uma série de acontecimentos parecia confirmar a incrível potência do país dos sovietes e de suas possibilidades sem limites. Nikita Serguêievitch Khrushchov, o líder, proclamou oficialmente a política de "coexistência pacífica", mas, ao mesmo tempo, tentou dar a entender que estava em vantagem e que ditaria as condições. Não esqueçamos que em agosto desse ano teve início a construção do Muro de Berlim, onde também um cidadão foi

morto por tentar passar para o Ocidente. Nesse clima surgiu a operação ativa LUTA.

Os objetivos desta operação eram incrivelmente ambiciosos e ousados, e é impossível não perceber que ultrapassavam as possibilidades da humilde rede de agentes tchecoslovacos. Mesmo assim o plano surgiu, foi enviado ao Rio de Janeiro e deveria ser implementado. O documento que descreve os objetivos da AO LUTA vale a pena ser reproduzido.[67]

63

PŘÍSNĚ TAJNÉ

Dia 23 de outubro de 1961
Assunto/questão: Nota da notícia do RIO DE JANEIRO nr 35/Pet. do dia 23 de outubro de 1961

O camarada ministro confirmou a operação ativa I-V de criptônimo LUTA, cujo objetivo é causar demonstrações e tumultos antiamericanos e — em caso de seus surgimentos —, causar uma guerra civil no Brasil. Um dos objetivos desta operação ativa é fazer com que representantes

nacionalistas tomem o poder no Brasil. Esta operação ativa coopera com o plano de desviar a atenção dos EUA sobre a Europa, durante a assinatura do tratado de paz com a Alemanha. Ela se baseia na análise da atual situação da política interna do Brasil, que se caracteriza: pela fraqueza do governo de GOULART, fortalecimento do movimento pela volta de QUADROS e ameaça de eclosão de um golpe militar. Uma guerra civil no país pode explodir como consequência da tentativa anterior dos golpistas na reversão da atual ordem constitucional e resistência contra as forças populares que estão cada vez mais fortes. A ação em massa e colisão da opinião pública democrática brasileira, contra a reação pró-americana, pode surgir pelos seguintes motivos:

1.Declaração antiamericana de J. QUADROS.
2. Demonstração antiamericana contra os aliados americanos no Brasil.
3. Movimento em prol da reforma agrária — no Nordeste.

Por motivo do aprofundamento dos antagonismos brasileiro-americanos e pelo interesse de nossa prontidão quanto a um eventual progresso do movimento revolucionário no Brasil, é preciso garantir:

LUTA I — RUBEN deve ir a Londres encontrar com Quadros e convencê-lo da necessidade de realizar uma declaração antiamericana juntamente com a revelação dos motivos de sua renúncia.

LUTA II — Com a ajuda de DURAN, preparar e realizar uma campanha com o objetivo de desacreditar LACERDA como um agente americano, de maneira que seja destituído da função de governador. Usar também para isso, os materiais comprometedores de DURAN contra LACERDA de maneira que, após as revelações destes, surjam demonstrações populares tanto contra ele como contra os EUA.

LUTA III — O camarada Bakalár deve discutir pessoalmente com JULIAO sobre:

1. A situação, as condições e a capacidade de ação de seu movimento agrário;
2. Qual é a possibilidade de realizar uma larga demonstração antiamericana;
3. Quais são as premissas para pôr em prática ações armadas com objetivo de apoiar os postulados do movimento;
4. Questão de interessar o movimento pela realização de uma reforma

agrária radical em forma de uma pressão de ultimato sobre o governo GOULART;

5. Descobrir se o seu movimento pode receber apoio de forças nacionalistas em outras partes do Brasil e, caso possa, então em quais;

6. Que tipo de apoio do exterior o seu movimento necessitaria para poder realizar um movimento decidido e eficaz contra a reação americana no país.

LUTA IV — Enviar CIM a Porto Alegre, dar-lhe a tarefa de entrar em contato com o general Osório e descobrir:

1. O quanto é grande a determinação do 3o Exército para agir em apoio a um eventual retorno de Quadros às suas funções;

2. Como a população local está preparada para apoiar o exército;

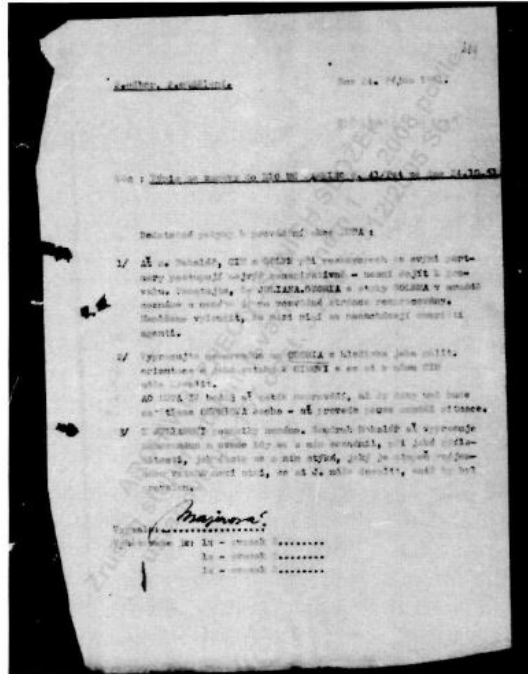
4.Quais os recursos do exterior que a parte nacionalista do exército necessitaria para realizar um movimento armado contra os golpistas pró-americanos.

CIM deve fazer com que Osório compreenda que possui as possibilidades de garantir apoio material. Entretanto, não pode trair qual a fonte desta ajuda. Em último caso, pode fazer-lhe entender que estaria em jogo um dos países europeus que está em contrariedade com os EUA.

LUTA V — assim como nos pontos da LUTA IV. Engajar GOLEM para que faça uma sondagem entre os contatos nas fileiras de oficiais nacionalistas no norte do Brasil, para saber quais são as possibilidades de união da parte nacionalista do exército no norte do Brasil com JULIAO.

A operação ativa LUTA foi elaborada no início de setembro — com base nas informações da *rezidentura* - e complementada com relatórios posteriores. Durante a realização, pensem sobre a principal parte conspiratória da AO e comecem a executar imediatamente.

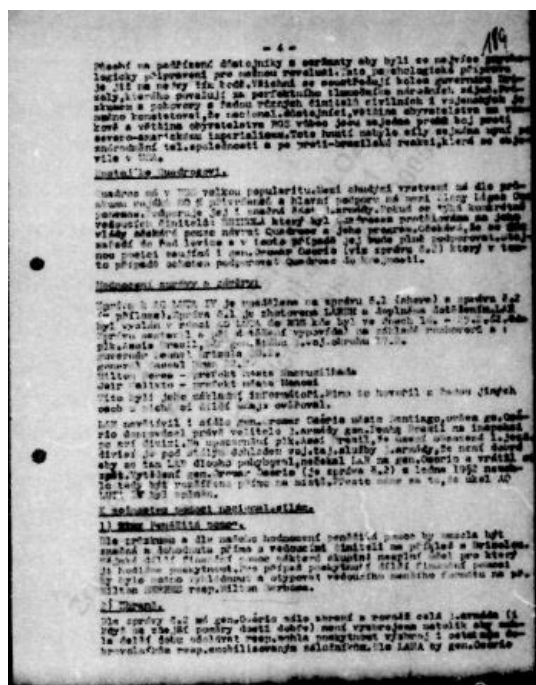
CIM pode unir as conversas em Porto Alegre com uma viagem a “Porta Pora” [provavelmente trata-se de Ponta Porã — vide: AO BOLA]. Aguardamos por notícias imediatas sobre os resultados das diferentes ações e sobre as vossas propostas quanto aos próximos passos.

Assim, parece que a tese que afirma que o bloco soviético poderia sofrer a tentação de repetir “o cenário cubano” no Brasil encontra justamente neste documento a sua confirmação. Lembremos que os soviéticos não provocaram a revolução em Cuba, mas foram eles que, num momento apropriado, entraram em ação e habilmente introduziram Fidel no caminho “apropriado”.

Em 24 de outubro de 1961, Praga especifica as tarefas relacionadas com a AO LUTA,[68] recomendando que os residentes e agentes agissem com o maior cuidado possível, pois não poderia haver nenhum contratempo. A Central chamou a atenção para o fato de que nem Julião nem Osório[69] eram, por enquanto, conhecidos pelo serviço de inteligência, pois não haviam sido “trabalhados”; então não se pode excluir a possibilidade de haver agentes americanos entre eles.

Primeiramente, o general Osório deveria ser investigado, e a tarefa foi cumprida pelo agente Cim (Lar), que elaborou um currículo detalhado com um perfil do general. Em fevereiro do ano seguinte ele entrou em contato com o general e obteve vários dados sobre todos os temas que interessavam ao serviço de inteligência da polícia secreta tchecoslovaca no exterior. Naturalmente, o general não sabia para quem os dados eram destinados. Estava convencido de que informava ao enviado de círculos nacionalistas no Rio, mas o “enviado” em questão sabia muito bem quem estava por trás disso — um diplomata da embaixada da Tchecoslováquia, que lhe pagará pelas informações.

De acordo com os relatórios do oficial condutor, fica claro que o agente sabia muito bem que estava se encontrando com alguém do serviço secreto. O condutor nesse caso era Jezersky. O agente Lar recolhera essas informações durante a sua estadia no Rio Grande do Sul, de 16 a 25 de fevereiro de 1962. Conversou com o general Osório em janeiro, e em fevereiro completou as informações a partir de conversas com o governador Brizola, o general Brun e

dois prefeitos de cidades maiores. A partir das informações recolhidas por alguns agentes, entre eles Lar, o oficial do serviço de inteligência tchecoslovaco elaborou um relatório sumário sobre as tarefas da LUTA. No que diz respeito a uma eventual ajuda financeira, ela deveria ser expressiva e seria melhor entregá-la diretamente ao governador. Quanto à questão de entrega de armas, Jezersky avalia da seguinte maneira:[70]

> "O general Osório possui pouco armamento e o 3º Exército não está armado a tal ponto para que seja possível defender-se durante um período prolongado ou para poder fornecer armamento, por exemplo, para reservistas imobilizados. Na opinião de LAR, o general Osório aceitaria com prazer tanto armas quanto munição, mas não tem onde escondê-los. Na sua Divisão, entre os oficiais e suboficiais, também existem reacionários, ou seja, uma questão como esta seria descoberta".

Como demonstra o autor do relatório, o exército não estava se preparando para um golpe, mas para defender-se do ataque da direita e para defender a legalidade e a constituição. Seria melhor, então, "entrar em contato com Brizola e discutir com ele as entregas de armas", pois "Brizola possui possibilidades muito melhores de armazenar armas no campo e organizar transporte de armamento do local de descarregamento, etc.". Na opinião de Lar, Brizola não teria escrúpulos em aceitar um apoio como esse, e quanto a esse personagem o

funcionário do serviço de inteligência faz um alerta. A Tchecoslováquia o decepcionara durante as negociações da construção da fábrica de tratores Zetor. A questão estava discutida, mas a Tchecoslováquia não cumpriu as promessas, o que influenciou negativamente a opinião do governador sobre o país do espião. Por isso, o agente não deveria revelar a origem das armas.

O colaborador Ruben, que em 1961 ainda não havia sido recrutado, mas já trabalhava por dinheiro, não cumpriu completamente as tarefas que lhe foram confiadas. Não viajou a Londres para encontrar-se com Quadros e não lhe convenceu a realizar uma declaração antiamericana. Assim mesmo, durante toda a operação LUTA, teve cuidado para que Praga recebesse informações secretas do círculo do antigo presidente, pois Ruben (depois codinome Lobo) tinha bom contato com J. Aparecido, colaborador próximo do antigo presidente.

Por motivos de descendência, conexões familiares e funções exercidas, Ruben era um dos mais valiosos entre toda a rede de agentes, e sobre ele falaremos mais no Capítulo XIX. Por enquanto podemos afirmar que ele informou ao seu oficial condutor sobre a situação no Exército e na Frente de Libertação Nacional, possuía também boas informações dos círculos do atual e do antigo presidente. Graças também ao conhecimento transmitido por ele, que ainda estava sendo trabalhado para ser um agente, a AO LUTA fora interrompida por Praga em abril de 1962 por ter sido considerada irrealizável.

Seja como for, até março/abril de 1962 eram recolhidas informações relacionadas à AO LUTA. Em fevereiro, o agente Lord (anteriormente Golem) conversou sobre a questão com um certo coronel Bastos e deve ter revelado que o eventual fornecedor de armamentos seria a Tchecoslováquia. Esta foi uma séria violação das regras da conspiração e também pode ter causado a sua interrupção. A partir de então, o serviço de inteligência limitou a confiança para com esse agente e, em 1963, interrompeu a colaboração com ele. Não possuímos informações exatas sobre os motivos que levaram Praga a desistir da operação, na qual foram investidos muitos esforços e recursos financeiros. Ela durou de outubro de 1961 até abril de 1962, e durante o seu percurso percebeu-se que Quadros, cuja volta ao Brasil causara temores em Goulart e seu bloco, não teria um significativo papel político, e Praga deixou de atribuir a ele qualquer esperança de causar um atrito expressivo.

Um elemento interessante da AO LUTA diz respeito às Ligas Camponesas - mais precisamente ao líder deste movimento, Francisco Julião, e seu braço direito, C. Morais.

As Ligas Camponesas[71] tinham a própria pasta, o que significa que a StB reunia materiais sobre esta organização. A pasta foi destruída, mas salvou-se a subpasta (n° de registro 11681/305), dedicada justamente ao chefe das Ligas.

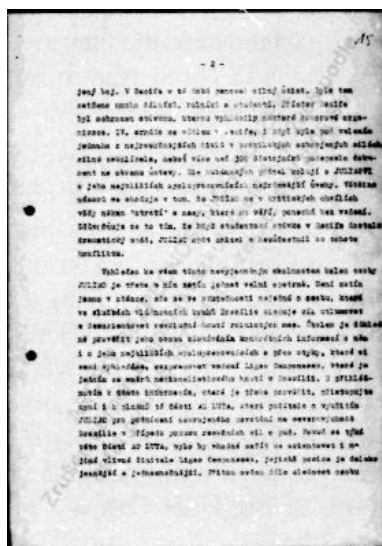
C. Morais possui uma subpasta (n° de registro 11681/302), cuja existência revela somente que a StB reunia materiais e informações sobre ele, tentando fazer um reconhecimento e avaliar se valia a pena ou não continuar o “trabalho”. A simples existência de uma pasta como essa não indica nada - é somente o estudo de seu conteúdo que nos traz o conhecimento.

As últimas observações podem parecer banais, mas devem ser levadas em conta para evitar alarmes falsos. O fato de uma pessoa ou organização aparecer na “lista” após a busca no portal do USTR tcheco (Instituto de Pesquisas de Regimes Totalitários) significa somente que houve o seu registro; o que significa, por sua vez, que a StB se interessou por essa pessoa. A StB não registrava apenas os seus colaboradores, mas também as pessoas que assediava e perseguia, e esse tipo de ação geralmente estava relacionado a outros departamentos da polícia secreta na Tchecoslováquia; fora das fronteiras do próprio país. De que se tratava o caso, o que a pessoa fez ou deixou de fazer, que planos a StB tinha em relação a ela e quais foram os resultados só é possível saber após uma pesquisa detalhada do conteúdo da pasta.

Já em setembro de 1961,[72] ou seja, antes da confirmação da operação LUTA, a Central recomendou à *rezidentura* no Rio que descobrisse o máximo possível sobre C. de Morais. Era advogado, jornalista e secretário das Ligas Camponesas. Se o conhecimento obtido fosse promissor, a Central recomendava que o contato fosse aproveitado para operações ativas contra os EUA. Tratava-se principalmente da participação das Ligas nas manifestações antiamericanas. Morais também era interessante para a StB por causa de sua esposa, Marie B., que era tcheca. Viajara legalmente para o Brasil com o esposo em janeiro de 1959. Os dois se conheceram em 1957, em Praga, onde Morais acompanhou a delegação parlamentar brasileira e Maria — então estudante — fora designada como tradutora. Interessaram-se um pelo outro e, um ano depois, casaram.

O I Departamento viu os cônjuges como eventuais figurantes e interessou-se seriamente por Morais em novembro de 1961. A Central sugeriu à *rezidentura* que Morais era “interessante por sua atividade nas Ligas Camponesas” e recomendou que o contato fosse aproveitado para verificar Julião e outros membros da Liga “por causa da operação ativa LUTA”.[73] Entretanto, de Havana, onde C. de Morais estivera em novembro daquele ano, chegou uma notícia que mudou significativamente a opinião do serviço tchecoslovaco: junto com mais quinze membros das Ligas Camponesas, Morais participara de um treinamento de guerrilha em Cuba, encontrara-se com Fidel Castro e provavelmente era membro do partido comunista. Essas notícias anunciaram o fim do trabalho sobre esse figurante, que já estava comprometido. A Central ordenou à *rezidentura* no Rio que interrompesse o “trabalho” e não procurasse mais o

contato.[74]

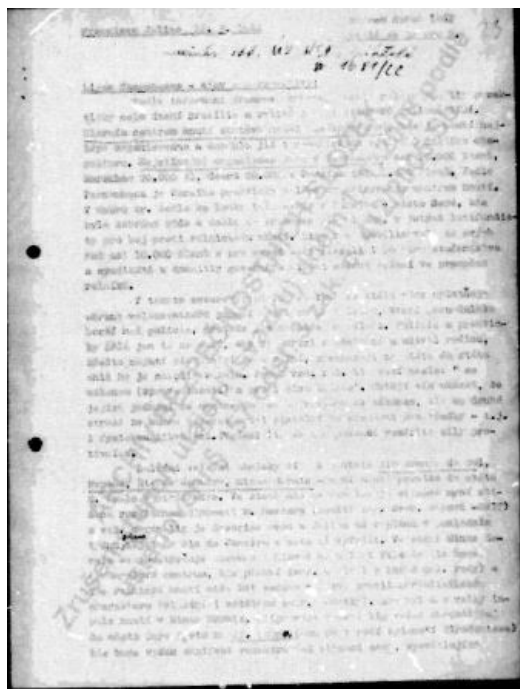
No contexto da AO LUTA, os funcionários do serviço de inteligência tinham como tarefa fazer um reconhecimento das Ligas Camponesas[75] e começaram em dezembro de 1961 de urna maneira fortemente criticada pela Central. Em 10 de dezembro, na casa de Duran, reuniram-se trinta políticos, economistas e advogados brasileiros (alguns com as esposas e filhos), além de personalidades conhecidas. Entre os convidados estavam Julião e o residente da Tchecoslováquia, que se conheceram, mesmo sem muitas oportunidades de conversas íntimas. A Central recomendou à *rezidentura* no Rio que tomasse cuidado no contato com Julião, pois “não sabemos se não se trata de uma pessoa que, a serviço de ambientes governantes do Brasil, tenha como tarefa frear e desorientar o movimento revolucionário das massas camponesas”.[76]

Na instrução de 19 de janeiro de 1962 a Central ordenou à *rezidentura* que, “em relação à AO LUTA, que supunha aproveitar Julião para provocar um levante armado no Nordeste do Brasil em caso de tentativa de golpe”, por precaução, procurasse outras personalidades influentes e de mais credibilidade. De acordo com esta informação, Julião estava cercado de agentes americanos e era politicamente instável e indeciso.

O contato seguinte ocorreu em 22 de março de 1962, no apartamento do senador Barbosa Carvalho, em Brasília. Compareceram dois oficiais do serviço de inteligência, que tiveram uma conversa com o chefe das Ligas Camponesas segundo as diretivas do ano anterior relacionadas à AO Luta. Desta vez, a conversa foi longa e, em grande parte, também confidencial, como demonstra o extenso relatório do camarada Pomezny. Foi discutida a ajuda por parte da Tchecoslováquia para as Ligas Camponesas, o que — segundo o relatório —

Julião entendeu como ajuda em armamentos. Esta questão não foi detalhada e foi deixada para depois. O chefe das Ligas demonstrou interesse no fornecimento de filmes educacionais sobre cooperativas agrícolas. Foi discutida também a questão de comunicações — Julião prometeu uma lista de pessoas de confiança de todo o Brasil com as quais os tchecos poderiam entrar em contato se necessário. Como contato no Rio ofereceu um tal de Santos, casado com uma tcheca. O oficial do serviço de inteligência perguntou então se tratava-se de Morais (para os espiões de Praga, Mosca), e o líder camponês confirmou. Julião falou dele como o seu "braço direito", por isso, naquele momento, os tchecos não questionaram este homem de ligação. Na folha do relatório há uma nota escrita à mão: "Julião possui vários discursos revolucionários e *slogans,* mas tem medo de participar de ações concretas. A organização Ligas não se encontra em um nível em que possa participar imediatamente do levante".

Ligas Camponesas - estado e perspectivas

Este é o nome de um documento de quatro páginas elaborado em 22 de março de 1962,[77] baseado nos contatos entre a *rezidentura* e Julião, destinado ao Comitê Central do Partido Comunista da Tchecoslováquia e "amigos". Nessa informação, além da descrição de quantidade e alcance territorial da organização existem dados que vale a pena citar. A partir das informações obtidas de Julião o autor escreve que:

> "As Ligas Camponesas possuem seus colaboradores no aparelho estatal, mantêm bom contato com o exército (principalmente com os sargentos), têm as suas pessoas nos partidos políticos (incluindo o comunista), em órgãos da Igreja e na SUDENE,[78] a qual praticamente controlam. Em relação ao armamento dos latifundiários, os sargentos do exército ofereceram à diretoria das ligas, que tomam conta da questão do armamento do movimento camponês. Essa oferta, por enquanto, não foi aceita, mas foi tratada como útil, com a qual vale a pena contar".

Na informação fala-se também sobre os contatos com Brizola, a quem Julião visitou cerca de 3 vezes, mas

> "continua sem saber o que pensar dele e do que ele é capaz. Brizola é do tipo caudilho (ditador) latino-americano com planos, até certo ponto, bem fantásticos. Na presente situação, com a ajuda de certos elementos da Polícia Militar, concordou em armar e preparar os camponeses para a luta armada".

Na análise também existe um fragmento dedicado à União Dos Lavradores Trabalhadores Agrícolas Brasileiros (Ultab), organização agrícola controlada pelo Partido Comunista do Brasil. Baseando-se na opinião de Julião, o funcionário do serviço de inteligência caracterizou a Ultab como uma "organização burocratizada e sectária", o que não impediu as tentativas de contato com as Ligas em São Paulo. Julião via nesse movimento uma tendência do PCB para dominar as Ligas Camponesas.

No início de abril, o camarada Nesvadba, seguindo a orientação do chefe das Ligas, entrou em contato com Mosca. O encontro durou três horas e foi no jardim botânico, no Rio. O funcionário do serviço de inteligência esclareceu por que não era recomendável que Morais cumprisse a função de homem de ligação, o que — pelo que parece — foi aceito com compreensão. O próprio Mosca, de acordo com as anotações de Nesvadba, demonstrou receio com relação ao

destinatário das informações entregues por ele aos tchecos. O oficial do serviço de inteligência o tranquilizou, respondendo que seriam recebidas somente pelos órgãos tchecoslovacos apropriados e não brasileiros.

Uma situação curiosa durante o encontro foi a objeção do brasileiro sobre as entregas de armas. Disse, apresentando a posição da direção das Ligas, que para eles era incompreensível a Tchecoslováquia fornecer armas para Brizola e Goulart, já que essas armas iriam parar nas mãos dos grandes proprietários de terras. Esta questão foi mencionada em mais um relatório, no qual Nesvadba completou o conhecimento obtido através de Mosca com informações de Paulo de Andrade.[79]

De qualquer maneira, a StB não teve nada a ver com entregas de armas para o Brasil. Ficou sabendo que se tratavam de cerca de 20 mil metralhadoras de produção tcheca, que a mercadoria fora transportada em um navio de bandeira panamenha e o descarregamento aconteceu próximo aos faróis Mostarda e Rio Grande do Sul. O deputado Mario Becker falou no parlamento sobre estas entregas. O relatório de Nesvadba repetiu as palavras de Mosca: por trás da compra das armas estão Brizola e Goulart, em caso de tumultos internos no Brasil.

Neste momento devemos esclarecer que, na década de 1960, a Tchecoslováquia comunista ocupava-se da exportação ilegal ou semilegal de armas, equipando diferentes grupos subversivos na Ásia e na África. E certo que o Brasil não estava na lista de países que recebiam essas entregas. É possível que a responsável pelo transporte fosse Cuba, que obtinha legalmente as armas da Tchecoslováquia e as reenviava de acordo com a sua vontade. A Tchecoslováquia podia (e não excluía a possibilidade) fornecer armas para certas forças no Brasil, mas, por enquanto, nenhuma decisão concreta sobre a questão fora tomada.

Na pasta há um documento de 25 de maio de 1962,[80] na qual a Central recapitula o estado de trabalho sobre os figurantes Julião-Mosca.

Primeiro, existe um elogio pela realização do contato, mas logo surge uma série de críticas ao trabalho da *rezidentura*. A Central reclama que o contato fora feito de uma maneira contrária às regras da conspiração, o que era simplesmente imperdoável na situação política do Brasil. Também observa que a ação acontecera tarde demais, pois a AO LUTA fora interrompida em 17 de abril de 1962 - e esse é o único indício que encontramos indicando a interrupção da operação. Não sabemos o motivo dessa decisão, sabemos apenas que foi uma decisão do ministro do interior, o chefe do serviço de inteligência.

Será que houve uma avaliação mais realista que classificou os objetivos como irrealizáveis ou será que as instruções vieram de Moscou? Seja como for, a Central continuou exigindo que o contato com as Ligas fosse mantido, mas de acordo com as regras da conspiração: era proibido o encontro em casas de políticos conhecidos ou entre grande número de pessoas. A Central ordenou que jamais comentassem com Julião ou Mosca sobre as relações das Ligas com o PCB:

> “Nossa tarefa no Brasil não consiste em opinar sobre questões de procedimentos das forças políticas no país, mas para que informemos nosso governo sobre o desenvolvimento da situação e atividades dos diferentes partidos políticos. Simpatizamos com todas as forças progressistas e anti-imperialistas, fornecemos a elas nosso apoio político e moral e, caso seja necessário — no momento apropriado e de acordo com as nossas possibilidades — também apoio material, como prova o caso da Cuba revolucionária”.

Em um dos encontros seguintes entre o camarada Nesvadba e Francisco Julião, que aconteceu em 6 de julho de 1962 na Livraria Civilização (no 2º andar do escritório desta livraria), houve uma especificação das necessidades materiais das Ligas — tratava-se de pedidos concretos que poderiam ajudar muito a organização. Julião, que várias vezes garantira ao oficial as suas convicções marxistas, dissera que para a organização trabalhar em um nível melhor, necessitava de um órgão de imprensa. As Ligas Camponesas desejavam publicar uma revista com edição de 50 mil unidades, primeiramente como um semanário e depois, até, como diário.

Na situação corrente, não possuíam apoio de nenhum jornal. Podiam, é verdade, contar com a benevolência do O *Semanário*, mas a publicação, assim disse Julião, “às vezes é sectária e é difícil conversar com o proprietário, Costa”. Quanto ao *Novos Rumos*, servia somente aos comunistas e por isso, como jornal, estava comprometido em relação aos objetivos das Ligas. Sobre o Última Hora ou outra imprensa burguesa não havia o que falar, pois nas questões básicas ninguém lhes daria apoio. A melhor saída era possuir a própria tipografia, e para isso — disse diretamente o chefe das Ligas — eram necessários cerca de 4 milhões de cruzeiros. O oficial tcheco não prometeu nada, mas acentuou que ainda seria necessário discutir a questão. Neste encontro, foi escolhido o novo homem de ligação entre Julião e os tchecos: Joaquim Ferreira.

Nesvadba encontrou-se com Ferreira em 10 de julho, num pequeno bar na esquina da Rua Quitanda e Rua São Bento. O encontro serviu somente para que os dois se conhecessem. Ao avaliar o homem de ligação, o oficial do serviço de inteligência afirmou que se tratava de uma pessoa séria, com largos horizontes intelectuais e adequada, mesmo sendo membro do partido comunista, do qual — como membro das Ligas - seria expulso de um jeito ou de outro.

Também foi importante o encontro no jardim botânico do Rio entre o camarada Nesvadba e o figurante Mosca. Foi uma iniciativa do próprio brasileiro, que despertou a curiosidade do residente. Mosca abordou três temas: armas, revista e... armas. A primeira menção sobre os armamentos tinha a ver com a descoberta da entrega de armas tchecoslovacas destinadas a Brizola. Quando Mosca expressou receio de acusações falsas de que a entrega de armas era destinada às Ligas Camponesas, o camarada Nesvadba lhe esclareceu que a Tchecoslováquia não tinha nada a ver com esse contrabando. Em seguida, Mosca relembrou a questão do apoio para a edição da revista, assim como — e isso também é importante — demonstrou muito interesse em filmes e livros de instrução sobre lutas guerrilheiras, para usar no treinamento de combatentes. Voltando ao tema anterior, o brasileiro perguntou diretamente se a

Tchecoslováquia poderia fornecer armas americanas, bazucas e outros armamentos antitanques de manejo manual às Ligas. Justificou a escolha pelas armas americanas porque eram as mesmas usadas pelo exército brasileiro e, por isso, seria mais fácil equipar-se com peças de troca e munições. Além disso, em caso de descoberta, os países comunistas estariam fora de suspeita. A *rezidentura* evitava encontros com ele, e com razão: ele foi excluído do Partido Comunista Brasileiro, o que foi informado no verão pelo *Novos Rumos* e, em dezembro, foi pego pela polícia com armas, acabando preso e depois condenado a um ano de prisão. Era uma pessoa altamente comprometida.

A StB refletiu sobre a questão de financiamento da revista *A Liga*, o que demonstra o documento de 6 de agosto de 1962,[81] elaborado por outro membro da *rezidentura* no Rio, o capitão Skorepa. O capitão escreveu neste relatório (18 de julho de 62) diretamente: “Julião nos pediu apoio na edição da revista deles”. Escreveu duas opções sobre a questão dos custos. A primeira contava com a possibilidade de comprar velhas máquinas impressoras e a criar a própria editora - para isso seriam necessários cerca de 24 milhões de cruzeiros, ou seja, cerca de 6 mil dólares americanos. Esta opção continha a lista completa das necessidades: máquina de rotação e 2 linotipos, 1 tipografia, papel, capital de giro, instalação e gastos e custos para os primeiros cinco meses.

A segunda - e mais barata - opção contava com a possibilidade de editar a revista em uma impressora alugada, o que exigiria o gasto mensal de cerca de 1 milhão de cruzeiros, ou seja, cerca de 2.500 dólares americanos. Skorepa pediu à Central que encaminhasse à *rezidentura* a sua posição sobre a questão, mas também aconselhou que fosse discutida com os “amigos”, pois “Julião podia fazer o mesmo pedido também a eles”.

No documento consta a anotação de que a informação também foi recebida pelo camarada conselheiro residindo em Praga.

Na pasta dedicada ao chefe das Ligas existem ainda alguns documentos com análises das Ligas Camponesas (eram destinadas ao Comitê Central do Partido Comunista da Tchecoslováquia e aos amigos). O último documento data de agosto de 1962, mas depois ainda houve mais um, de 22 de outubro de 1963, com a decisão de arquivamento da subpasta “Julião”. Aqui há um curto resumo sobre o objeto de interesse, assim como a afirmação de que “provavelmente houve a desconspiração de nosso interesse”, mas a observação mais interessante da folha é a relacionada aos “amigos”:

> “Durante a consulta com os amigos, quando, no final do ano de 1962, houve a determinação de uma nova linha de trabalho no Brasil, foi

> decidido também que o contato e trabalho da organização de Julião, se for o caso, serão coordenados pelos próprios amigos".

Até então não fora possível encontrar pistas na documentação sobre as consultas entre StB-KGB sobre o Brasil no final de 1962. Do ponto de vista de nossas pesquisas, trata-se de um acontecimento importante e essa foi a primeira menção ao tema. De acordo com a nota, houve uma divisão de trabalho e as Ligas Camponesas provavelmente foram recebidas pelos soviéticos, que, após reatarem as relações diplomáticas com o Brasil e ampliarem a própria *rezidentura,* já podiam tomar conta das questões prioritárias sem a ajuda da StB. Talvez essas conclusões também pudessem servir para a AO LUTA.

Em outubro de 1962 a revista *A Liga* começou a ser publicada.[82] Os tchecos não financiaram o empreendimento, que funcionou até 31 de março de 1964. Não se pode falar em influência e aproveitamento nas relações entre o serviço de inteligência tchecoslovaco e as Ligas Camponesas. Essa era a intenção inicial, dentro das suposições da AO LUTA, mas, como sabemos, a *rezidentura* entrara em contato com Francisco Julião tarde demais e teve tempo apenas de recolher informações. Após os erros na fase inicial, foi possível estabelecer contato de conspiração com as Ligas, o que significa que naquela fase de trabalho sobre o objeto o serviço de inteligência cumprira uma parte significativa da tarefa. Não houve tempo de obter mais, pois outro jogador se interessou pelo objeto: a KGB.

Os soviéticos (ou talvez os cubanos) viam em Francisco Julião um Fidel Castro brasileiro? Desejavam, através das Ligas Camponesas, fazer uma revolução? Não se pode excluir essa hipótese, pois as suposições da AO LUTA apontam para isso, assim como os soviéticos "tomarem" dos tchecos um potente, mesmo que mal organizado, movimento antissistema de 1962. Para ser confirmada, essa tese exige um estudo detalhado do conteúdo e condições da revista durante a sua existência. O conflito de Julião com o Partido Comunista Brasileiro não significa muita coisa, pois, no fim das contas, Fidel também não era comunista inicialmente. Não temos acesso aos arquivos de Moscou ou de Havana, e não há como verificar isso. Contudo, é fato que as Ligas Camponesas, com a sua ampla base de membros e extensa rede de organização, era interessante para os serviços secretos de países socialistas. Nos documentos tchecos há também, por exemplo, indício de interesse dos húngaros pelas Ligas. No Brasil também são conhecidos alguns documentos cubanos sobre as Ligas sobre os quais escreveremos no capítulo seguinte.

Podemos acrescentar que uma operação parecida com a AO LUTA foi planejada no Paraguai, o que é surpreendente, pois nem o serviço de inteligência tchecoslovaco nem o soviético possuíam qualquer informação e o

reconhecimento da situação era praticamente nulo. Mesmo assim, um dos camaradas na *rezidentura* (não sabemos se forçado ou por iniciativa própria) inventou um plano que depois foi aprovado em Praga pelo ministro do interior, chefe da StB. Mais ou menos na mesma época que surgiu a AO LUTA, foi inventada a AO BOLA. De modo semelhante à AO LUTA, a StB queria provocar e direcionar uma guerra civil no Paraguai.

Porém, como a StB possuía informações fragmentadas sobre aquele país, o audacioso projeto ficou apenas no papel, mas o esforço do serviço de inteligência tchecoslovaco foi reconhecido. Talvez o elemento mais interessante desta operação seja seu fracasso e interrupção: em grande parte, para obter o conhecimento indispensável, foram usados colaboradores secretos brasileiros e uruguaios, o que demonstra a forte relação desses agentes com os seus órgãos condutores.

Não somente planos ousados, também operações bem-sucedidas

Algumas das situações descritas relacionadas às atividades do serviço de inteligência tchecoslovaco no Brasil tinham a ver com planos não totalmente realizados. Ao mesmo tempo é possível observar que a StB, no início dos anos 60, sentia-se segura a tal ponto em território brasileiro que ousou planejar uma operação de intenções tão ousadas como a operação LUTA.

Terminamos o capítulo anterior com o testemunho de Ladislav Bittman, um homem conhecido também no Brasil. O significado de suas informações entregues aos americanos é demonstrado pelas sentenças dos tribunais comunistas da Tchecoslováquia: em 1970, foi condenado a 7 anos de prisão pela fuga ao ocidente; e a seguir foi condenado a 15 anos, mas, depois do interrogatório na subcomissão do senado dos EUA, em 1971, um tribunal militar da Tchecoslováquia ocupou-se de seu caso e foi pronunciada uma pena mais pesada: a pena de morte. A primeira pena pode ser considerada condenação por deserção, a última, por traição. Bittman não só traiu a StB, mas forneceu informações tão importantes sobre o serviço de inteligência tchecoslovaco e seus métodos que, junto com outros fugitivos - após a ocupação da Tchecoslováquia pelas tropas do Pacto de Varsóvia, em agosto de 1968, 8 oficiais emigraram para o ocidente - paralisaram os trabalhos do serviço de inteligência tchecoslovaco por alguns anos. Relacionada a Bittman, que atualmente ocupa-se em pintar quadros intrigantes, também há a AO TORO, operação que conhecemos graças às suas publicações.

A pena excepcional que recebeu como o único entre os funcionários fugitivos não demonstra somente o caráter de um país comunista, mas também o

peso das informações que Bittman forneceu aos americanos. Nenhum tribunal condenaria qualquer um à mais pesada das penas por lorotas reveladas ao inimigo do momento. A pena foi anulada em 1994, quando ele foi reabilitado na justiça da já livre e democrática República Tcheca. No livro *The KGB and soviet desinformation*, editado em Washington em 1985, Bittman descreveu uma das várias operações da Seção D (desinformação) do I Departamento da StB, onde cumpria a função de suplente do superintendente. O antigo oficial tcheco esclareceu em seu livro a operação que já foi objeto de discussão no Brasil.[83]

A operação consistia em produzir e manipular uma série de documentos falsificados. Tratava-se, entre outros, do boletim de informação da USIS (United States Information Service), editado no Rio de Janeiro. Em fevereiro de 1964, a versão fabricada deste boletim pelos especialistas da seção de desinformação em Praga foi enviada a alguns jornais brasileiros, com uma carta anônima de um funcionário afirmando que o seu superior no Rio detivera a distribuição do boletim porque um dos textos existentes revelava de uma maneira aberta demais a política dos EUA como predatória em relação ao Brasil. A opinião pública, supostamente, não deveria ficar sabendo disso. Na edição de *O Semanário* de 27 de fevereiro surgiu a seguinte manchete: “Mann fixa ‘linha dura’ para EUA: não somos camelôs para barganhar”.

Capa de O Semanário, nº 373, 27/02/1964

A parte seguinte da operação ocorreu após 31 de março de 1964. A documentação a respeito dessas operações foi destruída, mas podemos confirmar a sua existência baseando-nos nas menções em outras pastas.

Página 128 do livro "Archivní protokol 7470-10895 05/07/1962–08/04/1968", um Diário (inventário) no qual eram escritas as atas (pastas) inseridas no arquivo. Podemos ver que em 27 de outubro de 1965 a pasta dedicada à AO TORO foi levada para o arquivo da StB. Na terceira coluna está escrita a seção responsável por conduzir a pasta. Diante da AO TORO temos a Seção 1, americana, então dirigida pelo camarada Čada.

A imagem mostra um fragmento do Diário de arquivo. Podemos ver o registro sobre o arquivamento e a destruição da pasta dedicada à AO MANN. Essas duas operações ativas estavam relacionadas aos acontecimentos descritos por Ladislav Bittman. Vamos nos concentrar na AO TORO: Bittman não usa o nome TORO, mas MANN, mas logo esclareceremos que se trata de uma especificação, pois, ao escrever sobre o caso, o espião descreveu duas operações concretas ativas que envolveram não somente o Brasil, mas a América Latina em geral.

Sobre a AO TORO: o documento que possui mais dados é o *Relatório sobre as atividades da Seção 8 no I semestre de 1964.*[84] A Seção 8 ou Seção D do serviço de inteligência era justamente a seção de desinformação e AO, da qual o chefe era o coronel Borecky, e seu suplente o capitão Brychta - Ladislav Bittman. Esse relatório de 33 páginas descreve todas as operações ativas do período pelo mundo. No documento foi feita a divisão de acordo com as seções territoriais. Para nós interessa a Seção 1 — americana, e logo na página 2 há um capítulo intitulado "México, Uruguai, Brasil".

"As *rezidenturas* citadas estiveram no 1º semestre (o Brasil é

avaliado somente por quatro meses, por causa da interrupção dos trabalhos em maio)[85] bem ativas durante a execução de AO. Realizaram principalmente algumas operações segundo as ordens da Central (AO PLAMEN, AO TORO, AO MOSKIT, AO RACHOT), no âmbito das quais foram alcançados bons resultados e respostas. A *rezidentura* no Brasil recebeu um elogio pela execução da AO TORO e pela AO PLAMEN, foi proposto um elogio ou um prêmio para os residentes no Uruguai e no México".

A página 6 do relatório é dedicada à AO TORO:

- 6 -

pomocí agentury bylo organizováno široké zasílání telegramů a protestních dopisů, dále pak publikační činnost v různých novinách a časopisech. Poprvé se podařilo využít ve 2 zemích i rozhlasu k prosazení ostře protiamerických komentářů. Pestrost forem AO dokazuje i organizování masových akcí na podporu Panamy jako na př. studentských shromáždění solidarity, pořádání besed i vystupování poslanců v parlamentech a dokonce i uspořádání týdne solidarity v Kolumbii, v jehož rámci se tvořily oddíly na obranu Panamy.

Na provádění tohoto AO se nejlépe prokázalo, jak je možné úspěšně využít vhodných politických momentů, pokud mají rezidentury dostatek styků a pružnosti k tomu, aby na akci rychle reagovaly.

AO TORO :

Napodobenina materiálů USIS ke kompromitaci USA a T. Manna.

Aktivní opatření bylo kompletně připraveno v centrále, počínaje vypracováním a překladem vymyšleného textu /vycházejícího ze znalosti politiky USA/ a konče jeho technickým provedením na papírech zhotovených 9.správou. Věrohodnost našich materiálů nebyla vůbec brána v pochybnost a proto je pokrokové listy široce uveřejnily, reagoval na ně parlament a ZÚ USA bylo donuceno naše materiály dementovat. Charakter materiálů byl takový, že dovolil obnovu akce a další rozvinutí AO po brazilském převratu a spolu s AO MOSKYT a RACHOT posloužil k systematické kampani proti celé politice USA v LA. Při rozvíjení tohoto AO byla vhodně použita kombinace přenášení AO z Brazílie do Mexika a pak opět do Uruguaye, kde bylo AO opět dále přejímáno :/bez našeho zásahu/ a vynutilo si nové dementi ZÚ USA.

AO TORO potvrdilo schopnost naší techniky připravit a zpracovat materiály tak, aby bylo obtížné jejich dementování a stejně i schopnost připravit takový text, který je věrohodný a

Falsificação de materiais da USIS com o objetivo de comprometer os EUA e Thomas C. Mann.

A operação ativa foi totalmente preparada na Central, começando pela elaboração e tradução do texto inventado (baseando-se no conhecimento da política dos EUA) e terminando com a execução técnica em folhas produzidas pela Seção 9. A credibilidade de nossos materiais não chegou sequer a ser questionada e por isso a imprensa progressista não hesitou em publicá-los. Houve também reações no parlamento e a embaixada dos EUA foi obrigada a desmentir os nossos materiais. O caráter deles era tal que possibilitou o recomeço da ação e depois o desenvolvimento da AO após o golpe brasileiro, e, juntamente

> às *AO MOSKIT e RACHOT, serviu para uma campanha sistemática contra toda a política dos EUA na AL* (América Latina - nota do autor). *Durante o desenvolvimento desta AO, foram apropriadamente aproveitadas combinações para levar a AO do Brasil para o México e em seguida para o Uruguai, onde depois foi recebida já sem a nossa intervenção, o que obrigou novamente a embaixada dos EUA a um desmentido.*
>
> *AO TORO confirmou a capacidade de nossa técnica quanto* à *preparação e elaboração de materiais de maneira que* é *difícil desmenti-los...".*

Na página 10 do relatório foi especificado que a proposta para realizar a AO TORO foi feita pelo camarada Nesvadba no final de janeiro de 1964. Também foi esse camarada que conduziu a preparação e execução. Esta operação é um

> "bom aproveitamento da falsificação de documentos, que são usados pelo inimigo principal. AO TORO teve grande resposta em toda uma fileira de países da AL. As embaixadas dos EUA no Rio de Janeiro e em Montevidéu foram obrigadas a emitir declarações oficiais nas quais tentaram, com relativamente pouco sucesso, negar a veracidade de nossos materiais. A operação ativa foi iniciada em 14 de fevereiro e ainda em 6 de junho os materiais foram usados com sucesso no Uruguai.
>
> AO TORO também foi aproveitada como recurso apropriado para comprometer os EUA em relação ao golpe brasileiro".

Não há dúvidas que a operação relembrada por Bittman é justamente a AO TORO, tão elogiada no relatório secreto pelo superintendente da Seção 8, Borecky. E a confirmação de que materiais que forjavam a autoria da USIS americana foram, na verdade, fabricados em Praga e enviados para diferentes redações brasileiras, enquanto a StB apenas observava tranquilamente a informação falsa conquistar toda a América Latina. A operação tinha vida própria e, após o golpe de estado, foi possível manter a falsa interpretação de que os EUA estavam por trás do golpe.

Podemos citar um registro do camarada Peterka de 10 de julho de 1964 encontrado na pasta de correspondência operacional n° de registro 80905, que resume o seu trabalho na *rezidentura* no Rio. Nas páginas 8 e 9 do extenso relatório, no capítulo "Participação em operações ativas", ele menciona a AO KLACEK, "operação que tem como objetivo desacreditar os EUA no Brasil,

executada por intermédio do agente KELER, em base a materiais da Central". Em outro lugar desta pasta foi escrito sobre a AO KLACEK: "contra a política exterior americana em relação ao Brasil, para o descrédito da CIA e dos ambientes direitistas pró-americanos no Brasil. Cooperação com a *rezidentura* no México".

Mas Peterka também se gabava de sua participação em outras AO, como a LIGA (descrédito da Aliança para o progresso) e a AO TORO: "descrédito de Thomas Mann. Coparticipei com outros membros da *rezidentura* e por intermédio do agente MAGNO, garanti a distribuição dos materiais para as redações de jornais brasileiros". A pasta do agente Magno (anteriormente de codinome Carlos) contém os episódios citados, ocorridos entre os dias 11 e 14 de fevereiro de 1964. Em um relatório anterior, Peterka usou essas datas para descrever os dias em que realizou a AO TORO. Assim, basta verificar a pasta do agente mencionado (n° de registro 40017), onde se lê:

> "AO TORO — MAGNO cumpriu a sua parte como o planejado. Fez o reconhecimento, entregou algumas cartas na agência de correios na Av. Rio Branco, visitou 3 redações, conseguiu mensageiros para o envio dos materiais restantes e, exatamente como foi combinado, cumpriu as tarefas respeitando todas as regras de conspiração".

Em outro ponto desta nota lemos que inicialmente o agente Magno sentiu receio da entrega direta dos materiais em diferentes redações, mas conseguiu se sair bem, e Peterka concluiu que no futuro seria possível aproveitá-lo para tarefas do tipo, pois ele era responsável, conhecia bem a cidade e a mentalidade dos mensageiros e motoristas de táxi, com as quais sabia conversar. Neste registro, temos até mesmo o "Acerto de contas da AO TORO": o oficial deu ao agente um adiantamento de 100 mil cruzeiros, dos quais Magno gastou 45 mil e ficou com o restante para os gastos durante o mês de fevereiro. Logicamente, esse acerto de contas refere-se somente àquele fragmento da operação realizado pelo agente conduzido por Peterka.

Participaram da operação mais residentes e colaboradores, entre eles o figurante Lenco. Antes que fosse recrutado como agente, foi responsável pelo sucesso de uma parte da AO TORO realizada no parlamento brasileiro. Segundo o camarada Skorepa, no relatório de 13 de março de 1964, Lenco (pasta de n° de registro 44396) passou a informação falsa para o seu amigo Ramos (deputado federal) e este fez uma interpelação apropriada no parlamento. Depois disso, quando os americanos emitiram uma retificação, o deputado pediu desculpas. Bittman narra o ocorrido em seu livro:

"2 de março, Guerreiro Ramos, deputado pelo PTB, falou no parlamento sobre a nova política de Thomas Mann, que os EUA voltaram à linha dura de J. F. Dulles após a morte do Presidente Kennedy. Posteriormente, Ramos reconheceu o seu erro e explicou que a declaração atribuída a Mann procedia de falsificação. Em 3 de março, o embaixador dos EUA no Rio desmentiu estas informações".

1198 Têrça-feira 3 DIÁRIO DO CONGRESSO NACIONAL (Seção I) Março de 1964

Diário do Congresso Nacional, de 3 de março de 1964, p. 1198

Ainda verificamos os arquivos de materiais procedentes do México ou do Uruguai, onde a operação também foi realizada; mas é possível concluir que após a pesquisa dos arquivos poderemos encontrar mais fatos que confirmem as

afirmações de L. Bittman.

A narrativa - predominante não apenas no Brasil - que difama os EUA em relação ao golpe de 1964 também tem as suas raízes nas atividades do serviço de inteligência tchecoslovaco, em operações de desinformação cujo objetivo era tirar a credibilidade dos EUA e da política de Washington. Para isso foram aplicadas técnicas que consistiam na falsificação de documentos e outras ações. A StB ocupava-se disso não só na América Latina, mas em todo o mundo.

No fim das contas, a luta contra Washington foi, também em solo brasileiro, a tarefa mais importante do serviço de inteligência tchecoslovaco, e não é de se estranhar que essa luta se valesse de métodos desprezíveis e desonestos, já que a StB era ferramenta de um regime comunista. Infelizmente, as consequências desses métodos operam até hoje, 30 anos após o antigo agente tcheco revelar a verdade e quase 10 anos depois da abertura do arquivo da StB em Praga.

CAPÍTULO XVI - CUBA, DON E DRUZBA

JÁ MENCIONAMOS Cuba várias vezes. Como dizia a propaganda, o país escolhera sozinho o caminho rumo à liberdade e fora um impulso incrivelmente forte para toda a América Latina, tanto que a força do mito libertador funciona até hoje. Cuba não é o foco deste livro, mas não podemos deixar de abordar o país comunista que cumpriu um papel significativo em toda a América Latina. Essa cabeça de ponte da potência soviética teve um significado estratégico nos tempos da guerra fria, pretendendo-se ao papel de um tipo de cavalo de Tróia.

A StB tchecoslovaca funcionava também em Havana, e não como algo isolado: os especialistas de Praga ajudariam os cubanos a construir sua polícia secreta. Assim, entre os professores dos futuros seguidores de Fidel no Brasil estavam também os funcionários da StB de Praga. Já em abril de 1960 o capitão Peterka, residente do serviço de inteligência, foi enviado do México para Havana - alguns anos depois, o mesmo Peterka chegaria ao Rio de Janeiro.[86] A embaixada e a *rezidentura* do serviço de inteligência iniciaram oficialmente as atividades em 17 de maio de 1960. Pouco tempo depois, o capitão O. Sanchez entrou em contato com Peterka para transmitir ao ministro da defesa o pedido de treinamento do general Ramiro Valdés Menéndez, jovem chefe da espionagem e contrainteligência cubana. O ministro tchecoslovaco concedeu a permissão, e em 7 de julho Valdés já estava na sede do MV em Praga.

Peterka informou aos colegas tchecos sobre a estrutura da polícia secreta de Havana, o que podemos ler nos documentos:

> “Os funcionários, com exceção dos órgãos autorizados a efetuar prisões, são desuniformizados. A mais alta unidade de organização é o estado-maior, à frente do qual está Ramiro Valdés como chefe. Subordinadas ao estado-maior estão as diferentes seções, organizadas por ramos. As seções estão divididas em departamentos. Tanto as seções como os departamentos são dirigidos pelos chefes. Uma seção conta com cerca de 700 oficiais, dos quais somente uma pequena parte recebe salário diretamente do Ministério da Defesa, a maioria trabalha na segurança e tem ainda um segundo trabalho. Cada seção possui o próprio arquivo. Todos os elementos da polícia política estão conspirados”.

Os tchecos decidiram apresentar a Valdés a estrutura de sua própria polícia

secreta e métodos de trabalho, mas sem revelar detalhes de questões concretas. A aprendizagem durou de 11 a 17 de julho de 1960 na mansão secreta do chefe do I Departamento, no bairro Barrandov, em Praga. O Vice-ministro do Interior instruiu Valdés pessoalmente e explicou ao cubano o modo de tratar das questões de trabalho da polícia política, o trabalho de carreira nas forças armadas, como impedir infiltrações no exército e na polícia, selecionar e verificar funcionários, o ensino e educação das gestões — ou seja, explicou toda a prática da StB tchecoslovaca. Outros altos funcionários instruíram Valdés a respeito de questões concretas do trabalho de inteligência. Falou-se sobre o papel das embaixadas na camuflagem dos funcionários do serviço de inteligência, como trabalhar figurantes, regras da conspiração, a relação entre os agentes e as *rezideitturas* etc. Enquanto isso, também estava de visita à capital tcheca Raul Castro, ministro do interior cubano, que em 13 de julho convidara à sua residência os capitães Peterka e Skorepa - este último um conhecido funcionário da seção americana no serviço de inteligência - e pedira a eles uma audiência com Rudolf Barák, seu correspondente tchecoslovaco.

Rudolf Barák

É possível perceber que os contatos entre os órgãos de segurança destes países foram construídos principalmente a partir de contatos pessoais e informais, o que teve o seu significado para a conspiração do caráter destes contatos. Cuba queria fingir ser um país totalmente independente, livre, que determinava sozinho o seu caminho. Porém, nota-se outra situação a partir da análise dos encontros em Praga com o cubano Raul Castro: ele pretendia pedir ao chefe da StB tchecoslovaca que se ocupasse da formação de mais cubanos e para que Praga enviasse conselheiros a Havana. Esse encontro aconteceu em 16 de julho e foi acordada uma colaboração mais extensa. Os cubanos de Praga foram para Moscou. Em Praga, foi decidido que seriam enviados a Cuba mais

dois funcionários do serviço de inteligência: Linhart e Skorepa, e que a *rezidentura* em Havana seria reforçada com mais um oficial. No caminho de volta a Moscou o general Valdés passou por Praga para a segunda etapa da aprendizagem. Ainda no verão, Linhart e Skorepa viajaram a Cuba para fazer um reconhecimento da situação no local, reunir dados e elaborar um plano para a futura colaboração com a polícia política cubana. Ambos os funcionários do serviço de inteligência foram recebidos por Fidel Castro. Durante outro encontro, o general Valdés pediu aos oficiais tchecos para que o passo seguinte de colaboração mútua fosse também consultado com a KGB, para não haver ações duplicadas. Conclui-se, portanto, que os cubanos também conversaram com a KGB sobre o envio de especialistas para Havana.

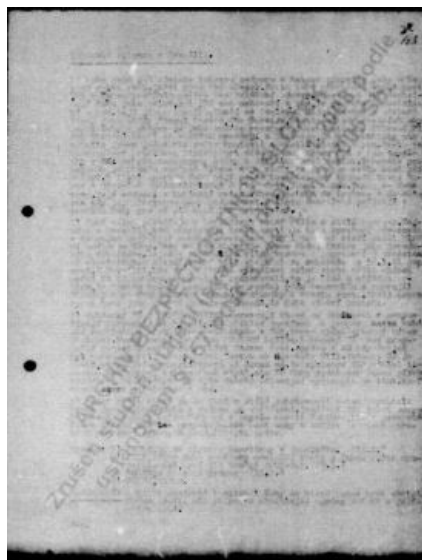
Ainda no início do outono formou-se em Praga um grupo de cinco especialistas que tinha como tarefa transportar para Havana por entrega diplomática o equipamento indispensável, com cerca de 120 kg, para a instrução dos cubanos. Enquanto isso, Praga advertia o seu pessoal em Cuba para que os encontros com os representantes cubanos fossem feitos dentro das regras de conspiração e que, em nenhuma hipótese, se encontrassem com funcionários uniformizados das forças cubanas, pois estavam proibidos de cumprir o papel de consultores: tudo deveria ser secreto, oculto, como se não estivessem por lá. Em outubro, Praga ficou sabendo que os soviéticos se ocupariam da questão de formação dos cubanos e ficou decidido que não enviariam o grupo de instrutores para além do oceano. Mesmo assim, a *rezidentura* em Havana trabalhava normalmente e servia de ajuda aos cubanos, como demonstram os acontecimentos de novembro de 1960 relacionados principalmente ao Brasil.

O residente Peterka recebeu da Central uma notícia importante, que devia ser informada imediatamente ao próprio Fidel Castro. Na noite de 9 para 10 de novembro, no prédio do INRA, houve o encontro, em que o espião tcheco passou para o líder cubano o conteúdo de dois telegramas de Praga. Estavam relacionados às atividades do embaixador brasileiro e a assuntos do Itamaraty em Havana.[87] De acordo com o relato de Peterka, Castro se surpreendeu com o interesse brasileiro sobre forças armadas, armamento e as execuções, prometeu que ordenaria imediatamente a investigação do embaixador brasileiro e garantiu que os cubanos desmascarariam o informante do embaixador.

Em outras palavras: Praga descobriu que alguém, em Havana, entregava informalmente ao embaixador brasileiro informações secretas sobre Cuba. Os tchecos entregaram imediatamente essa informação ao próprio Castro. Praga elogiou Peterka, satisfeita pelo “encontro ter reforçado a posição de nossa *rezidentura* aos olhos da direção cubana”. Ao final de novembro, chegou a Praga o chefe da polícia política cubana, general Piheiro, após uma aprendizagem de

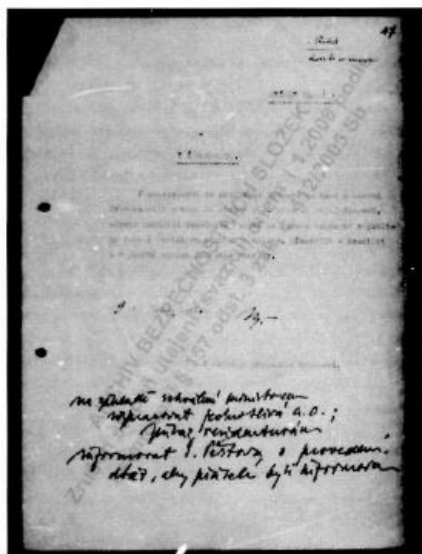
três meses em Moscou. O chefe do I Departamento, coronel Miller, convidou o cubano para jantar no luxuoso restaurante francês do Hotel Intercontinental. Durante a conversa, falaram sobre os consultores soviéticos, que — como revelou o cubano — já haviam partido para Cuba, e sobre Cuba ser usada como o lugar a partir do qual sairiam agentes ilegais para a América do Norte e América Latina.

Na metade de dezembro de 1960, a Central elaborou uma avaliação do trabalho da *rezidentura* em Havana, na qual foi constatado que o residente construiu uma boa posição e contatos valiosos com os principais representantes cubanos. De setembro a 5 de dezembro, foram entregues aos cubanos 37 informações da rede de agentes, a maioria sobre atividades reacionárias da imigração cubana relacionadas a preparações para a agressão por parte dos EUA. Peterka terminou a sua missão em Cuba em 30 de março de 1961, e durante a sua estadia na ilha mais de uma vez representantes da polícia secreta cubana solicitaram-lhe ajuda concreta. Praga instruiu o residente para que não se intrometesse nas questões internas, pois o papel de conselheiros e consultantes já estava nas mãos dos soviéticos, que viam a revolução cubana como a chance de uma mudança geopolítica significativa em seu confronto com os EUA.

Voltemos ao Brasil. Aqui também uma das principais atividades do serviço de inteligência tchecoslovaco foi apoiar, de todas as maneiras possíveis, a questão da revolução cubana. No início de 1961, o capitão Jezersky, oficial da *rezidentura,* elaborou um relatório chamado “A situação cubana no Brasil” sobre a tarefa de observar ao máximo essas questões.

O conteúdo deste relatório nos conscientiza de um fator significativo. A

simpatia das forças progressistas - como se costuma chamar os intelectuais de esquerda e seus apoiadores - pelas ideias proclamadas e executadas por Fidel Castro e Che Guevara não existiu naturalmente em consequência dos sentimentos calorosos que despertavam nas fileiras da esquerda. O apoio a Cuba era alimentado artificialmente, pois lembrava uma chama agonizante. Em um relatório secreto baseado em informações de algumas fontes e das próprias observações da *rezidentura*, o capitão afirmou:

> "Cuba já não tem aquele apoio e simpatia que possuía um ano ou 6 meses atrás. Foi por isso também que o rompimento das relações diplomáticas dos EUA com Cuba foi recebido com certa indiferença... No que diz respeito aos jornais, Cuba é realmente defendida somente pelo comunista *Novos Rumos* e parcialmente também pelo nacionalista O *Semanário*, fora eles, não há mais ninguém. Se continuar assim, Cuba, suas lideranças e o regime cubano irão se encontrar em isolamento e em uma situação onde as massas não irão mais apoiá-los. Os americanos estão contando com isso e a questão de Cuba já não é tão ameaçadora para eles.
>
> Cuba está perdendo apoio, aos olhos dos países da América Latina, por causa da rigidez do regime e das execuções que continuam existindo no país.[88] Principalmente no Brasil, onde não existe pena de morte, as execuções são claramente condenadas e não somente pelos inimigos da revolução cubana, mas também por aqueles que abertamente se declararam do lado de Cuba. O nome de Fidel Castro está sendo novamente apresentado como o nome de um ditador contemporâneo. Causou uma forte impressão por aqui, principalmente a notícia da execução de três empregados das fábricas de eletrificação, acusados de sabotagem e executados no dia 18/01/61. No Brasil, onde o nível de consciência política é muito baixo, justamente para essas pessoas que apoiaram a revolução cubana (trata-se das camadas mais baixas da sociedade) fica difícil compreender por que Castro, construindo um novo país, distribuindo terras para aqueles que não tem e armando aos trabalhadores, condena a morte justamente a trabalhadores. As execuções constantes em Cuba são um dos motivos da perda de seguidores".[89]

Ainda é preciso citar mais um documento da pasta de correspondência operacional chamada "América Latina":[90]

ULTA-SECRETO

PEDIDO

Atualmente, diante da piora da situação em Cuba e das novas ações de provocação por parte dos EUA, seria desejável que vocês iniciassem uma larga campanha em prol da defesa da república cubana por intermédio de vossas rezidenturas *no exterior, principalmente no Brasil, assim como em outros países da América Latina.*

9 de janeiro de 1961
Assinatura ilegível
Traduzido do russo por Hrudková

Anotação escrita à mão:

> *Com base na permissão do ministro, trabalhar as devidas AO; ordem para as rezidenturas: Informar ao camarada Pistor sobre a execução. Cuidar para que os amigos sejam informados.*

O segundo documento é uma tradução do russo: trata-se claramente de uma ordem da KGB recebida pela Central do serviço de inteligência tchecoslovaco em Praga que imediatamente passou a ser cumprida. A tarefa da campanha em defesa de Cuba incluía toda a América Latina, mas principalmente o Brasil, o que demonstra que o país tinha um papel de primeira linha nos planos de Moscou.

Um punhado de intelectuais de esquerda escrevendo para dois jornais é certamente muito pouco para manter um apoio a um regime ditatorial. Para adquirir o efeito de grande apoio à Ilha da Liberdade, que simplesmente não existia para as pessoas comuns, era necessário engajar os serviços de inteligência de países do bloco comunista, planejar e executar operações especiais com o objetivo de criar uma enorme onda latino-americana de entusiasmo para Fidel e seus camaradas.

No Brasil, a tarefa ficou com o serviço de inteligência tchecoslovaco, pois nessa época os soviéticos ainda não possuíam por lá sua *rezidentura* legal e

agiam somente agentes ilegais, sem as mesmas possibilidades que os tchecos já possuíam no trabalho de seu serviço de inteligência. Essa tarefa também demonstra outra dimensão das atividades da StB no exterior — sua função não era só reunir informações secretas ou valiosas, mas também exercer influência e formar a opinião pública na maior escala possível. O valor da aposta era enorme: tratava-se de manter para Moscou uma ponte estratégica nas proximidades do inimigo principal.

"A Revolução cubana tem um significado enorme para os movimentos nacional-libertadores na América Latina e em todo o mundo. Por isso, é necessário lhe dar a devida importância também em nosso trabalho" — era assim que a Central em Praga instruía as *rezidenturas* na América Latina.

AMIZADE (em tcheco: DRUZBA)

Além dos lemas *luta* e *paz,* a expressão usada com mais frequência na língua da propaganda comunista era a palavra *amizade,* declarada principalmente com as nações da União Soviética e em relação a todas as forças progressistas no mundo a partir de 1959, inclusive Cuba. Em 1962 e 1963, a palavra passou a ser uma das mais usadas na *rezidentura* do serviço no Rio de Janeiro. Os espiões, que logicamente evitavam a expressão, receberam uma missão em que a palavra nomeava uma operação ativa de extrema importância, extensa e complicada, que enfrentou diversas dificuldades mas teve sucesso - foi, de fato, uma das operações ativas da StB mais bem-sucedidas no Brasil, e a sua realização comprovou que o serviço de inteligência tchecoslovaco poderia realizar praticamente qualquer tarefa.

A determinação das tarefas corresponde ao grau de reconhecimento alcançado e a uma medição real de forças sobre as intenções. A *rezidentura* no Rio realizou algumas operações menores de imprensa: conseguiu, por exemplo a publicação de um fragmento sobre Cuba na imprensa, em maio de 1961. Na ocasião, a KGB enviou a Praga o pedido de execução da *operação ativa* DON, com o objetivo de apoiar a Cuba revolucionária. Tratava-se de imprimir na imprensa um fragmento concreto, escrito na central da KGB, em Moscou. Os tchecos conseguiram publicar o documento através do figurante Osny Duarte P. O texto apareceu no jornal O *Semanário* (n° 263, p. 3), no artigo "Analfabetismo em Cuba":

Os E.U.A., em 26 de abril, entregaram grandes quantidades de carros blindados, jipes com metralhadoras e tanques leves aos govêrnos da Guatemala, de Nicarágua, de Honduras e de Costa Rica e esperavam ter êsse material em funcionamento nos batalhões, em 5 de maio último. E para que? Para esmagar as liberdades? Não se emendam. Já tiveram oportunidade de apreciar várias vêzes que o caminho da violência tem sido o mais curto, embora o mais cruel, para chegar à emancipação e continuam a incidir nos mesmos erros e a trazer a angústia e a intranquilidade para nossas terras. Os chineses, os

Nº de registro 80691/000/1/4, folha 32, na ilustração, vemos o fragmento de O Semanário e, abaixo, uma parte do texto datilografado com o texto fonte, assim como foi criado e enviado ao Brasil pela KGB, por intermédio da StB.

poměrů v těchto zemích, které jsou pro USA výhodné. Bylo zjištěno, že první dodávka jeepů, kulometů a tanků byla dodána do Guatemaly, Nicaraguy, Hondurasu a Kostariky dne 26.4. 1961. Dodávky do ostatních zemí měly být podle plánu uskutečněny do 5.5.1961.

"Foi descoberto que a primeira entrega de jeeps, metralhadoras e tanques para a Guatemala, Honduras e Costa Rica foi feita em 26 de abril de 1961. As entregas para os países restantes, de acordo com o plano, deveriam ser realizadas até 5 de maio de 1961".

Por que era importante e urgente para os soviéticos publicar exatamente esse fragmento? Também seria interessante avaliar a atitude do autor que assinou o artigo — ele recebeu uma folha com um texto literal e o pedido para que acrescentasse isso ao seu artigo e assinasse com o seu nome. O material lhe fora entregue por um diplomata tchecoslovaco — pelo menos é o que Osny achava que era. Ele podia não saber que se tratava de um oficial do serviço de inteligência, mas o que o fez cumprir o pedido do diplomata? Não somos capazes de responder à pergunta. Teria tratado a questão como um favor a um amigo? Um jurista conhecido e respeitado, que deveria ser completamente independente, faz para o diplomata de um país estrangeiro um favor que em Praga e Moscou fora anotado como a realização bem-sucedida de uma operação ativa - soa suspeito.

A pasta de Osny D. P. não se conservou. Na época em que o material fora publicado ele era somente um figurante, ou seja, uma pessoa trabalhada. Ele foi usado e suas possibilidades forram aproveitadas, mas não se tratava de um agente - um colaborador, provavelmente, levando em consideração essa e outras tarefas. Estaria consciente disso? Não temos condições de responder. Como a sua pasta não se conservou, por enquanto não podemos acrescentar mais nada sobre ele e seu comportamento. Essa operação é um pequeno exemplo de como

o serviço de inteligência tchecoslovaco realizou pequenas tarefas relacionadas a Cuba; porém a mais importante, a operação ativa Druzba, não consistia somente em publicar um fragmento concreto em um artigo de imprensa. Foi uma operação de maior calibre.

Vale a pena relembrar dois acontecimentos relacionados a Cuba nesse contexto. Em 17 de abril de 1961 ocorreu a malsucedida invasão de exilados cubanos anticastristas na Baía dos Porcos *(Bahia de Cocbinos,* também conhecida como *Playa Girón).* A ação, inspirada e apoiada por Washington, foi evidentemente mal-planejada e mal-executada. Foi neutralizada pelos cubanos e deu a Castro um pretexto para apertar ainda mais o parafuso do totalitarismo.

O segundo acontecimento, bem mais importante, é a crise cubana (conhecida também como crise do Caribe). Na primavera de 1962, Moscou decidiu iniciar a operação Amadyr, e a partir de 12 de junho transportou secretamente para Cuba uma grande quantidade de armamento, incluindo mísseis balísticos com ogivas nucleares, como também aproximadamente 40 mil soldados. Os soviéticos executaram a ação audaciosamente, enganando Washington, que até agosto do mesmo ano não fora capaz de identificar a ameaça; ainda em 16 de outubro, Andriej Gromyko, ministro soviético de relações exteriores, afirmou, no encontro com o Presidente J. F. Kennedy, que os soviéticos haviam enviado a Cuba especialistas em agricultura para ajudar Castro na sua modernização.

Então, os americanos tiveram certeza que os soviéticos estavam mentindo e que já havia armamento de longo alcance em Cuba, capaz de destruir alvos em praticamente todo os EUA. Não vamos descrever a crise aqui, mas relembremos as datas principais: em 24 de outubro, os americanos iniciaram o bloqueio marítimo de toda a ilha e Kruschev, pela primeira vez, assumiu publicamente que em Cuba havia mísseis balísticos soviéticos. Em 28 de outubro os americanos e soviéticos chegaram a um acordo e Moscou retirou as forças e o armamento atômico de Cuba. A crise, que poderia ter se transformado em guerra nuclear, estava encerrada, mas durante todo esse tempo o serviço de inteligência tchecoslovaco esteve agindo no Brasil. À primeira vista, as ações do serviço não estavam relacionadas à crise, mas não nos enganemos: Moscou estava, sim, por trás do que estava acontecendo por aqui, mesmo que o executor fosse o serviço de inteligência tchecoslovaco.

O que e como foi feito?

Antes de tudo, é preciso afirmar que a pasta dedicada à operação ativa DRUZBA[91] não foi destruída graças a um golpe de sorte do destino, e temos toda a sua documentação, além de vários relatórios e análises de outras pastas.

Podemos, então, seguir esse jogo passo a passo com todos os detalhes, pois sabemos quem fez o que, por que e como, e quais foram os resultados.

Em 25 de setembro de 1962, os soviéticos enviaram a Praga um projeto; uma ideia para uma futura operação ativa. Na central tchecoslovaca da StB foi elaborada uma proposta que foi aprovada pelo ministro do interior em 2 de outubro. Para a elaboração dessa proposta foram reunidos dados de todas as *rezidenturas* na América Latina: Buenos Aires, Montevidéu, Rio de Janeiro, Bogotá, La Paz, México e Caracas. O posto do Rio, que tinha o maior papel a ser cumprido na operação, recebeu em 12 de outubro a ordem para iniciá-la.

As tarefas, em concreto, eram as seguintes:

1. Por meio do agente Lar e com a ajuda de ativistas e organizações nacionalistas, criar um comitê brasileiro de acordo com a lista enviada para a *rezidentura*. No comitê preparatório devem estar importantes representantes de orientação não-comunista e aquelas forças que não estejam sob controle da embaixada cubana.
2. A organização deve ser legalizada o quanto antes.
3. Introduzir de maneira apropriada o STROJ nessa operação ativa e fazer isso de maneira tal que Lar e Krno não possam se desconspirar mutuamente.
4. Conseguir apoio financeiro por parte do serviço de inteligência tchecoslovaco.
5. Foi comunicado à *rezidentura* em um informe especial que a operação possuía um significado peculiar. Seu objetivo era nomear, formar e criar a Liga de Defesa a Cuba. A rezidentura logo começou a agir e em 18 de outubro informou a Praga que Lar já realizara dois encontros. Quatro dias depois, informou também a realização de algumas tarefas.

Foi nomeada a Frente Nacional de Apoio a Cuba (FNAC), chefiada pelo conhecido oficial Oscar Bastos. No comitê de preparação estavam, entre outros: coronel Bayardo, coronel Jocelin Brasil e outros conhecidos nacionalistas.

O comitê preparatório se apresentou lançando suas primeiras declarações no *Diário de Notícias*.

Em 25 de outubro, através de um novo membro da *rezidentura*, o capitão Moldán, a Central enviou para o Rio um *contentor*[92] com microfilme, contendo endereços de pessoas e organizações em outros países da América Latina com as quais a FNAC deveria entrar em contato.

No final de outubro, a FNAC publicou no *Diário de Notícias* e no jornal STROJ (O *Semanário*) suas *Teses de programa.*[93] *O Semanário*, que, como já vimos, estava em função do serviço de inteligência tchecoslovaco, deveria, a partir de então e justamente por causa da AO DRUZBA, ser publicado até duas vezes por semana. Isso realmente aconteceu e sabemos quem controlou o jornal.

O comitê de organização da FNAC agiu bem e já em 29 de outubro a *rezidentura* podia se gabar que o manifesto desta organização fora apoiado por alguns conhecidos deputados, senadores e ativistas (Sérgio Magalhães, Roland Corbusier, Max da Costa Santos, Aurélio Viana,[94] sindicalista Hélio Marques e outros).

Surgiram também as primeiras dificuldades. O coronel Bastos teve conversas com o general Gonzaga,[95] chefe da Associação dos Amigos de Cuba, que se sentiu ameaçado com a possibilidade de a FNAC dominar o movimento de apoio a Cuba e diminuir a importância de sua organização, que já existia anteriormente. Apesar desse desacordo, a organização se desenvolvia bem e segundo o relatório da *rezidentura* de 30 de outubro o comandante do I Exército, general Osvino Alves, prometeu um discreto apoio à FNAC.

Os manifestos seguintes impressos no STROJ e no Ultima Flora possuem novos signatários, entre eles o antigo ministro das relações exteriores, San Tiago Dantas. Nessa época a organização já tinha um escritório alugado, empregava funcionários e resolvia as formalidades relacionadas à legalização. O embaixador de Cuba queria apoiar a ação, mas a sua oferta fora educadamente rejeitada, pois a questão deveria se restringir ao Brasil (só nas aparências, mas poucas pessoas sabiam disso no Brasil e esse conhecimento fora cuidadosamente escondido).

Na primeira fase da operação, o agente Lar cumpriu um papel-chave. Houve o cuidado para que — assim como a Central se expressou[96]:

> “fosse impedida a participação de cubanos e de conhecidos ativistas comunistas, para que não surgisse a impressão de que é uma ação controlada desde Cuba ou questão do PCB. No Brasil, onde deve surgir a iniciativa direcionada para convocação do congresso, vamos usar a LAR para a AO, que irá se basear em seus contatos nos ambientes nacionalistas... LAR não deverá ocupar um posto visível, não deve se pronunciar publicamente, mas deve nos garantir o controle da AO, assim como entregar nossos recursos, fornecidos por nós para a operação. No início, até o momento da organização do congresso latino-americano vamos entregar a soma de 5 mil dólares. Supomos que, com essa soma,

> LAR alugará um escritório, irá equipá-lo, empregará uma secretária, encomendará cartões impressos com o logo da organização e fará tudo aquilo que for necessário para um funcionamento normal do escritório do comitê brasileiro. Com esse dinheiro, pagará também passagens aéreas para os membros do comitê que sejam fracos financeiramente, para que possam chegar às reuniões de fundação (estudantes, ativistas de sindicatos, etc)"

Apesar de a *rezidentura* ter relatado a Praga que, na opinião do agente, seriam necessários pelo menos 12 mil dólares, a Central, em tom de contrariedade, comunicou que entregaria, por intermédio de Moldán, apenas 5 mil. Durante esse tempo, as *rezidenturas* nos outros países da América Latina já haviam preparado listas de pessoas e organizações favoráveis a Cuba que poderiam ser incluídas na operação. Os soviéticos também forneceram uma lista semelhante. Como foi lembrado no Capítulo XIV, a StB teve problemas com o agente Lar, pois recebera sinais do PCB de que ele colaborava com a inteligência militar brasileira, fato que o próprio agente confessou, afirmando que não traíra os tchecoslovacos.

Apesar dessas objeções, após uma profunda análise de risco ficou decidido que ele não seria afastado da operação e que o serviço de inteligência comunista o manteria no caso até o final. Lar teria de conseguir incluir O *Semanário* na ação, o que, como sabemos, não fez, e o residente teve de tomar conta da questão pessoalmente até colocá-lo a serviço da StB. A FNAC publicava os seus manifestos nele e em outros jornais (Diário *de Notícias* ou *Última Hora),* e a *rezidentura* relatava tudo à Central. Em 27 de outubro de 1962,[97] assegurava lucidamente que os manifestos seguintes seriam complementados com os princípios de respeito à não-intervenção. Isso significa que a *rezidentura* tinha influência sobre o conteúdo desses manifestos. De 30 de outubro procede um comunicado de Skorepa garantindo que acertara com Krno que, a partir do número 303, o STROJ se uniria ativamente à operação — seria publicada uma coluna dedicada à América Latina. O jornal sairia uma ou duas vezes por semana, de acordo com as necessidades, e faria de tudo para propagar a FNAC.

De outubro para novembro estava clara a satisfação de Praga e a operação estava correndo bem. A partir de então a *rezidentura* deveria se concentrar na etapa seguinte, o congresso, durante o qual seria nomeada uma nova organização concentrando todas as forças pró-cubanas sob o nome de Liga de Defesa à Cuba. A *rezidentura* engajou mais agentes, entre eles, Keler, e parece que, àquela altura, foi possível conciliar o grupo de Gonzaga com a FNAC.

De acordo com o plano original, o congresso nacional organizado pela FNAC, deveria ocorrer em dezembro, mas, isso foi impossível por alguns motivos.

Somente em 17 de outubro o residente revelara a Lar[98] o projeto da operação, que no relatório caracterizou com as seguintes palavras:

> "A ideia central de toda a ação é a mobilização da opinião pública em prol da defesa de Cuba e, na sequência, ampliar este movimento em todo o continente. Primeiro é preciso nomear o comitê nacional brasileiro, que se dirigirá aos países restantes da América Latina (para os ativistas e organizações nacionalistas), para que lá sejam criadas organizações semelhantes e depois convocar um congresso, no qual surgirá a Liga ou um movimento em prol da defesa de Cuba".[99]

Também vale a pena observar que o espião, ao esclarecer a questão ao agente, conscientizou-lhe, também, do motivo de a operação ser organizada no Brasil.

O Brasil "é o país com mais prestígio, que tem a possibilidade de conduzir o movimento e dar-lhe prestígio em todo o continente". O residente também dedicou bastante atenção à questão, essencial para definir as diretrizes da operação, entre elas não convocar comunistas ou pessoas relacionadas aos cubanos ou a outras organizações pró-cubanas.

> "Queremos um movimento que deve atrair largas camadas sociais independente da sua orientação política, etc. Logicamente não os proibimos (aos comunistas e pessoas de orientação pró-cubana) de entrarem no movimento, mas trata-se de que nas posições de diretoria, encontrem-se pessoas descomprometidas. No futuro, é claro, haverá uma aproximação, mas, por enquanto, é necessário manter este fator de descompromisso... É necessário que o movimento mantenha-se na linha estipulada por nós".[100]

Descompromisso, neste caso, significa não ter nada em comum com o PCB ou com Cuba. É possível então afirmar audaciosamente que o serviço de inteligência tchecoslovaco estava construindo um movimento social, que deveria causar a impressão de independência, fingir não ter nada em comum com qualquer coisa suspeita aos brasileiros habituados à democracia.

Porém, no futuro, até era possível supor que, de um jeito ou de outro, o movimento seria dominado pelos comunistas, afinal das contas o próprio nome

da operação continha em si o postulado de colaboração entre os soviéticos, cubanos e diferentes forças progressistas, mas nesta etapa ainda era preciso manter uma impressão de independência. Nesse sentido, a operação (a parte tcheca) teve muito êxito: foi executada com as mãos de brasileiros não-comunistas, nacionalistas com convicções democráticas.

Os verdadeiros dirigentes do empreendimento permaneceram ocultos, apesar de um acontecimento em 27 de novembro, no Peru, que, ao que parecia, seria catastrófico para o serviço de inteligência. Mas antes desse acontecimento a *rezidentura* no Rio tinha outras preocupações: fora possível vencer os obstáculos formais, mas Lar não conseguiu resolver a legalização para receber os recursos dos tchecoslovacos. Essa questão era extremamente delicada, pois, segundo o que se sabia sobre Lar, ele era um perdedor que mal conseguia sobreviver, e o fato de começar de repente a lidar com somas grandes pode ter criado suspeitas. Devido a esse problema, a *rezidentura.* anotou as especulações dos nacionalistas de que Jango pudesse estar por trás da FNAC. O boato poderia alarmar o governo e chamar sua atenção para a organização, o que poderia, por sua vez, ocasionar a desconspiração de Lar. Ao mesmo tempo, verdadeiros problemas começaram a atingir o grupo concentrado em volta de Gonzaga (o segundo grupo claramente pró-cubano com o qual a FNAC tentou dialogar e unir as forças).

Os problemas foram resultado da catástrofe do avião (vôo VARIG 810) no Peru, em que morreram 97 pessoas, entre elas emissários cubanos. Em suas bagagens foram encontrados documentos apontando as Ligas Camponesas e o Instituto de Colaboração Cultural Cuba-Brasil como organizações que tinham relações suspeitas com Cuba. Nos documentos publicados pela imprensa brasileira da época falou-se sobre a ajuda dos cubanos no treinamento de grupos guerrilheiros e outras atividades de subversão em território brasileiro. Revelavam também o engajamento de Havana na organização do congresso pró-cubano por intermédio de Gonzaga. Estas denúncias foram minimizadas por Hermes Lima, ministro das relações exteriores de então, mas a imprensa que teve acesso ao conteúdo dos documentos entregues pelas autoridades peruanas aos brasileiros tocava o alarme.

Entre os passageiros do avião estavam também delegados cubanos que voltavam de uma convenção da FAO no Rio de Janeiro. Os documentos de suas bagagens foram publicados e provavam claramente que Cuba participava do treinamento de grupos armados das Ligas Camponesas no interior. As autoridades brasileiras não reagiram. Praga tinha receios justificáveis com relação a essa situação. No início parecia que, devido à descoberta dos materiais comprometedores, a questão cubana seria totalmente desmascarada, mas isso

não aconteceu, e ao serviço de inteligência tchecoslovaco caberia proceder com cautela e não engajar pessoas relacionadas com Cuba na operação.

A revelação dos materiais cubanos adiou o objetivo mais importante da operação, que era a organização de dois congressos de apoio a Cuba: um nacional e um continental.

Enquanto a atenção da polícia se concentrava no grupo de Gonzaga, a “linha tcheca”, ou seja, a FNAC, continuou fazendo o que deveria: fez o seu registro de acordo com a lei e tornou-se parceira do grupo de Gonzaga, pois este não estava apenas relacionado com os documentos encontrados nos destroços do avião, mas também não era legalizado.

A organização fundada pela StB iniciou a nomeação do comitê preparatório, no que já estavam engajados alguns agentes e colaboradores. Segundo os documentos da Central, os soviéticos queriam tomar a iniciativa na operação, mas a descoberta do mensageiro cubano mudou radicalmente a situação e o trabalho da StB passou a ser essencial para os soviéticos. No que diz respeito à organização dos congressos, os soviéticos financiaram Prestes diretamente e Gonzaga indiretamente — através de Prestes —, pois viam neles os principais organizadores da ação; porém, no final de janeiro de 1963, reconheceram que somente a FNAC possuía chances reais de finalizar a operação de maneira satisfatória.

Mesmo assim, cada um dos lados que participou do empreendimento possuía as próprias visões e objetivos: alcançar Carlos Prestes, chefe do PCB, e forçar os cubanos, o general Gonzaga ou, ao final, Moscou. Prestes e Moscou preferiam à Gonzaga; Moscou, quanto aos congressos, financiava Prestes — na pasta existe a tradução de um documento cubano que afirma que Havana sabia que Prestes entregara aos organizadores dos congressos 200 milhões de cruzeiros (280 mil dólares). Isto causou um certo escândalo e adiou ambos os congressos. Quando surgiram os problemas com o avião, Moscou pediu a Praga ações mais efetivas. Depois de certo tempo, ficou certo que a aparição dos materiais comprometedores não trouxera nenhuma consequência, a polícia não fizera nada em relação a Gonzaga, os soviéticos sentiram-se novamente seguros de si e desejaram que o papel mais importante fosse cumprido pelo grupo apoiado pelo PCB. Os tchecos, por sua vez, esforçaram-se para ter informações atualizadas também desse segundo grupo e exercer influência sobre ele, e para isso convocaram o seu agente Macho.

Na própria FNAC aconteciam brigas. Segundo relatos do agente Lar, na sede da organização houvera uma forte troca de opiniões entre o coronel Bastos e o jornalista E. Cao a respeito da Petrobrás. Cao estigmatizou os interesses obscuros do coronel, este se sentiu ofendido e, se não fosse a intervenção de Lar,

provavelmente os dois teriam partido para a agressão física. Nesta época, os tchecos já haviam organizado por seu agente detalhes técnicos concretos: entregaram uma lista de endereços para os quais deveriam ser enviados convites, com personalidades ativistas progressistas do mundo inteiro — desde Japão, Indonésia, Argélia, países do bloco comunista e países da América Latina. Também continuaram entregando à FNAC grandes somas, pois era necessário pagar as contas de móveis, edição de boletins, panfletos, salários para os funcionários da Frente, etc.

Em 12 de março, pouco antes da data planejada para o congresso, chegou mais uma má notícia. O "governo brasileiro, inesperadamente, recusou o apoio para a preparação da conferência de solidariedade a Cuba no Rio de Janeiro".[101] Até agora, as fontes cubanas e soviéticas garantiam que a ação de apoio a Cuba contasse com a permissão discreta de Goulart, e a StB havia chegado à conclusão de que por parte do governo não existia nenhuma ameaça. Essa mudança no comportamento de Jango foi explicada pela presença da missão Dantas, em Washington, que buscava um empréstimo por lá e pode ter cedido à pressão, por parte dos EUA, para mudar a opinião do presidente brasileiro.

San Tiago Dantas, ministro das finanças, tentava obter um empréstimo significativo para o seu governo - ao que parece devia estar desesperado, pois, apesar de sua orientação esquerdista e pró-cubana, rendeu-se à pressão de Washington e retirou o apoio para o congresso. Em consequência disso, a central em Praga convocou as *rezidenturas* na América Latina para organizarem imediatamente um "apoio para o apoio", ou seja, para que ajudassem os países da América Latina a organizar ações de influência. No México, o serviço de inteligência tchecoslovaco organizou uma ação que consistia em enviar telegramas de diferentes organizações para Jango exigindo uma declaração de apoio a Cuba e a possibilidade de organizar o congresso em solidariedade à ilha. Em 16 de março, os delegados nacionalistas deputado Magalhães e Max da Costa Santos encontraram com o presidente e, em nome do comitê de preparação, ouviram do chefe de estado que ele não daria um passo contra o congresso.

Entretanto, o golpe mais forte não viera do palácio da presidência, mas de Carlos Lacerda,[102] governador do Estado da Guanabara. Em 25 de março ele proibiu a organização dos congressos no Rio, planejados para o dia seguinte! Assim, com a participação de 2 mil delegados, o congresso começou na cidade próxima de Niterói, em outro estado. Macho conhecia o governador do estado do Rio de Janeiro, Badger Silveira,[103] o que tornou possível transferir em tempo-relâmpago o local dos congressos.

Na opinião da *rezidentura* a proibição de Lacerda apenas esquentou a

atmosfera e causou mais interesse por parte das mídias — além de tentar dispersar e prender alguns dos delegados. Houve, inclusive, protestos por parte da imprensa de direita, que não apoiava Cuba, mas ficou desgostosa com o comportamento antidemocrático do governador.

O congresso, então, começou. Os convidados de fora do continente americano não conseguiram chegar, pois o Itamaraty recebera recomendações para resolver a questão de um modo lento, ou até para não dar os vistos, e no fim chegaram delegados de apenas 11 países.[104] Mesmo assim estavam em Niterói, de acordo com o relatório do camarada Skorepa, mais de 3 mil delegados. Na cerimônia de abertura apresentaram-se 42 deputados do Congresso Nacional - do parlamento, incluindo 8 da UDN. O capitão Skorepa, com visível satisfação, enviou um relatório a Praga informando que "nos últimos dias do evento Lacerda esteve à beira de uma crise nervosa".

Também Vasil, o residente soviético, demonstrou satisfação completa. Na pasta foram reunidos relatórios de diversas *rezidenturas* de todo o mundo, e todas anotaram uma grande resposta quanto à organização do congresso. Foi mencionado no *New York Times;* mídias de todo o mundo escreveram sobre a questão (concretamente, sobra a FNAC) ou pelo menos mencionaram. Ainda durante o congresso, o residente informou ao agente Lar que deveria desfazer a FNAC imediatamente, pois, a partir de então, a nova organização de solidariedade a Cuba nomeada durante o congresso e sob a direção do general Gonzaga é que se ocuparia da questão de apoio.

Essas eram as instruções de Moscou e nos documentos não existem sinais de que os tchecos tenham protestado. O general, por sua vez, parece que agradeceu muito a Lar pela ajuda que prestou. Revelou-lhe que pensava que por trás da FNAC estivesse o próprio Goulart e que desejava demonstrar publicamente a sua gratidão — por intermédio da imprensa. De acordo com as instruções de seu oficial condutor e respeitando os princípios da conspiração, Lar rejeitou as demonstrações de gratidão. O general queria a qualquer preço descobrir os nomes dos industriais que estavam por trás do surgimento da FNAC, pois gostaria de lhes direcionar um pedido de apoio à nova organização. Lar lhe esclareceu que os patrocinadores não desejavam ser revelados e que lhes deram a palavra de honra de oficial. Aqui, novamente, agiu como um espião de primeira.

Em 18 de abril o camarada Moldán escreveu, em relatório do Rio, sobre o acerto de contas com Lar, para o qual entregara ainda somas relacionadas ao financiamento do congresso e da organização da FNAC, finalizando assim a questão da AO DRUZBA.

O serviço de inteligência tchecoslovaco gastou quase 6 milhões de cruzeiros na operação. Engajou agentes e colaboradores, usou o jornal O *Semanário* e

participou da edição do boletim da FNAC e de alguns folhetos dedicados ao problema cubano, que foram distribuídos para os congressos.[105]

Em um resumo[106] sobre a operação, escrito para o ministro do interior pelo chefe do I Departamento, coronel Houska, podemos ler: “O objetivo da operação ativa DRUZBA foi criar um movimento permanente e organizado em prol da defesa da revolução cubana na América Latina. Com este objetivo, inicialmente foi nomeado um comitê de preparação da Frente Nacional de Apoio à Cuba (FNAC) e depois foram convocados os congressos. No congresso foi anunciada a fundação da nova organização sob a direção do general Gonzaga — esse foi o desejo de Moscou e assim foi feito. Foram engajadas na operação não só as *rezidenturas* da América Latina, mas também da Ásia e África. O chefe do serviço de inteligência gabou-se, demonstrando a importância do evento e que o governo americano se assustara a tal ponto que pressionara autoridades brasileiras para freá-lo. Houska relatou ao ministro que, para a operação, da qual também participaram soviéticos e cubanos, a *rezidentura* engajou os agentes Lar, Krno e, depois, Macho. “Sem esse trio, a AO DRUZBA não alcançaria esse sucesso”, escreve o coronel. Recapitulou também o total de gastos na operação — alcançaram os 6 mil dólares. De acordo com o resumo, o apoio financeiro soviético consistiu em entregar grandes somas ao PCB, que, por sua vez, financiou a Associação dos Amigos de Cuba (grupo de Gonzaga). Quanto à garantia de financiamento da campanha preparatória, a FNAC, estava nas costas da StB. O coronel avalia como apropriada a quantia de 6 mil dólares, relembrando que “os amigos soviéticos forneceram... uma ajuda financeira no valor de 280 mil dólares, de acordo com o documento que nos foi entregue pelo serviço secreto cubano”.

Os destinos seguintes da operação já estavam sob o total controle dos soviéticos e cubanos. O trabalho na ação dera à StB novas e valiosas experiências, que serviram “para a execução das operações de política de influência seguintes”. Houska também expôs as deficiências, pois houve dificuldades devido a uma coordenação imperfeita e à falta de uma direção única de toda a operação. Essas dificuldades surgiram principalmente porque participaram da questão até três serviços de espionagem comunistas e, no mínimo, três organizações: o Partido Comunista Brasileiro, com o qual a StB conversou por intermédio do residente soviético Vasil, a organização de Gonzaga e a FNAC,[107] controlada pelos tchecos. As decisões eram tomadas em Moscou, Praga, Havana, no comitê central do PCB e em duas organizações pró-cubanas — uma controlada pela StB, a outra, pela KGB. Prestes, chefe do ilegal PCB, inicialmente tinha objeções quanto a Gonzaga e Bartos; somente a autoridade de Moscou o convenceu da necessidade de colaboração com eles. Surgiram também

dificuldades objetivas: o acidente com o avião e a objeção de Carlos Lacerda. As dificuldades foram vencidas graças ao trabalho da *rezidentura* tchecoslovaca.

Não descreveremos os temas promovidos nos congressos, inspirados pelos serviços secretos comunistas. Durante o nosso relato sobre a operação, tratamos de apontar os elementos de organização, métodos de trabalho dos serviços de espionagem e demonstrar que a política de influência aplicada pelas organizações possui a sua imagem concreta, pessoas reais por trás disso, somas concretas de dinheiro utilizado, ordens concretas sobre o que deveria ser feito. Se acreditarmos nas informações, Moscou gastou com o congresso quantias altíssimas. A quantidade de delegados nos congressos e a lista de nomes de políticos e ativistas de diferentes opções que participaram do empreendimento demonstram que o objetivo determinado durante o planejamento da operação fora alcançado.[108]

Podemos citar os nomes de alguns dos delegados que discursaram no congresso: general Luiz Gonzaga de Oliveira Leite, Presidente do Congresso; Ramon Danzos, representante do México; deputado Max da Costa Santos; secretário geral da Central Campesina Independente; Francisco Julião, presidente das Ligas Camponesas; Margarida Ponce, argentina, representante da Federação Internacional Democrática das Mulheres; Frederico Kleyn, membro do comitê central do Partido Socialista do Chile; sacerdote Alípio de Freitas; dr. Luiz de la Fuente Uceda, secretário geral do Movimento da Esquerda Revolucionária do Peru; Manoel Cepeda, chefe do movimento juvenil da Colômbia; Catulo Basílio, argentino; general Saturnino Alvim; Guilhermo Martinez, EUA; Luiz Carlos Prestes, secretário-geral do PCB; deputado Sérgio Magalhães, presidente da Frente Nacionalista Parlamentar e muitos outros.

CAPÍTULO XVII - A AVALANCHE DE MACHO

UM BOM espião é aquele que executa meticulosamente as ordens da Central, mas também deve demonstrar iniciativa, independência e criatividade, pois trabalha em condições difíceis e distante de seu país. Durante a operação ativa DRUZBA, o capitão Skorepa provou que era capaz de se virar muito bem no trabalho de espionagem e dia 1º de março de 1963 recrutou o agente Macho, ao qual já havia engajado à operação de maneira criativa e inteligente. O agente Macho tinha relação com outra grande operação, a LAVINA (em português: avalanche), que poderia ter sido bem mais eficaz do que a operação LUTA. Poderia...

O camarada Bakalár conheceu o futuro agente no outono de 1961 e desde o início já teve sucesso, elaborando perguntas e adquirindo informações sobre diferentes assuntos. Macho era um importante ativista nacionalista e um político de amplos contatos e possibilidades. O oficial do serviço de inteligência marcou o primeiro encontro com o deputado federal Celso B. em 11 de outubro, no restaurante do hotel Brasília Palace na nova capital.

Bakalár já o conhecia,[109] mas não o havia trabalhado. A conversa inicialmente foi sem compromissos, mas um detalhe chamou a atenção do oficial tchecoslovaco: quando conversavam sobre a questão alemã - na época a Crise de Berlim estava no auge - e o oficial apresentou ao brasileiro a posição do governo tchecoslovaco. A resposta foi que, caso os tchecos desejassem provocar um debate sobre esse assunto no parlamento brasileiro, ele estaria à disposição. Leve e satisfatoriamente surpreso, Bakalár enviou a informação a Praga, afirmando que já seria possível aproveitar o figurante para operações ativas.

O encontro seguinte foi no Rio, dia 5 de novembro. Desta vez, marcaram novamente no restaurante, mas foram parar no apartamento do figurante,[110] que desejava se gabar da sua coleção de discos de gramofone. Bakalár estava preparado para isso e tinha um presente para Celso — um disco com canções folclóricas. Em 11 de novembro, o primeiro-tenente Bakalár elaborou para a Central a primeira característica do figurante já trabalhado. Descreve-o como um homem “ambicioso, muito inteligente e trabalhador, que, entretanto, é completamente desprovido de princípios morais”. Esclarece isso afirmando que Celso, ao qual deu inicialmente o codinome Cabral, financiou a própria campanha eleitoral anterior usando de recursos públicos destinados a um programa de alimentação para os alunos mais pobres de escolas e para lutar

contra o analfabetismo. Na época, trabalhava no Ministério da Educação como chefe do gabinete do ministro (seu amigo Clovis Salgado)[111] e tinha possibilidade de desviar esses recursos para lugares onde fazia campanha eleitoral.

Bakalár ressaltava a possibilidade de aproveitar o figurante em operações ativas no parlamento e propôs à Central “amarrá-lo a nós” através de apoio financeiro na campanha eleitoral para as próximas eleições com cerca de 10 milhões de cruzeiros. Cabral era um nacionalista de esquerda, ou seja, o figurante ideal. Em dezembro, a Central ordenou a mudança de codinome para Cabo, pois Cabral era o nome verdadeiro de outro contato do camarada Nesvadba. Praga avaliou que Bakalár estava se saindo bem ao trabalhar o figurante, mas acalmou os seus ânimos alertando que se sabia pouquíssimo sobre ele para financiar uma campanha - essa opção estava fora de cogitação. Era preciso investigá-lo, e o melhor modo de fazer isso era em alguma operação ativa de maior porte.

Ainda em novembro, o oficial testou a reação de Cabo quanto à proposta de participar de uma operação ativa, a AO FOX, que consistia em criticar a declaração do político americano Adolf Berle[112] que apelou, na imprensa americana, à revisão das posições de países da América Latina em relação a Cuba. Cabo assumiu a tarefa e em 11 de dezembro, durante um discurso parlamentar, criticou Berle duramente, apoiando-se nas teses que lhe foram entregues por Bakalár. A partir de março do ano seguinte, a StB mudou o codinome para Macho. Praga também recomendou ao residente que os contatos com o figurante fossem feitos da maneira mais secreta possível, pois o departamento de análise na StB o considerou um figurante muito promissor, com perspectiva real de recrutamento.

Ao descrever os encontros seguintes com Macho, Bakalár chamou a atenção para o fato de que o figurante continuava a falar sobre os grandes gastos relacionados à campanha eleitoral, o que fez o espião a concluir que o figurante estava aberto ao apoio financeiro dos tchecos, mas Praga rechaçou[113] novamente a possibilidade. Na metade de abril de 1962, surgiu a oportunidade do próximo encontro, desta vez na nova capital, na Churrascaria do Lago. Macho, ao contrário de seu costume, atrasou 30 minutos. Estava acompanhado por uma moça de 18 anos apresentada ao espião como Célia, e afirmou que tratava-se de uma conhecida que viera visitar a capital e estava sob seus cuidados. A presença da moça impossibilitou que o residente abordasse alguns assuntos, mesmo que a moça demonstrasse estar entediada e não estar prestando atenção na conversa.

Bakalár relatara que provavelmente “trata-se de uma das muitas amantes com as quais MACHO mantém contato durante as suas estadias no Rio de

Janeiro e Belo Horizonte".[114] A conversa foi, então, bem descontraída, mas mesmo nessas condições o figurante confiou os seus sonhos ao diplomata — gostaria de visitar a Tchecoslováquia e pediu diretamente, sem qualquer tipo de embaraço, um manual do idioma tcheco. Em seguida, acrescentou o pedido de alguns discos de música tcheca, pois era um grande admirador. Bakalár não se surpreendeu e imediatamente entregou ao figurante um disco de ópera do compositor tcheco Bedrich Smetana, *Dalibor,* pois "MACHO entende de música e é autor de um livro sobre Mozart". Bakalár pediu a Praga mais discos de mestres da música tcheca do período barroco. Com base nos nomes dos compositores escolhidos, vê-se que o espião também entendia[115] de música clássica.

Na primavera e no verão o figurante foi verificado. Reuniram informações sobre ele e durante os encontros houve um esforço para adquirir dados interessantes sobre assuntos políticos - o que não foi difícil, pois ele próprio os fornecia com vontade.

Foi descoberto que o figurante nascera em 16 de dezembro de 1923, em Diamantina, Minas Gerais - mesma cidade de Juscelino Kubitschek -, em uma família rica com origem em Flandres, na Bélgica, que chegou ao Brasil no século XVIII. A família enriqueceu no negócio de diamantes. O hobby de Macho era a música — teoria e história da música.

Macho chegara a Brasília, tornara-se chefe do gabinete do ministro da

educação e pouco tempo depois foi eleito deputado federal. Ao pesquisar as suas convicções políticas, Bakalár descobriu que era um nacionalista antiamericano. Era moderadamente amigável com os países socialistas, vendo neles um contrapeso saudável às influências americanas. Admirava a China popular. Ficou conhecido no parlamento graças a um projeto de lei que limitava a remessa de lucros a monopólios estrangeiros. Todos esses dados foram uma resposta às perguntas da central em Praga, que queria saber o máximo possível sobre o futuro colaborador.

Durante o verão o figurante estava em época de campanha e não teve muito tempo para se encontrar com o espião tchecoslovaco. O camarada Bakalár estava finalizando a sua missão no Brasil e, por isso, teve de entregar o figurante a outro oficial do serviço de inteligência — um diplomata da embaixada tchecoslovaca. Isso aconteceu em 3 de agosto, em Uberlândia, no restaurante do hotel Colombo. De acordo com o registro, sabemos que os espiões tchecos compraram passagens aéreas com nomes falsos e que o encontro foi marcado através de uma chamada de telefone público em Brasília para o número da casa de um parente de Macho, em Belo Horizonte, onde o figurante jantava durante a sua estadia naquela cidade. Bakalár escreveu que a Macho "foi dito diretamente que o camarada Skorepa continuará a colaboração com ele e que através dele (de Macho) iremos usar a tribuna do parlamento para defender interesses em comum. MACHO concordou e disse que fica satisfeito pois a colaboração e a nova amizade se desenvolverão bem".[116]

Skořepa

Ficou combinado que o encontro com o novo oficial condutor ocorreria no Rio de Janeiro e que o chamado seria dado pelo oficial tcheco, por telefone, ao

irmão do figurante. O oficial se apresentaria como João e deixaria a mensagem marcando o encontro. O local e a hora seriam sempre os mesmos: às 20h00 no restaurante Bistro. Ficou esclarecido que assim seria para garantir a segurança do figurante, e ele concordou. No relatório sobre a entrega, o condutor anterior, baseando-se agora na opinião de Skorepa, propôs novamente um apoio para a campanha eleitoral de Macho de 10 mil dólares americanos, argumentando que:

> "desta maneira vamos levar ao recrutamento de MACHO. Caso MACHO aceite o dinheiro, a questão do recrutamento será resolvida e teremos um agente para AO no parlamento... MACHO é um político jovem, cheio de ambições e com grandes perspectivas. Caso consigamos adquiri-lo agora, e caso ele ocupe alguma função importante no futuro, dará uma nova dimensão ao nosso trabalho".[117]

Praga não se rendera à proposta. Segundo o procedimento padrão, durante a entrega o oficial condutor anterior escrevera um relatório sobre as possibilidades e contatos do figurante. No que diz respeito às possibilidades em fornecer informações, Bakalár estava otimista: ele o via com grande interesse, principalmente na esfera de operações ativas, pois o figurante tinha um grande potencial de contatos, entre os quais Brizola, governador do Rio Grande do Sul; Barbosa Lima Sobrinho, deputado pelo PSB; Bento Gonçalves, deputado; Salvador Lossaco, deputado; e Clóvis Salgado, antigo ministro da educação. Ficamos sabendo também que Macho é uma pessoa de "caráter bem sensível e um tipo solitário" (apesar da fama de mulherengo).

MACHO

Macho "não fuma, bebe moderadamente... é bastante formal, continua me tratando por senhor, o que resulta de seu caráter". Bakalár chama a atenção para o seu *bobby* — música clássica - e recomendou que seu substituto fosse capaz de conversar sobre o assunto, pois isso reforçaria a relação entre os dois. O oficial também anotou em seu relatório quem sabia sobre o seu contato com o figurante, e citou a irmã de Macho, Vera,[118] que morava com ele em Brasília.

O camarada Skorepa entrou em contato com o figurante somente em novembro, após as eleições. Macho fora derrotado, e, ao explicar sobre sua derrota, argumentou que Sebastião de Almeida, seu rival político, era forte financeiramente e que a Igreja Católica fora outro potente inimigo, pois os padres das cidades envolvidas na campanha apontavam Macho como comunista. Segundo afirmações do figurante, eles acusavam comunistas de cortar mãos, violar mulheres, etc. Macho ainda não havia decidido o que faria a partir de então, e parece que até conversou com o presidente Goulart sobre o seu futuro, mas não obteve nenhuma resposta imediata.

Mesmo assim, Skorepa manteve o contato e, em janeiro do ano seguinte, após uma reunião com Vasil (o residente soviético que entrava em contato com seu correspondente tchecoslovaco no Rio), indicou a FNAC a Macho, mas sem revelar-lhe o papel da Tchecoslováquia no empreendimento. Recomendou a organização com base em informações de imprensa. Nessa conversa foi abordado um tema bem importante relativo à AO DRUZBA. Quando falaram sobre a intenção de a FNAC organizar congressos de apoio a Cuba, o figurante destacou que os organizadores, mais cedo ou mais tarde, sofreriam de falta de dinheiro. O oficial condutor assumiu o tópico e perguntou se seria possível fazer de tal maneira que os tchecos apoiassem financeiramente a ação com a mediação de Macho, de maneira secreta. O figurante respondeu afirmativamente à pergunta e ofereceu-se inventar ele mesmo uma história para a legalização do apoio. Naquele momento, Skorepa percebeu que Macho amadurecera para o recrutamento, pois teve plena consciência de que o seu conhecido diplomata não agia somente em seu próprio nome.

Nos encontros seguintes, o próprio Macho tomou a iniciativa para que o empreendimento FNAC fosse apoiado com a impressão de alguns panfletos dedicados à questão cubana. Seria possível usar a tipografia da qual ele era um dos proprietários e encontrar autores apropriados, já que ele possuía lá os seus contatos entre os nacionalistas, como Barbosa Lima Sobrinho.[119] Praga gostou muito da ideia e recomendou ao residente para que o trabalho sobre Macho seguisse justamente a sequência FNAC, panfletos, recrutamento.

Nesse ínterim o figurante recebeu uma tentadora oferta do presidente Goulart: seria nomeado como chefe da recém-criada representação comercial

brasileira em Moscou. Na etapa em andamento do trabalho, essa era uma má-notícia para a Central, e o residente foi solicitado imediatamente para convencer Macho a recusar a oferta. Macho acatou a sugestão dos tchecos, mesmo contrariado a ter de desistir do alto salário que receberia em Moscou (2.500 dólares). A StB queria inicialmente que o seu figurante aderisse ao trabalho da FNAC, mas, quando veio à tona que os soviéticos e os cubanos continuaram a apoiar a ala de Gonzaga, a Central decidiu direcionar Macho para o mesmo grupo, para obter boas informações e aproveitá-lo para amansar os atritos entre Gonzaga e Bastos (Macho conhecia ambos).

Ao trabalhar na organização dos congressos (AO DRUZBA), Macho se movia de acordo com as orientações de seu oficial condutor. A colaboração se desenvolvia tão bem que, em fevereiro, o capitão Skorepa enviou a Praga uma proposta para o recrutamento de Macho.[112] Ao descrever o estado de trabalho do futuro agente, o oficial afirmou que, até então, ele ainda não recebera prêmios por informações fornecidas e nem pelas tarefas cumpridas. Em um relatório como esse, teve de escrever também de que maneira pretendia conduzir a conversa de recrutamento e quais argumentos seriam usados por ele. Somente após a aprovação do pedido pela Central poderia ser iniciado o processo.

Inicialmente, seria discutida a avaliação da colaboração e o agradecimento pela ajuda no âmbito da AO DRUZBA e de outras operações seguindo a argumentação de que as atividades são de interesse do Brasil, das suas forças saudáveis e da revolução cubana, além de prejudicarem o inimigo comum, os EUA. As atividades precisavam ser reforçadas, por isso, escreve: “fui autorizado para consultar — caso esteja interessado — de que maneira essas atividades podem ser intensificadas e como seria possível melhorar a sua qualidade”. Skorepa pressupôs que Macho não recusaria.

A princípio, Praga aprovou o plano do capitão no Rio, desaconselhando apenas o argumento de apoio à revolução cubana, pois Macho, como nacionalista, poderia responder que sua tarefa mais importante era lutar pela soberania econômica e política do Brasil - em segundo lugar viria a luta contra o imperialismo e só depois Cuba. A Central recomendou que o oficial finalizasse a conversa de recrutamento entregando um prêmio de 400 dólares ao agente. Nas instruções de Borecki (chefe da seção americana; instrução de 19 de fevereiro de 1963) existe ainda a pergunta sobre o financiamento dos panfletos que Macho pretendia publicar para o congresso. Anteriormente, o material seria financiado pelos soviéticos. Borecky recomendou ao residente:

> “Informe imediatamente se VASIL, após entregar a Prestes o dinheiro para a DRUZBA, também aceitará fornecer recursos financeiros para os

> folhetos de MACHO. Em caso de resposta negativa, envie-nos por teletipo uma proposta para que sejam gastos no âmbito de uma AO especial”.

Macho deveria resolver não apenas a questão da publicação dos folhetos — também lhe foi confiada a tarefa de promover um livro do autor Enrique Ventura Corominas.[121] Ele havia sido editado um ano antes em Buenos Aires e a StB queria que também fosse conhecido no Brasil. Para isso, foi criada a operação ativa PRÁVO (direito), que o figurante tratou com muita responsabilidade. Macho também contou ao residente sobre os seus planos de publicar um novo diário nacionalista, e a partir dessa ideia logo nasceria uma nova operação ativa.

Quanto ao livro de E. Corominas, foi entregue em fevereiro a Macho — ainda figurante — um milhão e meio de cruzeiros para que pudesse comprar papel para imprimir o livro os soviéticos não pretendiam participar na operação, então os tchecos tomaram conta de tudo sozinhos.

Na época, por intermédio de Vasil, residente da KGB no Rio, o serviço de inteligência tchecoslovaco forneceu muita informação e coordenou a colaboração. Foi determinada até a entrega de parte da rede tcheca de agentes, mas, em relação a Macho, a Central dizia claramente ao seu pessoal no Brasil que isso não estava em jogo. Macho integrava três AO: PRAVO, LEAL (folhetos sobre Cuba) e DRUZBA. E certo que algumas tarefas estavam atrasadas, mas não por culpa do figurante — era época de Carnaval e de licenças, logo era difícil, por exemplo, encontrar uma escritora para transcrever um texto mais extenso.

Em 1º de março de 1963, o capitão Skorepa cumpriu o recrutamento de Macho. O encontro aconteceu no restaurante do hotel Ouro Verde no Rio de Janeiro das 12h às 14h20.[122]

No relatório, o residente afirma que a conversa ocorreu como o planejado, ou seja, o capitão lançou o tema e, vendo que Macho concordava, prosseguiu adiante. Falaram sobre a colaboração anterior, sobre o inimigo em comum e sobre como era essencial unir as forças na luta contra ele.

> "Durante toda a minha fala, Macho ouviu cada palavra com muita atenção. Quando eu lhe agradeci pela ajuda anterior, ele me interrompeu e disse que ajudou com prazer, pois todas as nossas exigências estavam de acordo com as suas convicções e tinham o mesmo objetivo que ele tem - a luta contra o imperialismo, contra o qual ele também luta".

O agente, já recrutado, falou sobre os pontos fracos do movimento nacionalista brasileiro, tendo em mente o baixo nível de organização e a falta de união. Prestemos atenção nas expressões: "baixo nível de organização e falta de união" — essa observação trará consequências... Mais adiante, Macho afirmou que concordava em intensificar a luta contra o imperialismo e os seus lacaios locais. Skorepa ressaltou a importância das regras de conspiração; explicando que não podiam ser vistos juntos; não podiam telefonar um ao outro; durante cada encontro seria combinado o seguinte, etc. Macho concordou com tudo — inclusive que Skorepa informasse a Praga sobre o seu consentimento.

O recrutamento do agente deve ter sido tratado pela *rezidentura* e pela central em Praga como um motivo de festa. Logicamente, o fato foi levado em conta na avaliação sobre o oficial e durante a entrega de promoções a postos de oficiais superiores. O ministro do interior, chefe da StB, era informado sobre o recrutamento de cada agente através de um relatório bem detalhado e, por sua vez, passava a informação ao Comitê Central do Partido Comunista da Tchecoslováquia. A notícia chegava também à Central da KGB em Moscou e ao Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética. Logicamente, o colaborador secreto nem imaginava — o seu oficial condutor lhe garantia que somente eles próprios, ou, no máximo, alguém do MRE em Praga, saberiam sobre a sua colaboração.

Aqui vale a pena acrescentar que, às vezes, acontecia de o agente desconfiar que fazia parte de algum tipo de jogo maior: mencionamos, por exemplo, a entrega de parte da rede tchecoslovaca de agentes no Brasil para os soviéticos. A própria KGB, com base nas informações adquiridas graças aos conselheiros e aos contatos com a *rezidentura*, escolhia a qualquer um que quisesse. Um dos escolhidos por Moscou foi o agente Lom (anteriormente Vána), colaborador trabalhado pela StB desde 1954, recrutado em 1956, que entregou informações

sobre economia e comércio do Brasil com países socialistas graças ao seu posto de trabalho.[123] Foi um agente de valor. O seu oficial condutor descreveu o encontro de março de 1963, no qual revelou ao agente que ele seria entregue aos russos:

> “LOM deixou-me falar e ouvia sorrindo. No momento em que fiz o pedido para que ele se encontrasse com o camarada da URSS, ele declarou que durante todo o tempo em que eu falava ele sabia que eu iria pedir isso, que já fazia tempo que ele pensara sobre tudo isso e já tinha preparada a resposta. A sua resposta é: Não. Ele não confia o suficiente nos amigos soviéticos para ter com eles a mesma relação que tem conosco, mesmo se considerando amigo da URSS. Disse-me também que, já durante as negociações comerciais com a URSS, observou as manobras deles à sua volta, assim como o esforço deles em se aproximar, chegando à conclusão de que alguém da delegação soviética sabia das relações dele conosco. A mudança de comportamento deles com relação à sua pessoa convenceu-lhe de que eu, seu órgão condutor, informei sobre ele aos soviéticos, o que ele não condena”.

No fim, Lom não foi entregue e continuou servindo à StB, inclusive após o golpe de estado de 1964.[124]

É possível supor que, ao participar - bem ativamente - das preparações do congresso de solidariedade a Cuba e ao aceitar um nível de colaboração mais avançado com o diplomata tchecoslovaco, Macho não soubesse para quem estava trabalhando de fato? Talvez estivesse convencido de que tudo estava limpo, de acordo com seus ideais e suas convicções? Não há como saber. Vejamos o que há de concreto - e voltemos ao livro de E. Corominas: foi o próprio agente Macho que propôs e se ocupou da publicação de uma extensa crítica e de notas menores sobre o livro na imprensa brasileira. O ponto 2 da nota do dia 28 de fevereiro de 1963, ou seja, informação fornecida do Rio em 23/02 sobre a *Operação Ativa* PRÁVO[125] trata dessa extensa crítica:

> “Para a realização de uma extensa crítica sobre o livro, MACHO irá persuadir o conhecido advogado e político, B. L. SOBRINHO. MACHO discutiu sobre tudo com SOBRINHO e, após estudar e combinar com ele, propõe (para que a crítica contenha - nota do autor) as seguintes teses:
>
> a) prefácio sobre o autor do livro, dando ênfase à importância de suas convicções em relação as funções que executou na OEA;

b) justificação legal dos princípios de não-intervenção e direito à autodeterminação;

c) crítica à Doutrina Monroe;

d) desmascarar a política imperialista dos EUA e da OEA em relação à Cuba desde o ponto de vista do direito internacional;

e) interpretação da política exterior brasileira em relação a Cuba e a posição do Brasil na conferência em Punta del Este;

f) avaliação geral da política imperialista dos EUA em relação aos países da América Latina.

Macho também propôs que o título do livro fosse *Direito a autodeterminação e não-intervenção segundo a avaliação dos mestres do direito internacional americano*, especificando exatamente como deveria ser o conteúdo do trabalho.

A *rezidentura* pediu a Praga uma resposta em tom de emergência sobre a concordância com a concepção, para que pudesse iniciar rapidamente a tarefa e resolver as questões relacionadas à edição em português e espanhol. Houve problemas financeiros na ação, pois em curto tempo o preço do papel aumentou significativamente e os recursos destinados a ela - 6 mil dólares, entre os quais o prêmio de Macho[126] - seriam escassos.

Nesta fase da colaboração Praga levava a sério o plano do agente de fundar um novo diário nacionalista. Skorepa pediu ao agente que preparasse uma proposta por escrito com uma estimativa de custos.

11

OFICINAS PARA GRÁFICA E JORNAL -	Cr.$80.000.000,00
REDAÇÃO (instalação) -	Cr.$10.000.000,00
AGÊNCIA DE PUBLICIDADE (instalação)-	Cr.$10.000.000,00
DEFICIT DO JORNAL NO PRIMEIRO ANO -	Cr.$10.000.000,00
TOTAL:	Cr.$110.000.000,00

O agente recebeu de seu oficial condutor mais dinheiro para os gastos relacionados com livros e folhetos. Durante um dos encontros de março, Macho fez planos de publicar o jornal: com o tempo — segundo ele — seria possível comprar um rádio e até mesmo uma televisão de alcance em toda a América Latina. Essa frase chamou a atenção do analista em Praga, pois o fragmento foi marcado com uma linha grossa. O residente dera a Macho 200 mil cruzeiros para os honorários dos autores das críticas, e ficou decidido que os folhetos sobre Cuba, no âmbito da AO LEAL, teriam 3 mil unidades em português e 6 mil em espanhol. O residente alertou o agente quanto ao significado especial da AO PRÁVO, frisando que "esta é a primeira ação maior que fazemos juntos; é uma questão de honra, não podemos falhar. O livro é muito importante, pois trata de questões fundamentais".[127]

Foi justamente nessa época (antes de 11 de março) que Macho conversou com o governador do Rio de Janeiro, para que fosse possível garantir um local em Niterói onde poderiam ser realizados os congressos pró-cubanos após a proibição de Lacerda. Skorepa relatou a Praga que "A colaboração com MACHO vem se desenvolvendo de uma maneira excelente, as tarefas indicadas estão sendo cumpridas".

Foram publicadas nos jornais O *Semanário* e *Jornal do Brasil* as críticas de autoria de Barbosa Lima Sobrinho e Osvaldo Costa ao livro de E. Corominas *Cuba en Punta del Este.*

A questão sobre a fundação do jornal, de uma estação de rádio e de uma televisão deixou a Central intrigada, e ela enviou, então, uma resposta ao residente no Rio dizendo que seria possível dar um vultuoso empréstimo ao agente Macho (os custos foram calculados em 110 milhões de cruzeiros). A seguir, informou que Houska, chefe do serviço de inteligência na Central, era a favor, mas ainda seria necessário esperar a decisão final do ministro após a discussão da questão no Comitê Central. A operação recebeu o nome de LAVINA (avalanche).

Voltemos à AO PRÁVO. Macho não só cumpriu as tarefas, foi além: em vez de três ou quatro críticas na imprensa, conseguiu a publicação de sete, e completou a informação dizendo que ainda poderiam surgir as próximas em São Paulo e Belo Horizonte.

Punta del Este num livro de Corominas

Barbosa Lima Sobrinho

O que dá significação ao livro de Enrique V. Corominas, intitulado Cuba em Punta del Este é, de um lado, a autoridade do internacionalista que o escreveu e, de outro lado, sua absoluta isenção em face do conflito, dadas as atitudes conservadoras ou centristas, que compõem sua vida de diplomata e de publicista. Como internacionalista, Corominas não pode deixar de ser persona grata para a Organização dos Estados Americanos, de que participou, em posições de destaque, em algumas reuniões decisivas. Basta dizer que êle foi Presidente do Conselho da OEA, logo depois da Conferência de Bogotá,

na sua luta em prol da unidade e da solidariedade das Américas. O que não o impediu de considerar que a resistência do bloco dos seis países, que se abstiveram, em Punta del Este, ou que o voto que traduziu essas resistência, "fôra um dos maiores privilégios que a vida jurídica haja conferido, na sua condição de repúblicas americanas", pois que, acima de tudo, os que assim votaram colaboraram para que não se fizesse em pedaços o princípio da não-intervenção e para que não se quebrasse a espinha dorsal da concepção maior, que é a da autodeterminação dos povos". Vitória da consciência jurídica das Américas,

fesa da não-intervenção era interêsse dos Estados fracos, que nada tinham o que lucrar numa política de poder. Além dêsses argumentos, e de outros, que ilustram seu livro, discordava da exclusão porque seria como que uma abdicação da OEA, em face do problema cubano, pois que perderia, com êsse ato, a autoridade necessária para continuar a seguir de perto o desenvolvimento do episódio cubano.

Dentro de uma política de poder, a exclusão de Cuba só se explicaria, se acompanhada de intervenção militar imediata no território da Ilha. Não havendo, ou não podendo haver essa intervenção, a exclusão se tor-

Crítica do livro de E. Corominas

As críticas haviam sido escritas de acordo com as teses preparadas. A segunda tarefa de Macho era garantir uma extensa crítica ao livro de E. Corominas no formato de um pequeno livro de autoria de B. L. Sobrinho. Este projeto foi modificado durante a realização, pois foi decidido que seria melhor, para a nova publicação, esclarecer questões importantes para a defesa de Cuba, assim como o direito à autodeterminação, os princípios de não-intervenção, etc. A StB também teve influência no conteúdo deste livro. Graças à decisão de usar um papel de qualidade inferior foi possível editar o trabalho na tiragem planejada. Tudo foi feito a tempo, o financiamento da operação ocorreu sem problemas e o livro foi distribuído nos congressos pró-cubanos em Niterói.

Segundo o relato do capitão do serviço de inteligência, ninguém, além de Macho, Gonzaga e o professor Kleber, sabia quem financiou a publicação. A ideia de criar a impressão de que fora uma obra da associação brasileiro-cubana funcionou, e Macho persuadiu Gonzaga de que as somas haviam sido doadas por adeptos de uma política exterior brasileira independente; industriais que desejavam ficar anônimos. Ficou garantido que o livro[128] seria enviado a bibliotecas, universidades e diferentes instituições em toda a América Latina e Angola. O seu valor para a StB tinha a ver com o fato de que fora possível garantir aos adeptos de Cuba e aos oponentes dos EUA uma argumentação que não era marxista-leninista, mas uma argumentação legal e sólida, baseada no direito internacional, em que se destacava a importância do direito à autodeterminação e os princípios da não-intervenção.

Como esclareceu o espião, o livro não era destinado aos países socialistas, mas levava em conta as condições da América Latina.[129] O residente confessou que chamou a atenção de Macho para que não houvesse uma argumentação comunista, e quando o livro foi escrito foi mantida uma argumentação

apropriada a juristas burgueses. No livro também foram expressadas as convicções do antigo ministro de relações exteriores do Brasil, San Tiago Dantas e de Osny Duarte Pereira, com o consentimento de ambos. Na opinião do oficial do serviço de espionagem, esse trabalho sem dúvida foi a razão do sucesso dos congressos. No âmbito da AO LEAL, Macho trabalhou para que fossem editados quatro folhetos de apoio a Cuba, e cada um deles teve 4 mil unidades impressas. Tratavam-se dos seguintes trabalhos:

1. Plínio de Abreu Ramos: Revolução cubana e decomposição do pan-americanismo.
2. Amílcar Alencastre: Cuba, o que foi e o que é.
3. Moniz Bandeira: O poder dos trabalhadores em Cuba.
4. Autor anônimo — O ensino cubano.

Essas publicações também foram distribuídas aos participantes do congresso, e o que sobrou delas foi enviado a bibliotecas, organizações estudantis, sindicatos, etc. Os serviços comunistas de inteligência também tiveram o controle final sobre o conteúdo das publicações. A respeito da fonte dos recursos, Macho seguia usando a resposta dos industriais nacionalistas que desejavam permanecer anônimos, mas ele sabia — e agora os leitores também sabem — que o projeto fora financiado pelos tchecoslovacos e soviéticos. Custou 1.500 dólares, dos quais mil foram entregues por Vasil, ou seja, pela KGB.

Quase não há dados sobre o financiamento soviético da AO DRUZBA; temos apenas o já citado documento cubano e as menções tchecas à participação de Moscou. Os documentos do arquivo de Praga revelam que os gastos da StB no Brasil foram moderados - sem dúvida a KGB tivera gastos maiores, mas é preciso esclarecer que ela também tinha possibilidades e objetivos muito maiores.

Ao que parece, o sucesso da operação de apoio a Cuba encorajou a polícia política de Praga, que decidiu dar um passo cujo caráter é descrito perfeitamente por seu nome: LAVINA (avalanche).

Por definição, uma avalanche é uma massa de neve[130] que se movimenta deslizando ou rolando com grande velocidade do topo de uma montanha. Pode-se usar expressões bem mais dramáticas — perda violenta de estabilidade e movimento, queda, rolamento para baixo ou deslizamento a partir do alto de uma montanha, de massa de neve, gelo, terra, material rochoso ou a mistura destes. A avalanche é a forma mais violenta de movimentos de massas e representa uma grande ameaça para as pessoas e seus arredores, assim como para a

infraestrutura. Tudo começa a desabar e é melhor opção é fugir da força destrutiva deste fenômeno.

O oficial condutor e seu agente esperaram a decisão de Praga sobre a fundação de um novo jornal nacionalista. Quando a decisão chegou, "Macho reagiu com grande alegria", anotou Skorepa.[131] O agente concordou com as condições de Praga: a Central participaria do financiamento do projeto, mas através de um empréstimo, cujo recebimento o agente confirmaria com a sua assinatura e pagaria até 1967. O capitão do serviço de inteligência chamou a atenção do agente, dizendo que a ação "é uma amostra de nossa grande confiança em sua pessoa", o que deve ter deixado Macho lisonjeado.

Macho começou então a fazer grandes planos, mas o oficial o direcionou para um caminho mais próximo da realidade — seria necessário cuidar de questões mais prosaicas, como encontrar anunciantes entre industriais nacionalistas como Matarazzo, Gasparian, Ermírio de Morais e outros; da Petrobrás e de outras empresas sob o controle do governo, pois nenhum jornal sobrevivia apenas da venda. Macho deveria antes abrir a sua própria agência de propaganda para cuidar do fluxo de anúncios e publicidade. Para conduzir a agência escolheu Pedro Mourão,[132] pois ele próprio, Macho, deveria ficar o mais incógnito possível. Por enquanto, ele não precisaria de grandes recursos e a etapa duraria de 2 a 3 meses, tempo que também seria usado para completar a lista dos colaboradores do jornal, pensar em quem seria o chefe desta ou daquela sessão, encontrar uma tipografia, além de questões técnicas em geral.

O plano inicial era comprar um diário já existente (tratava-se do *Diário Carioca*), e teve de ser descartado, pois, quando Brizola ficou sabendo da iniciativa (através do próprio Macho), propôs imediatamente a compra de 51% das participações. Após uma consulta com o residente a oferta foi rejeitada, pois Praga ficou com receio de que Brizola pudesse simplesmente comprar Macho e fazer a StB perder a influência em todo o projeto. A Central não aconselhava qualquer aliança com Brizola por outro motivo: naquela época vinham surgindo na imprensa brasileira acusações de que ele estaria envolvido com um grande financiamento da União Nacional dos Estudantes, que viria da Tchecoslováquia e estava destinado à compra de uma tipografia para o movimento.

Provavelmente, as acusações eram inventadas. Não encontramos nos arquivos de Praga nenhum sinal desse apoio, mas no mesmo contexto a imprensa citou a Associação Internacional de Estudantes, com sede em Praga, uma das muitas organizações de fachada controladas pela KGB apesar de ter a sede na Tchecoslováquia.[133] Macho ficou convencido de que era melhor não ter nada em comum com pessoas e organizações com fontes de financiamento incertas, principalmente quando era apontado um país atrás da cortina de ferro. O oficial

pressionava o agente para que não conversasse com mais ninguém sobre a LAVINA: era preciso ter cuidado e antes de cada encontro verificar se não estava sendo seguido. Por fim, entre as obrigações do oficial condutor também constava a formação ideológica contínua do agente, assim como no campo das regras de conspiração.

O capitão Skorepa via com bons olhos a obrigação do agente de assinar o recebimento de dinheiro, pois isso lhe comprometia. Uma “letra de câmbio ao portador é uma arma terrível em nossas mãos e, caso quiséssemos, poderíamos destruí-lo imediatamente com ela”, e — chama a atenção o oficial — “MACHO sabe disso muito bem”.

A AO LAVINA estava em ação. Em maio, Praga recebeu a notícia de que o agente abrira um escritório, a Agência Brasileira de Informações e Propaganda, com sede na Rua Senador Dantas 80, 7º andar. Após uma consulta com o deputado S. Magalhães, chegou à conclusão que seria melhor lidar não somente com publicidade, mas também com a divulgação de informações - uma agência de imprensa -, pois o movimento nacionalista não possuía algo do gênero. Skorepa foi favorável, pois o alcance da operação seria ampliado.

Foi decidido também que à frente da nova agência estaria o próprio Macho, e além disso, seria nomeada uma sociedade que em um mês começaria a vender ações. A agência começou a editar um jornal com anúncios e colunas sociais chamado *Shopping News,* que por enquanto deveria ganhar lucros para desenvolver o planejado jornal diário. As questões formais relacionadas ao registro legal alongaram-se, mas, em outubro, o residente relatou a Praga que já estava decidido que o diretor da editora seria S. Magalhães, enquanto o diretor executivo seria Macho. O diário iria se chamar *Frente Popular* e o próprio J. Goulart apoiaria o projeto, inclusive financeiramente, como foi prometido.

O agente havia conversado sobre o assunto com o presidente e foi adquirida uma tipografia no Rio de Janeiro. Não sabemos o que aconteceu em relação ao caso no verão do ano de 1963 — a pasta da AO LAVINA foi destruída -, mas há muitas informações detalhadas na pasta do agente e, assim, é possível seguir o andamento dos acontecimentos com relativa facilidade, tendo a consciência de que muitos documentos importantes são inacessíveis para nós no momento (existe a possibilidade de haver cópias das pastas destruídas em Moscou).[134]

Em certa fase da operação surgiu a necessidade de alugar um apartamento clandestino para Macho, adicionando à operação um instrumento conhecido na Tchecoslováquia. A polícia política comunista dispunha de centenas de apartamentos como este, e agora era possível pensar em algo assim até no distante Brasil. Tratava-se de assegurar um local confortável e seguro — do ponto de vista da conspiração — para o contato com esse importante agente

dessa operação tão importante. Para Macho, a perspectiva de um apartamento conspirado podia ser atraente também por outros motivos, mas isso já não dizia respeito à LAVINA.

Em janeiro de 1964, já estavam finalizados os registros legais da agência de imprensa ABIP, da editora ACAICA e do jornal diário no sobrenome do agente. Macho recebeu grandes somas, incluindo 500 mil cruzeiros para o aluguel do apartamento de conspiração. Não sabemos o que aconteceu na operação em janeiro e fevereiro, pois os documentos seguintes são de março de 1964, quando Skorepa informou que estavam sendo finalizadas as questões formais e que o primeiro número do jornal sairia em 21 de abril, dia de celebração do herói nacional Tiradentes. Também foi possível encontrar, finalmente, dois apartamentos para a conspiração — um na Barra da Tijuca, o outro, no Leblon.

Em 21 de março chegou uma notícia de Praga. A carta não continha assinatura - provavelmente tratava-se de alguém da seção americana, talvez o chefe -, mas relatava a Skorepa: “recebi com alegria a notícia de que a AO LAVINA terá início no dia 21 de abril”. Em seguida estão listadas as tarefas seguintes do agente.

MACHO 26/10/63

O QUE FOI FEITO: 112

(1) - Constituição da sociedade CONSORCIO FRENTE POPULAR S.A., com o capital inicial de dois milhões de cruzeiros. Relação dos subscritores anexa.

(2) - Constituição da sociedade por quotas COBEL - Companhia Brasileira de Empreendimentos Ltda.- com o capital de novecentos mil cruzeiros. Cópia do contrato anexo.

(3) - Constituição da sociedade civil por quotas ABIP - Agência Brasileira de Informações e Propaganda, com o capital de cem mil cruzeiros. Cópia do contrato anexa.

(4) - SHOPPING NEWS já em circulação (8 números publicados).

Macao 26/10/63

ALUGUEL DE APARTAMENTO:

110

Sendo a procura muito grande, o interessado deve se inscrever na lista de pretendentes, para pronunciamento final do proprietário ou seu procurador.

Os apartamentos com mobilia são muito raros e caríssimos. O que parece viável é pensar num aluguel mensal de duzentos mil cruzeiros para apartamento sem móvel. Os móveis devem ficar em, aproximadamente, um milhão e meio, podendo ser adquiridos a prazo, o que encarece um pouco a operação. A manutenção do apartamento (taxas de condomínio, água, luz, gás e telefone (se houver) deve ficar em cerca de setenta mil cruzeiros (incluida a limpeza). No contrato, o locador exige uma fiança que corresponde ao depósito, em conta vinculada, de importância correspondente a três mêses de aluguel.

Não há, pràticamente, edifício sem porteiro, à noite. Os que não os possuem, podem passar a tê-los, de um dia para outro, pois ficam na dependência do condomínio.

Tudo estava indo bem - bem até demais. A partir de então, seria possível contatar o agente na tranquilidade de um apartamento. O agente quase havia concluído o árduo trabalho de organização relacionado à nomeação de uma agência de imprensa, publicava um semanário com anúncios, lucrando com um jornal registrado e com uma editora. A equipe de redação do jornal estava definida, a mão de obra fora contratada e — aqui, de repente, uma pausa nos relatórios.

Em 14 de abril, o residente relata que Macho não apareceu no encontro marcado para 8 de abril: "com certeza, está escondido" (não é necessário lembrar ao leitor brasileiro desde 1º de abril tudo havia mudado: os militares, haviam tomado o poder e o presidente Goulart fugira). O residente foi se encontrar com Macho só no final de abril; e ele ainda não havia tido nenhum problema. De acordo com as suas garantias, o *Shopinng News* iria circular novamente, mas o trabalho para o jornal diário fora interrompido e certamente seria preciso mudar o nome de *Frente Popular* para *A Nação.*

Também seria necessário mudar a equipe da redação e as pessoas que formaram o jornal, pois muitos integrantes estavam em situações complicadas. O diretor do jornal passaria a ser o deputado Sérgio Magalhães — que então estava "cassado"[135] pelos militares. Enquanto isso, Macho continuava acreditando que a

situação se acalmaria e que, dentro de dois meses, seria possível avançar com os trabalhos do jornal, ainda que com mais dificuldade do que antes. O capitão do serviço de inteligência tchecoslovaco vê um certo lado positivo na nova situação: se Macho tivesse sido eleito para o parlamento, como a maioria de seus amigos, encontrar-se-ia na lista de políticos com direitos cassados, e na situação que estava, como empresário, não seria motivo de interesse para autoridades militares.

Porém, em 14 de junho, a junta militar alcançou também o *quase* diretor do *quase* jornal: o agente Macho foi parar na lista de pessoas que perderam os direitos políticos durante dez anos. Esse foi um castigo por sua autoria no projeto de lei que limitava a remessa de lucros para fora do país, a qual, justamente, foi ele que forçou no parlamento. A *rezidentura* e Praga chegaram à conclusão de que agora não seria possível entrar em contato com o agente e que a realização da AO LAVINA deveria ser interrompida. Skorepa achava que movimentos como estes realizados pelo regime, como a cassação de tantos políticos importantes, causariam a queda da junta e em setembro, no mais tardar em outubro, os militares seriam derrubados.

O contato com o agente fora interrompido e Skorepa se enganou: apesar de movimentos antidemocráticos e perseguições, das quais foram vítimas muitos políticos da esquerda, a junta militar estava indo bem. A sociedade não estava com muita vontade de protestar e as condições para o trabalho dos serviços de espionagem comunistas, ao contrário do período anterior ao golpe, eram simplesmente péssimas. Somente no início de 1965 a Central enviou instruções para que a *rezidentura*, de uma maneira conspiratória, descobrisse onde Macho estava no momento. O capitão Skorepa fez contato com o agente em 2 de abril de 1965, exatamente um ano após o golpe militar. Macho, apesar de não ter sido incomodado pela polícia, vivia com medo, principalmente após os acontecimentos relacionados a outro diplomata tchecoslovaco, que logo após o golpe foi expulso do Brasil como espião. Devido a esse medo, quis livrar-se de tudo o que estivesse relacionado ao projeto do jornal, inclusive máquinas e equipamentos, o mais rápido possível. Vendeu tudo e perdeu muito dinheiro.

Desde o restabelecimento do contato o agente continuava a se encontrar com o espião tchecoslovaco para fornecer informações políticas, mas com possibilidades bem limitadas. Assim, as suas informações não eram muito valiosas. Quanto ao projeto de imprensa, não era possível fazer muita coisa além de tentar minimizar as perdas, mas até isso tornou-se um caso perdido, e, em fevereiro de 1967, a Central propôs que a AO LAVINA fosse definitivamente encerrada, concluindo que os recursos investidos nunca seriam recuperados.

Segundo o relatório sumário da AO LAVINA[136] escrito em 1967 a StB perdeu 30 mil dólares americanos, aproximadamente 20% dos custos totais. Toda essa quantia foi paga em dinheiro ao agente, pela letra de câmbio assinada, até julho de 1963. Macho cumprira vários pontos do plano de fundação do jornal *Frente Popular*, e no relatório foi destacado que o PCB também sabia dos planos de Macho e de seus amigos nacionalistas, além de que o partido estudava fornecer apoio político à iniciativa. Devemos lembrar que o PCB não sabia da participação da StB. O relatório relaciona claramente o insucesso da operação com a "inesperada revolução política radical" no Brasil. Na verdade e essa é uma formulação bem interessante:

> "a radicalização gradualmente crescente da situação interior no Brasil era uma questão lógica, mas a AO LAVINA se saiu bem nesse clima. É verdade que não havia como descartar a possibilidade da realização de um golpe reacionário, mas"

E aqui, o coronel Houska revela as intenções da StB e a premissa fundamental que conduziu as operações no Brasil:

> "parecia que as forças nacionalistas estavam com a iniciativa. Por isso, era difícil esperar uma rapidez e forma como essas na queda, não somente do governo, mas de todo o movimento nacionalista... Talvez justamente a forte estrutura de organização que quisemos fornecer ao movimento nacionalista através da AO LAVINA fosse capaz de formar uma resistência popular contra os golpistas, e os acontecimentos seguiriam em outra direção".

O documento fora assinado pelo chefe do serviço de inteligência, coronel Houska, que no final reconheceu que o agente Macho, devido a sua pouca idade, ainda poderia ser útil para o serviço de inteligência no futuro caso a situação no Brasil se normalizasse.

O objetivo da operação não foi, portanto, somente fundar um jornal no qual fosse possível publicar conteúdos de acordo com as intenções e expectativas do serviço de inteligência comunista. O objetivo era muito mais ambicioso: o jornal seria um tipo de plataforma que reuniria o até então fraco e dividido movimento nacionalista dando-lhe formato, organização e transformando-o em algo mais forte e perigoso, pois controlado e dirigido por forças do exterior. Não esqueçamos que, após o projeto de imprensa, havia a etapa de criação de uma rádio com alcance em toda a América Latina, seguida de uma televisão.

Logicamente, ninguém podia afirmar que isso daria certo. Porém, se não fosse o golpe militar, é fácil imaginar o que aconteceria depois. O Brasil poderia acabar em uma verdadeira avalanche...

CAPÍTULO XVIII - GUIA PARA ESPIÕES

INESPERADAMENTE, encontramos nos arquivos uma pasta com um verdadeiro tesouro sobre o Brasil. Com o nome de "Ambiente operacional para agentes no Brasil", nela estão reunidos materiais como descrições, análises, relatórios, listas e outros tipos de documentos relacionados à situação no país, importantes para o trabalho de agentes.[137] Estão relatados desde aspectos do dia-a-dia, como a pasta de dentes ou sabão em pó que eram comprados e qual o seu preço, onde ficavam os restaurantes que eram locais de encontro, como se vestir, qual era o comportamento típico de determinado grupo de pessoas, etc.

Além desses detalhes, a pasta apresenta um manual resumido sobre a história do Brasil, com análises exatas da situação político-social, condições para a realização de ações armadas, lista e descrição de caixas-pretas, pequenos mapas de rotas de controle usadas pelos espiões quando iam aos encontros com o agente, descrição exata dos procedimentos para aquisição de cidadania, instruções sobre comportamento nas instituições públicas, dados sobre o funcionamento do correio e da contrainteligência no Brasil e tudo o que pudesse ser útil, indicado ou indispensável no trabalho de um espião. Os dados desta pasta foram reunidos durante toda a existência da *rezidentura* até o seu encerramento, em 1971. As informações demonstram que a presença da StB no cenário brasileiro foi realmente impressionante — os oficiais do serviço de inteligência dedicaram centenas, até mesmo milhares de horas em uma difícil e tediosa reunião de informações, observações perspicazes e compartilhamento de percepções que talvez não parecessem importantes, mas com um significado que poderia ser decisivo para uma missão de espionagem. Apresentaremos aqui uma pequena parte desse conhecimento.

Também fica visível um incrível progresso. Quando o camarada Tremí, primeiro espião do serviço de inteligência tchecoslovaco, chegou ao Brasil em 1952, não sabia praticamente nada, nem sequer a língua portuguesa. Tudo para ele era novo e desconhecido: teve de aprender sobre a realidade brasileira, e por isso só conseguiu se ocupar da espionagem de fato tempos depois. Por outro lado, no final dos anos 50 e durante os anos 60 cada funcionário do serviço de inteligência, antes mesmo de ser enviado para o outro lado do oceano, já podia estudar um volumoso material que o deixava bem preparado para a missão, o que diminuía significativamente o tempo para iniciar o rigoroso trabalho do serviço de inteligência.

> “O funcionário do serviço de inteligência no Brasil terá contato principalmente com a população de grandes cidades, ou seja, com a chamada classe média, da qual procedem a maioria dos funcionários públicos federais. Um brasileiro, ao contatar com um estrangeiro, possui uma tendência em fazer uma grande quantidade de promessas, já supondo que não cumprirá nenhuma delas. São pessoas preguiçosas e bem levianas, com as quais não se pode contar. Os brasileiros de classe média frequentemente surpreendem um europeu com uma longa lista de faculdades e cursos que terminaram; mas, na verdade, o conhecimento adquirido por eles é muito superficial, o que significa que no Brasil, por regra, encontramos pessoas ignorantes, que, mesmo com numerosos títulos científicos, não chegam aos pés da nossa gente com formação primária”.[138]

Foi assim que o camarada Bakalár descreveu os brasileiros em um material destinado ao serviço de inteligência tchecoslovaco, após voltar do Rio, onde ficou de setembro de 1958 até agosto de 1962. Esse mesmo camarada manteve durante quatro anos amplos contatos com brasileiros que eram de alguma maneira importantes para o trabalho do serviço de inteligência (agentes, informantes, contatos legalizadores ou de cobertura). A princípio, a opinião dele estava de acordo com as impressões entregues pelo camarada Tremí descrita no

Capítulo IV, e era justamente desta maneira que os funcionários tchecos do serviço de inteligência viam os brasileiros. Logicamente, os colaboradores eram procurados entre pessoas consideradas relativamente cultas, inteligentes, trabalhadoras e de palavra. Mas o fato de encontrarem pessoas assim não mudava a sua opinião sobre os brasileiros como um todo.

Os funcionários do serviço de inteligência se dedicaram intensamente para elaborar uma descrição exata das condições de vida, e o resultado ficou parecido com um guia de turismo, auxiliando os espiões a se embrenhar pelo ambiente e a evitar erros desnecessários que chamassem a atenção. O capitão Bakalár descreve principalmente o Rio de Janeiro, pois nessa época o trabalho do serviço de inteligência concentrava-se na antiga capital, ainda importante na vida política.

Segundo o relato do capitão, o Rio dividia-se nas zonas norte, sul e centro, onde se encontrava a parte importante das instituições e do comércio. Na opinião do observador, essa divisão era uma divisão social em uma zona melhor e outra pior, na qual a melhor era a zona sul. O centro da cidade era limitado pelas ruas Praça Paris (ao Sul) e Praça Mauá (Norte), e as artérias principais eram a Avenida Rio Branco, Avenida Presidente Vargas e Rua Uruguaiana. As pequenas ruas entre elas eram somente para pedestres: durante o dia estavam lotadas, durante a noite, vazias.

À noite, nos arredores do centro, principalmente nas ruas próximas à Praça da República e à Lapa, reuniam-se diversos tipos suspeitos, prostitutas, vendedores de rua e andarilhos. No centro havia bons hotéis, entre os quais foram mencionados Serrador, Ambassador, Aeroporto e Guanabara Palace. Os melhores hotéis estavam na parte sul da cidade, principalmente em Copacabana, para onde também se dirigiam estrangeiros ricos e turistas. Naquela parte da cidade há hotéis de luxo como o Copacabana Palace, Ouro Verde, Excelsior, Miramar, Kalifornia e outros. O centro do bairro era a Avenida Atlântica.

Ao descrever a parte norte da cidade, Bakalár destacou que nela vivia a porção mais pobre dos habitantes e lá havia muito mais bairros de pobreza, chamados de favelas. O clima era mais quente que na parte sul e era possível sentir um mau-cheiro vindo dos estabelecimentos industriais, pântanos e depósitos de lixo. O saneamento básico ali era deficiente, e o abastecimento de água, insuficiente. Na parte norte da cidade, locais públicos como cinemas ou restaurantes eram de “baixo nível, assim como é baixo o nível dos moradores por aqui”, por isso, “esta parte da cidade não é apropriada para a visita de diplomatas e membros das camadas sociais melhor situadas”, explicou o espião. Era melhor evitar andar por ali também devido a motivos de segurança, principalmente à noite. A única exceção era o bairro do Norte, chamado Tijuca, cujo ambiente é

bem mais decente.

Entre os problemas do Rio estavam a falta no fornecimento de água, inclusive nos bairros de luxo. Não era aconselhável beber água da torneira sem ferver ou pelo menos filtrar. Por outro lado, quando a cidade era atingida por aguaceiros tropicais havia inundações, pois a água invadia as ruas a uma altura de 50 cm e paralisava o transporte. “Na cidade em geral as condições de higiene são péssimas, assim, é aconselhável lavar com frequência as mãos, os artigos comestíveis, etc.”

A partir do relatório ficamos sabendo também da comunicação municipal: em primeiro lugar, o funcionário do serviço de inteligência descreve os táxis, privados e geralmente em péssimas condições técnicas. Os táxis possuíam os seus postos, mas também podiam ser chamados nas ruas, fazendo sinal com as mãos. Era possível chamar por telefone, mas — segundo o relato do capitão — isso geralmente não funcionava... Os motoristas dirigiam selvagemente e sem escrúpulos. “Ao pagar”, aconselhou o funcionário do serviço de inteligência, “deve-se lembrar de dar uma pequena gorjeta e, caso desejemos ir longe - para a Zona Norte, por exemplo - é melhor combinar o preço adiantado”.

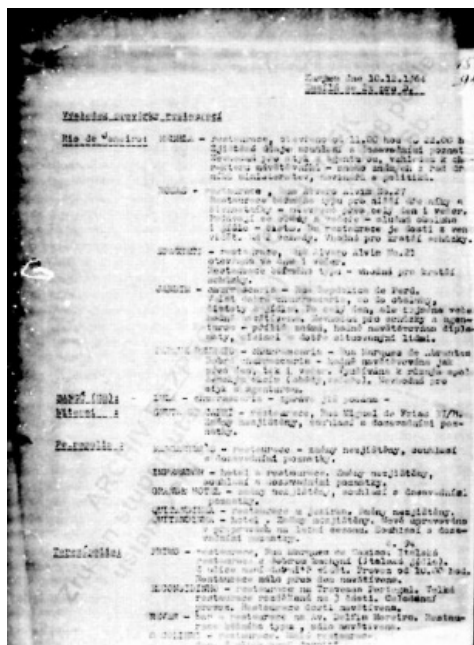
“Outra maneira de se locomover pela cidade são os *omnibus.* Possuem roteiros já determinados e destacam-se pela cor branca no vidro frontal. As paradas são combinadas; os ônibus são lotados durante a noite e é impossível suportar estar dentro deles.” O meio de comunicação mais popular era o *lotação*, chamado pelos tchecos de *lotosam* “Ao contrário dos ônibus, ele não possui pontos e se paga ao descer. Os *lotosan* também não levam a sério os princípios das regras de trânsito e movem-se selvagemente: não possuem nenhuma tabela de horário e frequentemente freiam bruscamente, então é melhor segurar firme durante o caminho, pois existe o risco de machucar a cabeça. Caso um veículo como este sofra um acidente, o motorista tenta fugir do local do acontecimento, pois resulta das leis vigentes que, quando não é pego em flagrante, o motorista pode responder o processo em liberdade. É importante ao motorista de automóvel lembrar que o *lotosan* pode esmagá-lo com facilidade, pois possui um forte para-choque (além de uma carroceria intensamente danificada, resultado das várias batidas com as quais os motoristas não se preocupam enquanto o veículo estiver em condições de se mover)”. Nessa época, no Rio, também funcionavam bondes, bem velhos, sujos e lentos, utilizados apenas pelas pessoas mais pobres; os bondes serviam — na opinião de Bakalár — apenas para atrapalhar o trânsito.

O espião informou que os melhores cinemas estavam em Copacabana. Eram luxuosos, com entradas caras. Geralmente, funcionavam sem pausa até as 22h00.

Era possível entrar na sessão durante a projeção dos filmes caso o espectador conseguisse encontrar um assento livre. Na sala do cinema era proibido fumar, e por isso os fumantes usavam o banheiro. O nível dos filmes projetados foi considerado péssimo pelo espião: havia filmes americanos, mais raramente alemães, italianos e franceses. A produção brasileira foi definida por Bakalár com as seguintes palavras: “geralmente possuem um áudio péssimo e um estrangeiro não tem chance de compreender as palavras”.

Bakalár também comentou sobre os teatros, apenas com peças de grupos estrangeiros. Os preços eram bem altos e frequentar o teatro era mera questão de prestígio, para que as pessoas pudessem exibir suas roupas novas. Mais interessantes, segundo ele, eram os teatros menores, chamados de pequenos formatos, os cabarés, relativamente de bom nível, mas tinham pouco lucro e enfrentavam problemas para existir. Os melhores eram o Mesbla, no último andar do centro comercial de mesmo nome, o Copacabana (no hotel C. Palace), o Teatro Rosa (Ipanema), o Teatro de Bolso, T. Ginásio e o teatro Maison France, na embaixada francesa.

Os lugares mais importantes de trabalho para os espiões, como demonstram os capítulos anteriores, eram os restaurantes, cafés e bares. Classificou como luxuosos o Hotel Serrador, Mesbla, La Tour de Bronze, Vendone, Verde Mar, Maison de France, Clube de Engenharia, Clube de Seguradores, Museu de Arte Moderna. Ao lado destes mais caros encontram-se também os “comuns”: Restaurante Real, Alba Mar, A Camponesa do Minho, Churrascaria Camponesa, Churrascaria Gaúcha, Churrascaria Recreio, Colombo e finaliza: “No Rio, não existem cafés, como nós conhecemos, somente o Colombo combina com a imaginação europeia. Este local tem caráter vienense”.

No material estavam classificados os diferentes restaurantes sob o ponto de vista de utilidade para encontros com agentes. Em dezembro de 1964 foram verificados os dados anteriores e o camarada Pomezny elaborou a lista “Resultado da verificação de restaurantes”.

“MESBLA — restaurante, aberto das 11h00 até as 22h00. Não serve para encontros com agentes por causa do caráter dos clientes — muitos funcionários conhecidos de ministérios, jornalistas, políticos.
ROSAS — restaurante, Rua Álvaro Alvin, n° 27. Restaurante comum para funcionários públicos e empresários de nível inferior — aberto durante todo o dia e toda a noite. Aqui servem almoço e jantar — serviço decente, limpo. O interior do restaurante pode ser observado tranquilamente a partir do exterior. Serve para encontros mais curtos”.

Um após o outro, o camarada Pomezny descreve os locais conhecidos pelos funcionários tchecoslovacos do serviço de inteligência e usados como local de encontro com agentes. Uns são excluídos, outros avaliados como “sem mudanças”, ou seja, que ainda podiam ser aproveitados para cumprir suas funções para a StB. No ano seguinte, a nova verificação foi feita pelo residente seguinte, o camarada Tacner. Entre os seus largos relatórios, podemos citar, por exemplo, aquele dedicado ao restaurante Oxalá[139] na Rua Francisco Serrador, 2, no Centro, próximo à Avenida Rio Branco.

“O restaurante fica aberto entre as 11h00 e uma da manhã, e aos domingos das 11h00 até as 24h00. Existe somente uma sala, arranjada em forma de bar. Ao lado do alto balcão, que cerca toda a sala, encontram-se cadeiras de bar e no balcão existe espaço para guardar coisas pessoais. A comida é servida somente para as pessoas que

estiverem sentadas. O pessoal de serviço move-se somente no interior do balcão recebendo a comida numa pequena janela de uma esquina traseira no âmbito desta sala. São servidos somente pratos típicos da região norte do Brasil. Os preços são de nível médio, assim como o restaurante, mesmo assim os pratos são saborosos, bem-preparados e bem-servidos e o restaurante é frequentado principalmente pela classe média".

Tacner, a seguir, descreveu como deveria ser feito um encontro de entrega (de materiais, por exemplo). Destacou o período em que o restaurante estava mais movimentado - das 11h00 às 14h00, e depois, das 19h00 às 22h00:

> "Os horários além dos citados, portanto, são apropriados para encontros, mas eles também podem ser marcados nas horas de maior movimento. A parte de trás do restaurante é mais apropriada. O encontro pode ser acontecer com o Órgão Condutor (o oficial do serviço de inteligência) escolhendo um banco bem ao lado do agente, que deve colocar o material na sua frente, sobre o balcão, ou — caso houver muitos lugares livres — senta-se em uma cadeira mais distante, e o agente coloca a pasta ou outro objeto em uma cadeira vazia entre eles.
>
> Depois de comer, o Órgão Condutor deve pegar a pasta e partir, enquanto o agente ainda fica. Não existe o perigo de que se perceba algo, pois ninguém pode estar entre as cadeiras e a parede; nem o pessoal de serviço nem os clientes têm condições de observar nada. Não é o costume ficar neste restaurante por muito tempo, por isso, um encontro de entrega pode durar no máximo 10-15 minutos."

Nesse relato, alguém ainda escreveu a mão mais uma observação importante: não era possível observar o interior do restaurante a partir da rua. Vale a pena acrescentar que todos os lugares e encontros descritos, assim como as entregas de materiais, foram avaliados também por um oficial do serviço de inteligência, especialista em questões de observação que cumpria na embaixada a função de administrador/porteiro, e fez uma avaliação operacional de trabalho com agentes sobre os locais indicados. Somente depois disso a Central definia um local como apropriado para os encontros. Há um fragmento do relatório do camarada Homola de 7 de fevereiro de 1967 no qual ele informa a execução de um controle nos locais de encontros,[140] onde "verificou pessoalmente 38 restaurantes, 4 bares diurnos e 3 noturnos", atualizando os locais de encontro no Rio e em Petrópolis.

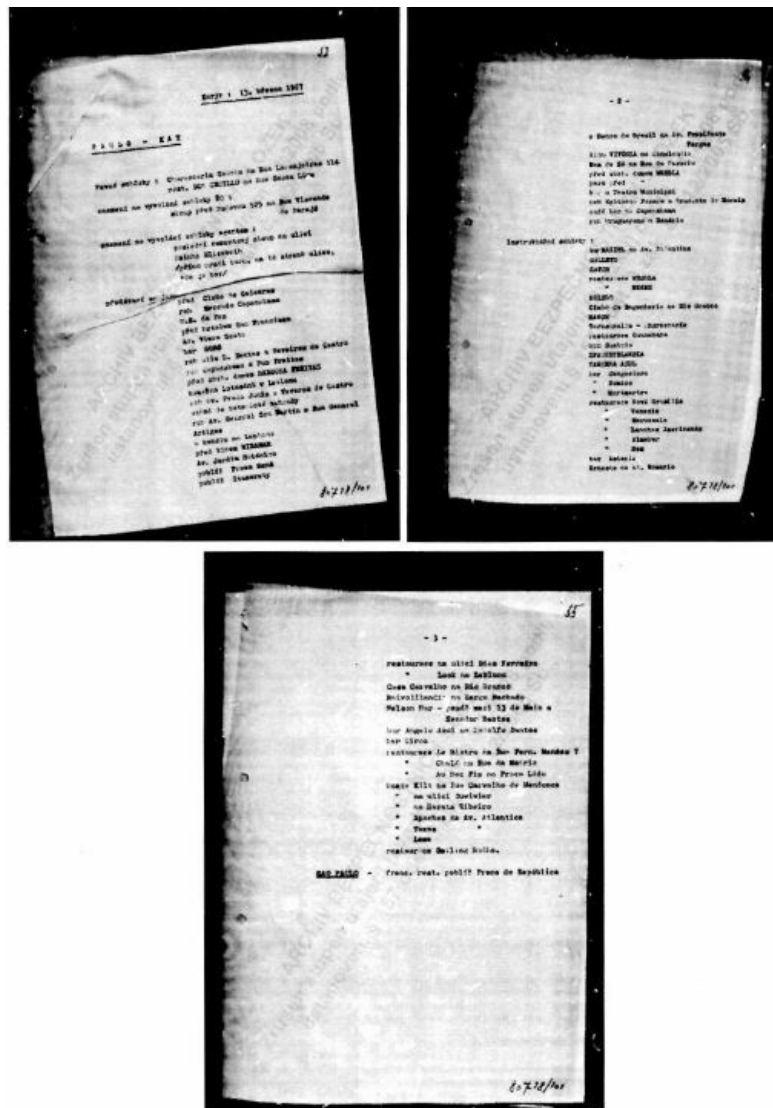
Quanto ao antigo relatório de Bakalár, vale a pena citar a observação sobre o

clima no Rio de Janeiro, descrito pelo agente como tropical, úmido: “As maiores ondas de calor acontecem no verão, de 15 de dezembro a 15 de março”. O pior para um europeu é que não há diferença entre a temperatura de dia e à noite, por isso Bakalár afirma ser bom quando as moradias são equipadas com aparelhos de refrigeração. Quanto à nova capital, estava ainda se desenvolvendo quando o relatório foi escrito e o capitão do serviço de inteligência dedicou-lhe menos atenção. Concentrou-se no período da seca, quando os ventos levantam muita poeira, o que era para ele motivo de sofrimento, mas afirma no fim que o clima de Brasília era muito mais amistoso do que o do Rio.

Enquanto o capitão da StB escrevia o seu relatório, em Brasília funcionava somente o Palácio Presidencial, o Congresso Nacional e o Tribunal Superior, e das embaixadas já haviam se transferido somente a americana, britânica, francesa, alemã, polonesa, canadense, sueca e tchecoslovaca. A *rezidentura* também já havia enviado um funcionário para a nova capital, então Bakalár reuniu instruções sobre a cidade. Devido a seu grande território, Brasília sofria de problemas com a comunicação municipal, por isso o oficial concluiu que, sem um veículo próprio, seria impossível trabalhar, já que a rede de táxi era fraca, e as linhas de ônibus, incertas.

Na cidade existiam problemas de fornecimento de energia elétrica. A partir do anoitecer e durante a noite faltavam telefones. Naquela época, na capital, havia apenas dois cinemas e um teatro, sem o próprio grupo permanente. Bakalár afirma, então, que na nova capital não existe vida cultural e as pessoas passam as noites em casa, assistindo televisão. A maneira preferida de passar o tempo livre na época eram as noites de carteados, quando as pessoas se encontravam na casa de alguém ou no clube e jogavam cartas — essas eram ótimas oportunidades para alargar a base de contatos, inclusive nas camadas sociais de posição bem alta.

> “Devido a uma quantidade relativamente baixa de habitantes, o funcionário do serviço de inteligência deve levar em conta que, em pouco tempo, ficará conhecido por todos. Por isso, para camuflar bem o seu interesse operacional por determinado figurante, deve fazer muitos contatos, pois não é possível evitar ser visto em algum lugar com a pessoa que está trabalhando”.[141]

O funcionário do serviço de inteligência elogia bastante o alto nível do transporte aéreo e as linhas de ônibus de longa distância. Estas últimas ele classifica como velozes, limpas, bem-cuidadas e em boas condições técnicas. Por outro lado, decididamente não aconselha o uso de transporte ferroviário.

Lista dos locais de encontro com o agente PAULO/KAT no Rio de Janeiro em 1967

Comida, bebida, fumo

"Os brasileiros reconhecem como cozinha típica" — afirma o relatório do capitão do serviço de inteligência — "somente a cozinha baiana". Quanto aos produtos alimentícios básicos, o espião cita arroz, feijão, bife e, logicamente, a feijoada, completando que "a verdadeira feijoada deve ser cozida durante dois dias". Quanto à cozinha baiana tradicional, o tchecoslovaco não a aconselha aos europeus, pois "pode levar à enfermidade". Chama a atenção a sua opinião sobre as cervejas brasileiras: "são boas e pode-se pedir tranquilamente qualquer marca". Entretanto, afirma que os cigarros não são muito bons e cita como mais

populares Hollywood, Luiz XV e os cigarros com filtro Minister. Ao contrário dos cigarros, afirmou que os charutos brasileiros eram ótimos e citou a marca Suerdick, da Bahia.

A questão do vestuário dos brasileiros é bastante interessante - e importante - para o trabalho do serviço de inteligência, e o tema é abordado no relatório.[142] Os habitantes da cidade vestem-se "com bom gosto, mesmo que, muitas vezes, a preço baixo". Ele chama a atenção para o fato de os homens saírem para trabalhar no centro da cidade vestindo paletó e gravata, mesmo no clima quente do Rio. Por outro lado, nos bairros ao sul, nas ruas próximas ao litoral e às praias, é natural as pessoas andarem com roupas de banho.

Bakalár anotou também que na zona sul da cidade os costumes estavam mudando e, durante o verão, depois do horário comercial, também era possível observar nas ruas, cinemas e restaurantes, homens vestidos em um estilo mais esportivo, em camisas de manga curta. Porém, nos restaurantes de luxo e teatros ainda era necessário vestir paletós escuros com gravata. O agente notou que, em geral, os brasileiros preferiam roupas escuras, pois o suor fazia as roupas claras mudarem rapidamente de cor, enquanto que as roupas escuras eram mais resistentes neste aspecto. O vestuário das mulheres não era tão formalizado quanto o dos homens. Estavam na moda grandes decotes e predominavam o estilo francês ou italiano; mas era curioso que, inclusive no verão, predominassem as meias-calças.

O reconhecimento da imprensa também era importante para o serviço de inteligência. No relatório do oficial lemos que na época eram publicados 2.400 jornais de diferentes tipos no Brasil. Foram citados os mais importantes, acompanhados de um pequeno comentário sobre as linhas políticas:

> *Correio da Manhã* — jornal bastante reacionário.
> *Jornal do Brasil* — conservador, mas gosta de ser tratado como objetivo.
> *Diário de Notícias* — conservador, sem uma linha determinada.
> *Diário Carioca* — até o momento, bastante reacionário. Há pouco tempo foi comprado pelo presidente Goulart, então, é possível esperar uma mudança de orientação.
> *Última Hora* — jornal matinal e (principalmente) noturno, bastante popular. Frequentemente, apresenta o ponto de vista dos círculos nacionalistas.
> O *Globo* — o jornal brasileiro mais reacionário. Apresenta o ponto de vista de elementos da direita. Bastante difundido.

Bakalár citou ainda um jornal que circulava na capital, o *Correio Braziliense,* de propriedade do consórcio de imprensa *Diários Associados* e de orientação mais reacionária. Entre os jornais de influência, citou ainda dois jornais diários de São Paulo, ambos conservadores: O *Estado de São Paulo* e *Folha de São Paulo*.[143]

A maioria das observações acima possui valor histórico, já que, meio século depois, muita coisa mudou - exceto que "o esporte nacional dos brasileiros é o futebol". Bakalár escreveu que o futebol, muitas vezes, era motivo de crimes violentos, que começavam nas confusões entre os torcedores. Nenhum outro esporte se igualava ao futebol em popularidade, e isso continua igual.

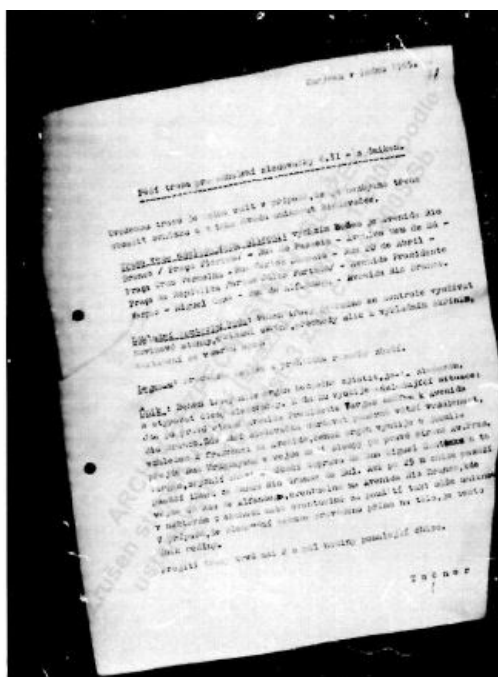
Entre as informações importantes para os funcionários do serviço de inteligência também há descrições do tipo de pessoa de quem seria possível adquirir informações: moradores das grandes cidades, membros da classe média. Bakalár escreve sobre as características citadas no início deste capítulo e as complementa com mais observações. Ele acrescenta que o funcionário público brasileiro em geral não sabia lidar com o poder que tinha, esforçando-se, por isso, para aproveitá-lo ao máximo, em seu próprio interesse e por seus conhecidos - o já habitual "jeitinho" brasileiro. "O mais importante", escreveu Bakalár, "é possuir algum conhecido influente que possa resolver qualquer problema. Se não conhecer alguém assim, nem adianta tentar".

Como o sonho de todo brasileiro de classe média era conseguir um emprego estatal, existia uma produção em série de advogados, pois essa formação era considerada o melhor caminho para o funcionalismo público. O oficial também considerou relativamente baixos os salários de funcionários públicos no Rio, assim, muitas vezes eles possuíam dois ou três empregos, o que influenciava negativamente a qualidade de seu trabalho. Esse tipo de problema não existia na nova capital, Brasília, onde os salários eram duas vezes maiores e, além disso, os funcionários recebiam moradia estatal barata. Esta observação estava relacionada às possibilidades de atrair colaboradores com incentivos financeiros.

Em outros documentos reunidos nesta pasta estão descritos com detalhes o procedimento de entrada no país, de aquisição de permissão para permanência e os questionários que deviam ser preenchidos para isso.

Foi dedicada muita atenção na descrição de produtos — produtos comuns, mas diferentes dos conhecidos na Tchecoslováquia comunista. Isso era importante para que o espião que estivesse a caminho não fosse surpreendido, por exemplo, pelo fato de que no Brasil existem muitos sabonetes. A StB chamou a atenção de que os itens de drogaria eram bem mais abundantes do que na Tchecoslováquia. Entre as principais marcas de sabonete foram citadas Gessy,

Lever, Palmolive; pasta de dentes: Kolynos, Philips e Colgate; loção pós-barba: Aqua Volva e Bozano; gel para os cabelos: Glosatora, Colgate e Oxford; também não foram esquecidos os produtos contra insetos: Schell, Flit, Fugon, Gele, Detefone e Cobra. Entre os produtores de sabão em pó apareceram: Omo, Ringo, Minerva, Lux e Pox. A lista de produtos é bem extensa e contém tanto produtos para limpeza de banheiras (Pasta Rosada) como graxas de sapatos (Nugget, Odd e Sabbi) e produtos para a limpeza de automóveis (Shell). Não faltam produtos de papelaria (grande parte do trabalho dos espiões era trabalho de escritório) ou explicações relacionadas à compra de aparelhos fotográficos, microscópios, óculos e lentes.

Muitos relatórios e descrições da pasta dedicam-se à questão de perseguição pelos órgãos brasileiros de contrainteligência. O camarada Tacner, por exemplo, elaborou um "trajeto a pé, com o objetivo de descobrir perseguições, juntamente com uma rota de fuga". Essas anotações são principalmente da segunda metade de 1964, pois antes disso esse tipo de atividade já fora registrado. Até o golpe militar, o posto do serviço de inteligência tchecoslovaco no Rio de Janeiro trabalhava em condições idílicas, o que a Central sempre destacava, na hora de exigir melhores resultados.

Graças às notas do arquivo de Praga podemos fazer uma pequena excursão pelo Rio através do mesmo trajeto percorrido pelos oficiais do serviço de inteligência da Tchecoslováquia comunista. O ponto de partida é a Avenida Rio

Branco (Praça Floriano). A seguir, vamos em direção à Rua do Passeio, Avenida Mem de Sá, Praça Cruz Vermelha, Rua Carlos Sampaio, Rua 20 de Abril, Praça da República (Parque Júlio Furtado), Avenida Presidente Vargas, Miguel Coto, Rua de Alfândega, Avenida Rio Branco. Nesse trajeto foram estipulados pontos de controle para verificar se o espião não estava sendo observado, como uma banca de jornal, vitrines de lojas, atravessar a rua, o parque, etc. Para explicar o objetivo do passeio, se fossem surpreendidos, deveriam dizer que estavam "passeando e vendo mercadorias".

O funcionário do serviço de inteligência dedicou um parágrafo às fugas e anotou que o órgão

> "pode, durante o percurso do trajeto, orientar-se de uma maneira segura, saber se está sendo seguido e apontar quem são os perseguidores. Para a fuga, pode aproveitar a seguinte situação: Ir pelo lado direito da Avenida Presidente Vargas em direção à Avenida Rio Branco. Aqui, o perseguidor terá de manter uma distância relativamente maior, por causa do movimento na avenida. O órgão pode aproveitar a situação e, assim que passar pela Rua Uruguayana, passa entre os postes do lado direito da Avenida Presidente Vargas, apressa o passo e vira à direita na Rua Miguel Couto pela passarela, logo atrás do Banco Rio Grande do Sul. Após aproximadamente 25 metros da rua, através da passarela, vira na Rua da Alfândega ou na Avenida Rio Branco, onde pode entrar em alguma das lojas ou fugir em um táxi. Se a observação não for corpo a corpo, esta fuga é possível de ser realizada. O trajeto dura 2 horas e meia em um ritmo mais lento".

Esse trajeto foi verificado pela Central, que no documento de 19 de fevereiro de 1965 discordou de Tacner a respeito de "apressar o passo ou tomar um táxi" para escapar de um perseguidor. Também foi considerada equivocada a conclusão de que o observador não estaria tão próximo, pois o intenso movimento na rua encorajava a aproximação - escreveu a Central. O funcionário do serviço de inteligência deveria, então, testar exaustivamente o trajeto na prática e modificá-lo. Logicamente o espião teve de preparar mais trajetos, testar todos eles, descrevê-los e esperar pela avaliação. Porém, após o incidente que vamos apresentar no próximo capítulo, não é de se estranhar que a Central fosse tão exigente e não quisesse confiar nem um pouco no acaso.

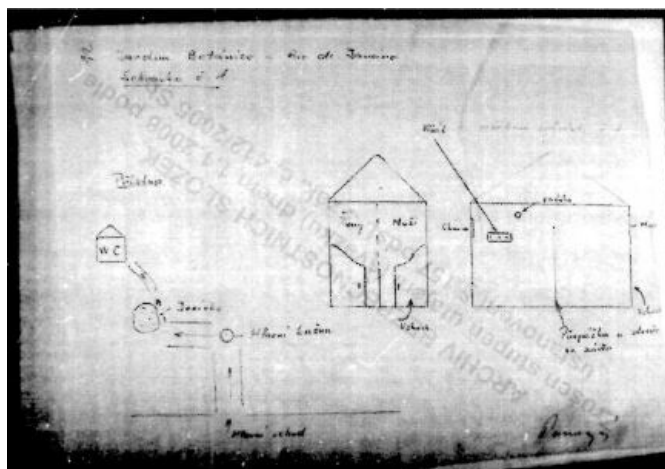
Os espiões possuíam diferentes trajetos elaborados: a pé, automóvel, táxi ou transporte público municipal, com cobertura adicional de outro residente. Algumas das rotas de fuga eram realmente boas, como a de 1969, elaborada pelo

residente Kavan. Em caso de descoberta de perseguição em seu trajeto:[144]

> "Na Avenida Presidente Vargas, casa n. 502, encontra-se a redação da EDITORA ABRIL, onde Kavan possui um bom contato e pode visitá-lo sempre quando quiser, sem a necessidade de explicar o motivo. Neste mesmo prédio, na parte traseira, há outra redação, a FC EDITORA, onde Kavan também possui entrada livre — é possível ir de uma redação na parte frontal da casa até a segunda na parte traseira através da via de serviço, que Kavan já usou algumas vezes; depois é possível descer de elevador até o térreo do prédio e usar a saída que dá para a Rua Miguel Couto, como se fosse da casa n. 205. Depois, é possível seguir pela Rua Miguel Couto até a Rua Teófilo Otoni, e então a Conceição — sob o pretexto de visitar o escritório da SVACINA COMERCIO até continuar o trajeto planejado".

Nesse trajeto, o camarada Kavan tinha até oito pontos de controle, onde podia verificar se estava sendo seguido com segurança e tranquilidade. Esses pontos eram passagens para pedestres, entradas e saídas de prédios, bancas de jornal, etc.

Uma parte importante do trabalho de espionagem nos tempos da Guerra Fria também eram as chamadas "caixas mortas" - lugares destinados a guardar informações, materiais de espionagem para outras pessoas ou pagamentos. O assunto foi bastante mencionado na pasta, por isso sabemos onde estavam os lugares secretos de contato no Brasil: em 1961, dois deles estavam no Jardim Botânico do Rio de Janeiro, o outro estava no cinema PAX, na Praça da N. S. da Paz, em Ipanema. Depois foram criadas caixas mortas no Parque da Cidade e nos alambrados do Viaduto das Canoas.

A primeira caixa, que ficava no Jardim Botânico, estava no banheiro masculino. Para chegar a ela era preciso, "a partir da entrada principal do Jardim Botânico, seguir em frente até a fonte principal (no centro do jardim) através do caminho mais evidente. Da fonte, virar à esquerda e seguir o caminho até o pequeno lago; contornar o lago pela direita e seguir o caminho que leva até o WC masculino. Entrar no banheiro, ir até a parede do fundo, na qual, à direita, há um cabide. Atrás do cabide está a caixa. Feche a porta usando o trinco. Atrás do cabide pode ser colocado um envelope normal. A caixa deve ser esvaziada o mais rápido possível.

A segunda caixa também estava próxima ao pequeno lago, sob uma pedra achatada, e a terceira, em Ipanema, estava no cinema PAX, embaixo do assento na última fileira junto à parede. O estofado do assento estava cortado do lado direito, formando uma fenda para um envelope enrolado. O corte não era visível de nenhum lugar, pois estava protegido pelo braço do assento do lado direito.

Nos anos seguintes foram trabalhadas caixas mais seguras, mais sólidas e resistentes à umidade do Rio. Uma delas estava na Praça da República, no parque, e a outra em uma árvore na borda do parque na Praça Mahatma Gandhi. Ali, o agente podia disfarçar a ação ou justificá-la dizendo que estava esperando o trólebus. A caixa ficava na cavidade de uma árvore a aproximadamente 160 centímetros do solo, e, em um poste não muito longe dali, estava determinado um local para fazer marcas com giz, sinalizando que a caixa estaria cheia e era possível esvaziá-la. Outro esconderijo era um muro do lado esquerdo da Rua Conde de Lage. Assim como os trajetos, as caixas estavam sujeitas à avaliação do controlador e da Central, e nem todas as propostas da *rezidentura* eram aceitas por Praga. Em dois casos foram usadas grades — uma na Rua da Glória, perto do relógio, e a segunda em um local distante do Centro, no Viaduto das Canoas. Eram muitas caixas e não há informações de que alguma tenha sido descoberta pela contrainteligência brasileira.

Pode-se afirmar que os tchecos se saíram bem quanto ao reconhecimento do terreno. A prova de que dominaram a situação, mesmo num continente distante, em um clima hostil e cercados por uma cultura completamente diferente da centro-europeia foi a relativa facilidade com que identificaram - e registraram detalhadamente - cada observação a que estiveram sujeitos após o golpe militar. Um desses registros tinha como personagem o camarada Pomezny, membro da *rezidentura,* e tratava-se de observação em automóvel. A observação (29 de setembro e 7 de outubro de 1964) fora primitiva: o veículo seguia o camarada Pomezny a 50 metros de distância, e ele registrou no relatório as características dos brasileiros que o observavam. Um deles tinha aproximadamente 40 anos, cabelos negros, bigode, pele parda — tipo mexicano - e vestia cinza-escuro. O outro era um homem de aproximadamente 1,80 m de altura, forte, rosto arredondado e moreno, cabelos ralos. Vestia paletó cinza-escuro. Os automóveis e os números das placas também foram relatados, e os espiões tchecos conseguiram inclusive identificar nome e sobrenome destes brasileiros da contraespionagem, que estavam em coquetéis ou festas organizadas pela embaixada (não se sabe se não eram nomes falsos). De qualquer modo, a descrição física dos dois foi informada aos espiões tchecos e passadas também para os russos, assim como todos os casos detectados de observação feitos pela polícia brasileira.

A proteção intensificada e a preocupação com a conspiração surgiram de fato apenas após o golpe militar e após o incidente, que descreveremos a seguir...

CAPÍTULO XIX - O LOBO SOLITÁRIO

LOBO FOI um dos mais importantes, mais úteis e mais bem avaliados agentes que a StB adquiriu no Brasil. Ao mesmo tempo, era muito indisciplinado e dera início ao maior escândalo do serviço de inteligência tchecoslovaco no Brasil. Era eficiente e fornecia informações dos mais altos círculos de poder, mas, com frequência, fazia o que queria. Motivações ideológicas não tinham importância para ele: estava interessado somente em altos pagamentos e seguia apenas os próprios caminhos. Talvez seja essa a razão de seu codinome.

O residente Jezersky conheceu Lobo (ou melhor, Ruben, pois esse foi o primeiro codinome do figurante) graças a Paulo Silveira, diretor do jornal Última Hora. Silveira visitara Praga em abril de 1960 quando voltava de uma viagem à China. Não fora objeto de controle da StB, mas, visitando a Agência de Imprensa da Tchecoslováquia (CTK), entrou em contato com alguns funcionários; esse encontro foi informado à Central da polícia secreta comunista em Praga. A StB ficou então sabendo que o chefe de um dos mais importantes jornais brasileiros trouxe da China e da Tchecoslováquia impressões bastante positivas.

Lubomír Blazík, codinome Radek, correspondente da CTK que atuava no Brasil, conhecia Paulo Silveira. Como quase todo tcheco ou eslovaco que trabalhava no exterior, Radek também era colaborador ideológico da polícia secreta — iniciara a sua colaboração em 1953, durante a sua primeira viagem ao exterior, ao México, onde trabalhou na embaixada tchecoslovaca até setembro de 1958. Após voltar ao seu país, foi empregado na CTK e, no ano seguinte, a agência de imprensa o enviou para o Brasil. Em julho de 1959, ainda na Tchecoslováquia, foi preparado para as tarefas no Brasil, quando a StB o indicou como acompanhante da esposa do presidente J. Kubitschek na ocasião de uma visita privada à Tchecoslováquia junto com suas filhas. No relatório sobre a visita, entregue nas mãos do ministro do interior pelo coronel Miller, chefe do I Departamento da StB, podemos ler:

> “foi designado a fazer parte da equipe o nosso colaborador ideológico RADEK, que está se preparando para viajar ao Brasil, como correspondente da CTK, com o objetivo de fazer contatos e aproveitá-los para conhecer pessoas de alto nível”.[145]

O fato de conhecer a primeira-dama certamente abriu muitas portas ao correspondente no Rio de Janeiro. Já no Brasil, relatava sobre os contatos que fazia, numerosos graças às suas atividades jornalísticas. Conheceu Paulo Silveira, relação que funcionou como um primeiro movimento que desencadeou uma avalanche de acontecimentos.

Quando Blazík foi expulso do Brasil, o que foi uma surpresa para ele mesmo e para a Central - não houve motivo, como é possível ler no documento do Arquivo Nacional de Praga,[146] onde estão também notas do MRE -, não ficou muito tempo na agência de imprensa. Mudou de ramo e tornou-se oficial do serviço de inteligência da StB. Trabalhou iniciálmente na seção de *operações ativas,* no setor da América Latina, e em 1963 foi enviado para a *rezidentura* no México, país que conhecia bem.

Mas essa é outra história. E preciso acrescentar ainda que Radek foi um dos funcionários do serviço de inteligência que em 1968 foram contrários à ocupação da Tchecoslováquia pelas tropas do Pacto de Varsóvia. Não abandonou as suas convicções, foi considerado "politicamente incerto" durante a verificação e por isso foi expulso do partido e da StB. Sua carreira estava encerrada, mas ele poderia ter permanecido nas fileiras da polícia política se mudasse de frente em tempo apropriado e condenasse o desvio à direita no interior do partido e nas fileiras da StB.

Voltando a 1960, quando ainda sequer se falava em reforma do socialismo na Tchecoslováquia, Radek atuara nos acontecimentos que culminaram na aquisição do agente Lobo. Na pasta do agente está escrito que o residente Jezersky o conhecera em março de 1960 durante um encontro no apartamento de Paulo Silveira, a quem fora apresentado pelo agente Radek. Este foi o primeiro contato de Lobo com o oficial do serviço de inteligência, sem qualquer resultado imediato. O residente relatou sobre o contato somente em dezembro de 1960, no contexto de um acontecimento político importante para o Brasil.

Em janeiro de 1961, Jânio Quadros tomou posse como presidente do Brasil. Ruben, o contato fresco de Jezersky, era grande amigo de José Aparecido,[147] secretário particular de Jânio Quadros, e, como se isso fosse pouco, era sobrinho do homem que seria enviado em breve a uma missão especial de comércio na Europa Oriental no contexto da abertura aos países socialistas. Como veremos adiante, esses não eram todos os contatos, possibilidades e trunfos do futuro agente. Entretanto, é preciso afirmar que Lobo era o oposto de um agente astuto, daqueles que habitam a nossa imaginação. Segundo anotou o seu oficial condutor:

> "frequenta, com muito prazer, locais noturnos caros, onde gasta

> grandes somas de dinheiro. Durante contatos sociais, gasta praticamente todo o seu salário mensal. No que diz respeito a isso é bastante imprudente. Uma de suas máximas é: viver bem e não se cansar demais com o trabalho. Não gosta de trabalho de escritório, que exija sistematicidade. Geralmente, em seu trabalho e comportamento, refletem-se várias características tipicamente brasileiras, como falta de coerência e falta de regularidade".[148]

Parecia ainda pior quando o oficial citou, sem rodeios, as convicções políticas de seu educando: "não tem quase nenhum conhecimento político, é bem limitado", e exemplificou sua afirmação com a opinião de Lobo sobre o sistema político tchecoslovaco: ele achava que "na Tchecoslováquia não existe parlamento e que nosso país é governado através de comissários". Essa opinião consternava o membro do partido comunista e funcionário de elite do serviço de inteligência; mas, na realidade, esta "visão deturpada" estava mais próxima da verdade do que o lindo soar da constituição comunista de então. Mesmo assim, ao caracterizar o futuro agente, o oficial tchecoslovaco tentava passar a imagem mais real possível, e não escondeu as características positivas de Ruben: talento para amizade, sinceridade e responsabilidade. Ficamos sabendo também que gostava muito de viajar e de uísque, que podia beber em grande quantidade sem embriagar-se.

Na primavera de 1961, a questão de Ruben/Lobo acelerou os procedimentos relacionados à nova política internacional do presidente Quadros, que consistia na abertura comercial e diplomática aos países do bloco socialista. No contexto dessa nova política, defendida com base nos interesses nacionais e rechaçando questões ideológicas, foram organizadas missões especiais para intensificar as relações comerciais: a missão Leão de Moura (União Soviética e China), missão João Dantas (países socialistas da Europa) e missões que tinham como objetivo intensificar a troca comercial com a África, Cuba e América Central.

João Dantas era primo do figurante Ruben, e graças a ele a StB tinha informações sobre o planejamento da missão com antecedência. Por isso, a Central recomendou que o trabalho do figurante fosse acelerado, e o residente Jezersky começou a adquirir de Ruben as primeiras informações significativas. Originalmente, Ruben seria um membro desta delegação, mas acabou descartado pois o chefe da missão teve receio de ser acusado de nepotismo. Entretanto, a *rezidentura* apareceu para ajudar: o oficial do serviço de inteligência, oficialmente diplomata da embaixada, ofereceu-lhe a passagem aérea até Praga, onde Ruben poderia unir-se à delegação brasileira meio-oficialmente (devido ao parentesco com o chefe da missão), influenciá-la e fornecer informações aos

tchecos. O figurante aceitou a oferta. Em sua pasta, existem notas sobre as informações entregues ainda antes da viagem. Não se sabe se recebeu alguma remuneração por elas, mas a compra da passagem aérea foi a primeira prova concreta e comprometedora contra ele nas mãos da StB. Quando a Central estava planejando como seria a estadia do figurante em Praga levou em conta todos os aspectos da operação, e pelo documento intitulado "Ruben — proposta de contato" (de 20 de abril de 1961)[149] sabemos que, em nome do MRE, Peterka (sobrenome verdadeiro: Kvita) entraria em contato com o figurante em Praga e o acompanharia o tempo todo. Além disso, seria garantido a ele pernoite no hotel de luxo Jalta, na Praça Venceslau, no Centro da capital.

Hotel Jalta

Também foi levado em conta o estilo de vida do figurante, e "devido aos interesses de RUBEN, foi designada a ele (inicialmente) como segurança uma agente do II Departamento do Ministério do Interior". O objetivo destas intervenções era

> "reforçar as suas relações de amizade e o sentimento de compromisso tanto em relação à *rezidentura* como para com a República Socialista da Tchecoslováquia para a realização, em Praga, da avaliação de sua pessoa pela Central e, dependendo da situação, preparar as condições de seu recrutamento em Praga ou no Brasil".

Assim, o camarada Peterka tinha como tarefas:

> "preparar o programa de estadia de RUBEN em Praga, adquirir

> informações complementares sobre o seu perfil pessoal e político, adquirir informações sobre a situação política e comercial no Brasil, tirar proveito de seu conhecimento sobre os membros da missão brasileira, usar RUBEN para influenciar e direcionar a missão de acordo com os nossos interesses político-comerciais, assim como, a partir do resultado do contato com RUBEN, elaborar uma proposta de como agir com ele daqui para a frente”.

Durante as preparações foi designada a agente Nety, que seria uma conhecida de Peterka. O encontro “casual” da agente com Peterka e Ruben aconteceria no bar do hotel Jalta, e, depois, “tudo dependerá do interesse de RUBEN com a agente e da habilidade de NETY em conquistar sua simpatia”. Essa parte da operação não funcionou — o encontro aconteceu, o figurante não gostou dela e, quando Nety tentou marcar um encontro, ele inventou um resfriado.

Segundo os documentos seguintes na pasta do agente[150] sabe-se que Jezersky encontrou o figurante quatro vezes antes da viagem a Praga. A entrega do dinheiro para a passagem aconteceu em 07 de abril de 1961, no Crepúsculo, bar e restaurante na Rua Toneleros, 236, Rio de Janeiro, das 21h00 às 22h00. Ruben recebeu 300 mil cruzeiros - na época, o figurante ganhava 72 mil cruzeiros por mês no escritório brasileiro de imigração -, o suficiente para comprar a passagem de um trecho da viagem. O visto lhe foi entregue na embaixada, também de graça.

O figurante chegou a Praga em 22 de abril, onde esclareceu que os seus planos de viagem eram bem mais ambiciosos. Além disso, veio à tona que o roteiro da Missão Dantas[151] também era mais complicado e não tinha muito em comum com os planos originais. João Dantas recebera do presidente Quadros uma procuração especial, contra a vontade do Itamaraty, com a qual poderia escolher à vontade os seus objetivos. Na época, o Ministério das Relações Exteriores não compartilhava do mesmo entusiasmo do presidente e reprovava sua política oriental.

Com hotel garantido e um automóvel à disposição para mover-se pela Tchecoslováquia (não sabia que o carro pertencia à polícia secreta, pensava se tratar de um veículo oficial do MRE), o figurante desejou visitar o seu parente em Bucareste, pois era justamente ali que se encontrava a missão. Depois, começou a falar sobre a sua viagem à China e Hong Kong, preocupado em saber quem lhe pagaria a passagem aérea e quem conseguiria os vistos. O atencioso capitão Peterka resolveu tudo, mesmo que de início estivesse um tanto embaraçado, e a Central precisou saber da *rezidentura* no Rio o que, exatamente, Jezersky prometera a Ruben.

No fim, o problema foi resolvido, e o oficial do serviço de inteligência recebeu uma assinatura em uma letra de câmbio em troca dos gastos, além de uma grande quantidade de informações confidenciais sobre as negociações da missão, não somente em Praga, mas também na Iugoslávia. Peterka pediu um relatório escrito, mas Ruben entregou as informações oralmente, alegando falta de materiais de origem. Fez também uma excursão a Frankfurt na RFA, pois ali encontrava-se outro parente seu, mas no custo de uma das funcionárias da embaixada brasileira, que viajou para lá de carro.

Peterka chegou à conclusão que o figurante tinha consciência de estar comprometido por causa das informações que entregara aos tchecos e por ter recebido a passagem aérea para Praga e a estadia na cidade. Seria possível descrever longamente os detalhes da Missão Dantas e os relatos de Ruben, o que pode interessar aos historiadores que estudam as relações diplomáticas e comerciais nos anos 60. Através dos relatórios, sabemos do antagonismo entre o Itamaraty e João Dantas e das intrigas e complicações que acompanharam a missão, assim como o andamento tormentoso das negociações no Ministério de Comércio Exterior tchecoslovaco, onde a reviravolta provavelmente fora causada pelas informações fornecidas por Ruben à StB.

Em Praga, Ruben fora mantido sob rigorosa vigilância — fora seguido e suas conversas telefônicas eram grampeadas. Por meio das notas de serviço, sabemos que o figurante roncava muito e dormia até aproximadamente as 11h00. Quando Ruben voltou de Frankfurt, João Dantas já estava em Praga. Em 19 de maio de 1961 aconteceu um dos muitos encontros entre Peterka e Ruben — encontraram-se no moderno prédio do restaurante Brukselska, com uma linda vista da velha Praga.

Restaurante Brukselska – Foi o pavilhão tchecoslovaco na exposição mundial Expo 1958, em Bruxelas. Em 1960, foi levado a Praga.

Na ocasião, o oficial desejava adquirir as informações sobre o andamento da missão e fazer uma sondagem sobre as possibilidades de continuação da colaboração com o figurante. Peterka ficou sabendo que o chefe da missão estava deixando Praga bem satisfeito, apesar de as negociações comerciais quase terem sido interrompidas. O agente esclareceu ao figurante que o sucesso da missão se deu, em grande parte, graças a ele e ao efeito da confiança entre eles. O oficial do serviço de inteligência conscientizou o brasileiro, que entregara todas as informações fornecidas para o “seu ministério”, de que se tratava do MRE. Peterka queria ouvir do próprio figurante que ele não tinha objeções quanto à colaboração, e, após a confirmação, incentivou Ruben “para que continue ajudando com suas informações”, e assim “sempre poderá contar com ajuda para as suas necessidades particulares”.[152]

Ruben concordou sem hesitar. O experiente oficial explicou ao figurante que, durante a sua colaboração com o camarada Jezersky, no Rio, deveria manter o contato em segredo. Justificou isso dizendo que, caso ele se gabasse para os seus conhecidos sobre a boa relação com a embaixada tchecoslovaca, poderiam perder a confiança nele. Ruben compreendeu a situação e lembrou que seu chefe no instituto de imigração era integralista (membro do partido fascista brasileiro), e de fato os seus contatos poderiam não agradar.

Peterka realmente adquiriu do figurante uma grande quantidade de informações durante sua estadia em Praga, e o avaliou como uma pessoa de perspectivas graças a seus amplos contatos com políticos brasileiros importantes. Segundo o agente, Ruben tinha aversão ao trabalho — no escritório em que

trabalhava não tinha sequer a própria mesa, e aparecia por lá apenas para pegar o pagamento. Porém, conhecia personalidades importantes e isso fazia que fosse "muito útil, para nós, como agente". Não haviam sido resolvidas as questões relacionadas ao voo de Ruben para Pequim e Hong Kong. O figurante tinha muita vontade de ir a esses lugares, mas não tinha recursos materiais e Peterka sabia que, mais cedo ou mais tarde, ele poderia lhe pedir dinheiro. Na nota sobre o encontro de 24 de maio descreveu a situação em que Ruben, cansado e nervoso, demonstrava que algo o preocupava. Peterka desconfiava do motivo. Citou, na nota, as palavras de Ruben:

> "Vamos conversar abertamente. Eu sei muito bem que vocês se comportaram de uma maneira muito nobre comigo, aqui em Praga. Vocês me ajudaram a realizar a viagem e pagaram o hotel para mim. Agora eu preciso ir a Hong Kong. Isso é muito importante para mim. Neste momento, não tenho condições de pagar uma passagem aérea. Caso vocês me ajudem, quando eu voltar para o Rio vou retribuir tudo isso. Irei me encontrar com Jezersky, que conhece a minha vida e, durante o contato com ele, farei tudo o que vocês quiserem".

No dia seguinte, Peterka lhe entregou 800 dólares (na verdade foram mil; Ruben recebeu o restante na viagem de volta), o que, formalmente, foi tratado como um empréstimo. Em 26 de maio, o agente ainda entregou a Ruben coroas tchecoslovacas para o hotel. De Hong Kong, Ruben voltou ao seu país via Praga, onde foi novamente interrogado por seu novo amigo, cada vez mais convencido de que o figurante era uma conquista promissora e de que era possível continuar a trabalhá-lo.

Ao voltar ao Brasil, Ruben passou a viver uma rotina de encontros e entrega de informações com o oficial condutor; porém, a princípio, eram apenas informações que o figurante queria fornecer - não havia nenhuma tarefa concreta. Em julho de 1961, Jezersky relatou que Ruben era "Disposto e aberto para a corrupção e para o comprometimento, desde que seja bem pago por isso".

Em junho de 1961 a *rezidentura* e a Central estavam concentradas na questão do tratamento da visão de Jânio Quadros na Tchecoslováquia ou na União Soviética, o que estava sendo intermediado justamente por Ruben, graças às suas relações com Aparecido. Ruben informara ao residente os problemas de saúde do presidente e o serviço de inteligência viu uma oportunidade para conquistar a confiança do próprio presidente do Brasil.

Em agosto não foi feito nenhum relatório sobre encontros entre o oficial condutor e o figurante trabalhado, pois o camarada Jezersky estava de férias

naquele período. Por outro lado, nesse mês há um documento importante feito pelo lado brasileiro. Temos a oportunidade de comparar a versão dos acontecimentos relacionados à viagem do figurante para a Europa de Leste e para a China, fornecida pela StB, com a versão do próprio figurante. Na página de internet: *Brasil Nunca Mais*[153] existe um documento de acesso público, elaborado por um dos serviços de informações do Brasil, com o depoimento do figurante sobre a sua viagem. A informação foi elaborada em 16 ou 18 de agosto de 1961 (o documento está pouco legível) e, ao que parece, o figurante delatou a si mesmo por dois motivos: 1) foi eleito presidente da AASB;[154] e 2) o seu sobrenome apareceu na imprensa relacionado à cirurgia planejada do presidente Quadros na União Soviética.

Esses acontecimentos e a momentânea ausência do oficial condutor podem ter despertado no figurante um arrependimento em pensar que as conversas em Praga pudessem ter ido longe demais. Não sabemos concretamente a causa de sua delação contra si mesmo - se foi o medo de que alguma dessas questões prejudicassem a sua carreira ou se foi forçado a fazer isso por alguém da família. De acordo com outro documento,[155] publicado na mesma página da internet, é possível concluir que a sua informação não teve nenhuma consequência: a contrainteligência brasileira não tomou nenhuma atitude em relação às revelações que ele fez.

Ruben revelou aos órgãos brasileiros tanto o seu contato com o representante da embaixada como o seu contato com Peterka, em Praga (que usava o sobrenome verdadeiro, Kvita), declarando que quiseram dele algo além de informações. Nas informações reveladas aos órgãos brasileiros, narrou fatos comprometedores sobre Jezersky e Peterka (Vacula e Kvita). Vários pontos do depoimento estão de acordo com o que foi escrito na pasta tcheca, mas, também há várias diferenças significativas. Ruben confessou que a Tchecoslováquia bancara os custos de sua viagem a Praga; entretanto, descreveu de forma diferente as circunstâncias em que conheceu Jezersky (no documento está escrito o sobrenome verdadeiro, Vacula, pois o figurante não conhecia o codinome do espião), em um coquetel na embaixada da Tchecoslováquia, no Rio. Omitiu o fato de que, já antes da viagem, entregara informações para o "diplomata" e se encontrara com ele. Da mesma maneira, não contou dos vários encontros com Vacula na volta da viagem.

Quanto à estadia em Praga, parte dos fatos foram descritos de acordo com a versão da StB, mas também há muitas diferenças. Há outro fato que chama a atenção: a contrainteligência brasileira recebeu em agosto o aviso de um homem importunado pelos "diplomatas" tchecoslovacos, que, em sua delação, afirmou claramente: "KVITA disse que querem que eu verifique certas coisas" - citou

parte da lista de perguntas que está completa na pasta de Praga e que Ruben, em sua delação, limitou somente a três pontos — "e que, se em qualquer momento eu desejar ir à Europa ou se precisar de qualquer coisa, é só entrar em contato com a embaixada aqui no Brasil que me ajudarão imediatamente". Os nomes dos dois diplomatas tchecoslovacos são citados várias vezes no depoimento e num contexto que demonstra um interesse fora do comum para com Ruben. Com base nos acontecimentos seguintes, é possível supor que o depoimento em questão fora levado a sério no Brasil somente na primavera de 1964, quase três anos depois.

Seja como for, ao voltar de sua longa viagem e antes de fazer a delação, encontrou-se com o oficial condutor no mínimo seis vezes,[156] tratando, entre outros temas, da entrega de uma pistola, que receberia dos tchecos como um presente para o seu tio. Esse presente, e mais outros presentes de Praga, foi entregue de uma maneira conhecida nos filmes de espionagem: em 30 de junho, em uma rua deserta no Leblon, do carro do diplomata para o carro do figurante.

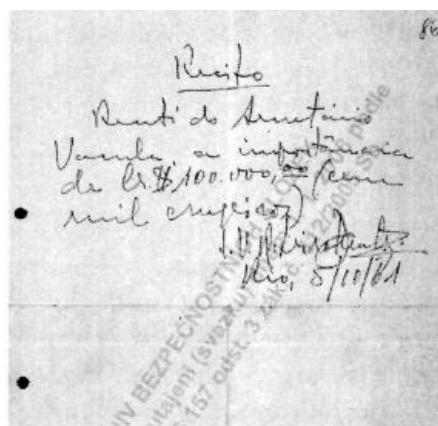
Em agosto, inesperadamente, o presidente Quadros renunciou, e no mês seguinte Jezersky afirmou que Ruben perdera as possibilidades que possuía.

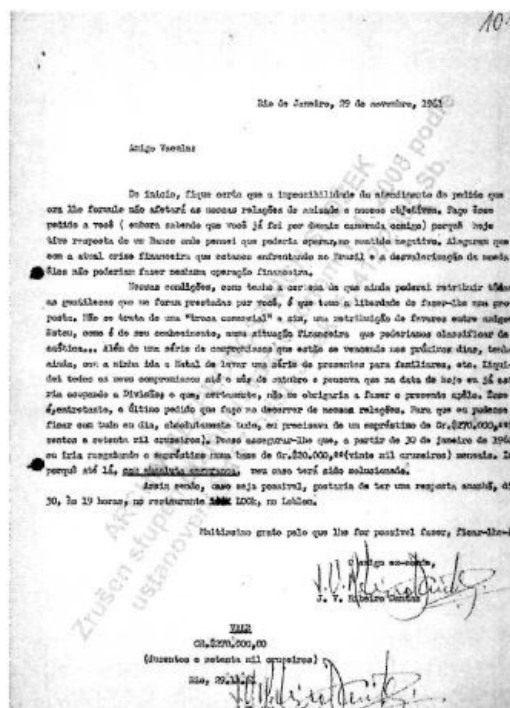
Quando Jezersky voltou das férias encontrou novamente o figurante e recebeu informações importantes sobre a política brasileira. Devido à situação instável do país após a renúncia de Quadros, Ruben foi incluído na operação LUTA. Seria enviado a Londres (deveria receber 500 dólares americanos para isso, segundo a Central) para negociar a volta de Quadros ao Brasil, o que deveria causar confusão política. A missão fora aprovada pelo ministro do interior em pessoa, mas não se realizou.

No relatório de setembro, Jezersky registrou uma questão que, três anos depois, tiraria o sono de muita gente além da Central da StB em Praga. Ele relatou que Ruben, fora de seu trabalho no escritório de imigração, possuía possibilidades de conseguir um passaporte brasileiro em qualquer nome graças a suas relações com o governador do Rio Grande do Norte. Em outubro, o residente esclareceu que na verdade tratava-se de um *policial* no estado do Norte que já conseguira arranjar alguns documentos para ele. Jezersky relatou também que o figurante pedira 100 mil cruzeiros para pagar uma dívida em um bar. A Central consentiu mais esse empréstimo — provavelmente tenha concluído que, pelas informações e pela possibilidade de adquirir um passaporte de Ruben, valia a pena. Praga exigiu de Ruben, em contrapartida, de 5 a 10 passaportes brasileiros limpos. Enquanto isso, o figurante entregou conhecimentos fornecidos por conhecidos seus, ou seja, notícias sobre a situação no exército, recuperação de relações diplomáticas com os soviéticos e tendências anticomunistas na Igreja Católica. Estas informações eram exclusivas, pois

haviam sido adquiridas durante conversas com contatos importantes na alta política brasileira.

Já que o novo presidente João Goulart reforçou a sua posição política, a Central desistiu de enviar Ruben a Londres atrás de Quadros, que deixou a Inglaterra a caminho da Austrália. Em 5 de outubro, o residente entregou ao figurante 100 mil cruzeiros, durante um encontro no restaurante LOOK, e chegou à conclusão de que

> “após o encontro de hoje já é possível trabalhar com ele como se trabalha com um agente. Está totalmente consciente que tem obrigações para conosco e que está comprometido por nós. A principal preocupação dele era se receberia o dinheiro... logo ao chegar ao encontro, começou a entregar as informações que reuniu... Chegamos também a um acordo quanto ao preço de um passaporte — 10 a 20 mil cruzeiros”.

Em novembro, o capitão do serviço de inteligência recebeu mais informações interessantes de Ruben, desta vez relacionadas à situação no exército. Logo ficaria bem claro que a intenção dele era receber cada vez mais somas em dinheiro — em novembro exigiu outro empréstimo, de 270 mil cruzeiros (aproximadamente 750 dólares). Praga concordou com 500 dólares, e em troca esperava que Ruben começasse a escrever relatórios sozinho e que o capitão Jezersky realizasse o seu recrutamento na primeira quinzena do ano seguinte. A Central recomendou que o oficial condutor não envolvesse Ruben em nenhum empreendimento público que pudesse ser associado a forças progressistas. Aconselhou também que o contato com o figurante fosse o mais conspirado possível. Quanto à recomendação de maior conspiração, o capitão Jezersky reagiu sugerindo um novo tipo de contato — a partir de dezembro, o sinal confirmando o encontro seria a entrega de duas garrafas de uísque com um

cartão vazio dentro de um envelope, na portaria da casa em que Ruben morava. Isso significaria um encontro dois dias depois no local combinado. O encontro de dezembro foi na frente do restaurante Bom Gustavo. Feito o contato visual, os dois partiram para o restaurante Fado. Como sempre, tudo foi observado por um funcionário da *rezidentura,* que verificava se não havia perseguição.

Como o figurante ainda não havia se encontrado na nova situação política - ainda não havia achado nenhum cargo novo e lucrativo, o capitão Jezersky elaborou uma lista atualizada dos contatos de Ruben para demonstrar a sua utilidade para o serviço de inteligência tchecoslovaco.

98

RUBEN - styky.

Itamaraty: Renato Archer - poslanec PSD Maranhao,subsekretář Itamaraty,zvláštní nová funkce podle reformy v rámci parlamentarismu.Má svůj kabinet.Styk přátelský,RUBEN může na něj v rámci styku klást dotazy,které má alespoň částečně zdůvodněny aby se nestal podezřelým.

José Maria Vilar - II.tajemník Itamaraty,bude v kabinetu ministra.Je bratranec RUBENA,přátelský styk.Byl přemístěn do Brazílie ze ZÚ Paříž.RUBEN může vytěžovat k činnosti Itamaraty.

Joao Frank Costa - consul Itamaraty,RUBEN přátelský styk v rámci kterého možno vytěžovat.

Modestino Leoy GIBSON - 2.tajemník,šéf kabinetu ministra. Přátelský styk RUBENA.Může vytěžovat v rámci částečné legalisace.

Armáda: Gen.Jair Dantas Ribeiro,velitel 1.voj.okruhu v Rio de Janeiro.Bratranec RUBENA.Pokrokový důstojník napojený na nacionalist.generály Osvino Alves a gen.Oromar Osorio,přítel šéfa Casa Civil gen.Amauri Kruela.RUBEN v častém styku,chodí k němu do rodiny,může vytěžovat k voj.záležitostem,Ribeiro bývá dobře informovaný.

Tisk: Joel Silveira,ředitel Mundo Ilustrado,zapojený do skupiny připravující návrat Quadrose,dobře informovaný v rámci vnitřní politiky.

Různé: José Aparecido,soukromý tajemník ex-presidenta Quadrose,který vedoucí skupiny připravující návrat Quadrose do Brazílie RUBEN od něj podal dříve řadu informací,nyní chce Aparecido RUBENA zapojit do skupiny pro návrat Quadrose a chce jej vyslat za Quadrosem do Londýna.

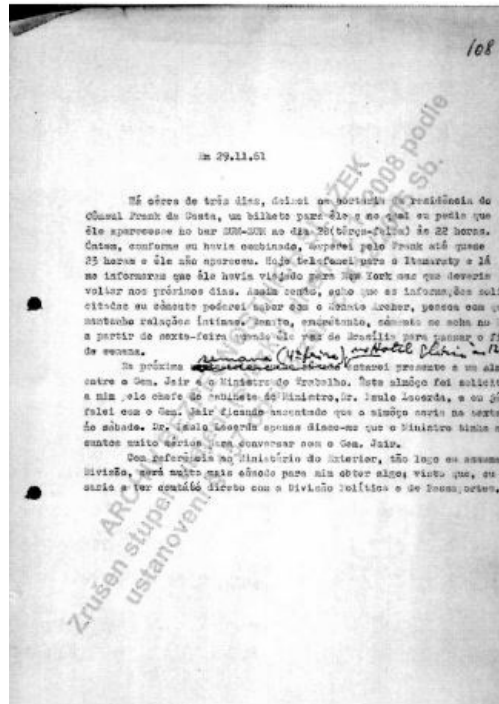
Aluísio ALVES - guvernér státu Rio Grande do Norte,přátelský styk,RUBEN mu půjčoval byt pro „vyspání" se známostmi Alvese v Rio,při jeho návštěvě Ria.Přátelský styk.

Djalma Maranhao - prefek města NATAL,hl.město státu Rio Grande do Norte,vyloženě pokrokový,bude členem KSB.Přátelský styk.

Mimo to má RUBEN řadu dalších styků z řad poslanců a zajímavých osob jako RUBEN BRAGA,nynější titulář Brazílie v Maroku a j.ke kterým bude postupně vytěžován a které budou zasílány.

Jezerský - 5.12.1961.

A lista causa boa impressão, pois contém um deputado, dois secretários do Itamaraty, um cônsul, um chefe de gabinete de um ministro, o comandante do I Exército, o diretor de um jornal de grande circulação, o governador de um estado brasileiro e o prefeito de Natal. Ainda está presente o nome de José Aparecido, secretário particular do antigo presidente.

O figurante já estava elaborando relatórios por escrito, pelo que recebia “empréstimos”, pois continuava sem trabalho. Quanto às dívidas, ainda eram muitas.

Praga, que no início de 1962 estava, em geral, satisfeita com o desenvolvimento do trabalho sobre o figurante, ordenou que o residente modificasse o sinal de confirmação de encontro — “usar garrafas de uísque e fazer contato com o porteiro é absolutamente irresponsável!” — e complementa a sua avaliação com a lista de “aproveitamento das informações de Ruben, de 01/10 a 31/10/61”:

> Situação política atual no Brasil - MRE, amigos (trata-se do MRE tcheco e da KGB). Relatório sobre a situação no Brasil no final de setembro de 1961 - MRE, amigos.
> Mudanças de pessoal no exército brasileiro - amigos.
> Conflito entre o presidente do Brasil e o ministro da guerra
> - MRE, amigos.
> Movimento que postula a volta de Quadros para o Brasil
> - MRE, amigos.
> A Igreja brasileira na luta contra o comunismo
> - MRE, amigos.

Mesmo assim, Praga apontava uma série de imprecisões nos relatórios de Ruben, principalmente nas análises e avaliações da situação política. Nos encontros seguintes com o figurante, Jezersky se convenceu de que, “apesar de tudo, ele começa a apresentar características tipicamente brasileiras, como

inconsequência e falta de responsabilidade”, pois ou esquece de aparecer nos encontros, ou nem sempre cumpre as tarefas confiadas a ele. Na atribuição dos passaportes - uma das tarefas que não cumpriu -, teve a ideia de roubá-los no Itamaraty, “já que está com frequência na seção de passaportes do ministério, onde conhece secretárias que jogam no lixo os documentos preenchidos incorretamente”.

Em fevereiro de 1962 já começava a aparecer o codinome Lobo nos documentos da StB. Antes do recrutamento planejado do agente, a StB tentava adquirir o máximo de informações sobre ele, e foram enviadas inclusive perguntas à KGB, que respondeu: “28 de fevereiro recebemos a informação que os amigos não sabem nada sobre LOBO e que ele não está citado em seus materiais”.

É possível supor que, sabendo de seus contatos moscovitas, a StB não acreditou muito na resposta. Em sua viagem para o Leste, Lobo passara por Moscou, o que informou a Peterka e ao serviço brasileiro. No relato escrito em agosto de 1961 citou o nome de dois russos que o cercaram durante a sua estadia na União Soviética. Um deles, Vyrobian (ou Vyrabian), provavelmente tinha relação com a KGB, pois anteriormente fora diplomata em Montevidéu. Parece impossível os serviços de informações soviéticos não notarem a estadia de Lobo em Moscou, onde encontrou representantes oficiais do regime soviético na ocasião da missão de Moura. Seis anos depois, essa desconfiança dos tchecoslovacos fora finalmente verificada, o que está narrado no caso do camarada Radek, já mencionado.

Graças à proteção do tio, Lobo recebeu um emprego estatal de inspetor federal de imigração no Instituto Nacional de Imigração e Colonização (INIC). Sua função era basicamente deliberar sobre a concessão de vistos para estrangeiros, o que deveria corrigir a sua situação financeira e garantir o acesso a informações importantes para fornecer ao serviço de inteligência. Mesmo assim, seu oficial condutor estava cada vez mais cético: em março de 1962, ao relatar a Praga os resultados dos últimos encontros com o figurante, considerou que a colaboração estava se desenvolvendo bem, mas, ao mesmo tempo avisou:

> “é preciso ter cuidado com LOBO, pois a cada momento ele aparece com alguma coisa, que parece sensacional mas que, no fim, não ajuda em nada. Ficou duas vezes de viajar para Londres encontrar com Quadros, e não aconteceu nada. Desta vez, vem afirmando que será nomeado membro de uma delegação do governo que viajará para negociações em Genebra. É preciso tratar essas suas vangloriações com certa distância, pois esse tipo de oportunidade é aproveitado por outras pessoas, bem

> mais influentes, capazes de trabalhar e úteis. LOBO não é capaz de fazer muita coisa e além disso, é preguiçoso. Da mesma forma, é necessário tratar com reservas as garantias de que consegue arranjar passaportes do Itamaraty".

Em abril de 1962, ocorreu em Genebra uma conferência internacional sobre a diminuição de armamentos e outra dedicada à questão da imigração. Lobo recebera um passaporte diplomático e fora para a segunda conferência. Interessada em receber informações sobre as negociações entre os países não-alinhados, a Central imediatamente passou a Genebra e ao Rio a senha através da qual Lobo entraria em contato com o residente do serviço de inteligência tchecoslovaco na Suíça. O espião tcheco local deveria encontrar Lobo dia 12 ou 13 e 17 de abril, na esquina oriental do cassino, às margens do lago. Reconheceria o brasileiro por sua capa cinza pendurada no braço e um chapéu preto na mão direita. O espião se aproximaria: "Desculpe-me, o senhor é o José?", ao que Lobo deveria responder: "Não, eu sou o João". O espião, então, diria: "Eu sei, o senhor Francisco me informou".

Lobo fora à conferência por causa da questão de imigração, mas a StB estava interessada na conferência paralela, dos países não-alinhados, dedicada à redução de armamentos. Recebeu 180 dólares americanos pelas informações, e tratou a viagem como particular. Durante a conversa com o residente suíço da StB tentou um convite para a Tchecoslováquia para Aluízio Alves, governador do Rio Grande do Norte na época. Praga não concordou. O residente de Genebra registrou que Lobo apareceu no encontro, de acordo com os planos, e entregou informações sobre as reuniões da conferência, mas avaliou o valor das informações como "médio".

Mesmo com as diversas dúvidas e objeções, ficou decidido que o camarada Jezersky faria o recrutamento de Lobo após a sua volta de Genebra, em 11 de maio de 1962, em um bar na esquina das ruas Ataulpho de Paiva e Aristides Espínola, no Leblon.[157] Jezersky informou ao figurante que em breve teria de voltar à Tchecoslováquia, por isso era necessário sintetizar a colaboração feita até o momento, útil para ambos os lados: "LOBO visitou boa parte do mundo, inclusive a União Soviética, o que também deve agradecer ao contato com o órgão condutor, que, por sua vez, recebeu dele uma série de informações".

Segundo o relatório do funcionário do serviço de inteligência o agente recrutado também avaliou o contato, destacando que as informações muitas vezes podiam mudar, pois os acontecimentos desenrolavam-se ali, ao mesmo tempo, e rapidamente. O oficial do serviço de inteligência ouviu do brasileiro a garantia de que colaboraria com o seu substituto com prazer (mesmo

demonstrando tristeza por não ser Peterka). Durante a conversa, o “diplomata” tcheco também garantiu que o objetivo da Tchecoslováquia não era prejudicar o Brasil, mas lutar contra os EUA, que “consideramos não somente nosso inimigo, mas também inimigo do Brasil”. Jezersky ainda acrescentou em seu relatório que confessara a Lobo que lhe julgara de forma diferente devido a seu estilo de vida cigano, mas viu que ele era capaz de manter a palavra e que as aparências o enganaram. Este encontro foi, por fim, o recrutamento do figurante, que já trabalhava como se fosse um agente.

Em maio o agente foi entregue a Skorepa, seu novo oficial, e foi perdendo a disciplina que já era pouca. Lobo começou a aparecer com menos regularidade nos encontros, mas continuou fornecendo informações interessantes. Em setembro de 1962 declarou que recebera uma função na Casa Militar da Presidência da República graças à intervenção de seu parente — o general Jair Ribeiro Dantas. Em outubro de 1962, surpreendeu o oficial condutor com um pedido: desejava receber todas as informações que os tchecos possuíam sobre a influência dos EUA no Brasil. Skorepa não quis nem ouvir falar no assunto e recusou decididamente, avaliando em seguida que as informações entregues pelo agente eram do tipo “encontradas nos jornais”.

A insubordinação de Lobo era constante: aparecia nos encontros somente quando sabia que receberia dinheiro. Em novembro daquele ano, Skorepa recebeu uma carta inesperada do agente, pedindo desculpas por não ter aparecido nos encontros e gabando-se de uma próxima viagem para Genebra. Insinuou que poderia aproveitar a oportunidade e, com muito prazer, visitar a Tchecoslováquia novamente. Em 11 de novembro realmente apareceu em Praga, onde encontrou-se com seu velho conhecido Jezersky (Vacula). Esse foi somente um encontro de velhos conhecidos, pois o agente não tinha nenhuma informação interessante.

Em dezembro, Lobo já estava trabalhando na Casa Militar, e em janeiro do ano seguinte o agente foi novamente entregue. Mesmo que o capitão Skorepa não tivesse deixado o Brasil, a chegada do capitão Peterka na *rezidentura* determinou a mudança, pois a Central concluiu que não houve empatia entre o condutor anterior e o agente indisciplinado.

Peterka Kvita

Peterka registrou a melhora na disciplina do agente: em janeiro e fevereiro fora a todos os encontros - catorze, no total e durante esses meses o contato foi permanente. Recebeu dinheiro regularmente por diversas informações que, segundo o serviço de inteligência, não tinham muita importância. Apesar das mudanças no governo, Lobo manteve o seu posto e prometeu que se esforçaria para obter materiais mais interessantes. Em 24 de janeiro, durante um encontro de duas horas no Maxim bar, Peterka, vendo que o agente se interessava apenas por dinheiro e que a colaboração não estava se desenvolvendo bem mais uma vez, resolveu lhe dar uma aula de formação ideológica. O capitão da StB apelou para a amizade do agente com a Tchecoslováquia e os países do bloco socialista e para a luta contra o imperialismo americano, frisando que não gostaria que a relação entre eles fosse baseada somente no pagamento por informações. Peterka escreveu:

> "a reação de LOBO foi imediata e direta. Confirmou, é verdade, a sua simpatia para com os países do bloco socialista e a aversão pela política dos EUA, mas, antes de tudo, demonstrou a preocupação de que a colaboração não perdesse a base financeira".

O agente se justificou expondo os constantes gastos por manter-se no círculo social que frequentava. Diante disso, Peterka apresentou a questão de forma clara:

> "Eu lhe esclareci que ele colabora, por meu intermédio, com a República Socialista da Tchecoslováquia, e, assim como ele precisa de recursos financeiros para os seus objetivos pessoais, igualmente eu preciso, para meus superiores, de notícias e informações, relacionadas com todas as questões sobre as quais conversou conosco durante todo o período de colaboração".

Estas informações devem ser “concretas, atuais, interessantes e políticas. Não podem ser superficiais e nem inventadas”. E para que não houvesse nenhuma dúvida, acrescentou: “Quanto mais informações você nos fornecer, mais fácil será receber os recursos financeiros de que precisa”. A reação de Lobo, então, foi clara — tentaria “emprestar” documentos por uma, duas horas, para que Peterka pudesse lê-los. O encontro ocorreu em 24 de janeiro de 1963, e vale destacar a promessa do agente: em troca de dinheiro, ele iria retirar documentos da Casa Militar da Presidência da República.

Entretanto, essa foi mais uma promessa vazia, e nos encontros seguintes Lobo passou informações oralmente, pelas quais recebeu pequenos pagamentos (por volta de 10, 35 dólares ou 5 garrafas de uísque). A Central criticou o residente por encontrar o agente com muita frequência e ordenou que não usasse a opção de levar documentos, pois concluiu que isso seria muito arriscado. Em fevereiro, Lobo recebeu como presente para o general Silva uma pistola 7.65 mm e 100 projéteis durante um encontro de 10 minutos na Sorveteria Pampanini, na Avenida Nossa Senhora de Copacabana, e no encontro seguinte levou um relatório do Conselho de Segurança Nacional[158] sobre as Ligas Camponesas e informações sobre as relações cubano-brasileiras, pelo que recebeu um valor de 35 dólares americanos. Estas informações tiveram muito valor para a Central.

Em março, Lobo forneceu a notícia vinda do gabinete presidencial e do CSN sobre o arrombamento do cofre na embaixada brasileira em Moscou. O arrombamento foi profissional, mas o gabinete presidencial optou por não revelar o acontecimento para não prejudicar as relações com os soviéticos, mesmo quando a suspeita do ato recaía unicamente sobre a KGB. A StB passou a informação aos soviéticos. Lobo começou a trazer informações valiosas e importantes sobre o CSN, política interior e exterior. Informou à StB, por exemplo, que os brasileiros descobriram uma agente e um agente da StB na embaixada brasileira em Praga.

ULTRA SECRETO

Informe recebido através do Itamaraty sôbre atividades de espionagem tcheca junto à Embaixada do Brasil em Praga.

HELENA KALOUDOVA - alta funcionária da Federação Mundial dos Sindicatos (FSM) mantém relações íntimas com a D. Rosina de Rimini, amante do Embaixador Jaime de Barros, e através dela têm tomado conhecimento de todos os telegramas cifrados dirigidos pelo Itamaraty à Embaixada.

MAURICIO RAPPAPORT - da Agência de Notícias Tchecoslovaca (CTK) mantém relações íntimas com o Embaixador e frequenta a Embaixada do Brasil participando de almoços, etc.

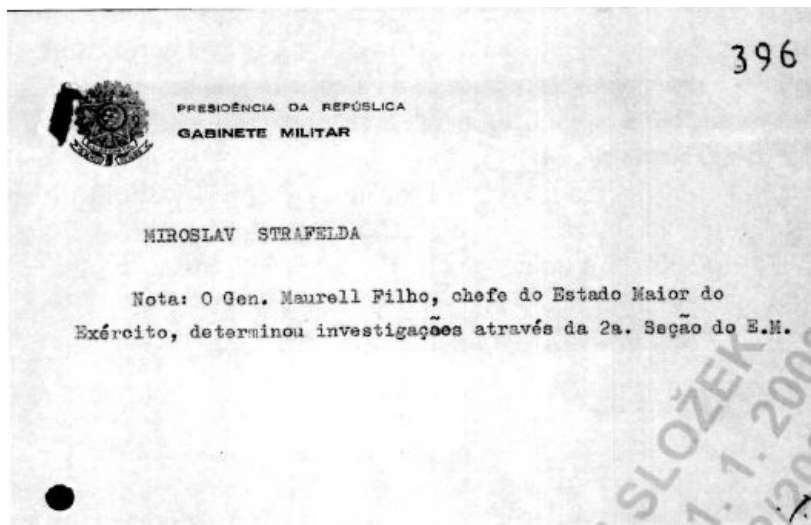
O govêrno tcheco têm feito gestões junto ao Embaixador no sentido de que seja concedido visto para o Brasil em favor do Sr. ALVARO CUNHAL, Secretário Geral do Partido Comunista de Portugal, embora o Itamaraty, quando da primeira consulta, tenha negado autorização ao Embaixador

Não trazia a notícia exata que o oficial condutor queria, mas revelara uma via de acesso importantíssima. Em maio, a StB avaliou que Lobo era o seu mais valioso agente no Brasil. O importante para ele era receber recursos regularmente, e para isso entregava informações elaboradas no CSN, complementando-as com as suas próprias observações e com o que ouvia de seus amigos influentes.

396

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA
GABINETE MILITAR

MIROSLAV STRAFELDA

Nota: O Gen. Maurell Filho, chefe do Estado Maior do Exército, determinou investigações através da 2a. Seção do E.M.

Lobo informou também sobre a investigação que estava em curso a respeito de Miroslav Stráfelda, correspondente da CTK. O mais valioso objeto de pilhagem no local de trabalho de Lobo era o Relatório sobre o CSN: um documento elaborado pelo general Albino Silva para o presidente Goulart relatando as atividades da secretaria do CSN em 1962. Nele estavam descritas a estrutura do CSN, a organização de trabalho e as ligações com as outras partes do aparelho militar, além da conclusão dos resultados do trabalho do Conselho e

informações sobre a composição de pessoal, orçamento e equipamento técnico do CSN.

A partir de junho, Lobo passou a aparecer raramente nos encontros, e seu condutor temporário seria Skorepa novamente. Este registrou um incidente curioso durante o encontro de 26 de junho de 1963 no restaurante Sears A Camponesa, das 20h00 às 22h10: “Notei que ele estava escrevendo no passaporte as datas de nossos próximos encontros. Expliquei-lhe por que isso não era apropriado, e então ele tranquilamente arrancou a folha do passaporte e me entregou, para que eu a destruísse”. A cena demonstra por que a relação entre Skorepa e o agente não era das melhores — para ele, o oficial era demasiado rigoroso e preocupado com regras. No inverno, Lobo também mudou seu local de trabalho: foi para o gabinete do Ministério da Guerra como secretário particular do ministro Jair Ribeiro. Mesmo assim, continuaria a ter acesso aos materiais do CSN, já que frequentava o Conselho para pegar documentos destinados ao ministro. Além disso, agora teria acesso aos materiais da contrainteligência militar.

Em agosto, Peterka registrou que Walters,[159] funcionário do serviço de inteligência americano, começou a se aproximar de Lobo. A Central aprovou, então, o plano da *rezidentura* de aumentar a conspiração do contato e, para isso, deu permissão para encontrar um apartamento conspirado. Mesmo trabalhando novamente com Peterka, nos meses seguintes Lobo não aparecia nos encontros regularmente. O oficial condutor afirmou que tudo voltara a ser como era antes — o agente só aparecia quando precisava de dinheiro e não estava cumprindo as tarefas. O sistema de contato telefônico não funcionava com ele — em um dos relatórios, Peterka faz uma reclamação: “não é possível entrar em contato com LOBO. Quanto melhor e mais preparado for o sistema de ligação, maior é a certeza de que ele esquecerá ou confundirá tudo”.

No final de novembro de 1963, a *rezidentura* recebeu de Carlos Prestes a informação de que Lobo estava trabalhando para os EUA. Os comunistas brasileiros souberam disso através de sua fonte de confiança no CSN, fonte que também sabia dos contatos do agente com a embaixada tchecoslovaca. A Central e a *rezidentura* começaram a investigar se LOBO não era um agente duplo. Os encontros com ele prosseguiram, Praga analisava as suas informações e as avaliava como confiáveis.

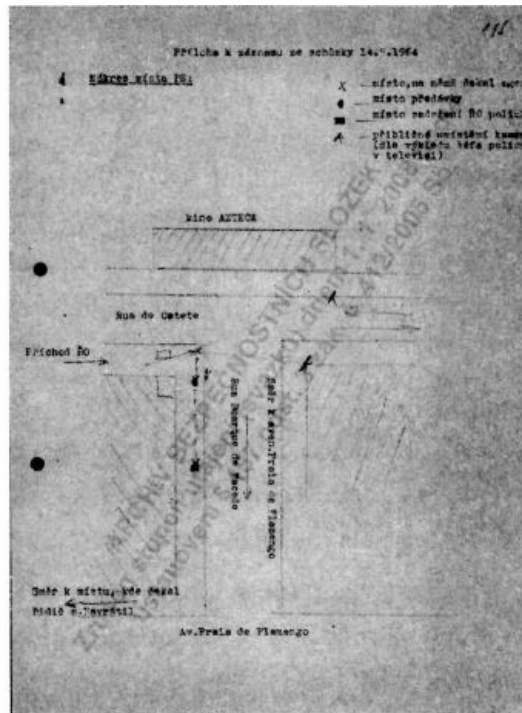
Porém, no fim de dezembro de 1963 chegou mais um alerta de Prestes, com uma clara conclusão: Lobo estava sendo seguido pelo CSN, que, além de seus contatos com alguns americanos, registrou estranhos contatos com um dos funcionários da embaixada tchecoslovaca. Foi reforçada a garantia de que a informação vinha de um colaborador de confiança do PCB, que trabalhava no

CSN. A *rezidentura* concluiu que as informações eram parciais demais e que ela própria faria a verificação de Lobo.

No início de 1964, Lobo não aparecia nos encontros. Somente a partir de março foi possível encontrá-lo e em nenhuma ocasião o agente demonstrou ter cumprido qualquer tarefa. Peterka registrou que o agente se comportara normalmente e por isso estava convencido de que Lobo não era um traidor e nem um agente duplo.

Março terminou com o golpe de estado. O regime de então e o presidente Goulart foram derrubados. Os encontros seguintes com LOBO foram em 18 e 19 de abril de 1964, e ele se gabou de ter recebido uma função no gabinete do vice-presidente após o golpe. Jair Ribeiro Dantas, seu parente, fora afastado, enquanto ele possuía um bom posto de trabalho e uma carteira do Serviço Nacional de Informações.[160] No encontro de abril, recebeu de Peterka 200 mil cruzeiros, mesmo não tendo fornecido nenhuma informação mais elaborada sobre política em geral. A Central ordenou que a verificação do agente fosse adiante.

Um mês depois, dia 13 de maio, Lobo entregou um passaporte em branco — cumpriu, inesperadamente, uma tarefa de 1961, que não lhe era cobrada havia muito tempo. Anunciou também que no dia seguinte entregaria outros documentos importantes. Justamente naquele dia, 14 de maio de 1964, às 14h00, em frente ao cinema Azteca na rua Catete, o DOPS do estado da Guanabara prendeu o funcionário do serviço de inteligência da Tchecoslováquia.

Esboço do local onde ocorreram os fatos com a descrição da situação

Seis policiais à paisana agarraram Kvita logo após ele ter recebido de Lobo um embrulho de jornal.

Esta foi, até então, a maior derrota da StB no Brasil. Simplesmente um escândalo, pois o funcionário do serviço de inteligência era diplomata e foi pego pela polícia em flagrante, recebendo documentos e entregando dinheiro por eles. Em 15 de maio a Central telegrafou à *rezidentura* ordenando que interrompesse todas as atividades no Rio de Janeiro, Brasília e São Paulo, e exigindo também informações detalhadas sobre o escândalo envolvendo Peterka (Kvita). Ele não podia ser preso pois estava protegido pela imunidade diplomática, mas foi expulso do país e aqui se encerrou a sua missão de espionagem no Brasil.

Na pasta do agente LOBO há várias análises e descrições detalhadas sobre os acontecimentos de 13 e 14 de maio de 1964. A StB examinou todas as informações sob diversos ângulos para descobrir quando, exatamente, Lobo "traiu". Como consequência dessa desconspiração, alguns funcionários do serviço de inteligência estavam queimados - Peterka, Skorepa, Jezersky e Hádek (residente na Suíça) - já que Lobo os conhecia.

A StB seguia atentamente o que a polícia brasileira dizia sobre o escândalo e esta, através da mídia, convocava todos os espiões tchecoslovacos a se apresentarem à polícia e confessarem voluntariamente as suas atividades, o que nenhum deles fez. Tampouco houve tentativas para provar algo contra os agentes que Lobo conhecia.

Baseando-se nas informações reveladas pela mídia, a StB podia supor que, na realidade, a polícia pouco sabia ou, propositadamente, fornecia informações completamente falsas. Por exemplo: dia 13 de maio Lobo recebeu 100 mil cruzeiros pelo passaporte, e a imprensa informou o valor de 1 milhão de cruzeiros. No programa de televisão *Como trabalhamos*, o capitão Borges informou aos telespectadores que o plano de Peterka era dominar os sindicatos brasileiros e organizar greves e sabotagens. Como sabemos, Peterka não fez e nem planejava nada disso. Outro fato surpreendeu os funcionários da *rezidentura*. Eles esperavam que alguém entrasse em contato com Peterka e o convencesse à colaboração, mas o que surgiu foram informações exageradas na imprensa.

Segundo a cobertura da mídia, a polícia já tinha o agente sob controle havia oito meses, desde setembro/outubro de 1963. O serviço de inteligência tchecoslovaco duvidava disso, e seu chefe, o coronel Houska, em uma informação especial do dia 18 de maio de 1964[161] para Lubomír Strougal, ministro do interior, avaliou a detenção e a propaganda relacionada a ela como uma provocação primitiva com autoria previsível da CIA. Ele expressou convicção de que a rede restante de agentes não estava ameaçada de ser descoberta, mas certamente encontrava-se sob forte pressão psicológica. Hoje, sabemos que não estava enganado.

Durante um tempo, a *rezidentura* interrompeu suas atividades e até abriu mão de alguns agentes ativos e verificados devido ao alto risco de deconspiração, mas, na segunda metade de retomou as atividades de espionagem, reativando parte de sua rede de agentes e adquirindo novos colaboradores.

E preciso acrescentar que durante esses dias o correspondente Miroslav Stráfelda, da CTK, foi duas vezes detido e interrogado pela polícia sob a acusação de espionagem.[162] Não foi provado nada contra ele, mas, como não estava protegido por imunidade diplomática, a sua detenção foi mais longa e lhe causou desagradáveis consequências no sistema nervoso. Deixou o Brasil sem acusações concretas.

A opinião oficial do MRE tchecoslovaco foi de que o acontecimento era uma provocação da polícia de Lacerda no estado da Guanabara com o objetivo de prejudicar as mútuas relações diplomáticas. Em seus relatórios interiores não oficiais a StB reclamava do embaixador Miloslav Hrúza, que demorou 28 horas para realizar um protesto, não ajudou os residentes nestes momentos difíceis e — o que os deixou estarrecidos — não acompanhou Kvita no caminho ao aeroporto no Rio de Janeiro, quando este teve de deixar o país de suas atividades operacionais. Para eles, esse foi o sinal da ruptura.

A Central em Praga teve de lidar com o imprevisto e pensar em como evitar situações parecidas no futuro. Peterka fora interrogado algumas vezes na Central e escreveu um relatório sobre os tormentosos acontecimentos de maio, no qual afirmou que foi detido pela polícia apenas por alguns minutos e que, no automóvel, o coronel Gustavo Borges tentou recrutá-lo, prometendo abafar o caso se Kvita "for sensato", pois na "Tchecoslováquia receberá um rigoroso castigo, sem dúvida um fuzilamento".[163] Fazendo referência a sua imunidade diplomática, Kvita não respondeu nada ao coronel, que foi obrigado a soltá-lo.

Em sua análise, Kvita/Peterka tentava descobrir quando foi que Lobo se tornara vacilante e inseguro, e concluiu que isso se deu em agosto de 1963, ao compreender os perigos do contato para ele e sua família, personagens importantes da vida política e social brasileira. Até então, a *rezidentura* interpretava a falta de disciplina como uma característica comportamental, e na segunda metade do ano a falta de motivação de Lobo para colaborar também podia ser explicada pela melhora de sua situação financeira. Em seguida, o famoso escândalo Profumo, que mexeu então com a opinião pública mundial,[164] poderia ter influenciado na predisposição de Lobo e potencializado a sensação de temor. Em sua argumentação, Peterka excluiu completamente a possibilidade de Lobo ser da contrainteligência brasileira antes de fevereiro de 1964: "Se fosse assim não evitaria, por exemplo, o cumprimento da tarefa de 1963 — alugar um apartamento de conspiração, pelo qual nós pagaríamos", concluiu. "Um caso como esse seria uma ótima prova para a polícia que poderia, desta maneira, documentar o fato de colaboração conosco".

Peterka achava que Lobo denunciara o seu contato com ele ao DOPS do estado da Guanabara ou à nova direção direitista do Conselho de Segurança Nacional por iniciativa própria, entre março e abril de 1964. Para o espião, a afirmação de que fora observado durante oito meses é falsa, pois assim Skorepa também teria de ser observado e a polícia teria de reunir uma série de provas contra ele. Não foi apresentada nenhuma. "Durante esses oito meses não registramos nenhuma observação", convence Peterka, acrescentando que mais ou menos a partir de agosto de 1963 Lobo estava convencido da necessidade da queda de Goulart, por isso estava se preparando com o tio, Jair Dantas, para trair Goulart e passar para o bloco adversário. A confirmação desta tese seria o fato de que, após o golpe, a onda de perseguições e demissões não atingira nem a Lobo e nem ao tio.

O agente também não exclui a possibilidade de a polícia de Lacerda ter registrado o seu contato com Lobo na segunda metade de 1963. Lobo era uma figura importante no serviço de segurança do país e, além disso, falava demais e gostava de se gabar. A observação, então, podia estar sendo feita há mais tempo,

mas foi aproveitada após o golpe para dificultar as relações tchecoslovaco-brasileiras, o que servia bem para o novo governo de direita. Na opinião do espião desmascarado, o papel dos EUA também estava claro: Lobo pode ter sido recrutado pelos americanos, que usaram o clima do golpe para lançar esta provocação organizada com a polícia brasileira. No entanto, segundo Peterka, "parece que algumas circunstâncias demonstram que a polícia do estado da Guanabara atuava através da sua (ou seja, dos americanos) receita, mas agia independentemente, desejando alcançar os seus próprios objetivos políticos sem a participação direta dos americanos".[165]

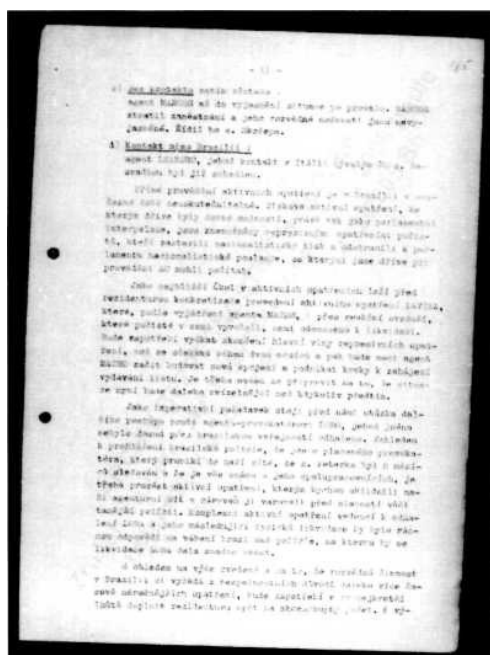
O residente assumiu os seus próprios erros: o alerta dos comunistas brasileiros não foi tratado como deveria, e após o golpe militar foi necessário interromper toda a atividade operacional. Primeiro era preciso avaliar a nova situação operacional e, somente depois de uma avaliação profunda, seria possível recomeçar a agir. Ele também apontou as fraquezas da rede de agentes que colabora somente por incentivos materiais.

Outras avaliações[166] apontam que o I Departamento da StB questionou a veracidade das declarações do DOPS de que Lobo funcionara como isca durante oito meses, mas os analistas do serviço de inteligência não concordam que ele tenha se apresentado sozinho. Para eles, a descoberta foi consequência de seus contatos com os americanos, e neste ponto o sinal enviado pelos comunistas brasileiros estava correto. A detenção em flagrante sem boas provas relacionadas ao longo período de colaboração entre Peterka e Lobo demonstra que a operação fora preparada às pressas e provavelmente por encomenda política, sem qualquer preparação. Aparentemente, a polícia não possuía todos os dados relacionados à colaboração de Lobo, o que significa que o agente contou somente o que lhe convinha. Essa análise também exclui a participação dos americanos, pois, se houvesse, a operação teria sido muito mais eficaz e não acabaria apenas na expulsão do diplomata.

No fim das contas, Peterka não foi fuzilado ao voltar para a Tchecoslováquia, como sugeriu o coronel Borges. Como um comunista idealista, foi promovido e em 1° de junho de 1964 tornou-se major da StB. Os acontecimentos no Rio não prejudicaram a sua carreira, apenas o impediram de ir como espião para a América Latina. Durante algum tempo, então, trabalhou em Praga, e entre 1972 e 1978 esteve na *rezidentura* no Cairo. Em 1984 foi destacado para o MV, onde cumpriu a função de consultante do ministro.[167]

Segundo o capitão Cada, chefe da seção americana do serviço de inteligência, no documento intitulado "Continuação das atividades da *rezidentura* e decisões sobre a rede de serviço de inteligência no Brasil",[168] de 2 de julho de 1964, outra pessoa deveria ser liquidada. Na longa deliberação que

trata das consequências do golpe para a *rezidentura*, nos interessa um fragmento em particular:

> "Como um postulado imperativo, temos diante de nós a questão sobre as medidas a serem tomadas quanto ao agente-traidor LOBO, cujo nome até agora não fora revelado para a opinião pública brasileira... É necessário realizar uma operação ativa através da qual acalmaríamos e, ao mesmo tempo, advertiríamos a nossa rede de agentes... Uma operação ativa complexa, levando à deconspiração de LOBO e a sua liquidação física, seria uma resposta decisiva à tentação da polícia brasileira, sobre a qual facilmente poderia se jogar a culpa da liquidação de LOBO".

Como podemos ver no documento, o texto está riscado e outra versão do planejamento de atividades foi enviada para o chefe do serviço de inteligência. Nela, em vez de "liquidação física" está escrito "liquidação moral", e sobre "a falta de possibilidade de uma operação como essa no Brasil" Cada propõe a sua realização em outro país, por intermédio da imprensa.

Até o momento, não encontramos nenhuma pista dessa operação nos acervos relacionados com o Brasil na ABS, o que não significa que ela tenha sido cancelada - pode de fato ter sido executada em outro país da América Latina. Possuímos somente uma nota de 1965, de autoria de Skorepa, que informa a Praga que em 27 de março de 1965, "nos locais noturnos do Rio, após uma longa ausência, apareceu LOBO. Na companhia de um tal FUAD NADRUZ, jantou no

TOP CLUB".[169] Essa notícia saiu na imprensa, o que indica que o caso Lobo marcou profundamente as atividades dos espiões.

O principal a observar é que, ainda que a ideia nos documentos tenha sido riscada e modificada, ela revela o desejo de retaliação. Mesmo que a StB tenha avaliado como mal elaborado o flagrante contra o seu espião, o "postulado imperativo" do capitão Cada demonstra que a "traição" de Lobo foi um golpe doloroso para o serviço de inteligência e dificultou bastante o trabalho dos espiões tchecoslovacos no Brasil. O plano de liquidação física, alterado para liquidação moral, demonstra que o caso foi tratado pela StB como uma catástrofe e que a situação exigia vingança, pelo menos em relação aos custos sofridos, tempo e trabalho dos funcionários do serviço de inteligência:[170]

> "Segundo os cálculos realizados pela StB, foram feitos mais de 120 encontros com LOBO, dos quais: em 1961: 30; 1962: 40; 1963: 45; 1964: 8. O agente não apareceu em mais de 60 encontros planejados, dos quais: em 1961: 12; 1962: 22; 1963: 21; 1964: 6. Recebeu pelos serviços, um total de 2.030.000 cruzeiros, 6 mil coroas tchecoslovacas e 2.100 dólares americanos".

J. V. R. Dantas, conhecido também como Dantinhas, a quem foi dedicado o presente capítulo, teve o seu falecimento registrado pelo O *Estado de São Paulo* na edição de 21 de janeiro de 1989. Escreveu sobre ele Rubem Braga, que fazia parte de seu círculo de amizades. Vale a pena reproduzir um fragmento do texto, principalmente porque Braga menciona circunstâncias relacionadas ao nosso tema. Escreveu que se despedia do:

> "amigo do bar, [...] profissão espião. Só no Brasil, que eu saiba, uma pessoa pode ter publicamente uma profissão destas, andar sistematicamente armado com um verdadeiro canhão portátil, beber muito, falar baixinho porque tudo o que diz é confidencial. Sobrinho de um general que foi ministro e de um diretor de um importante jornal, funcionário da EMFA (Estado Maior das Forças Armadas), mas tão claramente espião que um agente secreto tcheco acreditou piamente nisso e prometeu lhe dar uns dólares em troca de informações reservadas. Marcaram encontro junto ao cinema Azteca, no Catete e, só quando o tcheco puxou o dinheiro descobriu que Dantinhas avisara a polícia e a imprensa, foi encanado e repatriado, o pobre tcheco".

Rubem Braga não inventou essas informações: certamente baseou-se nos

relatos de seu companheiro de copo. Então, podemos ler aqui o que o próprio Dantinhas contou durante os seus encontros em algum dos bares do Rio de Janeiro.

CAPÍTULO XX - 1963-1964: O GOLPE, ANTES, DURANTE E DEPOIS

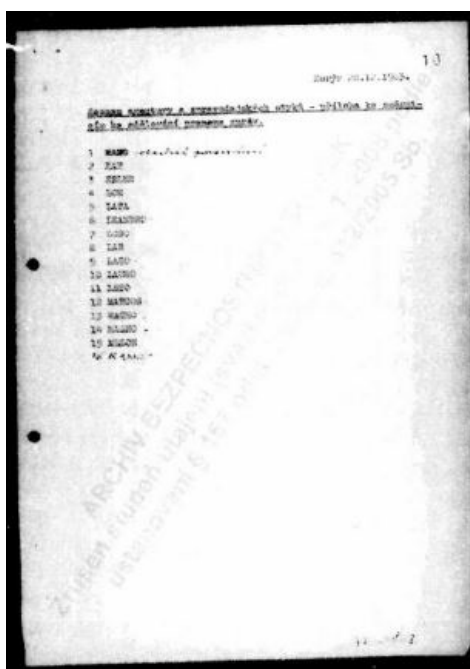
O CAPÍTULO anterior nos esclarece que 1964 foi um ano de grandes mudanças no Brasil também para o serviço de inteligência tchecoslovaco. Com os acontecimentos de 31 de março, a época de trabalho fácil dos espiões comunistas acabou. Não pretendemos, aqui, descrever o golpe militar e as suas causas ou consequências, tampouco entrar em disputas históricas avaliando as motivações dos golpistas ou a influência de outros países.

Descreveremos apenas como o serviço de inteligência tchecoslovaco reagiu, o que sabia e o que não sabia, como a Central e os residentes avaliaram a situação e, principalmente, que mudanças ocorreram no trabalho do I Departamento da StB. Temos também à disposição documentos do Arquivo Nacional tcheco apresentando uma análise para o Comitê Central do Partido Comunista da Tchecoslováquia dos acontecimentos de 1964 no Brasil, e vamos demonstrar como os acontecimentos foram vistos pelos comunistas de Praga. Eles se basearam em informações da embaixada, do serviço de inteligência tchecoslovaco e do PCB. Apresentaremos, assim, o ponto de vista de trás da cortina de ferro, sem afirmar, no entanto, que essa lente é a correta e objetiva. Relembramos novamente que todos os materiais discutidos aqui eram estritamente confidenciais até 1966 - estavam destinados a um pequeno grupo de decisões do partido e funcionários operacionais do serviço de inteligência.

Em janeiro de 1964 a *rezidentura* no Rio, assim como todas as outras *rezidenturas* da StB no mundo, recebeu de Praga uma circular[171] ordenando o uso do novo sistema de códigos que indicava as fontes das informações adquiridas. Até aquele momento os relatórios eram escritos em um estilo bem mais livre e, mesmo que fossem enviados em formato codificado, apresentavam a fonte de informação pelo nome (codinomes). A partir de então, em vez do codinome do autor, deveria ser usado um código de 5 dígitos. O primeiro dígito identificava o agente, contato secreto, contato ou figurante; o segundo, o local onde foi adquirida a informação. Vale a pena citar os dígitos e seus respectivos significados, pois isso ajuda a compreender a hierarquia dos ambientes trabalhados: 1 significa cercanias diretas ao chefe de estado (gabinete presidencial, assessores do presidente), 2 - Governo (ministros, funcionários do governo), 3 - Parlamento, 4 - Ministério das Relações Exteriores, 5 - Ministério da Guerra, círculos materiais, 6 - Ministério do Interior, serviços de segurança, 7

- Ministério do Comércio, ambiente comercial, 8 - funcionários restantes da área do governo, 9 - ativistas políticos, 10 - ativistas de partidos progressistas e nacionalistas, 11 - comunistas, 12 - funcionários de embaixadas estrangeiras, 13 - funcionários da ONU, 14 - funcionários da OTAN, 15 - funcionários da CEE,[172] 16 - funcionários de organizações governamentais internacionais, 17 - jornalistas com posição de influência e bons contatos com o governo, 18 - jornalistas menos influentes, 19 - círculos científicos, 20 - círculos da Igreja, 21 - ambiente de emigração.

O dígito seguinte, terceiro no código, determinava a credibilidade da informação na escala de 1 a 6, em que 1 significava que a informação é credível e procede de uma fonte verificada, 2 - a informação é credível e vem de uma fonte não verificada, 3 - é provável, mas é preciso verificar, 4 - é improvável, 5 - pode ser uma desinformação, 6 - a informação é baseada em documentos que serão enviados por intermédio de serviços de mensageiro.

O dígito seguinte diz respeito às consequências da notícia, ou seja: caso resulte dela alguma continuação, as tarefas devem ser realizadas. O quinto dígito deveria especificar a data de aquisição da notícia. Assim, o código completo pode ter a seguinte especificação: 5-4-1-2-13/02, significando que a informação foi adquirida pelo agente FRED (por exemplo); de funcionários do MRE; a informação é credível; favor enviar tarefas complementares. A informação foi adquirida dia 13 de fevereiro. Em dezembro de 1963 a *rezidentura* recebeu uma lista com a recomendação de identificar as suas fontes de informação.

Na passagem de 1963 para 1964 a *rezidentura* do serviço de inteligência tchecoslovaco tinha à disposição no Brasil 15 agentes e contatos secretos, ou contatos graças aos quais adquiria informações e recebia apoio às operações. Esse número não inclui a larga base de contatos que, sob condições favoráveis, podia ser usada na execução de diferentes operações ou na coleta de informações úteis.

Em outubro de 1963 foi elaborado em Praga um “Plano de trabalho para a *rezidentura* no Rio de Janeiro de setembro de 1963 a junho 1964.”[173]No início do texto está registrado que as condições de ação na América Latina “contra o inimigo principal são mais favoráveis do que nos EUA”, pois na América Latina a “situação política é bem mais amistosa, assim como o ambiente operacional”. Fora “exceções, não existem observações sobre nossos funcionários, e, quando acontece alguma observação, é algo muito raro e pontual”.

O otimismo com relação aos países da América Latina se explica pois a histeria anticomunista era muito menor que nos EUA e as populações locais tinham fortes convicções antiamericanas. Além disso, era possível trabalhar os latinos explorando seus interesses materiais, pois o nível de vida nesses países era bem inferior. Mesmo assim, consta o alerta para não banalizar a questão da “conspiração em nosso trabalho”, pois “uma tranquilidade aparente e formas primitivas de observação feitas pela contrainteligência local não significam que o inimigo principal não esteja interessado em nossas atividades”.

Neste documento foram escritos planos audaciosos de operações ativas que já estavam em atividade ou que logo começariam a ser realizadas. O documento menciona seis operações: AO LAVINA,[174] KLACEK, LIGA, JISKRA, HARLEM e MARS. O objetivo da operação KLACEK, que seria realizada em cooperação com a *rezidentura* no México, era agir contra a política exterior americana em relação ao Brasil, comprometer a CIA e os ambientes pró-americanos de direita no país. As outras AO tinham dimensões continentais e envolviam todas as *rezidenturas* na América Latina (México, Caracas, Bogotá, Rio de Janeiro, Montevidéu, Buenos Aires, La Paz, Havana e Santiago). A partir dos objetivos das diferentes operações, o serviço de inteligência nomeou uma nova organização estudantil progressista (AO JISKRA), empreendeu uma campanha contra a discriminação racial nos EUA (AO HARLEM) e atuou contra a Aliança para o Progresso[175] (AO LIGA) e os Peace Corps[176] (AO MARS).

Temos também a lista exata da rede de agentes e suas possibilidades. Em relação à atividade contra a embaixada dos EUA e contra a USIS foram engajados quatro agentes com os seguintes codinomes: Leandro, Kano, Marcos (codinome anterior Ceres) e Kat (codinome anterior Paulo). Para o trabalho junto

ao gabinete presidencial foi designado o já conhecido Leto (contato secreto), e os agentes Lata (codinome anterior Cecil) e Lago (também Willi, trabalhava na seção de códigos do MRE) na linha do Ministério das Relações Exteriores. A contrainteligência brasileira seria trabalhada pelo contato Maul e pelo agente Lobo. A este último, foi também designada a tarefa de ocupar-se da contrainteligência militar, da qual ocuparam-se também os agentes Lar e Macho. A rede de agentes selecionada para a política de influência era formada por Macho, Keler, Lar e Leto. Nesse planejamento foi feita uma análise do trabalho de três residentes em ação no Brasil: Skorepa, Peterka e Moldán. O primeiro deles estava de férias em Praga durante a elaboração do plano e passou por uma entrevista detalhada. Segundo a nota, na ocasião estava presente um assessor (representante da KGB que cumpria a função de conselheiro para o serviço tchecoslovaco) e os camaradas Borecky, Dominik, Jezersky, Skorepa, Nesvadba e Bakalár.

Borecky era o chefe da seção de Operações Ativas, Dominik era suplente do chefe da seção americana e os outros nós já conhecemos — eram residentes que conheciam bem o Brasil, trabalhando então na seção americana. Em relação ao ambiente e às ótimas condições de trabalho descritas vale a pena citar as diretivas designadas ao camarada Moldán, que recebera a ordem de retomar as relações com Lauro, com quem o serviço de inteligência trabalhara anteriormente como contato secreto. Essa colaboração foi interrompida por um ano, e agora o contato deveria ser restabelecido e aprofundado, pois a possibilidade de aproveitar Lauro para operações ativas também era levada em conta. Até o momento não confirmamos o plano de ativar o contato com Almino A[177] - segundo os documentos da StB, esse era o nome da pessoa que recebeu o codinome Lauro.

Sobre as atividades da *rezidentura* durante 1963 a Central concluiu que, em comparação ao período anterior, houve uma pequena melhora. A qualidade das informações enviadas melhorou, e até 5 de dezembro já eram 302. Para o ano seguinte foram designadas aos funcionários do serviço de inteligência tarefas que determinavam as prioridades:

1. Posições e ações políticas, econômicas e militares do inimigo principal (EUA) no Brasil e a política do governo brasileiro em relação aos EUA.
2. Influência da revolução cubana no Brasil e a política exterior do governo brasileiro em relação a Cuba. Política do governo brasileiro em relação à Tchecoslováquia e aos outros países socialistas.
3. Questões básicas da vida política do país.

4. Política de influência da República Popular da China no Brasil.[178]

Em janeiro, Praga enviou ao Rio o relatório do colaborador Mojmír descrevendo a observação de uma delegação do governo brasileiro que esteve na Tchecoslováquia (trata-se de algum agente tcheco que agia no país, e, como acompanhava a delegação de um governo, com certeza era funcionário do MRE ou do Ministério de Comércio Exterior).[179] Baseando-se nas conversas com o embaixador Barroso, Mojmír relatou que "a posição do presidente Goulart é relativamente boa, pois grande parte do exército está ao lado dele".[180] O chefe da delegação, embaixador especial Regis Bittencourt, tinha a mesma opinião.

A *rezidentura,* então, começava o ano com boa disposição, já que havia sido elogiada pela Central, possuía planos ambiciosos e a convicção de que não havia obstáculos para que os resultados fossem ainda melhores do que os do ano interior. De qualquer maneira, a situação dos espiões tchecoslovacos e sua autoconfiança notam-se também na execução da AO TORO,[181] operação que não havia sido planejada e sobre a qual encontramos menções nos relatórios dos diversos residentes na pasta de correspondência operacional de 1964.

Em fevereiro de 1964, por exemplo, Peterka relata: "AO TORO - execução: 11-14/02", e na mesma pasta há também um elogio aos espiões pela execução da operação. Tudo ia bem - bem até demais. O cumprimento desta operação, assim como a participação na AO PLAMEN, demonstra o profissionalismo do serviço de inteligência, que estava em condições de realizar não só as atividades planejadas como também de reagir rapidamente a novas circunstâncias e executar uma operação de maneira que seguisse funcionando sozinha e causando danos aos EUA sem a necessidade de ingerência dos oficiais ou dos agentes.

E verdade que a situação no país era difícil: diversas situações agravaram a luta política entre as diferentes forças, mas a StB estava convencida de que tinha tudo sob controle, de que era capaz de agir com eficácia e até de influenciar o desenrolar dos acontecimentos. Possuía uma rede de agentes bem distribuída que lhe dava acesso a informações sigilosas. Estava convencida de que, se não tivesse ambições tão grandes (como conduzir uma guerra civil, descrita no Capítulo XV durante o acionamento AO LUTA, três anos antes), teria condições de fazer o que planejava e muito mais.

O Golpe de 1964

Os acontecimentos de 31 de março a 1 de abril de 1964 foram uma surpresa total para o serviço de inteligência tchecoslovaco, assim como a já descrita desconspiração do oficial do serviço de inteligência e a detenção de seu

colaborador Mané (o jornalista da CTK, Stráfelda).[182] O golpe de estado, a derrubada de João Goulart, a facilidade com que os generais mudaram o regime político no Brasil, sem encontrar grande resistência da estrutura do governo anterior — nada disso entrava na cabeça dos analistas da Central da StB em Praga. Perguntava-se: como é possível que a *rezidentura* no Rio, tão elogiada, não sinalizou nada antes? Por que, ainda em 2 de abril de 1964, relatou que a posição de Goulart era "forte"? E isso não é tudo: no dia seguinte, a *rezidentura* questionou a vitória da reação. Somente em 5 de abril o registro da *rezidentura* expressa a suposição de que os militares "aproximam-se cada vez mais ao fascismo".

Em maio de 1964, Skorepa respondeu às afirmações de Praga que acusavam o trabalho da *rezidentura* brasileira de ser "muito fraco" nos dias do golpe. O autor tentou se explicar à Central quanto à surpresa diante do acontecimento e apresentou uma tese que refletia o ponto de vista de toda a rede de agentes, que passou ao largo tanto do golpe como de sua armação. Em um documento de 14 de maio de 1964 chamado "Respostas às perguntas da Central de 11 de maio deste ano",[183] Skorepa afirma que:

> "[...] A deposição de Goulart foi realizada diretamente pela extrema reação de círculos civis e militares, ou seja, por aquelas mesmas pessoas que realizam golpes em pequenos países centro-americanos... O fato é que nestes círculos nós não possuímos nem a nossa rede de agentes, nem contatos secretos. [...] As informações sobre as atividades da direita eram adquiridas por intermédio de políticos de círculos do governo, ou seja, eram mais ou menos distorcidas e marcadas por subjetivas impressões de autoconfiança do bloco governamental".

Temos, neste trecho, duas premissas fundamentais: a primeira diz respeito a quem estava por trás do golpe de estado e a segunda indica a ausência de fontes no bloco dos responsáveis. O que *não* aparece no primeiro ponto? Washington. Ao mesmo tempo, por outro lado, o capitão destaca a autoconfiança do bloco governante. Os americanos (centro de interesse da StB) foram, sim, mencionados na resposta do funcionário do serviço de inteligência, mas em outro contexto:

> "A *rezidentura*, no período anterior, dedicou a maior parte de sua energia no reconhecimento dos objetos do principal inimigo [...] e na execução de operações ativas. Para dizer a verdade, quanto à situação da

> política interior, só nos dedicamos excepcionalmente”.

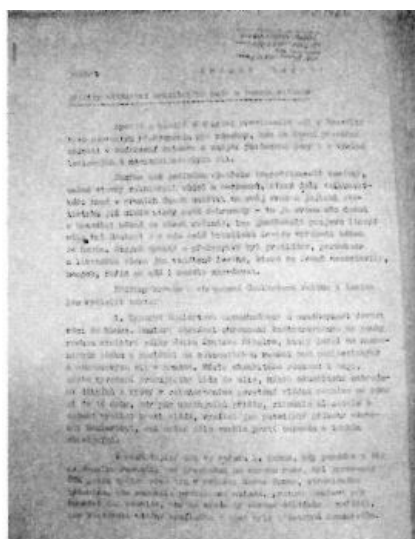
Sabemos, portanto, que os agentes tchecoslovacos se dedicaram a identificar e combater a penetração dos EUA no Brasil, mas, apesar da concentração nesse trabalho, não encontraram qualquer sinal da inspiração americana no golpe de estado. O tema vem à tona quando o capitão Skorepa chama a atenção ao fato de que a *rezidentura* já havia relatado a Praga sobre a possível deposição do presidente Goulart em julho e novembro de 1963, por causa da situação tensa no país, mas em outubro duas fontes de agentes e da imprensa entregaram que os americanos

> “não evitarão contatos com governos instalados à força, o que — afirma triunfante o residente — foi, como eu vejo agora, um apelo e uma instrução concretos e claros dos EUA para as forças armadas brasileiras”.

No entanto, como o documento revela mais adiante, Goulart sempre conseguiu resolver as coisas. Todos esses golpes preparados já “haviam virado uma rotina tal, que, de certa forma, paramos de acreditar neles”. Na opinião do autor do relatório, o presidente estava se preparando para o choque com a direita e estava ciente de que ele aconteceria, mas acreditava que cumpriria o papel de conciliador no confronto. Quando viu que a única alternativa possível contra as aspirações da direita era uma revolução esquerdista e socialista, reconheceu a sua derrota. Apenas isso pode explicar a hesitação do presidente, que, segundo o capitão do serviço de espionagem, não pôs em jogo todas as forças que podiam defendê-lo. “Até mesmo o mais forte dos exércitos sem um líder que aja de forma decisiva não possui nenhum valor” — conclui o espião. João Goulart não usou da mobilização dos sindicatos, dos sargentos, marinheiros e forças nacionalistas no exército pois temia que uma força como essa, posta em movimento, poderia dar partida a uma revolução socialista.

Em sua análise, Skorepa também chamou a atenção para o fato de que a *rezidentura* deu importância demais aos pontos de vista e opiniões do Partido Comunista Brasileiro, o que também atrapalhou na formação de uma imagem objetiva. Logicamente, “é preciso levar em conta as opiniões dos amigos, mas não se deve tratá-las de maneira acrítica. E necessário verificá-las, comparar com as opiniões da esquerda e da direita”. A *rezidentura* baseava sua opinião na forte posição do presidente Goulart, a mesma opinião dos comunistas criticada pela Central. Ao que parece, no início dos acontecimentos o próprio Prestes estava convencido de que o presidente venceria a reação. As mudanças nas forças armadas foram avaliadas erroneamente e seus “avanços democráticas” foram

supervalorizados, pois o corpo de oficiais continuava bem mais ligado aos latifúndios e ao campo do que ao progressismo das cidades. Eram, em sua maioria, reacionárias, como nos outros países da América Latina.

Nos acervos de documentos do gabinete de Antonín Novotny,[184] primeiro-secretário do Partido Comunista da Tchecoslováquia, existe uma análise elaborada para o Comitê Central com o título: "Motivos da vitória do golpe brasileiro e a situação atual".[185] Esta análise foi elaborada por um autor desconhecido, mas o fato de ter sido enviada à autoridade mais importante na Tchecoslováquia significa que foi o material com mais credibilidade na época. É certo que o autor tinha acesso tanto aos materiais da StB como a informações da embaixada e do partido comunista brasileiro. Provavelmente, foi redigido pelo agente Mané - Miroslav Stráfelda, correspondente da Agência de Imprensa Tchecoslovaca no Brasil, expulso do país em maio de 1964. Era comum a prática de correspondentes das mídias comunistas escreverem textos especiais destinados apenas a leitores selecionados — para a diretoria do partido, diretoria da agência de imprensa ou do jornal para o qual trabalhavam - com informações objetivas que, obviamente, não chegavam à opinião pública. E esse também o caso de "Motivos da vitória do golpe brasileiro...".

O documento era ultrassecreto, destinado somente à elite partidária. O estilo — quase literário — no qual foi escrito, em 9 de junho de 1964, parece confirmar a hipótese sobre o autor, assim como alguns fragmentos do material, em que o tal correspondente é citado de maneira sugestiva. No segundo período do texto, podemos ler as seguintes palavras dramáticas:

> "Praticamente sem nenhum disparo (...), sem qualquer tipo de

> manifestação da vontade do povo, Goulart, juntamente com toda a esquerda brasileira, foi nocauteado em um prazo de 24 horas. Igualmente rápidos e surpreendentes foram o contra-ataque, as perseguições e a liquidação de tudo o que era, pelo menos, levemente esquerdista...”.

Entre os motivos mais importantes do desenrolar destes acontecimentos, o autor inclui:

1. A “Hesitação típica de Goulart e a sua incapacidade de levar as coisas até o fim”, são seguidas pela descrição da reação da imprensa “(...) Em vez de uma ordem imediata para a luta, em vez de conduzir o povo trabalhador para as ruas e convocar um levante nacional, em vez de armar os trabalhadores imediatamente, a rádio do governo, até quando ali apareceram alguns oficiais e bateram no locutor, transmitia somente juramentos patéticos de lealdade a Goulart, o que não ajudou em nada o confronto contra as bazucas e tanques dos oficiais”. Em vez de irem à luta, os trabalhadores jogavam bola, acreditando que Goulart resolveria tudo por eles. Na opinião do autor da análise, esta imprudência foi uma característica de todos — inclusive dos ativistas partidários.
2. Houve uma confusão entre duas atitudes diferentes. Uma coisa era o sentimento das massas — claramente esquerdista — e outra era a verdadeira vontade e organização para a luta. Ele também culpa o partido comunista por esse equívoco, e calcula que as maiores manifestações da esquerda, em um Rio de Janeiro com 3.6 milhões de habitantes, reuniram no máximo 10 mil pessoas - foi o caso da manifestação de 1º de maio de 1963. Ao escrever o trabalho, anotou com ironia que várias vezes havia visto piquetes da esquerda em que a tribuna com os ativistas era mais numerosa do que as pessoas reunidas diante dela.
3. A base da falência da esquerda foi a sua falta de organização. “Não se podia sequer falar em derrota, pois a derrota pressupõe uma luta, e no Brasil houve somente uma tomada pacífica de poder pela direita”.
4. O regime de Goulart garantia liberdade para os dois lados, e a esquerda (PCB, UNE, CGT, frente parlamentar nacionalista, Ligas Camponesas e Brizola), que tinha possibilidades de se organizar e tinha o apoio silencioso do governo, brigava entre si pelo posto de liderança em vez de fazer um trabalho efetivo de organização. Um exemplo da indisciplina fundamental é nenhuma reunião partidária começar no horário marcado. O atraso costumava ser de duas horas: metade das pessoas já haviam saído, enquanto a outra metade estava chegando. Essa estava longe de ser a mesma capacidade de

organização do Partido Comunista da Tchecoslováquia, que, em fevereiro de 1948, efetuou o golpe de estado com bravura.

5. O “deslocamento militar de forças” falhou. Goulart subestimou o papel dos oficiais nas forças armadas, e, através de sua atitude pouco decisiva, fez que as forças armadas também não ficassem a seu lado de forma decisiva.

Além desses quatro pontos, o autor do relatório também fez referência às possíveis influências externas:

> “No exílio, Goulart disse que as influências estrangeiras cumpriram um papel decisivo. Eu acho que essa é uma desculpa barata para ele e para a esquerda, mesmo que o tema certamente existisse. As condições externas sempre agem através das internas. Caso — assim como os informantes nos garantiam o tempo todo — uma massa de 40 milhões de brasileiros levantasse para a luta, os truques diplomáticos do exterior não serviriam de nada. Dizem que, nos dias críticos, funcionários da embaixada americana caminharam pelas ruas e ofereceram aos oficiais maços de dezenas de milhares de dólares para que passassem para o lado da reação. Talvez tenham sido feitos outros movimentos mais elaborados, sobre as quais ainda não se sabe. Mas é fato que os motivos principais devem ser procurados na situação interna”.

A falta de decisão e de vontade para a luta são também descritas no seguinte fragmento:

> “Enquanto o governador Lacerda construiu uma barricada em seu palácio com a ajuda de veículos para transportar lixo e com dois revólveres e uma pistola automática, permanecendo ali com a sua Secretária de Serviços Sociais, Sandra Cavalcanti, durante 52 horas, a fortaleza-chave Copacabana, leal a Goulart, foi conquistada da seguinte maneira: aproximadamente às 15 horas chegou ali, de *Volkswagen*, um subcoronel, sozinho. Desceu do carro com um revólver na mão esquerda, com a direita deu um tapa no rosto do soldado que estava de guarda, entrou, entendeu-se com os oficiais e... a fortaleza caiu. Este foi um sinal para os oficiais do I Exército, para que passassem para o lado da contrarrevolução”.

Na parte seguinte do relatório existe uma observação referente à estrutura do novo governo, que naquele momento ainda não estava completamente

estabelecida. O autor incluiu entre os inspiradores do golpe o governador Magalhães Pinto (Minas Gerais), e não falou muito bem da polícia, que começou a perseguir a oposição de esquerda. Um acontecimento exemplifica a incapacidade dos policiais:

> "A polícia política é composta de analfabetos políticos! Em 30 de abril foi preso Ribeiro, um vendedor de livros do Rio de Janeiro, porque tinha em sua loja um livro antissoviético chamado: *Em cima da hora,* traduzido pelo próprio Lacerda. Ele foi preso porque na capa do livro havia o martelo e a foice".[186]

O autor mencionou também o Congresso, que era "um antro de palhaços, segurando a todo o custo os seus mandatos de deputados sendo que ninguém se interessava pela opinião deles". O relatório também não poupou os militares: Castello Branco é um "tagarela que gosta de assistir televisão e ler a biografia de Napoleão". Mesmo com o seu discurso vazio de democracia, "uma verdadeira ditadura militar-policial vem dominando o país", que, no congresso e nos parlamentos, legalizou os antigos adeptos de Goulart, capazes de denunciar até mesmo os amigos para manterem os próprios mandatos. Se houvesse um Nobel de delação, o Brasil, em 1964, certamente venceria, pois "todos denunciavam a todos com afã", afirma o autor do relatório. Baseando-se em suas experiências com a política brasileira, o autor não deseja prever o que acontecerá adiante e qual será o desenvolvimento do regime militar.

Em 2 de abril, no maior jornal tchecoslovaco da época, o partidário *Rudé právo*, foi publicado um extenso relato sobre o golpe, no qual provavelmente o próprio autor sugeriu que "Washington fornece apoio material e moral aos adversários de Goulart e que os EUA receberiam com alegria a sua

derrubada".[187] Neste artigo também se fala sobre o cerco ao palácio do governador Lacerda. Vamos citar o fragmento para ter uma comparação entre o que foi escrito na Tchecoslováquia para o primeiro-secretário do partido governante e o que foi escrito para os "reles mortais":

> "Unidades da infantaria naval, leais ao governo, cercaram o palácio do governador de ultradireita do estado da Guanabara, dr. Lacerda, protegido pela polícia militar. Lacerda é um dos iniciantes do levante anti-governo no Rio de Janeiro".

No lugar de um governador solitário com a sua secretária, dois revólveres e uma pistola automática, temos aqui a polícia militar. Ainda segundo o relato publicado no jornal, o Partido Comunista Brasileiro fizera o seguinte chamado para o povo:

> Em face à séria ameaça ao país, os comunistas convocam a todos os brasileiros a esmagar energicamente os grupos golpistas. Chegou a hora da união de todos os patriotas, que dará ao povo brasileiro a possibilidade de acabar com a reação e impor os seus postulados básicos".

É possível compreender, então, por que o relatório para o primeiro-secretário do Partido Comunista da Tchecoslováquia era ultrassecreto. Voltemos à fonte do serviço de inteligência. Mesmo com o estranho golpe de estado aconteceram mudanças decisivas. O ambiente de trabalho dos agentes passou de amistoso a hostil. A junta militar brasileira não se comparava aos regimes totalitários comunistas, e seus métodos de repressão, aos olhos de um observador do leste comunista, eram parciais, para não dizer leves e até cômicos. Mesmo assim, esses métodos conseguiram não só derrotar os adversários políticos, mas, principalmente, mudar totalmente o curso do país.

Quanto ao caso de traição do agente Lobo e de sua consequente desconspiração, vimos que os órgãos da polícia desferiram um golpe desajeitado, mas certeiro, contra a StB. Durante certo tempo o trabalho do serviço de inteligência tchecoslovaco ficou totalmente paralisado devido a alguns fatores: desde 9 de abril a junta começou a anunciar decretos especiais (Atos Institucionais), a partir dos quais muitos políticos da esquerda foram privados de seus direitos políticos, e essas "limpezas" atingiram todas as esferas da vida pública. No Ato institucional n° I foram citados e eliminados, logo na primeira fila, Luiz Carlos Prestes, secretário-geral do PCB; e os antigos presidentes João Goulart, Jânio Quadros e todo um grupo (cem nomes ao total) de importantes

políticos e ativistas, entre os quais colaboradores diretos ou apenas informantes, como Raul Ryff, General Gonzaga (não colaborou diretamente, mas participou da AO DRUZBA), Jesus Soares Pereira, Francisco Julião e Hélio Victor Ramos (estes também não colaboraram, mas a StB manteve contato e os utilizou).

A própria *rezidentura* no Rio elaborou, para a Central em Praga uma lista,[188] na qual foi visualizada a situação dos contatos após o golpe:

> "três encontram-se na embaixada iugoslava (LETO, LAURO, LOSADA — esperam asilo político e deixar o país), o novo contato LENCO — por enquanto, sem problemas; Joffily — preso e, a seguir, liberado; Maria da Graça — na embaixada iugoslava; Ramiro Martins Pereira — liberado, mas local de estadia desconhecido; Geraldo Renha — liberado; deputado Rubens Paiva — privado dos direitos, local de estadia desconhecido; igualmente para: Adahil Barreto, Artur Lima Cavalcanti, Henrique Lima; Guerrero Ramos — privado de direitos, local de estadia desconhecido".

O mesmo acontecera com a maioria dos contatos legais, e a necessidade de encontrar conhecidos novos passou a ser urgente. Nesta lista, aqueles que tinham escrito o nome verdadeiro eram contatos, pessoas que não estavam conscientes de terem se comunicado com funcionários do serviço de inteligência; quando eram mencionados codinomes no relatório da *rezidentura*, a pessoa provavelmente colaborava de forma consciente. Em 2 de abril, Praga ordenava à *rezidentura* que se ocupasse em ocultar documentos, destruir os desnecessários e preparar os restantes para destruição imediata se fosse preciso.

Diferentemente dos anos anteriores, não só os espiões do serviço de inteligência passaram a ser perseguidos pela contrainteligência brasileira: praticamente todos os funcionários da embaixada tchecoslovaca no Rio e em Brasília estavam sob suspeita. Em maio, o capitão Skorepa escreveu em seu informe:

> "[...] após a vitória do golpe direitista, houve uma significativa piora das condições de trabalho no Brasil. Prisões de políticos, sindicalistas, estudantes, soldados, [...] tudo isso causa um clima de medo entre os brasileiros, principalmente entre a burguesia e entre os funcionários públicos, assim como temor em ter contato com funcionários de embaixadas de países socialistas".[189]

Após o escândalo com Peterka, a Central proibiu qualquer operação e o trabalho ofensivo com agentes da StB no Brasil foi completamente interrompido.

Porém, já em junho, através do chefe da seção americana Cada, a Central especificou um pouco melhor as suas recomendações, tranquilizando os apavorados espiões no Rio de Janeiro:

> “A proibição de atividades operacionais [...] não significa que o trabalho da *rezidentura* será totalmente interrompido. Agora é necessário concentrar-se na realização de Inteligência de Fontes Abertas e desenvolver contatos, principalmente entre os diplomatas da América Latina... É preciso dedicar muita atenção às questões de ligação, verificação de perseguições, controle de roteiros e rotas de fuga”.[190]

A *rezidentura* também precisou reavaliar a sua rede de agentes e fazer uma análise das condições e perspectivas dos diferentes colaboradores para garantir mais segurança. Decidiu-se, então, interromper a colaboração com os seguintes agentes:[191] Lar (por suspeita de colaboração com a contrainteligência militar brasileira, segundo informações do PCB), Kat (pois tem medo e é incerto como Lobo), Lata (tem objeções sobre a colaboração conosco), Keler (pois é membro do PCB e já havia sido destinado ao congelamento), o figurante Lauro (privado de direitos, fugiu) e Leto (privado de direitos, fugiu). Por outro lado, ficou decidido que logo seria feito um contato cuidadoso com Macho, Kano, Lago, Magno.

As recentes e aperfeiçoadas condições de trabalho fariam que fosse mais fácil convencer os novos colaboradores ou informantes a respeitar os princípios da conspiração. Também seria preciso levar em conta que “o agente provocador LOBO revelou os nossos métodos de trabalho”,[192] por isso era necessário mudar o esquema de encontros entre os agentes. O chefe da seção americana propôs que fossem realizados somente após uma verificação adequada do trajeto até o local; em seguida, seria estabelecido o contato visual, e então o colaborador deveria seguir o oficial condutor até o local do encontro. Esses locais de encontro seriam de preferência fora das capitais. Sem dúvida, passariam a ser menos frequentes.

Era preciso elaborar novas formas de fazer ligações telefônicas, como já havia sido testado na colaboração com o agente Lago (ligação UKF e técnicas para escrita secreta). O Brasil tornara-se um ambiente igual aos países capitalistas desenvolvidos e hostis para o trabalho do serviço de inteligência, e já não era possível manter as práticas dos tempos de Goulart, quando um funcionário podia fazer várias atividades no mesmo dia. Cada ação individual deveria ser organizada com esforço e exatidão. À *rezidentura* cabia preparar uma

quantidade muito maior de roteiros de verificação, nos quais seriam determinados pontos de controle verificados por outros membros após o fim da ação. Se, durante o encontro, houvesse entrega de materiais, era indispensável garantir a segurança com outro membro da *rezidentura*. Um dos colaboradores deveria cumprir a função de isca para a contrainteligência, ou seja, não seria engajado operacionalmente, mas teria a função de manter contatos de cobertura para desorientar a contrainteligência e desviar a atenção dos funcionários operacionais, "mesmo se tivermos que pagá-lo somente para isso".

No documento chamado "Continuação das atividades da *rezidentura* e movimentos indispensáveis para a execução de trabalho de inteligência no Brasil", o capitão Cada também apresentou conclusões que levaram em conta as lições dos acontecimentos do outono.

> "A nova situação no Brasil não significa uma mudança radical na concepção do nosso trabalho nesse país. No entanto, é preciso dividir proporcionalmente a atenção da *rezidentura* e direcioná-la tanto sobre o inimigo principal como sobre a observação da situação política no país".

Ele concluiu que, a partir de então, o trabalho de inteligência tomaria mais tempo e exigiria um reforço: "a realização direta de operações ativas na situação atual do Brasil é impossível", devido a "política de repressão dos golpistas, que consiste na limitação da imprensa e na eliminação de deputados nacionalistas do parlamento". Mesmo assim, Cada defende a ideia de levar a AO LAVINA a uma finalização bem-sucedida, pois o agente Macho convencera o seu órgão condutor de que isso era possível (como já vimos no Capítulo XVII, a operação não foi bem-sucedida).

É possível identificar os novos recursos de precaução nas recomendações de 22 de julho de 1964 enviadas ao Rio pela Central na ocasião da chegada do camarada Pomezny. A Central determinou que ele deveria residir na própria embaixada, no segundo ou quarto andar. Não poderia morar em nenhum prédio próximo e em hipótese alguma deveria ocupar o apartamento em que morou o camarada Peterka, pois ali podia haver escutas telefônicas ou vizinhos colaboradores da contra brasileira. A Central também ordenou que o apartamento fosse "mobiliado com móveis bem mais apropriados — de maior nível do que aqueles que os funcionários da embaixada tem à disposição". A justificativa para isso foi que ali ele receberia os seus contatos. Foi ordenado, então, que a *rezidentura* levasse os móveis do apartamento do camarada Peterka para o novo local de Pomezny, e ele chegou ao Rio em setembro de 1964,

acompanhado de mais um oficial do serviço de inteligência, o primeiro-tenente Tacner.

Pomezny permaneceu no posto até 1969, e seu "Plano individual de preparação" expõe o processo através do qual foi preparado para o trabalho no exterior: teve de estudar intensamente a Língua Portuguesa, passar em um exame e, ainda em Praga, fazer contato com estrangeiros para praticar o idioma. Participou de um treinamento técnico para aprender a usar aparelhos do trabalho de espionagem, estudar a documentação sobre o inimigo principal e sobre as operações ativas, estudar as pastas dos agentes que lhe seriam entregues pelo residente anterior e as dedicadas à embaixada dos EUA e a USIS no Brasil. Foi necessário também efetuar certas preparações para sua legalização. Como ele iria trabalhar na embaixada como representante comercial, teve de fazer um curso do Ministério de Comércio Exterior, dominar detalhadamente a problemática da economia brasileira e das relações comerciais com a Tchecoslováquia, assim como toda a esfera social e política do país. As preparações básicas de espionagem deste oficial já haviam sido feitas há muito tempo.

Ainda não mencionamos a preparação da reação contra os militares pelos comunistas brasileiros. No dia 7 de abril, a *rezidentura* no Rio recebeu através da embaixada a informação de que o Partido Comunista Brasileiro pretendia iniciar um levante armado dia 9. A notícia foi dada a um dos funcionários por um homem de ligação de codinome Jesse, que não era relacionado com o serviço de inteligência e de quem não temos certeza da identidade (provavelmente trata-se do chofer da embaixada, empregado na função por recomendação de Prestes).

Ao avaliar a situação no Brasil após o golpe, o Comitê Central do PCB estava convencido de que as principais forças esquerdistas nos sindicatos e nas forças armadas permaneciam intactas e decididas a lutar. Um dos primeiros atos da revolta seria um ataque ao palácio de Lacerda e um bombardeio ao Forte de Copacabana nas proximidades da embaixada tchecoslovaca. No relatório da *rezidentura* para Praga estava esclarecido que a pessoa de ligação era verificada e que sua informação deveria ser levada a sério (ao que parece, o autor da mensagem em nome do Comitê Central era Marighela). Em 12 de abril, Praga foi informada do adiamento do levante por tempo indeterminado, pois os comunistas ainda estavam se articulando em alguns estados. Através da análise das fontes tchecoslovacas não é possível discutir as chances reais de organização de uma revolta como essa ou discutir a questão de maneira confiável. Encontramos no arquivo apenas as duas menções acima.[193]

Para obter um panorama mais completo é preciso olhar além das fronteiras do Brasil, já que grande parte da representação política deposta pelos militares imigrou a países próximos para tentar lutar de longe. O serviço de inteligência

tchecoslovaco se esforçou para monitorar esse movimento e, em dezembro de 1964, o camarada Moldán elaborou um relatório intitulado “Emigração brasileira”,[194] revelando que o núcleo desse grupo estava em Montevidéu, mas havia também grupos menores, pouco importantes, espalhados em outros países da América do Sul, México e Europa. Segundo Moldán, a emigração estava dividida em dois blocos principais: o maior concentrou-se ao redor do antigo presidente, e o outro, de Brizola - ambos na capital uruguaia, e o segundo muito mais expressivo, apesar de menor.

> “O programa de Brizola é organizar unidades de guerrilheiros nos territórios menos habitados do Brasil. Ele pretende, através de sabotagens e do terror, provocar o caos no país, e, ao surgir uma oportunidade apropriada, voltar ao Brasil, ficar pessoalmente à frente de algum dos grupos de guerrilheiros mais importantes e iniciar uma campanha armada aberta contra o atual governo”.

O capitão Moldán afirmou que inicialmente havia um forte conflito entre os dois blocos e que Brizola acusava Goulart de hesitação, oportunismo, falta de decisão e covardia - características que facilitaram o triunfo da direita. Estava convencido de que Goulart não podia voltar ao comando do país. Porém, nos últimos tempos, houve uma certa união entre os dois blocos, que chegaram a uma metodologia comum cujo objetivo era restabelecer o estado anterior ao golpe. O movimento de emigração tinha poucos recursos financeiros, mas, mesmo assim, Brizola era tratado pelo governo atual como uma séria ameaça e a Igreja Católica usava o seu nome para assustar os crentes comuns.

O levante organizado pelos refugiados políticos deveria estourar em 26 de novembro de 1964, mas o serviço de informações do exército descobriu esses preparativos e o mensageiro de Goulart foi preso na tentativa de passar pela fronteira. Moldán achava que o general Kruel também estava envolvido com o levante, pois, após a descoberta dos planos e da prisão de centenas de pessoas, ele tornou-se um forte propagador da “união ao redor da revolução e do presidente Castello Branco”.

Segundo o autor do relatório, outras circunstâncias a repentina morte do general Teles ou o desaparecimento do coronel Kardeck — parecem confirmar as suspeitas de que eles participaram das preparações da conspiração, que foi descoberta e eliminada desde a raiz pela inteligência militar. Assim, o capitão do serviço de inteligência tchecoslovaco chegou à conclusão de que as chances de sucesso da emigração em ações deste tipo eram nulas, pois o fator decisivo que ela deveria enfrentar, o exército, estava consolidado e forte, mesmo com as

diferenças interiores. A fonte dessas informações foi Lenco (colaborador secreto sobre o qual falaremos no Capítulo XXI), além de observações do contexto e a própria imprensa.

Nos materiais da StB está mencionado o papel e influência dos EUA sobre esses acontecimentos, mas tratam-se de suposições com uma coloração ideológica - faltam fatos. A partir da leitura dos documentos do arquivo de Praga constatamos que os EUA estavam satisfeitos com o desenrolar dos acontecimentos, com a derrubada do governo esquerdista e com o regime militar brasileiro, porém não há indicações de sua participação direta na preparação e no andamento do golpe. Tanto as fontes comunistas como as do serviço de inteligência da Tchecoslováquia revelam motivos internos como principais condutores da mudança de regime. Por outro lado, é preciso reconhecer que a StB não foi capaz de se infiltrar nos círculos em que foi preparado o golpe: o reconhecimento era muito bom, mas pendia para o lado esquerdo e nacionalista da cena política. Suas fontes eram diretamente próximas ao presidente, no parlamento; mas distantes das forças armadas e da direita.

Uma coisa é certa — a revolução brasileira (usando o termo dos militares) significou uma séria censura ao trabalho do serviço de inteligência tchecoslovaco no maior país da América Latina e nada mais foi tão fácil como antes. O forte curso anticomunista do novo governo não prejudicou muito as relações diplomáticas e econômicas entre Brasil e Tchecoslováquia, mas influenciou decididamente e de forma negativa nas condições de trabalho da StB. O golpe e suas consequências - a descoberta do residente Peterka, a eliminação da vida pública e emigração de colaboradores e contatos, o medo dos agentes não descobertos - abalaram seriamente a rede de agentes, que teve de ser reconstruída.

É possível, então, dividir a atuação da StB no Brasil em dois períodos: antes e depois de 1964. Como veremos nos capítulos a seguir, o serviço de inteligência tchecoslovaco não ficou totalmente paralisado e o estado de desorientação durou somente até a primavera de 1964. Porém, no Brasil governado pela direita, os agentes teriam de trabalhar dobrado.

CAPÍTULO XXI - AGENTES E MAIS AGENTES

EM NOSSO livro já apareceram codinomes de diversos agentes e colaboradores secretos do serviço de segurança tchecoslovaco no Brasil. É hora de nos aproximarmos deles para descrever, pelo menos em resumo, sua história de colaboração com a StB. Até agora, citamos agentes recrutados nos anos 50 que permaneceram no serviço até a década seguinte. É preciso lembrar que apresentamos informações a partir dos arquivos da StB, o que significa que era o próprio serviço de inteligência tchecoslovaco que tratava essas pessoas como *agentes*. Provavelmente era esse o caso, mas apenas com informações unilaterais não podemos chegar a conclusões objetivas.

As informações a seguir são um resumo das volumosas pastas. Depois de nossas buscas no Arquivo do Serviço de Segurança em Praga é possível afirmar que conhecemos quase toda a lista de colaboradores brasileiros da polícia política secreta tchecoslovaca, mas o tema exige mais pesquisas. A seguir, apresentamos uma parte da lista.

SEF (em português: Chefe)

Pasta de número de registro 39697. É um caso um pouco excepcional, pois estava desde 1954 na Tchecoslováquia. Trata-se de Fernando Nilo de Alvarenga, nascido em 2 de outubro de 1908. Foi embaixador do Brasil em Praga até 1959. Sua pasta no arquivo ABS é bastante rica em materiais, pois desde o começo a StB lançou a rede sobre ele e monitorou a sua estadia no país. Foi submetido a uma vigilância rigorosa que registrou fatos comprometedores que possibilitaram seu recrutamento informal por ameaça. Chefe estava sem saída, e por isso forneceu diversas informações ao serviço de inteligência. No fim, os mesmos fatos comprometedores (tratava-se de uma questão de comportamento) chegaram aos superiores do embaixador, e, após voltar de seu posto, Chefe foi silenciosamente afastado do Itamaraty — o que fez as suas possibilidades para o serviço de inteligência despencarem a zero.

WILLI (Lago)

Pasta de número de registro 41672. Um dos mais desmoralizados colaboradores na StB que encontramos durante as pesquisas. Iniciou a carreira

diplomática no mesmo lugar em que SEF encerrou a sua: na embaixada brasileira em Praga nos anos 50. Foi inicialmente trabalhado pelo II Departamento (1956-1958) e, de 1958 até 1967, pelo I Departamento - o serviço de inteligência. O seu caso, assim como o de Chefe, foi relatado no Comitê Central do Partido Comunista da Tchecoslováquia (no Arquivo Nacional em Praga também existem documentos sobre ele).

KANO

Pasta de número de registro 42161. Trata-se do já descrito agente Aragon,[195] depois Kano.

Os documentos apresentados atestam que Kano era uma pessoa conhecida e que colaborou com o serviço de inteligência da StB de 1958 até 1968/69. Seu verdadeiro nome era Antonio Luiz Fernando d'Araújo, nascido em 6 de setembro de 1930.

A sua pasta é bastante extensa e não é possível apresentar aqui todo o conteúdo. Kano era geólogo, funcionário da Petrobrás e nacionalista convicto. Foi recrutado em junho de 1958 pelo camarada Moldán. Desde 1956 tinha contato com seu oficial condutor — frequentava a embaixada para pegar o boletim publicado por ali. Depois, o contato foi mantido, já fora do prédio da missão diplomática. Moldán construiu um laço forte de amizade com ele. Inicialmente, dava-lhe presentes pelas informações fornecidas, mas com o tempo Kano começou a exigir uma pensão mensal de 100 dólares para poder cobrir os gastos relacionados à busca e manutenção de atividades de contato. Até 1966, participou de 325 encontros com oficiais do serviço de inteligência. O valor gasto com o agente até 1966 foi de 7.894.695 cruzeiros e 4.249 dólares americanos. Durante a sua carreira, trabalhou na Petrobrás, no gabinete

presidencial em prol da campanha presidencial do General Lott, no Conselho Nacional do Petróleo, no Ministério de Combustíveis e Energia, no Instituto Superior de Estudos Brasileiros[196] e, após o golpe, na Fundação Getúlio Vargas. Foram adquiridas dele informações sobre o movimento nacionalista e sobre a Petrobrás.

Nos anos 60 ele foi direcionado às atividades antiamericanas, pois, na época, tinha uma amante que possuía relações com uma das instituições americanas no Brasil. Em 1964, Kano trabalhou para os tchecos o colaborador secreto Lymo, recrutado no ano seguinte. Nessa época, teve outra amante também interessante para o serviço de inteligência. O golpe não interrompeu a colaboração de Kano. A StB possuía muitas dúvidas se ele a estava enganando e se não estava colaborando com a contra brasileira, mas as informações fornecidas por ele em 1965 relacionadas ao plano dos EUA em formar unidades militares pan-americanas foram positivamente avaliadas. A informação, no início, foi considerada falsa, mas com o tempo foi provada, e a partir desse dado foi organizada a operação ativa PANAR, uma das melhores operações ativas daquele ano segundo o ministro do interior.

Kano entregou documentos importantes do MRE fornecidos por Lymo e, segundo o relato do oficial Skorepa, participou da AO TORO, garantindo a publicação da notícia sobre a misteriosa morte de um diplomata americano no Rio de Janeiro. A colaboração com ele foi interrompida quando, na opinião da Central, surgiram dúvidas demais em relação ao seu comportamento.

LYMO

Pasta de número de registro 44280. Agente recrutado sob falsa bandeira, ou seja, não sabia que havia sido recrutado pela inteligência da Tchecoslováquia, mas sim, pensava estar a serviço de outra organização. Verdadeiro nome: Jadiel F. de O. Nascido em 1937. (provavelmente a data está errada; foi fornecida por Kano e nunca foi verificada pela StB). Não tinha noção de que as informações retiradas do MRE, onde ele trabalhava, chegavam ao serviço de inteligência estrangeiro, pois Kano, que o convenceu a esta atividade, incutiu nele que eram destinadas para uma certa organização nacionalista brasileira. Os relatórios e informações, que o serviço de inteligência tchecoslovaco recebeu de Lymo por intermédio do agente Kano, referiam-se principalmente à presença americana no Brasil e aos acordos entre os dois países. Os analistas da StB afirmaram que estas informações não eram muito valiosas. Segundo Kano, Lymo foi recrutado em 1965 e dois anos depois, os funcionários da *rezidentura* (Pomezny) fizeram contato direto com esse agente, mas tratavam-se somente de encontros legais,

com o objetivo de confirmar alguns fatos. A pasta deste agente é encerrada sem as notas de costume que informam sobre o envio para o arquivo. Ou está incompleta por causa de algum descuido burocrático de trabalho, ou foi interrompida de repente pelo caso ter sido entregue a outra pessoa.

Seja como for, ao tentar avaliar esta história, podemos afirmar, que Jadiel Ferreira de O. não foi um colaborador consciente da StB, mas sim, levava informações para o seu amigo, que lhe convenceu de que são destinadas para uma organização nacionalista de nome não mencionado. Não sabemos se o dinheiro, que Kano recebeu alegadamente para LYMO, realmente chegou até este agente. A StB não teve condições de verificar isto. A maioria dos dados entregues por KANO foram verificados e considerados como sendo de acordo com a verdade.

MARCOS (anteriormente Ceres)

Pasta de número de registro 43413. Foi conduzido de 1959 a 1970. Verdadeiro Nome: José Gonçalves C., nascido em 26 de maio de 1925. Foi trabalhado desde 1959 como figurante e, a partir de 1961, já tinha consciência de que as informações que ele adquiria eram entregues a um órgão oficial da República Socialista Tchecoslovaca. Trabalhou no Conselho de Coordenação das questões de abastecimento na Confederação Nacional da Indústria. Era economista de convicções progressistas e antiamericanas. Nesvadba, oficial do serviço de inteligência, o conheceu em 1959 sob uma cobertura de consultas econômicas.

Marcos aceitou somente presentes materiais pela colaboração e entregou uma série de informações importantes de caráter econômico-político. Foi recrutado em 16 de abril de 1962, no restaurante Bem, em Copacabana, Rio de Janeiro. A descrição das características do agente pelo oficial do serviço de espionagem o aponta como muito inteligente, trabalhador, com forte sentimento de responsabilidade, exato e que cumpre as promessas. Graças ao seu trabalho no Ministério do Planejamento após o golpe, tinha acesso a diversas instituições estatais, como a seção econômica do MRE, CNI, Ministério da Indústria e Comércio; portanto, pôde entregar informações e contatos interessantes. Na pasta também há uma lista de presentes: bijuteria para a esposa, discos gramofônicos, licores, cigarros. No fim dos anos 60, as suas possibilidades para o serviço diminuíram devido a sua pouca combatividade - esforçava-se muito pouco para conquistar um emprego melhor, como cobrava seu órgão condutor. Ele era mais aproveitado para consultas sobre questões econômicas. Em 1970, recebeu pelos serviços 9 garrafas de uísque, 14 pacotes de cigarros americanos, 2

licores, 2 conhaques, charutos holandeses e fumo. Durante todo o período de colaboração foram contabilizados 180 encontros. Em 1970, a Central determinou a interrupção de sua colaboração.

LEANDRO (anteriormente Arab)

Pasta de número de registro 40955.

Conduzido pela StB de 1955 até 1965. Nome verdadeiro: Luiz de Vasconsellos. Segundo informações da StB, era descendente de portugueses. Conheceu o residente do serviço de inteligência em 1952. Era redator do Diário de Notícias e *Conjuntura Econômica.* A partir de 1955 deveria fornecer informações econômicas em troca de dinheiro. Na época em que foi adquirido, era membro do PCB — inativo, segundo ele mesmo garantiu. Porém, em seguida e por esse mesmo motivo, a colaboração com ele foi interrompida durante um certo tempo, e depois foi retomada. Até 1966 foram pagos a ele mais de 370 mil cruzeiros, quase 620 mil francos franceses (durante a sua estadia de estudos em Paris), 43 mil liras italianas, quase mil coroas tchecoslovacas e 500 dólares americanos. A partir 1965, trabalhou em El Salvador como diretor da filial FAO e o contato foi perdido. Sua pasta foi arquivada em 1970.

KAT (anteriormente PAULO)

Pasta de número de registro 42989. Brasileiro, jornalista do *Última Hora, Diário Carioca* e O *Estado de São Paulo.* Nascido em 18 de janeiro de 1927, verdadeiro nome: Roberto Plassing. O contato foi feito em 1958, em uma

conferência de imprensa organizada pela embaixada tchecoslovaca no Rio de Janeiro. Participou da publicação de artigos escritos por seu oficial condutor. Foi recrutado no início de 1961, e tinha interesse no dinheiro. Antes de tornar-se agente colaborou em operações ativas, na AO ONASIS, por exemplo. Em 1960, o oficial condutor o caracterizou como "cuidadoso, sabe que o contato conosco é perigoso. Não é tão idealista para arriscar a sua carreira de graça". Era necessário lhe pagar. Mais tarde, entrou num emprego lucrativo no sindicato americano da indústria de carnes FRIO, e graças a ele pôde cumprir tarefas relacionadas ao inimigo principal. Começou a ganhar muito bem, o que enfraqueceu a sua relação com o oficial condutor e com as tarefas.

Na pasta do agente, conduzida de 1959 a 1965, a "conversa ideológica" entre o condutor e seu agente brasileiro chamou a atenção. Este documento revela o modo de persuasão dos funcionários do serviço de inteligência e a confusão na mente dos brasileiros no que diz respeito às opiniões progressistas da época. O agente Paulo foi recrutado em 16 de dezembro de 1960, no bar Maxim, no Rio de Janeiro. Foi um agente muito útil, que forneceu materiais de valor, graças ao qual o serviço de inteligência empreendeu uma série de operações ativas. Como fora persuadido a colaborar por causa do dinheiro - não era um defensor convicto do comunismo - a sua moral não estava fora de suspeita.

O agente Paulo nem sempre aparecia nos encontros com o órgão condutor (camarada Jezersky), e essas faltas sinalizavam a sua hesitação, o que poderia causar grandes consequências. Nessas ocasiões, o órgão condutor tinha a possibilidade de marcar um encontro seguinte, e o fazia da seguinte maneira:

> "O órgão condutor (OC) desenha com um giz branco um círculo no poste diante do prédio n° 525 na Rua Visconde Pirajá (no Rio), a uma altura de 150 cm acima do solo. O poste é preto, metálico, encontra-se do lado esquerdo da saída do prédio n° 525. O círculo é desenhado de maneira que a pessoa que está saindo do prédio veja o sinal sem a necessidade de contorna-lo. Este sinal significa que o encontro será no dia seguinte, às 12h30, no restaurante Dom Cicillo".

Em março de 1961, Paulo faltou a algumas reuniões. Ignorou até mesmo as que foram estabelecidas através do desenho. Em abril, finalmente houve um encontro, e o órgão condutor justificou-se dizendo que havia chovido muito naqueles dias e os sinais haviam sido apagados. O funcionário do serviço de inteligência percebeu a gravidade da insubordinação do agente e decidiu fazer com ele um treinamento ideológico-político. Isso era parte das obrigações do OC — sua tarefa consistia não só em adquirir informações secretas e realizar política

de influência através dos agentes, mas também educá-los politicamente.

O camarada Jezersky (codinome OC, nome verdadeiro: Frantisek Vacula) relata adiante que, devido à insubordinação do agente, decidiu dedicar o encontro de 7 de abril de 1961 "exclusivamente para conversar". Vale a pena citar a descrição desta conversa e a argumentação do funcionário do serviço de inteligência (esforçamo-nos para manter, na tradução, a expressão exata do oficial, incluindo a sua estilística específica):

> "Preciso ainda esclarecer algumas outras circunstâncias. É verdade que o agente PAULO é jornalista e trabalhou para três jornais, mas precisou de muito dinheiro para manter duas casas, a ex-esposa, as crianças em um internato caro e ainda as suas amantes".

Para esclarecer: ter amantes era comum no Brasil e não era motivo para comprometer as pessoas. Paulo trabalhava em alguns empregos e, como precisava de muito dinheiro, aceitou colaborar com o serviço de inteligência tchecoslovaco, pois, pelos textos que o OC lhe mandou publicar (várias vezes ele recebeu teses prontas do OC ou até mesmo textos inteiros) recebia, de fato, pagamento dobrado — do jornal e do serviço de inteligência. O agente teve de assinar os pagamentos recebidos — o serviço de inteligência exigia isso não só para possuir algo comprometedor em relação ao agente, mas também para o seu controle de gastos.

Durante a colaboração com o agente houve uma mudança de percurso. Inicialmente, Paulo cumpria de bom grado as tarefas para a StB, pois precisava de dinheiro; porém, como vimos, ganhou um posto importante em um truste americano que exercia atividades no Brasil, como chefe da seção de imprensa. O novo emprego de Paulo era muito interessante para o serviço de inteligência tchecoslovaco pois se tratava de uma empresa americana - o território do inimigo principal. No entanto, seu alto salário fez que ele deixasse de depender dos pagamentos adicionais do camarada do país socialista e passasse a menosprezá-los. O camarada Jezersky percebeu o que estava acontecendo e decidiu partir para a influência ideológica, pois o colaborador secreto Paulo era preciosíssimo - o sindicato americano onde trabalhava interferia intensivamente nas questões brasileiras.

Jezersky sabia muito bem que a oferta financeira não podia superar o potencial do capital americano (o fundo para agentes da *rezidentura* não era pouco, mas as suas possibilidades eram limitadas), por isso decidiu que a sua argumentação deveria ser concentrada em outros valores:

"Eu lhe disse que, ao que me parece, ele mudou espantosamente nas suas convicções. Que se movimenta em um ambiente de trustes estrangeiros onde tem a possibilidade de ver com que recursos eles compram as pessoas e as conquistam para o seu lado, investindo quantias milionárias com esse objetivo. Enquanto isso, nós, como ele mesmo várias vezes afirmou, não temos um gesto assim tão grande: não fazemos quase nada contra os americanos. Eu lhe disse que nunca iríamos usar o mesmo método que os EUA usam para comprometer e comprar as pessoas, pois, aquele que pode ser comprado uma vez, pode ser comprado novamente e uma pessoa assim é um elemento duvidoso. Nós, ao contrário, acreditamos nas pessoas, no caráter delas, nas convicções das mesmas. Estamos profundamente convencidos que estamos trabalhando em prol de uma nova ordem, que precisa vencer e que conquista cada vez mais vantagem. Ele olha para tudo isso com os olhos dos trustes da indústria da carne, pois vive neste ambiente. Enquanto nós olhamos a partir de uma perspectiva bem mais ampla.

Ele conhece o potencial econômico e financeiro dos EUA, mas não conhece a potência de nosso bloco. A mim me parece que ele provavelmente está perdendo aquela confiança que depositou em nossa ideologia. Eu disse que pensei que podia considerá-lo amigo, mas o seu comportamento demonstra que, ou eu me enganei, ou ele mudou as suas convicções. Apontei para os sucessos internacionais da URSS e do nosso bloco no campo da política internacional, no progresso técnico (último caso — Gagarin) — a URSS já ultrapassou fortemente os EUA com toda a sua técnica. Apontei para o fato de que ele não conhece a história do movimento nos países de democracia popular, que a URSS começou do zero e depois que foi novamente destruída em consequência da grande guerra, ergueu-se em pouco tempo ao nível atual. Para que possa se orientar melhor sobre estas questões, recomendei-lhe o livro: O *grande complô contra a URSS*, de Sayers e Kahn, que foi editado no Brasil. Comprei o livro para ele e lhe entreguei, dizendo que agora não tem nenhuma tarefa, a não ser ler o livro, de qual eu conheço o conteúdo e irei discutir a respeito com ele".

A conversa, obviamente, foi mais extensa.

"PAULO reagiu inicialmente pedindo desculpas, porque... teve pouco tempo. Tentou me convencer de que não mudou as suas

> convicções e que agora irá honestamente aos encontros. E mesmo que não traga nada ou tenha pouco tempo, irá mesmo assim, para esclarecer a situação.
>
> Leu O *grande complô.* No encontro seguinte, disse que já leu 200 páginas, que agora tudo está bem mais claro para ele e perguntou-me quem ele é exatamente, qual é o seu título. Disse o seguinte: “Então eu sou algum tipo de agente do Ministério das Relações Exteriores da República Socialista da Tchecoslováquia, ou tenho algum outro título?”.

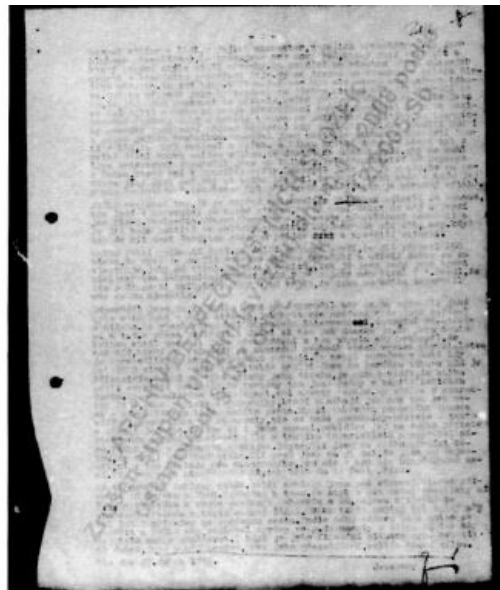
Aqui é preciso esclarecer que, para ele, Jezersky era somente um diplomata, não um espião, pois nunca dissera ao seu agente que era, na verdade, um residente do serviço de inteligência tchecoslovaco no Brasil.

> “Disse que está lendo sobre as atividades de Reily na URSS e acha que eu lhe recomendei o livro para que tudo ficasse mais claro para ele.
>
> Respondí que gostaria que ele se conscientizasse, através dessa leitura, de como era a situação, naqueles tempos, na URSS, como tudo foi destruído e como a URSS recomeçou do zero, que através deste livro eu desejava reforçar as suas convicções nesse sentido, para que compreendesse que a nossa ordem se baseia na verdadeira liberdade de todas as camadas sociais, que é justa e que é impossível derrotá-la, e que, como não foi sufocada na época em que a URSS estava fraca e desorganizada, pensar em derrotar o bloco democrático popular hoje é loucura.
>
> No que diz respeito à questão do título, é preciso esclarecer que o livro foi escrito por jornalistas americanos e os termos lá usados estão caracterizados pelo espírito capitalista. Nós não usamos o termo ‘agente’, inclusive, nem temos agentes. Nós acreditamos no caráter das pessoas, temos amigos e ajudantes, que ajudam tanto a nós como ao seu país e às pessoas que amam a paz em todo o mundo. Nós respeitamos muito ajudantes como esses, não os consideramos agentes, mas nossos ajudantes/amigos, e os tratamos como tal.
>
> Também valorizamos o fato de ele colaborar conosco, o consideramos um amigo nosso, que nos ajuda a desmascarar os objetivos e a tática dos imperialistas e dos inimigos da paz.
>
> A minha resposta satisfez PAULO. Recomendei-lhe que lesse o livro inteiro e que depois discutiremos sobre ele. Esclareci-lhe o motivo pelo qual eu lhe dei, que não procurasse nada excepcional nisso, pois nada

excepcional nisso existe..." [...]

Desde então, aparece aos encontros; dediquei os encontrosseguintes à preparação das AO(s) TAJVAN e TLAK. [...]

Na minha opinião, será necessário direcionar PAULO para que consiga informações e documentos e para que realize a AO de maneira que seja possível premiá-lo por isso. Mesmo que agora a sua situação financeira seja relativamente boa, o dinheiro, apesar de suas convicções, é uma grande força motriz para ele".

Assim, Jezersky finaliza o relatório

Folha 206 — uma página sobre o relatório do camarada Jezerský sobre a educação política

Em 1962, Kat foi entregue a outro funcionário do serviço de inteligência, pois o anterior voltou ao seu país. No âmbito desta entrega, o oficial da StB escreveu uma avaliação chamada “Nota sobre as condições do agente Kat no momento da entrega”, na qual escreve como o agente pode ser usado, no que está trabalhando, etc. Nessas notas, está registrado que “KAT pensa que trabalha para um funcionário do MRE, mas tem consciência de que não é um trabalho comum para um funcionário comum e, por isso, tenta esconder o contato”. Em outras palavras, sabe que é um agente, mesmo depois de o residente anterior insistir que “nós não temos agentes”. As palavras desta nota são outras, bem mais ameaçadoras: “KAT não é nacionalista e nem patriota e é possível usá-lo também contra o Brasil”. Quem as escreveu foi o oficial do serviço de inteligência que recrutou Kat, que viu nele, inicialmente, algo idealista, mas, depois de certo tempo de colaboração, percebeu seu equívoco. De acordo com os

funcionários do serviço de inteligência da época, idealismo significava ter convicções esquerdistas e progressistas.

A entrega para outro OC aconteceu em 1962, e a colaboração com o agente durou, de fato, até 1964. Depois disso, o serviço de inteligência desistiu dos serviços de Kat, pois, no contexto do golpe militar, a sua maneira interesseira de tratar a colaboração representava uma ameaça. Os registros do agente Kat são enigmáticos. Enquanto conseguimos identificar outros agentes por meio de diferentes informações nas fontes brasileiras, ele praticamente não existe por lá. Por se tratar de um jornalista, que até 1964 publicava em pelo menos três jornais e possuía um emprego bom e importante, esse fato é, no mínimo, estranho.

Mas as questões estranhas não acabam por aí — segundo o carimbo nos protocolos operacionais de arquivo, a pasta dele nos arquivos da StB fora destruída em dezembro de 1983. No entanto, nós estudamos esta pasta, ou seja, isso não aconteceu.

Kat foi avaliado como bastante útil e conseguiu dar conta de algumas questões operacionais bem-sucedidas, por isso a StB cogitou enviá-lo para a África para fazer o reconhecimento na Guiné Portuguesa. Foi apresentada uma proposta concreta ao principal superior da StB, argumentando que naquele país estava se desenvolvendo um movimento nacional de libertação e o que o serviço de inteligência mantinha contato com os seus principais ativistas no exílio. Em seguida, está escrito que pretendiam enviar o agente Kat para observar e elaborar um relatório (26/10/1961 — assunto: envio de um agente da *rezidentura* do Rio de Janeiro com tarefas de serviço de inteligência para a Guiné Portuguesa). A viagem foi aprovada pelo ministro e o agente concordou em fazê-la mas, no fim, não aconteceu.[197]

Hoje sabemos que o serviço de inteligência tchecoslovaco recrutou o próprio chefe do movimento nacional de libertação da Guiné Portuguesa, Amílcar Cabral, que foi agente de 1961 até 1973, quando foi assassinado.

Em seguida, Kat foi enviado a uma missão similar no Paraguai, um país onde não havia embaixada de países socialistas e que estava totalmente fora de alcance para os comunistas, mas precisava ser estudado. O agente, como brasileiro e funcionário de uma empresa americana, podia viajar sem problemas. Não se saiu tão mal, nem tão bem. Mas fez, por dinheiro, aquilo que se esperava dele.

KELER

Pasta de número de registro 43809. Domar C., nascido em 1917 e falecido em 23 de dezembro de 2006. Economista e professor, trabalhou no SUMOC

(antigo Banco Central), no Conselho de Desenvolvimento e no ISEB. Foi recrutado em 1963. A *rezidentura* fez o primeiro contato com ele em 1960, portanto, para o oficial Nesvadba, ele era um informante inconsciente. A partir de 1962, Peterka já trabalhava com ele como contato secreto, mantendo os princípios da conspiração. Em 4 de dezembro de 1963, foi recrutado e passou a ser tratado como agente.

O oficial que registrou a realização do recrutamento escreveu:

> "durante a conversa de recrutamento, concordou com a colaboração. Prometeu que continuará a seguir consequentemente as nossas recomendações no âmbito de todas as ações, que têm como objetivo apoiar os interesses mútuos do Brasil e da Tchecoslováquia contra o imperialismo americano".

Intelectual marxista, Keler não era membro do partido. Foi caracterizado como modesto e de poucas exigências, sincero e amigável, que não esperava qualquer remuneração por seus serviços. Antes de tornar-se agente foi incluído na AO KLACEK, pelo que recebeu dois presentes. Tinha vários contatos úteis para a StB, entre deputados e altos funcionários governamentais. A colaboração com ele foi interrompida por uma decisão da StB, pois no início de 1964 ele se tornou membro do PCB e o Peterka, seu oficial condutor, foi descoberto pelo DOPS.

Na virada de 1967 para 1968, o serviço de inteligência tchecoslovaco interessou-se novamente por Keler, que trabalhava no Banco Central, possuía convicções mais moderadas e, devido à sua carreira profissional, distanciou-se do PCB. Porém, a colaboração não chegou a se concretizar, pois a StB não tinha como verificar se o agente continuava leal. Ao perceber que a embaixada tchecoslovaca estava novamente interessada nele, o próprio Keler telefonou e ofereceu seus serviços - o que levantou suspeitas. A StB preferiu não se arriscar e a Central proibiu seus residentes de continuar os contatos com ele.

LATA

Pasta de número de registro 43240 (também conhecido como Cecil, Calvo). Nome verdadeiro: Edison Cesar de C., nascido em 22 de março de 1918. Quando foi recrutado para a colaboração, trabalhava como economista no Ministério das Relações Exteriores, na Fundação Getúlio Vargas[198] e na revista *Jornal do Comércio.* Conheceu o camarada Nesvadba, seu oficial condutor, em 1959 e o

trabalho sobre ele começou no ano seguinte. O agente foi recrutado durante dois encontros em agosto de 1961, e na ocasião "[...] reagiu muito bem à conversa de recrutamento, que lhe foi apresentado não como uma oferta, mas como um fato consumado". Em 1962, Nesvadba o passou para Peterka, e em 1964 foi esta circunstância, além dos temores do agente, que determinou a interrupção de sua colaboração. No entanto, em 1970 a Central decidiu restaurar o contato com o agente congelado, pelo que ele próprio — segundo escritos de sua pasta — estava interessado. No entanto, antes da decisão final sobre o seu caso, a *rezidentura* no Brasil foi liquidada e a StB encerrou o trabalho operacional ofensivo. O agente recebeu pagamentos e diferentes presentes pelas informações: em um encontro em 1963, por exemplo, recebeu 70 mil cruzeiros, 4 caixas de cigarros americanos com 200 unidades cada e 5 garrafas de conhaque.

LOM

Pasta de número de registro 40956 (também Vána). Nome verdadeiro: Ulisses Pereira de L. F., trabalhado e conduzido de 1954 a 1971. Foi recrutado em janeiro de 1956, pelo IS Alberto.[199]

Até 1962, foi diretor da seção de questões de comércio exterior (Confederação Nacional da Indústria e depois no COFESTE[200]), e forneceu importantes informações relacionadas a economia. Segundo o relatório sobre o estado de colaboração de 1966, Lom era ativo somente "quando precisava de dinheiro" e entregava apenas o que tinha acesso legal, pois temia ser descoberto. O golpe interrompeu o contato, que foi restaurado em setembro de 1965. Mesmo sem querer reiniciar a colaboração com a StB, a partir de 1966 Lom exercia um tipo de cooperação estável: entregava informações do seu local de trabalho e era remunerado financeiramente por isso.

Em 1968, foi relatado que "LOM trata a colaboração de maneira responsável", e, graças à sua função no CNI, fornece documentos sobre comércio e economia. A partir desse ano, as suas possibilidades pioraram e ele mesmo revelou não querer mais ser um colaborador secreto atuando clandestinamente.

I. správa MV, 1. odbor V Praze dne 13. října 1966

Vyhodnocení spolupráce.

Krycí jméno : LOM, číslo svazku 40956

Hodnocení od začátku rozpracování LOMa /1954/ do 22. září 1965.

Rozvědná kvalifikace : agent
Země působnosti : BRAZÍLIE
Problematika zaměření: ekonomická problematika vnitřního a zahraničního obchodu Brazílie se zvláštním zaměřením na obchodní relace Brazílie – ČSSR.

Plnění úkolů a výslednost : závisela na řadě okolností

a/ na pracovní pozici LOMa /do konce roku 1962 vedoucím oddělení pro zahraniční obchodní politiku – /Confederacão Nacional da Industria, potom stálým zástupcem CNI ve vládním orgánu pro rozvoj obch. styků se soc. táborem COLESTE/, z které vyplývala možnost přístupu do různých hosp. objektů nebo přímé využívání dokumentů a informací, které se jemu samotnému dostaly do rukou;

b/ nestabilita v ekonomice Brazílie a tím i výkyvy v aktivitě zahraničního obchodu Brazílie a s tím spojené zpravové možnosti, omezující se převážně na období mezivládních jednání nebo na jednání na nižších stupních, což bylo velmi nepravidelné;

Na primavera de 1963, Lom deveria ser entregue à KGB a pedido dos soviéticos, o que, como vimos no Capítulo XVII, não aconteceu.

> “LOM deixou que eu falasse, ouvia sorrindo. No momento em que fiz o pedido para que se encontrasse com o camarada da URSS, declarou que já esperava por este pedido e que já pensava há tempos sobre tudo isso e tinha a resposta pronta. A sua resposta é *não,* e isso porque não confia tanto nos amigos soviéticos a ponto de ter com eles a mesma relação que tem conosco, mesmo considerando-se que está entre os amigos da URSS. Ele também me disse que, já durante as negociações com a URSS, observou as manobras deles ao seu redor, assim como o esforço deles em aproximar-se, chegando à conclusão de que alguém da delegação soviética conhece a relação dele conosco. A mudança do comportamento deles em relação a ele, o convenceu de que eu, seu órgão condutor, informei aos soviéticos sobre ele, o que ele não condena”.[201]

Em 1972, sua pasta foi colocada no arquivo e estão registrados um total de 283 encontros com ele. Foi constatado que, ao final da colaboração, LOM

tratava com indolência, e depois da liquidação da *rezidentura* o seu caso foi encerrado.

LAR (também CIM)

Pasta de número de registro 43268. Nome verdadeiro: Ramon Dos S. B., capitão do exército na reserva. Nascido em 10 de outubro de 1918 e trabalhado desde 1960. Nacionalista de convicções esquerdistas. Recrutado em outubro de 1961, participou de operações ativas como DRUZBA e LUTA, passando informações. O próprio Lar confessou que possuía contatos com o serviço de segurança do I Exército, mas garantiu que não desconspirou seus laços com a StB. Após o golpe em 1964, portanto, ele parou de colaborar.

A situação financeira de Lar era irregular, portanto ele aceitava remunerações por seus serviços. De 1961 a 1964 ocorreram 119 encontros e foram pagos aproximadamente 7 milhões de cruzeiros, dos quais 4,5 milhões foram relacionados só à AO DRUZBA. Foi-lhe concedido também um prêmio de 250 dólares. Em sua pasta, um documento traduzido do russo informa que em 1967 a KGB entrou em contato com a StB pedindo informações sobre ele, pois o serviço de inteligência soviético estava interessado em sua colaboração. A resposta da StB está na própria pasta: descreve a colaboração com o agente e o desaconselha aos soviéticos, por causa de sua falta de seriedade.

LENCO

Pasta de número de registro 44396. Já era conhecido pela *rezidentura* em 1961, mas foi trabalhado a partir de 1964, recrutado em 19 de maio de 1965 e conduzido até 1967. Nome verdadeiro: Flavio F. T., nascido 12 de junho de 1934. Na época em que foi adquirido era jornalista do Ultima Hora. Foi curiosamente descrito como de “caráter meigo, prudente e calmo; é capaz de ouvir com muita atenção. Modesto [...]. E magro demais, mas afirma que é saudável”. A embaixada da Tchecoslováquia já havia registrado um contato indireto em 1954-55, quando Flávio, líder da União Nacional dos Estudantes[202] no Rio Grande do Sul, buscava empréstimos para produzir filmes. Bakalár o conheceu em 1961, mas este contato só se tornou regular a partir de 1963, com outro funcionário da *rezidentura* — Moldán. A relação promissora foi interrompida pelo golpe, pois Lenco foi detido por 24 horas sob a acusação de organizar unidades guerrilheiras por recomendação de Brizola, e o figurante encontrou o residente novamente no final de junho de 1964. A StB notou e

registrou que a embaixada soviética também estava interessada no figurante, para o qual dava presentes. Em 1965, durante um encontro entre o residente tchecoslovaco e o residente soviético, ficou combinado que a KGB não entraria mais em contato com Lenco.

A conversa de recrutamento ocorreu em 19 de maio de 1965, no restaurante GTB, em Brasília. Neste encontro, Moldán esclareceu ao figurante que contava com a sua ajuda para a orientação sobre a política interna do Brasil e destacou a grande confiança entre os dois.[203] Na parte seguinte da conversa, o oficial do serviço de inteligência disse que era necessário dar outro caráter à relação entre eles, e pediu ao figurante para limitar os seus contatos com outros representantes de países socialistas. Na nota sobre o recrutamento, o funcionário do serviço de inteligência relatou que o DS concordou com tudo.

Na avaliação sobre a colaboração de maio de 1965 até o final de 1967 foi constatado que Lenco passou valiosas notícias sobre a situação política e foi apreciado por ter desenvolvido um contato direto com os americanos através de uma tal Salomé, o que era um dos objetivos operacionais da StB. Forneceu também o questionário de uma pesquisa de sociologia que os americanos realizavam na capital (a pedido da Central). Era recompensado principalmente através de presentes, e nesse período recebeu 8 garrafas de uísque, uma garrafa de licor, 2 frascos de perfume, 1.850 cigarros, 1 pistola e um conjunto de acessórios e roupas para recém-nascidos no valor de 69.300 cruzeiros.[204] Não aceitava dinheiro e exigiu somente que fossem cobertos os gastos de viagem da capital ao Rio de Janeiro, o que foi visto como uma confirmação de que, durante o período de suas atividades, Lenco manteve o caráter de colaborador ideológico.

Os gastos com ele foram baixos em relação aos resultados de seu trabalho. Em agosto de 1967, Lenco foi novamente preso sob a acusação de liderar um grupo que preparava uma atividade terrorista. Provavelmente, Lenco era um homem de ligação entre este grupo e a emigração no Uruguai, com pseudônimo de Dr. Falcão. Em novembro o colaborador foi solto, mas a *rezidentura* não entrou em contato por questões de segurança. Durante o período mencionado ocorreram 17 encontros, e os custos de viagem chegaram ao valor de 1.282.000 cruzeiros.

No documento “Avaliação do caso DS LENCO até 30 de dezembro de 1968”,[205] de dezembro daquele ano, foi constatado que desde a prisão do DS não houve contato com ele, pois provavelmente estaria sob vigilância mesmo depois de sua libertação. Nesta avaliação há uma informação fornecida por Losada[206] através da *rezidentura* de Buenos Aires dizendo que Lenco realmente teve contato com os guerrilheiros, mas no tribunal afirmava que o contato tinha

razões científicas, pois desejava realizar pesquisas de sociologia sobre as motivações desses grupos. A *rezidentura* informou a Praga que Lenco ganhara o processo e não fora condenado.

O contato com este colaborador foi feito novamente apenas em 1970, no México, onde ele pediu asilo político. O relatório seguinte de avaliação sobre o estado da colaboração diz que de lá, por sua própria iniciativa, Lenco forneceu informações sobre o ambiente jornalístico no Brasil, pelo que recebeu 200 dólares americanos. Os funcionários do serviço de inteligência da *rezidentura* mexicana entraram em contato com Lenco para esclarecer as circunstâncias de sua prisão em 1969, pois havia um temor de que pudesse ter revelado a sua colaboração com os diplomatas tchecoslovacos durante os interrogatórios. As amplas informações que Lenco forneceu no México foram avaliadas por aquela *rezidentura* como "cheias de contradições, o que sinaliza a possibilidade de ter sido recrutado" pela polícia brasileira.[207] Por isso, ficou decidido não renovar a colaboração com ele, ainda mais por que a *rezidentura* mexicana fora liqüidada em 1970.

Esta é parte da rede de agentes que o serviço de inteligência da Tchecoslováquia comunista dispunha de 1952 a 1971, quando possuía a *rezidentura* no Brasil. Ainda falta descrever vários colaboradores brasileiros, assim como IS(s) tchecos - colaboradores ideológicos, também agentes -, que também eram uma parte útil da rede. Como os materiais que seguimos encontrando nos arquivos em Praga são volumosos, é possível afirmar sem exageros que cada agente é tema para um livro separado.

Nos referimos aqui, por exemplo, à história de um agente de pseudônimo Carlos (também Magno), cidadão tchecoslovaco que, nos anos 50, era funcionário da embaixada, "traiu a pátria" por ordem da StB e tornou-se emigrante. No Brasil, conheceu a filha de um importante senador, antigo governador de um estado brasileiro. O serviço de inteligência lhe ordenou, então, que abandonasse a esposa tcheca para se casar com a filha do homem da alta posição social. Como o seu casamento não estava indo bem e a futura esposa lhe agradava, o agente cumpriu a tarefa sem sequer se preocupar por não ter se divorciado da esposa abandonada.

Na Tchecoslováquia, a StB pagava a pensão alimentícia para o seu filho tchecoslovaco e, enquanto isso, ele tentava se instalar entre brasileiros ricos e influentes. Como informamos anteriormente, participou da operação ativa TORO (Capítulo XV). A sua história está cheia de reviravoltas dramáticas e seria, por si, tema de um filme de ação. Não faremos o filme, mas descreveremos o caso e faremos todo o esforço para que os resultados de nosso trabalho venham

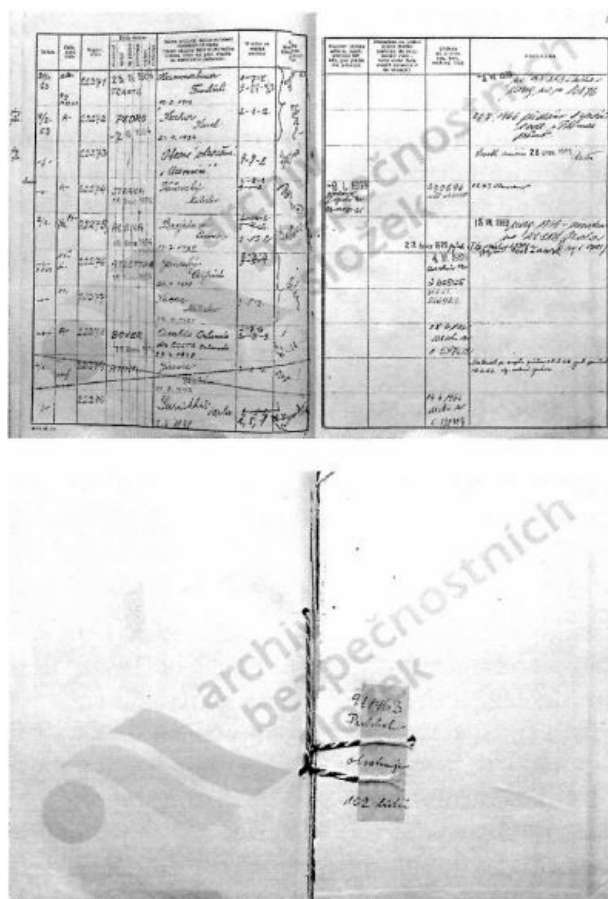
à tona o mais breve possível.

CAPÍTULO XXII - BOXER, LISABON

PARA A StB, os nomes citados anteriormente eram agentes, e como tal eram tratados. Foram usados, premiados, direcionados, doutrinados ideologicamente, recebiam tarefas que eram avaliadas, etc. Estudamos os materiais a respeito da vida dessas pessoas, no entanto, em Praga também há materiais incompletos - e por isso sua avaliação é complexa - ou materiais cuja leitura não fornece uma imagem precisa devido a acontecimentos, descrições e atitudes pouco evidentes. Há, ainda, um ponto importante: enquanto os casos apresentados até agora tiveram como base materiais do I Departamento — serviço de inteligência no exterior —, os dois casos descritos abaixo foram encontrados nos materiais do II Departamento, ou seja, a contrainteligência do país, uma parte especial da StB que agia na Tchecoslováquia e combatia — assim foi definido — o inimigo dentro de seu território.

A contrainteligência funcionava de maneira diferente do serviço de inteligência no exterior. Os documentos elaborados pelos oficiais do II Departamento, por exemplo, eram assinados com os nomes verdadeiros dos oficiais, e não com codinomes. Porém, assim como no I Departamento, a documentação reunida pela contrainteligência após certo tempo era analisada, arquivada ou destruída de acordo com o status de cada caso. Geralmente, isso dependia da avaliação das perspectivas de colaboração com o agente - caso morresse, desparecesse, ficasse doente, fosse descoberto ou, ainda, desistisse decididamente de colaborar. O caso podia ficar congelado por certo tempo, até ser encerrado e arquivado. Então, os documentos sem utilidade eram destruídos, mantendo-se somente sua parte indispensável.

É exatamente esse o caso da pasta conduzida pelo II Departamento, de número de arquivo 597532 (n° de registro 22278), em que logo nas primeiras folhas lemos carimbos com a inscrição: DESTRUÍDO.

A imagem comprova que foram destruídas, por exemplo, a lista de documentos, a carta de lustração (verificação de dados), o questionário, o currículo, registros sobre as conversas, registros sobre os encontros, avaliação, proposta de pagamentos, lista de comprovante de gastos, etc. Temos apenas parte dos materiais que apontam que a pessoa a quem a pasta é dedicada foi conduzida como agente, mas na documentação faltam as cartas que evidenciariam tratar-se de um *colaborador secreto.* Não há dúvidas que, aos olhos da StB, é um material relacionado com o seu colaborador, mas, hoje, com base no que conseguimos reunir, não temos condições de comprovar esta avaliação.

Diário de registros de pastas de operações.

Os documentos mostram que o agente foi inscrito no protocolo de registro da pasta operacional, o que significa que foi conduzido normalmente pelo II Departamento como colaborador secreto. Trata-se de O. O. da Costa, nascido em 27 de agosto de 1938. Em 1963, morou na residência estudantil da Politécnica Tcheca em Praga, na Rua Lysyné, 12. Era estudante da Faculdade de Engenharia Mecânica da prestigiada universidade, e recebeu o codinome Boxer.

No registro intitulado "DECISÃO de abertura de pasta de agente"[208] encontramos também a especificação da área em que o colaborador seria aproveitado: "estudantes estrangeiros na República Socialista da Tchecoslováquia". No item "Motivo de abertura, deslocamento e renovação da pasta" está a anotação: "adquirido para colaboração"; e, na carta seguinte, justifica-se a abertura da pasta: "Orlando Osvaldo da C. foi adquirido para a colaboração com os órgãos do Ministério do Interior. A sua aquisição foi efetuada com base na ideologia". A assinatura desta nota é do capitão Cadek.

Segundo as informações disponíveis na página do Instituto para Pesquisas dos Regimes Totalitários[209] tcheco, o nome do oficial é Josef Cadek, nascido em

13 de março de 1923. Cadek trabalhou na StB de 1954 a 31 de março de 1970, quando foi desligado por motivos de incerteza política. Podemos supor que ele estava entre aqueles oficiais da StB que apoiaram a reforma do comunismo em 1968 e, no processo de verificação e limpeza após a ocupação soviética, não desistiram de suas convicções.

Os dados também confirmam que o oficial trabalhou na época do recrutamento do agente Boxer no II Departamento, na contrainteligência. As páginas seguintes contêm a proposta de recrutamento, notas sobre a sua realização, características do colaborador Boxer e outras notas internas de anos posteriores. Os documentos mais valiosos para nós são o de 4 de janeiro de 1963, que descreve a conversa para recrutamento,[210] e a proposta anterior, do final de dezembro de 1962, na qual existem informações interessantes que descrevem o estudante apontado para a aquisição.

Vale a pena reproduzir um fragmento maior, no qual encontramos indícios de informações que não estão na pasta. Chama a atenção o fato de que o capitão — certamente com base nas informações adquiridas — escreveu que ele "não possui dependência política". Ou seja, na época, Boxer não pertencia ao PCB ou a nenhum outro partido. Em seguida, ficamos sabendo que ele esteve na Tchecoslováquia a partir de 3 de outubro de 1960 e que a contrainteligência se interessava em adquiri-lo porque:

> "através do recrutamento, pretendo trabalhar melhor o grupo de estudantes brasileiros na Tchecoslováquia e infiltrar o grupo de estudantes da América Latina. Graças à sua pele negra, ele também pode ser usado para trabalhar os estudantes de países africanos. Existe a perspectiva de que, após a sua volta ao Brasil, ele seja aproveitado pelo I Departamento".[211]

O futuro agente era o mais novo de sete irmãos. Seu pai era confeiteiro e quase não tinha condições de alimentar a esposa e os filhos. O contato fizera um curso técnico em uma escola de Ensino Médio no Rio de Janeiro e praticava atletismo e boxe, nos quais obteve importantes sucessos. Antes de receber a bolsa de estudos tchecoslovaca concluiu um curso de suboficiais no exército brasileiro e um curso preparatório para ensino superior técnico. A rede de agentes (outros colaboradores da StB que conheciam Boxer) o descreve como uma pessoa de convicções progressistas e de bom coração.

O irmão de Boxer também é mencionado: estudava em Moscou e, no Brasil, era membro da Associação de Negros Contra a Discriminação. Boxer conhecia o português, tcheco e francês, parcialmente. Cadek descreve sua personalidade

como “de caráter, honrosa, capaz de conquistar a confiança das pessoas e com facilidade em fazer amizades graças à sua aparência simpática”. Era inteligente e conhecia bem as pessoas com as quais tinha contato. Cineastas tchecoslovacos se interessaram por ele, e chegou a cumprir o papel de personagens negros em alguns filmes.

O capitão da StB fez contato com ele no verão de 1962 e afirmou que tinha grande autoridade entre os estudantes, que o chamavam de “papai”. Boxer exercia influência sobre os seus colegas “de acordo com as nossas expectativas”, o que “é de grande significado no contexto das manifestações de estudantes estrangeiros”. O autor da nota também chama a atenção para a figura imponente do futuro agente, que reforçava a sua autoridade. Como em outros casos mencionados, o figurante já colaborava durante a fase de trabalho: “forneceu informações sobre estudantes estrangeiros, alguns deles extremamente importantes para o trabalho de outras pessoas”. Durante a fase inicial da relação com o oficial, portanto, o estudante brasileiro forneceu muitas informações sobre os colegas da universidade e da residência estudantil, e é possível imaginar que também tenha fornecido informações mais delicadas e mais do que úteis para a StB. O capitão afirmou que Boxer estava interessado em colaborar e “nos ajuda de bom grado, consciente de que está ajudando a vitória das ideias progressistas”.

Tratava-se, logicamente, de ajudar na luta contra os serviços de espionagem imperialistas. Passemos à nota sobre recrutamento. O diálogo aconteceu no apartamento conspirado “Escola”, que, segundo a lista de locais conspirados usados pela StB revelada em 2012, ficava em Praga, em um prédio na Rua Imricha, 883,[212] a cerca de 7 km da residência do agente:

> “Após a avaliação da colaboração [até o momento], perguntei ao candidato se gostaria de continuar a colaborar com os órgãos do ministério do Interior, ao que Orlando da Costa respondeu afirmativamente. Disse-lhe que contamos com a sua ajuda (e ele com a nossa) na luta pela vitória das ideias progressistas também após a sua partida da Tchecoslováquia.
>
> Lembrei ao candidato que o nosso trabalho exige sinceridade completa, inclusive quando as questões pessoais estiverem em jogo.
>
> No momento seguinte da conversa, ensinei o candidato sobre a realização de tarefas e cumprimento das regras de conspiração no âmbito da colaboração. Durante a parte dedicada a tarefas relacionadas à embaixada brasileira, o candidato foi contrário e sugeriu questionar se é mesmo aconselhável contato frequente com funcionários do órgão, pois,

> quanto mais encontrasse com eles, menos confiança os estudantes depositariam nele, já que as atividades da embaixada em prol do capitalismo é amplamente conhecida. Reagi argumentando que, por outro lado, ganharia mais confiança daqueles estudantes que possuem convicções alinhadas com as que a embaixada representa, o que ajudaria a nossa causa. Finalizamos a questão decidindo que discutiremos juntos cada tarefa nessa linha, para que da Costa não perca a sua influência entre os estudantes".

A conversa foi finalizada "com a parte política, referente à aquisição de informações sobre a situação entre os estudantes brasileiros". No fim, o novo agente recebeu a tarefa de reunir o máximo possível de informações sobre Jaci Leal da Silva[213] e entregar à StB dados como suas características, sua lista de contatos e sua relação com a embaixada brasileira. Deveria também elaborar o perfil de um funcionário da embaixada de sobrenome Guedes e reunir informações sobre o órgão em seu país.

Como já foi escrito, a maioria dos documentos da pasta do agente Boxer foi destruída, o que não nos permite confirmar de que maneira ele cumpriu as tarefas designadas se é que as cumpriu. É possível basear-se somente no que restou. A folha seguinte da pasta contém o "Perfil do colaborador de codinome Boxer" de 20 de fevereiro de 1964:[214] "como colaborador, trabalha bem e com iniciativa. Cumpriu bem as tarefas, mesmo que às vezes estivesse sobrecarregado com os estudos. E possível aproveitá-lo em qualquer ação para a qual for apropriado". Boxer ajudou a StB de acordo com a sua disponibilidade, pois se esforçava para ser um bom aluno e dedicava bastante tempo aos estudos, mas tentava cumprir com as obrigações da colaboração com a StB, pelas quais — é possível concluir — não recebeu remuneração financeira.

Esta avaliação foi mantida e a reconhecemos como correta, pois o documento em questão foi assinado por outro oficial da contrainteligência, o primeiro-tenente Lusk. Outra informação é que "o colaborador BOXER, em 17 de novembro de 1963, voou para o Brasil e deveria voltar à Tchecoslováquia em junho de 1964 para continuar os estudos". Não voltou mais, certamente por causa do golpe de estado e por de sua participação na luta contra aquele regime.

Em maio de 1965 foi elaborada a "Proposta para arquivamento da pasta do colaborador BOXER".[215] No total, foram 27 encontros com o colaborador no apartamento de conspiração "Escola", e sabe-se que ele forneceu informações sobre diferentes pessoas entre estudantes estrangeiros e funcionários da embaixada brasileira. Uma informação complementar é que "o colaborador BOXER reclamou que os estudos estão lhe deixando com os nervos esgotados e

precisa descansar. Pediu à universidade uma pausa e recebeu a permissão”.

Existe ainda um documento de março de 1974, um tipo de recapitulação da pasta de Boxer[216] a partir dos materiais reunidos anteriormente. Boxer ficou na Tchecoslováquia de 3 de outubro de 1960 a 17 de novembro de 1963, e são apresentados os motivos por que não voltara a Praga para finalizar os estudos. O major Karel Svoboda, autor do texto, escreveu que “durante a sua estadia no Brasil em 1963 [aqui ele se enganou em um ano nota do autor] houve uma mudança política, o que provavelmente o impediu de voltar à República Socialista da Tchecoslováquia”. O major frisa que Boxer colaborou com a StB desde 14 de setembro de 1962, concretamente com capitão Cadek e primeiro-tenente Lusk, órgãos do II Departamento.

> “Como colaborador, sempre foi avaliado positivamente. Forneceu informações sobre as atividades dos estudantes estrangeiros e ajudou a esclarecer as ações SYLVA e STARY. Durante a colaboração, foi considerado um agente de muita iniciativa, com vontade à colaboração”.

Não conseguimos decifrar de que ações se tratavam. SYLVA pode significar “da Silva”, colega de estudos de Boxer, mas isso é só uma hipótese. Também é mencionado que na Tchecoslováquia Boxer mantinha contato particular com a senhora Darja Dobrovolna, nascida em 28 de junho de 1942 e falecida em 1963. Certamente era sua namorada, da qual recordam os seus amigos da época de estudos.

A partir desse registro também sabemos que não foi feito contato com O. O. da Costa fora da Tchecoslováquia, pois não houve interesse por parte do I Departamento da StB. Não é possível concordar totalmente com a conclusão do major da polícia política. Em março de 1975, a Central escreveu para a *rezidentura* em Brasília[217] ordenando que o antigo colaborador Boxer fosse encontrado. Ciente de que muita coisa poderia ter mudado desde o último contato de Boxer com a StB, a Central insistiu que o seu paradeiro fosse localizado e que descobrissem as convicções políticas de então, bem como local de trabalho e se possuía possibilidades “que sejam possíveis de aproveitar”. Se o residente conseguisse fazer o contato, deveria, através de “uma conversa sem compromisso, saber se é possível contar com ele no futuro”.

A partir dos resultados da conversa a Central avaliaria os passos seguintes. Em maio do mesmo ano, no âmbito de uma viagem a serviço, o residente no Rio de Janeiro verificou que o último endereço residencial conhecido de Boxer, fornecido por ele em Praga, quase 15 anos atrás, não era verdadeiro. O residente entrou em contato com os “amigos” em São Paulo (não sabemos se tratava-se da

filial da *rezidentura* tchecoslovaca ou a KGB), e eles também não sabiam de nada. A Central decidiu então não continuar a busca, e recomendou somente que o residente lembrasse do sobrenome do colaborador caso ele entrasse em contato com a embaixada.

Após 1968, o serviço de inteligência tchecoslovaco já não era o mesmo que operava habilmente no mundo inteiro. Já escrevemos que, como resultado de emigrações e da expulsão de uma série de oficiais, a capacidade operacional e de inteligência nesta organização ficou desestabilizada, o que geralmente levava muito tempo, cerca de 10 anos, para se corrigir. A StB não sabia, por exemplo, que ao voltar ao Brasil Boxer se uniu à ala radical do PCdoB e fez curso guerrilheiro na China. É possível concluir que, se o serviço de inteligência tchecoslovaco soubesse dessa informação, não desejaria ter mais nada em comum com Boxer.

Aqui, é preciso fazer um esclarecimento. A linha da StB era determinada pelo Partido Comunista da Tchecoslováquia, que era, por sua vez, completamente subordinada ao Partido Comunista da União Soviética, hostil ao desvio maoísta e ao comunismo das linhas chinesa e albanesa. A StB e a KGB freqüentemente apoiaram a violência e diferentes grupos guerrilheiros terroristas na África, América do Sul, Oriente Médio e Ásia, além de participarem elas próprias em vários atentados, crimes e ações. Porém, as atividades de guerrilheiros esquerdistas brasileiros não contavam com apoio nem de Praga nem de Moscou. A linha da diretoria do partido no Kremlim foi decisiva.

Também o PCB brasileiro, partido dos “ortodoxos” comunistas segundo Moscou, não se engajou diretamente nas ações do partido concorrente. As fontes brasileiras apontam claramente o apoio chinês para esta guerrilha e para o curso que Boxer fez na China em dois possíveis locais: Pequim e Nanquim. Segundo as mesmas fontes, Boxer chegara à China em 1964 ou 1966, de onde voltaria em 1966 ou 1967 para participar do movimento de guerrilha na região do Araguaia,[218] combatendo contra o governo. Obviamente, tudo isso era ilegal e não estava de acordo com as leis de repressão da junta militar. Também não está clara a data de falecimento de Boxer - existe a versão de que foi morto pelo exército em 1974, no dia 4 de fevereiro, mas fontes militares informaram que ele é considerado desaparecido. Não há acordo quanto ao destino desse homem, que foi declarado herói e mártir pela propaganda esquerdista.

Não nos cabe julgar se alguém foi ou não herói, apenas descrevemos o conteúdo dos documentos da polícia secreta comunista, da qual Boxer foi um bom e valorizado colaborador. Por trás dos nobres slogans da luta por ideias, o serviço não passava de delações de colegas e funcionários da embaixada de um país que, então, ainda não era governado por uma junta direitista de generais,

mas pelo presidente João Goulart.

Outro caso que desperta dúvidas é o de um conhecido jornalista brasileiro trabalhado pelo II Departamento durante a sua estadia na Tchecoslováquia. Nos arquivos de Praga existem três pastas dedicadas a ele; uma delas é a "pasta sinalizadora",[219] a pasta de trabalho conduzida em casos de pessoas suspeitas que continha a verificação do sinal e a confirmação ou negação da suspeita de atividade ilegal à luz das leis comunistas de então. Geralmente eram suspeitas relacionadas a atividades subversivas contra o comunismo ou, pior, de inteligência para um país estrangeiro.

A segunda pasta está marcada com PO, "pessoa verificada" *(provèfovaná osoba*), o que significa que a StB a estava observando — por suspeita de atividades anti-estatais ou para um recrutamento futuro. Após a verificação, a pessoa poderia cair em estado de acusação ou ser recrutada por ameaça, manipulada pela divulgação de fatos comprometedores. Essas duas pastas eram conduzidas pelo II Departamento - a contrainteligência, mas também tivemos acesso ao material reunido pelo serviço de espionagem. Trata-se de uma subpasta[220] apresentando o "trabalho de reconhecimento" de objeto sobre o ambiente jornalístico brasileiro, que contém outra pasta separada sobre o nosso objeto de interesse.

Ficamos sabendo, através do índice no início da pasta, que em determinado momento seu registro de pasta sinalizadora foi alterado para pasta de agente e a maioria dos documentos foi destruída.[221] Não tivemos, portanto, condições de verificar o conteúdo desses documentos, e, para piorar, as conclusões dos materiais são contraditórias. Tentamos entrar em contato com testemunhas ainda vivas - pessoas que, segundo os materiais, conheceram e tiveram contato com o jornalista nos tempos que ele trabalhou em Praga: nenhuma se lembra dele.

Uma delas foi contatada por e-mail e afirmou não se lembrar de nada. A outra, com quem falamos por telefone, deu prontamente a mesma resposta. Ou as informações escritas pela StB são imprecisas, incorretas ou falsas - o que também deve ser levado em conta -, ou o "esquecimento" esconde um motivo completamente diferente, talvez ameaçador... Conseguimos entrar em contato com um dos secretários da embaixada brasileira que trabalhou em Praga, na época, e confirmou que o conhecia.

"A União Soviética conquistou a fama graças à qualidade de seus espiões e redes de espionagem, tanto na luta contra a Alemanha nazista como também contra o Ocidente".[222] A citação faz parte de um texto do jornalista e em sua obra chama a atenção a dedicação expressiva ao tema da espionagem. Pode se tratar de mero interesse pelo assunto, de sua própria experiência ou, inclusive, de sua colaboração com serviços secretos. Aqui é preciso acrescentar que, se os

documentos públicos e acessíveis da polícia secreta tchecoslovaca (do serviço de inteligência e da contrainteligência) forem verdadeiros,[223] podem indicar a colaboração com os serviços secretos.

Antes de apresentar o conteúdo das pastas, devemos esclarecer que não somos os primeiros a revelar a sua colaboração como agente da StB. Em 2013, o tcheco Matyás Pelant já o fizera, em um trabalho chamado *Czechoslovakia and Brazil 1945-1989, Diplomais, Businessmen, Spies and Guerrilheiros*, publicado pelo Central European Journal of International and Security Studies. É possível encontrar mais informações em uma pesquisa realizada a pedido do MRE[224] tcheco que deverá ser publicada.

Em fevereiro de 1967 o jornalista brasileiro Mauro Santayana estava em Praga. Segundo informações de sua pasta pessoal do arquivo da rádio tcheca, foi redator responsável pela seção de audição para o exterior de abril de 1967 a maio de 1968. As informações da seção de recursos humanos apontam que Mauro trabalhara anteriormente no *Diário de Minas* (1951-1959), no Última Hora (1959-1963) e, depois, no Ministério das Relações Exteriores (1963-1964).[225] Após o golpe militar emigrou para Cuba, onde, em 1965-1966, trabalhou na Rádio Havana Cuba, e, em seguida, foi para a Tchecoslováquia.

É possível completar esses dados com informações disponíveis nas páginas do Arquivo Público Mineiro,[226] onde um documento feito pela polícia brasileira em 1973 confirma a volta do jornalista para o seu país naquele mesmo ano. No documento está registrado que antes da emigração ele não escondia as convicções pró-comunistas, o que inclusive comentou com certa ironia ao DOPS, que lhe fornecera o certificado de segurança indispensável para o trabalho nas estruturas políticas federais (o ano era 1961 e Mauro trabalhou no gabinete do presidente Quadros em Minas Gerais).

Em dezembro de 1961, foi membro de uma delegação brasileira de representantes de sindicatos a caminho de Moscou para o V Congresso Mundial de Sindicatos. O documento também anuncia o seu caminho à emigração: após o golpe ele se refugiou na embaixada francesa no Rio, de onde emigrou para o México e encontrou com a esposa Vania. De lá, rumaram para Cuba e, então, Tchecoslováquia.

Podemos ver como a StB via a estadia do emigrante político na Tchecoslováquia. Na pasta do serviço de inteligência,[227] o primeiro documento é uma informação fornecida pelo camarada Solakov, do serviço de inteligência búlgaro.[228] Segundo as informações fornecidas pelos comunistas brasileiros, residia em Praga o emigrante político Mauro Santayana, “contato secreto da polícia brasileira”, que conseguiu penetrar no ambiente dos camaradas brasileiros no país, conquistar a confiança dos tchecoslovacos e, por fim,

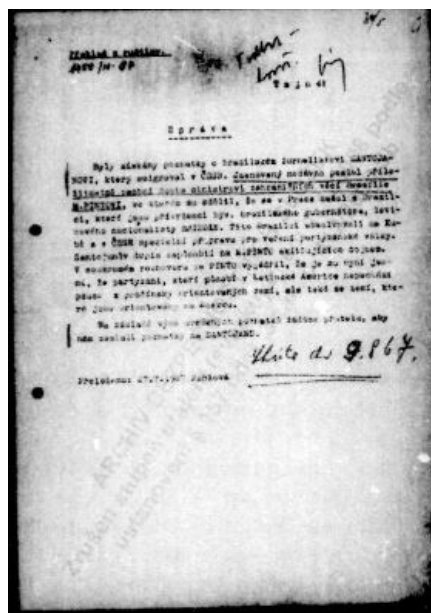
entregar as informações adquiridas à embaixada brasileira.

O embaixador tchecoslovaco no Rio de Janeiro também recebeu dos comunistas no Brasil um sinal similar, anotado em 29 de novembro de 1967. Segundo essa fonte, o PCB verificou que uma das informações fornecidas por Santayana chegara a Washington por intermédio do Itamaraty. O I Departamento, então, consultou o II (a contrainteligência) a respeito dessas suspeitas. Em uma breve nota de 7 de agosto de 1967 é possível ver que a KGB também se interessou pelo jornalista brasileiro, e uma informação destinada ao conselheiro confirma que o chefe da 5ª seção do II Departamento respondeu à solicitação dos soviéticos. O chefe, subcoronel Benes, afirma:

> "não conhecemos nenhum jornalista brasileiro chamado SANTOJAN. Segundo o departamento de passaportes, também nenhum cidadão brasileiro com este nome se encontra na Tchecoslováquia. Assim, não possuímos nenhum conhecimento sobre o mencionado".

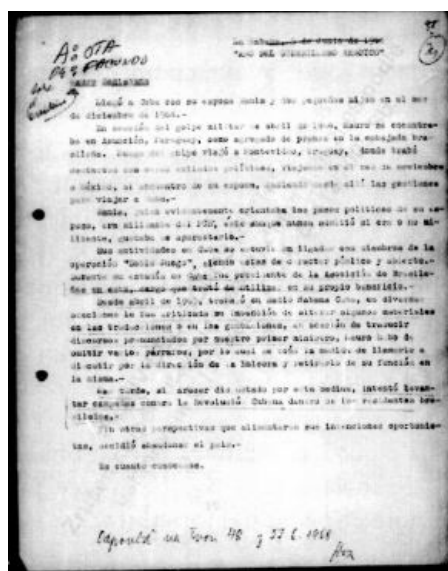
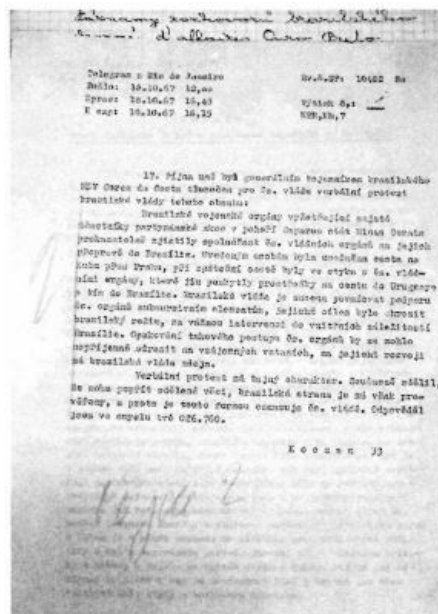
Em alguma das etapas de recomendações e perguntas houve um erro na grafia do sobrenome e a contrainteligência respondeu veridicamente que não havia nenhum SANTOJAN em Praga. Mas havia, sim, um Mauro Santayana. Na pasta há um documento de agosto de 1967 com uma pergunta em russo, graças à qual conhecemos a importância de Santojan, que

> " não faz muito tempo, enviou uma carta pessoal para o ministro das relações exteriores M. PINTO,[229] na qual lhe delatou que encontrara em Praga brasileiros que fazem parte dos seguidores do antigo governador, o nacionalista de esquerda Brizola. Esses brasileiros, em Cuba e na Tchecoslováquia, receberam treinamento especial para a luta de guerrilha. A carta de SANTOJAN causou impressões de assombro em Pinto. Em uma conversa particular, Pinto disse que para ele está claro que os guerrilheiros que agem na América Latina não vêm somente de países com orientação pró-chinesa, mas também de países orientados por Moscou".

Não sabemos se a carta foi realmente enviada pelo tal Santojan, mas sabemos que em setembro e outubro o embaixador tchecoslovaco no Rio de Janeiro foi convocado a dar explicações ao Itamaraty, onde lhe foi apresentado um "protesto verbal" (não publicado) em relação à "coparticipação de órgãos tchecoslovacos do governo, no transporte" de guerrilheiros que lutaram nas montanhas Caparaó, em Minas Gerais.

Além disso, mesmo que no relatório sobre a nota diplomática do Comitê Central do Partido Comunista da Tchecoslováquia exista um grande ponto de interrogação e uma anotação questionadora em vermelho, o serviço de inteligência sabia perfeitamente que se tratava da operação MANUEL (ver Capítulo XXIII), através da qual os cubanos transportaram guerrilheiros via Praga com a ajuda da StB.

É razoável supor que uma das fontes de informação para o governo brasileiro, neste caso, possa ter sido justamente o jornalista que vivia em Praga, pelo qual a contraespionagem tchecoslovaca também se interessou.[231] A partir da denúncia do agente Antonio, alocado na embaixada brasileira, a contrainteligência relatou que Helder,[232] secretário do órgão, recebeu da Central no Brasil instruções para penetrar a seção brasileira da rádio tchecoslovaca, dominada por elementos comunistas. Segundo a fonte citada, cumpriria esta tarefa por intermédio de Santayana, que trabalhava nesta seção.

No final de novembro e início de dezembro ocorreram alguns encontros entre representantes do I e II Departamentos da StB para uma entrega mútua de conhecimento sobre o jornalista e para coordenar os passos seguintes. Na nota sobre o primeiro encontro possuímos informações de que a contrainteligência observou os contatos do jornalista com o secretário da embaixada, que ocorriam após o trabalho em encontros fora da sede. No encontro seguinte, os dois departamentos decidiram que era preciso esperar as decisões do Comitê Central do PC da Tchecoslováquia e que a continuação do reconhecimento caberia à contrainteligência. Em junho, Praga recebeu dos “amigos cubanos” uma nota

criticando o jornalista.

Santayana foi criticado na Rádio Havana por “oportunismo” e, por isso, deixou a ilha. Em uma nota da contrainteligência tchecoslovaca de 27 de julho de 1968 (os documentos de janeiro a maio foram destruídos) constava a sugestão para expulsar o jornalista da Tchecoslováquia por ter causado “sérios danos às relações com o Brasil”. Foi elaborada, inclusive, uma proposta apropriada (03 de julho de 1968)[233] assinada pelos chefes de seção. Se o jornalista fosse expulso, seria proibido de entrar em qualquer país do bloco socialista. Na proposta do capitão Pohan, do II Departamento da StB, está clara a maneira de pensar da

polícia comunista secreta:

> “O Ministério das Relações Exteriores informará à embaixada brasileira que a medida contra Santayana é a nossa reação às repetidas queixas do MRE brasileiro quanto aos artigos na imprensa tchecoslovaca que foram, durante certo tempo, inspirados diretamente por Santayana. A nossa imprensa aceitou esta linha, convencida de que se tratava de um especialista das questões brasileiras. A circunstância que atrapalhou no reconhecimento da ação prejudicial de Santayana contra o governo tchecoslovaco foi a de que era sabido que, a princípio, ele possui boas relações com a embaixada brasileira, e por isso se supunha que os materiais de seus artigos eram adquiridos diretamente de fontes oficiais brasileiras. O nosso Ministério de Relações Exteriores frisou que ‘através da expulsão de Santayana da Tchecoslováquia demonstramos nossa boa vontade e interesse para melhorar as relações mútuas’”.

Acontecimentos dramáticos na Tchecoslováquia influenciaram de maneira significativa o destino do jornalista brasileiro. A tentativa de reforma do sistema político empreendida pelos comunistas tchecoslovacos conhecida como Primavera de Praga foi violentamente impedida pela intervenção militar de cinco membros do Pacto de Varsóvia, que ocuparam o país em 21 de agosto. As reportagens de Mauro Santayana publicadas no *Jornal do Brasil* e na revista *Manchete,* sob o pseudônimo de Lauro Kubelik, foram as melhores que saíram na imprensa a respeito do assunto. O trágico agosto de 1968 decidiu que a expulsão de Santojan, apoiada também pelo embaixador tchecoslovaco no Rio, seria politicamente desconfortável, e no final das contas o jornalista pôde permanecer no país.

A StB considerou os textos objetivos, e o caso ficou ainda mais curioso pois eles continham críticas à ocupação soviética e apoio aos reformadores comunistas, que, após 21 de agosto, foram sistematicamente liquidados pela ala conservadora do partido com o apoio de Moscou. Como esquerdista convicto, o brasileiro comentava com simpatia as ações dos reformadores, que davam ao socialismo um “rosto humano”, e criticou a violenta intervenção soviética, que esmagou a esperança de muitos esquerdistas convictos.

Em novembro de 1968, a contrainteligência decidiu fazer um jogo operacional chamado LISABON (LISBOA) com o objetivo de descobrir com qual funcionário da embaixada brasileira o jornalista brasileiro estava em contato, pois o secretário anterior havia sido substituído. Para isso foram convocados dois agentes (um tcheco e um mexicano que vivia em Praga) e foi

redigido um documento. Sabemos que a contrainteligência usou todas as formas de vigilância possíveis, como escutas telefônicas e técnicas, buscas secretas pelo apartamento e controle de correspondência com o seu objeto de interesse. Não sabemos como a operação terminou, pois os materiais que documentavam o andamento da LISBOA foram destruídos.

Uma estranha nota do major Kuzelkia (provavelmente oficial do serviço de inteligência que relacionou a sua conversa com o brasileiro sob cerco) de novembro daquele ano afirmava que o brasileiro lhe revelara que "não se sente bem na Tchecoslováquia, que o solo onde pisa está esquentando". Em 5 de novembro, ele parou de trabalhar na rádio. Caso não tenha sido somente uma invenção para se gabar, o fato de Santayana conhecer com antecedência, segundo o major, a data da intervenção do Pacto de Varsóvia, dizia muito. Segundo historiadores tchecos, somente os mais altos representantes do partido dos países que participaram da intervenção e a diretoria dos seus serviços secretos possuíam essas informações.

A contrainteligência concluiu que o brasileiro era colaborador da polícia brasileira (ou do Itamaraty), pois o documento seguinte a que tivemos acesso, de 3 de março de 1969,[234] contém "uma proposta de novo recrutamento": convencer o agente de outro serviço secreto a colaborar com a StB. Quando alguém não é um agente, é recrutado; mas quando esse alguém já é agente de algum serviço secreto estrangeiro, é recrutado novamente. O objetivo de aquisição do colaborador seria "reconhecer as embaixadas latino-americanas em Praga e as suas ligações com os serviços secretos nacionais", assim como "fazer o reconhecimento dos jornalistas estrangeiros credenciados".

Na justificativa da proposta o major Pohan descreve a colaboração do candidato com o secretário da embaixada como um fato documentado.

> "[...] Foi realizada uma provocação que confirmou que SANTAYANA trabalha como agente para a embaixada brasileira em Praga. Durante dois meses, nosso colaborador entregou a Santayana informações preparadas por nós. Após receber as informações, Santayana visitou imediatamente (no dia seguinte) o seu órgão condutor na embaixada brasileira em Praga e as entregou. Sua entrada e saída da embaixada brasileira foi fotografada por nós e confirmada através de observação. Sabemos que Santayana visita a embaixada brasileira com relativa frequência, uma vez por semana. As informações descritas, adquiridas durante o reconhecimento, confirmam que trabalha para a polícia brasileira".

Mais adiante, o major da contrainteligência argumenta que o jornalista, aproveitando o fato de que a sua esposa, como membro do Partido Comunista, fora reprimida no Brasil (segundo as informações da StB, fora condenada a 9 anos de prisão; segundo os documentos do DOPS, a pena foi de 6 anos, em 1969 — anulada judicialmente), e aproveitando-se de sua posição de emigrante político, possuía ótimas possibilidades de adquirir informações interessantes para a polícia brasileira ("que, sem dúvidas, está ligada com o serviço secreto americano"), e chama as suas atividades de "muito ameaçadoras".

Na opinião do major, uma solução melhor do que a expulsão era um novo recrutamento, pois assim "adquirimos o controle sobre as atividades do serviço nacional de informações brasileiro". O major propôs que a aquisição do agente fosse feita pela ideologia — propor a oferta e sugerir que melhoraria a sua situação pessoal, pois certamente precisava esconder o seu trabalho para a polícia brasileira até mesmo da sua esposa (desta maneira, lhe seria proposto um tipo de expiação).

Entramos em contato com o órgão condutor do jornalista na embaixada na época. Ele confirmou o seu contato com Mauro Santayana, mas negou que fosse por trabalhos para serviços brasileiros de informação. O antigo conselheiro da embaixada garantiu que a relação entre eles era apenas de amizade.

Mesmo sem acesso a toda a documentação, o major Pohan não inventaria algo que não existiu (todas as provas recolhidas faziam parte dos materiais). Com base no registro da aparelhagem de escuta descreveu, por exemplo, a situação quando, durante um encontro no qual também estava um agente da StB, Helder (o oficial condutor anterior da inteligência brasileira) e Santayana afastaram-se para um canto e ligaram o rádio e o toca-fitas, impedindo que o agente escutasse o conteúdo da conversa.

Nem tudo era tão claro: sabemos que o recrutamento de Santayana pela StB não aconteceu rapidamente, mas, por falta de informações, não podemos afirmar por que isso levou tanto tempo e o que aconteceu até dezembro de 1969. O único registro da época é uma nota casual elaborada por um oficial do serviço de inteligência, assinada com a abreviação "Do". Por se tratar de um oficial conhecedor da língua espanhola, é possível presumir, que era o camarada Dominik, um dos mais importantes funcionários da seção da América Latina do I Departamento.

No documento está descrito o encontro com o jornalista brasileiro em 23 de setembro de 1969, num coquetel no prédio do MRE. O oficial relatou o ponto de vista de Santayana quanto às já sufocadas reformas tchecoslovacas, declarando-se claramente a favor do "socialismo com rosto humano". Porém, é outra coisa que chama a atenção neste relato. O oficial escreveu:[235]

> “As suas características eram de uma pessoa extrovertida e segura de si mesma - isso se percebia à distância, o que contrastava com a típica reserva de outros correspondentes credenciados. Ele me chamava de ‘você’ mesmo que eu lhe chamasse de ‘Senhor’, e, em geral, causava a impressão de ter assimilado certa conduta familiar e que conta demasiadamente com a tolerância por parte da Tchecoslováquia. Ironizou para que nós, como conhecidos, lhe avisássemos com uma semana de antecedência quando chegar a decisão sobre a sua expulsão do país, pois possui tantas coisas para levar que precisa de muito tempo para fazer suas malas”.

A observação era de um experiente funcionário do serviço de inteligência, que, legalizado no MRE, travava contatos frequentes com jornalistas estrangeiros. Naquela época, a proposta para o novo recrutamento ainda não havia sido finalizada — e durante o tempo todo o figurante estava sob verificação. O comentário sobre as malas provavelmente era ironia, pois, o relato do diplomata em contato com ele afirma que ele vivia com a família em condições bastante humildes. A autoconfiança dele, no entanto, é intrigante — após a violenta intervenção dos soviéticos e em uma época na qual se aproximavam as limpezas, em que as vítimas seriam os comunistas reformadores, o correspondente estrangeiro não só expõe opiniões “inapropriadas”, mas também se comporta com arrogância (sabia que se tratava de um oficial do serviço de inteligência?).

A nota sobre o recrutamento é de 4 de dezembro de 1969,[236] e coube ao camarada Moldán, experiente oficial do serviço de inteligência e conhecido por seu trabalho no Brasil.[240] O codinome do figurante era Lisabon. O oficial anotou que o jornalista iniciou o assunto sobre os acontecimentos políticos de então. Moldán deixou que ele continuasse falando, mas, no momento oportuno, disse que gostaria de conversar com ele sobre

> “questões importantes relacionadas ao envio de cubanos ao Brasil.[238] Eu lhe disse que [...] a Tchecoslováquia não está fazendo nada disso e que a nossa opinião, assim como a soviética, sobre a exportação de revolução, diferem diametralmente da cubana”.[239]

Moldán fingiu que era ele que estava sendo importunado pelo serviço de inteligência, que, por sua vez, estava interessado em seus contatos com Santayana. Podemos concluir então que Moldán havia sido “direcionado” ao

jornalista brasileiro havia pouco. A seguir, disse-lhe que os serviços tchecoslovacos sabiam de sua colaboração com a polícia brasileira, mas que acham que ele foi obrigado a colaborar devido à preocupação com o destino de sua esposa. E então completou: “me pediram para perguntar ao senhor se gostaria de ajudar o nosso serviço de inteligência com informações a que tem acesso”.

O oficial esclareceu que os órgãos tchecos estavam convencidos de sua disposição para ajudá-los. Lisabon reagiu com tranquilidade às palavras do oficial e negou sua colaboração com o serviço de segurança brasileiro, pois, como marxista convicto, era contra o regime que governava a sua pátria. A seguir, disse que se encontrava com diferentes pessoas - inclusive da embaixada - pois o seu empregador (o jornal) exigia isso. Narrou também a ocasião em que fora a Portugal acompanhar a visita do ministro Magalhães Pinto: apesar de odiá-lo politicamente, o clima entre os dois havia sido amigável. Afirmou que nunca trairia nenhum brasileiro que soubesse ter sido treinado em Cuba, mas o trataria como “um dos seus”, ao passo que o faria de consciência limpa a cada cubano que lá chegasse com mesma missão, mesmo sabendo que o estrangeiro seria fuzilado. Opinou que os serviços secretos que melhor trabalham para a espionagem na Tchecoslováquia são os do Vaticano e de Israel. Por fim, demonstrou vontade de colaborar, contanto que não lhe fosse exigido nada que prejudicasse a sua pátria e que não recebesse dinheiro por isso - ele não era um mercenário.

Moldán então propôs que as condições de Lisabon fossem aceitas e chamou a atenção de que a oferta da StB não surpreendeu o figurante. O encontro ocorreu no café ALLA, em Praga. Na pasta conduzida pela contrainteligência faltam 65 páginas de documentos do período pós-recrutamento, e por isso não é possível verificar como foi a colaboração de Lisabon. A partir da leitura do documento seguinte, de 27 de julho de 1973, sabemos que em 1970 ele se mudou para a Alemanha Ocidental, enviado pelo *Jornal do Brasil*, e relatou informações da realidade local, como a política oriental do chanceler Willy Brandt. No documento, chamado “Memorando sobre TS A-MARTIN, nome real: Mauro SANTAYANA”,[240] há informações sobre a estadia do jornalista na Tchecoslováquia.

Esses trechos, reproduzidos a seguir, podem ser originais das páginas destruídas e revelam o motivo por que Lisabon partiu de Cuba (provavelmente segundo ele mesmo): sofria pressão para fazer parte de uma unidade guerrilheira. A constatação mais surpreendente do memorando é que

> “Nos anos 1967 a 1969 MARTIN passou por um reconhecimento

> feito pelo II Departamento MV devido à suspeita de colaboração com o serviço de segurança brasileiro. Durante o reconhecimento, nada foi descoberto sobre a atividade de espionagem de MARTIN".

Após a verificação, foi recrutado com base na ideologia e aceitou.

> "Durante a colaboração, de 4 de dezembro de 1969 até o último contato, em 3 de março de 1971, MARTIN entregou 11 notícias não assinadas, escritas à máquina, sobre, entre outros assuntos, a situação em geral na América Latina e na embaixada brasileira em Praga, sobre a situação política na RFA e sobre os seus contatos com jornalistas estrangeiros. As informações mais interessantes e importantes foram entregues à diretoria do MV tchecoslovaco, aos amigos, ao I Departamento e, dependendo do assunto, à outras seções do MV".

Quando Lisabon precisava viajar para os encontros, as despesas eram pagas para ele, e foram gastas mil coroas[241] com esse objetivo. A sua credibilidade foi verificada através dos serviços de agente Mané, agente Fetis, agente Petr, colaboradora secreta A-Novotná, A-Paulo e A-Mojmír, e nenhuma suspeita foi comprovada.

> "MARTIN é um jornalista competente e talentoso, o seu trabalho é valorizado tanto na Tchecoslováquia como na redação do jornal brasileiro com o qual colaborava. Na vida pessoal e familiar, não foi descoberto nenhum defeito de caráter ou desvio moral sérios. A sua colaboração com o MV foi totalmente correta e sólida".

De repente, o conteúdo que escrevia sobre a Tchecoslováquia deixou de incomodar. Neste documento não há qualquer objeção ao fato de que Santayana tenha criticado o ataque soviético contra a Tchecoslováquia em 1968, quando, por esse mesmo motivo, o MV expulsou milhares de funcionários e oficiais e dezenas de milhares de pessoas foram expulsas dos partidos ou de seus empregos. O memorando informa também que o último encontro com Santayana ocorreu em 3 de março de 1971, em Praga, e que a colaboração foi interrompida devido à sua longa estadia na Alemanha. No documento elaborado em 27 de dezembro de 1973 sobre o arquivamento de sua pasta[242] consta que

> "como, em 1970, foi enviado a trabalho para Bonn, encontrou-se fora do território da Tchecoslováquia; e como não foi verificado o suficiente os

> encontros não eram organizados no exterior, portanto, o contato era possível somente durante as viagens ocasionais à Tchecoslováquia”.

No total ocorreram seis encontros, três deles na época em que vivia no exterior. No início de 1973 — relata o major Skála — foi retirado, voltou ao Brasil[243] e, em consequência dessa viagem, perdeu a oportunidade de visitar a Tchecoslováquia. A partir de 1971 a StB não conduziu ações ofensivas no Brasil, então o agente não foi aproveitado em seu país. Em relação a suas opiniões contraditórias e à colaboração com o SNI, o caso foi tratado de outra maneira:

> “Os encontros com MARTIN não foram organizados no exterior porque, desde o começo do contato com os órgãos do MV, era suspeito de colaborar com o serviço de informações brasileiro SNI. Mesmo que ele próprio tenha negado a colaboração e que a verificação pelos órgãos do MV não tenham descoberto a atividade, o curto prazo de duração do contato com ele não excluiu essa suspeita”.

O agente escreveu para a StB um relatório geral sobre o SNI, identificando alguns funcionários da embaixada brasileira em Praga como colaboradores, porém, “os materiais e notícias entregues não são comprometedoras o *suficiente* (escrito a mão, nota do autor) aos olhos do inimigo”. Esse relatório não está na pasta.

Durante o período de reconhecimento as suspeitas eram justificadas, entretanto, depois de certo tempo, a StB declarou que não foram documentadas. Em 1973, as páginas que estão faltando ainda estavam intactas, o que nos faz supor que, ao escrever a avaliação que finalizava o caso sobre o agente Lisabon (depois Martin), suas conclusões vieram do mesmo conhecimento dos oficiais que haviam conduzido o seu caso alguns anos antes, declararam a justificação das suspeitas e propuseram a expulsão do jornalista do país.

A ausência das páginas impede que tenhamos uma opinião objetiva sobre o tema, mas nesse contexto encontramos um artigo postado no blog “Nossa memória ninguém apaga”[244] em que, num texto dedicado ao comunista brasileiro Ivan Gibin de Mattos, o autor “Chinelo Neles” escreveu a seguinte frase: “[...] Na embaixada brasileira trabalhava nesta época um homem chamado Santayana, que fazia contato com brasileiros e escrevia relatórios detalhados sobre eles para as autoridades brasileiras”.

O blog que contém esse texto é certamente comunista. Não conseguimos identificar o autor das palavras; portanto não é possível verificar a fonte da informação.

Existe, ainda, uma terceira pasta, também incompleta, dedicada ao jornalista brasileiro. O número de registro é 665119, e seus documentos foram escritos pela contrainteligência. É curioso ela ter sido criada em 1975 e, baseado no conteúdo que restou, pode-se deduzir que as novas informações provinham de uma delação escrita por um estrangeiro e comunista. As folhas não são originais, trata-se de uma tradução para o tcheco e falta a assinatura. Foi, portanto, uma delação anônima e a assinatura pode ter sido omitida na tradução, o que não pode ser verificado.

Na primeira folha desse texto há um carimbo com a data de 18 de julho de 1975,[245] seguido de uma descrição detalhada sobre os contatos de Santayana em Praga na época em que trabalhou na rádio tchecoslovaca. O texto o acusa de preparar secretamente uma intriga contra o socialismo em prol da CIA: o brasileiro, sua esposa, Vania, e um grupo de pessoas da América Latina e da Tchecoslováquia teriam criado uma pequena organização subversiva cujo objetivo era prejudicar a Tchecoslováquia socialista e a luta do comunismo.

É possível perceber que o texto foi escrito por alguém próximo a Santayana - alguém que talvez trabalhasse na Rádio Praga, pois estão corretamente citados os nomes das funcionárias do local, que também faziam parte do grupo. O caso ficou inconcluso e foi encerrado em 1977, pois Santayana não fora à Tchecoslováquia naquele período. Na pasta também há um resumo de seu passado com conclusões mais antigas e sinais de alerta dos búlgaros e soviéticos, apresentando-o como colaborador da polícia brasileira. O resumo é superficial demais para que se possa tirar uma prova ou conclusão. A StB investigou os tchecoslovacos mencionados na delação e as acusações foram consideradas infundadas.

Não podemos sentenciar a verdade. Apenas citamos documentos, uma fonte de conhecimento histórico. A própria StB formulou algumas conclusões contraditórias a partir dos mesmos materiais, mas em sua avaliação - e isto é certo - o jornalista foi, durante pouco tempo, um colaborador secreto. Como as nossas pesquisas continuam, certamente voltaremos ao caso.

CAPÍTULO XXIII - PLANO DE FORMAÇÃO OPERACIONAL DO RESIDENTE CUBANO E A AO MANUEL

NO INÍCIO de setembro de 1964, chegou a Praga o novo oficial de ligação do serviço de inteligência cubano, que tinha como tarefa conduzir a operação MANUEL e reconhecer o ambiente na Tchecoslováquia. O chefe da espionagem cubana pediu que a Central oferecesse um treinamento operacional para qualificá-lo à função, pois, ao voltar a Cuba, deveria organizar e conduzir *rezidenturas* do serviço de inteligência cubano no exterior. O treinamento aconteceria de 14 de janeiro a 30 de agosto de 1965:

I. Parte inicial

Janeiro

1. Perfil moral-político do funcionário do serviço de inteligência.
2. Conspiração/clandestinidade: princípios fundamentais e seus significados no trabalho do serviço de inteligência.
3. Ambiente da rede de agentes: elementos básicos e importância do conhecimento no âmbito da realização do trabalho de inteligência.

Fevereiro

4. Metodologia da determinação e reconhecimento dos objetos.
5. Rezidenturas: o controle das mesmas pela Central.

II. Fundamentos do trabalho operacional com rede de agentes no exterior

Fevereiro

1. Rede de agentes (*agentura*): a principal arma do serviço de inteligência.

Março

2. Base no exterior: o trabalho com os contatos e a sua importância.
3. Escolha e reconhecimento dos figurantes.
4. Recrutamentos no exterior.

Abril

5. Direcionamento, tarefas, treinamento, educação e controle da rede de agentes.
6. Ligação com a rede de agentes.
7. Observação e defesa contra a observação (parte teórica e exercícios práticos).
8. Materiais analíticos procedentes do exterior.
9. Espionagem visual.

III. Direção, formas principais e métodos de trabalho de serviço de inteligência

Maio
1. Aproveitamento das bases nacionais, contatos para vistos de estrangeiros, colaboração entre o serviço de inteligência e outras células de contrainteligência do Ministério do Interior.
2. Envio de agentes ao exterior: combinações operacionais com a rede de agentes, lendas. Aproveitamento dos próprios cidadãos em viagens de curta e longa estadia para o exterior.
3. Aproveitamento do trabalho consular pelo serviço de inteligência, em embaixadas no exterior.

Junho
4. Luta contra o inimigo principal de outro país.
5. Operações ativas e desinformações: política de influência como método principal de trabalho.

IV. Recursos técnicos no serviço de inteligência

Julho
1. Escutas no trabalho de espionagem e contrainteligência: aproveitamento.
2. Controle de correspondência.
3. Fotografias e filmagem.

V. Problema das contraespionagens estrangeiras

Agosto
1. Órgãos de inteligência e contra inteligência da RFA, França, Grã-Bretanha e EUA.
2. Proteção das embaixadas e dos próprios cidadãos contra as inteligências e contrainteligências inimigas no exterior.

VI. Organização das escolas de serviço de inteligência e do processo de ensino

A *ação MANUEL*

Como escrevemos no Capítulo XVI, a cooperação tchecoslovaca-cubana entre serviços secretos começou em 1960 e foi marcada por diferenças ideológicas e práticas. Enquanto a política da Tchecoslováquia seguia o modelo da União Soviética e pregava oficialmente a tese de coexistência pacífica *(détente)*, a Cuba de Fidel Castro era orientada para a revolução e para sua "exportação" em toda a América Latina e África. Os comunistas de Praga apoiavam a luta justa das massas oprimidas contra o imperialismo, mas, de acordo com os ensinamentos de Lenin, avaliavam se em determinado país já existia uma situação revolucionária, [246] - condições que tivessem "o peso da eclosão de uma revolta" e pudessem conduzir a tentativa de mudança de regime.

Segundo os dogmas marxistas tal situação exigia pré-requisitos, como a existência de uma classe trabalhadora forte, politicamente consciente e organizada. Quase nenhum país da América Latina ou da África cumpria essa condição - este era o grande desafio teórico dos dogmatistas comunistas atrás da cortina de ferro. Para Moscou, o apoio ativo a diferentes revoltas revolucionárias era não só duvidoso ideologicamente, mas sem sentido algum caso não houvesse perspectivas para a instaurar uma ditadura do proletariado, que garantiria a base do novo regime.

A Cuba de Fidel Castro, recém-convertida ao marxismo-leninismo, não se preocupava com nuances como essas e aspirava o papel de guerreira revolucionária, apoiando qualquer movimento nacional-libertador em toda a região ao sul do Rio Grande, independentemente das bases teóricas. A relação de Havana com Moscou e sua política também foi significativamente influenciada pela Crise Cubana do outono de 1962, quando Moscou, sob a pressão de Washington e sem acordar com os cubanos, retirou os seus mísseis da ilha.

Castro sentiu-se traído e lançou a sua própria visão do marxismo-leninismo, certo de que seus camaradas do Leste o apoiariam como único líder comunista no hemisfério ocidental. E ele não estava errado. Os partidos comunistas não podiam, pelo menos verbalmente, deixar de apoiar qualquer aspiração nacional-libertadora. Qualquer estado que, de alguma forma, combatia os imperialistas norte-americanos e seus lacaios nacionais era, como que por definição, afiado do potente bloco do Leste. Cuba garantia a movimentos do tipo algo além da

compreensão, e, ao apoiar Castro, Moscou, Praga e outros regimes do leste europeu participaram de sua "exportação de revolução".

É exatamente essa imagem que salta aos nossos olhos diante de uma das maiores ações do serviço de inteligência cubano, realizada com o apoio do serviço de inteligência tchecoslovaco, que durou mais de nove anos e abrangeu toda a América Latina. Trata-se da ação MANUEL, descrita por Prokop Tomek,[247] historiador tcheco cujo trabalho nos ajudará a apresentar este caso. Não apresentaremos apenas o trabalho citado, pois, também passaram por esta operação dezenas de brasileiros que não foram citados - também nos dedicaremos a eles. Tomek, em sua pesquisa, baseou-se nos materiais do ABS[248] e do arquivo do Comitê Central do PC da Tchecoslováquia:

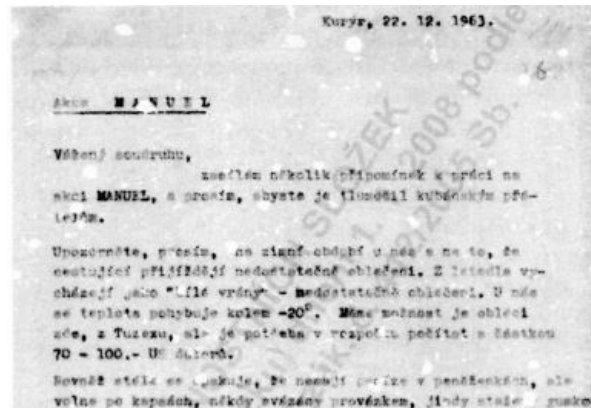
> "A ação começou em 17 de dezembro de 1962. O suplente do chefe do serviço de inteligência cubano Carlos Chain Soler (codinome JUSTO) entrou em contato com o residente do I Departamento MV da Tchecoslováquia (serviço de inteligência) em Havana, o capitão VELEBIL (nome verdadeiro: Zdenék Vrána), exigindo uma cooperação para que sete ativistas do Partido Comunista da Venezuela retornassem de Cuba. Por que Praga era indispensável em uma questão aparentemente simples como o transporte de alguns venezuelanos para o seu país? Trata-se do final de 1962, período de isolamento de Cuba como resultado da crise. As Linhas Aéreas Tchecoslovacas CSA eram uma das poucas que mantinham a ligação intercontinental com a capital da "ilha da liberdade". Era preciso esconder o fato de que os citados ativistas estiveram em Cuba, e por isso era necessário transportá-los de maneira que a sua chegada não causasse nenhuma suspeita. A ação MANUEL era parte de um projeto secreto cubano chamado DOBLE JUEGO (Jogo duplo). Os cubanos organizaram um comitê com representantes dos mais importantes movimentos revolucionários latino-americanos, cuja função era coordenar as atividades desses revolucionários com o objetivo de incitar revoltas armadas no âmbito da luta pela libertação nacional. Além disso, nos anos 60, cidadãos de países da América do Sul haviam sido treinados em Cuba - tratava-se não tanto de treinamento político, mas principalmente de guerrilha. Este fato não é nenhum segredo: já se sabia disso desde a década de 1960, mas, para os cubanos, era importante manter oculto o transporte dessas pessoas — ativistas comunistas e subversivos treinados — para os países de destino. Para isso, era possível usar o caminho via capital da Tchecoslováquia, de onde os guerrilheiros, terroristas e comunistas viajantes, geralmente partiam para algum dos

> países da Europa ocidental e, então, para a América. A StB Tchecoslovaca fornecia-lhes novos documentos (falsos) ou corrigia aqueles que os viajantes levavam consigo para eliminar qualquer pista. O citado grupo de venezuelanos aterrissou em Praga em 19 de dezembro de 1962, mas a StB recebeu a informação da chegada com um dia de atraso. Assim, o grupo se alojou por conta própria no hotel Internacional e entrou em contato com a embaixada cubana em Praga (onde se encontrava o residente do serviço de inteligência cubano). Os tchecos, então, uniram-se à ação um pouco depois e ajudaram na organização da continuação da viagem: 21 de dezembro de 1962, para Londres, 23 de dezembro para Zurique e, depois, para a América do Sul".

Em janeiro do ano seguinte começaram a aterrissar mais grupos de diferentes nacionalidades. Tomek relata que até 26 de abril de 1963 já eram 78 pessoas. O autor chama a atenção para o intrigante fato de não existir nenhum pedido oficial do Ministério do Interior cubano direcionado ao correspondente tchecoslovaco sobre a colaboração nesta questão. Praga não sabia do objetivo da ação e das condições de colaboração, pois as informações eram adquiridas somente durante encontros conspirados com diferentes (e poucos) funcionários do serviço de inteligência cubano. A permissão do lado tcheco para que a ação pudesse ser realizada teve de ser concedida pelo chefe do serviço de inteligência, o ministro do interior, e pela diretoria do Partido Comunista. Os tchecos também informaram o caso ao conselheiro soviético da KGB, que residia permanentemente na sede do serviço de inteligência em Praga, e ao representante da KGB em Havana, que garantiu a aprovação de Moscou.

A má-organização da ação com o primeiro grupo colocou a ação em risco de desconspiração, e a central em Praga teve de instruir o seu residente em Havana sobre a maneira de organizar as "excursões" de latinos de acordo com os princípios de sigilo. Cada grupo deveria possuir o seu diretor, que, após a aterrissagem, deveria telefonar para determinado número e fornecer o nome de seu passaporte cubano falso, pedindo para falar com *Gonzales*. Entregaria saudações de Manuel, ao que o outro deveria reagir perguntando sobre *Augusto*. A seguir, marcavam um encontro. Durante o controle de passaporte não deveriam participar a embaixada cubana em Praga ou outras instituições. O diretor do grupo, então, deveria devolver os falsos passaportes cubanos para Havana. Todos os grupos que decolassem de Havana deveriam ser anunciados à Central pelo residente local, ou seja, a StB só se ocuparia dos grupos anunciados com antecedência.

Em Praga, funcionários do I Departamento conhecedores do espanhol foram

encarregados de tomar conta dos “Manuéis” (assim eram chamados nos documentos da StB). Geralmente, entravam em contato em algum restaurante do centro da cidade ou no aeroporto, combinavam a continuação da viagem e forneciam a ajuda necessária: garantiam ao grupo alojamento até o momento do voo, alimentação e assistência médica, em caso de necessidade. Muitas vezes, também era necessário equipar os viajantes com roupas adequadas ao clima europeu para que não chamassem a atenção.

Corvos brancos. Em tcheco, bílé vrány.

> Serviço de mensageiro 22/12/1963
> Ação MANUEL
> “Prezado camarada,
> Envio algumas observações sobre o trabalho no âmbito da operação Manuel e peço para que sejam entregues aos amigos cubanos.
> Favor chamar-lhes a atenção de que aqui é inverno e que os viajantes estão aterrissando vestidos de maneira inadequada. Descem do avião como se fossem ‘corvos brancos’. A temperatura por aqui é de - 20°C. Podemos vesti-los por aqui...”

Tomek destaca que os manuéis que passavam por Praga eram uma fonte interessante de informações para a Central, e esse foi mais um dos motivos por que o serviço de inteligência tchecoslovaco decidiu ajudar os cubanos, mesmo sem saber exatamente a quem e por que estavam ajudando.

Desde o começo da ação, os cubanos cometeram erros que poderiam ter levado à desconspiração do projeto. Segundo a leitura dos documentos da StB, Havana não preparou os participantes da ação para a viagem como deveria. Em Praga, muitos deles pediam conselhos sobre como legalizar a estadia no exterior, o que falar ao voltar a seus países, etc. Quanto à questão da vestimenta, o fato de

não possuírem roupas de inverno poderia não só chamar a atenção mas também fazer que ficassem doentes. Durante o controle de passaportes, no aeroporto, alguns deles se comportavam de maneira inadmissível, tirando dois passaportes dos bolsos (o verdadeiro e o falso), maços de notas recebidos em Havana amarrados com barbante ou elástico e, às vezes, levavam o número conspirado de telefone e a senha escritos em um papel. Eram também indisciplinados e procuravam seus contatos em Praga para organizar programas particulares de diversão.

Outro problema sério eram os passaportes falsificados com péssima técnica, que a seção de falsificação do I Departamento teve de verificar e corrigir com muito esforço. Houve casos de documentos sem validade, carimbos errados ou desenhados com lápis de cor, dados inabilmente raspados em documentos, assinaturas falsas, com mão trêmula, etc. Os funcionários da seção afirmaram que

> “uma pessoa com um passaporte destes não teria permissão para entrar em lugar nenhum, o que representa um risco para ela. Não é suficiente se esforçar: trata-se de uma pessoa e, por isso, é preciso dedicar mais atenção e trabalho”.[249]

Sem dúvida esses erros colaboraram para que a ação MANUEL perdesse a clandestinidade. Na primeira metade de 1963, o serviço de inteligência tchecoslovaco obteve sinais que confirmavam que os serviços de informações ocidentais sabiam que Praga era uma estação de trânsito para guerrilheiros e comunistas sul-americanos. No Brasil, por exemplo, já se sabia desde março de 1963 que na base militar cubana em San Julian estavam sendo treinados guerrilheiros para a luta armada.

Todas essas reações desfavoráveis foram desagradáveis para o regime tchecoslovaco, mas não havia como sair da armadilha do apoio para a “luta nacional-libertadora”, o que foi claramente formulado pelo coronel Josef Houska, chefe do I Departamento MV, na Informação para a 8ª Seção do Comitê Central do PC da Tchecoslováquia:

> “Nossa participação na ação MANUEL também é uma demonstração de apoio à luta nacional-libertadora, que, segundo as teses do XIII Congresso do KSC, é nossa tarefa. Ao mesmo tempo, é necessário levar em conta que a nossa recusa poderia ter consequências negativas para os amigos cubanos e simplesmente não resolveria o problema, pois a nossa ajuda relativamente qualificada, fornecida no território da República

> Socialista da Tchecoslováquia, seria substituída por uma série de movimentos de pior qualidade por parte dos amigos cubanos, e mais: perderíamos as informações sobre esta ação”.[250]

Na maioria dos casos, o serviço de inteligência tcheco não conhecia a identidade verdadeira e o passado dos manuéis em trânsito, mas havia exceções. No outono de 1963, passaram por Praga alguns sequestradores do navio venezuelano Anzoategui, e no verão de 1964 o líder da ação, a caminho da Venezuela, passou 20 dias inteiros em Praga a serviço da FALN.[251] Depois de cometer um atentado contra o presidente de seu país, aterrissou com passaporte cubano em nome de Calixto Sylva y Diaz e decolou com passaporte colombiano em nome de Salvador Rodriguez (não sabemos seu nome verdadeiro, mas fontes atuais dedicadas ao acontecimento apontam três líderes da ação: Paul del Rio, José Rómulo Nino[252] ou Wismar Medina Rojas). Na Tchecoslováquia estudou documentos que lhe foram levados a um apartamento conspirado pelo representante do Comitê Central do Partido Comunista da Venezuela em Praga, Geronimo Carrera.[253] Como recomendação dos funcionários do I Departamento, Rodriguez mudou a aparência, deixou crescer um pequeno bigode e usou óculos de lentes comuns.[254]

Navio Anzoategui

Em seu texto, Tomek destaca que não é possível identificar a maioria dos participantes da ação MANUEL e não há como determinar quantos eram terroristas profissionais. Entre os viajantes estavam as mais diferentes figuras, desde montanheses e agricultores analfabetos, jovens estudantes e intelectuais esquerdistas até experientes líderes de guerrilha, agitadores profissionais e ativistas partidários. A pedido da central em Praga, a partir do final de 1964 os participantes da ação foram divididos em três categorias: ativistas principais de partidos comunistas e pessoas de total confiança; participantes comuns, mas verificados, de confiança; comuns, mas não totalmente confiáveis e não verificados completamente.

No início de 1967, o serviço de inteligência tchecoslovaco registrou um aumento nos esforços do serviço de inteligência cubano para influenciar movimentos revolucionários em outras partes do mundo, e dentro da mesma ação MANUEL começaram a chegar a Praga grupos do Irã e da Eritréia. Nem todas as pessoas passaram pela capital da Tchecoslováquia sob os cuidados da StB. Um número desconhecido e significativo de guerrilheiros e ativistas comunistas treinados viajou de Cuba via Praga com a ajuda dos próprios cubanos e de organizações como a Federação Mundial dos Sindicatos e da União Internacional de Estudantes.[255] O Comitê Central do PC da Tchecoslováquia talvez tenha participado do transporte de pessoas, mas a StB também não foi

informada. No total, 1.123 pessoas foram transportadas com o apoio da StB para a MANUEL de dezembro de 1962 até janeiro de 1970.

Ainda no contexto da ação dos serviços cubano e tchecoslovaco, vale a pena destacar mais algumas questões.

Os cubanos treinaram milhares de pessoas na América Latina. Organizaram viagens por quase todo o mundo e forneceram equipamentos e armamentos aos guerrilheiros. Tudo isso teve um preço, provavelmente alto, numa época em que eles próprios enfrentavam uma situação econômica que não era das melhores. O bloqueio americano e da maioria dos países membros da Organização dos Estados Americanos não podia ser compensado nem com uma ajuda significativa dos países socialistas, e na pasta há um documento que indica que Havana procurava financiadores quase que à força.

Para a ação MANUEL, no contexto da colaboração entre Cuba e Tchecoslováquia foi instalado em Praga um oficial de ligação e de tarefas do serviço de inteligência cubano. Em abril de 1965, Havana pediu a Praga (através dos serviços de inteligência) "se, para economizar dinheiro, Ordonêz *(residente cubano em Praga)* poderia morar em Praga de graça",[256] e, caso houvesse necessidade, o residente tchecoslovaco em Cuba moraria nas mesma condições. O oficial tcheco esclareceu que o seu aluguel era pago pela embaixada e, "se não fosse assim, poderiam surgir complicações que causariam a quebra dos princípios de conspiração". Mesmo assim, foi pedido a Praga que tentasse encontrar alguma solução sensata. O residente cubano não estava nada mal: a StB conseguira para ele um automóvel e um telefone gratuito em seu apartamento, por exemplo. Mas os cubanos queriam, desesperadamente, economizar no aluguel, cujo valor, nos tempos de comunismo, não era tão alto.

Outra prova dos problemas financeiros dos cubanos é uma nota sobre um discurso de Che Guevara em Gana que também estava em um relatório destinado ao I Departamento. Dia 19 de janeiro de 1965, no Instituto Ideológico Kwame Nkrumaha, em Winneb, Guevara criticou as relações entre a ilha, a URSS e a Tchecoslováquia, acusando esses países de quererem comprar o açúcar cubano pelo preço mundial, o que, para Cuba, era desvantajoso. Apelou que Praga e Moscou compreendessem que "a construção do socialismo em Cuba é custosa e, por isso, devem demonstrar um verdadeiro internacionalismo do proletariado".[257] Ele repetiu a crítica durante a reunião do Seminário Econômico, em fevereiro, na Argélia.

Não é necessário pesquisar a história da economia da Cuba socialista, bastam essas poucas informações para uma imagem clara do panorama. No mesmo contexto há outro fato interessante: sabemos que Praga estava preocupada com a descoberta de grandes entregas de armas tchecoslovacas para guerrilheiros em

diferentes lugares da América Latina. Nesta época (anos 60) a StB não participou das entregas e a questão não foi ignorada, pois prejudicava a opinião da Tchecoslováquia como parceira comercial dos países sul-americanos. A StB recebeu, então, a tarefa de fazer uma pesquisa apurada com os amigos em Havana e descobrir como estavam as coisas. Se havia fornecimento de armas a Cuba, era possível concluir que Fidel as enviava a diferentes países para ajudar os guerrilheiros.

Os residentes tchecos receberam uma resposta do chefe do serviço de inteligência cubano - e do próprio Fidel Castro - negando qualquer envolvimento de Cuba com a questão. Entretanto, encontramos o relatório "Caso: armamento fornecido por Cuba à Venezuela"[258] que confirma que, em novembro de 1963, no nordeste da Venezuela, foi encontrado um grande arsenal de armas abandonadas na praia. Foi feita uma advertência contra Havana, mas "o governo revolucionário de Cuba rechaçou a acusação e acusou a CIA de provocação". Porém, Schlittenbauer,[259] colaborador do serviço de inteligência tcheco em Cuba

> "ficou sabendo, durante conversas com um oficial da força aérea cubana e com funcionários da base aérea HOLGUIN, na província Oriente, que nos últimos meses os cubanos fizeram reparos em um antigo avião de quatro-motores usado para transportar armas para a Venezuela. O avião não possui marcas de identificação e está equipado com tanques de reserva para que possa suportar um voo de 13 horas. Sua tripulação é composta de quatro venezuelanos e um capitão cubano. Os guerrilheiros venezuelanos possuem nas montanhas do país um local preparado para aterrissagem [...]
> Não está claro se o avião também é usado para outros voos, por exemplo, para o Brasil, onde também foi encontrado, no passado, armamento tchecoslovaco".{1}

Apesar desses e de outros incidentes a colaboração entre os serviços de espionagem corria bem e a StB fazia aquilo que Havana pedia e com o que Moscou concordava. No fim das contas, em troca de apoio, a central em Praga recebia várias informações de Havana adquiridas pelo serviço de inteligência cubano não somente na América Latina.

Entre essas informações, encontravam-se também aquelas que descreviam a situação política no Brasil. Reproduziremos dois relatórios cujo elemento comum é Leonel Brizola. O primeiro documento é de 3 de fevereiro de 1964: "Opinião do deputado Brizola quanto à situação no Brasil".{2} Como o nome indica, a fonte de informação foi o próprio deputado e antigo governador do Rio

Grande do Sul, que afirma que no início de 1964 existiam

"Três planos relacionados ao golpe de estado:

1. Plano dos grupos mais reacionários da UDN, com o governador Lacerda e Barros à frente, que pretendem introduzir uma ditadura fascista e pró-americana.

2. Plano dos grupos mais reacionários do PSD, ligados a grandes latifundiários.

3. Plano do presidente Goulart, direcionado contra os seus inimigos da UDN e do PSD, que deve garantir a execução da função presidencial e a realização de algumas reformas estruturais básicas."

Em seguida, Brizola diz que o povo brasileiro tem duas tarefas: a tarefa temática, que consiste em preparar o possível golpe reacionário, e a tarefa estratégica, que significa a organização de uma ação revolucionária - Brizola acha que a única solução para o país é a revolução.

Para o deputado, o Partido Comunista freia o processo revolucionário no Brasil, ajuda Goulart e

> "possui visões pacifistas, inadequadas à situação que domina o país [...] Goulart já não tem condições de realizar nenhum movimento contra a reação, pois parte significativa das forças armadas perdeu a confiança nele por sua indecisão, por seu comportamento tipicamente conformista e também porque as grandes massas populares não confiam nele".

Por fim, Brizola demonstrou grande interesse em conhecer a revolução cubana e trocar de opiniões com os principais ativistas do governo revolucionário.

O segundo documento é de um ano antes: "Nota da notícia n° 40, de Havana, de 19 de fevereiro de 1965".[262] É posterior ao golpe de estado, quando os adversários da junta de generais encontraram abrigo no vizinho Uruguai e, de lá, organizaram o "movimento de resistência". A notícia trata novamente das opiniões de Brizola e de Goulart, desta vez como líderes informais da emigração política:

> "Brizola não acha necessário um partido político para iniciar a luta;

> afirma que é suficiente um movimento que tenha à disposição potentes transmissores, que sejam ouvidos em todo o país [...] Os *slogans* revolucionários devem ser concretos o suficiente, por exemplo ‘terra para o combatente’ [...] A união surgirá sozinha, durante a luta [...] Goulart acredita que o golpe acontecerá, por isso pensa em Kruel e fica satisfeito quando recebe algum sinal ou quando algum dos generais o visitam. As últimas limpezas entre os generais limitaram esta possibilidade [...] Brizola define Goulart como uma pessoa terrível de tendência negativista. Quando chegaram ao Uruguai, acreditou que Goulart estava pronto, depois, percebeu que não estava”.

Trataremos agora da ação brasileira na AO MANUEL. Conforme registros dos encontros com representantes do serviço de inteligência cubano, Havana, levando a cabo a sua “exportação de revolução”, ajudava ativamente movimentos revoltosos em catorze países da América Latina, e entre esses países estava o Brasil. Em 1962, os cubanos ainda acreditavam na realização de uma “ampla revolução latino-americana”,[263] mas, com o tempo, começaram a ver a questão de forma mais realista e criaram uma hierarquia de interesses. A partir das informações recolhidas e do número de pessoas que passavam por Praga (no âmbito da ação) os tchecos elaboraram uma lista, na qual em primeiro lugar estava a Venezuela; em segundo, a Argentina; em terceiro, a Guatemala e em quarto, a Colômbia. O Brasil estava na oitava posição. A StB conduzia as suas próprias estatísticas, que hoje nos apontam que, até 1967, 41 brasileiros viajaram de Havana para a América, passando por Praga: até abril de 1963, foram dois; em 1964, dois; em 1965, 12; em 1966, 17 e em 1967, 9.[264]

Em 1968, provavelmente foi apenas um, e em 1969, dois, mas não se sabe se

algum deles viajou duas vezes. Esta lista provavelmente não relaciona todos os brasileiros que fizeram a viagem pela capital da Tchecoslováquia, pois muitos viajaram com o apoio de outras organizações, fora do controle da StB.

Os brasileiros que participaram da AO MANUEL foram:[265]

Walter Duarte da Moura
Paulo da Silva Pinto
Moacyr Ramos
Jurandir Ferreira
Nelson Reuter
Sérgio Fernandez Azambuja Ciria
José de Lima
Carlos Nicolau Danielli
Vinícius Brant
Diógenes José Carvalho de Oliveira
Emanuel Paulo dos Santos
Wilson Martins Furtado
Antônio Carlos Bonneau (Bonarian)
Clemente Bielohoubeck
Fernando Santos
Aparício Viera
Alfredo Nery Paiva
Hermes Machado Neto
Gilberto Roque Jordan
Jadir Antônio Schwanz
Dirceu Antônio Souza
Elemar Marmitt
Armando Augusto Vargas Dias
Herbert José de Souza
Alípio Freitas
Ornar Terry
Almir Olímpio de Mello
Carlos Mare Rosário
Índio Brumm Vargas
Mário de Carvalho
Epitácio Remígio de Araújo
Augusto Pinto Boal

Javi de Almeida Fialho
Paulo Wright
Lourenço Calvete
Tagore Maia Pereira
Nery Benvenutti
Ubiratan Vatutin Borges Hert
Antônio de Souza
Neiva Moreira

Estas pessoas participaram da AO MANUEL mas não consta, na pasta, a identificação da nacionalidade:

Daniel Riviero Callado
Mas da Costa Santos
Maz da Costa [aqui pode haver um erro na escrita, pode tratar-se de Max]
Daniela Fraga
José Luís(?) Gladis Vegas
Aurora Martinez Prieto

Falta na lista o nome de José Anselmo dos Santos, que em fevereiro de 1967 chegou de Havana ao Brasil por Paris via Praga e Canadá.[266] No livro *Minha verdade*, publicado em 2015, ele descreve lembranças da Praga comunista, que visitou não como turista, mas como guerrilheiro treinado pelos cubanos a caminho de seu país para pegar em armas contra o imperialismo. Ele descreveu as suas impressões com as seguintes palavras:

> "Um idioma totalmente desconhecido. Peito de peru e cerveja no café da manhã. *Goulash* no almoço e no jantar. Quando se pedia arroz, a resposta era quase automática: 'Acabou!'. Neve e a presença de militares com ar prepotente por toda a parte.
>
> No Hotel Internacional frio e semideserto estavam duas meninas chilenas aguardando embarque para Cuba. Fizemos amizade e passeamos apreciando a arquitetura da Praça Venceslau, onde algumas moças se dedicavam à prostituição discreta, buscando dólares. Noutro dia, dançamos um arremedo de *"Tico-tico no fubá'*,[267] na boate do hotel onde éramos os poucos frequentadores, além de um casal desconhecido e um cavalheiro solitário.
>
> Um bonde era o meio de transporte entre o hotel e o centro da cidade,

> que parecia deserta. Ruas sem carros, sem comércio, sem gente, sem aquela atividade febril e facilidades tão costumeiras no mundo capitalista.
>
> Numa ocasião, na saída do hotel, um moço aproximou-se e sinalizou para mim, falando em inglês e oferecendo-se para trocar dólares por coroas tchecas. Pagava o dobro do câmbio oficial. Meio assombrado, pensando estar diante de um trapaceiro, troquei dez dólares com o rapaz, que era apenas um estudante dissidente [...]".

Anselmo não teve contatos operacionais com nenhum cidadão da Tchecoslováquia em Praga, pois a sua viagem estava fora do controle da StB.

Quanto à ação MANUEL, não é possível enumerar todos clientes brasileiros da "agência de viagens" cubana. Concentremo-nos, então, nos nomes de alguns viajantes "beneméritos" e "importantes", guerrilheiros e ativistas esquerdistas que, a caminho do continente americano, puderam conhecer a capital da Tchecoslováquia comunista.

O personagem mais original da lista é Alípio de Freitas, português, mas com forte ligação com o Brasil. Nascido em 1929, em Portugal, tornou-se padre católico em 1952 e cinco anos depois veio trabalhar no Brasil a convite do arcebispo, engajando-se em melhorar o destino dos pobres. Uma viagem a Moscou em 1962 exerceu grande influência em seus ideais: estava em andamento o Congresso Mundial da Paz, ocasião em que conheceu o poeta Pablo Neruda e o líder soviético Nikita Khrushchov. No mesmo ano, visitou também a Tchecoslováquia e suas visões tornaram-se fortemente comunistas.

É possível que já tivesse essa orientação em 1961, quando, ao colaborar com Francisco Julião, foi enviado a Cuba para um curso de guerrilha. Depois de voltar de Moscou abandonou a Igreja e passou a se dedicar a atividades políticas e sociais, ajudando na organização do movimento das Ligas Camponesas. Após 1964 emigrou para o México, de onde foi para Cuba para ser novamente treinado para a guerrilha. Voltou ao Brasil clandestinamente em 1966, tornando-se um dos principais ativistas do movimento Ação Popular (AP), que não hesitou em usar da violência, organizar atentados e assaltos a banco durante a luta contra o regime. Em 1970, foi preso e torturado. Em 1979 foi liberado, e, como não possuía cidadania brasileira, teve de deixar o país. Desde 1980 vive em Portugal. Por ter sido obrigado pelo regime militar a viver na conspiração e não poder trabalhar normalmente, recebeu das autoridades esquerdistas brasileiras em 2009 uma indenização financeira de aproximadamente 700 mil reais, além de uma pensão mensal regular livre de impostos de cerca de 6 mil reais.[268]

Logicamente a nossa versão biográfica é resumida e omite alguns aspectos.

Devido a suas convicções e atividades marxista-leninistas, Alípio foi proibido pela Igreja Católica de exercer a função de padre após um discurso em uma reunião do PCB no Rio de Janeiro.[269] No arquivo disponível na página *Brasil nunca mais* há um documento[270] assinado pelo arcebispo da cúria metropolitana do Maranhão, José Delgado, informando aos órgãos policiais a suspensão do padre Alípio, em junho de 1964. Para que não reste nenhuma dúvida quanto à questão, anexamos também a informação de imprensa da cúria de 2 de janeiro de 1964, publicada no *Jornal do Maranhão,* que também informa sobre a aplicação do direito canônico sobre o padre esquerdista. Esse detalhe de sua biografia é importante, já que nosso ativista sentiu saudades do cerimonial e do ambiente católico.

Sebastião Desmente Remy Contra Renato La Rocque Para Conjurar Fracasso — 5a. pág.

JORNAL do MARANHÃO — ANO XXIX

Seis cardeais promovem conferência de Cooperação Católica Inter – Americana

Aterrissagens com Visibilidade Zero

† Martinha Coêlho Nahuz

Missão do Padre Não é Econômica

Cúria Metropolitana

NOTA

ATO

00141

MINISTÉRIO DA GUERRA
GABINETE DO MINISTRO

CÚRIA METROPOLITANA
CAIXA POSTAL N.º 11
SÃO LUÍS DO MARANHÃO

Ten.Cel. Paulo Prado Pereira
Gabinete Ministro Guerra
Rio(Gb)

Atendendo solicitação justiça militar sobre Padre Alípio Cristiano Freitas informo dois pontos veiu de Portugal a convite meu vg entregou-se por fim atividades políticas pregando contra legítima autoridades aconselhando povo reagir pela violência vg tendo resistido advertências canônicas orais e escritas foi suspenso ordens junho ano passado ponto Saudações

Dom José Delgado, Arcebispo

DEPARTAMENTO DOS CORREIOS E TELÉGRAFOS

04236 64

211191

Outro dado de sua biografia é a ligação com a luta armada em nome da revolução. Em entrevistas, reconhece que fazia parte da Ação Popular - que foi renomeada para AP-ML, adicionadas as palavras “marxista-leninista” - e manifestou a sua relação crítica com o PCB, acusando-o de fraqueza a respeito da luta guerrilheira no território nacional. O PCB de Luís Carlos Prestes mantinha-se ideologicamente fiel a Moscou, que era de fato relutante a respeito dos movimentos guerrilheiros, diferenciando-se das posições de Havana e de Pequim. Alípio fazia parte da fracção contra Moscou, que organizava ações terroristas que fizeram vítimas entre a população civil inocente.

Com base nos materiais da StB, na pasta de correspondências operacionais cujo conteúdo está, em grande parte, dedicado à ação MANUEL, há uma subpasta[271] dedicada a Freitas, o que lhe destaca dos outros manuéis, que tiveram somente o nome anotado na chegada. A StB se dedicou a um reconhecimento mais profundo na esperança de adquirir um informante eficiente. Como já lembramos, o serviço de inteligência tchecoslovaco realizou paralelamente à operação MANUEL a sua operação MARTINEZ, que não foi informada aos

cubanos e que tinha como objetivo não só adquirir informações dos viajantes à América Latina, mas também construir uma nova rede de colaboradores e informantes. Essa operação não foi tão bem-sucedida (o tempo de estadia dos latinos em Praga era limitado e muitas vezes eram montanheses e agricultores, que não serviam para essas tarefas), mas foi iniciada e realizada.

O antigo padre chegou a Praga para a MANUEL em 3 de março de 1965, e, ao contrário do costume, não foi anunciado pelos cubanos. Estranhamente, o residente cubano Ordonez, em Praga, pediu que Alípio fosse tratado como cada manuel, mas frisou que Havana não confiava nele e, por isso, apenas o receberia no aeroporto, deixando o resto com a StB. A Central em Praga perguntou a Havana o motivo da falta de confiança, mas na pasta não há uma resposta. Pode ser devido ao comportamento liberal do antigo padre em relação às mulheres e ao álcool, o que também se confirma nos materiais da polícia brasileira anteriores a 1964. Nos materiais públicos disponíveis[272] encontram-se delações sobre o (ainda) padre informando que, mesmo em situação de sacerdócio, teria seduzido casadas e virgens.

O agente Lenco, colaborador secreto brasileiro da StB, mencionou algo parecido sobre o antigo padre quando a Central lhe pediu, via *rezidentura* no Rio, informações sobre Alípio de Freitas. Queriam saber pontualmente se podiam confiar "na sua credibilidade para um aproveitamento operacional". A seguir, chegaram do Rio mais duas notícias: uma delas vinha do residente Skorepa, confirmando que se tratava de um extremista esquerdista e colaborador próximo do deputado Julião, que estaria em Cuba e possuía, no Brasil, uma pena de prisão por atividades subversivas. A segunda notícia vinha do colaborador Lenco e foi encontrada em outra pasta de correspondência operacional.[272] O agente não conhecia o antigo padre, então, durante conversas com conhecidos deputados e nacionalistas descobriu que "seu ponto fraco era o álcool. Embriagava-se com frequência, e, nesse estado, metia-se em ações irracionais e confusões. Mesmo sendo padre, seu ponto fraco também eram as mulheres e parece que no passado participara de verdadeiras orgias".

Informações não verificadas não deveriam determinar a decisão final do serviço de inteligência de Praga, mas, com base em suas próprias observações, a Central convenceu-se que a questão do álcool na vida do figurante poderia influenciar negativamente. A primeira estadia do senhor Alípio em Praga durou até 1º de abril de 1965, mas logo ele apareceu novamente na Tchecoslováquia, em 28 de abril, na companhia de Paulo Stuart Wright, outro ativista brasileiro. Entregou à funcionária da StB Klimplová[273], que os acompanhava, materiais sobre a emigração brasileira que ela havia lhe pedido e, em 2 de maio, visitaram juntos dois lugares importantes para a história tcheca: Terezín e Lidice.[274] A

excursão foi organizada para que os funcionários técnicos do serviço de inteligência pudessem fazer fotocópias dos documentos brasileiros durante o período de ausência dos hóspedes no quarto de hotel. No caminho de Terezín para Lidice, o grupo formado pelos dois ativistas de conspiração brasileiros e pela oficial de carreira da StB parou na cidade de Mélník para almoçar. Klimplová relatou que:

> "o PADRE pediu que lhe trouxessem de aperitivo a 'nossa bebida nacional', vodca de ameixas (Slivovitz)! Também elogiou bastante a qualidade do vinho branco de Mélník, que bebeu bastante, então, no caminho de Terezín para Lidice, dormiu profundamente no automóvel. Wright, por sua vez, foi bastante abstêmio quanto à bebida".[275]

Após o relato sobre a emigração e tendo a consciência de que Havana não confiava nele completamente (assim como os comunistas brasileiros), o serviço de inteligência concluiu que o padre não servia para ser colaborador, e depois dos relatórios sobre as duas estadias em Praga não lhe foi dedicada mais nenhuma documentação. Além disso, os cubanos informaram a Praga que pretendiam aproveitá-lo para certas atividades operacionais, o que também era um sinal de que o melhor seria desistir de ligá-lo à StB.

Em março de 1965, Alípio visitou o padre Josef Benes,[277] que conhecera nas estadias anteriores na Tchecoslováquia e no Congresso em Moscou. Encontrou-se com Benes em 12 de março, chamavam-se mutuamente de "irmão" e, segundo o relatório de Klimplová, conversaram em francês. O padre tcheco lhe oferecera a oportunidade de rezar uma santa missa, ao que "o PADRE aceitou com alegria". Rezou a santa missa todas as manhãs na igreja de Santa Ludmila, no bairro Vinohrady, em Praga, onde o canônico era o padre Mára,[278] que presenteara Alípio com uma gabardina e um relógio soviético de ouro.

Segundo Klimplová, Alípio afirmou que era um "absurdo que ele, sacerdote católico, não possa exercer seus serviços sacerdotais em nenhum país capitalista, e que pode rezar a missa somente em países do bloco socialista".[279] Naquela temporada, o Padre chegou a morar em quatro hotéis. Em um dos casos de mudança, um funcionário da Seção Internacional do Conselho Central de Sindicatos alertou Klimplová que o Padre deveria deixar imediatamente o hotel "pois, segundo as informações de emigrantes brasileiros em Praga, é um delator!".[280]

Igreja Santa Ludmila

A StB transferiu imediatamente o hóspede para outro hotel. Temos uma nota informando que Alípio e o Dr. Benes participaram de um encontro de padres no sul da Tchecoslováquia no qual se falou sobre a situação em Cuba e no Brasil, e que, alguns dias depois, a convite do ministro da educação, fez uma palestra sobre a América Latina na Faculdade Católica de Teologia da cidade de Litomérice. Em 31 de março foi organizado um encontro com freiras no santuário católico de Hostyn, no qual justificou a necessidade de apoiar os movimentos nacionais-libertadores na América Latina. A atividade de agitação do antigo padre não se limitava, portanto, a guerrilheiros e ativistas de esquerda, mas envolvia também representantes da Igreja Católica.[281]

Outro ativista importante da Ação Popular brasileira que esteve em Praga foi Paulo Stuart Wright, brasileiro filho de protestantes americanos. A StB também intermediou sua viagem junto de Alípio Freitas. Esses idealistas que relacionavam marxismo-leninismo com Cristianismo foram usados e manipulados pelos serviços secretos de pelo menos dois países comunistas, e vale a pena dedicar algumas palavras sobre a organização da qual os dois viajantes eram importantes representantes.

A Ação Popular surgiu em 1962 unindo duas correntes relacionadas ao Cristianismo de esquerda: Juventude Universitária Católica (JUC) e Ação Católica. Baseada nas ideias de pensadores como Emmanuel Mounier, Teilhard de Chardin e Jacques Maritain, a organização radicalizou-se com o tempo, principalmente sob a influência do pensamento comunista. Em 1964, essa corrente de pensamento tornou-se um movimento dissidente e conspirado, pois os seus principais ativistas foram tratados como ameaças pelo regime militar e tiveram os seus direitos políticos cassados.

Em 1965 foi aprovada a tese de um programa que pregava que a única

maneira de lutar era pegar em armas — o movimento era inspirado nos pensamentos de Mao Tsé-Tung e sofreu sua cisão ideológica em 1966, quando o grupo que permaneceu na AP formulou os seus postulados a partir dos seguintes pontos: “somos contra o governo, contra o PCB, pregamos a luta armada e somos católicos ou protestantes”. No ano seguinte, seu ativista Vinícius Brant (também no grupo dos manuéis) representou o Brasil durante a Organização de Solidariedade Latino-americana,[282] e alguns membros da organização também foram enviados para um treinamento guerrilheiro na China.

Em 1969 a organização consolidou-se para, em 1973, unir-se ao PCdoB (partido comunista de orientação maoísta). Paulo Stuart Wright, então, era um dos ícones do movimento de resistência contra a Ditadura Militar. Esteve em Cuba em 1964 e, em 1965, voltara ilegalmente ao Brasil. Cristão-marxista e membro da Igreja Presbiteriana, antes do golpe fora deputado estadual, mas teve os direitos políticos cassados pelo Ato Institucional. Foi um dos criadores da Ação Popular, entusiasta da luta de guerrilha e contrário à aproximação do PCdoB. Morreu em 1973: a versão oficial afirma que foi alvejado durante uma tentativa de fuga da prisão e desapareceu; os esquerdistas, por sua vez, afirmam que ele foi morto pela polícia — provavelmente torturado até a morte. O seu corpo nunca foi encontrado.

Outros combatentes brasileiros foram ajudados pela StB, como Carlos Nicolau Danieli, que chegou a Praga em 18 de janeiro de 1964 com um passaporte cubano em nome de Ricardo Martin Rojas.[283] Planejava partir de Praga ao Rio em 20 de janeiro, via Paris, com o seu passaporte verdadeiro. A StB percebeu que ele tinha em seu passaporte o visto cubano de 1962 e o visto tchecoslovaco do mesmo ano - o que era uma séria violação dos princípios de conspiração. Devido à correção do passaporte hospedou-se no hotel Internacional e deixou a Tchecoslováquia mais tarde. Sobre ele, o oficial do serviço de inteligência diz que: “com base em seu comportamento, percebe-se que ele já possui certa experiência com viagens. Ele mesmo disse que já visitou a URSS, China, Coréia e outros países do bloco socialista”. Mais adiante foi registrado que Murillo, estudante brasileiro, entregou a Daniel um aparelho fotográfico de produção tchecoslovaca, pelo que este lhe foi bastante grato. Praga informou a Havana sobre a sua partida.

Diógenes José Carvalho de Oliveira voou via Praga duas vezes no intervalo de um ano. Da primeira vez chegou na companhia de Carlos Mare Rosário e índio Brumm Vargas. Os três tiveram os passaportes “corrigidos” e as paradas seguintes foram Paris, Chile e Uruguai. Foram marcados com a categoria C na hierarquia de guerrilha. A funcionária da StB entrou em contato com eles no aeroporto, recolheu os passaportes cubanos falsos e os ajudou a comprar

passagens aéreas para Paris. A caminho da América usaram os passaportes brasileiros verdadeiros.

Diógenes chegou a Praga pela segunda vez em 4 de maio de 1966 já com a categoria B, o que significa que avançara na hierarquia guerrilheiro-subversiva. Desta vez, o seu passaporte brasileiro estava falsificado, com a fotografia trocada. Segundo diferentes fontes on-line, em 26 de junho de 1968[284] participou ativamente de um atentado a bomba contra um quartel em São Paulo, no qual o soldado Mário Kozel perdeu a vida e 6 pessoas ficaram feridas. Diógenes era membro da organização Vanguarda Popular Revolucionária. A partir de 1964 tornou-se membro do PCB e emigrou via Uruguai[285] para Cuba, onde fez curso de guerrilha e tornou-se especialista em materiais explosivos. Diógenes participou de outras ações e assaltos a banco e recebeu das autoridades indenização financeira e pensão, sob justificativa semelhante à de Alípio Freitas.

Não é possível descrever todos os brasileiros envolvidos no transporte de rebeldes esquerdistas para o Brasil organizado através da colaboração com a StB. Citamos a lista que temos no momento. Essas pessoas eram ferramentas de dois serviços secretos de países comunistas. Independentemente de como viam a sua luta, foram peças de um jogo controlado fora de seu país por estrangeiros. Existiram muitas organizações como as que descrevemos acima, pois qualquer desvio ideológico era suficiente para que um grupo se dividisse e formasse a própria fração.

A princípio, todas tinham o apoio de Havana, mas estes cismas aumentavam a sua falta de sucesso. Se tivessem alcançado os seus objetivos (o que, nas condições brasileiras, era impossível), suas ações estariam condenadas ao fracasso. Sem dúvida, em algum momento, alguém de fora apareceria para "cobrar a conta" pela ajuda fornecida. Diante do que essas pessoas faziam (luta armada, assaltos a hospitais, quartéis, bancos ou centros culturais), é melhor nem imaginarmos qual seria essa conta...

CAPÍTULO XXIV - OS SERVIÇOS DE INTELIGÊNCIA COMUNISTAS TINHAM ALGO EM COMUM COM A TEOLOGIA?

CUBA AGIA em toda a América Latina, assim como o serviço de inteligência da StB. No capítulo anterior, vimos que os serviços de espionagem faziam favores entre si, mesmo tendo objetivos diferentes. Os historiadores que lidam com os serviços de inteligência dos países socialistas estão de acordo que os tchecoslovacos alcançaram resultados positivos e que tinham esse terreno relativamente bem dominado. Mas não foram os únicos que agiram na região - além dos cubanos, havia os serviços especiais de outros países socialistas com a União Soviética à frente.

Na Europa, os serviços dos países-satélite seguiam um tipo de divisão de trabalho: a RDA tinha dominado o território da RFA; os búlgaros eram especialistas no sul do continente; os poloneses, nos anos 80, alcançaram bons resultados no Vaticano, etc. Essas especializações refletiram no trabalho no hemisfério ocidental, e durante os anos 50 e 60, as questões relacionadas à Igreja Católica eram conduzidas pelos húngaros. Ao pesquisar as pastas relacionadas ao Brasil não encontramos nenhum sinal de interesse da StB pelas estruturas da Igreja Católica, mesmo em relação a algum arcebispo ou outro dignitário da Igreja que fosse "pra lá de esquerdista". Isso podia ser resultado da divisão de trabalho ou do receio em desempenhar papéis mascarados para pessoas da Igreja.

Essas observações referem-se ao trabalho do serviço de inteligência no Brasil. A questão era diferente no interior da Tchecoslováquia, onde desde 1974 havia um departamento determinado a lutar contra o inimigo interno, também representado pelas igrejas cristãs. A StB possuía a sua rede de agentes entre os sacerdotes, mas uma coisa era obrigar ou convencer à colaboração uma pessoa da Igreja em um país totalitário, onde as autoridades de repressão dispunham de todas as ferramentas possíveis; e outra era adquirir uma colaboração como essa fora do país, onde os funcionários do serviço de inteligência tinham condições de trabalho muito mais difíceis e não tão "confortáveis" como em um território governado por um único partido. Os sacerdotes na Tchecoslováquia estavam em uma situação inimaginavelmente difícil e o aparelho de poder, no confronto com eles, era incrivelmente privilegiado. Assim, cada caso de colaboração de clérigos com a StB deve ser examinado com cuidado.

Durante os estudos e descrição dos conteúdos do arquivo da StB em relação

ao Brasil sentimos certa decepção quando falou-se sobre a descoberta de armamento tchecoslovaco destinado à guerrilha. A StB, como afirmamos, não teve nada a ver com isso, contrariando a sensação primeira de "furo" histórico. Talvez muitos leitores esperassem que os arquivos denunciassem um político famoso trabalhando para um serviço de inteligência estrangeiro que servia aos interesses do império soviético. Mas não havia nada. Quando finalmente encontramos algo grandioso - um plano para controlar o percurso de uma guerra civil, esse plano foi simplesmente abandonado.

Por isso, apenas descrevemos os fatos. A verdade é uma categoria simples, mas fundamental: "caso neguemos o seu valor, todos os outros valores perdem o significado, tornam-se falsidade ou ficção: a falsa justiça torna-se injustiça, a falsa sinceridade, mentira".[286] Quando criamos uma hipótese a partir de acontecimentos reais e intenções, destacamos tratar-se de uma suposição, e não de fatos concretos. Este capítulo deve ser tratado da mesma forma: apresentaremos alguns acontecimentos, operações e informações com o objetivo de revelar uma hipótese ainda não comprovada. Os fatos aqui descritos não têm relação direta com o Brasil, mas a questão que os envolve está certamente relacionada conosco e com a América Latina em geral.

Trata-se da Teologia da Libertação. Um dos criadores, inspiradores e controladores desse movimento na Igreja Católica foi a KGB soviética, que contava com o apoio dos serviços secretos dos países-satélite. Ion Pacepa, general do serviço de inteligência comunista romeno, afirmou, em uma entrevista cedida à *Catholic News Agency* que:[287]

> "A ideia da criação de uma nova ideologia nasceu no âmbito de um programa supersecreto de desinformação dos anos 60 e foi aprovado pelo chefe da KGB, Aleksander Szelepin. O serviço de inteligência soviético nomeou a Conferência Cristã pela Paz (CPC), com sede em Praga. A instituição, totalmente subordinada à KGB, editou duas revistas em francês: *Nouvelles Perspectives* e *Courrier de la Paix*. Os recursos para o seu funcionamento procediam de Moscou. A WPC manipulou bispos sul-americanos de esquerda que faziam parte da Conferência do Episcopado da América Latina em Medellín. Essa conferência aceitou a 'teologia' inventada pelos especialistas em desinformação soviéticos que motivava os pobres habitantes da América Latina a uma revolta armada".

Os críticos acusam o ex-oficial de alta patente de não ter condições de provar as suas revelações, o que ele próprio reconhece.

Segundo o historiador polonês Leszek Pawlikowicz, a Conferência Cristã

pela Paz, organização mencionada no testemunho do general Pacepa,[287] tinha sede em Praga e fazia parte das organizações de fachada, ou seja, estava sob o controle da KGB. Isso significa que era usada para atividades de propaganda pela seção de desinformação do serviço de inteligência da KGB durante entre 1958 e 1991. Sobre elas, o historiador polonês escreve que:

> “Ajudavam, mesmo que com bem menos resultados, as atividades de propaganda antiocidentais feitas por organizações internacionais sociais-políticas selecionadas, formalmente não relacionadas com a União Soviética mas claramente simpatizantes e muitas vezes financiadas diretamente por ela. Tornaram-se alvo de suas críticas os programas expansivos armamentistas e operações militares de países da OTAN, enquanto que os movimentos analógicos de países do bloco soviético eram definidos como claramente defensivos ou esquecidos através do silêncio. Por isso, na literatura ocidental, foram definidos diretamente como *organizações de fachada*",[289]

A CPC tinha uma pasta no arquivo da StB,[290] mas ela foi destruída em 7 de dezembro de 1989. Como não temos como verificar seu conteúdo, é possível afirmar apenas que, em algum momento, a organização foi objeto de interesse da StB, para ir contra os seus membros ou aproveitá-los para os seus objetivos. A CPC foi descrita em vários trabalhos como um tipo de plataforma que cumpria um papel positivo nos contatos dos cristãos do oriente com o mundo ocidental. Essa era uma das poucas possibilidades legais de clérigos e leigos atrás da cortina de ferro para, sob o pretexto de “luta pela paz”, poder viajar ao ocidente, voltar e manter um elo com correligionários de todo o mundo.

Muitos depoimentos confirmam que houve atividades como essas. Nas condições de um país totalitário como foi a Tchecoslováquia era necessário aproveitar diferentes e até absurdas possibilidades para expandir o sufocado espaço de liberdade, e entre os religiosos a organização era vista como colaboracionista, a serviço do regime soviético e criada por inspiração do Partido Comunista do país. Não é possível verificar se os comunistas tchecoslovacos estavam cumprindo uma tarefa de Moscou.

Precisamos esclarecer as principais teses durante o período de 1948 a 1989, quando esse regime durou na Tchecoslováquia e o comunismo científico foi a ideologia oficial do país garantida pelo artigo IV da Constituição de 1960, que diz que a “força de liderança na sociedade e no país é a vanguarda da classe operária: o Partido Comunista da Tchecoslováquia”.[291] Isso também determinava a relação entre o Estado e seus órgãos quanto à fé e às igrejas: era uma relação

hostil, pois segundo a ciência comunista a religião era vista como um

> "reflexo pervertido e fantasioso nas mentes das pessoas, forças da natureza e da sociedade que dominavam sobre elas, um tipo de opressão espiritual que sufoca em toda a parte às massas populares, sobrecarregadas eternamente pelo trabalho para os outros, miséria e solidão".[292]

Originalmente, a ideia era acabar com a religião, mas após as duras tentativas frustradas - como a Ação K, de 1950, que consistia na eliminação de ordens da Igreja -, iniciou-se uma política de opressão sistemática, restrição da liberdade e rigoroso controle. Houve a tentativa de criar a "igreja patriótica", independente do Vaticano e cujo clero obedecia incondicionalmente ao estado ateu. Essa tentativa não deu em nada, mas mesmo assim o regime não se entregou e continuou os esforços para destruir sistematicamente a Igreja, mesmo sem fazê-lo de maneira aberta, pois atividades como essas eram contrárias às declarações formais (desrespeitadas com frequência) de liberdade civil.

A essas atividades é preciso adicionar o passo seguinte, que foi — após a tentativa fracassada da criação da igreja de sacerdotes patriotas — a inclusão do clero a uma nova organização com a propagação da guerra pela paz.[293] Os comunistas iniciaram essas atividades em 1950: por inspiração das autoridades, foram organizadas diferentes ações com o objetivo de propagar a paz, às quais o clero católico foi engajado por disposição ou intimidação. O objetivo era enfraquecer a influência da Santa Capital sobre a Tchecoslováquia.

Em 1951 surgiu o Comitê Nacional do Clero Católico pela Paz, que tinha as atividades diretamente controladas pelo Comitê Central do Partido Comunista. O comitê organizou um congresso nacional e uma série de eventos menores pela paz no país para tentar fazer um contrapeso em relação ao Vaticano. Através de um engajamento pacífico, o objetivo era afastar o clero do trabalho pastoral e conflitá-lo com os bispos. A disponibilidade deste movimento é demonstrada através da declaração do Comitê de 23 de abril de 1959, na qual foi criticada a atitude hostil do Papa João XXIII em relação aos países do bloco "popular-democrático". Um dos principais empecilhos para os comunistas foi o Concilio Vaticano II, que recuperou a hierarquia entre a Igreja e os crentes, não controlada pelas autoridades. Nas fileiras da Igreja crescia a pressão para liquidar o Comitê pela Paz, cada vez mais visto como um instrumento de poder.

Em dezembro de 1965, o Partido Comunista da Tchecoslováquia decidiu apoiar politicamente os sacerdotes progressistas e o crescimento de sua influência na Igreja Católica "para que este movimento seja um eficiente

contrapeso político-ideológico contra a hierarquia e o Vaticano". Porém, apesar dessas tentativas, a autoridade do Comitê diminuía, graças ao espírito dominante na sociedade e no próprio Partido Comunista: o final dos anos 60 na Tchecoslováquia vinha com mais liberdade, esforços para mudanças, reformas. Em maio de 1968, o Comitê (e também os comunistas) chegou à conclusão de que estava desacreditado e não tinha mais sentido.

Vejamos então a Conferência Cristã pela Paz, que surgiu na Tchecoslováquia em 1958. Até agora, pensava-se que o impulso para sua nomeação fora a reunião dos teólogos do Conselho Ecumênico das Igrejas da Tchecoslováquia, em 1957, na qual foi aprovada uma resolução convocando a luta pela proibição de armas de destruição em massa e a nomeação de uma conferência cristã internacional pela paz. Apesar de um número expressivo de opiniões apontando que por trás deste movimento estariam órgãos do Partido Comunista da Tchecoslováquia, não existia, até pouco tempo atrás, nenhuma prova consistente disso.

As provas chegaram por meio de Jirí Piskula,[294] historiador tcheco, que afirmou que o início da CPC não teve relação com a teologia e atividades da Igreja, mas — de acordo com a tese de Gerhard Lindemann[295] — com a política, através do encontro entre funcionários comunistas da RDA, URSS, Tchecoslováquia, Romênia, Polônia e Hungria, em setembro de 1957, em Budapeste. O historiador descreve o esforço dos comunistas em dominar o movimento ecumênico, inicialmente visto como hostil, até obterem a ajuda de teólogos disponíveis e crentes protestantes. Com base em várias fontes históricas, Piskula prova que os comunistas construíram as suas cabeças de ponte também nestes círculos, principalmente com a ajuda do teólogo Josef Lukl Hromádka[296], e no fim a CPC foi nomeada sob um rigoroso controle do Partido Comunista da Tchecoslováquia.

Conferências, datas, teses de programas e o título "Conferência Internacional dos Teólogos Protestantes sobre a questão da liquidação de armas de destruição em massa" foram aprovados primeiramente pela secretaria do PC da Tchecoslováquia,[297] e, já em 1958, essa iniciativa foi objeto de consulta para os camaradas da União Soviética, que elogiaram a ideia. Eram funcionários de seções de administração estatal que lidavam com questões da Igreja, mas não existem dúvidas de que essas células de administração estatal também estavam subordinadas à mesma diretoria que os serviços secretos, ou seja, às mais altas autoridades partidárias. A partir de materiais de arquivo, o historiador demonstra que

> "é preciso olhar para a fundação da CPC como para um projeto partidário, independentemente do que foi dito a respeito das intenções e

> premissas ideológicas da conferência nas últimas duas décadas. Não é necessário frisar, de modo especial, que a conferência perfilava-se como um movimento estritamente eclesiástico e que o engajamento do estado foi escondido”.

Isso, logicamente, não exclui atividades positivas, como diversas intervenções de J. L. Hromadka perante as autoridades em prol da igreja evangélica ou também a já mencionada possibilidade de viagens de alguns clérigos para o ocidente (graças a viagens como essas, era contrabandeada literatura religiosa proibida para a Tchecoslováquia). Porém, como explica o autor, essas circunstâncias não negam o lado obscuro da colaboração. Vale a pena citar a sua conclusão:

> “essa política pacífica era direcionada principalmente contra o armamento nuclear, mas nos tempos de Guerra Fria não era motivada pelo sentimento de responsabilidade quanto ao futuro e destino da humanidade. Tinha o seu objetivo oculto: interromper o atraso do bloco socialista quanto ao armamento nuclear e, em caso de conflito, garantir a vitória através da superioridade no armamento convencional. O fato de que uma política de paz, no âmbito de uma ideologia totalitária, pode servir como recurso de planos de guerra, deve ser um enorme ponto de exclamação e atenção para avaliar cada ditadura”.

Os fatos acima citados confirmam que as organizações cristãs pela paz - católicas ou ecumênicas - estavam sob rigoroso controle de órgãos comunistas, surgiram por inspiração deles e foram usadas na luta ideológica com o ocidente democrático. Sobre a influência direta da KGB soviética na CPC temos o testemunho de Olga Hrubá, esposa de Blahoslav Hruby, importante e já falecido ativista da emigração, que encontramos na revista evangélica tcheca *Protestant.*[298]

Ao descrever na revista um texto datilografado de certo oficial desertor do serviço secreto soviético de 1990, que, como agente, supervisionava a CPC, Hruby conclui que

> “a CPC servia à propaganda soviética sob o pretexto da aspiração internacional das igrejas cristãs pela paz (...). Os membros eram principalmente pessoas de idade, na maioria mulheres, que acreditavam sinceramente que as relações amigáveis com a URSS seriam a garantia da paz constante; também teólogos narcisistas que achavam-se profetas

> ou professores e sentiam que não eram reconhecidos em seus ambientes, ficando lisonjeados pela atenção que lhes era prestada atrás da cortina de ferro (...)

A autora acrescenta que, ao organizar ajuda nos EUA para as igrejas no bloco do leste, tentou também penetrar na CPC para fazer um equilíbrio contra a influência soviética. O casal considerou verdadeiro o testemunho anônimo do oficial soviético desertor como sendo credível e a senhora Olga Hrubá concluiu que a "CPC surgiu e agia segundo os planos da KGB, da qual a seção D4 (questões da Igreja), em colaboração com o D5 (ideologia e subversão), exerceu controle sobre ela e a usou para os seus objetivos".

Adiante, no texto, a autora mencionou nomes de agentes (clérigos ortodoxos, batistas e membros de outras igrejas) e afirmou que o financiamento da organização - segundo o relatório do oficial desertor - era garantido pela Igreja Ortodoxa russa e por igrejas na Tchecoslováquia. O nome mais interessante mencionado por Olga Hrubá foi o do bispo de Budapeste, Karoly Tóth[299] (Igreja Húngara Reformada), secretário-geral e posterior líder da CPC, ao qual foram confiadas as questões do "terceiro mundo", ou seja, África, Ásia e América Latina. De outro texto[300] é preciso citar o fragmento dedicado à Conferência:

> "Sobre a CPC, a StB relatou às autoridades comunistas que a Conferência Cristã pela Paz vem cumprindo um papel cada vez mais importante na escala internacional e vem reforçando a sua autoridade como centro mundial da Igreja, de qual a sede encontra-se na capital da República Socialista da Tchecoslováquia, em Praga. O direcionamento pacífico e engajamento no mundo está totalmente de acordo com a política exterior do bloco socialista. A CPC, desde que surgiu, reforçou a sua posição em países em desenvolvimento da Ásia, América Latina e África, onde surgiram comitês regionais independentes (...) É preciso frisar que, no sucesso da CPC, também tiveram a sua participação as contrainteligências irmãs, incluindo os camaradas cubanos".

Segundo o autor, esse relatório é de 1977 e, infelizmente, não informa a fonte - acreditamos em sua veracidade devido à postura do autor como ativista da Igreja Evangélica e ativista social. Vale a pena acrescentar que após as mudanças democráticas o autor participou da organização do serviço de inteligência da Tchecoslováquia democrática e, até 1995, trabalhou no Instituto pesquisando as atividades da StB - é, portanto, grande conhecedor do tema.

Existem, então, testemunhos e trabalhos científicos comprovando que

algumas organizações da Igreja, sob o discurso da luta pela paz, faziam política de acordo com as intenções do Kremlim e, provavelmente, suas atividades eram diretamente controladas pela KGB.

Será que as nossas pesquisas podem confirmar a tese do general Pacepa de que, por trás do surgimento da Teologia da Libertação, estava diretamente a polícia secreta KGB? Na entrevista, ele diz:

> "Tenho sérios motivos para supor que existiram ligações concretas entre a KGB e alguns dos principais promotores da teologia da libertação, entretanto, não tenho prova alguma disso. Durante os últimos quinze anos de minha estadia na Romênia, (1963-1978), eu administrava as estruturas de espionagem nos campos de ciência e tecnologia, como também realizei operações de desinformação com o objetivo de proteger a imagem de Ceausescu no ocidente. Eu dei uma olhada, ultimamente, no livro *A Theology of Liberation: History, Politics, Salvation (Teologia da libertação: história, política, salvação,* 1971), e tive a impressão de que foi escrito na Lubianka. O seu autor é inegavelmente considerado o pai da Teologia da Libertação. Entretanto, entre impressões e fatos, o caminho é muito longo".

Na página do USTR[301] há uma lista de acordos de cooperação internacional entre órgãos de segurança (incluindo serviços de espionagem) da Tchecoslováquia e União Soviética. No registro das negociações entre a KGB e o MV da Tchecoslováquia sobre a ampliação da cooperação nas operações de inteligência e contrainteligência e sobre a execução mútua destas operações, ocorridas em Praga de 26 a 30 de junho de 1961, está o seguinte trecho: "trabalhar o conselho mundial das igrejas". Da parte da KGB, na reunião esteve presente o superintendente Shelepin e os chefes da inteligência e da contrainteligência. Entre as várias tarefas foi mencionada a questão da Igreja, só não sabemos qual seria a direção exata que o trabalho tomaria após 1961.

Ao pesquisar o arquivo da StB em Praga nos deparamos com duas operações ativas que dão pistas sobre as hipóteses do funcionário romeno. Naquele momento, talvez tenham se concretizado as tarefas formuladas anteriormente. Mesmo que as operações não estivessem relacionadas diretamente com o Brasil, estavam com outros países da América do Sul, e as descreveremos pois podem ter relação direta com a Teologia da Libertação. As duas operações foram executadas em colaboração entre dois serviços de inteligência do bloco comunista: a StB e o serviço de inteligência da República Popular da Hungria.

Levante

A colaboração com o serviço de inteligência húngaro começou a progredir aproximadamente a partir de 1965.[302] O campo de ação desta colaboração foi designado por meio do alcance geográfico de atividades dos húngaros, que inicialmente abrangia Iugoslávia, Itália, Vaticano, Áustria e RFA[303]. Isso não significa que em suas atividades operacionais os húngaros se limitassem a esses países — em 1951, por exemplo, a seção II/2 ocupou-se dos EUA, Grã-Bretanha e Argentina,[304] único país da América Latina que na época estava na lista do serviço de inteligência civil húngaro.

Os acordos de cooperação mútua assinados entre Praga e Budapeste nunca mencionaram a América do Sul em seus diversos pontos relacionados à cooperação. Por outro lado, menciona-se a colaboração nas questões relacionadas com o Vaticano, em que os húngaros possuíam relativamente bons resultados. Na anotação sobre as consultas mútuas de janeiro de 1965 que ocorreram em Bratislava[305] e foram conduzidas por funcionários de ambos serviços de espionagem podemos ler que os húngaros, ao responderem de maneira aberta sobre as suas atividades, afirmaram que em seu trabalho operacional concentravam-se principalmente na Áustria, Alemanha, Itália e Vaticano, onde possuem as "condições de ação mais favoráveis". Em menor grau, ocupavam-se também de questões na África, Ásia e América Latina, na qual possuíam "somente três órgãos operacionais", ou seja, três oficiais de carreira, que se ocupavam de atividades de serviço de inteligência.

O estilo de trabalho dos húngaros era diferente dos tchecos, certamente devido a uma rede insuficiente de *rezidenturas* na América do Sul. Em 1967 e 1968, os tchecos e húngaros trabalharam em conjunto em duas operações relacionadas com o continente sul-americano e... a Igreja Católica. A participação tcheca em uma delas limitou-se ao envio (controlado) por correio de um panfleto da Itália para o consulado tchecoslovaco na Colômbia. Os camaradas de Budapeste queriam verificar se, através deste caminho, as entregas eram censuradas. A documentação que descreve a cooperação entre os serviços de inteligência evidencia em que consistia a operação húngara, que estava sob o criptônimo POVSTÁNI (levante).[306]

> "No ano de 1966 o serviço húngaro realizou na Colômbia uma operação contra os EUA. Como pretexto para a operação serviu o fato de que o padre católico Torres, que se uniu aos guerrilheiros, fora assassinado pelos americanos *[assim está escrito no documento, mas é*

> *preciso tratar isso como um atalho de pensamento, pois, na realidade, ele foi morto a tiros pelo exército do governo - nota do autor].* Em nome da juventude cristã-democrática foram enviados às organizações sul-americanas panfletos com um apelo para que fossem feitas cerimônias e missas em sua memória. O objetivo da operação era fazer de Torres um mártir nos círculos católicos progressistas na América Latina. Em geral, a operação causou bastante interesse e foi considerada bem-sucedida por parte dos húngaros.
>
> O serviço húngaro pretende aproveitar o segundo aniversário da morte de Torres, em fevereiro de 1968, para mais uma ampliação desta operação *[para reforçar o culto ao* mártir e *aumentar o interesse pelo fenômeno do catolicismo revolucionário - nota do autor].* Em fevereiro, serão enviados de Nápoles para todos os países da América do Sul centenas de panfletos com um apelo, proclamando para que sejam organizadas ações em memória de Torres. O apelo será formulado em bases puramente católicas".

No encontro seguinte entre os representantes das seções de operações ativas de ambos serviços, ocorrido em Bratislava em 25 de janeiro de 1968, foi entregue aos húngaros o endereço para o envio dos panfletos. Em troca da ajuda, os húngaros ofereceram o seu agente em Bogotá, que até agora não havia sido completamente aproveitado, pois entre Budapeste e Bogotá não existia ligação através de serviço de entrega ou por criptografia.

Em março, durante as consultas seguintes em Praga, os tchecos noticiaram aos húngaros a execução de sua parte na operação - o envelope chegou ao local de destino intacto, o que significava que não houve verificação em Bogotá e, por isso, a maneira de enviar materiais era segura. Por curiosidade, podemos adicionar que o tema sobre o sacerdote Camilo Torres Restrepo apareceu também na revista *Otázky míru a socialismu*, editada pelo PC da Tchecoslováquia.[307] O autor sul-americano destacou, por um lado, a morte heroica do sacerdote, lutando de mão armada contra a opressão e o imperialismo e, por outro lado, mencionou a crítica feita pelo Partido Comunista da Colômbia, de que o sacerdote teria feito mais se lutasse em um movimento de massas, seguindo as diretivas do partido, e não com guerrilheiros nas montanhas.

De acordo com as menções acima é possível concluir que os comunistas atrás da cortina de ferro observavam atentos, assim como também ativaram o culto ao sacerdote Torres. O serviço de inteligência húngaro teve influência na organização e perpetuação do culto e foi apoiado pelo serviço de inteligência

tchecoslovaco. Como explicar o engajamento dos húngaros na divulgação da memória deste sacerdote-revolucionário, considerado um dos inspiradores da Teologia da Libertação? Que interesse os húngaros tinham pela Colômbia, onde possuíam apenas um agente do qual sequer tinham condições de aproveitar os serviços? A resposta lógica à pergunta é que a tarefa havia sido realizada por recomendação de Moscou, e é provável que o serviço de inteligência húngaro nem soubesse para que a operação servia - prova disso seria a informação entregue aos colegas tchecos de que a operação era direcionada contra os EUA, e não contra o Vaticano. Não há dúvidas que a operação fazia parte de uma cadeia de eventos direcionados à mobilização de um novo movimento dentro da Igreja Católica na América Latina, cujo nome já podemos imaginar.

Kniha/Livro

O caso seguinte confirma que o serviço húngaro não possuía as mesmas possibilidades que a StB na América do Sul e tinha de trabalhar de outra maneira na região. O resultado disso é a operação ativa KNILIA *(livro,* em húngaro: *KÔNYV),* a segunda referente à América Latina, conduzida por Budapeste com a colaboração dos tchecos. Assim como a operação POVSTANI, esta também estava indiretamente relacionada com a Igreja Católica, e desta vez a participação da StB foi bem mais expressiva.

O caso tinha a ver com um agente do serviço de inteligência húngaro que vivia na Argentina e com a edição de dois livros seus na Europa. Graças a Eva Petrás, funcionária do Arquivo Histórico do Serviço Estatal de Segurança em Budapeste,[308] pudemos completar o nosso conhecimento com a fonte húngara, que também apresentaremos.

Nos documentos tchecos não apareceu nenhum nome ou codinome do agente húngaro, mas existem descrições nos dois livros, o que nos possibilitou identifica-lo. Pudemos identificar também o codinome que lhe foi dado pelo serviço de inteligência húngaro e a sua biografia. Trata-se de um ativo colaborador do serviço de inteligência comunista na América Latina que também cumpriu o seu papel na luta ideológica entre oriente e ocidente. Éva Petrás pesquisa as atividades da pessoa que apresentaremos e o seu conhecimento complementa as informações do arquivo de Praga.

Começaremos pela pasta de correspondência operacional, que descreve a colaboração entre a StB tchecoslovaca e o serviço de inteligência húngaro.[309]

Assim como na AO POVSTÁNI foram os húngaros que pediram a seus colegas de Praga que colaborassem com a sua operação. Informamos que também ocorreram situações inversas, onde era Praga que se beneficiava da

ajuda de Budapeste, mas eram operações contrárias à OTAN, aos EUA, Rádio Europa Livre, imigração na Europa Ocidental e Áustria. Em geral é possível afirmar que os serviços de espionagem dos dois países colaboravam entre si com prazer; caracterizavam-se por serem abertos um com o outro e existia confiança e satisfação de ambos os lados.

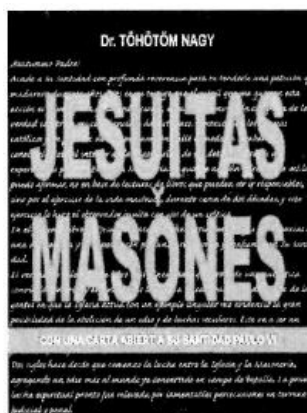
Durante as reuniões regulares entre os representantes dos serviços de espionagem que ocorriam em Praga, Budapeste, Gyõr e Bratislava[310] eram discutidos os diferentes projetos. De 10 a 14 de abril de 1967 houve mais uma reunião como essa em Praga, na qual foi elaborada uma nota[311] com informações sobre a AO KNIHA. Foi registrado que, quanto às consultas anteriores, os húngaros especificaram que o livro intitulado A *quinta seção do quarto concilio* (aqui foi cometido um erro: tratava-se do segundo concilio e é preciso observar o truque inteligente do autor - a quinta seção do II Concilio nunca ocorreu) seria editado em agosto daquele ano, em espanhol, no Chile.

Nesta missão, os amigos húngaros pediram à StB que lhes fornecessem cerca de dez páginas de um texto com o tema: “a Igreja e o Estado no país socialista” e também que arranjassem a edição de um livro na Europa. Os tchecos responderam que, para isso, poderiam aproveitar uma editora que eles “têm na mão”, a Frick-Verlag, em Viena. Lá, seria possível editar o livro em alemão, italiano ou francês e distribuí-lo na Áustria, Alemanha Ocidental, Suíça, Itália, etc.

Segundo o registro das consultas seguintes, em junho daquele ano, no hotel Tatra (quarto 301), em Bratislava, ficamos sabendo que os tchecos entregaram aos colegas húngaros dez páginas de texto datilografado, traduzido para o húngaro, seria usado no livro. O trabalho sobre o livro estava quase terminado: o

texto tcheco seria tratado como uma tese, reelaborada pelo autor e transcrita pelos húngaros para depois, em julho, ser enviada “a sua *agentura*” na Argentina, ou seja, ao autor do livro.

O livro recebeu a avaliação da seção de cultura do Partido Operário Socialista Húngaro,[312] e da Secretaria das Questões de Igrejas, assim como de especialistas em religião do partido. As opiniões foram positivas e as poucas observações foram levadas em consideração pelo autor na versão final. Na América do Sul seriam impressos de 3 a 4 mil exemplares com distribuição garantida - já estavam listados endereços católicos apropriados na América Latina para os quais o livro seria enviado. Na edição austríaca houve o cuidado para não se criar controvérsias desnecessárias.

Prova do sucesso da colaboração húngaro-tchecoslovaca foi a ampliação da operação, em setembro daquele mesmo ano, em Praga. Os húngaros sugeriram aos tchecos que como introdução à edição do livro fosse usado outro livro do mesmo autor, intitulado *Jesuítas y masones* que, segundo garantiu o camarada Fürjes,[313] chefe do serviço de inteligência de Budapeste, “contêm vários fragmentos interessantes, incluindo uma crítica ao cardeal Mindszenty”.[314]

Até o encontro seguinte os tchecos prepararam a possibilidade de editar o segundo livro na editora em Viena. Por sua recomendação, a editora escreveu uma carta ao autor em Buenos Aires para que cedesse a permissão. Já estava planejada a tiragem de 8 mil exemplares a 80 xelins cada. O serviço de inteligência húngaro assumiu o compromisso de adicionar a fotografia do autor, sua biografia e resolver o envio da permissão. Também foi acordado o valor do honorário, avaliado em 18 mil xelins. O título deste segundo livro nos facilitou a identificação do autor, que já era agente do serviço de inteligência húngaro na Argentina.

Jesuítas y masones, de 1963, é mencionado até hoje entre os círculos de

interessados. O autor era Töhötöm Nagy, antigo jesuíta húngaro próximo do cardeal Mindszenty, imigrante que abandonou a ordem dos jesuítas, casou-se e constituiu uma família, tornou-se maçom, foi expulso da loja Estrella de Oriente 27 e, depois, tornou-se agente da polícia política húngara, com a qual colaborou até o fim da vida. Seu livro demonstra a proximidade entre as ordens de jesuítas e maçons, afirmando que estão unidas pelo progresso e reprovando a hostilidade entre elas, e foi motivado pela vontade de servir a uma ideia que considerava justa. Em 1966, tornou-se agente da polícia secreta comunista em operação na Argentina, e posteriormente trabalhou na Hungria e no eixo Budapeste-Vaticano.

Com acesso ao Arquivo Histórico do Serviço de Segurança de Budapeste pudemos ver como dois serviços especiais do bloco comunista se complementavam. É possível comparar dois documentos, um tcheco e outro húngaro, que fazem referência entre si. O documento tcheco é de 27 de janeiro de 1968[315] e relata o encontro das diretorias das seções sobre operações ativas dos serviços de inteligência húngaro e tchecoslovaco, ocorrido em Bratislava dia 25. A reunião, de caráter emergencial para os húngaros, tinha como pauta a operação KNIHA: o "camarada Bárdosz irá para a América Latina, onde vai discutir com o colaborador do serviço de inteligência húngaro os detalhes de execução da operação".

Há também um documento[316] húngaro de 18 de março de 1968 que inclui o relatório da viagem para a Argentina de 26 de janeiro a 17 de fevereiro. Em 25 de janeiro o camarada Bárdosz discutiu a questão com os camaradas tchecoslovacos e, em 26 de janeiro, partiu para além do oceano. No encontro em Bratislava foram acertados detalhes relacionados à parte técnica de editoras, assim como a questão de levar o agente e sua família da Argentina para a Europa - via Roma a Hungria - com a pausa de 6 meses de isolamento na Eslováquia por questões de segurança. Também foram discutidas questões sobre a AO POVSTÁNÍ.

Logo que chegou a Buenos Aires, em 29 de janeiro, - afirma o relatório do major Gusztáv Bárdosz[317] - encontrou-se com a filha de 18 anos de Nagy, que levou à embaixada húngara uma versão modificada de *A quinta sessão* (no fim o título ficou *Igreja e comunismo)* com os novos capítulos escritos segundo as instruções do serviço de inteligência. O major da polícia política encontrou-se com o autor em 30 de janeiro, novamente na embaixada.

O estilo de trabalho dos húngaros era diferente em relação ao da StB - organizar um encontro com um agente importante ou membros de sua família no posto diplomático, por exemplo, era inimaginável. Outro dado curioso é que, para conversar com um colaborador, foi necessário que viesse um oficial da Central, que, como um recém-chegado de Budapeste, deveria despertar o

interesse da contrainteligência argentina. Provavelmente isso resultou do fato de os húngaros não terem as mesmas possibilidades operacionais na América Latina que os tchecos. Não se tratava somente da existência ou fraco funcionamento de *rezidenturas*, mas também da qualidade dos funcionários. Mesmo assim, os húngaros conseguiram realizar de maneira bem-sucedida a parte americana da operação, enquanto os tchecos, mais avançados em questões de inteligência - não conseguiram.

Nos registros de conversas entre o major e o agente, lemos que este desejava que o serviço de inteligência o ajudasse a voltar à sua pátria, mas antes gostaria de fazer uma longa viagem pela América Latina com a família, o que seria financiado por Budapeste. O major G. Bárdosz lhe persuadiu, argumentando que a polícia política já gastava bastante dinheiro com ele - recebia a cada mês 150 dólares americanos, mais 1.600 dólares para a viagem à Europa e 900 como salário equivalente a 6 meses. Kircheubauer/Nagy argumentou que sua esposa não concordaria com aquelas condições, e no fim chegaram à seguinte soma: os honorários do livro, que esperam por ele na Europa Central, 1.800 xelins por *Jesuítas y masones* e mais 18 mil xelins pelo segundo livro.

Quanto à questão financeira, os serviços especiais foram honestos - nos documentos tchecos e húngaros encontramos valores idênticos, não houve nenhum negócio particular durante a entrega do dinheiro. No serviço de inteligência polonês do início dos anos 60, por exemplo, ocorreram gigantescas malversações financeiras no chamado escândalo do serviço de entregas.[318]

Sem dúvida, Töhötöm Nagy (1908-1979) era excepcional. Em 1937 foi ordenado padre na Hungria, onde se uniu ao movimento KALOT[319] que apoiava a juventude pobre do campo. A sensibilidade quanto ao destino das pessoas o guiou durante a sua vida. Ele era próximo do cardeal Mindszenty, mas, quando os comunistas tomaram o poder na Hungria, a sua atitude fortemente anticomunista indignava o socialmente sensível Nagy - que partiu em 1946, primeiro para o Uruguai, depois, para a Argentina. Lá, prosseguiu o seu trabalho entre os pobres. Em 1948 abandonou a batina para constituir família e em 1949 nasceu a sua filha. Em seguida, tornou-se maçom. Em 1963, publicou um livro sobre a experiência de jesuíta e maçom e, em 15 de setembro de 1966, foi recrutado e tornou-se agente do serviço de inteligência comunista.

Nagy fez contato com a embaixada húngara em 1963: o livro *Jesuítas e maçons*, escrito antes do contato com o serviço de inteligência, deixou a polícia política húngara intrigada, pois, mesmo com um estilo anticomunista, continha ataques indiscriminados ao cardeal Mindszenty e sua política eclesiástica, comportamento significativo para os comunistas húngaros. Para voltar a seu país

de origem, ofereceu aos húngaros documentos comprometedores em relação ao cardeal, procedentes dos anos 1945-47, quando Nagy agia em Budapeste e no Vaticano. Em 1965, o major Bárdosz, a partir das conversas feitas em Buenos Aires, elaborou as características do figurante[319] afirmou que

> "ele próprio se considera um materialista e diz que se identifica com o nosso ponto de vista. Propôs escrever um livro (e publicar com o seu nome), para desmascarar o papel antiprogressista dos círculos conservadores da Igreja atualmente e no passado, o que provará aplicando uma argumentação escolástica, ou seja, usando a arma deles".

Como prova entregou ao major um esboço do livro e uma lista. A polícia política viu potencial nesse material, através do qual era possível - segundo o major definiu - "reforçar os conflitos e divisões na Igreja Católica". Segundo o relatório do major sabemos que ao iniciar a colaboração com o serviço de inteligência húngaro Nagy também tinha esperanças de melhorar a sua situação material. Em 1965, o serviço de inteligência ajudou-lhe a pagar dívidas, e segundo o relato de Bárdosz a situação dele deveria ser ruim, pois ele não excluiu a possibilidade de divórcio ou de voltar aos jesuítas, para ter o que comer. "Minha esposa está doente e não viverá por muito e a minha filha em pouco tempo se tornará independente" - o representante do serviço de inteligência rejeitou esse raciocínio e convenceu o antigo jesuíta a escrever o livro planejado, porque "para nós a atividade literária dele é interessante, está de acordo com os nossos objetivos".

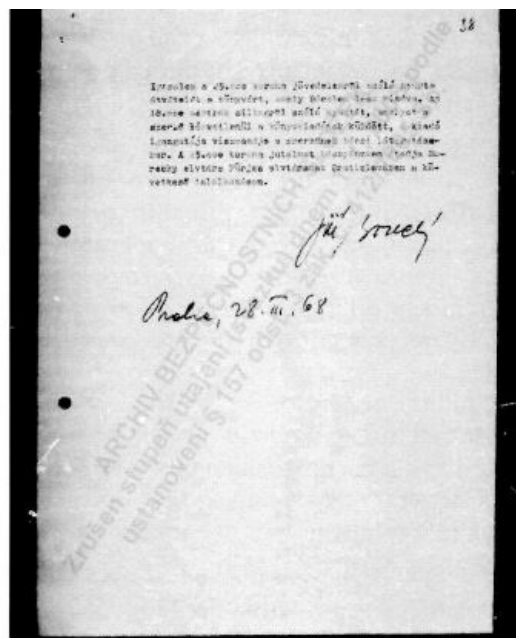
Durante a expedição do major da polícia política para a Argentina, Nagy apareceu mais uma vez na embaixada para levar os materiais comprometedores do cardeal Mindszenty (tratava-se da correspondência privada entre o cardeal e Otto von Habsburg). Desta maneira, ele foi aprovado diante do major da polícia política húngara. Para o funcionário do serviço de inteligência essa atitude revelou o ódio contra o cardeal e a grande ambição do autor de *Jesuítas y masones.*

Em fevereiro de 1968, ano turbulento na Tchecoslováquia, Praga recebeu a notícia de que Nagy iria a Santiago, no Chile, para finalizar a edição latino-americana do livro *Iglesia y comunismo.* Durante a sessão plenária de janeiro do Partido Comunista da Tchecoslováquia foram estabelecidas mudanças de época: o secretário-geral foi substituído (assumiu Alexander Dubcek[321]), o partido optou por uma direção liberal e democrática, foi abolida a censura. O subcoronel Fürjes, chefe do serviço de inteligência húngaro da seção para questões de operações ativas, discutiu em Praga sobre operações mútuas e questões

tchecoslovacas, preocupado com os novos rumos do partido irmão, o que não atrapalhou a operação KNIHA, mas em breve o faria.

No encontro de março, em Praga, o camarada húngaro informou que o livro já estava pronto para impressão, seria lançado na metade de abril e começaria a ser vendido no Chile. A tiragem final ficou estabelecida em 2 mil exemplares, 500 deles seriam enviados pelos húngaros para endereços escolhidos anteriormente na América Latina e Europa. O chefe da seção informou aos seus colegas tchecos as dificuldades relacionadas à edição do trabalho do agente - parte da diretoria da editora chilena posicionou-se contra a publicação do livro, pois o considerou “forte demais”, inaceitável para os católicos conservadores sul-americanos. Na opinião destes chilenos, “o diálogo entre o comunismo e a igreja apresentado nas páginas deste livro foi longe demais”.

Fürjes demonstrou interesse que a tradução para o alemão fosse lançada na Áustria o mais rápido possível. Enquanto isso, o primeiro livro já havia sido editado — os tchecos concluíram a sua edição na Frick-Verlag, em Viena, e um honorário no valor de 25 mil coroas tchecoslovacas foi entregue nas mãos do camarada Fürjes. Nos documentos tchecos há um pedido do chefe do serviço de inteligência húngaro para o chefe da StB: havia sido acordado que era possível mover o agente Kircheubauer e sua família para a Tchecoslováquia, mas, para deixar tudo em ordem, Praga exigiu de Budapeste um pedido por escrito. Assim foi feito e desta maneira o coronel Sándor Rajnai[323] enviou uma carta para Praga:

> “em referência à conversa [...] gostaria de pedir por ajuda, para que a esposa (55 anos) e filha (19 anos) de um certo agente nosso, que voltará definitivamente do exterior, possam, por motivos de conspiração, enquanto ele não volta para casa, permanecer temporariamente - por um período aproximado de 6 a 8 meses no território da República Socialista da Tchecoslováquia, em Piestány. Forneceremos à família os documentos húngaros apropriados e cuidaremos de seu bem-estar material. Agradecemos desde já a vossa ajuda. Com saudações do camarada Rainaj Sándor, coronel, Budapeste, 11 de março de 1968”.[323]

Declaro o recebimento de 20 mil coroas tchecas pelo livro Jesuítas y masones *que será editado em Viena. A declaração de 18 mil xelins, que o autor enviou diretamente para a editora, lhe será devolvida durante a sua visita ao diretor da empresa. O honorário de 25 mil coroas tchecas em papel-moeda será entregue pelo camarada Borecký ao camarada Fürjes durante o próximo encontro em Bratislava.*

O agente Kircheubauer não pôde fazer a sua viagem dos sonhos pela América Latina, mas, quando chegou com a família à Europa com uma considerável soma nos bolsos não pensou duas vezes e, em vez do trajeto anteriormente estabelecido via Roma e Viena até Piestany, na Eslováquia, comprou uma passagem que permitia mover-se por ferrovia por toda a Europa Ocidental e partiu com toda a família. Os húngaros informaram as mudanças a Praga, avisando que não seria necessário esconder os membros da família do agente na Tchecoslováquia. Mesmo com a insubordinação do agente, o serviço de inteligência húngaro continuou confiando nele, apesar das reclamações de Fürjes que ele era indisciplinado e não estava totalmente ciente dos perigos que o ameaçavam por causa da colaboração com o serviço de inteligência húngaro.

Os húngaros entregaram estas informações aos tchecos durante o encontro de consultas seguinte, em abril de 1968, em Bratislava, no qual o camarada húngaro demonstrou sérias preocupações relacionadas à situação na Tchecoslováquia. As tendências revisionistas no interior do partido o preocupavam, assim como também diferentes sinais que revelavam o crescimento de uma tendência antissoviética na sociedade tchecoslovaca. Recomendou que fosse examinado o “direcionamento” da imprensa, rádio e televisão. Percebeu que as tendências

nacionalistas estavam aumentando, o que sempre era um alerta - para os comunistas, o nacionalismo em seu território era prejudicial, entretanto, era muito bem visto no Brasil, por exemplo, pois constituía um excelente campo para as suas manobras.

Apesar da agitada Primavera de Praga, os serviços de espionagem continuavam agindo. Como a Seção 8 do serviço de inteligência (das AOs e da desinformação) havia cumprido a primeira etapa da operação KNIHA, ou seja, conduziu a edição do livro *Jesuítas y masones* na editora Frick-Verlag de Viena, era preciso enviar a T. Nagy o seu honorário de 25 mil coroas tchecoslovacas. Os húngaros ficaram gratos com o pagamento, pois o dinheiro de seu indisciplinado agente em viagem pela Europa estava acabando. Com base nos documentos tchecos, sabemos que a edição do segundo livro em Viena foi levada adiante. Dr. Kurt Mohl, diretor-geral, da Frick-Verlag, visitou a embaixada húngara em Viena, em junho, pedindo ao conselheiro uma opinião sobre o livro. A visita confundiu os húngaros, que perguntaram à Praga se tratava-se de uma iniciativa tcheca. A StB garantiu que foi ideia do próprio Mohl, pois a questão da edição fora deixada nas mãos do autor e da editora. Os serviços de inteligência acordaram, então, que a embaixada húngara se distanciaria do livro e responderia a Mohl que a embaixada da Hungria não tinha nada a dizer sobre o caso, já que o autor não estava escrevendo sobre a Hungria e sequer era cidadão húngaro.

O verão transcorreu sob acontecimentos estranhos e trágicos. Quando, em 5 de agosto, o major Fürjes chegou a Praga, negou-se a pernoitar na mansão da StB pois preferiu se alojar na embaixada húngara. No ambiente político predominava um sentimento de desconfiança entre os serviços de inteligência e a operação mútua também perdeu com isso. Na noite de 20 para 21 de agosto o pior aconteceu: as tropas do Pacto de Varsóvia, incluindo as húngaras, invadiram a Tchecoslováquia, para, com um punho de ferro, sufocar as reformas de Praga. Não há documentação de outubro a março do ano seguinte devido à situação confusa na StB, quando muitos funcionários emigraram, muitos foram suspensos, perderam suas condecorações ou foram expulsos do MV.

A emigração tocou também a rede de agentes - alguns colaboradores ideológicos que estavam no exterior avaliaram a nova situação e não voltaram à Tchecoslováquia. Para os comunistas e para os apartidários que apoiavam as reformas, agosto de 1968 foi um choque, um forte golpe que abalou a fé no comunismo e em suas convicções. A partir daquele momento, nada na Tchecoslováquia foi como antes: a História parou e a situação era de paralisação, a chamada normalização. A inércia e o marasmo (resignação, falta de entusiasmo, falta de convicções autênticas, conjunturalismo desordenado, etc.)

atingiram também o serviço de inteligência da StB, que, até a queda do regime comunista, em 1989, nunca mais se reergueu. Entre as pessoas que optaram pela emigração estava o agente KOSEK - Karel Beran, correspondente da CTK em Viena -, que se ocupava da Frick-Verlag da parte do serviço de inteligência tchecoslovaco. Ladislav Bittman (codinome: BRYCHTA), outro residente da StB na capital austríaca, também emigrou, e levou consigo informações de todos os colaboradores e operações naquele território.

Em março do ano seguinte, a StB inspecionou as ações mútuas com os húngaros, e sobre a AO KNIHA foi escrito[324] que todos os contatos com a editora de Viena eram resolvidos por Karel Beran e, como consequência de sua emigração, houve a desconspiração da operação. Mesmo assim, afirmaram que

> "a nossa intervenção não deve ser necessária, pois o autor entrou em contato direto com a editora e, provavelmente, já foi até mesmo assinado o contrato pela publicação. [...] Até onde se sabe, não tivemos e não temos nenhum interesse direto na AO KNIHA, esse é um problema dos húngaros".

Em outubro de 1969, entre as preparações das teses para o encontro seguinte com os húngaros em Praga, surgiu a pergunta sobre a continuação da AO KNIHA. Ficou acordado que os húngaros conduziriam sozinhos a operação mas, no hm das contas, o livro *íglesia y comunismo*, editado em 1968 pela editora Excelsior, no Chile, não foi editado na Europa.

Os tchecos não conseguiram concluir a edição austríaca do livro sobre a Igreja e o comunismo devido às circunstâncias históricas - o trabalho meticuloso do serviço de inteligência foi varrido pela ventania dos acontecimentos. Os húngaros, por outro lado, tiveram completo sucesso - editaram e distribuíram na América Latina um livro que, em 1968, apontava um certo parentesco entre a ideologia marxista e a religião cristã, escrito segundo as instruções do serviço de inteligência comunista, algo que até aquele momento era considerado heresia e que encontrou a sua realização sangrenta na Teologia da Libertação.

Para isso, investiram muito dinheiro e esforço, e tiveram sorte de ter contato com uma pessoa disposta à colaboração: um antigo jesuíta que, com ambições feridas e péssima situação financeira, escreveu uma obra que não era agressivamente comunista, mas que parecia completamente confiável. O autor fingia que a aproximação entre o comunismo e a Igreja era um assunto realmente importante para si, fingia não ser indiferente ao destino dos pobres e oprimidos, e, nas linhas de seu texto - que não era seu, pois foi também escrito nas centrais de serviços de inteligência - fingiu estar preocupado com o destino do

Cristianismo.

Não afirmamos aqui que a operação KNIHA tenha sido importante, porém, retomando as palavras que Ion Pacepa ouviu de Nikita Khrushchov, em 1959 - “a religião é o ópio do povo, então, daremos a ele este ópio” -, ele afirma decididamente que a Teologia da Libertação foi invenção da KGB.[325] Não podemos excluir, entretanto, que as atividades do serviço de inteligência húngaro não tenham feito parte deste cenário, caso este tenha existido.

As duas operações, das quais a StB também participou, sem dúvida foram completamente sem sentido para a Hungria — um pequeno país comunista da Europa Central engajou-se em algo que não tinha nada a ver com seus interesses comerciais e políticos na distante América Latina. Que o leitor avalie por si como devem ser interpretados os fatos aqui apresentados.

Notas do Prefácio

. Não preciso relembrar aqui os frequentes e discretíssimos episódios de carreiras universitárias abruptamente encerradas pela ousadia de contestar esse ou qualquer outro dogma do credo esquerdista.

2. V. www.olavodecarvalho.org/falsificacao-integral/.

3. V. meu artigo “Sugestão aos colegas”, de 17 de fevereiro de 2001: www.olavodecarvalho.org/sugestao-aos-colegas/.

4. Como se verá no presente livro, a KGB, nos países do Terceiro Mundo, não atuava diretamente, mas através dos serviços secretos dos países satélites; no Brasil, a StB, serviço de inteligência da Tchecoslováquia.

Notas do texto

1. V. meu artigo “Sugestão aos colegas”, de 17 de fevereiro de 2001: www.olavodecarvalho.org/sugestão-aos-colegas/.

2. Como se verá no presente livro, a KGB, nos países do Terceiro Mundo, não atuava diretamente, mas através dos serviços secretos dos países satélites; no Brasil, a StB, serviço de inteligência da Tchecoslováquia.

3. Dos muitos trabalhos escritos sobre a história do serviço de espionagem da StB, vale a pena citar o mais novo: Jirina Dvoráková, *Historie a vyvoj ceskoslovenského civilntho zpravodajstvíse zamèfením na rozvèdku (1919-1990),* UZSI, Praha 2014.

4. Em um relatório do Serviço Nacional de Informações — SNI de 1968 chamado “Organização dos Serviços de Inteligência da União Soviética”, foi utilizado o termo “residência”. Optamos pelo termo *rezidentura,* procedente do idioma russo, também usado em inglês e outros idiomas europeus.

5. ABS, n° de registro 5387, pasta pessoal do oficial da StB, nome real: Jirí Kadlec. Todas as notas seguintes que contêm números de pastas referentes à ABS na maioria das vezes estão relacionadas com pastas do Departamento I - serviço de espionagem; em tcheco: *I. správa MV.* As pastas da contraespionagem possuem outra numeração e, no texto ou nas notas, informamos que tal pasta procede dos acervos da contra- espionagem, ou seja, do Departamento II; em tcheco: *II. správa MV.*

6. Trata-se principalmente das pastas de n° de registro 80015 e 80014.

7. https://www.abscr.cz/jmenne-evidence/.

8. Nº de registro 80015/1 descrição da tentativa de “trabalhar” o figurante Osak.

9. Entre os inimigos foram também citados outros países capitalistas como Grã-Bretanha, França e outros, mas países da América Latina nunca se encontraram nesta lista.

10. Em uma entrevista concedida ao jornal polonês HISTORIA DO RZECZY (nº 1/2016, str. 69), Paddy Hades, historiador irlandês de serviços de inteligência, descreve Daphne Park, controlador do MI6, e cita como típicas características do espião: “facilidade em fazer contatos com pessoas influentes... habilidade para se aproximar de outras pessoas”.

11. Vasili Mitrokhin, o antigo arquivista da KGB, apresentou a seguinte definição soviética sobre a aplicação de medidas ativas fora da URSS: “Ações operacionais e/ ou de rede de agentes direcionadas para exercer influência na política exterior e na situação interior política de países que sejam alvo dessas ações, segundo o interesse da União Soviética e de outros países socialistas, do comunismo internacional e de movimentos nacional-libertadores; enfraquecimento político, militar, econômico e ideológico da posição do capitalismo; torpedeamento de seus planos agressivos com o objetivo de criar condições favoráveis para realizar com sucesso a política exterior da União Soviética e garantir a paz e progresso social” (W. Mitrochin, *KGB Lexicon: The Soviet Intelligence Officer’s Handbook*, London 2002, pag. 13). O Departamento de Estado dos EUA, em 1986, possuía a sua definição para as “medidas ativas” do bloco

soviético: “A expressão *medidas ativas* é a tradução literal de *aktivnyie meropriyatiya*, em russo, que significa operações secretas e simuladoras, realizadas com o escopo de apoiar a política exterior soviética. Deve-se diferenciar as medidas ativas tanto da inteligência, como da contrainteligência e das atividades diplomáticas e informativas tradicionais. O objetivo das medidas ativas é influenciar na opinião e percepção de autoridades ou na opinião pública, pretendendo, assim, adquirir determinadas reações. A essência das medidas ativas é um jogo de aparências — desinformação e falsificação, organizações de fachada, manipulação das mídias e transmissões secretas de rádio. Essas atividades constantemente abrangem operações secretas, mas não necessariamente” (Departamento de Estado dos EUA, *Active Measures: A Report on the Substance and Process of Anti-U.S. Disinformation and Propaganda Campaigns,* August 1986, Washington 1986, s. 1). Atualmente, na literatura polonesa, é aceita a tradução “medidas ativas”, traduzido do russo através do inglês (esclarecimento presente no texto “Operação ‘Sinônimo’: aparelho de segurança tchecoslovaco, medidas ativas do bloco soviético e processo KBWE (1976-1983)” Douglas Selvage, na revista do IPN “*Pamiçc i Sprawiedliwosc*, 1 (23) 2014 Warszawa). Nós decidimos optar pela expressão “operação ativa” respeitando o contexto de várias operações como essas realizadas pela StB tchecoslovaca no exterior.

12. Desinformação: informação propositadamente falsa que tem como objetivo exercer influência sobre certo grupo de pessoas ou populações inteiras. E um dos métodos operacionais básicos no trabalho de serviços de inteligência, que serve para exercer influência sobre o adversário de maneira que aja do modo que o serviço deseje. Definição do livro: *Encyklopedie spionáze,* Libri, 1993.

13. Miroslav Polreich, antigo funcionário tchecoslovaco do serviço de inteligência, descreveu o recrutamento, em 1954, quando foi convidado para uma conversa no Comitê Central do KSC. Ao receber a oferta de trabalho no serviço de inteligência lhe foi garantido que: “Você nunca precisará mentir. Queremos ouvir deste serviço somente a verdade”. Disponível em: http://skopal-jaroslav.blog.cz/1502/ke-zpravodajske-sluzbe-i/. Acesso em: 25 de agosto de 2017.

14. O livro foi editado em 2001, na Rússia: AflCKaa wrpa. CeKpeTHaa MCTOpna KapwócKoro Kpii3nca 1958-1964, Moscou, 2001.

15. Título em cirílico: IlnyTOHMÍí HJIB Onflena. TypepKMH rpoM, KapiiõcKoe axo, AHHa IpaHaTOBa, edição 2013.

16. Em cirílico: AneKceeB, AneKcaHflp UBaHOBMH.

17. As informações são da pasta de n° de registro 80691 Correspondência operacional - colaboração com os amigos.

18. São eles Ronaldo Pereira Rodrigues, Ivan Evaldo de Mattos, Sérgio Monteiro e Luiz Gonzaga Guimarães; no final do ano de 1960 eles decidiram aceitar um programa de bolsas de estudo oferecido pelo governo da Tchecoslováquia. Uma vez no país, os brasileiros ficaram decepcionados com a falta de liberdade e decidiram mostrar sua insatisfação. Foram então agredidos por outros estudantes brasileiros, entre os quais, segundo o que foi publicado na imprensa da época e no livro escrito por Ronaldo, estaria o filho de Pedro Pomar, Eduardo João Torres Pomar. O livro escrito por Ronaldo se chama Estudantes brasileiros na Tchecoslováquia: a grande desilusão. A notícia do incidente com os estudantes foi publicada em vários jornais brasileiros da época.

19. N° de registro 10015/307.

20. Texto em não identificado.

21. Clube Militar - organização social que reúne militares e civis, surgida em 1887. Ao final dos anos 50 e começo dos anos 60 parte os membros dessa organização, que funcionava bem e possuía estruturas por todo o país, aspiravam a sua politização, forçando a candidatura do general Lott para presidente. Nos anos 60, o Clube Militar possuía aproximadamente 22 mil membros.

22. IS PETR, já citado acima, era provavelmente Emil Ruda, cidadão da Tchecoslováquia nascido em 23 de janeiro de 1920. Sua pasta pessoal foi destruída; no ABS ele também figura como agente do serviço de espionagem militar.

23. N° reg. 40533.

24. “Vento Escuridão Presença”, Brno, 2014.

25 Juscelino Kubitschek de Oliveira, 1902-1976, presidente de 1956 a 1961. Seus antepassados eram do sul da Tchéquia. Foi o autor e propagador persistente da construção de Brasília, a capital do país. Viveu no exílio entre 1964 e 1967.

26. N° de registro 11424.

27. Slawomir Cenckiewicz, historiador polonês e especialista em serviços secretos comunistas, descreve as diferentes etapas do “afeiçoamento/ligação gradual”: primeiramente, é feito o contato durante o qual o

oficial conversa com o figurante sobre diferentes questões não relacionadas ao serviço de inteligência; em seguida, as conversas já podem incluir pessoas ou assuntos que interessam ao serviço e já se pode dizer que, lentamente, o figurante torna-se uma fonte de informação. A última etapa do afeiçoamento é a materialização do contato, quando as informações já são entregues por escrito e o colaborador é premiado.
28. Afonso Arinos, 1905-1990, conhecido político brasileiro, positivamente orientado a Fidel Castro.
29. Portaria do Ministério da Justiça 1.600, de 22 de agosto de 2005, p. 36. Seção 1. Diário Oficial da União (DOU) de 23 de agosto de 2005.
30 Trata-se da pasta de n° de registro 80691
31. Osny D. P. (1912-2000), conhecido e destacado juiz do Tribunal de Justiça do Estado da Guanabara. Autor de vários trabalhos, possuía contato com a StB desde 1958. Foi ativamente usado em operações (principalmente na imprensa) nos anos 1961-1963. Sua pasta foi destruída, mas temos a nota sobre a destruição - n° de registro 20949, folha 217, de agosto de 1969, na qual está escrito que ele foi um contato secreto do I Departamento. O contato com ele foi interrompido devido às suas ligações com o Partido Comunista do Brasil em 1963. O número de sua pasta era AS 8848.
32. Em português: Lev Joukov, transcrição em inglês: Zhukov. Foi secretário da embaixada soviética. Em 1964, o "Jornal do Brasil" o acusou de espionagem (edição de 7.5.1964).
33. Antonín Josef Novotny (10 de dezembro de 1904 - 28 de janeiro de 1975): político e ativista comunista tchecoslovaco, presidente do país durante os anos 1957-1968, secretário do partido comunista durante os anos 1953-1968; perdeu o poder como consequência de um movimento de reformas em 1968.
34. N° de registro 10014.
35. N° de registro 11778/300.
36. N° de registro 11778/300/1/2, folha 29, documento: LETO - situação do contato durante a entrega para o camarada Skorepa.
37. N° de registro 11778/300/1/2, folha 48.
38. N° de registro 11778/300/1/2, folhas 55 e 56.
39. Anatol. G. Elatoncev, segundo secretário da embaixada soviética, foi identificado como espião soviético no *Jornal do Brasil* como Anatoliy Yalatontsev na edição de7/5/1964.
40. Primeiro-secretário da embaixada soviética, Leonid M. Romanov, foi detido pelo DOPS em maio de 1964 por suspeita de espionagem. O caso foi noticiado no *Diário da Noite* em 8 de maio de 1964. Entre 1978 e 1987, foi embaixador da URSS na Colômbia.
41. No original, EjiaTOHpeB, A. E, AreHTypHO-onepaTHBHaa oôcraHOBica B Bpa3nann, Moscou, 1969.
42. Comissão Econômica das Nações Unidas para América Latina e Caribe. Comissão regional da Organização das Nações Unidas, convocada em 1948 pelo Conselho Econômico e Social da ONU. O objetivo da CEPAL era apoiar o desenvolvimento econômico e social, assim como a integração dos países das Américas Central e do Sul. A sede da organização fica em Santiago.
43. N° de registro 11778/300/2/2, folhas 81 a 84.
44. Pasta de n° de registro 11778/303.
45. N° de registro 11778/303/1/2, folhas 41 e 42.
46. Francisco Clementino San Tiago Dantas (1911-1964). Jornalista, advogado, deputado e também ministro das relações exteriores durante a presidência de Joao Goulart, autor da concepção da política exterior independente brasileira. Em 1963, foi ministro da fazenda na administração de Goulart.
47. Mesmo que não pretendamos fazer avaliações neste livro, fica difícil guardar um comentário: dois anos antes do golpe de estado um importante político de um país democrático confessa, em uma conversa com um funcionário do serviço secreto de espionagem tchecoslovaco, que possui contatos confidenciais com um grupo armado ilegal. É duvidoso que atitudes do tipo façam parte do cânone da política democrática e que um político como esse possa ser considerado um representante do partido democrático. Segundo a Portaria n° 1.207, de 8/10/2002, do Ministro da Justiça, publicado na p. 24 da Seção 1 do DOU de 17/10/02, Lauro recebeu indenização de R$ 90.000,00 por decisão da Comissão de Anistia.
48. Pasta de n° de registro 80691
49. N° de registro 43268/020/4/4, folhas 194 e 195.
50. Pasta de n° de registro 11424/303, Manolo é o codinome de E. Bailby.
51. N° de registro 80729/000/4/5 folha 235.
52. N° de registro 80803/ 1/5, folha 25.
53. N° de registro 90008, pasta AO DRUÉBA, folha 196.
54. N° de registro 90008, pasta AO DRUZBA, folhas 198, 199.
55. N° de registro 90008, pasta AO DRUÉBA, folha 206.
56. N° de registro 90008, pasta AO DRUÉBA, folha 203.

57. N° de registro 90008, pasta AO Druzba, folha 204.
58. N° de registro 90008, pasta AO Druzba, folha 212.
59. N° de registro 11424/303, pasta Jornalistas - Brasil, folha 44, notícia de 7 de março 1962 da central para o Rio, sobre o contato com o figurante Manolo.
60. N° de registro 11424/303, pasta Jornalistas - Brasil, folha 1, escrito a mão: o pedido foi enviado pelo serviço de segurança polonês.

61. Bailby, Edouard. *Berlim entre duas Alemanhas.* Rio de Janeiro: Leitura, 1962.
62. N° de registro 11424/303, pasta Jornalistas - Brasil, folha 46-47, neste documento o residente mencionou todos os encontros com Manolo no Uruguai, sumarizou os gastos (MANOLO recebeu 70 mil cruzeiros) e elogiou o seu trabalho para o serviço de espionagem, "afirmando que é um jornalista competente". Recomendou-o como candidato para ser enviado a acontecimentos como a conferência em Punta del Este.
63. U.S. Congress. Senate. Subcommittee on Internal Security. Testimony of Lawrence Britt [pseud., Ladislav Bittman]. 5 May 1971.92d Cong., lst sess. Washington, DC: GPO, 1971.
64. N° de registro 81205/126/2/5 folha 99 e seguintes.
65. N° de registro 81205/126/3/5 folha 145.

66. Acessar buscador ABS em https://www.abscr.cz/jmenne-evidence/, codinome: Lavina, n° de registro: 90018, n° de arquivo: 10814, seção: I. Departamento do Ministério do Interior. Nome do livro: Diário de pastas de operações, seção: I. Departamento do Ministério do Interior.
67. N° de registro 43412/020, folhas 63, 64 e 65.
68. N° de registro 43268/000/4/4, folha 201.

69. General Oromar Osório. Foi comandante da Iª Divisão do 3º Exército sob o comando do general Machado Lopes. Segundo diferentes relatos, fazia parte do círculo do governador Brizola. Em 1964, a sua unidade apoiou o presidente Goulart. Faleceu em 11/05/1981, aos 70 anos, no Rio de Janeiro.
70. N° de registro 43268/020/3/4/0068, folha 172, AO LUTA - relatório sobre a situação no Rio Grande do Sul de 8.3.1962 elaborado por Jezersky.
71. Organização de camponeses com pouca ou nenhuma terra, surgida no norte do país em 1950. A organização surgiu por inspiração do PCB, mas, quando Francisco Julião tomou o poder sobre ela, sua orientação política mudou — para uma direção de soluções revolucionárias radicais. Foi uma organização fortemente marxista, mas, no fim, entrou em conflito com o partido comunista.
72. N° de registro 80616/000/6/8, folha — número ilegível, provavelmente 336, na versão eletrônica possui o número 0087. Nome do documento: Dr. C. S. DE MORAIS — pedido de aquisição de informações.
73. N° de registro 11681/302/1/1, folha 18.
74. N° de registro 11681/302/1/1, folha 30.
75. As Ligas Camponesas, assim como o Clube Militar, também eram um objeto de interesse da KGB.
76. N° de registro 11681/305/1/1, folha 15, segunda página do documento chamado "Francisco Julião".
77. N° de registro 11681/305/1/1, folha 23, na folha foi escrito a mão que o relatório era destinado à Seção Internacional do Comitê Central do KSC e para os amigos.
78. Agência governamental fundada em 1959 para apoiar o desenvolvimento da região Nordeste no Brasil.
79. Paulo de Andrade, membro da diretoria das Ligas Camponesas, proposto pelas Ligas como homem de ligação entre esta organização e a *rezidentura,* com o que não concordou a central da StB em Praga: "Por causa do contato com Andrade a coisa ficou pior ainda, pois Andrade já possui contato com a embaixada cubana, o que probabiliza a desconspiração, que pode nos ameaçar. O contato com Andrade deve ser excluído". N° de registro 11681/302.
80. N° de registro 11681/305/1/1, folhas 29-32.
81. N° de registro 11681/305/1/1, folha 42.

82. João Pedro Stedile. *História e natureza das Ligas Camponesas.* São Paulo: Expressão Popular, 2002; e o trabalho de Enilce Lima Cavalcante de Souza, "A Liga e as lutas sociais no Brasil", Doutoranda no Programa de Pós-graduação em História Social na Universidade Federal do Ceará. Estima-se que o jornal teve uma tiragem mínima de 30 mil unidades e alcançou diferentes partes do Brasil e, por longo tempo, manteve-se graças à venda de exemplares e somente com o tempo surgiu o "Círculo de amigos A Liga".
83. Pelo professor Olavo de Carvalho na revista Época, em 17 de fevereiro de 2001.
84. N° de registro I-SF/0041/I-SF.

85. Após o golpe militar de 1964 a *rezidentura* no Rio foi obrigada a interromper por alguns meses o trabalho com agentes devido ao alto risco relacionado com a possibilidade de desconspiração dos oficiais do serviço de inteligência e seus colaboradores. Muitas pessoas relacionadas com à StB no Brasil encontraram-

se nas listas de pessoas que perderam os direitos políticos, e muitos foram detidos pela polícia. Essas e outras circunstâncias paralisaram por um tempo o trabalho da StB no Brasil.

86. Esse movimento foi descrito em detalhes por Pavel Èáéek no texto *Nás soudruh v Havanê (Nosso camarada em Havana)*, in: *Pamèi a dèjiny* 03/2012. Com base neste texto descrevemos as relações tchecoslovaco-cubanas no segmento de trabalho dos serviços de segurança.
87. De 1959 a 1961, o embaixador brasileiro em Havana foi Vasco Leitão da Cunha, conhecido e respeitado diplomata e político brasileiro, para o qual eram confiadas missões difíceis e de responsabilidade.
88. E aqui temos o motivo do interesse do embaixador brasileiro em Havana pelas execuções, o que tanto surpreendeu ao ditador Castro.
89. Da pasta do agente PAULO n° de registro 42989/020/2/4/0079, folha 163.
90. N° de registro 80816/1/3/0091, folha 47.
91. N° de registro 90008 AO DRUZBA.

92. A StB usava a palavra *contentor* para chamar o recipiente que continha materiais indispensáveis para o serviço de inteligência

93. *O Semanário*, nº 305, 28/10/1962. Na primeira página do texto “Mobilizar o povo para salvar Cuba”, declara-se que o objetivo da FNAC é lutar contra o imperialismo e unir toda a América Latina à corajosa luta do povo cubano contra o imperialismo e os latifundiários.
94. O nome do político foi publicado na imprensa sem o seu conhecimento, o que gerou uma discussão e foi necessário lhe pedir desculpas.
95. General Luis Gonzaga de Oliveira Leite, presidente da Sociedade de Intercâmbio Cultural Brasil-Cuba. Após 1964, fez parte da lista de políticos com direitos políticos cassados.
96. A maioria das informações sobre essa operação encontra-se na pasta de n° de registro 90008 AO Druzba. A citação é da folha nº 34, documento de 28 de setembro de 1962.
97. “N° de registro 90008, folha 81, Zpráva z Rio de Janeiro è. 388 zedne 27/10/1962 .” tradução “N° de registro 90008, folha 81, Relatório do Rio de Janeiro n. 388 de 27/10/1962.”
98. Durante o encontro das 20h00 às 22h00, na churrascaria Minuamo.
99. Assim como acima, folha 130.
100. Assim como acima, folha 131.
101. Pasta DRUZBA, volume II, folha 14.
102. Carlos Lacerda (1914-1977). Político conservador de maior destaque no Brasil. Foi governador do estado da Guanabara de 1960 a 1965. Como um político da UDN, fez oposição ao regime militar que governou o país a partir de 1964 e teve seus direitos políticos cassados em 1968.
103. Badger da Silveira (1916-1999). Político brasileiro em 1963-64. Governador do estado do Rio de Janeiro.
104. Da América Latina, pois o visto não era necessário para procedentes do continente.
105. O agente Macho ocupou-se dos panfletos. Mais detalhes sobre ele e sobre a operação ativa relacionada à edição de panfletos no Capítulo XVII.
106. Pasta II, folhas 150-157.
107. É possível acrescentar mais um jogador: as Ligas Camponesas de Francisco Julião, por intermédio da qual Cuba exercia a sua influência.

108. A lista completa dos delegados presentes nos congressos pode ser acessada em www.stbnobrasil.com.
109. A pasta do agente Macho é a n° 43619. Conservou-se inteiramente, e é dela que foram extraídos os acontecimentos, informações e fatos aqui mencionados.
110. Na Av. Princesa Isabel 63, ap. 1007.
111. Clóvis Salgado da Gama (1906-1978). Político brasileiro, governador de Minas Gerais e ministro da educação de Juscelino Kubitschek.
112. Adolf A. Berle (1895-1971). Advogado americano, diplomata. Durante 1945 e 1946 foi embaixador dos EUA no Brasil, e a partir de 1961 atuou como chefe da equipe do governo para as questões da América Latina junto ao presidente Kennedy. Foi um dos autores do programa *Alliance for Progress*, programa de ajuda econômica e social concedida aos países da América Latina pelos EUA, que funcionou durante de 1961 a 1970.
113. Pasta de Macho, folha 35 da subpasta 000. Nota da notícia do Rio de Janeiro de 4 de abril de 1962.
114. Idem, folha 39, relato sobre o encontro de 17 de abril de 1962.
115. Bakalár mencionou Benda, Vorísek, Krammer, Kozeluh, Stamic, etc. Idem, folha 46.
116. N° de registro 43619/000, folha 57.
117. N° de registro 43619/000, folha 59.

118. Existe uma página em que são apresentadas diferentes fotografias. Em algumas delas também se encontra o irmão de Vera, agente Macho (Disponível em: http:// verabrant.com.br/1. Acesso em: 10 de setembro de 2017.
119. Alexandre José Barbosa Lima Sobrinho (1897-2000). Escritor brasileiro, historiador e político. Também foi presidente da ABI, da associação dos jornalistas, presidente do PEN Club brasileiro, deputado federal. O folheto mencionado sobre Cuba chamava-se “A autodeterminação e a não-intervenção” (1963).
120. N° de registro 43619/000, folhas 93-95.
121. Segundo a StB, o argentino também fora um agente de codinome Pilar (e também: Nacir), usado ativamente na Argentina e durante a conferência em Punta dei Este. O Instituo Morazon, fundado por ele, era controlado pela StB. A sua pasta (n° de registro 42128) foi destruída em 1984, mas no *Diário de arquivo* existe uma anotação de que ela possuía 18 subpastas, um conjunto de documentos bem volumoso. É possível concluir que o livro pode ter sido escrito por inspiração do serviço de inteligência tchecoslovaco. Vemos mais um exemplo de como a atividade em um país pode oferecer frutos em um outro e é possível que a influência deste livro não se limitou à Argentina e ao Brasil.
122. N° de registro 43619/000, folha 12.
123. Até o final de 1962 foi chefe da seção das questões da política de comércio exterior da Confederação Nacional da Indústria.
124. N° de registro 40956/022/ folha 242. Informação do camarada Moldán de 29 de março de 1963 sobre o encontro de 28/03/1963.
125. N° de registro 43619/000/ folha 115. Nota da notícia do Rio de Janeiro n° 131 de 27 de fevereiro de 1963.
126. Macho aceitou a premiação após certa hesitação.
127. N" de registro 43619/020/ folha 18. Nota do encontro com Macho de 11/03/1963, das 13h00 às 15h00 no restaurante Cantina Capri.
128. SOBRINHO, Barbosa Lima. *A autodeterminação e a Não Intervenção.* Acaiaca, 1963.
129. É exatamente assim que o capitão Skorepa esclarece as circunstâncias da edição do livro no resumo sobre a participação de Macho na AO PRÁVO, em abril de 1963. N° de registro 43619/020, folha 53.
130. *Encyklopedia Powszechna,* Varsóvia 1974.
131. N° de registro 43619/020/ folha 65, MACHO-AO LAVINA, resumo do período de 13 de março a 24 de abril de 1963.
132. Presidente da associação dos publicitários.
133. *Leszek Pawlikowicz: Gry wywiadów — Aparat centralny 1 Zarzqdu Glównego KGB jako instrument realizacji globalnej strategii Kremla 1954-1991, Warszawa 2013;* (Jogos de espionagem—Aparelho Central da I[a] Gestão central da KGB como instrumento de realização da estratégia global do Kremlin 1954-1991. Varsóvia, 2013. Nas páginas 228 e 229 há uma tabela com uma lista de organizações de fachada usadas para atividades de propaganda pela seção de desinformação do serviço de inteligência da KGB. Na lista encontramos, por exemplo: Federação Mundial dos Sindicatos, 1956, sede em Praga; Associação Internacional dos Estudantes, Praga; Associação Internacional dos Advogados Democráticos, Bruxelas; Organização Internacional dos Jornalistas, Praga; Conferência Cristã pela Paz, Praga, etc.
134. Ján Langos, falecido chefe do Instituto de Memória Nacional (ÚPN) eslovaco e antigo ministro do interior tchecoslovaco — na já livre e democrática Tchecoslováquia declarou, em 2005, que as pastas destruídas da StB ainda existem e podem servir para chantagear algumas pessoas. Segundo Langos, essas pastas estão “armazenadas em um lugar seguro”. O ÚPN chegou a essa conclusão graças às análises das ordens do ministro comunista do interior. “Baseando- se nestas ordens, resulta que foram feitas cópias destas pastas destruídas ou as pastas foram destruídas só aparentemente. Na República Tcheca, pouco tempo atrás, apareceu um microfilme com pastas “destruídas”. “Um colecionador de documentos históricos queria comprá-lo em um restaurante” — disse Langos. Na opinião de Miroslav Lehky, diretor da seção de reconstrução de documentos do ÚPN, o instituto tem motivos para concluir que as pastas existem. Ele opina que “o serviço secreto soviético controlava os serviços secretos dos países-satélite”. Temos sinais que indicam que as cópias de alguns documentos estão até hoje em Moscou. Por sua vez, Stanislav Deváty, antigo dissidente (oposicionista nos tempos de comunismo), que, após a revolução em 1989, foi membro da comissão de investigação que examinou os bastidores da revolução de 17 de novembro de 1989 e depois, durante algum tempo, foi chefe do serviço de inteligência tcheco BIS, afirma que a comissão de investigação ouviu as declarações de pilotos do ministério do interior, que, no início do ano de 1990, transportaram várias caixas para Cuba. Ao que parece, foram depois transportadas para Moscou. Isso seria a prova de que as pastas da StB foram provavelmente depositadas em Moscou. Estas suposições nunca foram

confirmadas nem refutadas.
135. Ou seja, havia perdido os direitos políticos.
136. N° de registro 43619/021/ folha 1 e seguintes. Relatório do chefe do serviço secreto destinado ao ministro do interior, em 15 de agosto de 1967.
137. Trata-se da pasta de n° de registro 80718, que contém 14 subpastas. É um material bastante volumoso, suficiente para um novo livro.
138. N° de registro 80718/000/3/6. A partir da folha 137 tem início um extenso material de 36 páginas chamado “Relatório do serviço de inteligência tchecoslovaco sobre o ambiente operacional para rede de agentes no Brasil”, elaborado pelo primeiro- tenente Bakalár, em setembro de 1962. O fragmento citado encontra-se na página 33 deste relatório.
139. N° de registro 80718/100/1/2, folhas 26 e seguintes.
140. N° de registro 80718/100/2/2, p. 90.
141. N° de registro 80718/000/3/6, folha 22 do relatório de Bakalár.
142. Idem, a partir da página 27.
143. Idem p. 28 e 29.
144. N° de registro 80718/101/1/1.
145. N° de registro 80500/300/1/1, folha 11. Esposa do presidente brasileiro - visita à Tchecoslováquia.
146. O caso da expulsão do correspondente tchecoslovaco teve repercussões não somente no campo diplomático: foi discutido também no fórum da Câmara dos Deputados do parlamento brasileiro, quando, em 6 de julho de 1960, o deputado Menezes Cortem, da UDN, levantou a questão da expulsão do jornalista tchecoslovaco no fórum parlamentar.
147. José Aparecido de Oliveira (1929-2007). Político brasileiro.
148. N° de registro 43412/000, folha 8.
149. N° de registro 43412/000, folha 14 e seguintes. Documento elaborado e assinado pelo capitão Peterka.
150. Usamos o termo “agente” de acordo com a nomeação da StB.
151. Mais sobre a Missão Dantas no excelente trabalho de autoria de Matyás Pelant: “Czechoslovakia and Brazil 1945-1989, Diplomats, Businessmen, Spies and Guerrilheiros”, Central European Journal of International and Security Studies Vol 7, Issue 3, que pode ser encontrado em https://www.files.ethz.ch/isn/180018/ cejiss_7.3_eJournal_l.pdf. Acesso em: 14 de setembro de 2017.
152. N° de registro 43412/000, folha 150.
153. Disponível em http://bnmdigital.mpf.mp.br/DocReader/DocReader. aspx?bib=BIB_03ScPagFis=128261 (...)
154. Associação de Amizade Sino-Brasileira.
155. Disponível em: http://bnmdigital.mpf.mp.br/DocReader/DocReader. aspx?bib=BIB_03&PagFis=128261. *Autos da Ação Penal Militar 7735/69, às fls. 9292 e seguintes, com trâmite na 2ª Auditoria, 1“ CJM.* Acesso em: 15 de setembro de 2017.
156. Nu de registro 43412/020, folha 21. N° de registro 43412/000, folha 29.
157. N° de registro 43412/000, folha 29.
158. O CSN foi assim nomeado pelo o art. 162 da Constituição de 1937. Durante os governos militares no Brasil, com o Decreto 900, de 29 de setembro de 1969, o CSN tornou-se o mais alto órgão de assessoramento do gabinete presidencial para as questões de política de segurança nacional.
159. Vermon A. Walters (1917-2002). Oficial e diplomata americano, que de 1962 a 1967 foi adido militar na embaixada dos EUA no Brasil. Segundo fontes abertas, a partir dos anos 70 foi estritamente ligado aos serviços de inteligência americanos.
160. O SNI foi criado pela lei n° 4.341, de 13 de junho de 1964, para controlar e coordenar as atividades de inteligência e contrainteligência no Brasil e no exterior.
161. N° de registro 43412/100, folha 62 e seguintes.
162. A vida desse jornalista é um tema à parte. Após a Segunda Guerra Mundial, trabalhou como comissário político no Exército Popular da Tchecoslováquia, depois tornou-se funcionário da espionagem militar, operando na Alemanha Ocidental, mas afirmou que esse trabalho não servia para ele e empregou-se na editora militar e, depois, na agência tchecoslovaca de imprensa CTK. Quando foi enviado Brasil, a StB entrou em contato com ele para convencê-lo a colaborar como IS. O jornalista negou no início, mas acabou aceitando a proposta. Segundo os documentos no ABS, a sua colaboração foi quase nula. Após voltar do Brasil, quando foi convocado a trabalhar para a StB na viagem seguinte, recusou-se.
163. N° de registro 43412/100, folha 129.
164. O escândalo Profumo envolveu o ministro do governo britânico, John Profumo, e seu romance com

Christie Keeler, uma showgirl. Em dezembro de 1962, após um acidente no qual estavam envolvidos outros dois amantes de Keeler, a imprensa revelou as relações de Keeler com Profumo, juntamente com a informação de que Keeler encontrava-se também com Jevgieni ("Eugene") Ivanov, *attaché* naval da embaixada da União Soviética em Londres. No verão de 1963, Profumo foi obrigado a reconhecer o seu erro e desistir de todas as suas funções. Fonte: Richard C.S.Trahair, Czarna ksiçga szpiegów, (O livro negro dos espiões) Varsóvia 2011, p. 221.
165. N° de registro 43412/100, folha 164.
166. N° de registro 43412/100, folha 169, documento de 17 de agosto de 1964: "Opinião do relatório do camarada Peterka na questão da desconspiração operacional com o agente LOBO".
167. N" de registro KP-2451-31. Pasta pessoal Kvita Zdenék (nascido em 17 de abril de 1931).
168. N" de registro 80905/011/3/4/0058, folha 175 e seguintes.
169. N° de registro 80398/011/3/5/0033, folha 124.
170. N° de registro 43412/000, folha 41, p. 14. sintetizando o trabalho de 33 páginas sobre o caso do agente LOBO de 1º de junho de 1964 (assinado: Horák).
171. N° de registro 80905/000/1/5, folha 7 e seguintes.
172. Comunidade Econômica Europeia, antecessora da União Europeia.
173. N° de registro 80905/011, folhas 1-28.
174. Capítulos XIV e XVII.
175. Programa de apoio econômico e social fornecido aos países da América Latina pelos EUA. Funcionou de 1961 a 1970 e foi uma iniciativa de John E Kennedy.
176. Agência federal americana com sede em Washington, criada em 1 de março de 1961, por iniciativa de John F. Kennedy.
177. Almino Monteiro Álvares Afonso era o deputado federal "trabalhado" anteriormente, na primeira metade de 1963. Foi ministro do trabalho e das questões sociais no governo de J. Goulart.
178. N° de registro 80905/011/2/4, folha 62.
179. Também mencionamos o agente Mojmír no Capítulo XXII.
180. N° de registro 80905/000/1/5, folha 36.
181. Ver Capítulo XV.
182. Ver Capítulo XIX.
183. N° de registro 80905/011/2/4, folha 386.
184. Antonín Novotny (1904-1975). Político tcheco e ativista comunista tchecoslovaco. Presidente do país de 1957 a 1968; primeiro-secretário do partido comunista de 1953 a 1968.
185. Arquivo Nacional da República Tcheca, n° do acervo: 1261/0/44, Partido Comunista da Tchecoslováquia - Comitê Central - Gabinete do primeiro secretário do comitê central do partido comunista da Tchecoslováquia Antonín Novotny - IIª parte, Partido Comunista da Tchecoslováquia.
186. Suzanne Labin, *Em Cima da Hora*, Record, 1963.
187. Rudé právo, 2.04.1964 p. 1 e 4 (Disponível em: http://archiv.ucl.cas.cz/index. php?path=RudePravo/ 1964/4/2/4.png. Acesso em: 21 de setembro de 2017).
188. N° de registro 80905/011/2/4, folha 85.
189. N° de registro 80905/000/2/5/, folha 122.
190. N° de registro 80905/000/3/5, folha 125.
191. N° de registro 80905/011/3/4, folha 169. Documento de 22 de agosto de 1964.
192. N° de registro 80905/011/3/4, folha 177.
193. N° de registro 80905/000/4/5, folha 306 e 325.
194. N° de registro 80905/000/5/5, folha 388.
195. Capítulos X e XIII.
196. Instituição existente de 1955 a 1964 criada por decreto e financiada pelo governo. Ocupava-se principalmente de ciências sociais, propagando ideias próximas ao socialismo do ponto de vista dos nacionalistas. O Instituo foi dissolvido após o golpe militar e as suas atividades foram investigadas pela polícia. Os membros do ISEB perderam seus direitos políticos e vários deles deixaram o país.
197. Mais sobre as atividades do serviço de inteligência tchecoslovaco na Guiné Portuguesa pode ser lido na revista *Securitas Imperii*, n° 9, no texto de Martin Pulec.
198. Segundo o resumo na pasta do agente, a "Fundação Getúlio Vargas foi nomeada para realizar análises das relações econômicas no Brasil e para servir como órgão de apoio para instituições comerciais. A fundação pesquisa e analisa sistematicamente as diferentes questões econômicas. Além disso, prepara avaliações de investimentos para empreendedores. É uma instituição importante de pesquisa e tem à disposição todos os dados sobre a economia brasileira. A maioria dos funcionários da fundação é

empregada em uma série de instituições estatais. Atualmente a fundação possui caráter reacionário e é pró-americana". Pasta de n° de registro 43240/000/0043, folha 17.
199. Vlastimil Jansa (1923-1928), cidadão tchecoslovaco. Colaborou com a StB a partir de 1953. A colaboração com ele foi interrompida em 1970 por causa de suas "convicções direitistas".
200. Grupo de Coordenação do Comércio com os países socialistas da Europa Oriental - instituição governamental surgida em 1962, junto ao MRE, e renomeada em 1968 como Comissão de Comércio com a Europa Oriental.
201. Folha 242.
202. Organização estudantil existente desde 1937. Nos anos 60, uma organização fortemente esquerdista, suspeita e acusada pela imprensa de fortes relações com países comunistas.
203. Ver capítulo anterior, que aborda o personagem Lenco como fonte de informação do relatório sobre a emigração.
204. Folha 34.
205. Folha *39*.
206. Não sabemos se isso é um sobrenome ou pseudônimo, mas provavelmente trata- se deste segundo. Por enquanto, não foi possível apurar quem foi LOSADA, mas tudo indica que foi um jornalista.
207. Segundo a Portaria do Ministério da Justiça 1.034, de 07/04/2004. Pág. 39. Seção 1. DOU de 12/04/2004, foi concedida a LENCO uma indenização, em prestação mensal, correspondente ao cargo de Editor Chefe, no valor de R$ 10.714,27, e uma indenização total retroativa no valor de R$ 1.536.783,46.
208. N° de registro 597532/MV/l/l, folha 4.
209. Disponível em: https://www.abscr.cz/jmenne-evidence/vyhledavani-evidencni-zaznamy/vnitro/seznam-personalnich-spisu-zpristupnenych-do-041231/
210. Pasta mencionada, folha 10.
211. Pasta mencionada, folhas 6 e 7.
212. O n° de registro da pasta é 70717, cada apartamento de conspiração também tinha a sua pasta, na qual eram registrados todos os dados importantes sobre o uso do apartamento.
213. Jaci Leal da Silva, nascido em 1 de outubro de 1938. Também possui a sua pasta no ABS, mas tudo indica ser uma pasta de uma investigação contra ele, por ter sido considerado uma ameaça para o regime comunista.
214. Folha 24 idem.
215. Idem, folhas 28 e 29.
216. Idem, folhas 31 e 32.
217. As informações procedem da pasta de Correspondência operacional de n° de registro 81138. E importante esclarecer que, mesmo com o fim do trabalho ofensivo do serviço de inteligência e liquidação da residência no Rio de Janeiro em 1971, foi garantida a presença do oficial de carreira na embaixada da capital em Brasília, com a função de proteger a embaixada e a colônia tchecoslovaca. Tratava-se de um funcionário com tarefas de contrainteligência, que conduzia colaboradores ideológicos, ou seja, outros funcionários da embaixada. Tarefas externas à embaixada já eram exceções. Para compreender a situação da residência, citamos as informações básicas sobre a quantidade de pessoal da residência em 1975: um oficial de carreira de codinome Potuzník e três colaboradores ideológicos, cidadãos da Tchecoslováquia funcionários da embaixada.
218. A Guerrilha do Araguaia foi uma rebelião que durou de 1966 até 1974, na região do rio Araguaia. Foi sufocada pelas forças governamentais.
219. Mauro Santayana é citado em outras pastas, como na pasta "Correspondência operacional com a residência em Havana por causa da operação Manuel", o que lembramos no Capítulo XXIII.
220. N° de registro 11778/321.
221. Trata-se da pasta de n° de arquivo 660854.
222. Disponível em: http://www.maurosantayana.eom/2014/06/hoje-em-dia-o-vice- presidente-joe-biden.html. Acesso em: 26 de setembro de 2017.
223. A questão é até hoje e motivo de muita polêmica na República Tcheca e em todos os países pós-comunistas que revelaram os materiais das polícias secretas totalitárias. Os historiadores não têm uma resposta clara à pergunta; afirmando que os documentos devem ser tratados com cuidado, confrontados com outros fatos e lidos com a consciência de que eram informações exclusivas, secretas e verificadas, pois eram destinadas às decisões mais importantes no país. Isso logicamente não exclui a possibilidade de que, às vezes, os funcionários modificassem um pouco os seus relatórios para que fossem mais interessantes, ou exagerassem para que o seu trabalho fosse bem avaliado pelos seus superiores, o que representava um grande risco para o autor dessas alterações.
224. Ceskoslovensko a Latinská Amerika (1945-1989). Grant RM 07/02/11. Ministerstvo zahranicních vécí

CR. Josef Opatrny, Lucia Majlátová, Matyás Pelant, Michal Zourek, Praha 2013.

225. De qual foi dispensado, segundo o *Jornal do Brasil* na edição de 5 de maio de 1964, p. 5.

226. Disponível em: http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/dops_docs/photo. php?numero=0261&imagem=2112. Acesso em: 26 de setembro de 2017.
227. N° de registro 11778/320/1/2, folha 3.
228. Chefe do serviço de inteligência, general Angel Solakov (AHren ConaicoB), que, nos anos 60, tinha boas relações com Raul Castro.
229. José de Magalhães Pinto (1909-1996). Político e banqueiro brasileiro, ministro das relações exteriores de março de 1967 a outubro de 1969. É considerado um dos articuladores do golpe em 1964 e caloroso seguidor dos governos militares.
230. Arquivo Nacional da República Tcheca - Arquivo do Comitê Central do Partido Comunista da Tchecoslováquia, acervo 1261/0/11, caixa 74, n° de inventário 97, 18. 10. 1967 - vide ilustração. Arquivo do Ministério de Relações Exteriores da República Tcheca, acervo TOT Brasília - 1965-1969, 5 - 343-112, acervo 027.019/67. Protesto do governo brasileiro colocado em mãos do embaixador tchecoslovaco no Rio de Janeiro, 27.9 1967 (nota do trabalho de Matyas Pelant).
231. Matyás Pelant, em seu trabalho, também acha que esta conclusão é lógica.

232. Hélder Martins de Moraes (nasc. 21.3.1937), diplomata e jornalista brasileiro. https://de.wikipedia.org/wiki/Hélder_Martins_de_Moraes.
233. N“ de registro 660854/MV/l/l, folha 12.
234. Idem, folha 56.

235. N^D de registro 11778/320/1/2, folha 57.

236. N° de registro 660854/MV/l/, folha 117.
237. O fato de ter sido um oficial do serviço de inteligência a fazer o recrutamento provavelmente aconteceu devido às dificuldades dos funcionários da contra- inteligência com o idioma. Era preciso alguém que pudesse conversar à vontade com o figurante em português ou espanhol, e os oficiais do serviço de inteligência possuíam essas qualificações.
238. Antes, em 30 de outubro de 1969, n° de registro 11778/320/1/2, folha 61, Lisabon entregou nas mãos da StB um relatório sobre a presença de guerrilheiros no Brasil, treinados em Cuba e transportados via Praga (o que veio à tona durante a prisão e interrogatório destes pela polícia brasileira), recomendando mais cuidado.
239. Sobre a questão, o oficial do serviço de inteligência tchecoslovaco disse e não disse a verdade: a Tchecoslováquia tinha, sim, relação com o fato. Os comunistas de orientação moscovita não concordavam com o apoio cubano para movimentos de guerrilha em países da América Latina, que também podiam receber apoio da China.
240. N° de registro 660854/MV/l/l, folha 186. As abreviações TS e A significam pela ordem: colaborador secreto, agente.
241. Esse não era um valor alto na época, assim, é possível concluir que foram custos relacionados com estadia em hotéis, alimentação e viagens de ida e volta da Alemanha.
242.N° de registro 660854/MV/l/l, folha 192.
243. Segundo os materiais do DOPS, voltou ao país em 15 de maio de 1973. Disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/deops/prontuarios/BR_SP_APESP_DEOPS_SAI .pdf. Acesso em: 27 de setembro de 2017.

244. Disponível em: http://nossamemorianinguemapaga.blogspot.com/2009/04/jose-ivan-gibin-de-mattos.html. Acesso em: 27 de setembro de 2017.
245. Jose Ivan Gibin de Mattos, citado na carta, foi estudar em Praga em 1970 e trabalhou na Rádio Praga. Porém, outros documentos apontam que o autor da delação era outra pessoa.
246. No texto de 1915, Lenin mencionou as seguintes condições para o surgimento de uma situação revolucionária: 1) a classe dominante não está em condições de manter o próprio poder; 2) piora significativa da situação — a miséria das classes oprimidas é tal que elas já não podem viver como antes; 3) as massas se ativam de uma maneira importante e estão prontas para a criatividade revolucionária. A condição subjetiva que transforma a situação revolucionária em revolução é quando as classes revolucionárias ficam em condições de realizar uma ação em massa que derruba o antigo governo.
247. Tomek, Prokop - Akce MANUEL. Tomek, Prokop. In: Securitas imperii: sborník k problematice bezpecnostních sluzeb / ed. Jan Táborsky Praha: Themis 9, (2002), s. 326-333. A televisão pública tcheca produziu um documentário baseado neste artigo, que pode ser visto em: http://www.ceskatelevize.cz/porady/10209991308- tajne-akce-stb/409235100221011-akce-manuel. Acesso

em: 28 de setembro de 2017.Prokop Tomek (1965) é graduado em história pela Faculdade de Filosofia da Universidade Carolina, em Praga. Trabalhou no Instituto de Documentação e Pesquisa da Polícia da República Tcheca sobre os Crimes do Comunismo, Instituto de Pesquisas dos Regimes Totalitários e, atualmente, é funcionário da Seção Histórico-Documental do Instituto de História Militar em Praga. Investiga questões sobre a relação do cidadão com o poder totalitário, serviços secretos, história dos programas radiofônicos estrangeiros emitidos para os países antidemocráticos, exército tchecoslovaco e o Pacto de Varsóvia. É autor de muitos livros e artigos em revistas especializadas.

248. Trata-se da pasta de correspondência operacional da *rezidentura* em Havana, n° de registro 80723

249. N° de registro 80723/100. Kuryr, 22 de dezembro de 1963.
250. SÚA, archiv ÚV KSÓ, fond 05/11, slozka "MV akce MANUEL" 1967.
251. Fuerzas Armadas de Liberación Nacional. Grupo guerrilheiro venezuelano que combateu o governo legal. Foi criado pelo partido comunista e agiu entre 1962 e 1973.
252. Juan Carlos Díaz Lorenzo, Buquês de la CAVN: "Anzoátegui" (1955-1977). Crônica de un secuestro, octubre 21,2014. https://venezuelaoctavaisla.wordpress. com/2014/10/21/buques-de-la-cavn-anzoategui-1955-19 77-cronica-de-un- secuestro. Acesso em: 30 de setembro de 2017.
253. Também Jerónimo Carrera (1922-2014). Ativista político comunista venezuelano.
254. N° de registro 80723/104.
255. Fundada em outubro de 1945, em Paris. Nos anos 1956-2005 tinha sede em Praga e, a partir de janeiro de 2006, em Atenas. A Federação fazia parte das "organizações de fachada" usadas pela KGB para atividades de propaganda, assim como a União Internacional dos Estudantes, fundada em 1946 e com sede em Praga, e outras organizações.
256. N° de registro 80723/018/3/5, folha 130. O oficial trabalhava como jornalista representante da agência de imprensa Prensa Latina.
257. N° de registro 80723/018/5/5, folha 212.
258. N" de registro 80723/018/5/5, folha 231.
259. Segundo as anotações dos livros de registro no ABS, trata-se do agente Václav Paur.
260. Além de Cuba, o fornecedor de armamentos para grupos podia ser a China ou a Coréia do Norte.
261. N° de registro 80723/017/1/5, folha 40.
262. N° de registro 80723/016/1/2, folha 64.
263. Foi essa a formulação do ministro cubano Valdez durante a conversa com Kurna, o vice-ministro tchecoslovaco do Interior, em março de 1962. Pasta de n° de registro 87023/100/4/8.
264. N° de Registro 80723/113/4/5, folha 210 e seguintes

265. Elaboramos esta lista a partir de pesquisas de documentos, tendo à disposição recursos e possibilidades limitados. Obviamente, não temos condições de garantir que esteja completa.
266. José Anselmo dos Santos era marinheiro de primeira classe. Presidia uma Associação de militares subalternos da Marinha Brasileira, que foi infiltrada pelos comunistas. Em março de 1964, durante a comemoração do aniversário da associação, leu um discurso escrito por Carlos Marighela, com reivindicações de melhoria alentadas pelos militares subalternos e apoio às reformas de base do Presidente Goulart. As tropas dos fuzileiros navais cercaram o recinto da reunião e os militares que comemoravam ficaram três dias presos por indisciplina. Os comunistas começaram a agir junto ao governo. O Ministro da Marinha se demitiu. O presidente nomeou como novo ministro um almirante da reserva porque os da ativa se recusaram a aceitar. O episódio ficou conhecido como "A revolta dos marinheiros", pregava chavões da esquerda e exigia melhoras das condições em navios e quartéis e relaxamento no código disciplinar. Os marinheiros foram presos, mas o Presidente Goulart anistiou todos. Após 1964 José Anselmo foi expulso da marinha por motim, foi preso e fugiu. Depois esteve em Cuba e, em 1970, voltou ao Brasil, onde uniu-se ao movimento de guerrilha e foi preso novamente. Foi torturado e concordou em colaborar com a polícia. Existe a versão de que o Cabo Anselmo concordou em colaborar com as autoridades ainda antes de 1964. A partir de 1970, ligou-se a grupos radicais de esquerda, e dizem que entregou muitos guerrilheiros até ser descoberto e condenado à morte. Os policiais que o seguiam o salvaram. Atualmente, no Brasil, Anselmo tem uma situação legal irregular — não possui carteira de identidade e não pode usufruir de assistência médica. Além disso, o governo, através da Comissão de Anistia do Ministério da Justiça, rechaçou o seu direito de confirmação como anistiado. É odiado pelo establishment de esquerda que governa o Brasil atualmente e as forças armadas, à qual serviu no passado, nada fazem pelo seu caso.
267. Antiga canção brasileira de sucesso, que nos anos 40 ficou conhecida em todo o mundo.
268. Em entrevista ao portal ÉPOCA em 20 de março de 2009 (Disponível em: http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0EMI649 8 9-1 5227,00- OS+TORTURADORES+TEM +QUE+ RESPONDER+PELO+QUE+FIZERAM. html. Acesso em: 30 de setembro de 2017) o próprio Alípio de Freitas mencionou o valor da quantia e outras fontes mencionam um valor ainda maior —

aproximadamente 1 milhão de reais. Na p. 40. Seção 1. Diário Oficial da União (DOU), de 15 de janeiro de 2009, foi publicada concessão de aposentadoria vitalícia pela Comissão de Anistia do Ministérios Justiça no valor de R$ 4.333,00, mais indenização dos valores retroativos, perfazendo o montante de R$ 651.322,12. Alípio teve ainda o direito de recompor a cidadania brasileira que sua condenação criminal durante o regime havia lhe retirado.

269. “Em 1962 recebi um convite para uma reunião no Rio de Janeiro. O Partido Comunista do Brasil preparava o envio de uma delegação ao Congresso Mundial da Paz, em Moscou. Após a reunião, ocorreu um comício pelas Reformas de Base e tomei a palavra. Depois disso, a Igreja divulgou uma nota dizendo que não tinha nada com aquilo. Eu, por minha vez, respondi dizendo que, pois bem, eu não tinha nada com a Igreja.” Entrevista com Alípio de Freitas, “A Nova Demokracia”, março 2010, http://www.anovademocracia.com.br/no-63/2724-um-homem-de- grande-firmeza. Acesso em 30 de setembro de 2017.

270. Disponível em: http://bnmdigital.mpf.mp.br/DocReader/DocReader. aspx?bib=BIB_01&PagFis=2779. Acesso em 30 de setembro de 2017.

271. N° de registro 80723/105 a, modificado para o formato atual.

272. Brasil Nunca Mais. Disponível em: http://bnmdigital.mpf.mp.br/. Acesso em 1º de outubro de 2017.

273. N° de registro 80965. Subpasta 2/5, folha 96.

274. Nome verdadeiro: Marie Fryaufová, nascida em 22 de novembro de 1933 (sobrenome anterior: Stehnová, Kampfová, o número de arquivo da sua pasta pessoal é 2956/33). Trabalhava na StB dos anos 50 até os anos 80.

275. Terezín foi um campo de concentração alemão onde eram aprisionados judeus tchecos. Lidice foi uma vila totalmente destruída pelos alemães em uma ação de represália pelo atentado contra Reinhard Heinrich.

276. N° de Registro 80723/105/1/1/1, folha 28.

277. Josef Benes (1905-1979). Sacerdote católico e publicista tcheco. Entre 1942 e 1945 foi prisioneiro no campo de concentração alemão em Dachau; e em 1952-1968 foi secretário-geral do Movimento do Clero Católico para a Paz, organização que colaborou abertamente com o regime comunista. A partir de 1965 também trabalhou no Conselho Mundial da Paz. Sacerdotes como o dr. Josef Benes apoiaram ativamente os comunistas.

278. Jan Mára (1912-2012). Sacerdote católico tcheco e membro da Irmandade dos Cruzados da Estrela Vermelha. Foi um dos principais representantes dos sacerdotes patriotas, que colaboravam com o regime comunista. Segundo as notas nos livros, ele foi registrado pela StB como colaborador secreto de codinome JENDA. Sua pasta foi destruída em 8 de dezembro de 1989, ou seja, após a Revolução de Veludo.

279. N° de Registro 80723/105/1/1/1, folha 3.

280. Idem, folha 4

281. A descrição das atividades da StB relacionadas a Alípio Freitas encontra-se também no livro *Fue Cuba*, do argentino Juan Bautista Yofre. Na publicação está descrita a ação MANUEL.

282. Organização controlada pelo regime de Fidel Castro, que servia para a coordenação institucionalizada de movimentos nacional-libertadores. Neste congresso estiveram presentes mais brasileiros, incluindo Anselmo.

283. N° de Registro 80723/102/3/5, folha 110.

284. Disponível em: http://www.averdadesufocada.com/index.php/textos-de-terceiros- site-34/959 e https://pt.wikipedia.org/wiki/M%C3%A1rio_Kozel_Filho. Acesso em Iº de outubro de 2017.

285. O grupo de Brizola estava neste contexto. Mais sobre isso no livro: *A Verdade Sufocada*, de Carlos Alberto Brilhante Ustra, editado várias vezes no Brasil desde 2006.

286. Zbigniew Stawrowski, filósofo político, professor universitário, autor de vários livros e trabalhos. Trecho extraído de *Plus Minus 1/2006* no texto: *Mord zalozycielski III RP.*

287. Ion Pacepa foi suplente do chefe do serviço de inteligência exterior da Romênia e assessor do presidente Ceauçescu. Em 1978, fugiu do país via embaixada americana na RFA e, após a fuga, colaborou com a CIA. Em 1987, lançou *Horizontes vermelhos: crônicas de um chefe do serviço de inteligência Comunista.* Pacepa também é o autor de *A herança do Kremlim* e de O *livro negro da securitate*. Disponível em: http://www.catholicnewsagency.com/news/former-soviet-spy-we- created-liberation-theology-83634/. A entrevista em português pode ser lida em: http://www.acidigital.com/noticias/ex-espiao-da-uniao-sovietica-nos-criamos-a- teologia-da-libertação-28919. Acesso em 2 de outubro de 2017.

288. Christian Peace Conference - Organização internacional, que reunia Igrejas e comunidades cristãs (de 70 países) com o objetivo de propagar a paz, a irmandade e o ecumenismo amplamente compreendido; surgiu em 1958, em Praga.
289. Ver nota 133, p. 269.
290. N° de registro 2017. Era uma pasta de objeto, criptônimo KONFERENCE. A pasta dedicada ao Conselho Mundial das Igrejas também foi destruída.
291. Texto da constituição de 1960. Pode ser encontrado na página do Parlamento da República Tcheca, disponível em: http://www.psp.cz/docs/texts/constitution 1960. html. Acesso em 2 de outubro de 2017. O texto anteriormente vigente da constituição de 9 de maio de 1948 era menos enérgico e somente no preâmbulo mencionava a construção do socialismo e o papel inspirador da Grande Revolução Socialista Russa de Outubro de 1917 (Disponível em: http://www.psp.cz/docs/ texts/constitution_1948.html. Acesso em 2 de outubro de 2017).
292. *Pequeno dicionário de filosofia.* M. Rozental e P. Judin, Varsóvia, 1955.
293. Descrição detalhada: Pavol Jakubcin, Movimento para a paz do clero católico; revista *Salve. Revue pro teologii a duchovnízivot,* 2011, n° 1, p. 33 s. Jakubcin é funcionário do Instituto de Memória Nacional eslovaco, ÚPN.
294. *Jirí Piskula, Zalození Kresfanské mírové konference* v *kontextu zahranicní politiky KSC, Církevní dèjiny*, 2010, nr 6, pag. 53 i n. Jirí Piskula - funcionário cientista da Seção Ecumênica Teológica da Universidade Carolina de Praga.
295. G.Lindemann: *Sauertieg im Kreis der gesamtchristlicher* Õkumene, *In: Nationaler Protestantismus und* Òkumenische *Bewegung. Kirckliches Handel im Kalten Krieg* (1945-90). Duckner *&c* Humbolt, Berlin 1999.
296. Josef Lukl Hromádka (1899-1969), destacado teólogo protestante tcheco, foi o primeiro presidente da CPC, em 1958 foi premiado por seus esforços ecumênicos, com o Prêmio Lenin da Paz (o correspondente soviético do Prêmio Nobel da Paz). E preciso informar que, em 1968, Hromádka condenou a invasão das tropas do Pacto de Varsóvia contra a Tchecoslováquia.
297. Piskula cita documentos do arquivo Nacional em Praga, por exemplo: NA, ÚV KSC, sekretariát 1954-62, sv. 139 a.j. 209/20.
298. Olga Hrubá, testemunho desconhecido sobre a Conferência Cristã para a Paz: Protestant, 2008, n° 3. Disponível em: http://protestant.evangnet.cz/nezname- svedectvi-o-krestanske- mirove-konferenci. Acesso em 2 de outubro de 2017.
299. *Soviet Active Measures: The Christian Peace Conference, Foreign Affairs Note, United States Departament of State, Washington D.C., May 1985.* Segundo este relatório, K. Tóth nasceu em 1931 e faleceu em 2014. O nome do bispo Tóth é constantemente mencionado no contexto do apoio para a política da URSS, e é também autor de um trabalho sobre a teologia da libertação: Karoly Toth. *On the Theology of Liberation and the Fight Against Racial Discrimination.*
300. Pavel Hlavác, Blahoslav Hruby e revista RCDA, in: Protestant, 2007, n° 3. Disponível em:http://protestant.evangnet.cz/blahoslav-hruby-casopis-rcda. Acesso em 2 de outubro de 2017.
301. Disponível em: http://www.ustrcr.cz/cs/mezinarodni-spoluprace-sssr. Acesso em 2 de outubro de 2017.
302. Mesmo que, formalmente, anteriormente tenham sido assinados dois acordos de colaboração, em 1948 e em 1958, somente o acordo do ano de 1964 deu impulso a uma real colaboração útil para ambas as partes.
303. Jan Larecki, Leszek Pawlikowicz, Pawel Piotrowski. *Aparelhos centrais de serviços de espionagem civis do Pacto de Varsóvia como estruturas especializadas do estado.* Rzeszów, 2015, p. 126.
304. Idem str.127.
305. N° registro 81067/102/1/2/2, folhas 106-110.
306. N° de registro 81067/102/3/3/4, folha 180. “Informações sobre as consultas com a diretoria AO do serviço de inteligência húngaro”, em Gyõr, dias 7 e 8 de dezembro de 1967.
307. A.Delgado, J.Rodriguez, J.M.Fortuny: Památce revolucionára, in: Otázky míru a socialismu, nr 1 l,Praha 1966, pag. 93-94. “Otázky míru a socialismu "-publicação mensal teórica e de informação sobre o movimento comunista, editada de 1958 até 1990 em Praga. No conselho de redação encontravam-se 65 representantes de partidos comunistas e operários de todo o mundo. A revista foi editada em 40 idiomas e

distribuídas em 145 países do mundo.
308. ÁLLAMBIZTONSÁGI SZOLGÁLATOK TORTÉNETI LEVÉLTÁRA (ÁBTL). Instituição estatal de pesquisa científica que se ocupa da época de totalitarismo na Hungria.
309. Desta vez tratam-se de duas pastas: n° registro 81067 e 81282. As duas são dedicadas à colaboração com os húngaros.
310. Nas notas destas reuniões foi escrita a lista dos participantes, temas discutidos e valores gastos. Como despesas da StB havia a soma de 35 coroas tchecoslovacas gastas com barbeiro - ao que parece, um dos camaradas húngaros quis arrumar o penteado, pois no programa de encontros havia não apenas reuniões entre funcionários de serviços de espionagem, mas também visita a diferentes locais de diversão.
311. N° de registro 81067/102/3/1/4, folhas 4 a 20.
312. Era o partido comunista, mas com outro nome - prática comum dos comunistas.
313. János Fürjes, chefe da seção de operações ativas e desinformação do serviço de inteligência húngaro. https://www.abtl.hu/ords/archontologia/fPp=l08:13:4107653065522537::NO:13:P13_OBJECT_ID,P13_OB. TYPE:970201 %2CELETRAJZ
314. József Mindszenty (1892-1975). Clérigo católico apostólico romano húngaro que em 1948 foi preso pela polícia política comunista húngara e em um processo de farsa judicial foi “condenado por traição ao país” à prisão perpétua. Foi liberado durante a revolução de 1956, e após a intervenção dos soviéticos refugiou-se na embaixada dos EUA por 15 anos. Em 1971, foi-lhe permitido emigrar e, em 1989, foi reabilitado.
315. N° registro 81067/102/4/1/2, folha 2 e seguintes.
316. ABTL 3.2.1. Bt-1584/2. Caso: Kircheubauer (codinome que os húngaros deram ao antigo jesuíta T. Nagy).
317. O andamento de sua carreira profissional como oficial pode ser visto na página do arquivo ABTL. Disponível em: https://www.abtl.hu/ords/archontologia/ f?p=108:13:4107653065522537: :NO:13:P13_OBJECT_ID,P13_OBJECT_TYPE:990580,ELETRAJZ. Acesso em 4 de outubro de 2017.
318. Witold Bagieriski: “O escândalo dos mensageiros diplomáticos no serviço de inteligência e Ministério de Relações Exteriores”: Pamiçc i sprawiedliwosc, revista cientifica dedicada à história mais recente, n° 1 (23), 2014, p. 135.
319. Abreviação de *Katolikus Agrárifjúsági Legényegyesületek Országos Testülete* - Colégio Nacional das Associações da Juventude Agrária Católica. Movimento húngaro que tinha como objetivo a construção democrática da sociedade húngara com base nos ensinamentos da Igreja Católica através de atividades de educação e cultura. Ocupa-se também da formação de quadros. Fundado no verão del935 por Jenó Kerkaia, Gyõrgya Farkasa e Józsefa Ugrina. Em 1938, Kerkaia adicionou Tõhõtõm Nagy à administração do movimento. O movimento era ecumênico, os líderes colaboraram com associações protestantes e os protestantes também podiam ser membros do KALOT.
320. ÁBTL 3.2.1. Bt-1584/1.
321. Alexander Dubcek (1921-1992). Ativista político tchecoslovaco, engenheiro de profissão. De 1963 a 1968 foi 1º Secretário do Comitê Central do PC da Eslováquia e membro da presidência do PC da Tchecoslováquia. De 1968 a 69: 1º Secretário do Comitê Central do PC da Tchecoslováquia. Foi o principal realizador das reformas no partido e no país na Primavera de Praga, em 1968, e definiu o seu programa com o famoso slogan “socialismo com rosto humano”. Após a intervenção das tropas do Pacto de Varsóvia, foi excluído do partido (1970) e afastado de todas as funções.
322. E em breve, major-general. Disponível em: https://www.abtl.hu/ords/ archontologia/f?p= 108:13:4107653065522537::NO:13:P13_OBJECT_ID,PI3_OBJECT_TYPE:633762%2CELETRAJZ. Acesso em: 4 de outubro de 2017.
323. N° de registro 81067/102/4/1/2, folha 36. O documento chegou ao MV em Praga em 2 de abril de 1968.
324. N° de registro 81282/102, folha 9. Documento de 19 de março de 1969: “Sobre a colaboração com o serviço de inteligência húngaro na linha AO”.
325. Crítica do livro do Tenente-General Ion Mihai Pacepa e Ronald J. Rychlak. *Desinformação: ex-chefe de espionagem revela estratégias secretas para solapar a liberdade, atacar a religião e promover o terrorismo.* Campinas, SP: VIDE Editorial, 2015.

APÊNDICES

1. ORIGEM DO PRESENTE TRABALHO

Nossas pesquisas

Para finalizar, apresentaremos alguns esclarecimentos e informações. Antes, porém, queremos explicar os motivos que levaram um tcheco e um brasileiro residente na Polônia a iniciarem este trabalho de pesquisas sobre os documentos e materiais da StB relacionados com as atividades do serviço de inteligência da polícia secreta comunista da Tchecoslováquia no Brasil.

A espionagem

> *"Subi o Négueb, subi a montanha.[18] Vede que terra é essa e que povo habita nela, se é forte ou fraco, pouco ou muito numeroso.[19] Que tal a terra em que habita, boa ou má? Que tais as cidades em que habita, abertas ou fortificadas?[20] Que tal o terreno, fértil ou estéril? Se há nele árvores de fruto ou não. Apanhai e trazei dos frutos da terra".* — Nm 13, 18-20

Muitas pessoas, como eu, se interessam por histórias relacionadas a serviços de inteligência, operações secretas, espionagem, etc. Dos ensinamentos de Sun Tzu, que há mais de 2 mil anos apontava a importância de espionar o adversário a clássicos como a Operação Trust, rainha de todas as operações de desinformação e vista por muitos como uma obra-prima da contraespionagem, o material para pesquisar e se impressionar é bastante vasto.

Meu interesse pelo assunto surgiu quando comecei a conhecer a história da Polônia, repleta de operações bem-sucedidas que confirmaram a eficácia de seus serviços secretos, como a atuação do serviço de rádio-informações que decifrou os códigos secretos de transmissão do Exército Vermelho, além de causar interferências (emitindo durante dois dias, ininterruptamente, um fragmento da Bíblia Sagrada) e impedir a comunicação entre o comando do adversário e algumas de suas unidades. Esse movimento influenciou no contra-ataque bem-sucedido e na vitória da Polônia sobre os bolcheviques na Batalha de Varsóvia, em 1920, e também salvou, assim, outros países da Europa Ocidental dos planos de Lenin; passando pelo serviço de inteligência da legendária *Dwójka*, nome que vem da palavra "segunda", referente à II Seção do Estado Maior (Oddzial II

Sztabu Generalnego), com os matemáticos de sua Seção de decodificação *(biura szyfrów)* que decifraram o código da máquina Enigma. Além disso, tiveram as dificílimas condições para atuar em um país sob ocupação, como foi o caso da Polônia durante a II Guerra Mundial (pela Alemanha Nacional Socialista e URSS), que não impediram a execução de operações bem-sucedidas de inteligência e nem a aquisição de informações importantes pelos serviços secretos das diferentes organizações de resistência. Aqui podemos citar o serviço de inteligência da Armia Krajowa (Exército Nacional), que obteve a aquisição e envio de elementos do míssil balístico V2 junto com seus planos de reconstrução para Londres; a TAP (Tajna Armia Polska - Exército Secreto Polonês), que foi capaz de criar um canal de informações e formar um movimento secreto de resistência entre os próprios prisioneiros dentro do campo de Auschwitz (através de Witold Pilecki, preso voluntariamente) ... Enfim, são muitos exemplos.

Além do interesse por histórias como as descritas acima, os trabalhos de guia de visitas e educador no Memorial e Museu Auschwitz-Birkenau — antigo campo de concentração nazista — sempre fizeram com que procurasse aprender o máximo possível sobre a história recente da Polônia, de modo que posso afirmar que é praticamente impossível compreendê-la (e outras histórias de países da Europa Central e Oriental) sem conhecer pelo menos um pouco da atuação dos serviços de inteligência comunistas nesses países.

Na Polônia não faltam oportunidades para aprender com aqueles que sabem mais: escritores, colunistas, historiadores, jornalistas, funcionários de Institutos de memória, pesquisadores independentes, etc., especialistas do tema de serviços de inteligência que mais de uma vez arriscaram ser processados por defender a verdade. E não podia ser diferente, considerando a tradição e vontade de resistir dos poloneses em sua luta solitária pela liberdade contra regimes totalitários e contra as influências que restaram após esses regimes.

No contexto atual de acerto de contas, mesmo com muito material disponível nem sempre as informações estão nos veículos de maior acesso e de acordo com a versão oficial ou mais divulgada. Por outro lado, o interessante é que até mesmo durante uma conversa descontraída dentro de um táxi, por exemplo, ou tomando um café com amigos poloneses, é possível aprender alguma coisa, pois, quando se tratam dos fatos importantes da história recente da Polônia é comum aparecerem as palavras *stuzby* e *agentura* (serviços de espionagem e atividades de rede de agentes), e isso não se refere somente a fatos anteriores à queda do muro.

Somente a verdade é interessante

São as palavras de Józef Mackiewicz (1902-1985), escritor polonês que, em maio de 1943, testemunhou a exumação dos cadáveres dos oficiais poloneses assassinados no massacre de Katyn pelos soviéticos, que acusaram falsamente os alemães pelo crime. Ele escreveu muito sobre o assunto, e, como preço por divulgar a verdade, teve de deixar a Polônia. Foi acusado de colaboração com os alemães e teve as obras proibidas em todo o bloco soviético. Prestou depoimento diante da comissão do Congresso dos EUA (1951-1952) sobre o caso de Katyn. Seu trabalho foi traduzido em vários idiomas e publicado em diversos países. Mas o que Katyn e a busca pela verdade têm a ver com o início de nossas pesquisas?

“www.mentiraonline”

Quando se trata de aprender história, não devemos acreditar cegamente em uma versão só porque é a mais divulgada, seja na mídia, em livros, internet, etc. Quanto mais fontes for possível consultar, melhor, já que, como aprendi com os poloneses, a história pode sofrer falsificações e omissões.

Certo dia, ao entrar em um fórum brasileiro sobre história, encontrei um tópico sobre Katyn, onde um professor universitário informava que os responsáveis pelo massacre eram os alemães, e não os soviéticos. Surpreso, escrevi um comentário corrigindo o erro, informando que o próprio governo russo, anos atrás, havia reconhecido que os soviéticos estavam por trás do crime e apresentou documentos com uma enorme assinatura do próprio Stálin. Surpreendeu-me novamente que a pessoa persistisse em seu erro, apresentando uma série de explicações. Realmente fiquei intrigado com um professor universitário que acreditava e ainda passava adiante a propaganda soviética de mais de 70 anos, há muito tempo já derrubada - inclusive oficialmente. Fiquei curioso com o quanto se sabe no Brasil a respeito de propaganda soviética, história da URSS e comunismo em geral.

Pesquisando “comunismo no Brasil” na internet, percebi que além de livros, publicações e artigos sobre o golpe militar de 1964 (ou contragolpe como alguns preferem), havia certa discussão envolvendo as suas causas e consequências. Nesse contexto as informações e opiniões se dividiam: os americanos estavam por trás do golpe, em seu planejamento ou execução, ou a CIA era a responsável, atuando intensamente no Brasil através de seus agentes. Basicamente, a tese é de que os americanos influenciavam em nossas questões e desrespeitavam a nossa soberania.

O mais esquisito é que quase nada se comenta sobre o outro lado:

imperialismo americano e CIA demais; imperialismo soviético e KGB de menos. Ninguém falava sobre o assunto, exceto Olavo de Carvalho, professor brasileiro que vive nos EUA - um dos muito poucos, senão o único que mencionava a presença e atividades da KGB no Brasil.

Já que é importante saber da presença, influência ou atividades da CIA no Brasil naquela época, não seria igualmente importante saber da presença ou atuação de serviços de inteligência de países comunistas ou do bloco soviético? Será que eles também não estiveram presentes, não atuaram em nosso país? Não tinham seus interesses, não tentavam exercer as suas influências de alguma maneira? Pelo visto o assunto foi pouco - ou nada - pesquisado. Quem gosta de história e pesquisas sabe que nada é melhor do que um bom tema. Aí estava, então, uma ótima oportunidade...

Pesquisas

Atualmente, os arquivos da KGB são de difícil acesso. Era preciso começar pelos clássicos: os livros de Christopher Andrew sobre o *Arquivo Mitrokhin* e o trabalho de Vladimir Bukowski. Uma visita rápida foi suficiente para perceber que não há muito material sobre o Brasil. Em seguida, parti para o excelente livro *Aparat centralny 1. Zarzqdu Glównego KGB jako instrument realizacji globalnej strategii Kremla 1954-1991* (Aparelho central 1. Direção Geral da KGB como instrumento de realização da estratégia global do Kremlin 1954-1991), do Dr. Leszek Pawlikowicz, que confirmava a existência de *rezidenturas* da KGB nos anos 60 em diferentes países da América Latina, o que me convenceu que as pesquisas faziam sentido.

O passo seguinte seria tentar encontrar algo em arquivos dos antigos países-satélites da URSS, do Pacto de Varsóvia, pois os seus serviços de inteligência não só colaboravam, como estavam praticamente subordinados à KGB. Como o polonês era meu idioma, iniciaria pelos arquivos da Polônia. As páginas on-line do arquivo do IPN polonês (*Instytut Pamiçc Narodowej* - Instituto da Memória Nacional), no entanto, não traziam muitas informações sobre atividades do serviço de inteligência da SB *(Stuzba Bespiezenstwa* - Serviço de Segurança) no Brasil, apesar de o serviço de inteligência da Polônia comunista também ter a sua *rezidentura* por aqui.

Parti então para os arquivos de serviços de inteligência de outro país, cujo conhecimento do idioma permitisse ao menos compreender se os acervos continham materiais e/ou documentos relacionados com o Brasil. Assim cheguei ao arquivo tcheco ABS *(Arcbiv bezpecnostnícb slozek* - Arquivo dos Serviços de

Segurança) do Instituto para o Estudo dos Regimes Totalitários.

Uma breve consulta foi suficiente para perceber que havia muitas informações. Depois de um tempo de pesquisa foi possível encontrar o "Acordo de Colaboração" entre a StB e a KGB e alguns trechos relacionados a América Latina e Brasil. Consultando o buscador, foi possível encontrar nomes de cidadãos brasileiros.

O idioma tcheco não é tão parecido com o polonês, e há uma grande diferença entre compreender o assunto de um documento e fazer uma pesquisa séria e objetiva. Resolvi, assim, buscar alguém para ajudar, e entrei em contato com Witold Gadowski, um dos mais conhecidos jornalistas investigativos da Polônia, especialista em serviços secretos e autor de vários livros, com quem havia trabalhado anos atrás em uma reportagem investigativa sobre irregularidades durante a privatização de uma das maiores empresas de seguros da Europa de Leste. Na época foi um escândalo internacional, que aparentemente envolvia serviços de informação, corrupção e grandes bancos nacionais e estrangeiros, mas, segundo Witold, por trás de tudo isso estava o antigo serviço de informação militar comunista - para ser mais exato: a seção Y da diretoria do Estado-Maior II. O caso trouxe à tona uma rede de conexões envolvendo agentes do serviço de informação militar da Polônia comunista, grandes somas de dinheiro, grandes influências, pressões políticas... Enfim, um jogo complicado que nos levou até Portugal, onde havia ocorrido um dos encontros de negociação da privatização da dita empresa e onde aconteceu a operação Furacão, contra lavagem de dinheiro, já que em determinada época, segundo Gadowski, Portugal foi um dos locais de lavagem de dinheiro do serviço de informações russo. Descreví este caso para demonstrar um exemplo do envolvimento de pessoas relacionadas com antigos serviços de informações comunistas em negócios ilegais inclusive após a queda do muro de Berlim.

Mostrei a Witold a página do arquivo tcheco e ele confirmou que tratavam-se de materiais relacionados com as atividades da StB. Perguntei-lhe se conhecia alguém "do lado bom" que pudesse me ajudar a trabalhar essa questão, e cheguei a Vladimír Petrilák, tradutor e colunista tcheco. Entrei em contato com Vladimír, fiz uma introdução ao tema e perguntei se haveria interesse em uma parceria para pesquisar o caso. Para a minha sorte (principalmente para a sorte dos leitores brasileiros), Vladimír, que se interessa muito pelo passado comunista de sua pátria, aceitou. E assim iniciamos as nossas pesquisas através de buscas no acervo on-line do arquivo ABS, correspondências, viagens a Praga, retorno e estudo das pastas, novas correspondências, pedidos e assim por diante, num ciclo permanente.

À medida que nos aprofundávamos no conteúdo dos materiais, o próprio

Vladimír ficou surpreso com a dimensão das atividades do serviço de inteligência da polícia secreta comunista da pequenina Tchecoslováquia no longínquo Brasil, envolvendo uma quantidade significativa de colaboradores, operações ativas e objetos de interesse. Em nenhum momento pessoas do ramo com as quais tivemos contato ao longo de nossas pesquisas - historiadores, escritores, especialistas em serviços secretos, funcionários ou pesquisadores profissionais de Institutos - nos desprezou ou desmotivou por sermos historiadores amadores e sem experiência. Muito pelo contrário: deram-nos importantes conselhos e demonstraram surpresa e curiosidade.

Além disso, colocaram-se à disposição para consultas e esclarecimentos, ressaltaram a importância desses estudos e incentivaram-nos para que levássemos o trabalho adiante. Os pesquisadores do Instituto tcheco nos deram dicas importantes sobre o *modus operandi* dos funcionários da StB na elaboração e arquivamento de pastas e na relação entre números de registro e de arquivo com as determinadas seções, departamentos e/ou categorias de eventuais colaboradores, sobre os cuidados necessários na interpretação e definição do conteúdo dos documentos, etc., facilitando-nos as buscas e o trabalho.

A impressão que fica é que nem mesmo os funcionários e pesquisadores profissionais dos arquivos tchecos, que certamente possuem os seus programas e prioridades de trabalho, nunca pesquisaram totalmente os materiais da StB relacionados ao Brasil. Assim, tanto o progresso quanto o tempo de duração de nossas pesquisas me levam a crer que o colega Vladimír Petrilák e Matyás Pelant, de Praga, devem ser as pessoas que mais conhecem os documentos da StB relacionados com o Brasil. Algumas pessoas do ramo que encontramos pelo caminho achavam interessante um brasileiro e um tcheco se unirem para pesquisas como essa, e afirmaram tratar-se da combinação ideal.

Desde o início de nossos trabalhos nos esforçamos para produzir e postar filmes em páginas na internet, nos quais, além de apresentarmos parte de nossas pesquisas, proporcionamos informações sobre a existência e localização dos arquivos e destes documentos, seu conteúdo, como organizar as buscas, cuidados a serem tomados com nomes, como entrar em contato com o arquivo em Praga, como preencher formulários e agendar visitas para fazer consultas e até como chegar ao local a partir da estação central da cidade, tentando, assim, incentivar e facilitar eventuais pesquisas. O conhecimento que adquirimos não é secreto e está disponível.

2. PERGUNTAS E RESPOSTAS

O CONTEÚDO dos documentos da StB nos ajuda a responder ou aproximar-se da resposta a algumas questões relacionadas à história do Brasil antes, durante e depois de 1964?

Existia algum tipo de interesse, atividade, influência ou infiltração comunista estrangeira perigosa no Brasil antes de 1964?

Já sabemos que o serviço de inteligência da StB tinha a sua *rezidentura* no Brasil desde 1952, quando surgiu o primeiro espião com função oficial diplomática (ver TREML). Nesta *rezidentura* havia oficiais de carreira treinados para realizar atividades de inteligência cujo objetivo não era necessariamente compatível com o interesse do Brasil ou de brasileiros. "Será que é bom para as galinhas quando as raposas entram no galinheiro?" - essas raposas são justamente os funcionários da StB.

Objetos de interesse:

Este serviço de inteligência determinava objetos ou alvos de interesse, que, segundo as palavras do próprio arquivo:

> "Nas pastas de objetos do I Departamento da StB, os funcionários de segurança estatal reuniam principalmente informações sobre instituições estrangeiras, ou seja, partidos políticos, instituições e órgãos estatais, órgãos militares, instituições científicas, empresas, diferentes organizações de imigração ou da Igreja, etc., ou sobre pessoas que serviram como fonte das informações desejadas. O objetivo era a entrada, a infiltração ou a penetração operacional da rede de agentes do serviço de inteligência comunista nesses objetos com a intenção de adquirir material e informações no âmbito de determinadas missões e tarefas".

Entre os objetos de interesse definidos nas pastas, podemos citar:

> Governo e Parlamento, Ministério das Relações Exteriores, polícia e serviço de inteligência, partidos políticos, instituições científicas,

> jornalistas, Petrobrás CNP, exército, situação política e econômica, situação sindical, Conselho de Desenvolvimento, Banco Nacional de Desenvolvimento, Serviço de informação americano, Congresso Nacional, Secretaria do Governo, Confederação Nacional - CNI, base de rede de agentes, Polícia Federal, contraespionagem e espionagem brasileira, organização do serviço de inteligência do Brasil e ministérios, Secretaria Nacional de Segurança, movimentos anticomunistas, movimentos nacionalistas, Clube Militar, Ligas Camponesas, grupos políticos nas Forças Armadas, monopólios, OEA e colaboração do Brasil com outros países da América Latina, Partido Trabalhista Brasileiro, Ambiente de agentes no Brasil (Capítulo XVIII) e informações sobre a imigração.

Operações ativas (em tcheco: *aktivní opatfení abrev. AO)*

Entre as operações ativas mencionadas nas páginas existem várias relacionadas com a América Latina e o Brasil. Apresentamos algumas delas neste livro.

Colaboradores

Entre as diversas categorias de colaboradores pudemos encontrar, até o momento, aproximadamente 30 colaboradores brasileiros, entre agentes e os chamados contatos secretos. Entre estes havia jornalistas, economistas, parlamentares, ex-militares, diplomatas, um funcionário de cartório, assessor de imprensa de um presidente, algumas secretárias, etc.

Além disso, inclusive entre os figurantes, que não eram agentes formalizados pela StB, havia casos em que, conscientes ou não, forneciam informações ou realizavam tarefas tão significativas quanto as dos vários agentes. Por enquanto, identificamos cerca de uma centena de figurantes. A StB também usou em seu trabalho todos os seus contatos legais e ilegais, que, mesmo de forma inconsciente, podiam ser parte importante na realização de alguma tarefa... Estes também eram muitos.

Vale lembrar também que o nosso trabalho se refere ao serviço de inteligência da StB tchecoslovaca. Não pesquisamos eventuais atuações de serviços de espionagem de outros países do bloco socialista no Brasil na época. Sabemos que vários deles tinham suas *rezidenturas*, inclusive a própria KGB.

Foram os americanos que planejaram o golpe?

Com base nas informações de documentos a que tivemos acesso (e aqui estamos falando do documento sobre a análise feita para o Comitê Central do PC da Tchecoslováquia - ver Capítulo XX), não é possível concluir que os americanos planejaram o golpe. Vale a pena lembrar que os EUA eram o inimigo principal e a StB dedicava muita atenção a suas atividades.

O serviço de inteligência da StB estava sempre tentando descobrir algo sobre a presença da CIA e/ou de agentes americanos, assim como as suas atividades no Brasil na época - existem pastas dedicadas à CIA, serviço de informação americano e à USIS. Não há dúvidas de que os americanos e sua espionagem estiveram no Brasil, mas não sabemos ainda a dimensão desta presença e o alcance de suas atividades. Sinalizamos aqui apenas o caso a respeito da participação dos EUA no golpe (ver Capítulo XX).

O golpe prejudicou, atrapalhou ou neutralizou atividades de inteligência da StB no Brasil?

Decididamente sim. Existem várias informações em documentos comparando a diferença de facilidade de trabalhar antes e depois do golpe de 1964 (Capítulo XX), indicando claramente que, na opinião da própria StB, as suas atividades ficaram bem mais complicadas. Lembramos também que após o golpe houve certo pânico, planos de queima de documentos, perda de contatos com agentes e colaboradores detidos, que perderam seus direitos e funções (perdendo também sua importância para a StB) ou deixaram o país. Em alguns casos, o contato com o colaborador foi restaurado após um longo tempo. Algumas operações em andamento, como a AO Lavina, foram prejudicadas. A StB não parou de funcionar no Brasil, mas as suas atividades foram paralisadas por cerca de meio ano. Sem dúvida, as condições para a realização de AO(s) também pioraram.

Esclarecimentos

Alguns esclarecimentos podem ser úteis para o leitor e ajudar a evitar confusões:

StB e KGB

A StB não era a mesma coisa que a KGB. Mesmo que a StB estivesse praticamente subordinada à KGB, cada serviço agia separadamente, com seus próprios colaboradores. É possível que alguém fosse agente da StB e da KGB ao mesmo tempo? Talvez, mas os serviços de inteligência tentavam evitar a situação. Sabemos através dos documentos, e relatamos aqui, que houve casos em que a KGB pediu que a StB lhe passasse alguns dos seus agentes.

Quem foi agente da StB continua até hoje?

Como já informamos, a StB deixou de existir no começo de 1990. Em 1971, suas atividades no Brasil já estavam quase encerradas. Mesmo que a *rezidentura* continuasse a funcionar e nos arquivos existam documentos que confirmem tentativas de atividades ofensivas no final dos anos 80, essas atividades foram prejudicadas pela Revolução de Veludo em novembro de 1989.

Na maioria dos casos, os documentos trazem informações sobre quando a StB perdeu o interesse por determinada pessoa, encerrando e enviando a respectiva pasta para o arquivo, o que significa que a pessoa deixou de ser um colaborador.

Curiosidades

Não descrevemos neste livro todas as informações relacionadas com as atividades da StB no Brasil que encontramos. Colocar tudo em um livro é impossível. Há documentos com informações que não tinham relação direta com os temas dos capítulos apresentados; mas também muito interessantes:

Alvo: Universidade de Brasília

Na pasta com número de registro 11778, sub-pasta “Nova escola superior construída na cidade de Brasília”, há um documento de 1965, de 18 páginas, com o título “Universidade de Brasília” e uma frase escrita a mão: “Sobre tarefas da rede de agentes, perspectiva”. Após uma longa descrição das características da Universidade de Brasília, podemos ler os seguintes fragmentos:

“Experiências anteriores:

(...) Os professores com os quais conversamos, geralmente estavam interessados em manter contato e continua-lo, certamente com o objetivo de adquirir um conhecimento mais aprofundado sobre zonas, até agora consideradas

impenetráveis (cortina de ferro). (...) O desenvolvimento dos contatos adquiridos pode gerar vantagens graduais: em alguns casos podem surgir relações que possibilitem ao funcionário do serviço de inteligência atrair o contato para si, o que possibilitaria um aproveitamento otimizado para atividades de inteligência. [...] a experiência atual e o conhecimento adquirido pela *rezidentura*, apontam certas possibilidades no âmbito de uma base de estudantes e professores.

Metódica de "trabalho" com base de estudantes e professores:

> [...] A experiência demonstra que no âmbito de um trabalho apropriado entre os estudantes universitários o melhor é concentrar-se no aproveitamento de estudantes daquelas faculdades que têm pelo menos alguma relação com os nossos objetos, ou seja, das faculdades de economia ou direito. Também podem ser interessantes as universidades de estudo de línguas (faculdades de filosofia e os IBV, institutos americano-brasileiros e similares), onde sempre certa quantidade de estudantes que vai estudar nos EUA.
>
> O mais apropriado no âmbito do trabalho é mirar nos estudantes de segundos e terceiros anos, ou seja, naqueles que têm ainda no mínimo um ano para encerrar os estudos e são bem abertos para o contato. Isso possibilita a execução do recrutamento ainda antes do fim dos estudos do candidato e o seu posterior direcionamento para o objeto.
>
> Na primeira fase, deve-se estabelecer o contato com bastante frequência e deve-se levar em conta que o estudante geralmente fala sobre ele aos seus colegas (ir ao almoço com um diplomata de outro país ou com um estrangeiro não é normal para um estudante).
>
> A partir deste ponto de vista, é preciso compreender que o trabalho sobre os estudantes exige certa predisposição e traz o perigo de o funcionário do serviço de inteligência sofrer reações hostis dos estudantes. Para um membro da *rezidentura* que não esteja e não possa estar incluído no coletivo de estudantes como um deles, o trabalho sobre os estudantes neste ambiente é bem limitado.
>
> O nosso funcionário geralmente é uma personalidade conhecida entre os estudantes, tornando-se objeto de grande interesse. Os estudantes o veem como um estrangeiro rico, que não está interessado nos estudos por motivos econômicos, e é principalmente questão de tempo até se acostumarem com o contato com o estrangeiro e aceitarem-no sem o sentimento de novidade, tratando-o, finalmente, como um colega. O trabalho de uma base de estudantes nas condições brasileiras, portanto,

> exige do nosso funcionário tempo e caráter. Com base em experiências anteriores da *rezidentura*, a melhor maneira de trabalhar uma base de estudantes seria a aquisição de uma bolsa de estudos de longo prazo, no mínimo um ano, em algumas das universidades brasileiras. Isso seria possível, por exemplo, na Universidade Gama Filho, onde inclusive já houve uma proposta concreta de bolsa de estudos incluindo moradia em casa de estudante para três estudantes tchecoslovacos e o envio de um funcionário jovem do serviço de inteligência, que trabalharia exclusivamente na seleção e no trabalho de estudantes brasileiros. A sua participação nos estudos seria a situação mais natural para possibilitar o trabalho de uma base. [...]

Resultados das atividades da *rezidentura*:

Por enquanto, a *rezidentura* possui acesso nas seguintes universidades:

a) Universidade do Estado do Rio de Janeiro, na Praça 15; Universidade do Estado na Ilha do Governador.

b) Universidade Gama Filho, [...] o membro da *rezidentura* aproveita a possibilidade de assistir às aulas nesta universidade para penetrar na base de estudantes, onde já foram feitos contatos iniciais. [...] Todos parecem ser, por enquanto, apropriados para o prosseguimento do trabalho operacional.

c) Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro: foram feitos os primeiros contatos para contatos oficiais, culturais e educacionais da Embaixada. O membro da *rezidentura* conheceu o vice-reitor e o diretor da faculdade de filosofia e entregou a eles interessantes materiais culturais. O contato foi possibilitado pela estudante do último ano da Faculdade de Filosofia, [...] que é ex-contato do colaborador ideológico da *rezidentura*.

d) Universidade Federal do Rio de Janeiro: foi feito o contato com o reitor, Clementino Fraga Filho, ao qual foram entregues publicações e ofertas de bolsas de estudo tchecoslovacas. Será preciso continuar as negociações sobre questões de cooperação e ofertas de trocas de bolsas de estudo e adquirir acesso às diferentes faculdades e aos seus professores.

e) Universidade Federal de Belo Horizonte: foi feito contato com o reitor da universidade sob o pretexto de contatos culturais e educacionais. Usar esta universidade para os nossos objetivos será uma tarefa difícil, pois está muito longe, a 500 km da *rezidentura*500 km [...].

Análise das intenções e objetivos, observação e reconhecimento das bases.

O objetivo principal do trabalho com bases de estudantes e professores é a seleção, reconhecimento e aquisição do universitário e o seu direcionamento ao objeto de nosso interesse para atividades de inteligência. Neste caso, orientá-lo para o objeto significa, em primeiro lugar, os objetos do inimigo principal, seja nos EUA, para onde o estudante recrutado poderia viajar para estudos, no Brasil ou qualquer outro país da América Latina. Filiais da USIS (...), embaixadas dos EUA, organizações comerciais ou outras organizações dos EUA na América Latina, onde um estudante poderia conseguir trabalho. A realização deste objetivo, no contexto do atual regime militar pró-americano que governa o Brasil desde 1964 e cuja continuação deve ser levada em consideração também durante o novo governo de Costa e Silva, é uma tarefa bastante difícil, que exige paciência a longo prazo. Mas está em andamento uma intensa atividade da *rezidentura* nesse sentido. Em segundo lugar, temos o objetivo de recrutamento do estudante, cuja a ambição pessoal, assim como eventuais relações de parentesco, podem conduzir a importantes ambientes políticos, militares, econômicos e outros órgãos de alto escalão do governo brasileiro. A realização do recrutamento do estudante ainda antes que se finalizem os estudos no Brasil surge como um postulado justificável, pois a sua passagem para o mercado de trabalho ou viagem para o exterior dificultariam bastante as condições de recrutamento. [...] Quanto aos objetivos parciais do trabalho de uma base de estudantes fazem parte a seleção e aquisição do estudante para a realização de tarefas de apoio à rede de agentes, principalmente no que diz respeito à continuação de seleções seguintes entre estudantes e professores. Uma grande ajuda nessa direção pode ser o trabalho de uma base de professores, dos quais o conhecimento e contatos pessoais com os estudantes, assim como eventuais influências na concessão de bolsas de estudos e iniciação da vida prática, devem ser aproveitados ao máximo. [...]

Conclusões:

As experiências e resultados das atividades da *rezidentura* no trabalho sobre a base de estudantes e professores dizem respeito ao período aproximado dos dois últimos anos, que, por consequência da situação política interna, caracterizada na história do Brasil como o período da mais dura opressão militar-reacionária, proporcionam possibilidades relativamente limitadas neste segmento. Através da análise das experiências e resultados, a *rezidentura* conclui:

a) O trabalho de uma base de estudantes universitários brasileiros e base de professores é uma tarefa real e deve ser realizada durante um longo tempo como atividade da *rezidentura* com atitude diferenciada em relação a cada tarefa principal e parcial.

b) cumprimento do objetivo principal do serviço de inteligência para a base de estudantes - aquisição de agentes - concentrada direta e indiretamente aos objetos do inimigo principal é uma tarefa real, que exige uma ação sistemática e intensa de, no mínimo, um membro da *rezidentura.* O envio de um funcionário do serviço de inteligência tchecoslovaco por meio de bolsa de estudos para "trabalhar" diretamente uma base de estudantes em algumas das universidades brasileiras representa maior probabilidade de sucesso.

c) A *rezidentura* continuará a buscar acesso a universidades, principalmente nos estados de Guanabara e Rio de Janeiro, e para isso aproveitará contatos legais com professores de universidades, visitas, aulas e atividades sociais da embaixada.

d) A *rezidentura* irá observar as possibilidades de aquisição de bolsas de estudo brasileiras por estudantes tchecoslovacos ou profissionais e garantirá acordos com os nossos interesses. A *rezidentura* cuidará para que o trabalho da base de estudantes e professores seja realizado por membros que possuam boas legalizações, para que possam se aproximar de estudantes e professores que possuam bons contatos no ambiente universitário em determinado ramo, respeitando também os princípios da conspiração e do trabalho de serviço de inteligência.

Assinado: Homola – Tacner

Mais curiosidades:

Em uma das sub-pastas da pasta com número de registro 80965 está o documento "Plano Temático de operações ativas e ações de influência para a *rezidentura* na América Latina para 64-65" (escrito a mão: base do plano), onde lemos o ponto B - "Tarefas específicas para a *rezidentura* no Brasil" - e o subponto E: "debilitar a posição dos golpistas entre as massas (popularizar notícias sobre os movimentos drásticos dos golpistas contra os adversários políticos)".

Na pasta com número de registro 81040 está escrito que durante as conversas em Praga entre o residente Lomnicky, membro da *rezidentura* no Rio de Janeiro, com os camaradas Peterka e Pomezny, da Seção 1 americana (nessa época era

esse o nome), em 19 de setembro de 1969, sobre o trabalho de agentes na *rezidentura* no Brasil, foi mencionada a possibilidade de se formar uma base de contatos incluindo o trabalho sobre os "tipos" e eventual recrutamento. O camarada Lomnicky deveria se concentrar em objetos como membros de clubes de eportes-sociais e os mais importantes personagens com posição significativa nesses clubes: Flamengo, Paissandu, Country-Club e clubes de caça.

Seminário na KGB

Em uma das sub-pastas da pasta com número de registro 81067 existe um documento de várias folhas chamado "Viagem de serviço à KGB - nota". Tratava-se de um seminário especial conduzido pela KGB em Moscou que durou de 12 a 19 de fevereiro de 1963, do qual participaram funcionários da StB (Kares, Zajíc e Kolouch). Em uma das palestras (cujo autor provavelmente foi Ivan Agaianc; que na época tinha a função de chefe do serviço A para as questões de desinformação) dedicada ao tema "Operações Ativas contra o inimigo principal - Questões Internas EUA" foi dito o seguinte:

"Reunir tudo o que estiver relacionado com os EUA - pode ser útil no futuro!

Lá está ocorrendo uma luta pelo poder - é preciso conhecer as relações entre os republicanos e democratas e analisar quem apoia quem; KENEDDY e o seu círculo - reunir tudo; caso desejemos um dia lhe matar, temos de ter material".

[…]

12 de março de 1963

Serviço de inteligência cubano

Na pasta com número de registro 81282 existe um documento informando que de 3 a 7 de junho de 1974 ocorreram conversações em Praga dedicadas à questão de operações ativas das quais participaram o chefe da seção de AO do serviço de inteligência cubano, camarada Newton, e os seus correspondentes tchecoslovacos, o chefe da Seção 36 do Departamento I, coronel Ostrovsky, subcoronel Novy, subcoronel Skácha e o subcoronel Dvorak. Um dos pontos mencionados na "Diretoria da Seção 36" é um anexo dedicado a operações ativas de apoio à Revolução Cubana na América Latina, onde podemos ler:

"Operações ativas de apoio à Revolução Cubana na América Latina — [ilegível] *rezidentura* brasileira.

AO CUBA - operações propostas no fim de 1960, realizadas no início de

1961.

Objetivo: defesa de Cuba contra a esperada agressão armada de parte dos EUA.

Formas:

— Declarações do comitê do movimento nacionalista brasileiro em apoio a Cuba.

— Preparação da formação da comissão brasileira contra a intervenção.

— Cartazes com o slogan “Ianques, tirem as mãos de Cuba” e sua distribuição.

— Discursos de 2 deputados no parlamento brasileiro, publicados na imprensa.

— Artigos sobre o treinamento de contrarrevolucionários na Guatemala, para atacar Cuba.

— Compra de aproximadamente 100 unidades do livro *Cuba, anatomia de uma revolução* e de *Furacão sobre Cuba,* de Sartre, distribuição entre oficiais do exército brasileiro.

— Lançamento de um manifesto com ação de recolhimento de assinaturas em apoio a Cuba enviado para todas as embaixadas da América Latina no Brasil, para a ONU, OEA e para a imprensa.

— Palestra para estudantes sobre a importância da Revolução Cubana - dois destes estudantes participaram como porta-vozes em uma manifestação de apoio a Cuba na qual participaram 40 mil pessoas (em Porto Alegre).

— Os estudantes pintaram nas ruas slogans pró-cuba e colaram cartazes.

— Foi organizada uma pequena exposição de fotografias sobre a Cuba revolucionária na sede de uma associação de imprensa brasileira.

AO FOX

Objetivo: defesa da Cuba revolucionária pouco antes e durante a invasão (1961); descrédito dos EUA.

Formas:

— Organização de manifestações no Rio de Janeiro com cartazes e por intermédio do secretário do Partido Socialista Brasileiro.

— Reunião extraordinária e declaração do comitê brasileiro contra a invasão de Cuba.

— Artigos contra as pressões dos EUA sobre os países da América Latina e contra a política de Keneddy e de Eisenhower em relação a Cuba.

— O comitê de defesa a Cuba e o Partido Socialista Brasileiro mandaram publicar e distribuir cartazes no Rio de Janeiro e São Paulo.

— Apelo do Partido Socialista Brasileiro a outros partidos para que protestem

contra a agressão dos EUA em Cuba.

— Reunião da associação brasileira dos advogados democráticos aprovou uma declaração condenando a agressão, que foi enviada para a ONU, OEA, embaixadas dos EUA e Cuba e para diversas organizações internacionais.

Exemplos de outras ações de apoio a Cuba na América Latina:

— Organização de movimentos em países da América Latina com o objetivo de formar comitês em prol do apoio à Cuba revolucionária.

— Propagação em massa sobre abusos do pacto do Rio pelos EUA contra Cuba.

— Descrédito da OEA, no que diz respeito sobre os seus atos contra Cuba, em forma de uma análise legal da carta da OEA (livro).

— Descrédito, aos olhos da opinião pública latino-americana, das atividades dos contrarrevolucionários cubanos.

SOMA:

Em 1961, a seção tchecoslovaca de AO elaborou uma concepção a longo prazo de apoio a Cuba na América Latina e durante os anos seguintes, de acordo com a situação dos respectivos países, a concretizou.

Essa concepção foi enviada aos respectivos residentes. Em cada *rezidentura*, foram analisadas as possibilidades dos canais e da rede de agentes e as *rezidenturas*, junto com a Central, elaboraram propostas para a realização".

O objetivo do nosso trabalho não é denegrir a imagem de ninguém ou afirmar que esta ou aquela pessoa foi um agente ou colaborador consciente de um serviço secreto estrangeiro. As informações vieram dos próprios funcionários da StB, que descreveram as pessoas nos documentos. Esta é apenas uma fonte e, como tal, não é suficiente para chegar a conclusões objetivas. Este livro seria muito melhor com a versão de pessoas mencionadas nos documentos da StB, no entanto, muitas delas já não estão vivas e as não conseguimos localizar as outras.

De qualquer maneira, não é possível concluir nada sem ouvir a opinião delas sobre como viam tudo aquilo e qual era sua impressão. Além disso, não pode ser excluída a possibilidade (nós não tivemos acesso a todos os documentos brasileiros) de alguma dessas pessoas também ter colaborado ou atuado em algum dos serviços de informações brasileiro.

Estamos abertos a qualquer um que quiser acrescentar algo sobre a questão e deixamos à disposição a nossa página na *internet* www.stbnobrasil.com para receber opiniões, declarações etc. Nos países da Europa Central e Oriental, onde esse tipo de assunto é discutido há muito tempo, as pessoas já aprenderam a manter certa distância emocional destes casos e sabem que, mesmo quando aparecem informações de que alguém era colaborador da polícia secreta,

somente um estudo aprofundado dos documentos pode determinar cada caso e somente a afirmação de pessoas competentes, como funcionários de instituições oficiais apropriadas, possuem autoridade para definir um colaborador.

Em alguns países existem instituições oficiais para avaliar esses casos. As vezes a pessoa assume que foi um colaborador e isso encerra a discussão, mas em alguns países, o fato de alguém ter sido colaborador da polícia secreta torna-se, por lei, um obstáculo a determinadas funções públicas importantes. Na República Tcheca, por exemplo, antigos colaboradores da StB não podem exercer funções de diretoria na administração pública, em tribunais, exército, polícia e órgãos públicos da mídia.

Quanto ao nosso trabalho, tratamos de estudar e descrever os documentos e fatos com eles relacionados. Não podemos julgar pessoas, mas podemos julgar um sistema que, além de manter milhões sob férrea ditadura, enviou a um país longínquo seus funcionários preparados e treinados para agarrar suas presas através de jogos e manipulações, aproveitando-se das fraquezas humanas de caráter material ou ideológico e tentando convencê-las de que, ao colaborar, não estariam prejudicando o seu país, mas estariam fazendo o melhor para a sua pátria, já que a sua colaboração era importante para combater os inimigos do melhor sistema para a humanidade.

Teriam alguns se deixado convencer a tal ponto de sentir-se na obrigação de colaborar desejando o melhor para o seu país? “Ninguém ficará sabendo”, prometiam os funcionários... As pessoas também não tinham como saber que um dia aquele “sistema invencível” ruiria (pelo menos naquele formato),
rechaçado pelos próprios cidadãos, e que os seus nomes acabariam expostos nos documentos de um arquivo público de um Instituto nomeado para estudo de um sistema criminoso. Foram justamente esses funcionários da StB que fizeram os nomes dessas pessoas pararem lá, e talvez algumas delas (entre as quais há até personagens conhecidos da história brasileira, como respeitados escritores, ativistas, juristas) entrem novamente para a História unindo-se ao grupo dos “inocentes úteis”...

Ainda resta uma pergunta que nos intriga desde o início das pesquisas: como é possível que em um país de 200 milhões de habitantes, em pleno século XXI, com todo o acervo de possibilidades que a internet oferece, fortes discussões relacionadas com sua História - principalmente em relação ao período de 1964, suas causas, suas conseqüências -, em uma época de diferentes comissões que buscam a verdade... Como é possível que ninguém, nem a imprensa, nem instituições públicas ou privadas de pesquisas históricas, com todos os seus recursos disponíveis, tenha se interessado em pesquisar o conteúdo de documentos relacionados a esses aspectos que encontram-se há cerca de 8 anos

disponíveis on-line nas páginas do Instituto tcheco?

Para encerrar, um jornalista polonês publicou um artigo sobre o nosso trabalho com a seguinte apresentação: “Vocês abriram uma caixa preta. Tomem cuidado, pois vocês ganharão muitos inimigos... Mas também ganharão muitos amigos”. Esperamos que ele esteja errado quanto à primeira frase, e que acerte em cheio na segunda.

OFICIAIS DE CARREIRA DO SERVIÇO DE INTELIGÊNCIA DA StB QUE TRABALHARAM NO BRASIL OU QUE ESTÃO RELACIONADOS COM O TEMA DO LIVRO

Bakaláí

Nome verdadeiro: Václav Bubenícek (28/11/1926-25/05/2001). Membro do KSC desde 1953. Foi aceito pela a StB em 1957, e anteriormente trabalhou como delegado comercial em países da Europa Ocidental e da América Central. Entre 1958 e 1962, foi membro da *rezidentura* na embaixada no Brasil. Entre 1965 e 1967 foi residente na embaixada (2º secretário). Em 1969 foi enviado à Venezuela, onde ficou até 1971. Depois de voltar à Tchecoslováquia foi acusado de “indiferença quanto aos princípios do internacionalismo” e de não ser ativo o suficiente no processo de normalização, rompendo com o período de mudanças democratizantes de 1968. Por esses motivos, foi despedido do MV, onde serviu até a graduação de major.

Borecky

Nome verdadeiro: Jirí Stejskal (1923-1988). Chefe da Seção da América Latina até 1964. De 1964 a 1969, foi chefe da Seção 8, responsável por operações ativas e desinformação. Trabalhou na StB desde 1953: primeiro na RFA e na Áustria e, a partir de 57, em questões da América Latina. Em 1968, declarou-se contra a ocupação da Tchecoslováquia, foi adepto à reforma do comunismo e em 1970 foi despedido da StB.

Brychta

Nome verdadeiro: Ladislav Bittman (nascido em 12 de janeiro de 1931). Membro do KSC desde 1946. Em 1954, terminou os estudos na Universidade Carolina de Praga (curso de Relações Internacionais) e logo depois foi aceito no MV. Em 1955 começou a trabalhar como funcionário do serviço de inteligência na seção sobre as questões da Alemanha Ocidental, para onde foi enviado em 1961 (*rezidentura* de Berlim), e foi considerado um dos melhores funcionários operacionais. Em uma avaliação de 1964 podemos ler: “competente e com iniciativa” - neste mesmo ano tornou-se suplente do chefe da Seção 8 sobre Operações Ativas e Desinformação. De 1966 a 1968 trabalhou na *rezidentura* em Viena e em 3 de setembro de 1968 o major Bittman emigrou de Viena para os EUA via RFA.

Cada

Nome verdadeiro: Miloslav Cech (1929-1989). Membro do KSC desde 1946. Depois da guerra, em 1952, terminou a Escola Superior de Ciências Políticas e Econômicas. Trabalhou na secretaria da União Internacional dos Estudantes. A partir de 1957, foi funcionário do serviço de inteligência da StB. Logo no início de seu trabalho recebeu elogios e após alguns meses pôde adquirir um agente - um jovem estudante americano que esteve na Tchecoslováquia para uma breve visita. Em 1958, foi enviado para a *rezidentura* no Canadá, de onde foi expulso em 1960. Em seguida, foi residente nos EUA até 1962, e de 1963 a 1968 ficou como chefe da Seção I na Central. Em agosto de 1968 alcançou a graduação de subcoronel e tornou-se chefe do Departamento I - do serviço de inteligência. Por ter apoiado ativamente as reformas da primavera de Praga, em 1969 foi expulso do Partido Comunista e das fileiras da StB. Recebeu aposentadoria por invalidez.

Houska

Coronel Josef Houska (1924-1997). Antes de ser nomeado chefe do Departamento I (serviço de inteligência), onde ficou de 1961 a 1968, foi chefe da Administração Provincial do MV em Bratislava. Durante a ocupação da Tchecoslováquia, em agosto de 1968, uniu-se à ala pró-soviética nas fileiras da StB e combateu ativamente os reformistas, paralisando a resistência dos mesmos. Foi aceito pelo MV em 1948; durante 1953 e 1954 estudou na escola de contraespionagem em Moscou, após a sua volta ocupou um posto em Bratislava. Após agosto de 1968, quando apoiou os soviéticos, foi enviado para a Seção de Estudos do MV. Nos anos seguintes, passou por diferentes funções de diretoria em diversos departamentos do MV. Aposentou-se em 1980.

Jezersky

Nome verdadeiro: Frantisek Vacula (nascido em 31 de janeiro 1922). Na polícia desde 1945, membro do partido desde 1947 e funcionário do serviço de inteligência desde 1955. De 1957 a 1962, esteve na *rezidentura* no Brasil. De 1967 a 1970, no Uruguai. Trabalhou o tempo todo na Seção da América Latina. Serviu na StB até 1977, encerrou a carreira com a graduação de subcoronel.

Kavan

Nome verdadeiro: Vladimír Knop (nascido em 20 de outubro de 1932). Membro do KSC desde 1957. De 1960 a 1961, antes do trabalho no serviço de segurança, foi especialista das questões comerciais na empresa PZO

Pragoexport, em Havana. Em 1966, foi indicado como funcionário promissor do serviço de inteligência e passou por uma entrevista de qualificação. Em 1967 foi aceito e, dois anos depois, foi enviado para a *rezidentura* no Rio de Janeiro, onde seus resultados de trabalho foram considerados fracos. Em 1971, foi transferido para a Venezuela, e lá ficou até 1974. Após voltar para a Central, trabalhou na seção 52. Em 1984, concluiu o curso do serviço de inteligência em Moscou, e no mesmo ano, devido a seu casamento com uma mulher *knlak* (termo comunista para se referir a camponeses ricos), foi afastado da função de suplente do chefe da seção 52 - teve de escolher entre o casamento ou uma carreira sem problemas na StB. Escolheu o casamento e, um ano depois, despediu-se da StB com a graduação de major.

Miller

Jaroslav Miller (sobrenome anterior: Plesinger, 1914-1979). Concluiu três classes de escola primária, empregado como mecânico. Membro do KSC desde 1945, e do MV a partir de 1948. Foi chefe do Departamento I da StB de 1953 a 1961, afastado como coronel. No ano seguinte, foi despedido do MV e rebaixado sob acusações de que, do ano 1949 a 1953 usara métodos ilegais no trabalho.

Moldán

Nome verdadeiro: Josef Mejstrík (1922-). Operário em uma fábrica de sapatos, concluiu quatro classes da escola profissional para sapateiros. Membro do KSC desde 1945; na StB desde 1952. De 1954 a 1958, ficou na *rezidentura* no Rio de Janeiro. Em 1960, viajou por dois meses pela América Latina (Brasil e Uruguai), onde "cumpriu tarefas em prol da URSS e, por isso, foi premiado com uma máquina fotográfica e com dinheiro após seu retorno". De 1960 a 1962, trabalhou na embaixada em Quito e, de 1962 a 1966, em Brasília. Em agosto de 1968 esteve em Buenos Aires e, em 1971, em Lima, onde tornou-se embaixador da Tchecoslováquia - nesta situação, a StB decidiu diminuir as atividades de inteligência para não haver um descrédito do diplomata. Permaneceu na StB até 1977 e alcançou a graduação de major. Antes de se aposentar, ocupou-se das questões chinesas na Central. Na documentação está registrado que, a partir de 1968, a CIA sabia que o camarada Mejstrík era um oficial de carreira da StB e que tentou recrutá-lo sem sucesso em Buenos Aires.

Nepomucky

Nome verdadeiro: Miroslav Némecek (nascido em 15 de novembro de 1933). Membro do KSC desde 1953. Em 1956, terminou os estudos de Relações

Internacionais e começou a trabalhar no MV como funcionário na embaixada tchecoslovaca no Rio de Janeiro. A partir de 1960, integrou a StB. Trabalhou na *rezidentura* brasileira de 1960 a 1962, seu trabalho foi avaliado negativamente (sofria sérios problemas por nervosismo) e, então, voltou para a Central. Foi, então, enviado para a escola de serviço de inteligência, que concluiu com notas excelentes. Na Central trabalhou na seção latino-americana, mas em 1969 aposentou-se por invalidez, com a graduação de capitão.

Nesvadba

Nome verdadeiro: Ludvík Neckár (1930-2007). Estudou Relações Internacionais. Membro do KSC desde 1947 e na StB desde 1955. Foi designado para a seção americana e foi enviado ao Brasil em 1958, permanecendo até 1962. A partir de 1964 trabalhou em Praga, na Seção 8 (operações ativas e desinformação), e um ano depois foi transferido novamente para a Seção 1 (americana). Em 1966, tornou-se suplente do chefe desta seção. Em 1968 foi enviado para a *rezidentura* em Santiago e em agosto de 1970 foi chamado novamente a Praga, onde passou por uma verificação, pois considerou-se que, "através de seu comportamento, desacreditou o saudável núcleo marxista-leninista no MRE". Em fevereiro de 1971, foi dispensado da StB com graduação de major.

Peterka

Nome verdadeiro: Zdenék Kvita (nascido em 17 de abril de 1931). Integrou a StB de 1953 até a sua extinção, em 1990. A partir de 1954 trabalhou na seção da América Latina. Entre 1956 e 1960, esteve na *rezidentura* do México; de 1960 a 1961, em missão em Cuba; de 1962 a 64, na *rezidentura* do Rio de Janeiro. Durante dois meses de 1965 foi suplente do residente em Cuba; em seguida trabalhou na secretaria do MV, em Praga. Na segunda metade da década de 1960 ocupou-se, na Central, da América Latina, mas, nos anos 70 já trabalhava na seção afro-asiática. Em 1978 concluiu um curso na Escola do Serviço de Inteligência na URSS. Permaneceu na StB até a sua extinção, em 1990, quando recebeu a condecoração de Colaborador Honorífico da Segurança Estatal da URSS.

Pomezny

Nome verdadeiro: Zdenék Propílek (nascido em 2 de abril de 1932). Funcionário do MV desde 1950; desde 1959 na inteligência. No KSC desde 1952. Em 1956 e 1957, estudou na escola do serviço de inteligência na URSS.

Até 1959, trabalhou na polícia de fronteiras. Em 1961 e 1962 e 1964 a 1968 esteve na *rezidentura* no Brasil; em 1970, em Santiago; entre 1973 e 1975, em Lima. Após voltar para a Central, trabalhou na Seção 52 - responsável pela América Latina. Em 1979, ocupou a função de suplente do chefe da Seção 26 contraespionagem no exterior. Permaneceu na StB até o final, com a graduação de subcoronel.

Skoíepa

Nome verdadeiro: Jan Stehno (nascido em 17 de junho de 1934). Membro do KSC desde 1951. Em currículo, conta que: "Tornei-me funcionário do Ministério do Interior em 1950. Fui adquirido para este trabalho como ativista juvenil aos 17 anos, um ano antes de concluir o ginásio". Após o curso do serviço de inteligência foi empregado na Seção 1. Entre 1955 e 1958 esteve na *rezidentura* na Argentina; entre 1962 e 1965, no Brasil. Foi enviado a viagens curtas de serviço para a Finlândia, França, Grã-Bretanha e Áustria. Em 1965 e 1966 cumpriu a função de suplente do chefe da Seção 1. Nos anos 60, completou a sua formação e concluiu a Escola Superior Política do Comitê Central do KSC e foi empregado na seção responsável pela Europa Ocidental. A partir de 1972 foi residente em Bruxelas, de onde retornou em 1980. Em 1986, o coronel Stehno tornou-se suplente do chefe do Departamento I. Permaneceu na StB até 1988.

Tacner

Nome verdadeiro: Josef Tománek (nascido em 10 de fevereiro de 1934). Membro do KSC desde 1957. Fez parte da StB desde 1960, onde desde o início trabalhou na Seção Brasil e foi preparado para a viagem. Primeiro, a StB o enviou para trabalhar na empresa STROJEXPORT; de 1964 a 1968, permaneceu na *rezidentura* no Brasil, legalizado como funcionário do Ministério de Comércio Exterior. De 1971 a 1977 trabalhou na *rezidentura* em Paris e, em seguida, na Central, Seção 42 (Europa Ocidental e OTAN). No limiar de 1979 para 1980, concluiu os estudos na escola do serviço de inteligência na URSS. Em 1988 aposentou-se com a graduação de coronel.

Tremí

Nome verdadeiro: Jiri Kadlec (nascido em 16 de setembro de 1925). Barbeiro de profissão, membro do KSC desde 1945 e no MV desde 1950. Em 1951, terminou um curso de dois meses da StB e, em agosto de 1952, foi para o Rio de Janeiro para organizar a *rezidentura*, onde ficou até agosto de 1955. Durante a sua carreira foi enviado 6 vezes para o exterior. O seu último posto foi

Madrid, de 1978 a 1982, quando se aposentou. Na descrição de suas características repete-se que era explosivo, iroso, mas também responsável; tinha uma boa relação para com o coletivo e era dedicado ao partido. Em 1960 foi relatado que conhecia bem os idiomas: espanhol, português, italiano e inglês. Interessava-se por budismo e ioga. Casado três vezes, foi um pai exemplar.

Velebil

Nome verdadeiro: Zdenék Vrána (nascido em 4 de maio de 1932). Membro do KSC desde 1953. Em 1955, concluiu estudos de relações internacionais. No mesmo ano foi treinado na escola de serviço de inteligência e tornou-se oficial da StB. Em 1958, foi enviado para a *rezidentura* em Nova York, de onde voltou em 1961 e recebeu uma função no setor responsável por Cuba e o Caribe. No mesmo ano foi enviado para Havana e ali permaneceu até 1964. Em 1968, não escondeu sua discordância com a entrada do Pacto de Varsóvia na Tchecoslováquia e por isso foi dispensado da StB em 1970.

Chefes do Departamento I da StB - serviço de inteligência

Jaroslav Miller 1953-1961 Josef Houska 1961-1968 Miloslav Cech 1968 Cestmír Podzemny 1968-1970 Milos Hladík 1971-1981 Karel Sochor 1981-1989 Karel Vodrázka 1989 Vilém Václavek 1989-1990

4. JURAMENTO DE SERVIÇO ASSINADO PELOS FUNCIONÁRIOS DA StB NOS ANOS 50

Eu, cidadão da República Popular-Democrática da Tchecoslováquia, juro que sempre serei um funcionário honroso, heroico, disciplinado e atento das Unidades de Segurança Nacional; que respeitarei e protegerei os segredos do serviço e do estado e cumprirei incondicionalmente as obrigações e ordens de meus comandantes e superiores.

Juro que até o último suspiro serei leal e dedicado à República da Tchecoslováquia, ao seu povo, ao seu regime popular-democrático e às suas leis, ao seu presidente e ao seu governo.

Juro que sempre e em toda parte serei corajoso e inabalável, não pouparei meu próprio sangue e vida para defender a segurança do país, a segurança de todos os seus cidadãos, o regime popular-democrático e as conquistas revolucionárias do povo trabalhador, dirigido pela classe operária em direção ao socialismo.

Caso eu não cumpra este juramento solene, que me alcance a dura punição da lei, o ódio e o desprezo geral do povo trabalhador.

ASSIM EU JURO.

Além de Cuba, o fornecedor de armamentos para grupos podia ser a China ou a Coréia do Norte.
N° de registro 80723/017/1/5, folha 40.

Índice